

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA



A arqueologia do Lago Tefé e a Expansão Polícroma

Volume 1

(Versão Corrigida)

Jaqueline da Silva Belletti

São Paulo, 2015

JAQUELINE DA SILVA BELLETTI



A arqueologia do Lago Tefé e a Expansão Polícroma

Versão Corrigida

A versão original encontra-se
na biblioteca do MAE.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Arqueologia do Museu de
Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de
Mestre em Arqueologia.

Área de Concentração:

Arqueologia

Orientador:

Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Linha de Pesquisa:

Arqueologia e Identidade

São Paulo, 2015

A minha mãe e ao meu pai,
por todo amor e ensinamentos
que me são dados

A Peter Paul Hilbert,
que saiu para ver a Amazônia
e nos deixou contribuições
inestimáveis

As comunidades de Tefé,
do presente e do passado

Agradecimentos

Antes de todos, meus agradecimentos vão para minha família e, especialmente meus pais, Luiz Guilherme e Maria, que aceitam minha constante ausência e mesmo ausente seguem me amando e apoiando incondicionalmente.

Agradeço a Capes pelos dois anos de bolsa. Agradeço ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá pelo suporte financeiro e logístico para as etapas de campo. Especialmente agradeço a Helder Queiróz, João Valsechi e Nelissa Peralta que sempre apoiaram e incentivaram as pesquisas de arqueologia dentro do Instituto Mamirauá.

Seguindo em Tefé, devo agradecer imensamente as comunidades do Lago e Rio Tefé que me receberam sempre gentilmente desde os primeiros campos levantamentos. Especialmente preciso agradecer as comunidades Vila Bastos, Vila Vale, Vila Valente e Tauary e também ao seu Nei (proprietário da Fazenda do Francês) por terem permitido a realização dos trabalhos de campo. Nas comunidades do Lago Tefé preciso agradecer especialmente a algumas pessoas: Dona Graça, Seu Brás, Gleidiane, Jairo, Manu, Cauã, Dona Lídia, Seu Francisco, Izaíne, Jornei, Elizabeth, Samuel, Jonathan (e toda a meninada que acompanhou e ajudou nas escavações), Seu Donato, Tayla, Dona Andréia e seu esposo, Francisco Coelho, Seu Maurício, Dona Marlene, Mario e sua esposa, Isabele, Seu João Vale, Seu Flávio, Seu Lucas e sua filha, Dona Claudia, Seu Francisco e Júnior. O campo no Conjunto Vilas não poderia ter sido realizado sem a grande fundamental ajuda de nosso chefe de logística Miquelis Vale (Quelinho). No Rio Tefé, devo agradecer especialmente a Ednialdo, Dona Edirce e dona Dada por terem cuidados das urnas e por terem me dado o privilégio de poder estudá-las. Em meus trabalhos no lago Tefé aprendi muitas coisas sobre arqueologia Amazônica, mas aprendi muitas outras coisas com todas essas pessoas e por tudo isso sou grata. Preciso agradecer ainda a Astrogildo e Rafael do ICBio em Tefé, pela parceria nos trabalhos na área a FLONA Tefé e pelo contato com a comunidade Tauary.

Agradeço imensamente ao meu orientador Eduardo Neves pelas oportunidades oferecidas bem como pela liberdade de pesquisa e pela

paciência nos momentos de discórdia. Agradeço também por toda as contribuições dadas a minha formação acadêmica que foram muito além daquelas recebidas em sala de aula.

Em minha formação acadêmica dentro do Museu de Arqueologia e Etnologia além do Edu outros professores também foram extremamente significativos para esse trabalho, sendo eles Prof. Rui Sérgio Murrieta, Fabíola Silva e Cristiana Barreto. A Fabíola além da contribuição acadêmica agradeço profundamente pelo sofá, ele foi peça de suporte fundamental para o término dessa dissertação. A Kica agradeço por todo apoio e incentivo, pela constante disposição em auxiliar e contribuir com esse trabalho.

Devo agradecimentos a muitos colegas por diferentes contribuições, certamente esquecerei de alguém ou alguma coisa porque, para minha sorte, tenho muito e muitos a quem agradecer. Mas gostaria de agradecer a todos que cruzaram minha formação arqueológica nos diferentes campos, laboratórios e estágios que participei, mais especificamente agradeço a todos os colegas do PAC-Arqueotrop por todos o aprendizado compartilhado.

Essa pesquisa não teria possibilidade de ter começado sem a generosidade de Bernardo Costa que me convidou e apresentou ao Instituto Mamirauá. Do mesmo modo, inumeráveis são os meus agradecimentos a minha querida Xará Jaqueline Gomes que durante seus anos em Tefé esteve sempre dispostas a auxiliar. Bernardo e Jaq participaram dos meus campos e estiveram sempre presentes nessa pesquisa. Sem Bernardo e Jaq provavelmente não teríamos o nosso querido laboratório de arqueologia de Tefé que cada dia da suporte e produz um número maior de pesquisas. Eu poderia escrever rolos de folhas de obrigada Bernardo e Jaq, obrigada Bernardo e Jaq, obrigada Bernardo e Jaq (como as fãs de banda de pagode da minha infância) que não seria suficiente. Preciso agradecer ainda a nossa linda Sara Morena por toda a sua lindeza e fofura e por todas as tardes em que você coloriu as análises do Conjunto Vilas ao som do palavra cantada. Nunca esqueça Sarinha “Corra Sara, corra”.

O capítulo II demandou um imenso esforço procura e síntese de dados, de forma que ele só foi possível devido a generosidade de diversos colegas que por vezes forneceram dados de relatórios ainda não publicados em revistas ou livros. Nesse sentido agradeço especialmente a Eduardo

Tamanaha, Luiz Fernando Herig Lima, Claide Moraes, Helena Lima, Santiago Rivas Panduro e Manuel Arroyo-Kallyn. Todos os dados compilados foram transformados em um grande banco de dados e uma série de perguntas que graças a Thiago Trindade tornaram-se diversos mapas que nos ajudam fundamentalmente na compreensão das discussões feitas. Muito obrigada pai da Joanhina por todas as horas de trabalho dedicadas aos mapas e toda a paciência com a minha constante demanda por mais mapas ou ajustes e acréscimos de dados.

O registro e análise das urnas Tauary bem como o desenhos do material do Conjunto Vilas contaram com o privilégio da arte de Erêndira Oliveira. Além disso Erê tem sido uma das maiores interlocutoras de minhas discussões sobre a TPA. Alias Kica, Erê e Rafa obrigada por verem como eu cobras, rostos, tiaras, peixes e felinos em todos lugares.

E como um todo fazer esse trabalho teria sido muito mais difícil ou impossível sem meus amados e maravilhosos estagiário Rafael Lopes e Kelly Brandão. Muitos foram meus estagiários mais poucos aguentaram. Além de toda a contribuição na análise Rafa e Kelly estiveram presentes até a última hora da redação dessa dissertação. Kelly foi responsável por todos os desenhos de forma feitos no Corel e Rafa assumiu a hercúlea tarefa da revisão ortográfica além de ajudar no processamento de dados e oferecer suporte e apoio nos momentos mais difíceis. Meus lindos sinto-me privilegiada em poder estar no inicio de seus caminhos arqueológicos. Rolos de muito obrigada para vocês também.

Muitos outros, seja no laboratório de Tefé ou de São Paulo, contribuíram com essa dissertação. Dentre eles Laura Furquim que desde a escavação do Vilas em 2012 tem estado de alguma forma auxiliando este projeto. E minhas amadas Silvia Cunha-Lima e Anne Rapp Py-Daniel, duas mulheres que são para mim exemplos de profissionais competentes. Anne e Sil auxiliaram não apenas diretamente nos trabalhos cm os vestígios funerários e restauro mas deram contribuições inenarráveis para minha formação profissional e amadurecimento pessoal.

No laboratório de São Paulo contei com a sempre solicita ajuda de Dr. Fernando Almeida, sempre disposto a ler meus papers de fim de curso e a ouvir e discutir pacientemente minhas hipóteses mirabolantes sobre a TPA.

Lord Fernandinho foi e será sempre para mim uma grande referência de profissional. Apesar de discordarmos em nossas visões da TPA acredito que mantenhamos um debate sempre respeitoso e produtivo.

Devo agradecer também a Dra. Myrtle Shock, ao Dr. Wenceslau Teixeira e a Claudia Sá que dentro de suas especialidades tem me ajudado a compreender o complexo sítio Conjunto Vilas.

Agradeço também a Dra. Mercedes Okumura por toda a sua paciência com o pessoal do lab 1 e pela gentileza de me ensinar a usar o programa de calibração de datas.

No mais ainda devo agradecer a dona Meliam Viganó Gaspar. Dizem que só crescemos com a convivência com o outro, e que muitos cruzam nosso caminho como provas ao desenvolvimento de nossa paciência, tolerância, compreensão etc. Mas as vezes Deus manda pessoas iluminadas para nos ajudarem a passar certos momentos da vida. Preciso agradecer não só a ajuda nas pranchas e fotos, mas por toda sua paciência com a minha bagunça pela casa, por toda sua preocupação em me fazer comer e dormir direito, e não só trabalhar loucamente, e por todo seu apoio nas horas difíceis. Muito obrigada por tudo Mel. (Viu Mel, eu falei)

Devo agradecer as tantas amigas que fizeram esses anos longe de casa menos acinzentados, agradeço a companhia e o tudo mais a Guilherme Mongeló, Ana Paula Tauhyl, Thiago Kater, Caroline Caromano, Leandro Cascon, José Henrique Fernandes Matthews Cascon (Zé Henrique, o muito fofo) Breno Zúnica, Agda Sardinha, Maurício Silva, Carla Gilbertone, Debora Soares, Camila Jacome, Rodrigo Suñer, Marcia Arcury, Benjamim West, Breno Zúnica, Rodrigo Angeles, Marta Cavallini, Fellipo Stampanoni, Emerson Nobre, Lígia Trombetta, Tatiana Bina, Tatiana Souza, Rafael Poveron e Pedro Damim. Especialmente agradeço a Marjorie Lima e Eduardo Tamanaha pela amizade e convivência.

Agradeço a Lucia Juliani, Alexandre Hering e Cássia Bars pelas oportunidades de trabalho sem a quais não poderia concluir essa dissertação.

Não posso deixar de agradecer aos funcionários do Museu, especialmente a Carlinha e todas as meninas da limpeza que convivem de tão perto com as nossas bagunças. A todos os funcionários da biblioteca, especialmente ao Helio Miranda sempre disposto a caçar artigos e teses nos

repositório do mundo para nos auxiliar. Agradecimentos enormes ao pessoal da seção acadêmica Cleberson, Karen, Aline e especialmente e Regina que sempre foi paciente com as minhas confusões.

Por fim, agradeço a todas as luzes que não posso ver, mas que iluminam meu caminho.

PS: Agradeço a banca e a todos que de alguma forma contribuíram com essa versão revisada, especialmente a Fabíola Silva, Francisco Noelli, Anne Rapp Py-Daniel e Fernando Almeida. Tentei agregar o máximo das sugestões feitas, mas não houve tempo viável para elaborar todas.

Era decisivo.
Simeão Bacamarte curvou a cabeça,
juntamente alegre e triste,
e ainda mais alegre do que triste.

(*O Alienista*, Machado de Assis)

Resumo

Este trabalho procura entender as relações entre a diversidade da Tradição Polícroma em escala local e seus significados em termos de escala regional. Desta forma partimos dos contextos de dois sítios arqueológicos no Lago Tefé (Médio Solimões, AM) para adentrarmos as discussões sobre a Tradição Polícroma da Amazônia e os modelos de expansão criados para explicar sua ampla dispersão geográfica. Para isso apresentamos três etapas, a descrição de contextos arqueológicos com material Polícromo no Lago Tefé; uma revisão geral dos dados existentes sobre a Tradição Polícroma; e uma discussão reflexiva sobre os modelos existentes para explicar essa tradição.

Palavras-Chaves: Tradição Polícroma, Fase Tefé, Lago Tefé, Variabilidade Artefactual, Cerâmica

Abstract

This paper seeks to understand the relationship between diversity of Polychrome Tradition at the local level and its significance in terms of the regional scale. From two archaeological site contexts at Lake Tefé (Middle Solimões, AM), we enter the discussions over the Amazon Polychrome Tradition and expansion models created to explain its wide geographical spread. For this, we present the debate in three parts: the description of the archaeological contexts with Polychrome material in the Lake Tefé; a general review of the existing data on the Polychrome Tradition; and a reflective discussion about the existing models to explain this tradition.

Key words: Polychrome Tradition, Tefé Phase, Tefé Lake, Artefactual Variability, Pottery

Sumário

Introdução	1
1. Arqueologia do Lago Tefé	2
1.1. Atividades de campo.....	5
1.1.1. Levantamento arqueológico do Lago Tefé	5
1.1.2. Escavação do Conjunto Vilas	18
1.1.3. O sítio Tauary.....	52
1.2. Análise do sítio Conjunto Vilas.....	58
1.2.1. Análises cerâmicas.....	58
1.2.2. Materiais Líticos.....	159
1.2.3. Outras Análises	164
1.2.4. Considerações sobre o sítio Conjunto Vilas.....	168
1.3. Análise do sítio Tauary	171
1.4. Cronologia do Lago Tefé	218
2. Construindo um cenário:Um panorama sobre a Tradição Polícroma da Amazônia	222
2.1. Onde?.....	222
2.2. Quando?.....	255
2.3. Como?	286
2.4. Porque ou o quê?	367
3. Onde as coisas se encontram: Arqueologia do Lago Tefé entre os modelos de expansão	371
3.1. Um histórico dos modelos para TPA.....	371
3.2. A arqueologia do Lago Tefé diante dos modelos para a Tradição Polícroma	376
3.3. Novos dados, novas abordagens.....	379
4. Considerações Finais	409
5. Referências Bibliográficas	411

Lista de figuras

Capítulo I

Fig. 1.1 - Mapa de localização dos sítios arqueológicos no Lago Tefé segundo Hilbert, 1968.	2
Fig. 1.2 - Cerâmicas da Fase Caiambé, (HILBERT, 1962a).	3
Figura 1.3 – Localização dos sítios e ocorrências arqueológicas no Lago Tefé.	6
Figura 1.4 – Mapa de intervenções de delimitação do sítio Conjunto Vilas (Elaborado por Brito e Gomes)	21
Figura 1.5 – A esquerda realização das tradagens, a direita registro dessas.	22
Figura 1.6 – Registro do solo na área de terra escura.	22
Figura 1.7 – Registro do solo na área sem terra preta.	23
Figura 1.8 – Registro do solo na área de terra preta.	23
Figura. 1.9 - Implantação da Unidade I, a seta vermelha indica as quadras e a seta laranja o pequeno igarapé próximo a ela.	24
Figura 1.10 - Base dos 70 cm, em evidencia as feições 1 e 2.	27
Figura 1.11 – Feição 2 no perfil.	27
Figura 1.12 – Desenho de Perfil unidade I (S1600E1548 – S1600E1549).	29
Figura 1.13 - Unidade II localizada e meio ao pomar próximo as residências.	30
Figura 1.14 – Base dos 40cm, evidenciando a densidade de material.	31
Figura 1.15 - Base dos 70cm, evidenciando as feições 5, 6 3 7a,7b	32
Figura 1.16 – Perfil Norte	32
Figura 1.17 – Perfil Sul	33
Figura 1.18 – Desenho de Perfil Unidade II	35
Figura 1.19 - A seta amarela indica o morro testemunho ao lado da casa do senhor Brás, as bandeirinhas laranjas indicam fragmentos com mais de 5cm	36
Figura 1.20 - A varanda do Seu Brás (2014).	37
Figura 1.21 - Morro testemunho ao lado da casa seu Brás.	38
Figura 1.22 - Morro testemunho ao lado da casa seu Brás, por outro lado.	38
Figura. 1.23 - Perfil do morro testemunho	39
Figura 1.24 – Sepultamento I	40
Figura 1.25 – A esquerda Feição 8 a direita feição 9.	41
Figura 1.26 – Machado encontrado na base da feição 8	41
Figura 1.27 – Área de implantação da unidade III , ao fundo a área mai clara da foto já é o lago Tefé	42
Figura 1.28 – Base dos 40cm cor do solo 10YR 2/1 (Black)	42
Figura 1.29 - Base dos 80cm, em evidência as feições 11, 12, 13, 14 .	43
Figura 1.30 – Perfil Norte	44
Figura 1.31 – Perfil Oeste	44

Figura 1.32 – Perfis da Unidade IV	46
Figura 1.33 – Implantação da unidade, área de mata com açazal	47
Figura 1.34 – Concentração de fragmentos base dos 30 cm.	48
Figura 1.35 – Perfil Norte	49
Figura 1.35 – Perfil Oeste	49
Figura 1.37 – Perfis da Unidade V	50
Figura 1.38 – Urnas da comunidade Tauary quando encontradas pelos moradores (Fotos cedidas por Rafael Rossato, ICMBio).	53
Figura 1.39 – Visita ao local onde as urnas estavam guardadas na comunidade acompanhada por moradores de diferentes comunidades da FLONA-Tefé	54
Figura 1.40– Visita ao local onde as urnas estavam guardadas na comunidade.	54
Figura 1.41 – Croqui estimativo de disposição as urnas Tauary quando encontradas.	55
Figura 1.42 – O ponto laranja indica a localização da urnas no espaço da comunidade.	56
Figura 1.42 – Exemplo de ficha de triagem	59
Figura 1.43 – Fragmentação de Vaso Shipibo-Conibo, Ilustração em DeBoer, Kintigh e Rostoker (1996, p.275)	58
Figura 1.44 - Ficha de análise pastas	67
Figura 1.45 - Parâmetro para concentração de antiplástico, in Orton, Tyers, e Vince, A. (1997).	69
Figura 1.46 - Parâmetro para cores do núcleo (Corrêa, 2009).	70
Figura 1.47 - Parâmetro para cores de superfície Tabela Munsell (Cores para superfície).	70
Figura 1.48 - Ficha de análise de morfologia	71
Figura 1.49 - Referenciais para análise e descrição de morfologias.	73
Figura 1.50 - Referenciais para a descrição de seções de formas das morfologias.	74
Figura 1.51 - Ficha de análise de decoração	75
Figura 1.52 - Acima referência de motivos triangulares, abaixo referências de motivos em estocado	77
Figura 1.53 - Referência de motivos curvilíneos	78
Figura 1.54 - Referência de motivos lineares simples	79
Figura 1.55 - Referência de motivos lineares complexos	80
Figura 1.56 - Acima referência para motivos outros, abaixo referências de motivos policromos	81
Figura 1.57 - Referência para formas de apliques	82
Figura 1.58 - Referência para motivos pintados.	83
Figura 1.59 - Referência para motivos pintados.	84
Figura 1.60 - Exemplos das técnicas plásticas.	85
Figura 1.61 - Exemplo do motivo gregas (linear simples) em diferentes técnicas plásticas.	86
Figura 1.62 - Exemplos de pinturas e engobos	87
Figura 1.63 – Distribuição dos materiais encontrados na triagem por níveis no sítio.	89
Figura 1.64 – Distribuição dos materiais encontrados na triagem, quantificação geral.	90
Figura 1.65 – Distribuição dos materiais encontrados na triagem, quantificação geral.	90

Figura 1.65 – Fotos materiais da Tradição Pocó-Açutuba	109
Figura 1.66 – Desenhos de materiais da Tradição Pocó-Açutuba	110
Figura 1.67 – Fotos apliques da Fase Caiambé (Tradição Borda Incisa).	111
Figura 1.68 – Fotos materiais da Fase Caiambé (Tradição Borda Incisa).	112
Figura 1.69 – Desenhos materiais da Fase Caiambé (Tradição Borda Incisa).	113
Figura 1.70 – Fotos materiais da Fase Tefé (Tradição Polícroma da Amazônia).	114
Figura 1.71– Fotos materiais da Fase Tefé (Tradição Polícroma da Amazônia).	115
Figura 1.72 – Acima à direita peça com negativo pontilhado, acima a esquerda projeção do motivo. Abaixo peça com pontilhados em vermelho encontradas no sítio.	140
Figura 1.73 – Desenhos de bases com marcas de folhas.	148
Figura 1.74 – Fotos de bases com marcas de folhas.	149
Figura 1.75 – Fotos bases convexas.	150
Figura 1.76 – Desenho de materiais com fluxo de tecnologias.	157
Figura 1.77 – Acima à esquerda estatueta Caiambé a direita estatueta com fluxo (fotos Erêndira Oliveira).	157
Figura 1.78 – Calibradores	161
Figura 1.79 – Pigentes em rocha	162
Figura 1.80 – Machado	163
Figura 1.81– Fragmentos de sementes carbonizadas e identificáveis da feição 5 níveis 90-100 cm (A) 80-90 cm (B) e 70-80 cm (C) e da feição 6 nível 70-80 (D e E). Foto: Myrtle Shock	167
Figura 1.82– Fragmento de Zea mays encontrado no sítio Conjunto Vilas, Feição 5, 90-100cm, visto de 3 lados. Foto: Myrtle Shock	167
Figura 1.81 – Peças com fluxo	170
Figura 1.82 – Urna 1 após a restauração (Foto Erêndira Oliveira).	172
Figura 1.83 – Estado de conservação da peça quando chegou ao laboratório (Foto Silvia Cunha Lima).	173
Figura 1.84 – Sedimento restante no interior da urna (Foto: Silvia Cunha Lima).	174
Figura 1.85 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 1.	175
Figura 1.86 – Aplique ornitomorfo da urna 1	176
Figura 1.87 - A esquerda rosto antropomorfo localizado no campo 3 do corpo, a direita rosto antropomorfo localizado na tampa.	177
Figura 1.88 - A esquerda rosto localizado no campo II do corpo, a direita rosto antropomorfo localizado na tampa.	178
Figura 1.89 – Desenho da urna 1 Lado A (desenho Erêndira Oliveira).	179
Figura 1.90 – Desenho da urna 1 Lado B (desenho Erêndira Oliveira).	180
Figura 1.91 – Faces por segmento Urna 1	181
Figura 1.92 – Urna 2(Foto Erêndira Oliveira).	182
Figura 1.93 - Da esquerda para direita, urna com o restante do sedimento, urna depois de escavada e detalhe dos ossos encontrados (Foto: Erêndira Oliveira).	183
Figura 1.94 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 2. (Foto Erêndira Oliveira).	185

Figura 1.95 - Faces por segmento Urna 2(Foto Erêndira Oliveira).	188
Fig. 1.96 – Urna 3 (Foto: Erêndira Oliveira)	189
Figura 1.97 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 3. (Foto Erêndira Oliveira).	192
Figura 1.98 - Faces por segmento Urna 3(Foto Erêndira Oliveira).	193
Figura 1.99- Urna 4 (Foto:Erêndira Oliveira)	194
Figura 1.100– Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 4. (Foto Erêndira Oliveira).	195
Figura 1.101 - Faces por segmento Urna 4(Foto Erêndira Oliveira).	199
Figura 1.102 – Urna 5 (Foto Erêndira Oliveira).	200
Figura 1.103– A esquerda vemos o banco descolado da base do corpo, é possível visualizar estrias realizadas para melhorar a aderência entre o banco e a base do corpo. A direita é possível visualizar o corpo com base.	201
Figura 1.104 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 5 (Foto Erêndira Oliveira).	204
Figura 1.105 – Motivo relacionado a representação de um ofídeomorfo.	205
Figura 1.106 - Faces por segmento Urna 5(Foto Erêndira Oliveira).	206
Figura 1.107 - Concentração de ossos sepultamento II.	208
Figura 1.108 - Urna polícroma com pedestal (Foto Cristiana Barreto).	209
Figura 1.109 - Pedestais de urnas políchromas (Fotos: Anne Rapp Py-Daniel).	209
Figura 1.110 - Bancos das urnas do Conjunto Vilas (Fotos: Erêndira Oliveira)	210
Figura 1.111 - Apliques das tampas das urnas Tauary. (a direita foto cedida por Rafael Rossato, demais peças fotos Erêndira Oliveira)	212
Figura 1.112 - Aplique de sobre tampa de urna polícroma do baixo Madeira (Foto Anne Rapp Py-Daniel).	212
Figura 1.113 - Urna Napo com detalhes pintados ao redor da boca. (Meggers e Evans, 1968)	213
Figura 1.114 - A esquerda Indígena Shipibo-Conibo utilizando pintura facial, a direita indígena Kadiweu utilizando pintura facial.	214
Figura 1.115 – Reprodução em laboratório da face das urnas depostas para o solo (Foto: Jaqueline Belletti).	215
Figura 1.116 – Reprodução em laboratório da face das urnas depostas para o solo (Foto: Jaqueline Belletti).	216

Capítulo 2

Figura 2.1 – Principais rio referidos no trabalho: 1 – Napo; 2 – Ucayali; 3 – Alto Amazonas, 4 – Solimões; 5 – Japura; 6 – Caqueta; 7 – Negro; 8 – Madeira; 9 – Baixo Amazonas (elaborado por Belletti e Trindade).	223
---	-----

Figura 2.2 – Mapa de distribuição das Fases da TPA. Em azul as Fases que serão, de alguma forma, tangenciadas nesse trabalho, e em verde as Fases cujo enquadramento ou não na TPA estão em debate. (elaborado por Jaqueline Belletti, base cartográfica Marcos Brito).	224
Figura 2.3 – Croqui de distribuição do material policromo pelos principais cursos da Bacia Amazônica (elaborado por Belletti).	226
Figura 2.4 – Mapa geral de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia (elaborador por Belletti e Trindade).	228
Figura 2.5 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no rio Napo (elaborador por Belletti e Trindade).	231
Figura 2.6 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma no Equador (Cabrero, 2014).	232
Figura 2.7 – Mapa distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no rio Ucayali (elaborador por Belletti e Trindade).	234
Figura 2.8 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia na calha do médio baixo Solimões (elaborador por Belletti e Trindade).	237
Figura 2.9 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia. A linha vermelha marca o fim do médio baixo Solimões e a linha laranja marca o fim do médio alto Solimões e início do Alto Amazonas (elaborador por Belletti e Trindade).	238
Figura 2.10 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no rio Caquetá (elaborador por Belletti e Trindade).	240
Figura 2.11 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no baixo Rio Negro (elaborador por Belletti e Trindade).	243
Figura 2.12 – Mapa geral de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no médio Rio Negro (elaborador por Belletti e Trindade).	243
Figura 2.13 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no baixo Madeira (elaborador por Belletti e Trindade).	247
Figura 2.14 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no baixo Madeira, acima linha vermelha e alto Madeira, abaixo da linha vermelha (elaborado por Belletti e Trindade).	248
Figura 2.15 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no baixo Madeira (elaborador por Belletti e Trindade).	250
Figura 2.16 – Mapa de distribuição de datas da Tradição Polícroma da Amazônia a Oeste circuladas em preto datas do Ucayali,, em vermelho datas do Napo, em roxo datas do Caquetá e em Verde datas do Alto Amazonas. (elaborador por Belletti e Trindade).	258
Figura 2.17 – Fragmento Polícromo datado no sítio Lago do Limão	262
Figura 2.18 – Mapa de distribuição de datas da Tradição Polícroma do médio alto Solimões (acima da linha vermelha), médio baixo Solimões (entre a linha vermelha e a linha preta), baixo Negro (entre as linhas preta e verde) e médio Negro (acima da linha verde). Elaborador por Belletti e Trindade.	263

Figura 2.19 – Mapa de distribuição de datas da Tradição Polícroma no baixo Amazonas (elaborador por Belletti e Trindade).	265
Figura 2.20 - Contextos funerários datados no médio e baixo rio Madeira.	266
Figura 2.21 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia No Madeira, a linha divisória entre os Estado marca a separação entre o baixo Madeira a norte e o alto Madeira a sul (elaborador por Belletti e Trindade).	268
Figura 2.22 – Cacos com datas de 450 AD e 440 A.D. respectivamente, a esquerda caco 911.105 encontrado entre 20-30cm, a direita caco 978.8, encontrado a 80-90cm. Fotos: Erêndira Oliveira	271
Figura 2.23 – Flange mesial (PN 203.31) do sítio Boa Esperança datada de 780 A.D.Foto: Jaqueline Gomes	272
Figura 2.24 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 440-499 A.D; 500-699 A.D; 700-899 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)	274
Figura 2.25 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 900-1099 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)	276
Figura 2.26 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 1100-1299 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)	278
Figura 2.27 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 1300-1499 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)	280
Figura 2.28 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 1500-1699 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)	282
Figura 2.29 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 1700-1899 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)	283
Figura 2.30 – Mapa de distribuição geral de datas da Tradição Polícroma da Amazônia. (Elaborado por Belletti e Trindade)	285
Figura 2.31 – Localização dos sítios com estruturas defensivas, em cor escura sítios com valas e cor clara sítio com paliçada. Imagem de Satélite Google Earth.	293
Figura 2.32 – Distribuição dos sítios com estruturas defensivas no contexto geral da TPA. As bolinhas indicam os pontos limites da TPA. O círculo claro indica a área da Fase Paredão e o círculo em cor escura a área da Fase Axinim. Imagem de Satélite Google Earth.	294
Figura 2.33 – Cerâmica da Fase Napo com acanalado, in Meggers e Evans, 1968.	296
Figura 2.34 – Cerâmica da Fase Napo com acanalado, in Meggers e Evans, 1968.	296
Figura 2.35 – Cerâmicas da Fase Napo com pintura, in Meggers e Evans, 1968.	297
Figura 2.36 – Urnas funerárias da Fase Napo com pintura, in Meggers e Evans, 1968.	298
Figura 2.37 – Urnas funerárias da Fase Napo com pintura, in Meggers e Evans, 1968.	299
Figura 2.38– Cerâmicas da fase Caimito com incisão, in Weber, 1975.	299
Figura 2.39 – Urna funerária da fase Caimito com incisão, in Weber, 1975.	300
Figura 2.40– Cerâmicas da fase Caimito, a esquerda peças com pintura, a direita peças	301

com excisão, acanalados e incisos, in Weber, 1975.	
Figura 2.41– Cerâmicas da fase Caimito, a esquerda peças com pintura, a direita peças com excisão, acanalados e incisos, in Weber, 1975	307
Figura 2.42– Cerâmicas da Fase Pirapitinga, a esquerda peças com acanalados, incisões simples e incisões em pontas múltiplas; a direita vestígios de pintura, in Hilbert 1968.	308
Figura 2.43– Cerâmicas da Fase Pirapitinga com acanalados, , in Hilbert 1968.	309
Figura 2.44– Cerâmicas da Fase São Joaquim, a esquerda peças com acanalados e incisos, a direita peças com pintura, in Hilbert 1968.	309
Figura 2.45– Cerâmicas da Fase Tefé, peças com acanalados, in Hilbert 1968.	310
Figura 2.46– Urnas funerárias da fase Tefé. Fotos Jaqueline Gomes, Bernardo Costa e Erêndira Oliveira.	310
Figura 2.47– Cerâmicas da Guarita, a esquerda peças com acanalados e incisos, a direita acima peças com pintura e abaixo peças com acanalados, in Hilbert 1968.	311
Figura 2.48– Diferentes motivos encontrados nos vasos com flange mesial da Fase Guarita, desenhos in Oliveira, 2014.	312
Figura 2.49 – Motivos encontrados nas paredes de um vaso da Fase Guarita, desenhos in Moaes, 2013.	313
Figura 2.50– Diferentes motivos encontrados nos vasos com flange mesial da Fase Guarita, desenhos in Oliveira, 2014.	258
Figura 2.51 – Cerâmicas da Fase Nofurei, desenhos in Herrera McEwan e Bray, 1982.	318
Figura 2.52 – Cerâmicas da Fase Apuaú, in Simões e Kalkmann, 1987.	320
Figura 2.53– Diferentes motivos encontrados nos vasos com flange mesial da Fase Guarita, desenhos in Moraes, 2013.	320
Figura 2.54 – Urna funerária encontrada por Moraes (2013) no sítio Lago do Limão, in Moraes (2013) e Rapp Py-Daniel (2015).	321
Figura 2.55 – Cerâmicas da Fase Samambaia, in Simões e Kalkmann, 1987.	322
Figura 2.56 – Cerâmicas da Fase Manauacá, in Simões e Kalkmann, 1987.	323
Figura 2.57 – Cerâmicas da Fase Borba, in Simões e Lopes, 1987.	327
Figura 2.58 – Betty Meggers e uma das urnas do sítio Monense, in Miller, 1979.	328
Figura 2.59 – Motivos encontrados na Fase Jatuarana, in Vassoler, 2014.	329
Figura 2.60 – Hilbert (1968), aponta que a urna do igarapé Ipixuna seja a a esquerda, Meggers e Evans (1968) apontam a da direita.	330
Figura 2.61 – Urnas das Fases Jatuarana encontradas no alto Madeira (Jirau), in Moutinho e Robrahn-Gonzalez.	331
Figura 2.62 – Urnas da Fases Jatuarana encontradas no alto Madeira (Jirau) junto com outras urnas e vasos de grande porte em exposição no museu de Mutum-Paraná .	331
Figura 2.63 – Peças de pequeno porte da região de Jirau em exposição no museu de Mutum-Paraná	331
Figura 2.64 – Cerâmicas da Fase Capuru a esquerda caso com flange mesial e a direita	336

vaso com boca triangular, ambos com acanalados, in Miller et all 1992.	
Figura 2.65 – Cerâmicas da Fase Capuru a esquerda peças com pintura e a direita vaso com acanalados, in Miller et all 1992.	336
Figura 2.66 – Cerâmicas da Fase Capuru a esquerda peças com acanalado e a direita peças zoomorfas com acanalados e pinturas, in Miller et all 1992.	338
Figura 2.67 – Cerâmicas da TPA no baixo Amazonas, acima e a direita duas urnas antropomorfas, in Pinto Lima, 213.	337
Figura 2.68 – Cerâmicas Saracá do Baixo Amazonas, in Machado, 1987.	338
Figura 2.69 – Urnas tipo 1, ambas da Fase Napo, in Mggers e Evans, 1968 e Rostain	342
Figura 2.70 – Urnas tipo 2, as duas primeiras figuras são da Fase Napo e a outra é a Fase Caimito, in Mggers e Evans, 1968 e Lathrap, 1970.	342
Figura 2.71 – Urnas do tipo 3, peças da Fase Tefé. Fotos Erêndira Oliveira	342
Figura 2.72 – Urnas do tipo 4, peças da a,b,c e d são provenientes do baixo Amazonas, peça e médio baixo Solimões e peça f alto Madeira. Imagem a in Pinto Lima, 2013; imagens b e c, in Pinto Lima e Costa, 2004; imagem d foto Cristiana Barreto; imagem f foto Danilo Curado.	343
Figura 2.73 – Urnas de ampla dispersão, peças a esquerda são do baixo amazonas, in in Pinto Lima e Costa, 2004 a direita peça do baixo Madeirafoto Cristiana Barreto.	343
Figura 2.74 – Mapa de distribuição dos tipos de urnas referidas. O circulo tracejado indica a lacuna de pesquisas entre as duas áreas o que não nos permite saber ainda se as urnas do tipo 2 estão pontualmente dispersas ou se estão consistentemente distribuídas.	344
Figura 2.75 – Variações de motivos ofídeomorfos em diferentes regiões.	349
Figura 2.76 – Motivo 2 em peças do baixo Amazonas, mádio alto Amazonas e alto Madeira.	350
Figura 2.77 – Motivo 3, imagem a está em uma urna sem localização exata, mas provavelmente dos arredores de Manaus, in Moraes, 2013; a segunda imagem é de um vaso da fase Nofurei (Caquetá), in Herrera, McEwan e Bray, 1982; as imagens c, d e g, são de urnas funerárias da Fase Tefé, médio alto Amazonas, fotos Erêndira Oliveira; as imagens e e f são de vasos com flange mesial do médio baixo Solimões, desenhos Erêndira Oliveira; imagem h urna funerária dos arredores de Manaus, foto Cristiana Barreto.	351
Figura 2.78 – A esquerda vaso Shipibo-Conibo relacionado ao consumo de fermentados, in DeBoer, 1986; a direita vaso Caimito, in Weber 1975.	363
Figura 2.79 – Quadro geral comparativo das morfologias da Tradição Polícroma, paste 1. As bolinhas pretas representam locais onde há essa morfologia, mas não encontramos desenho p agregar ao quadro.	364-2365

Capítulo III

Figura 3.1 – a - Urna da Fase Paredão, in Barreto, 2008; b e c- urnas Caiambé, a última peça apresenta pintura, fotos Jaqueline Gomes; d - Urnas da Tradição Polícroma, foto Cristia Barreto; e -urna Tupi de São Paulo, in Moraes, C. 2009; f – urna Tupi Rio Grande do Sul, in Neumann, 2008.	383
Figura 3.2 – a e b – peças pintadas da Fase Pocó, in Guapindaia, 2008; c e d – peças pintadas da Tradição Polícroma, c foto Erêndira Oliveira, d foto Cristiana Barreto; e - peças pintadas Tupi de São Paulo, in Moraes, C. 2009; f peças pintadas Tupi do Rio Grande do Sul in Neumann, 2008.	386
Figura 3.3 – Cerâmica Shipibo-Conibo Peru, fotos de Martin Corisapra.	387
Figura 3.4 – Cerâmicas Tutishcainyo Temprano, in Lathrap, 1970.	392
Figura 3.5 – Cerâmicas Shakimu, a esquerda peças Shakimu temprano e a direita Shakimu Tardio, in Lathrap, 1970..	392
Figura 3.6 – Mapas etnohistóricos da calha do Alto Amazonas e Solimões nos século XVI e XVII, in Porro, 1995.	396

Lista de Tabelas

Capitulo I

Tabela 1. 1 – Resultado das triagem das tradagens	91
Tabela 1. 2 – Quantidade de fragmento analisados por feição	142
Tabela 1.3 – Datas para o Lago Tefé	218

Capitulo II

Tabela 2.1 - Síntese dos dados de Distribuição	252
Tabela 2.2 - Datas para TPA no Rio Napo, Ucayali e Alto Amazonas e Caquetá	257
Tabela 2.3 - Datas para TPA no Rio Solimões	259
Tabela 2.4 - Datas para TPA no Rio Negro	261
Tabela 2.5 - Datas para TPA no baixo Amazonas	264
Tabela 2.6 - Datas para TPA no Rio Madeira	267
Tabela 2.7 - Datas entre 700 A.D. e 899 A.D	273
Tabela 2.8 - Datas entre 900 A.D. e 1099 A.D	275
Tabela 2.9 - Datas entre 1100 A.D. e 1299 A.D	277
Tabela 2.10 - Datas entre 1300 A.D. e 1499 A.D	279
Tabela 2.11 - Datas entre 1500 A.D. e 1699 A.D	281

Tabela 2.12 - Datas entre 1700 A.D. e 1899 A.D	281
Tabela 2.13 – Cronologia de contextos de urnas antropomorfas policromas	341
Tabela 2.14 - Síntese dos dados sobre usos de antiplástico	345
Tabela 2.16 – Ocorrência de morfologias por Fases da TPA	352

Capítulo III

Tabela 3.1 – Síntese comparativa dos modelos explicativos da TPA	375
Tabela 3.2 – Lista de sítios Tupi anteriores a 2000 A.P (dados extraídos de Corrêa, 2014)	390-391

Lista de Gráficos

Capítulo I

Gráfico 1.1 – Ocorrência de materiais decorados e não decorados entre as quadras.	93
Gráfico 1.2 – Ocorrência de materiais entre as quadras, relação entre peso e quantidade.	94
Gráfico 1.3 – Ocorrência de materiais entre as Feições, ocorrência de decorados e não decorados.	97
Gráfico 1.4 – Ocorrência de materiais entre as quadras, relação entre peso e quantidade.	97
Gráfico 1.5 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 1.	116
Gráfico 1.6 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 1 entre as unidades.	116
Gráfico 1.7 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 2.	119
Gráfico 1.8 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 2 entre as unidades.	119
Gráfico 1.9 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 3.	121
Gráfico 1.10 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 3 entre as unidades.	121
Gráfico 1.11 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 4.	122
Gráfico 1.12 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 4 entre as unidades.	122
Gráfico 1.13 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 6.	124
Gráfico 1.14 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 6 entre as unidades.	124
Gráfico 1.15 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 7.	125
Gráfico 1.16 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 7 entre as unidades.	125

unidades.	
Gráfico 1.17– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 8.	126
Gráfico 1.18– Distribuição dos diferente tamanhos de fragmentos da morfologia 8 entre as unidades.	126
Gráfico 1.19– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 11.	127
Gráfico 1.20– Distribuição dos diferente tamanhos de fragmentos da morfologia 11 entre as unidades.	128
Gráfico 1.21– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 13.	129
Gráfico 1.22– Distribuição dos diferente tamanhos de fragmentos da morfologia 13 entre as unidades.	129
Gráfico 1.23– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 14.	130
Gráfico 1.24– Distribuição dos diferente tamanhos de fragmentos da morfologia 14 entre as unidades.	130
Gráfico 1.25– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 15.	131
Gráfico 1.26– Distribuição dos diferente tamanhos de fragmentos da morfologia 15 entre as unidades.	131
Gráfico 1.27– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 17.	132
Gráfico 1.28– Distribuição dos diferente tamanhos de fragmentos da morfologia 17 entre as unidades.	132
Gráfico 1.29– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 18.	133
Gráfico 1.30– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 18 entre as unidades.	133
Gráfico 1.31– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 18.	134
Gráfico 1.32– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 18 entre as unidades.	135
Gráfico 1.33– Ocorrência de pastas nas bordas sem projeção.	138
Gráfico 1.34– Relação entre pastas e decoração.	139
Gráfico 1.35– Distribuição de peças classificadas entre as unidades.	141
Gráfico 1.36– Ocorrência de pastas nas bordas das feições.	143
Gráfico 1.37– Distribuição de peças classificadas entre as feições.	144
Gráfico 1.38– Gráfico 1.38– Ocorrência de pastas nas bordas sem projeção das feições.	145
Gráfico 1.39– Ocorrência das morfologias de bases entre as unidades.	146
Gráfico 1.40– Ocorrência de pastas nas bases.	147
Gráfico 1.41– Distribuição geral de peças classificadas entre os níveis das unidades.	158
Gráfico 1.42– Distribuição geral de peças classificadas com pastas com cauxí e caraipé em alta concentração entre as unidades e níveis.	159
Gráfico 1.43– Distribuição de macro vestígios entre as camadas das unidades(elaborado por Shock).	164
Gráfico 1.44– Distribuição de macro vestígios entre as feições(elaborado por Shock).	165

Gráfico 1.45– Composição as feições (elaborado por Shock).	165
--	-----

Capítulo II

Gráfico 2.1 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do rio Napo.	230
Gráfico 2.2 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do rio Ucayali.	233
Gráfico 2.3 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do médio alto Solimões.	236
Gráfico 2.4 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do médio baixo Solimões.	236
Gráfico 2.5 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do rio Caquetá.	239
Gráfico 2.6 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do baixo Negro.	241
Gráfico 2.7 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do médio Negro.	242
Gráfico 2.8 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do baixo Madeira.	246
Gráfico 2.9 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do alto Madeira.	246
Gráfico 2.10 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do baixo Amazonas.	249
Gráfico 2.11 – Distribuição geral de sítios da TPA.	251
Gráfico 2.12 – Distribuição datas pelas diferentes regiões.	269
Gráfico 2.13 – Ocorrências das datas de diferentes regiões através das faixas de cronológicas.	284

Introdução

O objetivo deste trabalho foi conhecer melhor a ocorrência da Tradição Policroma da Amazônia (TPA) no lago Tefé (denominada por Peter Hilbert Fase Tefé), e então poder problematizá-la no quadro geral de discussões que envolvem essa Tradição. Para isso foram realizadas diferentes etapas de levantamento e uma de escavação. O achado de urnas da Fase Tefé durante a construção de uma escola também trouxe importantes dados para nossas discussões.

Em paralelo aos trabalhos de campo e laboratório realizamos uma ampla revisão bibliográfica sobre todas as fases pertencentes a TPA, observando mais detidamente a presença de diferentes morfologias, a incidência de sítios uni e multicomponenciais e as cronologias existentes.

Conhecendo os quadros regionais onde estão inseridas as diferentes Fases da TPA, os modelos de expansão elaborados a partir dessas e tendo em mente as perspectivas da Antropologia da Tecnologia, da Teoria do Design e da Etnoarqueologia, procuramos especular outros modos de entender os diferentes fenômenos associados a TPA que observávamos regionalmente. Sendo assim, procuramos propor, mais do que ideias que contribuíssem para os modelos de expansão da TPA, compreender aspectos das dinâmicas regionais que envolvem a distribuição do material policromo e suas variabilidades locais e regionais a partir do cenário do Lago Tefé.

Nessa dissertação apresentaremos esse caminho em três capítulos. O primeiro “Arqueologia do Lago Tefé” apresenta os dados de campo e resultados das análises, o capítulo seguinte “Construindo um cenário: Um panorama sobre a Tradição Polícroma da Amazônia” apresenta nossa revisão sobre o tema e as questões que dele extraímos. O terceiro capítulo “Onde as coisas se encontram: Arqueologia do Lago Tefé entre os modelos de expansão” confrontamos os dados do capítulo um com as perguntas do capítulo dois. Esse último capítulo é seguido da conclusão onde sintetizamos as principais ideias alcançadas sobre a presença da Tradição Policroma no Lago Tefé e seus reflexos sobre as discussões regionais.

1. Arqueologia do Lago Tefé

O lago Tefé, parte baixa do Rio Tefé que desemboca no médio curso do rio Solimões, é um lago de água preta que desemboca em um rio de água branca. O lago tem cerca de 45km de extensão onde predominam as terras altas, mas onde também encontramos áreas de várzea.

O potencial arqueológico do médio Solimões pode ser inferido pelos relatos dos cronistas que descrevem as extensas populações que ocupavam a calha desse rio, bem como as redes de troca existentes entre essas (PORRO, 1995 e 2007; PINTO, 2006, HEMMING, 2007;)

Vários trabalhos exploratórios registraram a presença de material arqueológico no lago Tefé (MÉTRAUX, 1930; HANKE, 1957; FERIZ, 1963; MARCATO, 1977), entretanto, é apenas com Peter Hilbert (1962a; 1968) que trabalhos sistemáticos de escavação, análises de coleções e discussão dos dados em um quadro regional são realizados.

Em sua passagem pelo lago Tefé Hilbert mapeia 8 sítios arqueológicos na boca do lago.

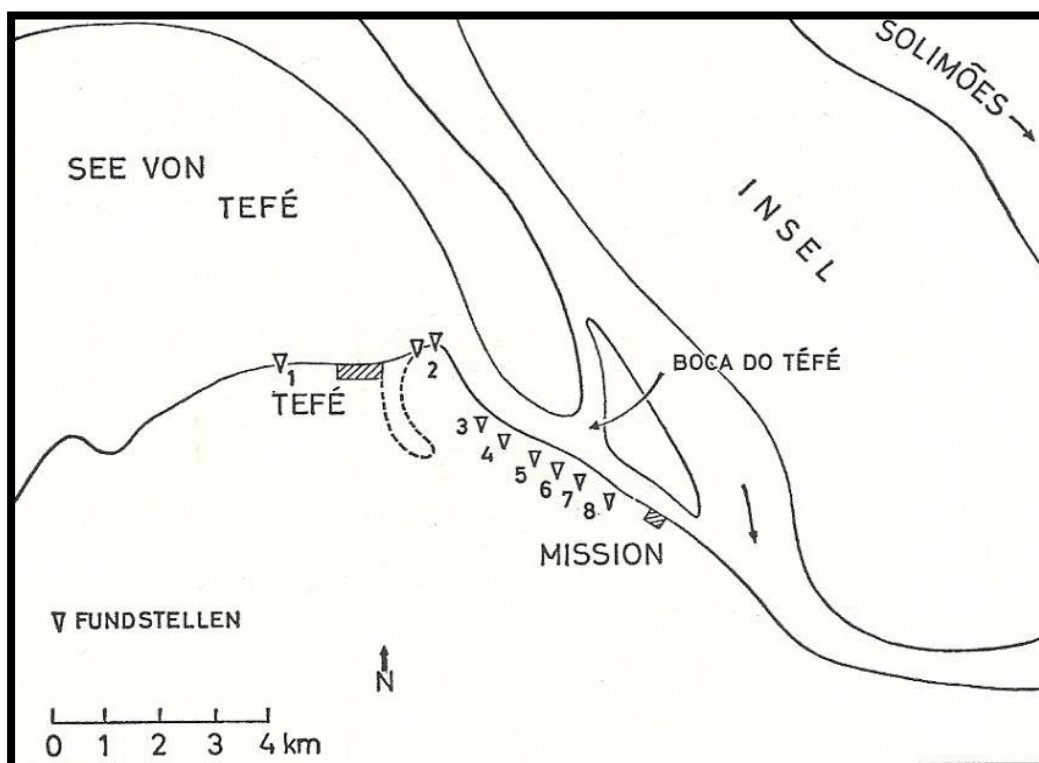


Fig. 1.1 - Mapa de localização dos sítios arqueológicos no Lago Tefé segundo Hilbert, 1968.

A partir dos trabalhos realizados no lago Tefé e Caiambé Hilbert define duas fases para região: a Fase Caiambé, definida como correlato regional da Tradição Borda Incisa e a Fase Tefé, correlato regional da Tradição Polícroma.

A fase Caiambé teria como característica o antiplástico cauíxí, decorações por engobo vermelho, incisão e pintura. Motivos incluem unidades alongadas em forma de S com cantos angulares, paralelas ou sobrepostas e, geralmente, em uma declinação diagonal, linhas zig zag e linhas escalonadas bloqueando espirais e hachurados. Quanto às formas, ocorriam tigelas rasas e profundas com diâmetro de 20 a 70cm, formas globulares e carenadas também estariam inclusas. Os lábios possuiriam pouca variedade, sendo expandidos, arredondados ou angulares. (HILBERT, 1962a, p.471-473).

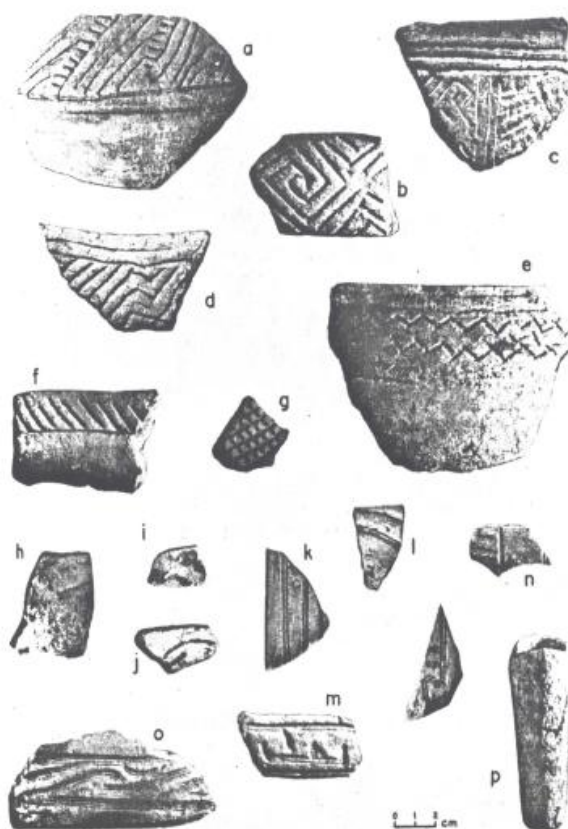


Fig. 1.2 - Cerâmicas da Fase Caiambé, (HILBERT, 1962a, p.473).

Enquanto a Fase Tefé (ver imagens no próximo capítulo), teria como antiplástico o caraipé. Tipos decorativos apenas da Fase Tefé seriam o exciso, o acanalado e o modelado, já o pintado se torna muito mais frequente nessa fase e apresenta maior controle técnico. O inciso em ponta dupla também ocorre, ele já seria encontrado na fase Caiambé, mas de forma muito escassa. Entre as morfologias estariam tigelas rasas e profundas, vasos com flange mesial com sessão horizontal circular e bordas extrovertidas suavemente ou de forma abrupta. Para Hilbert os vasos da Fase Tefé seriam menores que os da Fase Caiambé. (HILBERT, 1962, 471-472).

Quanto à correlação estratigráfica entre as Fases Hilbert afirma não haver uma ruptura estratigráfica entre as Fases, sendo que os tipos da Fase Tefé ocorreriam em quase toda sequencia juntamente com os tipos da Fase Caiambé, sua presença aumentaria ao fim dessa. O autor também não identifica uma ruptura tecnológica entre os conjuntos, acreditando em uma lenta transição entre as fases, onde Caiambé seria mais antigo e Tefé mais recente (HILBERT, 1962b, p.472).

Novas pesquisas arqueológicas sistemáticas no lago só voltam a acontecer com este trabalho.

Nosso primeiro objetivo foi conhecer melhor o Lago Tefé, procurando outros sítios além daqueles já documentados por Hilbert. Para isso realizamos diferentes etapas de levantamento arqueológico. A segunda etapa deste trabalho foi a de conhecer melhor um dos sítios com material Polícromo na área do Lago Tefé realizando para isso uma etapa de delimitação e escavação. Quando já pensávamos encerrados os trabalhos de campo para esse mestrado fomos apresentados com o fortuito achado de 6 urnas funerárias da Fase Tefé durante a construção de uma escola na comunidade Tauary.

Nesse capítulo descreveremos primeiro as atividades de campo realizadas e respectivos resultados. Na sequência, apresentaremos os resultados das análises realizadas a partir do material coletado em campo e, por fim, apresentaremos as interpretações.

1.1. Atividades de campo

1.1.1. Levantamento arqueológico do Lago Tefé¹

O levantamento não interventivo de sítios arqueológicos na área do Lago Tefé teve como objetivo realizar um diagnóstico preliminar dos sítios e ocorrências arqueológicas localizadas na área. Esse foi realizado através de visitas às comunidades ribeirinhas, casas de moradores isolados e a alguns dos igarapés afluentes ao Lago Tefé, também foram realizados breves caminhamentos assistemáticos em áreas de praia acessíveis.

Nos locais onde haviam moradores primeiramente foi realizada uma conversa com os mesmos buscando informações sobre vestígios arqueológicos, quando esses eram conhecidos pelos moradores. Sequencialmente eram feitos caminhamentos orientados pelas informações recebidas².

Todos os pontos visitados foram marcados com GPS (Datum WGS84). Locais com baixa incidência de material (menos de 10 fragmentos) e pouca referência a ocorrência de vestígios foram denominados ocorrências, enquanto as áreas com representativa quantidade e dispersão de material foram chamadas sítios. Os materiais mais diagnósticos de cada sítio foram fotografados, assim como a vista geral do local. Por se tratar de uma primeira etapa nenhum material foi coletado.

No total, mais de 40 localidades foram visitadas (comunidades, localidades, sítios, fazendas e áreas acessíveis). Casas e comunidades onde os moradores estavam ausentes não foram visitadas.

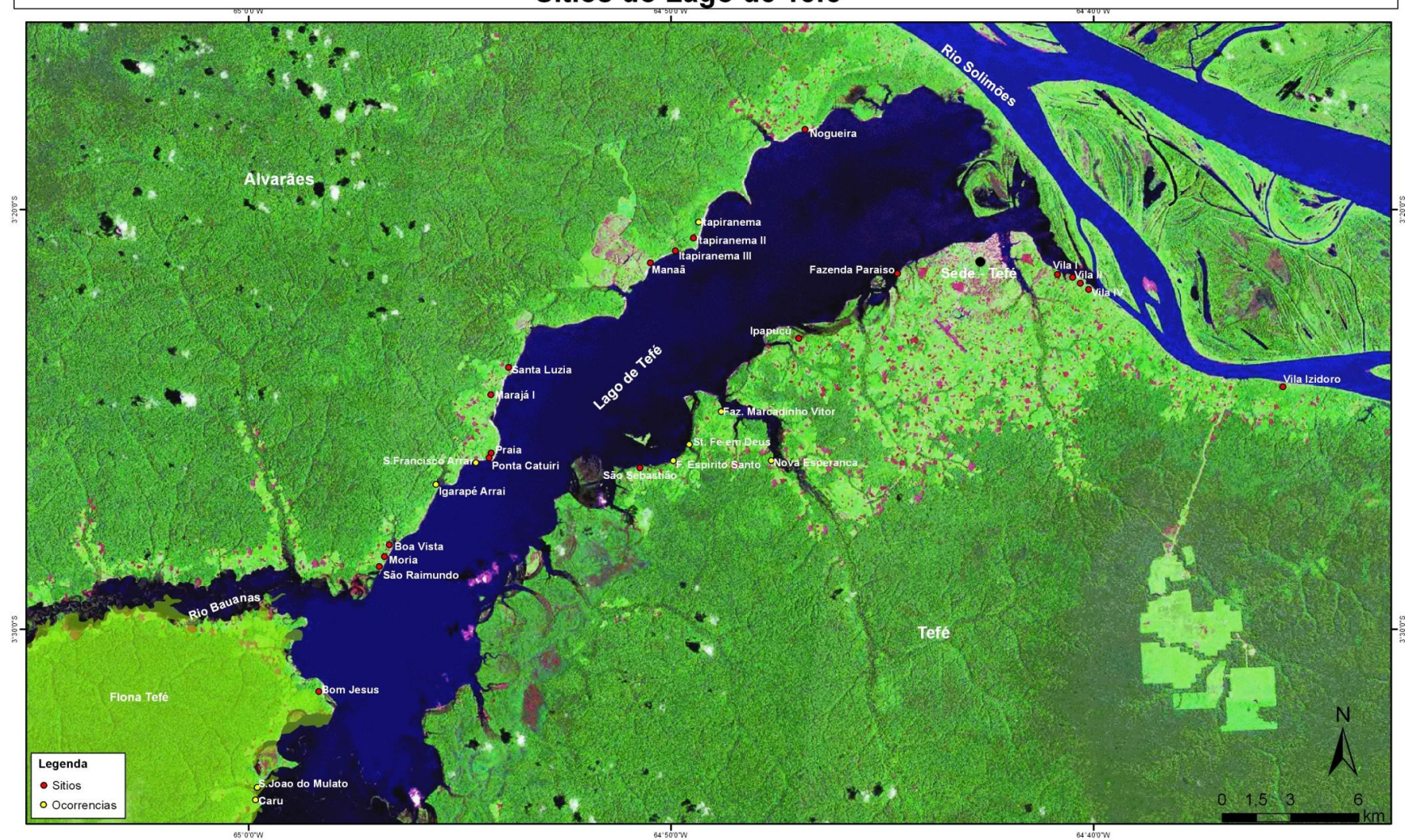
Como resultado foram encontrados 22 sítios arqueológicos e 10 ocorrências que são descritos abaixo. Esses dados permitiram a elaboração de um novo mapa de vestígios arqueológicos no Lago Tefé, ampliando aquele

¹ Realizado entre três etapas, a primeira realizada em julho de 2011, a segunda em julho de 2012 e a terceira realizada já o Rio Tefé foi desenvolvida em setembro de 2012.

² Mais uma vez, registramos nossa profunda gratidão para com as comunidades do Lago Tefé que compartilharam conosco seu conhecimento tradicional sobre as paisagens do Lago Tefé, sem eles este trabalho não seria possível.

elaborado por Hilbert. Todas as imagens dos sítios abaixo referidos estão no Anexo 1.

Sítios do Lago de Tefé



Informações Técnicas:

Projeto : Sítios do lago de tefé

Datum : D_South_American_1969

Data Mapa :11/07/2011

Montagem: Matuzalem Lopes

Fonte : Geoprocessamento IDSM

Projeção : Geodésica

Sistema de Coordenadas: GCS_South_American_1969



Figura 1.3 – Localização dos sítios e ocorrências arqueológicas no Lago Tefé.

Sítios

1) **Sítio Nogueira**

Localizado na margem esquerda do Lago de Tefé na comunidade homônima, coordenada 20M 0302242 9634940.

A comunidade é bastante antiga³ e urbanizada, em avançado processo de antropização, tendo assim forte impacto sobre o sítio. Os moradores relatam o conhecimento de vestígios como fragmentos cerâmicos, garrafas de grés, cachimbos e a existência de Terra Preta. Entretanto, foram poucas as coleções encontradas (duas). O processo de antropização não permitiu a visualização de vestígios na superfície das áreas visitadas.

O material que pode ser visualizado remonta ao período do contato, sendo eles garrafas de grés e cachimbos com motivos florais e antropomorfos.

2) **Sítio Itapirema II**

Localizado na margem esquerda do Lago de Tefé, na comunidade de mesmo nome, coordenada 20M 0297368 9630144.

A comunidade Itapiranema é extensa, mas com casas bastante esparsas.

O sítio Itapiranema II apresenta representativa quantidade de cerâmica aflorando em superfície, a maioria destes não mostrava decoração. Entre esses materiais em destaque estão uma peça com engobo e uma borda reforçada. No sítio também foi encontrado material histórico (garrafa de grés).

3) **Sítio Itapirema III**

Encontrado na margem esquerda do Lago Tefé, em outro ponto da comunidade Itapirema, coordenada 20M 0296567 9629584.

³ No século XVIII foi sede de uma missão carmelita (HEMMING, 2007; PORRO, 2007)

A comunidade está localizada na área de praia, abaixo do barranco. O material aflora em superfície a beira da praia. Segundo relato dos moradores o material encontra-se também bastante ocorrente na parte superior do barranco e, na época de seca, na extensão de praia em que ocorrem muitos materiais também.

O material além de cerâmica claramente pré-colonial apresenta também elementos potencialmente relacionados ao contato, como um cachimbo.

4) Sítio Manaã

Situado na margem esquerda do Lago Tefé, na área de uma antiga fazenda com baixo funcionamento há cerca de 10 anos, coordenada 20M 0295480 9629048.

O material encontra-se sobre o barranco havendo muito material caído dado o tombamento deste. Há representativa quantidade de material aflorando, incluindo potes inteiros e material com pintura bicrômica. Destaca-se também, no material deste sítio, a ocorrência da parte inferior de uma estatueta.

5) Santa Luzia

Localizado na margem esquerda do Lago Tefé, encontra-se na ponta da comunidade de mesmo nome, coordenadas 20M 0289261 9624446

O sítio encontra-se colocado no topo do barranco. Apesar de não existir muito material em superfície há uma urna aflorando e os moradores relatam a retirada de outra. Como itens de coleção, os moradores guardam um cachimbo. Eles também indicam a ocorrência de terra preta ao fundo da comunidade, mas essa não foi identificada durante o trabalho de campo.

6) Sítio Marajá I

Encontrado na margem esquerda do Lago Tefé em comunidade homônima, coordenada 20M 0288489 9623242.

Apesar da maior concentração de material estar na beira da praia, os moradores relatam que a principal ocorrência de vestígios está no alto do barranco,

ao fundo das casas. Eles indicam também que mais ao fundo em direção a área de roçado há terra preta.

Como no momento da visita a cobertura vegetal estava alta na área do barranco não foi possível a visualização da superfície, sendo assim o material foi encontrado apenas na beira da praia. Ocorrem peças com engobo branco e lábios reforçados.

7) Sítio Praia

Achado na margem esquerda do Lago Tefé entre as comunidades Marajá e Boa Vista, coordenadas 20M 0288512 9620690. O local não apresenta comunidade e parece se tratar apenas de um ponto para beneficiamento da farinha.

O sítio apresenta muitos fragmentos visíveis em superfície predominantemente pequenos (não ultrapassando cerca de 10cm) e sem decoração. Destaca-se a ocorrência de uma borda reforçada.

8) Sítio Bela Vista

Localizado na margem esquerda do Lago Tefé, na comunidade de mesmo nome, coordenadas 20M 0284055 9616636.

No caminho de acesso foi possível visualizar grande quantidade de fragmentos e ocorrência de terra preta. Dentre o material encontrado pelo acesso destacam-se flanges e lábios expandidos.

9) Sítio Moria

Situado na margem esquerda do Lago Tefé na comunidade igualmente nomeada, coordenada 20M 0283840 9616128.

O sítio apresenta uma grande quantidade de fragmentos aparecendo na superfície em meio a terra preta, e segundo os moradores a ocorrência dos mesmos se prolonga até 1 m de profundidade. O material é bastante diverso havendo bases, bordas e paredes. Das características das peças encontradas destaca-se a

presença engobo branco, pintura vermelha sobre engobo branco, flanges e lábios reforçados.

10) Sítio São Raimundo de Cima

Encontrado na margem esquerda do lago Tefé na comunidade homônima, coordenada 20M 0283615 9615692.

O sítio apresenta menor quantidade material aflorando em superfície que os sítios Bela Vista e Moria, dos quais está próximo (cerca de 500m de distancia de cada). O material encontrado é predominantemente sem decoração, mas os moradores relatam a ocorrência de material decorado.

Os sítios São Raimundo de Cima, Moria e Boa Vista parecem compor um único grande sítio, com cerca de 1 km de extensão aproximadamente.

11) Sítio Ponta do Catuiri

Localizado na margem esquerda do Lago Tefé. No local não existe comunidade, há apenas um morador. O nome do sítio foi dado em referência a localidade geográfica onde ele se encontra. Coordenada 20M 0288427 9620474.

A praia a beira do barranco apresenta representativa quantidade de material, contudo é visível que este provêm de quedas do barranco. A parte superior do barranco estava com vegetação alta e conseqüente baixa visibilidade do solo, não sendo possível a visualização de peças.

O material encontrado apresenta bases planas e com pedestal, decorações incisas em linhas finas com motivos triangulares junto a borda, bordas reforçadas e expandidas e presença de engobo vermelho (possivelmente pintura).

12) Sítio Bom Jesus da Ponta da Castanha

Encontra-se na margem esquerda do Lago Tefé em comunidade homônima, a mesma encontra-se dentro da área da Floresta Nacional de Tefé (FLONA Tefé). Coordenada 20M 0280975 9610190.

Material ocorre na superfície ao redor das casas. Além dos fragmentos, há potes inteiros aflorando. Entre os fragmentos encontrados estão bases planas e em pedestal, bordas reforçadas e expandidas e decorações incisas, acanaladas, engobo branco e pintadas (vermelho sobre engobo branco). Uma peça apresentou um apêndice.

No barranco sobre o qual está implantada a comunidade é visível uma camada de terra preta de cerca de 30cm.

13) Sítio São Sebastião do Turé

Encontra-se na margem direita do Lago Tefé próximo ao Igarapé do Tupé na comunidade de mesmo nome, coordenada 20M 0295035 9620046.

O sítio apresenta representativa quantidade de material. Além dos fragmentos, vasos inteiros aparecem na superfície. Entre as características encontradas nas peças destacam-se bordas reforçadas e expandidas, decorações incisas em linhas fina, engobo vermelho e pintura vermelha sobre engobo branco. Apresenta terra preta.

14) Sítio Ipapucú

Localizado na margem direita do Lago Tefé na comunidade de mesmo nome, coordenadas 20M 0301994 9625750.

Neste sítio é encontrado tanto material pré-colonial como histórico. O material colonial é caracterizado por garrafa de grés proveniente de Amsterdã. Um pote de cerâmica de formato globular com base em pedestal e engobo vermelho deixa dúvidas sobre a certeza de seu período. A chuva atrapalhou a visita à comunidade, ficando a identificação do material pré-colonial limitada a pequenos fragmentos cerâmicos sem decoração.

15) Sítio Fazenda Paraíso

Achado na margem direita do lago Tefé na área da fazenda Paraíso, coordenada 20M 0306309 9628598.

Com uma área bastante antropizada, o material encontrado na superfície dos pátios da fazenda Paraíso apresenta fragmentos pequenos e sem decoração, destacando-se características morfológicas como bases planas e lábios reforçados.

16) Sítio Antiga Serraria

Seguindo as indicações dos moradores do Abial (bairro de Tefé) fomos visitar um ponto no lago que não possui moradores. Coordenadas UTM 20M 0322477 9629085.

Neste local foi encontrada uma concentração significativa de material cerâmico. Esta fica no caminho de acesso a uma antiga serraria, por isso o nome do sítio.

Diferente de muitos dos sítios do lago Tefé que apresentam amplas áreas de dispersão de material, esse tem uma concentração que não parece se estender por mais de 100m no sentido NE-SO. Não foi possível ter uma estimativa da dimensão do sítio dada a presença de mata.

O material apresenta bicromia (vermelho sobre branco) e flanges labiais, alguns fragmentos parecem estar fragmentado em sito. A abertura desse caminho deixou exposto um perfil de cerca de 10cm de terra preta.

Este sítio encontra-se muito próximo ao sítio Santo Antonio, todavia, está localizado a cerca de 700 metros da beira do Lago Tefé, enquanto no outro, os materiais aparecem desde o começo da terra junto a água. Deste modo, o sítio Antiga Serraria está localizado a cerca de 700 metros do sítio Santo Antonio no sentido NE-SO, e pode ser parte do fundo do mesmo.

Este sítio também se encontra nas proximidades do sítio identificado por Hilbert (1968) como Espírito Santo, sendo provável que seja o mesmo.

17) Sítio Fazenda Santo Antônio

Na margem direita do lago Tefé encontra-se na propriedade privada Sítio Antônio, coordenada 20M 0313315 9628566.

A área de praia abaixo do barranco apresenta a maior quantidade de material, mas este parece ser proveniente da queda do barranco. Na parte superior do barranco são encontrados fragmentos de características variadas como bordas com lábios reforçados expandidos, bases planas com marcas de folhas e decoração com engobo e lábio recortado.

Os moradores descrevem a ocorrência de terra preta de forma irregular pelo terreno, principalmente ao fundo. Esse sítio está entre os previamente localizados por Hilbert (1968) e a propriedade continua hoje com o mesmo nome.

18) Sítio Vila I

Localizado na margem direita do lago Tefé na área chamada Fazenda do Francês, nessa localidade há duas casas. Coordenada 20M 0313990 9628446.

Grande quantidade de material é encontrada na beira da praia, esse parece ter rolado do barranco. Uma série de peças é encontrada na subida desse. São encontradas bases planas, bordas reforçadas e expandidas, decorações incisadas em motivos geométricos na face externa das peças e na borda, há ainda presença de engobo branco. Toda a área percorrida apresenta terra preta. Outro dos sítios localizados por Hilbert este foi chamado na época de Barroso, em referência ao morador que vivia na área.

19) Sítio Vila II

Na margem direita do lago Tefé está localizada a comunidade Vila Bastos 20M 0314322 9628192, onde se encontra o sítio Vila II.

Seguindo a faixa de terra do Terreno da fazenda do Francês, este sítio é dentre todos, até o momento localizados, o com mais significativa quantidade de fragmentos em superfície, milhares, muitos parecem vasilhas inteiras quebradas no local.

A variedade de decorações nos materiais também chama a atenção, ocorrem materiais com pintura policroma (vermelho e preto sobre engobo branco), pinturas bicromas variadas (vermelho sobre branco, branco sobre vermelho, preto sobre branco), além das grandes diferenças entre os tipos também há diversidade de motivos e expressões estilísticas.

A pintura e, principalmente, a aplicação de engobo aparecem associadas a incisões e acanalados. Muitas vezes o engobo, tanto branco como vermelho, aparece recobrando as decorações plásticas. Também foram encontrados apliques zoomorfos variados.

A terra preta visível alcança pelo menos 40cm de profundidade, entretanto os moradores relatam que essa pode alcançar mais de 1m de profundidade. Este também já havia sido localizado por Hilbert (1968), o local mantém o mesmo nome encontrado por ele na época.

20) Sítio Vila III

Na margem direita do lago Tefé está localizada a comunidade Vila Vale 20M 0314322 9628192, onde se encontra o sítio Vila II.

O sítio segue a faixa que vem da Fazenda do Francês e passa pela Vila Bastos. Aparentemente não há interrupção na presença de material ou terra preta, que podemos visualizar nos perfis expostos ter pelo menos 30cm de profundidade.

Aqui também o material ocorre com uma variedade de decorações sendo encontradas peças com pintura policroma (vermelho e preto sobre engobo branco), pinturas bicromas variadas (vermelho sobre branco, branco sobre vermelho, preto sobre branco). Além das grandes diferenças entre os tipos, também há diversidade de motivos e expressões estilísticas.

Quando Hilbert passou por esta área chamou-a de Tambaqui do Paratu, topônimo indígena que quer dizer “lugar de muito tambaqui⁴”. Foi nesse local que o arqueólogo abriu uma área de escavação de 1,5x1,5m essa alcançou um pacote de 1m de terra preta (HILBERT, 1968, pag. 166).

⁴ Tradução dada por Seu Lucas Batalha, morador da comunidade Vila Valente nascido em 1931 na Comunidade da Missão, também localizada na boca do Lago Tefé. Seu Lucas conhece amplo vocabulário em Nheengatu que segundo ele foi aprendido com os avós que eram indígenas.

21) Sítio Vila IV

Ao lado direito da margem do lago Tefé encontra-se a comunidade Vila Valente, local que chamamos de sítio Vila IV, coordenada 20M 0314694 9627918. Também uma das área encontradas por Hilbert (1968) recebeu na época nome homônimo ao que possui hoje.

O sítio apresenta grande quantidade de material aflorando e uma camada de terra preta de cerca de 20cm de profundidade pode ser vista em perfis expostos. A principal concentração de material está no começo da comunidade, logo após a divisa com a Vila Vale, essa maior quantidade de material se estende até o Igarapé da Vila Valente. A comunidade continua até o outro lado do Igarapé entretanto, os materiais diminuem bruscamente, quase não ocorrendo, e não se vê terra preta.

Além dos materiais associados às ocupações indígenas foi localizado também um cachimbo com motivos incisos possivelmente este material pode remeter ao período de contato, bem como um fragmento de garrafa de gres.

O material visível na superfície do sítio apresenta características como: bordas expandidas e reforçadas, decorações plásticas como inciso em linhas finas e representativa presença de acanalados, encontra-se também peças com engobo branco ou vermelho. As pinturas ocorrem tanto em vermelho sobre engobo branco em faixas, e faixas e pontilhados em preto sobre engobo branco junto com vestígios de pintura vermelha. De modo geral, similar aos da Vila Bastos.

Os sítios Vila I, II, III e IV pareciam ser um único sítio, que se estende pela faixa de terra continua entre os igarapés da Vila Valente e Igarapé do Francês (1,5km aproximadamente). Estes sítio, quando localizados por Hilbert, receberam cada um uma denominação diferenciada como sítio. Contudo, por parecerem um único sítio preferimos daqui em diante chamá-los de sítio Conjunto Vilas.

Quadro 1 – Nome dos sítios dados por Hilbert e nomes atuais

Nome em Hilbert (1968)	Nome atual (2014)
Espirito Santo	Antiga Serraria
Santo Antonio	Mesmo Nome
Barroso	Fazenda do Francês
Bastos	Vila Bastos

Tambaquí do Paratú	Vila Vale
Vila Valente	Mesmo nome

22) Sítio Vila Santo Isidoro

Já no rio Solimões, no canal de entrada para o lago Tefé está localizada a comunidade Vila Isidoro. Coordenada 20M 0323220 9623660.

O sítio arqueológico é bastante extenso apresentando maior quantidade material na zona mais próxima ao barranco. Além dos artefatos o sítio é diagnosticado pela presença de terra preta.

A camada de terra preta foi visualizada em canaletas abertas para a passagem de canos de água e não parece ter mais de 15 cm de profundidade. O material apresenta elementos como bordas reforçadas, decorações plásticas incisas e acanaladas, encontra-se engobo branco e vermelho e pintura vermelha sobre engobo branco. Além dos fragmentos encontrados dispersos pela superfície é possível ver potes inteiros aflorando.

O material encontrado no sítio apresenta engobo branco e pinturas vermelhas, a presença de acanalados é representativa, ocorrem também lábios reforçados. Diferente de grande parte dos outros sítios encontrados dentro do Lago Tefé, que, pela diversidade de materiais, parecem ser multicomponenciais, esse sítio parece ser um sítio unicomponencial policromo.

Quadro 2- Ocorrências arqueológicas

Ocorrência
Comunidade Itapirema II
Comunidade São Francisco do Arraí
Igarapé do Arraí
Comunidade São João do Mulato
Comunidade Caru
Fazenda Espírito Santo

Sítio Fé em Deus
Fazenda Mercatil Vitor
Nova Esperança
Abial e Boa Ventura

As ocorrências são caracterizadas pela baixa frequência de material arqueológico – menos de 10 fragmentos – e desconhecimento dos moradores locais de maiores concentrações de material ou outros vestígios, como terra preta.

Sítios do Rio Tefé

Os sítios visitados no Rio Tefé já haviam sido registrados por Costa e Moraes em 2006.

O nível do Rio Tefé estava muito baixo o que dificultou bastante o acesso as comunidades. Algumas não puderam ser alcançadas nem mesmo com a voadeira, ou seja, os sítios no rio tem um acesso mais difícil do que aqueles localizados na beira do lago que, em grande parte, localizam-se afastados da beira do rio estando localizados em igarapés afluentes deste.

- Bela Vista do Sapia

Achado na margem direita do rio Tefé, em comunidade com o mesmo nome, coordenadas 20M 279299 9586375. Moraes e Costa (2006) chamaram este ponto de Sapia II. Os moradores descrevem a terra preta como pouco profunda, mas com grande quantidade de cacos. Em superfície é possível ver representativa quantidade de material.

- Cacauatuba

Encontrado na margem direita do rio Tefé, em comunidade com o mesmo nome, coordenadas 20M 269087 9542287. Algumas áreas com terra preta, mas muito pouco material em superfície.

- Tauary

Achado na margem direita do rio Tefé, em comunidade homônima, coordenadas 20M 282241 9597919. Essa comunidade apresentou a maior quantidade de fragmentos encontrados de todos os locais visitados. Os pontos onde as concentrações de material aparecem são área de lixiviação, indicando que o sítio vem sendo impactado pelo processo de subida e descida do nível do rio, mas que devem ainda haver pontos preservados.

Em março de 2014 durante a construção de uma escola de alvenaria na comunidade dois conjuntos de urnas funerárias da Fase Tefé foram encontradas nesse sítio. Mais à frente nos deteremos à descrição das atividades realizadas com esse material.

Ocorrências Rio Tefé

Ocorrência	Coordenada UTM
Piraruiaia	20M 284986 9599173
Paxiubinha	20M 278491 9576381
Seringal do Katukina	20M 275465 9558841

1.1.2. Escavação do Conjunto Vilas

Como já colocado, o Conjunto Vilas foi primeiramente localizado por Hilbert (1962b, 1968). Segundo esse autor tratar-se-iam de quatro sítios. Todavia, desde as primeiras vistorias no local cogitamos a ideia de toda a área compor um único grande sítio, por este motivo, renomeamos os sítios para Vila I (Fazenda do

Francês), II (Vila Bastos), III (Vila Vale) e IV (Vila Valente). O autor já havia destacado a presença de grandes sítios e profundos pacotes de terra preta com grande quantidade de cerâmica.

Escolhemos o sítio Conjunto Vila para ser objeto deste mestrado não apenas por ser um grande sítio que continha material da Tradição Polícroma, mas, principalmente, por se tratar de um sítio muito próximo a área urbana de Tefé e que muito provavelmente nos próximos 10 anos passe a compor a área urbana do município. O aumento da urbanização pode levar ao desaparecimento completo do sítio como ocorreu com os sítios que havia em Tefé e como está ocorrendo no bairro Abial.

- **Delimitação do sítio**

A primeira atividade de campo realizada foi, então, a tentativa de delimitar a extensão dos vestígios arqueológicos entre o Igarapé do Francês e Igarapé da Vila Valente (sentido Oeste-Leste) e entre a margem do Lago Tefé e o fundo dos terrenos (sentido Norte-Sul).

Para isso realizamos uma malha de intervenções na qual foram feitas tradagens com pá boca-de-lobo a cada 50m. As perfurações alcançam, sempre que possível, 1m de profundidade em níveis artificiais de 20cm e cerca de 30 cm de diâmetro.

No total foram realizadas 98 intervenções. Todavia, uma área bastante importante com grandes concentrações de artefatos localizada na parte central da Vila Bastos (que parece ser também uma área central no sítio) não pode ser perfurada, pois, não houve permissão dos dois moradores que são proprietários dos terrenos.

Com as intervenções realizadas foi possível perceber que no sentido Oeste-Leste os vestígios começam a aparecer em um ponto a cerca de 900m do igarapé do Francês e vão até o Igarapé da Vila Valente, onde a quantidade de material diminui chegando a desaparecer. Entretanto, em alguns pontos na outra margem desse igarapé é possível ver alguns fragmentos em superfície.

Já no sentido Norte-Sul percebemos que os vestígios se dão desde a beira até cerca de 400m a Sul nos pontos mais distantes. Nesse sentido é interessante destacar que a terra preta (TPI) não está presente e todo o sítio, em alguns pontos a Sul foram encontrados artefatos fora da área de TPI.

Esses dados nos permitem caracterizar a área do sítio a partir de seus eixos maiores como tendo uma área de aproximadamente de 380.000m² ou 38ha, e a área de Terra Preta de 30ha.

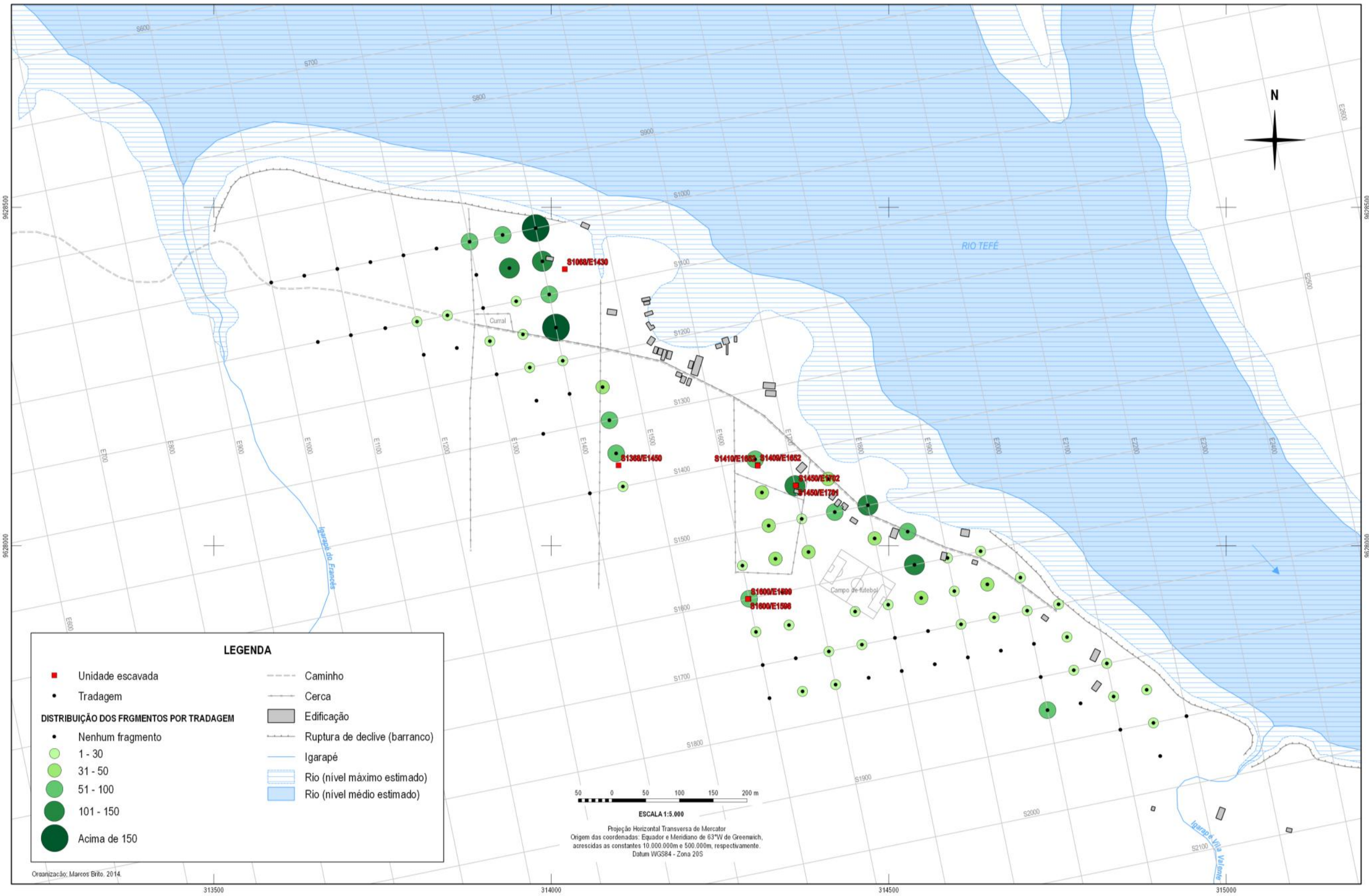


Figura 1.4 – Mapa de intervenções de delimitação do sítio Conjunto Vilas (Elaborado por Brito e Gomes)

Outra área interessante está entre as linhas de tradagens S1300 e S 1450 e as linhas E1400 e E 1450 onde encontramos um solo arenoso e escuro, aparentemente antropizado, que inicialmente nos remeteu a ideia de terra mulata.

Desta forma, a partir das tradagens, foi possível identificar as zonas de interesse para abertura de unidades de escavação, sendo definidos três grupos de interesse: 1) terra preta com altas concentrações de artefatos; 2) pontos sem terra preta mas com artefatos; 3) pontos com “terra escura” em zona arenosa próximo ao pequeno igarapé.



Figura 1.5 – A esquerda realização das tradagens, a direita registro dessas.



Nível	N	Nº Frag.	Textura	Cor
0-20		-	Arenoso	
20-40		-	Areno-Argiloso	
40-60	64	1	Argilo-Arenoso	
60-80	65	2	Argilo-Arenoso	
80-100		-	Argilo-Arenoso	

Figura 1.6 – Registro do solo na área de terra escura.



Nível	N	Nº Frag.	Textura	Cor
0-20	81	28 Frag., 8 Bolotas	Areno- Argiloso	
20-40	82	8 frag., 4 bolotas	Argiloso	
40-60	83	2 Frag.	Argiloso	
60-80		-	Argiloso	
80-100	84	2 Frag.	Argiloso	

Figura 1.7 – Registro do solo na área sem terra preta.



Nível	N	Nº Frag.	Textura	Cor
0-20	23	15	Arenoso	
20-40	24	81	Argilo- Arenoso	
40-60	25	32	Argilo- Arenoso	
60-80	26	8	Argiloso	
80-100				

Figura 1.8 – Registro do solo na área de terra preta.

- **Escavação**

O método de escavação aplicado ao Conjunto Vila seguiu os parâmetros estabelecidos pelo Projeto Amazônia Central. Isto significa que tomamos por unidades mínimas de escavação quadras de 1m². As quadras foram escavadas em níveis artificiais de 10cm, e cada nível de cada quadra recebeu um número de proveniência (PN). Diferentes materiais (cerâmica, ossos, líticos etc) oriundos de uma mesma quadra e mesmo nível são então guardados em sacos diferentes, mas com o mesmo PN.

Estruturas especiais dentro da área de escavação, as chamadas feições, recebem sequencia própria de PN.

Foram abertas no total 5 unidades de escavação, procurando explorar melhor possível as extremidades do sítio e os diferentes estratos encontrados nas tradagens. Demandas colocadas pela comunidade também foram levadas em consideração, no caso da abertura da unidade III.

Explorar diferentes áreas dentro do sítio arqueológico foi importante para nosso problema de pesquisa, pois, se observarmos os sítios multicomponenciais com ocorrência de material relacionado a TPA na Amazônia Central (Hatahara, Laginho, Antonio Galo entre outros) há sempre padrões diferenciados de ocupação do espaço pelos grupos produtores de material Policromos em relação a ocupações que os precederam.

Unidade I

Foi a unidade localizada mais a Sul do sítio, abarcando as quadriculas S1600E1548 – S1600E1549.



Figura. 1.9 - Implantação da Unidade I, a seta vermelha indica as quadras e a seta laranja o pequeno igarapé próximo a ela

O objetivo desta unidade era evidenciar os contextos sem TPI com material arqueológico, por isso, a localização desta unidade foi dada a partir da tradagem S1600 E1550 – primeira onde encontramos o material fora da TPI.

A primeira possibilidade levantada para esse contexto durante o trabalho de delimitação foi de que se tratasse de uma área de fogueira, pois a tradagem apresentava, após os 20cm iniciais (0-20cm), grande quantidade de trepes e carvão por um pacote de 40cm (20-60cm de profundidade). Os 40cm restantes apresentavam uma coloração bastante avermelhada ainda com carvões, interpretada como possivelmente solo queimado.

A área das quadrículas ficava em um ponto de declive, por isso, os primeiros níveis reduziam-se apenas a sua metade sul. Apenas no nível 50-60cm tivemos o nivelamento total da unidade, partindo para a escavação uniforme dessa.

Após a retirada da camada úmida inicial (coloração 10YR 3/4, profundidade média entre 3 e 5cm abaixo da superfície) o solo era argilo-arenoso e a coloração vermelha (2.5YR 4/6) . Os primeiros 4 níveis (0-40cm) apresentaram pouco material, sendo maior quantidade proveniente da unidade S1600E1549. Desde o início da escavação foram observadas bioturbações (formigueiros e caminhos de inseto) pela área das duas quadrículas.

Todavia, foi percebido durante o processo de escavação do nível 40-50 que no centro Norte entre as duas quadras (NE da quadra S1600E1548 e NW da S1600E1549) a coloração era mais escura (5YR 3/4) que no restante da unidade (2.5YR 4/6). Durante a escavação do nível 50-60cm percebemos que além da coloração diferenciada essa apresentava uma concentração de fragmentos cerâmicos com posição inclinada ou quase vertical, trepes e carvões. Dada sua distinção para o resto da quadra a mesma foi entendida como feição e nomeada F1, passando então a ter registro diferenciado.

O método adequado teria sido escava-la em si, entretanto, tratava-se de uma feição muito rasa próxima a outra (F2 descrita a seguir), quando conseguimos evidenciar com clareza que se tratava de uma feição essa já havia sido praticamente toda escavada estando seus fragmentos evidenciados. Logo, não foi realizada a coleta total do sedimento com a cerâmica e demais

elementos, coletamos, então, apenas os carvões e a cerâmica. A feição tinha forma aproximadamente cônica e seu ponto mais profundo atingiu 70cm.

Os demais níveis da S1600E1548 após a retirada de feição foram quase estéreis, a quadra foi escavada até 120cm, sendo o último nível estéril e os dois anteriores (100-110, 90-100) apresentaram apenas poucos carvões e 2 fragmentos cerâmicos provavelmente trazidos de níveis superiores pelas bioturbações. Foi realizada ainda uma tradagem no centro da quadrícula para verificar se não haviam camadas enterradas, essa se estendeu por 1m atingindo 220cm e mais nenhum vestígio foi encontrado.

No quadrante NE da S1600E1549 percebia-se desde 30-40cm a presença de coloração no solo mais escuro e que a maior parte dos artefatos vinha da metade N da unidade. Entretanto, foi só no nível 50-60cm que começamos a perceber uma orientação bastante inclinada e, por vezes, verticalizada de alguns fragmentos concentrados nesse quadrante. Do mesmo modo, foi possível perceber que o sedimento era mais compactado na área de solo mais claro.

Aos 65cm de profundidade tivemos certeza de tratar-se de uma feição (F2), e passamos a registrá-la e escavá-la de maneira diferencial com relação ao restante do nível. A feição foi então esvaziada como um todo até 83cm, quando terminada, sendo todo seu interior coletado com um PN.

O restante da S1600E1549 foi então escavado em níveis artificiais após a coleta da F2, tendo sido encontrados poucos pedaços de carvão, fragmentos de cerâmicas e trempes. A quadra foi escavada até 120-130cm, neste nível foi realizada uma tradagem em seu centro com profundidade de 1m, e nenhum outro material foi encontrado.

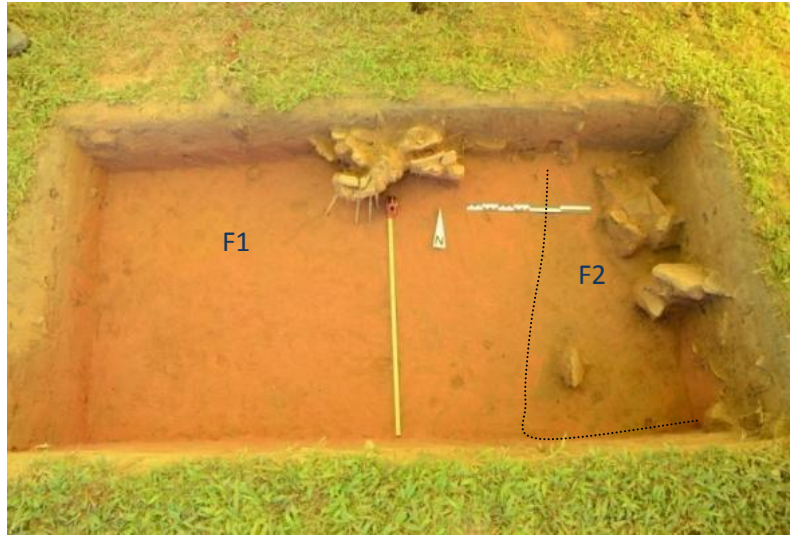


Figura 1.10 - Base dos 70 cm, em evidencia as feições 1 e 2.



Figura 1.11 – Feição 2 no perfil.

Síntese da Unidade: Ao fim da escavação da unidade consideramos pouco possível que a mesma se refira a uma fogueira, pois, a quantidade geral de carvões na unidade foi pequena (e ainda os que ocorriam em geral eram de pequeno tamanho, os maiores reduziam-se a área das feições) e não havia outros indícios que pudessem reforçar tal hipótese.

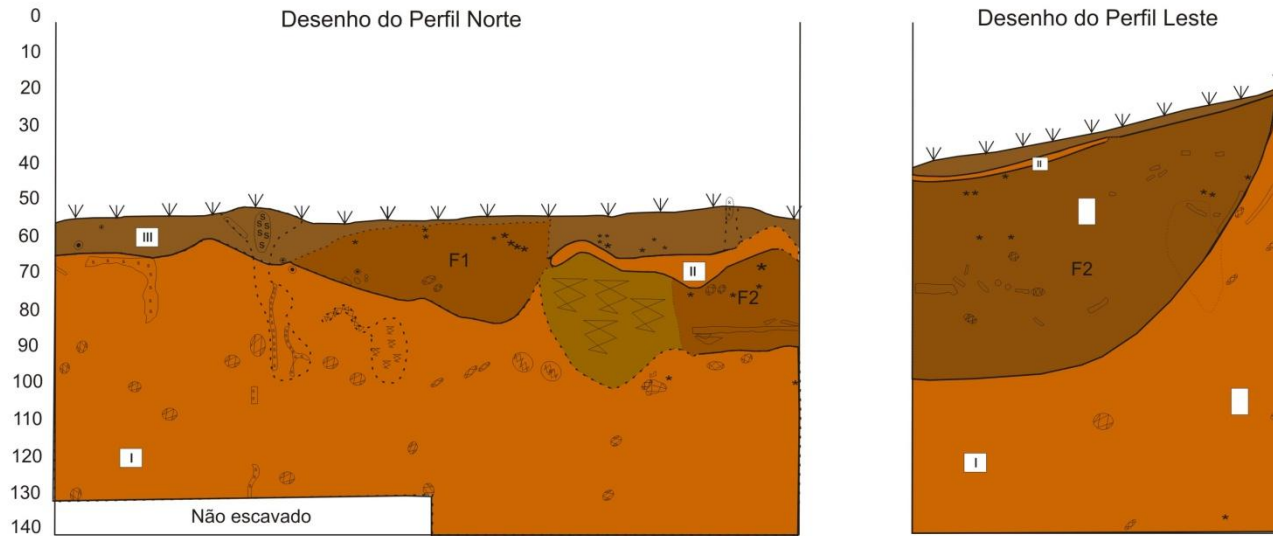
As concentrações de fragmentos cerâmicos, trempes e carvões encontradas na tradagem, estão relacionadas as feições.

Ao desenharmos os perfis foi possível perceber que a F2 se trata de uma grande feição. Logo abaixo da camada única é possível ver uma fina

camada de coloração mais avermelhada (similar ao sedimento que compõe o entorno das feições) que intencionalmente cobre (tampa, fecha) a F2. Dentro da feição observamos uma predominância de fragmentos inclinados nos limites externos da feição e de fragmentos deitados próximos a base da mesma, sendo o restante de seu conteúdo representado por fragmentos cerâmicos de diferentes tamanhos (predominando médios e pequenos), carvões (de tamanho diversos) e pedaços de trempe.

A F1 apresenta tamanho bem menor, mas em geral parece ter as mesmas características da F2. Pelo perfil, podemos perceber que F2 é anterior a F1, pois a produção dessa última acaba cortando a tampa que fecha F2.

Projeto de Map. Arqueológico do Lago Tefé
 Sítio Vila II - Unidade I (S1600 E1548-49)



Legenda

* Carvão	Amostra	Camada I	Camada com baixa ocorrência de material arqueológico e carvões, a camada parece ser estéril de maneira geral sendo os materiais ocorrentes nela transportados pelas bioturbações. Composição argilosa de coloração e coloração 2.5YR 4/6
⊕ Bioturbação	Micromorfologia	Camada II	Apresenta características de composição bastante similares a camada I (argilosa de coloração e coloração 2.5YR 4/6, não apresenta material), todavia, aparece apenas recobrimdo a F2, atuando como uma tampa sobre a mesma.
sssss Raízes		Camada III	Camada superficial, composição argilosa, coloração 10YR 5/4. Muito pouco material.
□ Cerâmica	0 5 10cm	Feições:	As duas feições encontradas (F1 e F2) parecem são as áreas que de fato contém material. Elas apresentam coloração 10YR 3/4 e composição argilo arenosa.
□ Ossos			
● Bolota			
— Limite contínuo			
... Limite difuso			

Figura 1.12 – Perfis da unidade I.

Unidade II

Essa unidade (quadras S1450 E1651 – S1450 E1652) foi aberta em local mais próximo ao centro O-L do sítio e da beira do barranco (limite N) - mas distante da estrada (área já perturbada). O ponto de referência para a abertura desta unidade foi a tradagem S1450 E1650, pois a mesma apresentou profundo pacote de TPI e grande quantidade de artefatos. Sendo então o objetivo desta unidade prover uma amostra da cultura material em uma área de TPI (“terra preta de índio”) profunda e de maior concentração de artefatos do sítio, o que permitiria, assim, uma observação tecno-tipológica dos artefatos e a discussão dentro do contexto estratigráfico.



Figura 1.13 - Unidade II localizada e meio ao pomar próximo as residências

A unidade apresentou um pacote arqueológico com TPI que se estendia por toda unidade de 0 a 70cm de profundidade, a partir de então o contraste entre a terra preta e o argilossolo permitia identificar a presença clara de feições. Esses níveis apresentaram coloração entre 10YR 2/1 e 2/2, entre 0-50cm o solo era argilo-arenoso e entre 50-70cm era totalmente argiloso.

Nestes sete primeiros níveis observamos grandes quantidades cerâmicas, por vezes, formando acumulações delimitadas com fragmentos orientados na vertical ou horizontal.



Figura 1.14 – Base dos 40cm, evidenciando a densidade de material.

Observando o contraste entre as cores do argiloso e a TPI podemos identificar 3 feições (Feições 5,6 e 7 a e b). Partimos, então, para sua escavação e registro individual. Tendo a percepção de que essas poderiam prolongar-se por profundidades maiores optamos por estruturas também em níveis artificiais, respeitando sempre a relação entre a individualidade da estrutura e o restante da unidade no que se refere ao registro. Apesar de por longo período as feições na Amazônia terem sido escavadas como um todo, sem separação por níveis dentro da estrutura, os dados trazidos por Costa (2012) para a escavação de feições nos sítios do Lago Amanã (Rio Japurá) demonstram que a mudança de metodologias – escavação por níveis artificiais – trouxe resultados importantes; Assim, optamos por segui-la. Isso deveria ter sido realizado nas duas primeiras feições, mas dada as dificuldades de identificação das mesmas não foi possível proceder assim.

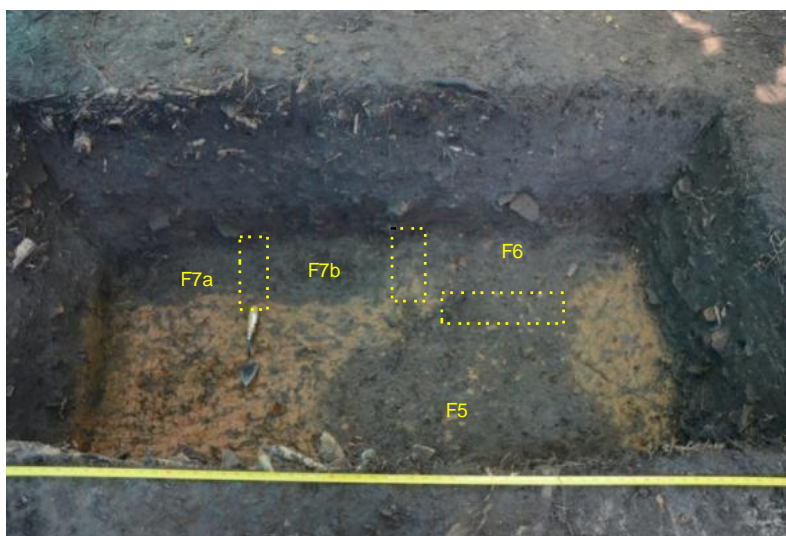


Figura 1.15 - Base dos 70cm, evidenciando as feições 5, 6 3 7a,7b

Entretanto, observando o desenho do perfil percebemos um processo similar ao ocorrido na Unidade I, onde uma feição cortava a outra. Nesta unidade, por termos um pacote mais denso, foi possível inferir através da posição dos fragmentos cerâmicos diferentes feições que cortavam feições anteriores.



Figura 1.16 – Perfil Norte



Figura 1.17 – Perfil Sul

Após o esgotamento das feições escavamos mais dois níveis (20cm) no restante da unidade, ambos caracterizaram-se como estéreis. Aqui como, em todas as outras quadras escavadas, realizamos, ao fim desses dois níveis estéreis, uma tradagem na área central de cada uma das quadras para controle, verificando, assim, a possível existência de camadas enterradas abaixo do pacote estéril.

Constatamos então através da tradagem realizada na quadra S1450E1652 um pacote de 40cm (mais quatro níveis) enterrado abaixo destes dois níveis estéreis, ou seja, entre 130-170cm. A mesma não foi encontrada na tradagem da S1450E1651.

Essa camada enterrada tem coloração mais clara que o restante da quadricula (7.5 YR 7/8), tendo sempre textura argilosa. Essa camada apresentou também carvões e cerâmicas; quanto à últimas foi possível observar que algumas apresentavam pintura.

Síntese da Unidade: Ao final da escavação da unidade, percepção das feições e revisão geral da estratigrafia, constatamos uma grande dificuldade em identificar pacotes arqueológicos definidos, restando a impressão de não

haver camadas claras, ou pisos de ocupação, mas sim sucessivas feições que se cortam. Não foi possível perceber rupturas marcadas na estratigrafia.

Quanto às feições, juntando os dados da escavação com a interpretação da estratigrafia, percebemos que as mesmas parecem seguir o mesmo modo de estruturação das feições encontradas na Unidade I. Isto significa que os limites laterais parecem marcados por peças colocadas na diagonal ou vertical marcando o contorno da estrutura, enquanto na base é colocado um grande fragmento de pote, fragmentos articulados de um mesmo pote, ou vários fragmentos médios e grandes na horizontal.

Quanto aos materiais líticos, encontramos calibradores, alguns pequenos seixos que parecem apresentar marcas de alteração intencional e alguns pedaços de rocha com menos de 2cm que nos deram a ideia de microlascas. Outros fragmentos de rocha dão a impressão de terem servido como fonte de pigmentação. A impressão geral que temos é que todos os vestígios de rocha, por pior que seja sua qualidade ou menor que seja sua dimensão são potencialmente matérias primas.

Desenho de perfil da unidade:

Unidade III (quadras S1410 E1652 – S1409 E1652)



Figura 1.19 - A seta amarela indica o morro testemunho ao lado da casa do senhor Brás, as bandeirinhas laranjas indicam fragmentos com mais de 5cm

Ao lado da casa (cerca de 10 metros da beira do barranco) do senhor Brás, morador da comunidade Vila Bastos, havia um pequeno morro testemunho, uma elevação de aproximadamente 50m de altura e 220cmx220cm de diâmetro, que não havia sido afetado pelas nivelções do terreno que foram realizadas para construção de sua casa e da estrada. O morro apresentava cacos grandes e potes fragmentados em sito. O senhor Brás que já havia anteriormente manifestado a vontade de retirar o mesmo para a construção de uma varanda em sua casa, durante a escavação ele então propôs que retirássemos o morro e coletássemos o material, senão o próprio faria em um momento breve.



Figura 1.20 - A varanda do Seu Brás (2014).

Optamos por escavar, pois, apesar de já bastante afetado, apresentava vasilhames aparentemente inteiros, úteis para coleção de referência das morfologias. Além de ser, de certo modo, uma ferramenta de diálogo com os moradores. Todavia, como o morro testemunho estava localizado ao lado da casa do Seu Brás o procedimento era demasiado invasivo, e como a área já estava bastante afetada optamos por um método de escavação mais rápido.



Figura 1.21 - Morro testemunho ao lado da casa seu Brás.



Figura 1.22 - Morro testemunho ao lado da casa seu Brás, por outro lado.

Assim, o objetivo traçado para a Unidade era nivelar o terreno, recuperar os vasilhames possivelmente inteiros como coleções de referência para morfologias e, assim, atender a demanda do senhor Brás.



Figura. 1.23 - Perfil do morro testemunho

Como o contexto ao redor do morro testemunho já estava deveras perturbado, tomamos todos os 2,20m de diâmetro como um espaço único atribuindo um mesmo PN para cada 10cm dessa área.

A unidade apresentava contexto similar ao da Unidade II e IV, Terra preta e grandes quantidades de cerâmica. No nível seguintes por volta de 30-40cm, fragmentos maiores de ossos começaram a aparecer, e na altura de 50-60cm com a evidenciação do contexto, confirmamos que tratava-se de um sepultamento humano. O sepultamento pareceu perturbado pela retirada no entorno, restando então apenas alguns dos ossos.

Tentamos proceder à escavação dos ossos que, por seu estado de fragilidade, necessitou da aplicação⁵ de consolidante (Primal 5%, água 50%, álcool 50%). A fragilidade dos ossos e a falta de tempo hábil para escavação, não nos permitiu a desmontagem em campo do sepultamento, sendo necessário fazer sua retirada em bloco. Para tal feito, então foi necessário aprofundar a unidade para subsuperfície atual atingindo 110 cm.

Antes de fazermos o bloco buscamos evidenciar ao máximo possível o contexto ao redor do sepultamento, notando que no quadrante à oeste do sepultamento, em média 5cm abaixo do nível deste, uma séries de carvões e sementes queimadas foram encontradas. A sudoeste encontramos, nessa

⁵ Foi coletado um osso sem consolidante para tentativa de datação do sepultamento.

mesma altura, uma grande placa óssea que nos pareceu ser um casco de tracajá.

Com o então aprofundamento da unidade para retirada dos blocos percebemos que esta área também era formada por diferentes feições que se entrecortavam, sendo o próprio sepultamento parte de uma feição que cortava outras feições anteriores. Havendo, além disso, outras duas ou três feições cujos limites eram bastante turvos.



Figura 1.24 – Sepultamento I



Figura 1.25 – A esquerda Feição 8 a direita feição 9.

Síntese da Unidade: À exceção do contexto funerário a unidade três é bastante similar as unidades II e IV, apresentando terra preta, grande quantidade de cerâmica e feições que se entrecortam.



Figura 1.26 – Machado encontrado na base da feição 8

Unidade IV (quadra S1368 E1450)



Figura 1.27 – Área de implantação da unidade III , ao fundo a área mais clara da foto já é o lago Tefé

Essa unidade foi aberta próximo a tradagem S1050 E1450, onde encontramos profundo pacote de TPI e grande quantidade de material. O primeiro objetivo desta era verificar as características do pacote arqueológico no seu limite Oeste. Permitindo a comparação desta área – tanto em termos de estratigrafia como de material com as demais áreas do sítio, mas principalmente com a área central (Unidade II e III) que em princípio apresentavam características similares, isto é, profundo pacote de TPI e grandes densidades cerâmicas.



Figura 1.28 – Base dos 40cm cor do solo 10YR 2/1 (Black)

Entre 0-60cm o solo apresentava coloração 10YR 2/1 e granulometria argilo-arenosa. Ao longo destes níveis havia grande quantidade de material cerâmico que, por vezes, apresentavam-se na diagonal e na vertical (posteriormente reparamos que indicavam feições).

Entre 60-70cm foi percebida uma variação entre a textura do solo de diferentes pontos da quadra, ao alcançarmos a base do 70-80 percebemos que tais diferença indicavam a ocorrência de quadro feições (F11, F12, F13 e F14). A partir de então, as mesmas foram esvaziadas em níveis de 10cm e registradas separadamente do restante da unidade.

Em geral as feições voltaram a apresentar as características de estruturação similares as das Unidades I e II, ou seja, cerâmicas inclinadas na diagonal e vertical em seus limites laterais e grandes fragmentos na base.

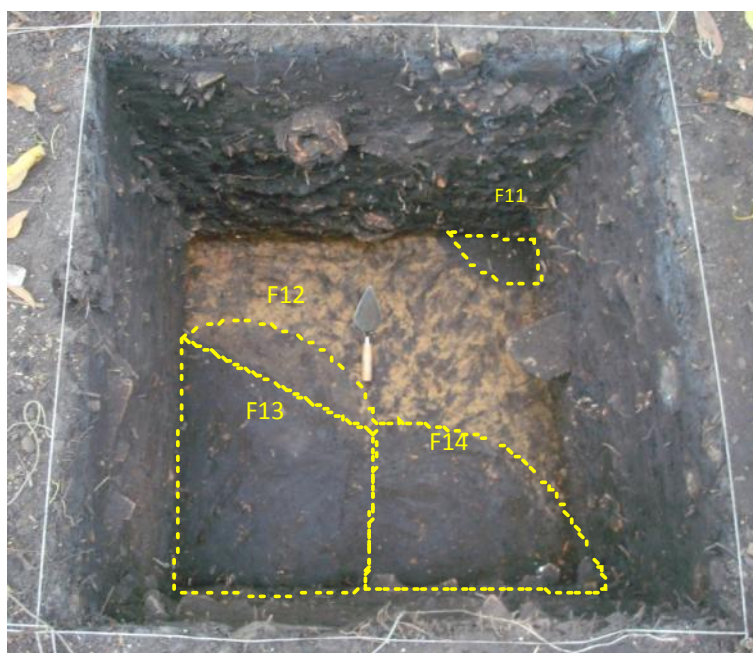


Figura 1.29 - Base dos 80cm, em evidência as feições 11, 12, 13, 14 .

Na área fora das feições, entre 80-110cm, poucos fragmentos foram encontrados, todos próximos ou relacionados as feições. O nível 110-120, foi totalmente estéril, após sua escavação ainda realizamos uma tradagem de 1m de profundidade no centro da quadrícula, a mesma não apresentou nenhum material.



Figura 1.30 – Perfil Norte



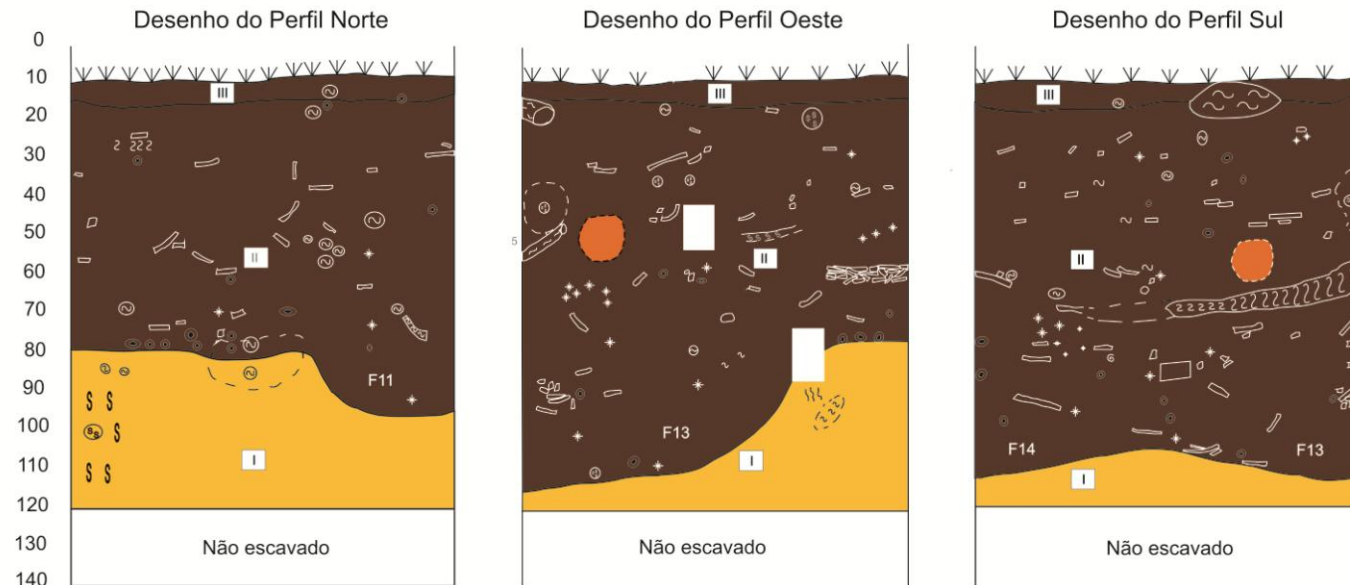
Figura 1.31 – Perfil Oeste

Síntese da Unidade: De forma geral, excetuando-se a ausência de uma camada enterrada, esta unidade é bastante similar a unidade II. Aqui também não foi possível perceber a presença de camadas ou pacotes arqueológicos claros, dando a impressão de que o registro é formado por sucessivas feições que se cortam.

Quanto aos vestígios líticos temos a mesma impressão das Unidades I, II e III, de que seixos pequenos estão sendo trabalhados, pois, encontramos pequenas lascas desses, contudo apenas análises específicas dessas peças poderão dizer se são lascamentos intencionais ou naturais.

A identificação dos materiais diagnósticos cerâmicos, assim como, nas demais unidades foi bastante difícil e apenas nas análises laboratoriais conseguimos caracterizar os conjuntos artefatuais.

Projeto de Map. Arqueológico do Lago Tefé
 Sítio Vila I - Unidade IV (S1068 E1430)



Legenda

* Carvão	Amostra	Camada I	Composição argilosa de coloração mosqueada c A camada é estéril os poucos materiais encontrados nela parecem ter vindo das feições. Seu contato com a camada II é uma ruptura abrupta, que mostra claramente a distinção entre latossolo e terra preta.	
⊕ Bioturbação	⊞ Micromorfologia	Camada II		Composição argilosa de coloração 10YR 2/1 a 3/1. Essa é a camada arqueológica, nela foram claramente evidenciadas na base dos 80cm 4 feições (F11, F12, F13 e F14), entretanto, é possível que essas fossem cortas por outras localizadas acima delas, que não puderam ser percebidas dada a uniformidade do solo, apenas inferidas pelo alinhamento cerâmico. Não Foram encontradas muitas bioturbações, destacando-se apenas 1 raiz grande Sul
ssss Raízes		Mancha difusa de solo alaranjado em meio a camada, possível indicador da produção de novas feições sobre outras pré existentes.		
□ Cerâmica		Camada III	Camada superficial, composição argilosa, coloração 10YR 2/1. Significativa quantidade de material e muitas bioturbações.	
□ Ossos				
● Bolota				
— Limite contínuo	0 5 10cm			
... Limite difuso				

Figura 1.32 – Perfis da Unidade IV.

Unidade V (quadra S1068 E1350)



Figura 1.33 – Implantação da unidade, área de mata com açazal

Essa unidade foi aberta próximo à tradagem S1500 E1450, que representava uma das três zonas de interesse do sítio, a área com um solo areno-siltoso escuro aparentando antropização, mas significativamente diferente da terra preta encontrada no restante do sítio.

A coloração do solo nos primeiros níveis (0-30) é 10YR 3/3 e a textura é arenosa. A partir de 30-40cm começa a aparecer uma camada de solo mais clara, que fica evidente entre 40-50cm, com coloração 10YR 5/6 e arenoso. A unidade foi terminada em 90-100cm, sendo esse o segundo nível estéril. Foi também realizada tradagem de controle, com 1m de profundidade, no fim da escavação.



Figura 1.34 – Concentração de fragmentos base dos 30 cm.

As quantidades de fragmentos foram significativamente menores que nas áreas de terra preta, mas também não pareciam estar alocados dentro de feições como nas outras unidades. Observando o perfil e os dados de escavação percebemos que tanto a camada de solo mais escuro, assim como, os materiais parecem acompanhar a declividade natural do terreno.



Figura 1.35 – Perfil Norte



Figura 1.36 – Perfil Oeste

Síntese da Unidade: A escavação dessa unidade confirma a hipótese de uma terceira área diferencial quanto ao processo de formação do registro arqueológico.

Projeto de Map. Arqueológico do Lago Tefé
 Sítio Vila II - Unidade V (S1168 E1350)

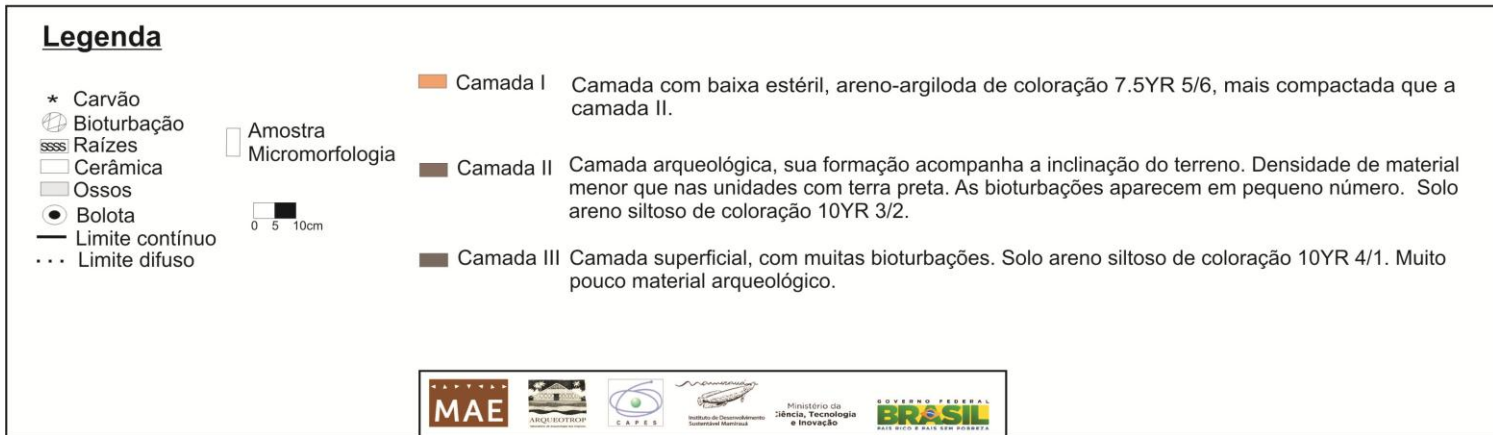
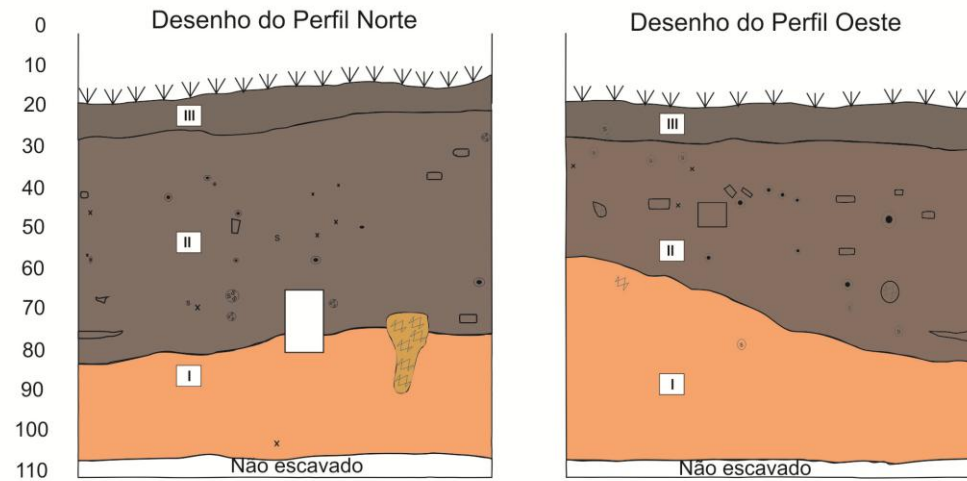


Figura 1.37 – Perfis da Unidade V

Coletas Especiais

Foram realizados dois tipos de coletas especiais de solo para análises de micromorfologia e macrovestígios.

Para as coletas de micromorfologia é necessário, ao final da escavação e identificação das camadas, realizar coletas de blocos de sedimento do perfil. Tais coletas são realizadas com pequenas caixas para que o sedimento não altere sua posição, pois o que será analisado é justamente a estrutura de deposição do sedimento. Foram coletadas amostras nas unidades I, II, IV e V, sendo realizada mais de uma coleta por unidade.

Essas análises estão sendo realizadas pela Museóloga Claudia Sá no âmbito de seu mestrado em geologia, em andamento pela UFRJ.

As coletas de amostras para macrovestígios também são realizadas ao final da escavação, sendo feita a retirada de 20l de sedimento das diferentes camadas identificadas no perfil e também uma coleta de sedimento da parte superficial pois, esta oferece amostras dos elementos atuais e pode servir de baliza em casos de dúvida sobre presença de materiais recentes em camadas mais profundas (contaminação). O solo proveniente das feições claramente delimitadas em campo também foi coletado separadamente para a realização da análise de seus macrovestígios. Essas amostras foram flotadas no laboratório de arqueologia do IDSM, os materiais botânicos encontrados foram analisados pela Prof. Dr. Myrtle Shock (UFAM).

Das amostras para análises de macrovestígios foram separados testemunhos de 500ml de solo. Destes foram retiradas amostras de 250 gramas enviadas para análises de caracterização físico-química pelo Dr. Wenceslau Teixeira (EMBRAPA RJ)

Os dados dessas análises serão apresentados adiante.

1.1.3. O sítio Tauary

No início de março de 2014, quando já fazíamos as análises dos materiais do Conjunto Vilas e considerávamos encerrados os trabalhos de campo deste mestrado recebemos emails falando sobre o achado de vasos indígenas na comunidade Tauary (comunidade localizada no rio Tefé pouco antes do começo do lago homônimo) durante a construção de uma escola de alvenaria. No lago Amanã há um grande número de urnas da Fase Caiambé aflorando⁶ e não há relatos de urnas da Fase Tefé, já no Lago Tefé conhecíamos a existência 2 tampas de urnas da Fase Tefé bem como de um urna inteira na comunidade Perseverança (ver figuras 2.46) na calha do Solimões, mas a cerca de 15km de Tefé. Nesse contexto que seria mais provável que se tratasse de urnas Caiambé, muito mais frequentes na região.

Entretanto, para nossa feliz surpresa recebemos fotos que mostravam que eram urnas da Fase Tefé encontradas em contexto até aquele momento não perturbado e em excelente estado de conservação de suas pinturas.

Por curiosidade e falta de informação, os moradores acabaram realizando a retirada das urnas, bem como, de seu conteúdo. Contudo, os moradores realizaram uma série de fotos durante a retirada das urnas que nos permitem recuperar importantes informações contextuais sobre deposição das peças.

Como colocado anteriormente, o sítio Tauary já havia sido registrado e os moradores já tinham conhecimento do trabalho de arqueologia que estava sendo desenvolvido no lago. Após sua retirada as urnas foram guardadas pelos moradores em local reservado e seguro (porta com cadeado) e eles foram até o Instituto Mamirauá procurar os arqueólogos para ajuda-los a entender o que eram aquelas peças. Nessa primeira tentativa dos moradores não havia arqueólogos em Tefé naquele momento, então, fomos contatados pelo ICMBio por email. Tomando conhecimento da situação passamos a procurar viabilizar nossa ida a comunidade.

⁶ Segundo Furquim (2014) são cerca de 300 urnas entre os diferentes sítios do Lago Amanã.



Figura 1.38 – Urnas da comunidade Tauary quando encontradas pelos moradores (Fotos cedidas por Rafael Rossato, ICMBio).

Fomos convidados pela comunidade, através do ICMBio de Tefé, para uma reunião para conversar com os moradores sobre as urnas.

Depois de explicar para os moradores que realmente se tratava de um material indígena antigo, como eles acreditavam, colocamos a necessidade de cuidado adequado e de estudo das peças. Entendendo as colocações feitas, os moradores cederam o material para estudo no laboratório de arqueologia do IDSM.

É importante destacar que grande parte dos moradores da comunidade Tauary mostrou grande interesse por compreender melhor o que queriam dizer aquelas peças e se preocuparam em fazer o máximo possível em seu alcance para preservá-las.



Figura 1.39 – Visita ao local onde as urnas estavam guardadas na comunidade acompanhada por moradores de diferentes comunidades da FLONA-Tefé



Figura 1.40 – Visita ao local onde as urnas estavam guardadas na comunidade.

Durante a reunião verificamos o local onde as urnas foram depositadas e realizamos uma série de perguntas aos moradores que as encontraram.

As urnas estavam depositadas em dois conjuntos separados. O primeiro conjunto encontrado pelos moradores continha quatro urnas, todas com a

tampa orientada para Norte. O segundo estava a cerca de 2m a norte do primeiro e continha duas urnas colocadas em posição oposta uma a outra (pés para um lado, cabeça para outro). Uma delas estava com a tampa para Sudeste e outro para Nordeste. Ambos os conjuntos estavam depositados a cerca de 50cm de profundidade e não havia outros materiais ou fragmentos junto as urnas. As urnas do primeiro conjunto foram denominadas de 1 a 4 e as do segundo de 5 a 6.

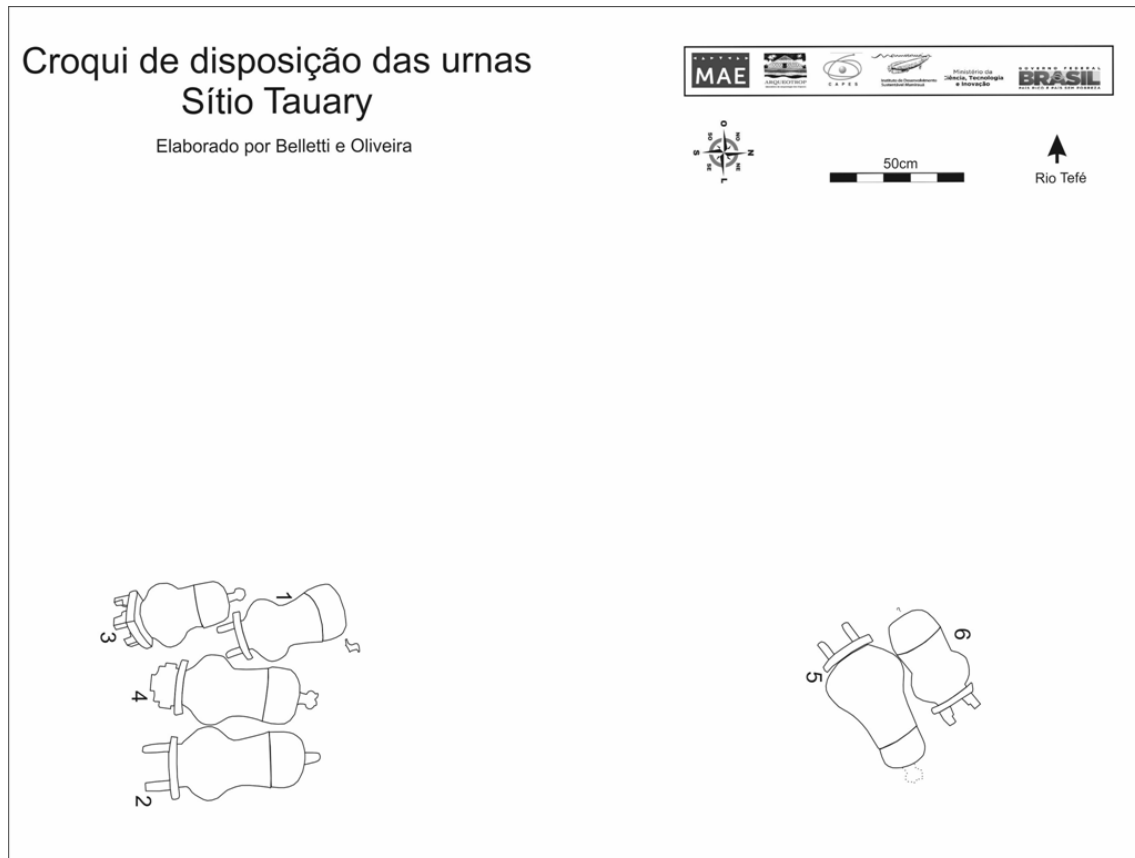


Figura 1.41 – Croqui estimativo de disposição as urnas Tauary quando encontradas.

As urnas estavam depositadas a cerca de 50cm de profundidade e não havia nenhuma outra peça associada a elas, não identificamos TPI na área ao redor de onde elas foram colocadas.

Como relatado no começo deste capítulo, o sítio Tauary é conhecido desde 2006. Em nossas visitas anteriores já havíamos percebido uma aparente ausência de TPI. O material aparece em toda a extensão da comunidade (cerca de 900m) mas em pequena quantidade. O material parece

predominantemente polícromo, contudo observamos alguns poucos fragmentos Caiambé.



Figura 1.42 – O ponto laranja indica a localização da urnas no espaço da comunidade.

Novos trabalhos precisam ser realizados para a delimitação e entendimento do sítio.

1.2. Análise do sítio Conjunto Vilas

O potencial informativo da cerâmica, no entanto, torna-se maior quando contrastado com outras linhas de evidência e, principalmente, quando as metodologias de análise são flexíveis em função dos problemas concretos de pesquisa que se colocam. (SCHAAN, 2007, p.87)

1.2.1. Análises cerâmicas

Todo o material do Conjunto Vilas (mais de 20 mil fragmentos) foi lavado e devidamente acondicionado. Entretanto, por questões de tempo, não pudemos analisar todo o material de modo que apresentaremos os dados apenas da triagem das tradagens e da análise de 4, das 5, áreas de escavação. Analisamos as unidade I (2x1m², S1600E1548 e S1600E1549), II (2x1m², S1450E1651 e S1450E1652), IV (1x1m², S1068E1430) e V (1x1m², S1318E1450). A unidade não analisada foi a número III (2x1m², S1410E1652 e S1409E1652).

- **Métodos**

Método de triagem

A triagem consiste na separação dos artefatos segundo a parte das peças que a compõe e a presença ou não de decoração. Sendo assim, os artefatos cerâmicos são separados em bordas, bases, paredes e apliques com decoração, e bordas, bases, paredes e trempe sem decoração. Concomitante a separação dos artefatos, é feita a quantificação e pesagem desses.

PN	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)	Obs.
715 S1000E1300 0-20	Borda	0	0	
	Base	1	60	
	Parede	19	58	
	Trempe	13	76	
	Total	33	194	
	Decoração	Quant.	Peso (g)	
	Borda	1	2	
	Base	0	0	
	Parede	9	64	
	Aplique	0	0	
Total		10	66	
Total final		43	260	

Figura 1.42 – Exemplo de ficha de triagem

Método de análise do material cerâmico

Nós optamos por não analisar todo material cerâmico dentro das unidades, priorizando a análise das bordas e bases. Esses dois extremos do vaso nos oferecem maior quantidade de dados, pois, nos permitem inferências sobre forma e tamanho as peças. E, ainda, nos oferecem maior confiabilidade quanto a individualidade do fragmento analisado. Como podemos ver no exemplo DeBoer, Kintigh e Rostoker (figura 1.43) o bojo compõe a maior área da vasilha e pode possuir diferentes decorações, espessuras, queimas e mesmo pastas. Ao fragmentar-se e dispersar-se perdemos a relação entre as partes do bojo e o restante da peça. Desse modo, ao analisarmos as paredes, a probabilidade de estarmos analisando um mesmo vaso como se fossem peças diferentes ou analisarmos fragmentos similares sem percebermos tratar-se de um mesmo pote é maior. Entretanto, como nossa amostra geral de material policromo era baixa optamos por registrar algumas paredes claramente associadas às características da TPA.

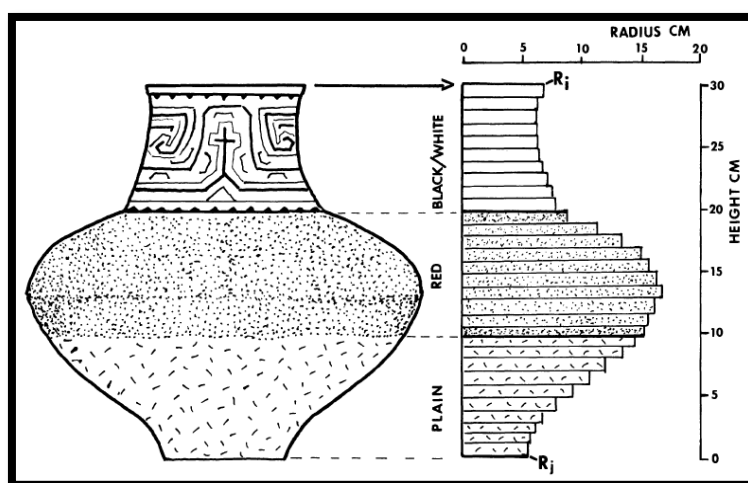


Figura 1.43 – Fragmentação de Vaso Shipibo-Conibo, Ilustração em DeBoer, Kintigh e Rostoker (1996, p.275)

Ao analisar os materiais do Conjunto Vilas, mais que identificar e quantificar a presença de determinados atributos, nos preocupamos em como identificar as escolhas tecnológicas (LEMONNIER, 1986; SCHIFFER e SKIBO, 1997; SILVA, 2000 e 2009; MACHADO, 2007) e seus significados. Esse tipo de abordagem não é nova na arqueologia amazônica, trabalhos como os de Garcia (2013), Gaspar (2014) e Machado (2006) – esta última trabalhou com o sítio Hatahara na Amazônia Central –

demonstram os profícuos resultados dos estudos de tecnologia para os aprofundamentos das interpretações artefatuais.

Dado o grande volume de dados discutido ao longo deste trabalho não teremos tempo de nos deter em uma discussão mais aprofundada sobre as perspectivas teóricas que nortearam as análises e interpretações aqui realizadas, sendo essas essencialmente a Antropologia da Tecnologia (1986, 1992, 1993) e Teoria do Design/Cadeia comportamentais (HAYDEN, 1998, SCHIFER, 1976,1987, SCHIFFER e SKIBO, 1997).Alguns trabalhos na arqueologia brasileira já se propuseram a sínteses sobre essas perspectivas (SILVA, 2000; MACHADO, 2005) e outros trabalhos feito discussões importantes sobre conceitos fundamentais a essas (NEUMANN, 2008; ZUSE, 2014; GASPAR, 2014).

Entretanto, alguns conceitos básicos utilizados por essas suas perspectivas precisam ser definidos para tornar mais claras discussões que serão feitas adiante, sendo esses: Sistemas tecnológicos, tecnologia, estilo tecnológico, escolhas tecnológicas, performance e fluxos tecnológicos.

Como apontam Dias e Silva (2001, p.95) “o uso do conceito **sistemas tecnológicos** implica na compreensão de que as técnicas desenvolvidas por uma sociedade não são elementos isolados, mas são constituídas sistematicamente.” Para Lemonnier (1987, pp.154-155; 1992,pp. 7-11) os sistemas tecnológicos podem ser discutidos em três níveis. O primeiro se refere às técnicas em si; o segundo as diversas técnicas desenvolvidas por uma sociedade e suas interações; o terceiro tange as relações entre tecnologias e outros fenômenos sociais.

Tecnologia pode ser entendida como “um *corpus* de artefatos, comportamentos para criar e usar produtos que é transmitida intergeracionalmente” (SCHIFFER e SKIBO, 1992, p.44), em outras palavras, podemos entendê-la como processos de ação sobre a matéria em amplas e diferentes perspectivas que revelam expressões materiais da atividade cultural (LEMONNIER, 1992, pp.1-2).

O termo **estilo tecnológico** foi cunhado por Letchmann (1977) centrado a perspectiva de que vários elementos constituem o comportamento tecnológico entre eles as técnicas apreendidas, as atitudes para com os materiais, a organização do trabalho, as práticas rituais entre outros (CHILTON, 1999, p.3). Como bem apontam Dias e Silva (2001, p.96) “A noção de etilo tecnológico permite compreender o estilo não apenas como um padrão material que se manifesta na morfologia e na decoração dos artefatos, mas também, como algo que é inerente e subjacente aos processos de produção a partir dos quais esses aspectos visuais são uma resultante”.

Para compreendermos um estilo tecnológico e fundamental que entendamos as diferentes **escolhas tecnológicas** presentes nesse. A ideia de escolhas tecnológicas é baseada no preceito de que existem diferentes caminhos para resolução de uma questão técnica, como a produção de uma vasilha, entretanto, apenas determinados aspectos são selecionados (LEMONNIER, 1987, p 156; CHILTON, 1998, 134). Tais escolhas vão além da eficácia material ou lógica técnica. Nesse sentido, Silva (2000, p.181) aponta que entre os elementos que norteiam as escolhas tecnológicas podem estar à experiência do artesão e fatores situacionais, como as fontes de matéria prima, padrões de armazenagem, descarte, uso e reuso, mas principalmente as características de performance desejadas para a peça.

Deste modo a uma relação intrínseca entre as escolhas tecnológicas e as características de **performance** dos objetos. Características de performance podem ser entendidas como as capacidades comportamentais que um artefato deve possuir para preencher determinadas funções ao longo de sua história de vida (SCHIFFER e SKIBO, 1992, p.52 e 1997 p.29)

Outro conceito fundamental para este trabalho é o de **fluxo de tecnologias**. A ideia de fluxo já foi perpassada por diferentes antropólogos e arqueólogos na Amazônia (DeBOER, 1990; ROE, 1995; VIDAL, 1999; BARRETO, 2008 e 2010).

Todavia, aqui partiremos da ideia de estilo tecnológico para pensar **fluxos de tecnologias**. Entendemos fluxos de tecnologias tanto como a presença de peças de um determinado conjunto que ocorre em sítios onde predominam outros conjuntos tecnológicos (os chamados materiais intrusivos) como a presença de 2 ou mais estilos tecnológicos na produção de uma peça.

Preferimos aqui o termo fluxo de tecnologias ao termo hibridismo, utilizado muitas vezes para identificar peças que possuem características de estilos tecnológicos diferentes. Essa opção de deve, pois, entendendo os diferentes estilos tecnológicos que compõe uma peça, podemos perceber quais as escolhas tecnológicas estão sendo feitas em relação a estes, quais elementos de cada um estão sendo selecionados. Isso pode nos auxiliar a entender as relações que geraram tais fluxos e perceber que regionalmente fluxos de tecnologias podem ocorrer de forma diferenciada.

Dois bons exemplos para pensarmos a aplicação dos conceitos acima listados são trazidos pelos trabalhos de Chilton e Beck. Chilton (1998, 1999b) estudando o Nordeste dos Estados Unidos analisa as escolhas tecnológicas e características de performance presentes nos materiais Algonquinos e Iroqueses, observando como

essas se relacionam as demais características do registro arqueológico e aos modos de vida desse grupos.

A cerâmica algonquinas possui paredes grossas, antiplásticos minerais variados (cerca de 10 tipos, sendo mais frequente o quartzo) e em grande densidade, era estruturada por roletes, e os vasos pequenos (entre 16 e 18cm de diâmetro) com formas globulares e cônicas. Essas escolhas tecnológicas acarretam em algumas performances, paredes espessas e grande quantidade de antiplástico tendem a aumentar a resistência mecânica bem como as formas pequenas facilitam a portabilidade, todavia o quartzo pelo grande coeficiente de expansão reduz a resistência térmica (CHILTON, 1998 e 1999b).

Já a cerâmica iroquesa eram estruturadas por modelagem, antiplástico mineral mas menos variado (quatro tipos, predominando feldspato) tem paredes finas e formas maiores (por volta de 28cm). Ao contrario das cerâmicas algonquinas essas privilegiavam como característica de performance a capacidade de aquecimento dada pelas paredes finas, sendo resistência mecânica e portabilidade performances não significativas.

Algonquianos possuíam ampla mobilidade, formavam grupos pequenos e com casas pequenas e diferentes formas de assentamento sob uma organização política sem grande centralização, sua dieta envolvia caça e coleta mas também consumo de milho. Os iroqueses eram mais sedentários se organizavam em grupos maiores e possuíam casas grandes (sendo de duas a dez vezes maiores que as casas algonquianas). Nesse sentido as escolhas tecnológicas e características de performance dos objetos estão diretamente relacionados com os modos de vida dessas populações. Algonquinos com alta mobilidade e grupos pequenos privilegiam cerâmicas com resistência mecânica e portabilidade, o tamanho das vasilhas e coerente com o tamanho dos grupos, os diferentes tipos de antiplásticos indicam a diversidade de fontes de matéria prima explorada por esses grupos. Os iroqueses com uma alimentação baseada no milho cozido e baixa mobilidade privilegiam a resistência térmica, seus grupos maiores exigem potes maiores e a baixa variabilidade nos antiplásticos está relacionada a um uso mais constante das mesmas fontes de matérias primas.

Beck (2009) procurando entender o uso da cerâmica por grupos de alta mobilidade se depara com dois problemas interessantes para pensarmos a interpretação da variabilidade artefactual e processo de formação: sítios diferentes de

um mesmo grupo (áreas de atividade) e a aquisição de cerâmica entre grupos distintos.

Partindo da análise de uma ampla revisão de dados etnográficos, etnohistóricos e arqueológicos a autora observa que grupos com alta mobilidade podem produzir diferentes tecnologias expedientes para o desenvolvimento de suas atividades. Contudo, para determinadas atividades dentro de seu sistema logístico vasilhas cerâmicas podem ser necessárias. Essas podem ser produzidas por eles mesmos ou adquiridas em redes de troca com grupos ceramistas mais sedentários. É o exemplo dos grupos Seri, grupos de alta mobilidade, que para realizar a exploração de recursos marinhos da costa do Sudoeste dos EUA acabam deixando seus acampamentos longe das fontes de água doce. A obtenção desse recurso exige uma série de estratégias de coleta, transporte e armazenamento de água para as quais são necessárias vasilhas cerâmicas (BECK, 2009, pp. 327 a 332).

Beck problematiza ainda que grupos sedentários, podem ter diferentes espaços, como áreas de coleta, processamento ou caça. Nessas áreas alguns vasos básicos devem estar presentes como vasos para cozinhar, armazenar água, servir e comer, a presença desses também está relacionada ao número de pessoas e duração do acampamento. Ou seja, nessas áreas a variabilidade artefactual é menor e o número de vestígios cerâmicos é reduzido em relação às aldeias. Um bom exemplo são os sítios de processamento de frutas dos grupos Pima e Tohono O'odham, essas frutas são fervidas em grande quantidade de água e depois o sumo extraído e levado devolta pra aldeia, tanto para transportar a água necessária como para transportar o produto de volta para aldeia uma série de jarros é necessária, porém outras vasilhas básicas para cozinhar, servir e comer também devem constituir o conjunto artefactual (BECK, 2009, pp. 338 a 339).

Por fim, Beck aponta para um exemplo bastante complexo para a interpretação arqueológica, a de troca de cerâmicas entre grupos Hohokam e Patayan (esses últimos são grupos de alta mobilidade). Diversos sítios com pequena quantidade cerâmica e baixa profundidade são encontrados nas áreas áridas do Sudoeste norte-americano, alguns desse sítios são classificados como assentamentos de Patayan outros como áreas logística Hohokam todavia alguns sítios apresentam ambas as cerâmicas. Para interpretar esse tipo de sítio Beck aponta para a necessidade de compreender os usos, funções e volumes dos artefatos relacionando variabilidade artefactual com contexto de uso, tamanho de vasilhas e demanda de cerâmica (BECK, 2009, pp. 341 a 346).

Nesse sentido Beck aponta que análises artefatuais resumidas às tipologias cerâmicas têm por vezes dificuldade em interpretar esses contextos mais complexos. Sítios acampamento podem ser interpretados como aldeias, e os modelos formulados podem então definir que os produtores daquele grupo possuíam aldeias menores ou ocupações pouco duradouras. Do mesmo modo, sítios de grupos de alta mobilidade onde se encontra apropriação de cerâmicas de grupos vizinhos, podem ser interpretados como reocupações ou mesmo como a produção de diferentes tipologias com cerâmicas mais simples (na verdade a cerâmica de produção própria) e mais elaborada (trazida de outros grupos). Essas dificuldades interpretativas podem ser superadas observando as características do registro e da própria variabilidade artefactual.

Então, compreender esses complexos contextos exige uma interpretação contextual da variabilidade artefactual (esferas de variabilidade conforme Schiffer Skibo, 1997); contextualização regional dos diferentes registros arqueológicos; e análises artefatuais que ultrapassem as classificações tipológicas e reflitam sobre as diferentes significados da variabilidade artefactual.

Na Amazônia Schaan (2007) propõe também que um olhar mais específico para as características da cerâmica, relacionando-as a outros aspectos além da classificação tipológica pode demonstrar que diferenças dentro da Fase Marajoara interpretadas como variações cronológicas reflitam na verdade diferenças sincrônicas referentes a distinções sociais (SCHANN, 2007, p. 83).

Os conceitos e exemplos acima colocados nos ajudam a explicar as escolhas de análise realizadas. O objetivo de nossa análise é a identificação das escolhas tecnológicas e performances e o entendimento de seus significados para a compreensão os conjuntos tecnológicos estudados.

Dessa forma, nossa análise não se propõe a uma análise geral e quantitativa dos atributos, mas sim a uma análise qualitativa. Gostaríamos de ter realizados também análises estatísticas, mas não houve tempo. Essas são fundamentais para a compreensão quantitativa dos contextos estudados, no futuro esperamos conseguir dar prosseguimento a essas análises.

Para alcançar essa abordagem qualitativa elaboramos três fichas de análise que abordassem a pasta, a morfologia, e a decoração da peça, que posteriormente foram agrupadas e os dados processados conjuntamente.

A ficha de análise de pastas (figura 1.44, parâmetros para o preenchimento da ficha figuras 1.45, 1.46, 1.47) observou os diferentes tipos de antiplásticos, a

concentração na qual cada um desses ocorria, as cores do núcleo e de superfície, também foram observadas as espessuras das peças. Esses atributos foram escolhidos para análise, pois, nos permitem pensar quais características de performances estão sendo selecionadas através das escolhas tecnológicas. Os atributos acima listados podem influenciar em características de performance como resistência a impacto mecânico, resistência a variação térmica, capacidade de aquecimento, portabilidade (determinados antiplásticos ou determinadas concentrações de antiplásticos podem tornar as peças mais leves ou pesadas, facilitando ou dificultando seu transporte) e facilidade de estruturação (SCHIFFER e SKIBO, 1987 e 1992; CHILTON, 1998, p.151-152).

A ficha de análise de morfologia (figura 1.48) observou a técnica de estruturação da vasilha, o tamanho dos fragmentos, o diâmetro da borda ou base, os percentuais de borda (quanto por cento realmente temos da borda do vaso) e confiabilidade (no caso da projeção de vasilhas quanto por cento do total da forma projetada o fragmento analisado representa) e marcas de uso. Sempre que possível a projeção das morfologias foram analisados também o volume e o tipo de morfologia. Este último foi estabelecido a partir da observação nos desenhos de projeção de morfologia de vários elementos como estrutura da forma, contorno e composição⁷ (ver figura 1.49 e 1.50 para os referenciais de preenchimento a ficha de morfologia). Os fragmentos foram mensurados a fim de avaliar a fragmentação das peças e assim juntamente com outros fatores potencialmente contribuir com discussões sobre uso e descarte das peças e processo de formação do registro (SCHIFFER, 1987). Os percentuais de borda e confiabilidade servem como balizas para avaliar a confiabilidade das projeções realizadas. As marcas de uso nos ajudam a refletir sobre as funções do artefato e as performances envolvidas nessa. A morfologia em si pode nos informar sobre características de facilidade de manufatura (vasos pequenos e de contorno simples são mais fáceis de serem produzidos do que vasos grandes ou de contorno complexo), portabilidade (formas menores são mais fáceis de serem deslocadas) resistência a impacto (quanto mais ângulos mais frágil a peça pode se tornar), capacidade de aquecimento (quanto maior a superfície de contato com o fogo maior será o aquecimento, formas como os chamados “assadores” com paredes baixas e paredes planas tendem a ter maior aquecimento que grandes tigelas onde uma menor parte do vaso fica em contato com o fogo) e de uso (grandes volumes podem indicar a

⁷ A proposta de descrição de forma aqui utilizada é inspirada e adaptada de trabalhos de alunos de Donald Lathrap como Bolian (1975), Weber (1975), Brochado (1984), La Salvia e Brochado (1989).

necessidade de produção de grandes quantidades, seja para grandes agrupamentos cotidianos ou para eventos festivos especiais) (SILVA, 2000; SCHIFFER e SKIBO, 1992, pp.61-65 e 68-69; CHILTON, 1998 p.151). As morfologias são neste trabalho o eixo inicial para a interpretação dos dados de análise, pois, como apontam trabalhos etnorqueológicos a produção das morfologias é a etapa mais difícil nas cadeias de ensino aprendizagem (GOSSELAIN, 1998; SILVA, 2000), bem como, a produção de certas formas e a modificação no conjunto dessas muitas vezes está relacionada a economia e a uma etiqueta de consumo (LATHRAP, 1970) dessa forma são itens estruturais para o entendimento das continuidades e transformações.

A ficha de análise de decoração (figura 1.51) preocupou-se em avaliar as três superfícies decorativas, então, a ocorrência de alterações plásticas ou pintadas nas superfícies interna, externa e do lábio foram analisadas individualmente para que possíveis escolhas tecnológicas quanto ao local de decoração e performances visuais pudessem ser percebidas (o local onde a decoração é aplicada pode nos falar a respeito o ângulo de visualização) (BOWSER, 2002). A presença de engobo (referências figura 1.62) foi analisada separadamente de decorações plásticas e pintadas, pois, pode desempenhar também performances relacionadas à impermeabilização e resistência de impacto (SCHIFFER e SKIBO, 1992, pp.69). Técnicas (referências figura 1.60 e 1.61) e motivos (referências figura 1.52 a 1.59) foram também avaliados de forma separada com o objetivo de perceber se determinados motivos estariam sempre associados determinadas técnicas (técnicas e motivos, ou mesmo a combinação de diferentes técnicas e motivos, implicam em graus distintos de facilidade de manufatura). Apesar de considerarmos sumamente importante essa ficha não objetiva uma análise iconográfica densa (como, por exemplo, realizado por Schaan (1996), Barreto (2008), Oliveira (2014) e Nobre (2014)).

Gabarito Ficha de Pasta

1. **Unidade de escavação;**
2. **Numero de Proveniência;**
3. **Tipo Antiplástico**

1. Cariapé
2. Cauixí
3. Caco
4. Mineral
5. Argila Branca
6. Hematita
7. Argila Vermelha
8. Carvão

4. **Concentração.**

- 30%
20%

E sucessivamente conforme parâmetros abaixo (Figura 1.45)

5. **Núcleo**

1. Seção uniforme clara
2. Seção uniforme escura
3. Núcleo escuro e seções interna e externa clara
4. Claro externo-Escuro interno
5. Escuro externo-Claro interno

Ver parâmetros abaixo (Figura 1.46)

6. **Cor**

Cinza escuro (7.5YR 4/1, 3/1 e 2.5/1 – Dark Gray, Very Dark Gray, Black)

Cinza Claro (7.5YR 8/1 e 8/2 – White e Pinkish white; 7.5YR 7/1 e 7/2 – Light Gray e Pinkish Gray)

Vermelho/Laranja (2.5YR 4/6 e 4/8; 2.5YR 5/6 e 5/8 Red - 2.5YR 7/6 e 7/8; 2.5YR 6/6 e 6/8 Light Red)

Marrom A (7.5YR 5/6 e 5/8 – Strong Brown e 7.5YR 6/6 e 6/8 – Reddish Yellow)

Marrom B (7.5YR 5/3 e 5/4 – Light Brown e 7.5YR 6/3 e 6/4 – Brown)

Marrom C (7.5YR 5/1 e 5/2 – Gray e Brown e 7.5YR 6/1 e 6/2 – Gray e Pinkish Gray)

Ver parâmetros abaixo (Figura 1.47)

7. **Espessura**

Medida em cm

Concentração de antiplástico

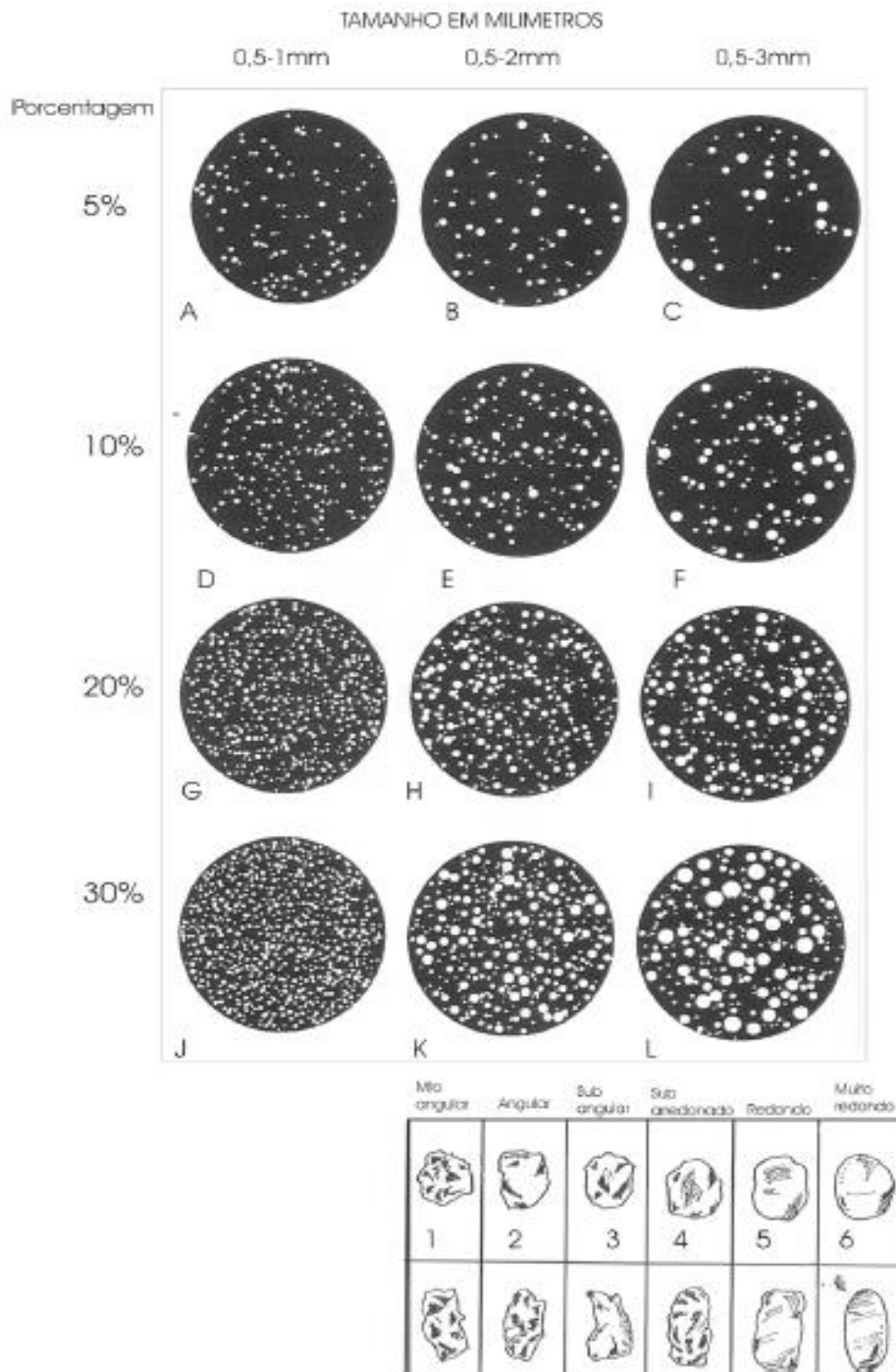






Figura 1.45 – Parâmetro para concentração de antiplástico, in Orton, Tyers, e Vince, A. (1997).


Cores de Núcleo

- 

1 – seção transversal com cor uniforme clara, variando entre o branco e o vermelho tijolo, sem núcleo de tonalidade diferenciada;
- 

2 - seção transversal com cor escura, variando do cinza ao preto, sem núcleo de tonalidade diferenciada;
- 

3 – seção transversal com presença de núcleo central escuro (cinza a preto) e camadas interna e externa claras (branco a vermelho)
- 

4 – seção transversal com uma camada clara (branco a vermelho) próxima a superfície externa e escura (cinza a preto) próxima a superfície interna
- 

5 – seção transversal com uma camada clara (branco a vermelho) próxima a superfície interna e escura (cinza a preto) próxima a superfície externa

Figura 1.46 – Parâmetro para cores do núcleo (Corrêa, 2009).

Cores de Superfície

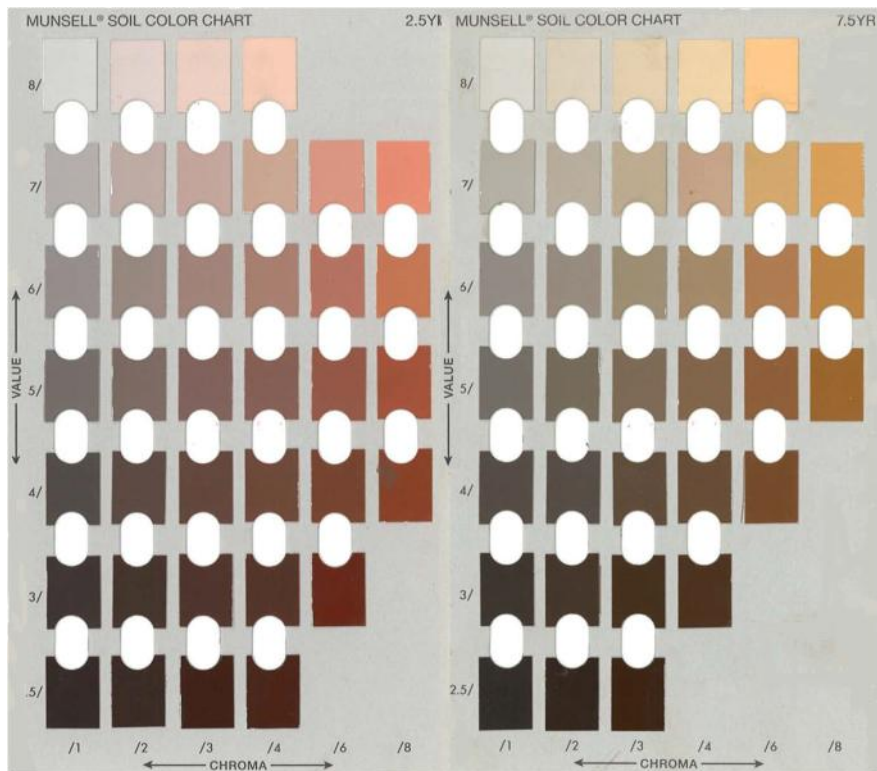


Figura 1.47 – Parâmetro para cores de superfície Tabela Munsell (Cores para superfície).

Gabarito Ficha de Morfologia

1. Unidade de escavação;

2. Numero de Proveniência;

3. Desenhado

1. Sim 2. Não

4. Forma

Caso desenhado equivale qual das morfologias encontradas no sítio, esse campo só é preenchido ao fim da análise e formação dos conjuntos morfológicos (foram identificadas 21 formas para o sítio Conjunto Vilas, ver a seguir).

Para as bases:

1. Plana 2. Côncava 3. Convexa 4. Pedestal

5. Técnica de estruturação

1. Roletado 2. Modelado 3. Placas

6. Comprimento e 7. Largura

>4cm (P)

<4cm>8 (M)

<8cm (G)

8. Diâmetro

Medida em cm.

9. Volume

>1litro (P)

<1 a 5 litros (M)

<5 a 10 litros (G)

<10 a 15 litros (GG)

< superior a 15litros (EG)

10. % do diâmetro

Quanto por cento do diâmetro de borda representa o fragmento em relação ao diâmetro total.

11. % de confiabilidade

Quanto por cento do total da reprodução da vasilha representa o fragmento desenhado, conforme descrito por Almeida, 2013.

12. Característica

12.1. Sem decoração

12.2. "Pocó" do Solimões

12.3. Caiambé

12.4. Tefé

12.5. "Fluxo" (peça que combine elementos Tefé e Caiambé)

12.6. Dec. Não diagnóstica de nenhuma das Fases acima

12.7. Vestigial (insuficiente para estabelecer classificação)

13. Marca de Uso

13.1. Fuligem Interna

13.2. Fuligem Externa

13.3. Fuligem Interno-Externa

13.4. Desgaste Interno

13.5. Desgaste Externo

13.6. Desgaste Interno-Externo

14. Observações

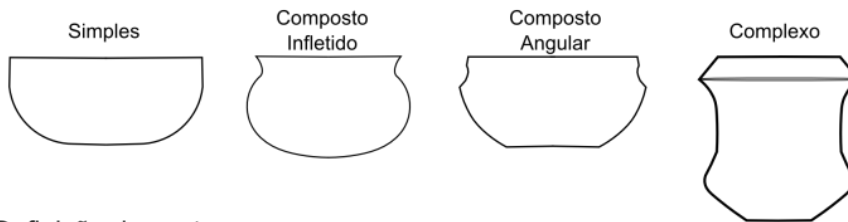
Descrição de formas

1. Estrutura da Forma

1.1 Abertura

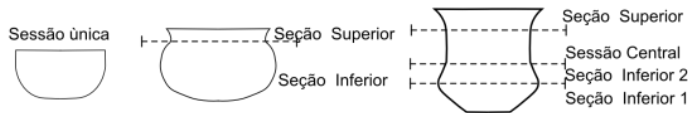


1.2 Contorno



2. Definição de contorno

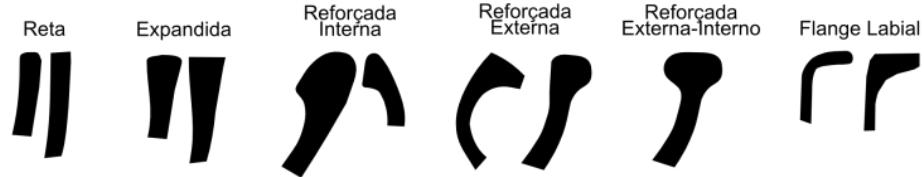
2.1 Sessões



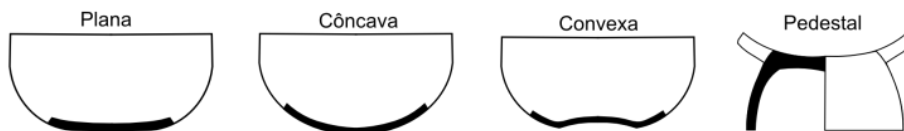
Formas das Sessões
ver
próxima página

3. Composição da forma

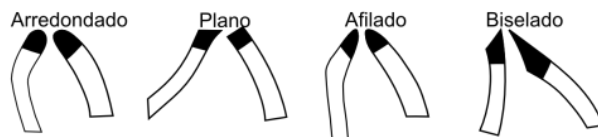
3.1 Forma da borda



3.2 Forma da base



3.3 Forma da lábio



3.4 Interação Plástica

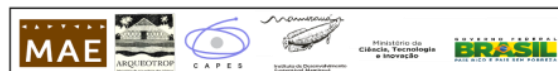
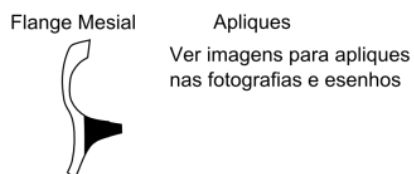


Figura 1.49 – Referenciais para análise e descrição de morfologias.

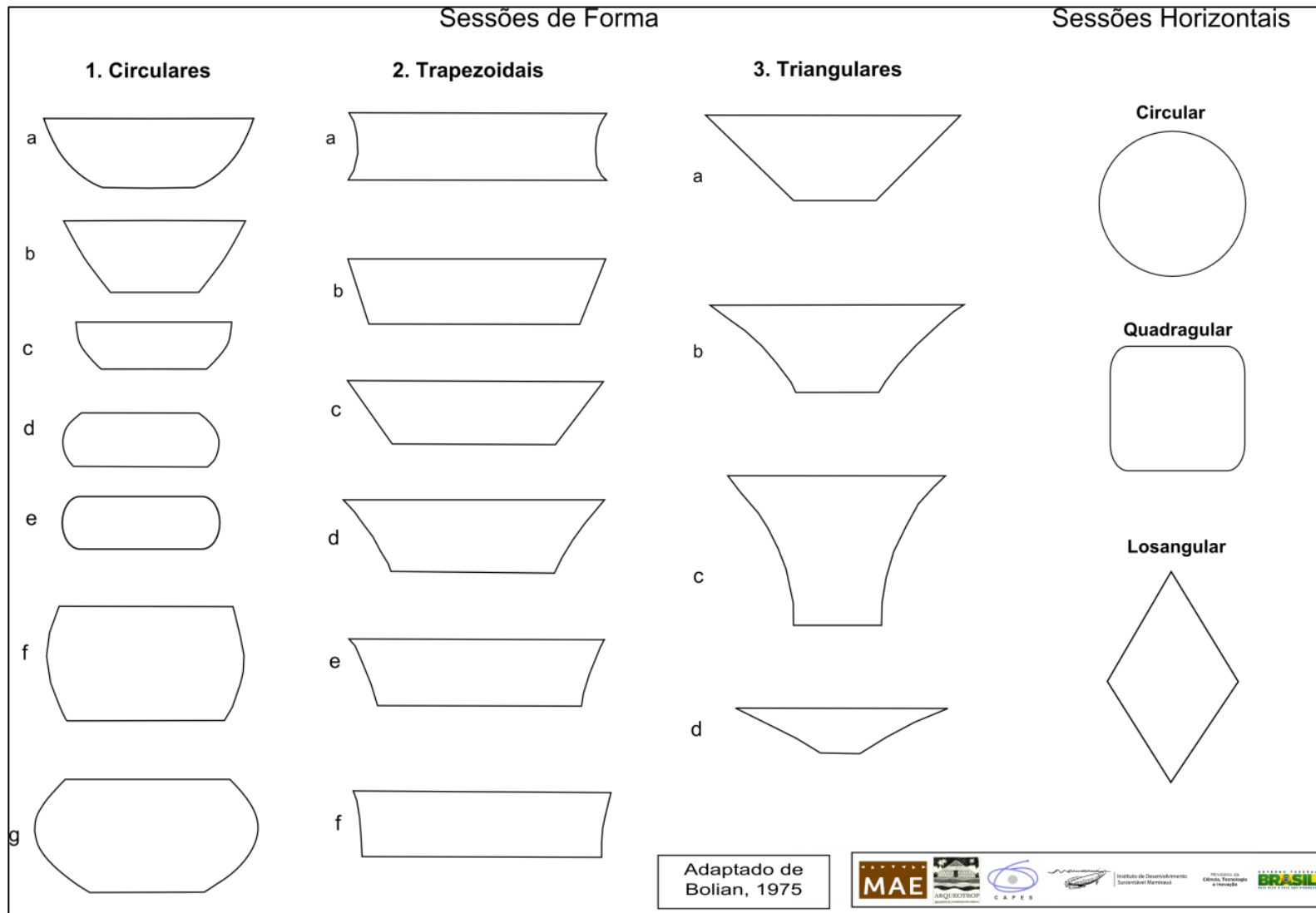


Figura 1.50 – Referenciais para a descrição de seções de formas das morfologias.

MALT – Ficha de análise Decoração

		Conj. Vila													Bordas						
Unid.	PN	Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.	Diag.	Obs
		Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.		
		Lábio	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.		
		Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.	Diag.	Obs
		Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.		
		Lábio	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.		
		Face Int.	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.	Diag.	Obs
		Face Ext.	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.		
		Lábio	Alis.	Trat. Sup.	DPlas.	Téc.	Mot.	Téc.	Mot.	Del.	DPint.	Cor	Mot.	Cor	Mot.	Mot.	Cor	Mot.	Del.		

Figura 1.51 – Ficha de análise de decoração.

Gabarito Ficha de decoração

- 7. **Unidade de escavação;**
- 8. **Numero de Proveniência;**

9. **Alisamento:**

- 1. Polido
- 2. Fino
- 3. Médio
- 4. Grosso
- 5. Desgastado

10. **Trat. Sup.**

- 1. Engobo Branco
- 2. Engobo Vermelho
- 3. Enegrecimento
- 4. Engobo Laranja
- 5. Engobo Preto
- 6. Engobo Vinho

11. **Dec. Plástica Técnica**

- 1. Inciso
- 2. Inciso Pontas Mult.
- 3. Exciso
- 4. Acanalado
- 5. Estocado
- 6.
- 7. Acanalado Pontas Mult.
- 8. Aplique
- 9. Escovado
- 10. Cestaria
- 16. Lábio Recortado

Motivos Plásticos

Ver abaixo, figuras 1.52 a 1.57

12. **Dec. Pintada**

Cor

- 1- Vermelho
- 2- Preto
- 3- Vinho
- 4- Laranja
- 5- Branco
- 6- Negativo

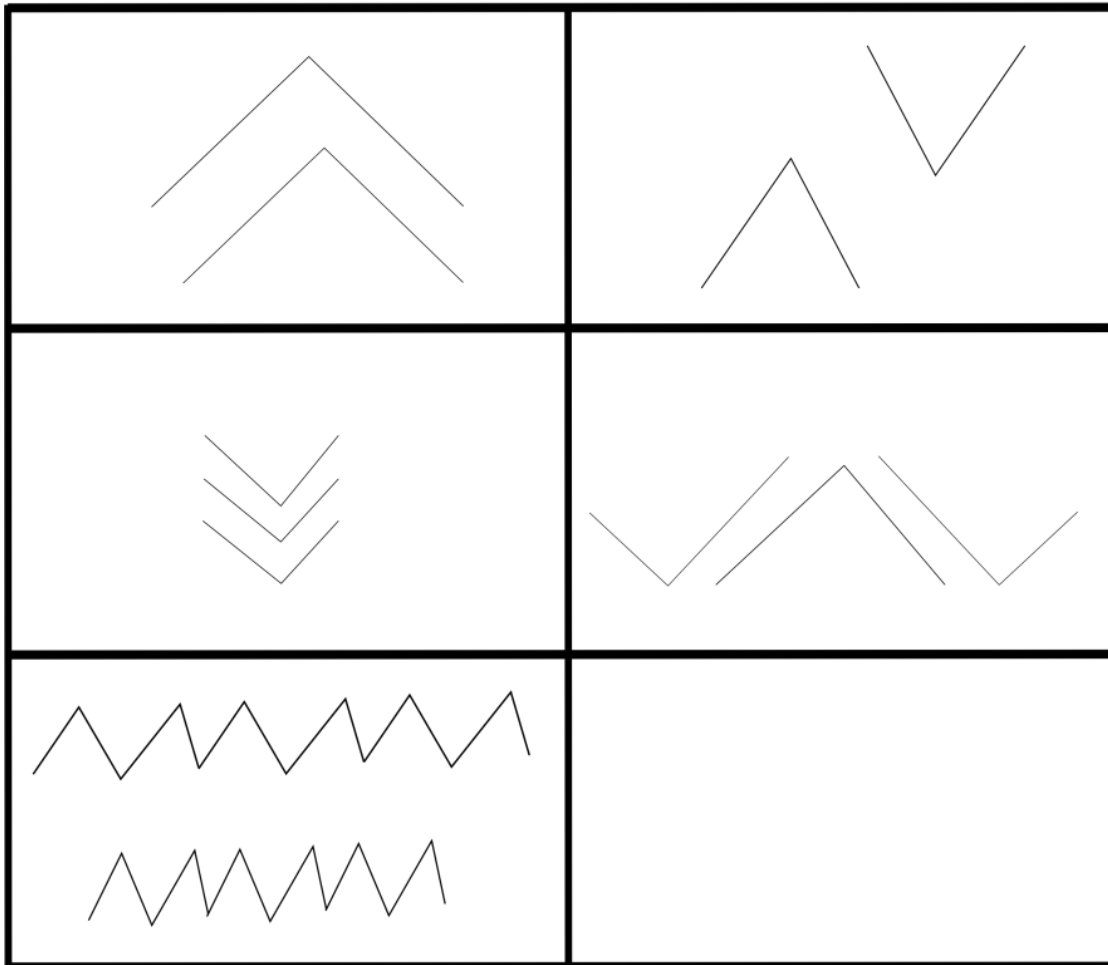
Motivos Pintados

Ver abaixo, figuras 1.58 a 1.59

12. **Delimitador**

- 1. Inciso largo
- 2. Inciso largo em pontas Múltiplas
- 3. Inciso Fino

Motivos Triangulares (1)



Motivos Estocados (2)

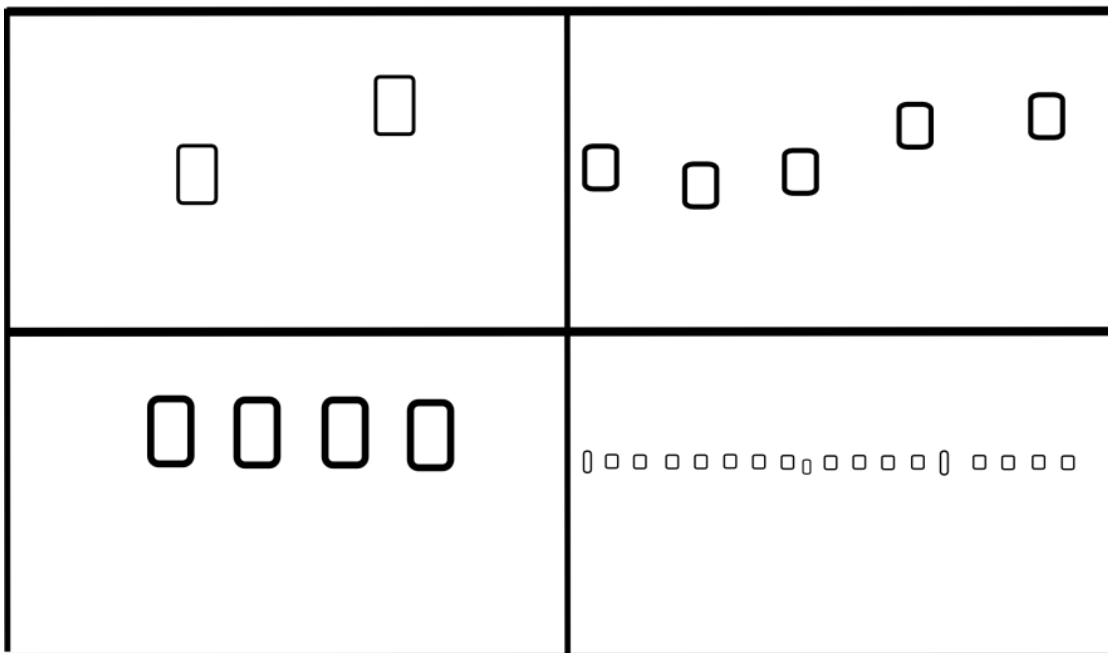


Figura 1.52 – Acima referência de motivos triangulares, abaixo referências de motivos em estocado.

Motivos | Curvilíneos (3)

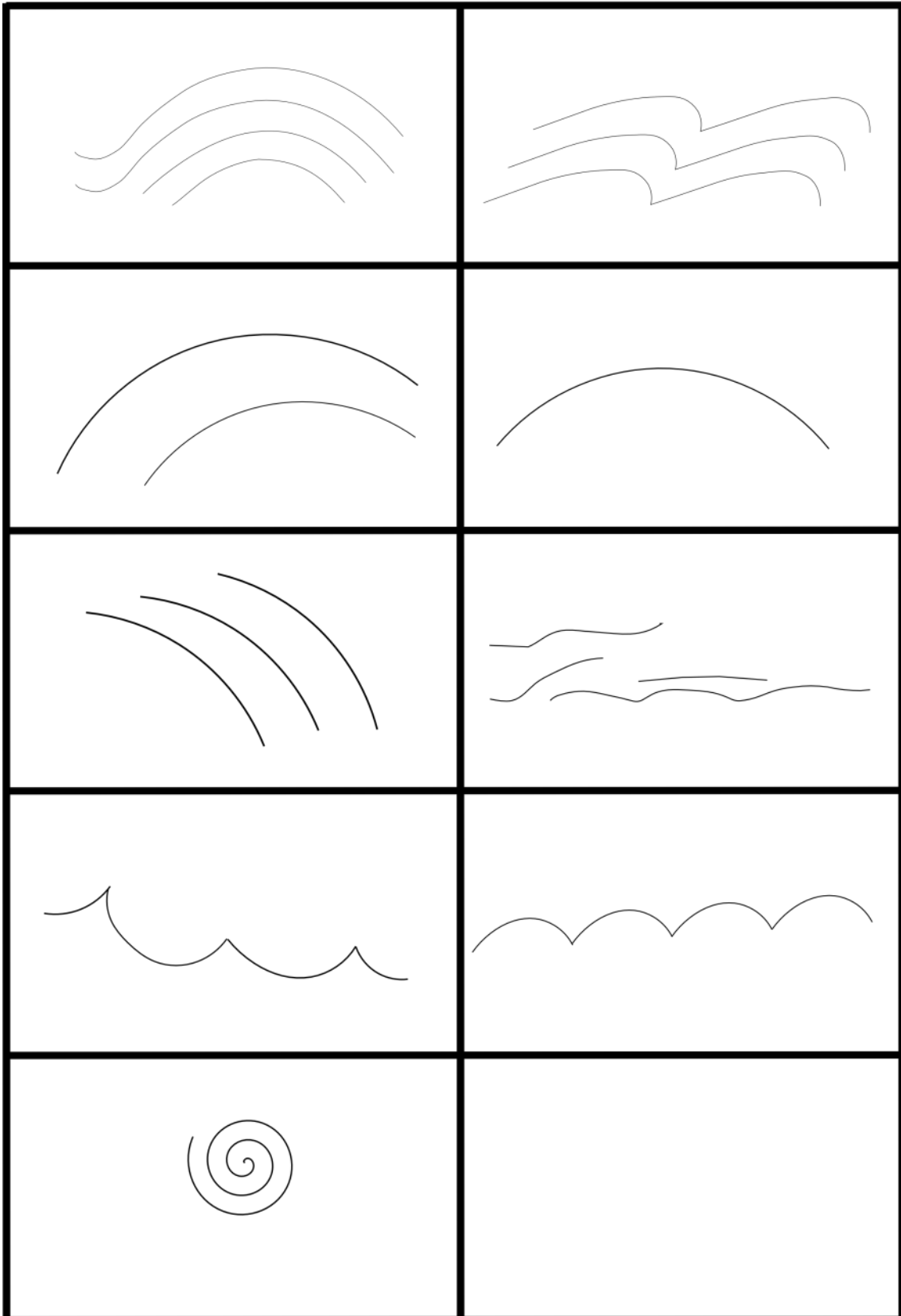


Figura 1.53 – Referência de motivos curvilíneos.

Motivos Lineares Simples (4)

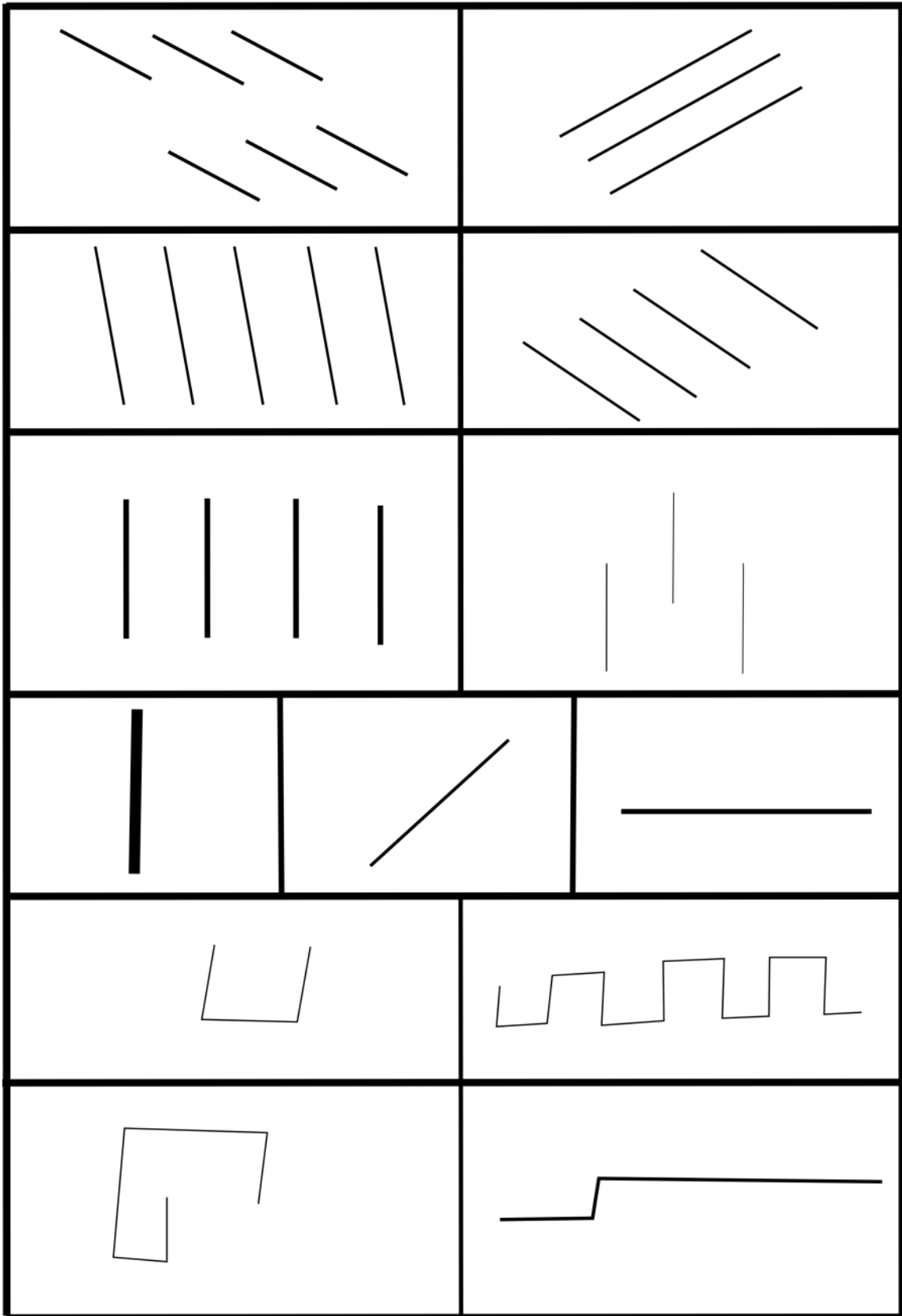


Figura 1.54 – Referência de motivos lineares simples.

Motivos Lineares Compostos (5)

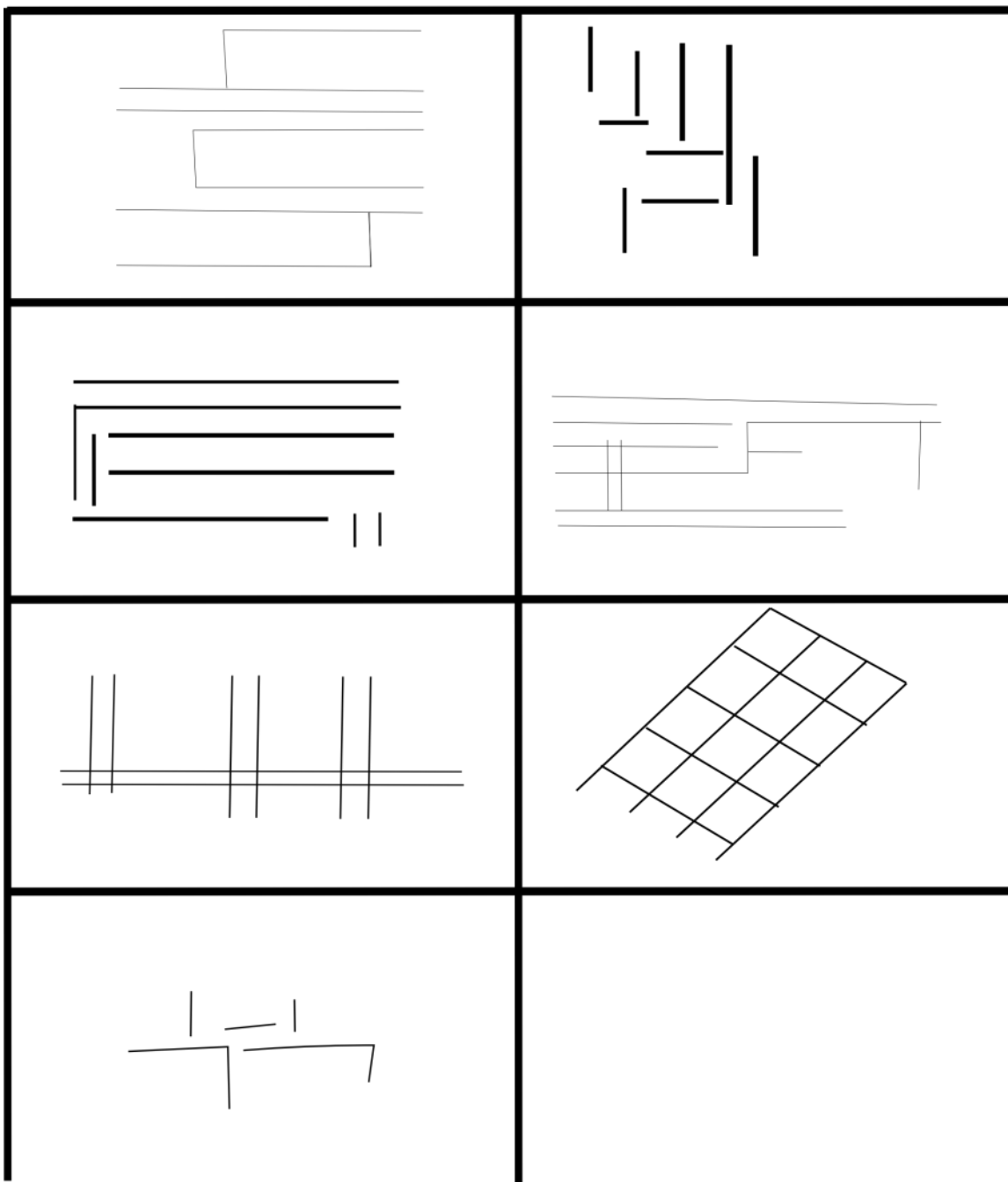
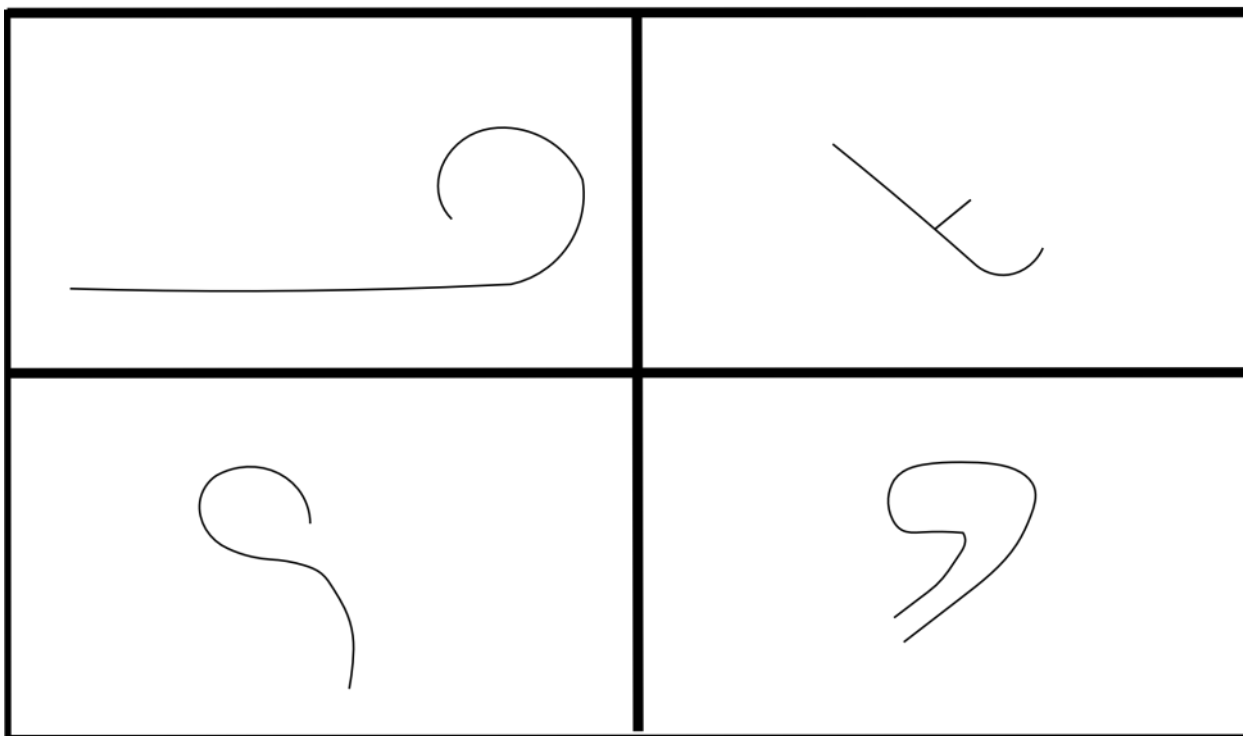


Figura 1.55 – Referência de motivos lineares complexos.

Motivos Outros (6)



Motivos Polícromos (7)



Outros Códigos

49 - Vestígal

50 - Polícromo Complexo

Figura 1.56 – Acima referência para motivos outros, abaixo referências de motivos polícromos.

Mapeamento Arqueológico do Lago Tefé

Formas Apliques




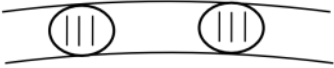
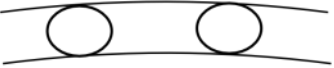


1 	2 
3 	4 
6 	7 
8  Zoomorfo	10 Indefinido

Figura 1.57 – Referência para formas de apliques.

Mapeamento Arqueológico do Lago Tefé
Motivos Pintados



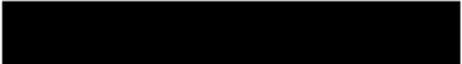

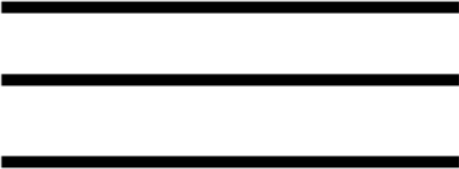

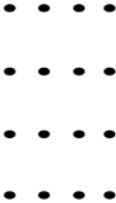


<p>Linha Fina 1</p> 	<p>Linha Média 2</p> 
<p>Linha Grossa 3</p> 	<p>Múltiplas linhas finas 4</p> 
<p>Múltiplas linhas médias 5</p> 	<p>Múltiplas linhas grossas 6</p> 
<p>Pontilhado 7</p> 	<p>8</p> 
<p>Retângulos 9</p> 	<p>Preenchido 10</p>

Figura 1.58 – Referência para motivos pintados.

Mapeamento Arqueológico do Lago Tefé
Motivos Pintados

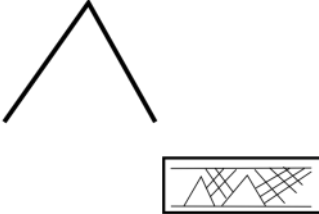

<p>Triângulo 11a</p>  <p>The diagram shows a simple triangle formed by two lines meeting at a top vertex. Below the triangle is a small rectangular inset containing a grid of intersecting lines.</p>	<p>Xadrez 11b</p>  <p>The diagram shows a cross-like pattern formed by three intersecting lines: one horizontal and two diagonal lines crossing each other and the horizontal line.</p>
<p>15</p> <p>Vestigial</p>	<p>50</p> <p>Policroma Complexo</p>

Figura 1.59 – Referência para motivos pintados.

Conjunto Vilas - Decoração Plástica

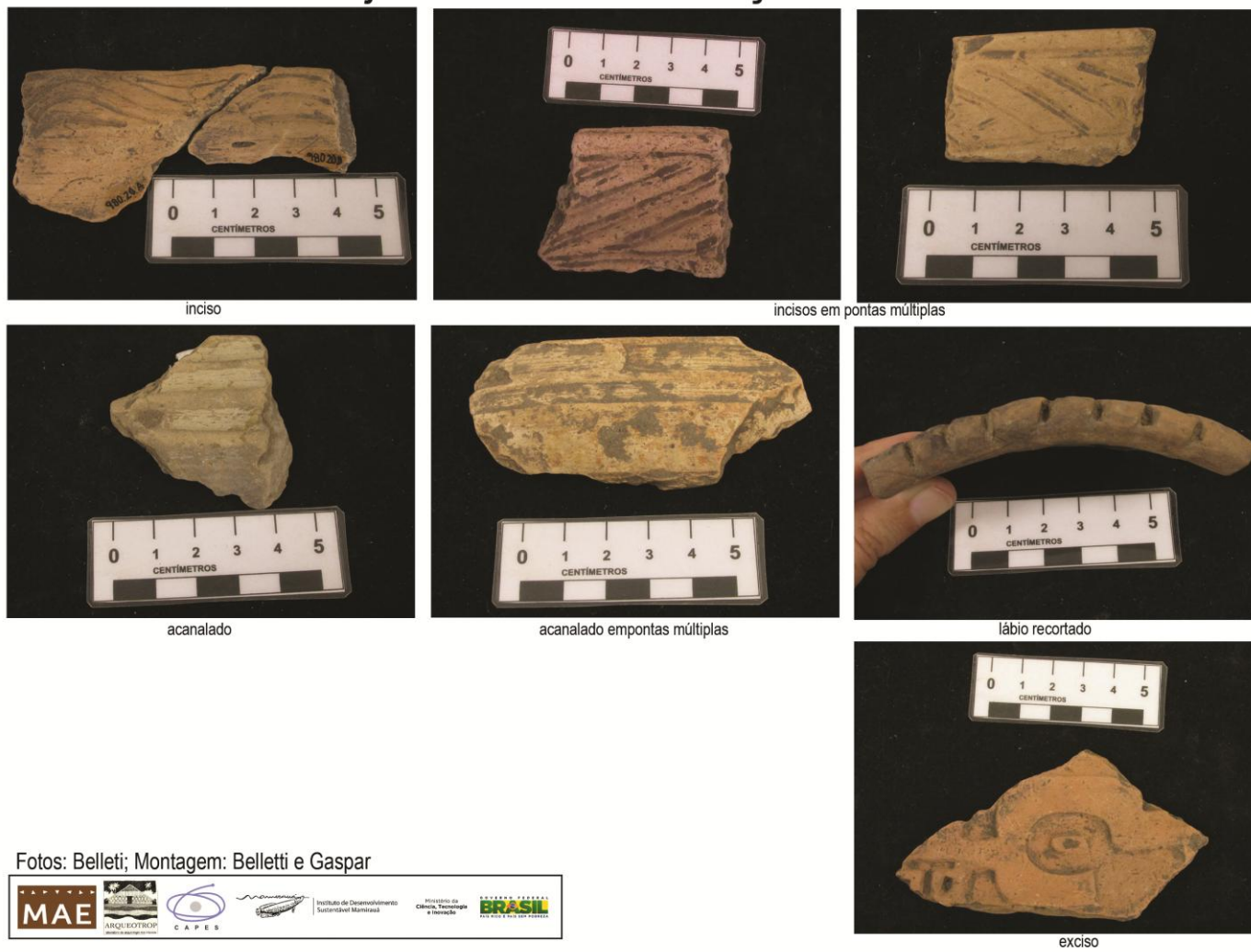


Figura 1.60 – Exemplos das técnicas plásticas.

Conjunto Vilas - Gregas



motivo em técnica incisa



motivo em técnica estocada



motivo em técnica acanalada

Fotos: Belletti e Gomes. Montagem: Belletti e Gaspar

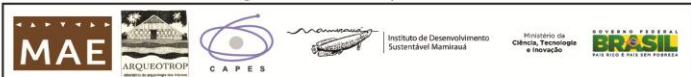


Figura 1.61 – Exemplo do motivo gregas (linear simples) em diferentes técnicas plásticas.

Conjunto Vilas - Pinturas e Engobo



engobo vermelho



engobo branco



pintura vestigial vermelha sobre engobo branco



pintura branca sobre engobo vermelho



pintura vermelha sobre engobo branco



pintura vinho, laranja e vermelho sobre engobo branco

Fotos: Belletti e Gomes. Montagem: Belletti e Gaspar



Figura 1.62 – Exemplos de pinturas e engobos.

- **Resultados**

Resultados da triagem das tradagens

Os materiais das tradagens foram triados e quantificados para pensarmos a distribuição de materiais no sítio. Ao todo, as tradagens proporcionaram 2.881 fragmentos, a maioria destes não apresentou decoração.

Os dados da triagem mostraram uma constante distribuição de material no sítio, onde as principais concentrações de material estão entre 0-80cm de profundidade. Em termos horizontais a principal concentração parece estar próximo a área central do sítio, contudo, como não podemos realizar intervenções em uma parte dessa área (provavelmente a mais densa, pelo que podemos observar indiretamente), nossas observações ficam limitadas.

Por ser um material muito fragmentado e com poucos elementos diagnósticos optamos por não analisar o material das tradagens.

Nem toda a área do sítio pode ser delimitada, dois moradores não permitiram a realização de perfurações em seus terrenos e, igualmente, no campo de futebol (frequentemente centro das atividades recreativas e sociais da comunidade) optamos não fazer tradagens para causar transtornos aos moradores. Mesmo assim, com o resultado da análise da distribuição dos materiais nas tradagens (Figuras 1.63 a 1.65) podemos esboçar que a forma do sítio hoje é ovalada, mas é preciso lembrar que parte da área desse já foi perdida com os constantes desmoronamentos do barranco.

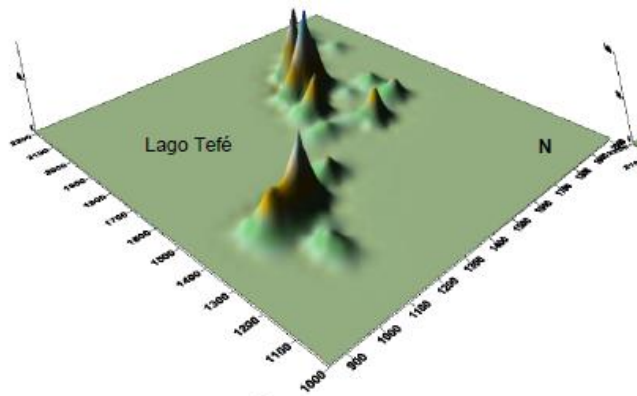


Figura 5 - Distribuição de material nas tradagens 0-20 cm

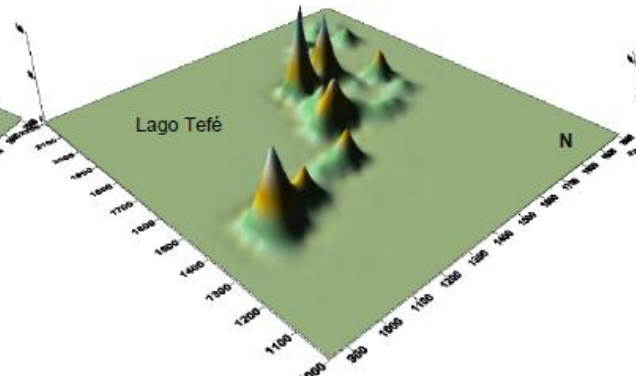


Figura 6 - Distribuição de material nas tradagens 20-40 cm

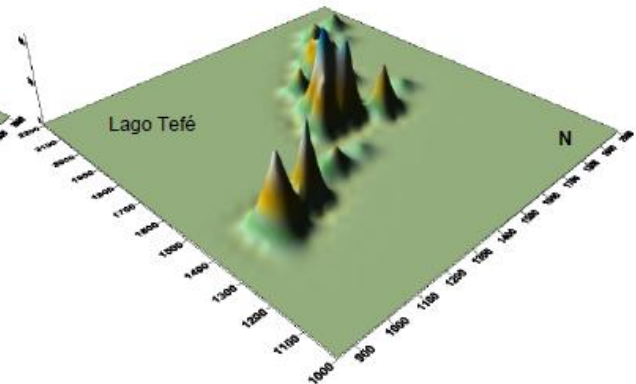


Figura 4 - Distribuição de material nas tradagens 60-80 cm

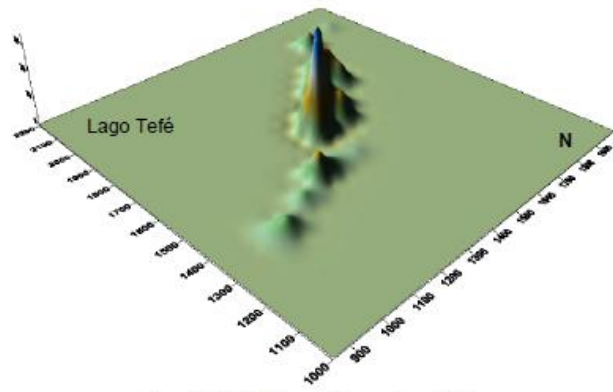


Figura 7 - Distribuição de material nas tradagens 80-100 cm

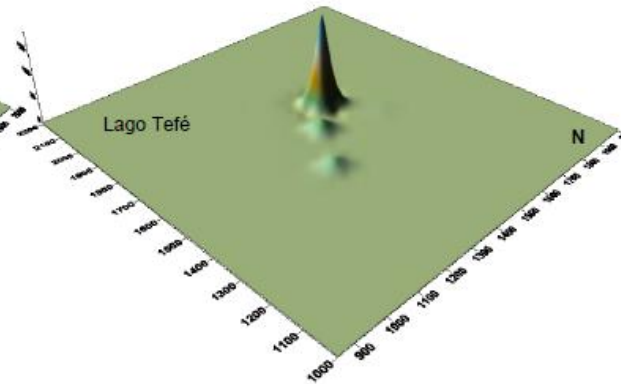


Figura 8 - Distribuição de material nas tradagens 80-100 cm

Figura 1.63 – Distribuição dos materiais encontrados na triagem por níveis no sítio.

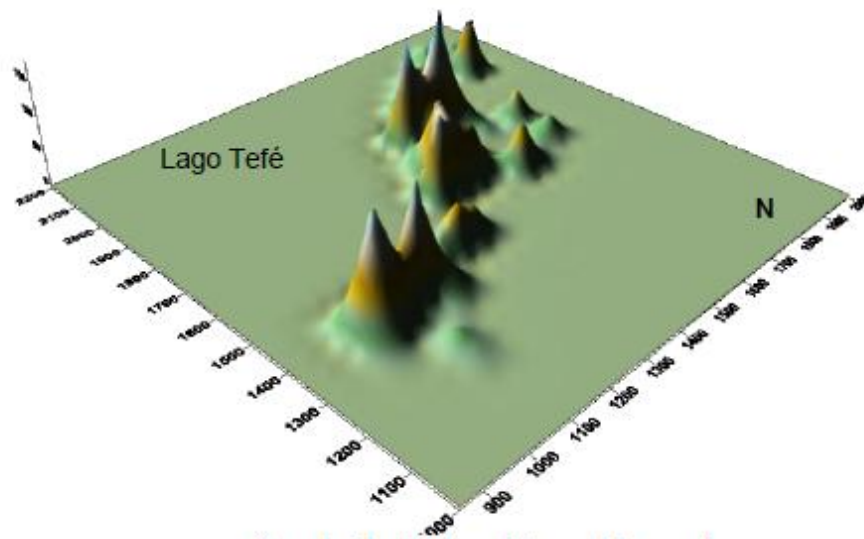


Figura 1.64 – Distribuição dos materiais encontrados na triagem, quantificação geral.

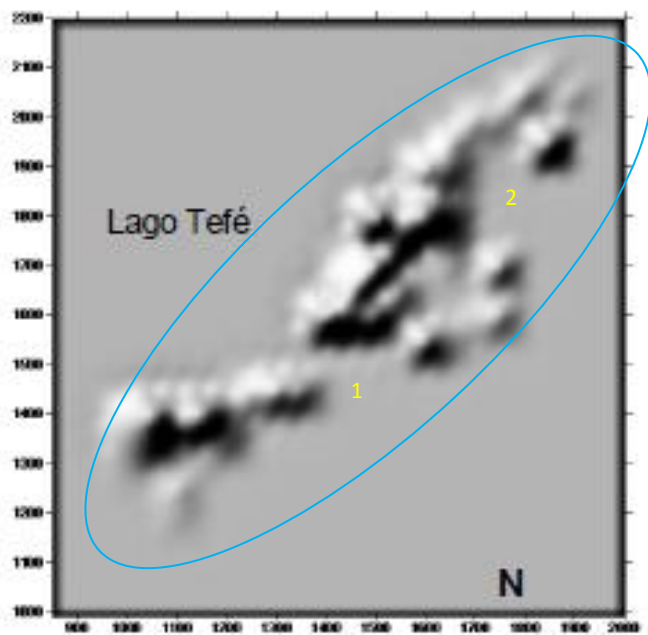


Figura 1.65 – Distribuição dos materiais encontrados na triagem, quantificação geral. Em azul forma estimada do sítio, o número 1 indica a área que não foi tratada por falta de autorização dos moradores e a 2 a área do campo de futebol.

Tabela 1. 1 – Resultado das triagem das tradagens

S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
Borda	88	1100
Base	46	1237
Parede	1260	5262
Trempe	525	2858
S/ Decoração	1919	10457
Decoração	Quant.	Peso (g)
Borda	132	1818
Base	30	1340
Parede	759	5528
Aplique	41	175
Decoração	962	8861
Total final	2881	19318

Resultados Triagem das unidades

Devido ao tempo selecionamos 4, das 5 unidades escavadas, para análise: unidades I (S1600E1548-S1600E1549), II (N1450E1651-N1450E1652), IV (N1068E1430) e V (N1368E1450). Como descrito anteriormente, a unidade III (S1410E1452-S1409E1452) apresentava um contexto perturbado e por esse motivo optamos preteri-la em relação as outras. Apesar de não analisarmos detalhadamente essa unidade descreveremos mais adiante os trabalhos realizados com o sepultamento encontrado nessa unidade².

Essas quatro unidades juntas ofereceram um total de 16.392(14.976 peças dos níveis e 1.416 peças das feições). Destes 3.351 (3.162 peças dos níveis + 189 peças das feições) são de fragmentos de trempe e 13.104 fragmentos de potes (11.814 fragmentos dos níveis + 1.227 fragmentos das feições) , além de peças líticas que discutiremos posteriormente.

² O material da Unidade III está sendo analisado por Kelly Brandão em um Projeto de Bolsa Institucional do IDSM.

Quadro 1.3 – Triagem dos níveis das unidades

N1450E1652	Decoração	Quant.	Peso (g)	N1450E1651	Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	205	4493		Borda	203	4982
	Base	47	2525		Base	34	1737
	Parede	1054	9086		Parede	875	8828
	Aplique	7	84		Aplique	7	126
	Tot. Dec	1313	16188		Tot. Dec	1119	15673
	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)		S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	80	2060		Borda	70	1179
	Base	75	2478		Base	70	2921
	Parede	1394	8856		Parede	1239	6574
Trempe	950	4890	Trempe	716	5486		
Tot. SD	2499	18284	Tot. SD	2095	16160		
Total final		3812	34472	Total final		3214	31833
N1068E1430	Decoração	Quant.	Peso (g)	N1368E1450	Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	311	1070		Borda	47	886
	Base	26	744		Base	9	1358
	Parede	2166	9268		Parede	227	1208
	Aplique	21	252		Aplique	3	54
	Tot. Dec	2524	11334		Tot. Dec	286	3506
	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)		S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	125	4006		Borda	23	270
	Base	41	1168		Base	10	512
	Parede	2614	9224		Parede	233	1388
Trempe	1187	5520	Trempe	245	772		
Tot. SD	3967	19918	Tot. SD	511	2942		
Total final		6491	31252	Total final		797	6448
S1600E1548	Decoração	Quant.	Peso (g)	S1600E1549	Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	5	62		Borda	9	178
	Base	0	0		Base	2	82
	Parede	37	254		Parede	61	385
	Aplique	1	42		Aplique	5	410
	Tot. Dec	43	358		Tot. Dec	77	1055
	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)		S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	8	66		Borda	12	142
	Base	4	78		Base	6	614
	Parede	96	772		Parede	241	1057
Trempe	64	321	Trempe	111	644		
Tot. SD	172	1237	Tot. SD	370	2457		
Total final		215	1595	Total final		447	3512

Os dados da triagem indicam que os materiais não decorados predominam sobre os decorados, cerca de 60% de não decorados para 40% de decorados. Esse percentual se acentua nas unidades fora da TPI onde o percentual chega a 80% de não decorados para 20% de decorados, essa diferença parece estar correlacionada com a menor preservação das decorações fora da TPI.

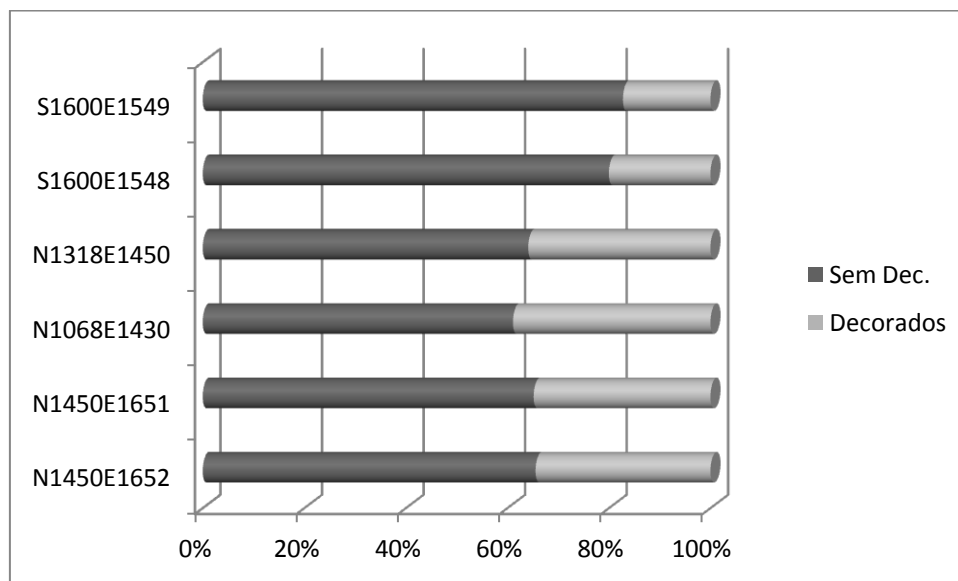


Gráfico 1.1 – Ocorrência de materiais decorados e não decorados entre as quadras.

Outro dado percebido na triagem é a diferente concentração de material por área do sítio. Como esperado, as unidades fora de terra preta apresentaram quantidade muito inferior de material em relação as unidades na TPI. A unidade com solo mais escuro, apresentou mais material que as unidades sem terra preta mesmo não tendo feições.

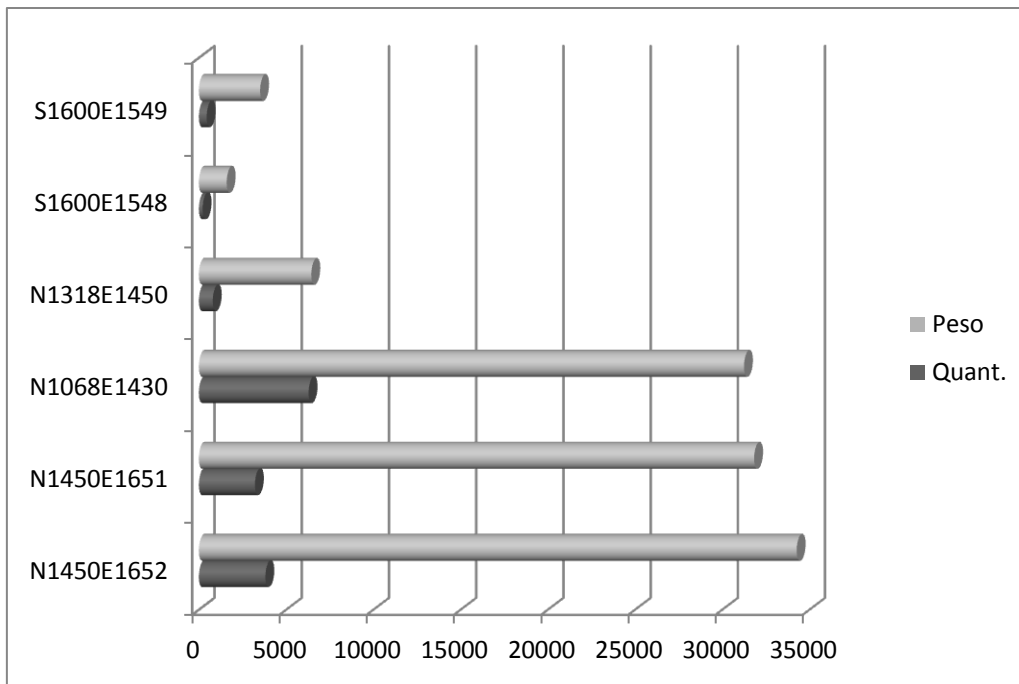


Gráfico 1.2 – Ocorrência de materiais entre as quadras, relação entre peso e quantidade.

Entre as unidades com TPI, a unidade IV (N1068E1430) apresentou quantitativamente (6491 fragmentos) quase a mesma quantidade de material que as da unidade II (N1450E1651 e N1450E1652) juntas (7026 fragmentos). Contudo, apresentou peso aproximado ao das unidades individualmente (N1068E1430=31,252Kg; N1450E1651=31,833Kg e N1450E1652= 34,272Kg). Isso indica um maior índice de fragmentação das peças nessa unidade IV. Entretanto, como nas demais, o índice de remontagem foi pouco significativo. É necessário ressaltar que a quadra N1068E1430 foi a mais profunda do sítio em termos de camadas contínuas, apresentando materiais até 110cm.

Entre as unidades de 2x1m² podemos notar diferenças quantitativas entre as quadras. Entre as quadras S1600E1548-S1600E1549 (fora da terra preta) a quadrícula S1600E1549 apresentou quase o dobro de material que a S1600E1548 tanto em quantidade como em peso. Essa diferença está associada à presença de uma grande feição na S1600E1549 (F2). Já entre as quadras N1450E1651 e N1450E1652, encontramos na última quantidade um pouco maior que na segunda, mesmo ao final da escavação a unidade N1450E1651 ter apresentado feições maiores e uma camada enterrada.

Resultados de triagem feições

Decidimos discutir os dados das triagens das feições, assim como os das análises, separadamente, procurando, nesses contextos, especificidades que nos dessem indicativos sobre o processo de formação do sítio.

Quadro 1.4 – Triagem das feições

N1450E1651	Decoração	Quant.	Peso (g)	N1450E1651	Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	29	597		Borda	4	22
	Base	2	61		Base	0	0
	Parede	146	1207		Parede	34	159
	Aplicado	5	41		Aplicado	0	0
Tot. Dec		182	1906	Tot. Dec		38	181
F5	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)	F6	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	7	156		Borda	2	15
	Base	15	547		Base	3	73
	Parede	171	1389		Parede	47	238
	Trempe	42	919		Trempe	20	181
Tot. SD		235	3011	Tot. SD		72	507
Total final		417	4917	Total final		110	688
N1450E1652	Decoração	Quant.	Peso (g)	N1450E1651	Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	1	6		Borda	11	203
	Base	0	0		Base	1	40
	Parede	17	128		Parede	45	580
	Aplicado	3	30		Aplicado	1	1
Tot. Dec		21	164	Tot. Dec		58	824
F7	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)	F5-F6	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	3	65		Borda	4	68
	Base	2	57		Base	14	558
	Parede	37	149		Parede	81	627
	Trempe	16	228		Trempe	48	403
Tot. SD		58	499	Tot. SD		147	1656
Total final		79	663	Total final		205	2480
N1450E1651 N1450E1652	Decoração	Quant.	Peso (g)	S1068E1430	Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	1	69		Borda	3	28
	Base	0	0		Base	0	0
	Parede	11	29		Parede	18	104
	Aplicado	0	0		Aplicado	0	0
Tot. Dec		12	98	Tot. Dec		21	132
F6-F7	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)	F11	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	0	0		Borda	1	1
	Base	3	46		Base	0	0
	Parede	22	98		Parede	23	67
	Trempe	2	8,5		Trempe	6	24
Tot. SD		27	152,5	Tot. SD		30	92
Total final		39	250,5	Total final		51	224

Unidade	Decoração	Quant.	Peso (g)
S1068E1430	Borda	1	26
	Base	0	0
	Parede	4	45
	Aplique	0	0
	Tot. Dec	5	71
F12	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	1	21
	Base	0	0
	Parede	1	6
	Trempe	0	0
	Tot. SD	2	27
Total final		7	98

Unidade	Decoração	Quant.	Peso (g)
S1068E1430	Borda	9	166
	Base	0	0
	Parede	70	499
	Aplique	1	6
	Tot. Dec	80	671
F13	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	4	8
	Base	5	65
	Parede	64	264
	Trempe	30	223
	Tot. SD	103	560
Total final		183	1231

Unidade	Decoração	Quant.	Peso (g)
S1068E1430	Borda	8	28
	Base	0	0
	Parede	152	664
	Aplique	2	10
	Tot. Dec	162	702
F14	S/ Decoração	Quant.	Peso (g)
	Borda	7	18
	Base	1	9
	Parede	130	474
	Trempe	25	100
	Tot. SD	163	601
Total final		325	1303

Como descrito no item anterior, as feições das unidades II e IV foram escavadas em níveis artificiais de 10cm e todos seus volumes foram coletados e submetidos à flotação para coleta de macro vestígios arqueobotânicos, sendo apenas posteriormente submetido à análise cerâmica. Mais ao fim do capítulo apresentaremos alguns dos resultados alcançados pelas análises arqueobotânicas da Dra. Myrtle Shock.

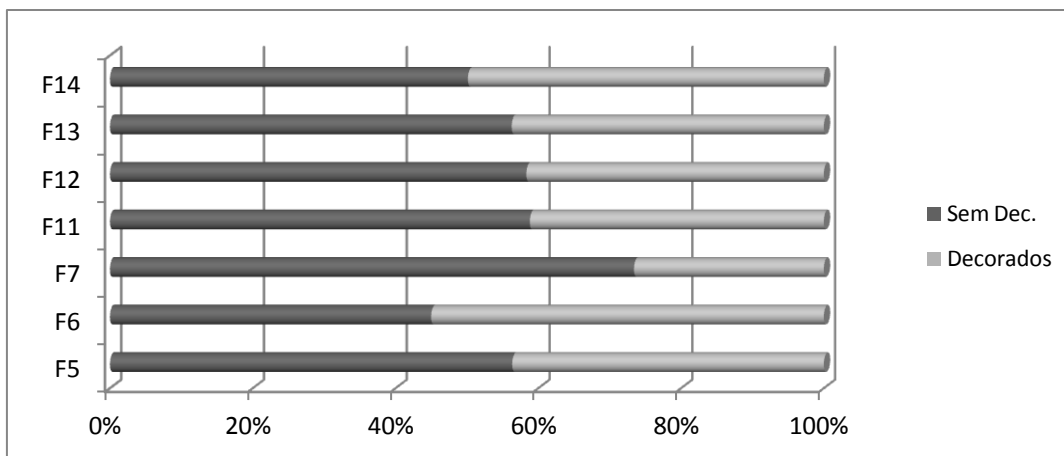


Gráfico 1.3 – Ocorrência de materiais entre as Feições, ocorrência de decorados e não decorados.

Como nos níveis das unidades, predomina o material sem decoração sobre o decorado. Esse predomínio foi mais acentuando na feição 7, e menos significativo nas feições 6 e 14.

Quanto a maior ocorrência de material em algumas feições, este dado está relacionado também ao volume de sedimento amostrado entre essas. Mais adiante discutiremos mais detalhadamente os dados das feições como um todo e retomaremos algumas discussões.

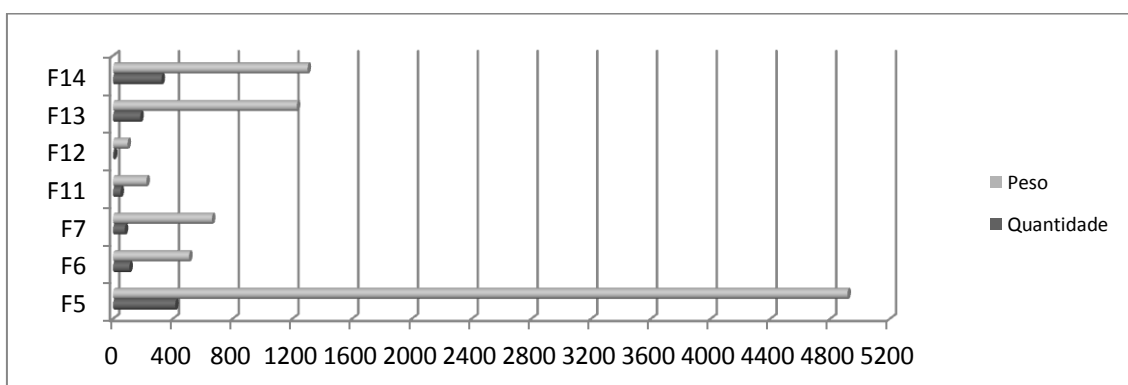


Gráfico 1.4 – Ocorrência de materiais entre as quadras, relação entre peso e quantidade.

Resultados das análises dos materiais das unidades

Analisamos 1057³ bordas (990 dos níveis das unidades e 67 das feições, das 1096 bordas dos níveis e 96 das feições, totalizando 89% do total

³ Algumas bordas não foram analisadas por serem menores que 2cm.

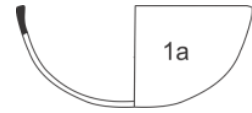
de bordas). Quanto às bases foram analisadas 332 (292 e 43, o que representa 92%).

Como postulado na discussão de método de análise, procuramos observar os atributos de forma relacional e não isolada, desta forma não apresentaremos gráficos sobre quantidade de caraipé e cauíxí, sobre presença de bordas decoradas ou não decoradas, nós discutiremos aqui morfologias, pastas, tratamentos de superfície, técnicas e motivos decorativos.

Identificamos 21 morfologias para o sítio Conjunto Vilas, 55 variações de pastas (apresentados nos quadros abaixo) e 36 motivos plásticos (sintetizados em 7 conjuntos, figuras 1.52 a 1.56), 11 motivos pintados e (figuras 1.58 a 1.59) , ao menos, 8 variedades de apliques (figura 1.57). Esses dados nos permitiram evidenciar que como proposto por Hilbert há no sítio Conjunto Vilas materiais das Fases Caiambé e Tefé, contudo encontramos ainda alguns materiais da Tradição Pocó-Açutuba e peças que apresentavam fluos de tecnologias entre elementos Caiambé e Tefé.

- Descrição de morfologias sítio Conjunto Vilas

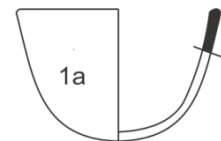
1. Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única circular (1a) com sessão horizontal também circular. A forma varia entre reta e o expandida, já os lábios ocorrem arredondados, planos, afilados e biselados, . Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é aproximadamente a metade do valor do diâmetro (raio). Essa forma varia muito de tamanho por isso seu volume vai de menos de 100 ml a 37litros.



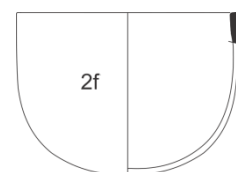
2. Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única circular (1a) com sessão horizontal também circular. A inclinação da borda é direta e a forma varia reta ou expandida. Entre os lábios encontramos arredondados, planos, afilados e biselados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a diâmetro é cerca 3 a 4 vezes o valor da altura. O volume vai de 490ml a 14litros.



3. Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única circular (1a) com sessão horizontal também circular. A inclinação da borda é direta e a forma da borda é reta. Os lábios variam entre arredondado e plano. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é maior que o raio, atingindo cerca de 60 a 80% do valor do diâmetro. O volume vai de 450ml a 28l.



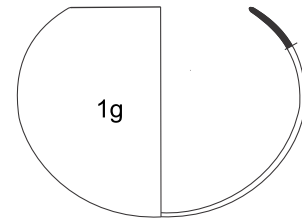
4. Forma direta de contorno simples e sessão única trapezoidal (2f) com sessão horizontal circular. A forma da borda varia entre reta e expandida, já os lábios ocorrem planos e arredondados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas o diâmetro central é igual ao diâmetro de boca, já o valor da altura é 20 a 30% valor do diâmetro. Seu volume vai de 1l a 10l.



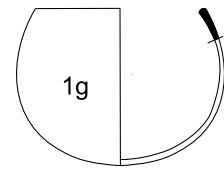
5. Forma direta de contorno simples e sessão única trapezoidal (2b) com sessão horizontal circular. A forma da borda é reta, e os lábios arredondados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas o diâmetro central é igual ao diâmetro de boca, já o valor da altura é 20 a 30% valor do diâmetro. O volume varia de 15 a 17l.



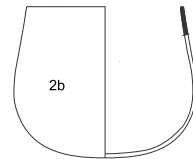
6. Forma restritiva de contorno simples e sessão única circular (1g) com sessão horizontal também circular. A forma da borda é predominantemente reta e a forma de lábio mais recorrente é o arredondado. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é maior que o diâmetro de boca entre 15% e 25%. O maior diâmetro é o central que é maior que o diâmetro de boca cerca de 35% a 45%. Seu volume vai de 600ml a 2l.



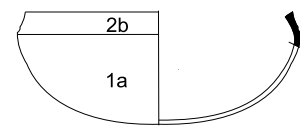
7. Forma restritiva de contorno simples e sessão única circular (1g) com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia entre reta, expandida e reforçada interna, os lábios são preponderantemente arredondados ou planos. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura tem aproximadamente o valor do diâmetro de boca. O maior diâmetro é o central, que é maior que o diâmetro de boca entre 10% a 20%. O volume vai de 600ml a 9litros



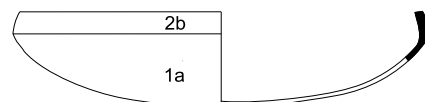
8. Forma restritiva de contorno simples e sessão única trapezoidal (2b invertido) com sessão horizontal também circular. A forma da borda é predominantemente reta, mas ocorre pontualmente expandida. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura tem aproximadamente o mesmo valor do diâmetro de boca. O maior diâmetro é o central, que é maior que o diâmetro de boca entre 10% a 20%. Seu volume vai de 500ml a 7l .



9. Forma restritiva de contorno composto angular, sessão superior trapezoidal (2b invertido) e sessão inferior circular (1a), com sessão horizontal também circular. A forma da borda é reta e o lábio plano. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é cerca de 10% a 20% menor que o diâmetro de boca. O maior diâmetro é o do ponto angular, que é maior que o diâmetro de boca entre 5% a 15%. Seu volume está por volta dos 11 a 12l.

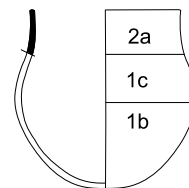


10. Forma restritiva de contorno composto angular, sessão superior trapezoidal (2b invertido) e sessão inferior circular (1a), com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia é expandida. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é cerca de 4 a 5 menor que o diâmetro de boca.

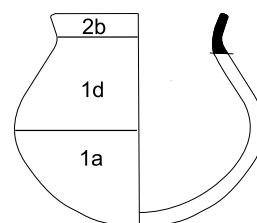


O maior diâmetro é o do ponto angular, que é maior que o diâmetro de boca entre 5% a 15%. Seu volume está por volta dos 13l.

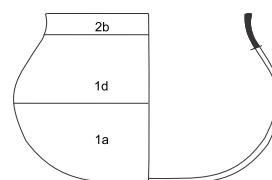
11. Forma restritiva de contorno composto infletido, sessão superior trapezoidal (2a), sessão central circular (1c invertido), sessão inferior circular (1b), com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia reta ou expandida, ocorrendo lábio planos, arredondados e afilados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é cerca de 10% a 20% maior que o diâmetro de boca. O maior diâmetro é o central, que é maior que o diâmetro de boca entre 10% a 20%. Seu volume vai de 500ml a 3,5l.



12. Forma restritiva de contorno composto infletido, sessão superior trapezoidal (2b), sessão central circular (1d invertido), sessão inferior circular (1a), com sessão horizontal também circular. A forma da borda é reta e o lábio arredondado. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é cerca de 20% a 30% maior que o diâmetro de boca. O maior diâmetro é o central, que é maior que o diâmetro de boca entre 20% a 30%. Seu volume está por volta de 5 a 6l



13. Forma restritiva de contorno composto infletido, sessão superior trapezoidal (2b), sessão central circular (1d invertido), sessão inferior circular (1a), com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia entre reta ou expandida, os lábios são predominantemente planos, mas podem ocorrer arredondados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é cerca de 5% a 15% menor que o diâmetro de boca. O maior diâmetro é o central, que é maior que o diâmetro de boca entre 25% a 35%. O volume vai de 500 ml a 60l.



14. Forma direta de contorno simples e sessão única trapezoidal (1a) com sessão horizontal circular. A forma da borda é sempre flange labial. Entre os lábios predomina o plano ocorrendo pontualmente arredondado. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas o diâmetro de boca é cerca de 4 a 5 vezes o valor da altura. Essa forma varia muito de tamanho por isso seu volume vai de 200ml a 2l.

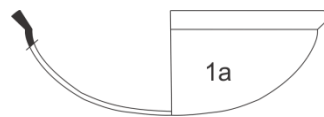


15. Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única circular (1a) com sessão horizontal circular. A forma da borda é a flange labial, entre os lábios

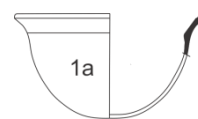


ocorre o plano e o arredondado. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas o diâmetro de boca é cerca de 2 o valor da altura. Essa forma varia muito de tamanho por isso seu volume vai de 500ml a 3l.

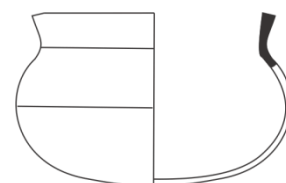
16. Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única circular (1a) com sessão horizontal circular. A forma da borda varia entre a reforçada externa ou flange labial. Entre os lábios predomina o plano e pontualmente ocorre o arredondado. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas o diâmetro de boca é cerca de 3 vezes o valor da altura. Essa forma varia muito de tamanho por isso seu volume vai de 4 a 7l.



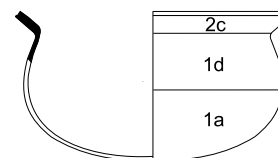
17. Forma irrestritiva de contorno simples e sessão única circular (1a) com sessão horizontal também circular. A forma da borda predominante é a flange labial, os lábios planos predominam ocorrendo arredondados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é menor que o diâmetro de boca, sendo 20 a 30% menor que este. Essa forma varia muito de tamanho por isso seu volume vai de 0,8 a 2l.



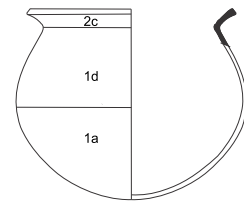
18. Forma restritiva de contorno composto angular sessão superior trapezoidal (2b), sessão central circular (1d invertido), sessão inferior circular (1a) com sessão horizontal também circular. A forma borda é flange labial, ocorrendo lábios planos. Os lábios são majoritariamente planos ocorrendo pontualmente arredondados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é menor que o diâmetro de boca, sendo 20 a 30% menor que este. Essa forma varia muito de tamanho por isso seu volume vai de 1,5 a 7l.



20. Forma restritiva de contorno composto angular, sessão superior trapezoidal (2c), sessão central circular (1d invertido), sessão inferior circular (1a), com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia é a flange labial e os lábios majoritariamente planos, ocorrendo também arredondados. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é cerca de 35% a 50% menor que o diâmetro de boca. O maior diâmetro é o central, que é maior que o diâmetro de boca entre 5% a 15%. O volume vai de 1,5 a 7l.



21. Forma restritiva de contorno composto angular, sessão superior trapezoidal (2c), sessão central circular (1d invertido), sessão inferior circular (1a), com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia é a flange labial e os lábios majoritariamente planos, ocorrendo também arredondados.. Não encontramos fragmentos que nos permitissem afirmar a forma da base. Quanto às relações métricas a altura é cerca de 5% a 150% maior que o diâmetro de boca. O maior diâmetro é o central, que é maior que o diâmetro de boca entre 20% a 30%. Essa forma varia muito de tamanho por isso seu volume vai de 1,5 a 20l.



- **Pastas do Conjunto Vila**

Pasta 1: Caraipé em alta concentração (20% e 30%), Ocorrência pontual de mineral, argila vermelha ou argila branca (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 1, coloração cinza claro. Espessura entre 0,4 e 0,8cm.

Pasta 2: Caraipé em alta concentração (20% e 30%) Ocorrência pontual de mineral, argila vermelha ou argila branca (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 1, tons de marrom a vermelho. Espessura entre 0,4 e 1,1cm.

Pasta 3: Caraipé em alta concentração (20% e 30%) Ocorrência pontual de mineral ou argila vermelha (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 3, coloração cinza claro. Espessura entre 0,4 e 0,9cm.

Pasta 4: Caraipé em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral ou argila vermelha (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 3, coloração em tons de marrom a vermelho. Espessura entre 0,7 e 1,3cm.

Pasta 5: Caraipé em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral ou argila vermelha (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 2, coloração cinza claro. Espessura entre 0,2 e 1,4cm.

Pasta 6: Caraipé em alta concentração (20% e 30%). Queima 2, coloração em tons de marrom a vermelho. Espessura entre 0,6 e 1cm.

Pasta 7: Caraipé em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 4, coloração em tons de marrom a vermelho. Espessura entre 0,5 e 0,8cm.

Pasta 8: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 1, coloração em tons de vermelho. Predomina espessura entre 0,5 e 1,2cm, ocorrendo, em percentual menor, peças entre 1,3 e 1,6 e em poucos casos peças entre 2,1 e 2,5 .

Pasta 9: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha em concentração média e baixa (entre 10% e 5%). Queima 1, coloração em tons de marrom; Predomina espessura entre 0,4 e 1,2cm (75% da pasta), ocorrendo, em percentual menor, peças entre 1,3 e 2 (20% pasta) também em poucos casos peças entre 2,1 e 2,8 (5% pasta).

Pasta 10: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de argila branca e vermelha (mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 1, coloração em tons cinza escuro; Predomina espessura entre 0,4 e 0,8cm (75% da pasta), mas há, em poucos casos, peças entre 0,9 e 1,4 (25% pasta).

Pasta 11: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha, mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 3, coloração em tons marrom; Predominam espessura entre 0,4 e 0,8cm (37% da pasta), mas há em poucos casos, peças entre 0,9 e 1,2 (45% pasta), mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,7 (11%) e poucos entre 2 e 2,7 (4%).

Pasta 12: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha, mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 3, coloração em tons de vermelho; Espessuras entre 0,4 e 0,8cm (38% da pasta) e 0,9 e 1,2 (41%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,6 (13% pasta), e poucos entre 1,7 e 2,6 (7%).

Pasta 13: Cauixí em alta concentração (20% e 30%) Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha, mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 3, coloração em tons de cinza claro e escuro. Espessuras entre 0,4 e 0,8cm (50% da pasta) e 0,9 e 1,2 (38%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,5 e 1,9 (12%).

Pasta 14: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha, mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 2, coloração em tons de cinza claro e escuro. Espessuras entre 0,4 e 0,8cm (50% da pasta) e 0,9 e 1,2 (38%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,5 e 1,9 (12% pasta). X

Pasta 15: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 2, coloração em tons de marrom. Espessuras entre 0,4 e 0,8cm (43%) e 0,9 e 1,2 (43%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,4 e 2,1 (14% pasta).

Pasta 16: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha, mas em concentração média baixa a baixa (10 a 5%). Queima 2, coloração em tons de vermelho. Espessuras entre 0,4 e 0,8cm (25%) e 0,9 e 1,2 (50%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,4 e 2,1 (25% pasta).

Pasta 17: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, argila branca e vermelha, mas em concentração baixa (5%). Queima 4, coloração em tons de cinza. Espessuras entre 0,5 e 0,8cm (65%) e 0,9 e 1,2 (17%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,5 e 1,9 (17% pasta).

Pasta 18: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral e argila branca, mas em concentração baixa (5%). Queima 4, coloração em tons de vermelho. Espessuras entre 0,6 e 0,8cm (65%) e 0,9 e 1,2 (35%) predominam.

Pasta 19: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral e argila vermelha, mas em concentração média baixa a baixa (10 a 5%). Queima 4, coloração em tons de marrom. Espessuras entre 0,6 e 0,8cm (35%) e 0,9 e 1,2 (35%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,6 (30% pasta).

Pasta 20: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, mas em concentração baixa (5%). Queima 5, coloração em tons de cinza. Espessuras entre 0,9 e 1,2 (37%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,6 (63% pasta).

Pasta 21: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de mineral, mas em concentração baixa (5%). Queima 5, coloração em tons de vermelho. Espessuras entre 0,6 e 0,8 (34%); 0,9 e 1,2 (66%) predominam.

Pasta 22: Cauixí em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual argila vermelha e branca, mas em concentração baixa (5%). Queima 5, coloração em tons de marrom. Espessuras entre 0,6 e 0,8 (14%); 0,9 e 1,2 (71%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,6 (10%) e poucos entre 2,2 e 2,4 (5%).

Pasta 23: Caco moído em alta concentração (20% e 30%). Queima 1, coloração em tons de vermelho. Espessuras entre 1,3 e 1,6 (100%).

Pasta 24: Caco moído em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual mineral, mas em concentração baixa (5%). Queima 2, coloração em tons de marrom. Espessuras entre 0,9 e 1,2 (50%) e 1,3 e 1,6 (50%).

Pasta 25: Caco moído em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual mineral, mas em concentração baixa (5%). Queima 3, coloração em tons de marrom. Espessuras entre 0,9 e 1,2 (50%) e 1,3 e 1,6 (50%).

Pasta 26: Argila vermelha em alta concentração (20% e 30%). Ocorrência pontual de argila branca, mas em concentração baixa (5%). Queima 3, coloração em tons de marrom. Espessuras entre 0,5 e 0,8 (100%).

Pasta 27: Caraipé em média concentração (15% e 10%). Queima 1, coloração cinza escuro. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (100%).

Pasta 28: Caraipé em média concentração (15% e 10%). Queima 1, coloração em tons de vermelho. Espessura 0,9 e 1,2 (100%).

Pasta 29: Caraipé em média concentração (15% e 10%). Queima 1, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (100%).

Pasta 30: Caraipé em média concentração (15% e 10%). Queima 2, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (100%).

Pasta 31: Caraipé em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual argila branca e mineral, mas em concentração baixa (5%). Queima 3, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (57%) e entre 0,9 e 1,2 (43%).

Pasta 32: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de mineral, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 1, coloração em tons de cinza; Espessura entre 0,4 e 0,8cm (20%) e entre 0,9 e 1,2 (80%).

Pasta 33: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Queima 1, coloração em tons de vermelho. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (50%) e entre 0,9 e 1,2 (50%).

Pasta 34: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de argila vermelha, argila vermelha, argila branca, mineral e carvão, mas em concentração baixa (5%). Queima 1, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (19%), entre 0,9 e 1,2 (63%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,6 (5%) e entre 1,7 e 2,0 (13%).

Pasta 35: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de mineral, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 2, coloração em tons de cinza. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (66%) e entre 0,9 e 1,2 (34%).

Pasta 36: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de mineral e argila vermelha, mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 2, coloração em tons de vermelho. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (100%).

Pasta 37: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de mineral e argila vermelha, mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 2, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,9 e 1,2 (70%), entre 1,3 e 1,6 (30%).

Pasta 38: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Queima 3, coloração em tons de cinza. Espessura entre 0,6 e 0,8 (100%).

Pasta 39: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de mineral, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 3, coloração em tons de vermelho. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (38%) e 0,9 e 1,2 (50%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,6 (12%).

Pasta 40: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de mineral e argila vermelha, mas em concentração muito baixa de no máximo (5%). Queima 3, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (23%) e 0,9 e 1,2 (77%).

Pasta 41: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Queima 4, coloração em tons de cinza. Espessura entre 0,9 e 1,2 (100%).

Pasta 42: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Queima 4, coloração em tons de vermelho. Espessura entre 0,9 e 1,2 (100%).

Pasta 43: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de argila branca e carvão, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 4, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,9 e 1,2 (33%) e 1,3 a 1,6 (66%).

Pasta 44: Cauixí em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de argila branca e mineral, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 5, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (12%); 0,9 e 1,2 (76%) predominam, mas há, em menor quantidade, entre 1,3 e 1,6 (12%).

Pasta 45: Argila vermelha em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de cauixí, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 1, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm (100%).

Pasta 46: Argila vermelha em média concentração (15% e 10%). Ocorrência pontual de caraipé, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 1, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,9 e 1,2cm (100%).

Pasta 47: Cauixí em baixa concentração (5%). Ocorrência pontual de argila branca, mas em concentração muito baixa no máximo (5%). Queima 1, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,9 e 1,2cm (100%).

Pasta 48: Cauixí em baixa concentração (5%). Queima 1, coloração em tons de cinza. Espessura entre 0,9 e 1,2cm (100%).

Pasta 49: Cauixí em baixa concentração (5%). Ocorrência pontual de mineral, mas em concentração muito baixa (menos que 5%). Queima 3, coloração em tons de vermelho. Espessura entre 0,9 e 1,2cm (100%).

Pasta 50: Cauixí em baixa concentração (5%). Queima 5, coloração em tons de vermelho. Espessura entre 0,9 e 1,2cm (100%).

Pasta 51: Mineral em média e baixa concentração (20% a 5%). Queima 1, coloração em tons de vermelho. Espessura entre 1,3 e 1,6cm (100%).

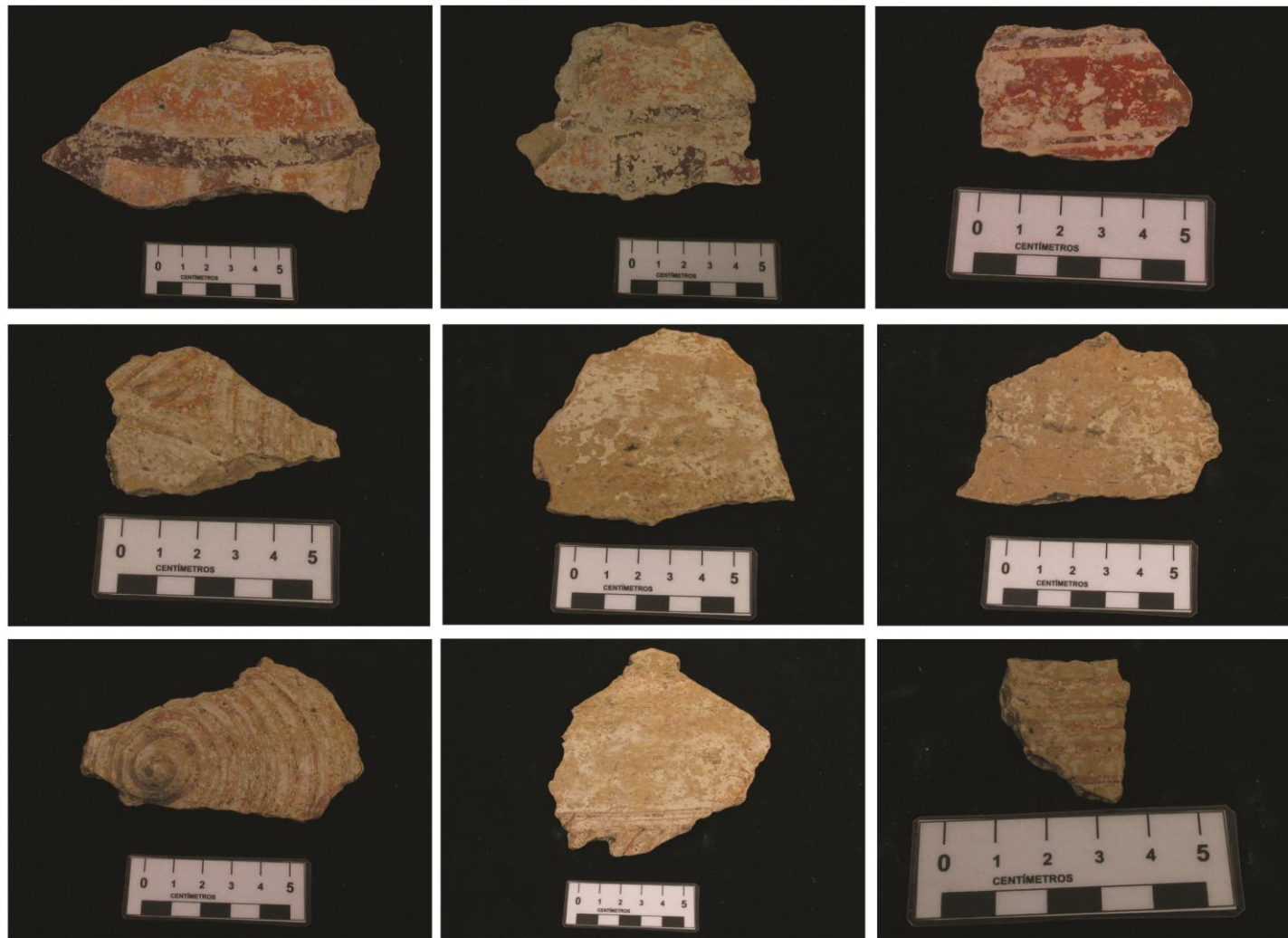
Pasta 52: Argila vermelha em baixa concentração (5%). Ocorrência pontual de mineral e argila branca, mas em concentração muito baixa (menos que 5%). Queima 1, coloração em tons de marrom. Espessura entre 0,4 e 0,8cm(50%).e 0,9 e 1,2cm (50%).

Pasta 53: Carvão em alta concentração (20%). Queima 1, coloração cinza. Espessura entre 0,9 e 1,2cm (100%).

Pasta 54: Mineral em média e baixa concentração (20% a 5%). Queima 1, coloração em tons de cinza. Espessura entre 0,9 e 1,2cm (100%).

Pasta 55: Argila branca em alta concentração (30%). Queima 3, coloração em tons vermelhos. Espessura entre 0,9 e 1,2 (100%)

Conjunto Vilas - Pocó



Fotos: Belletti; Montagem: Belletti e Gaspar



Figura 1.65 – Fotos materiais da Tradição Pocó-Açutuba

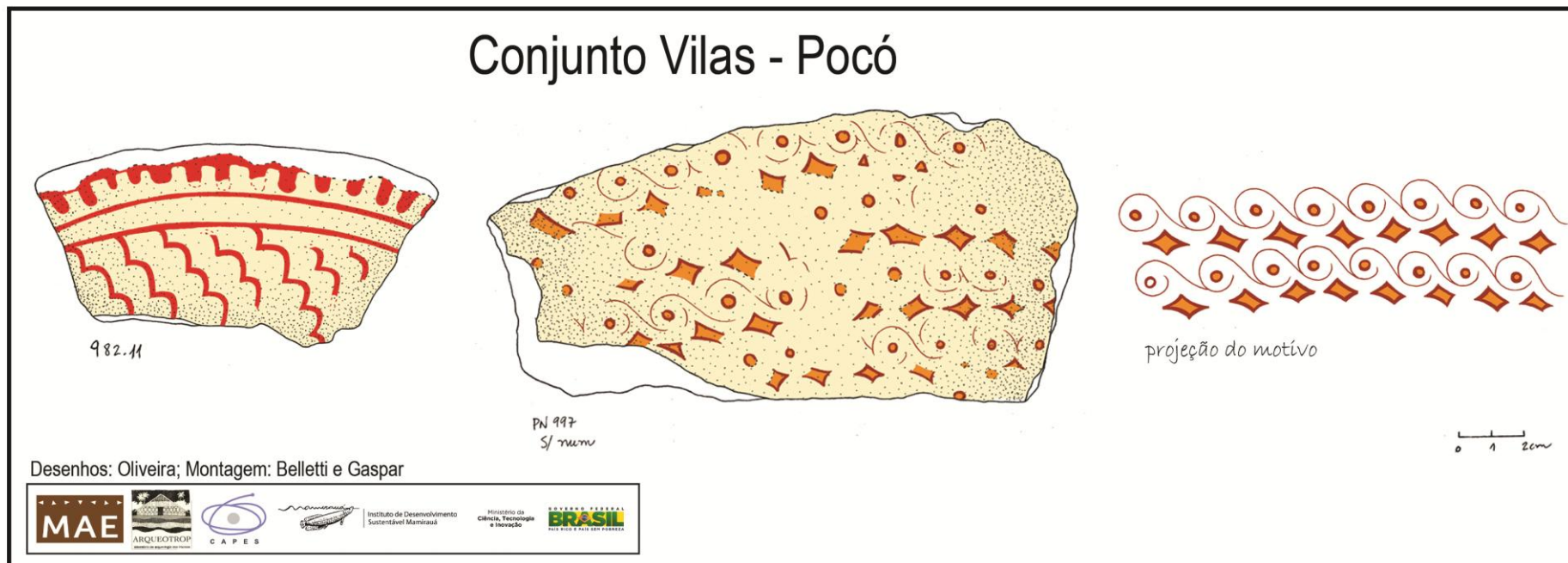


Figura 1.66 – Desenhos de materiais da Tradição Pocó-Açutuba



Figura 1.67 – Fotos apliques da Fase Caiambé (Tradição Borda Incisa).

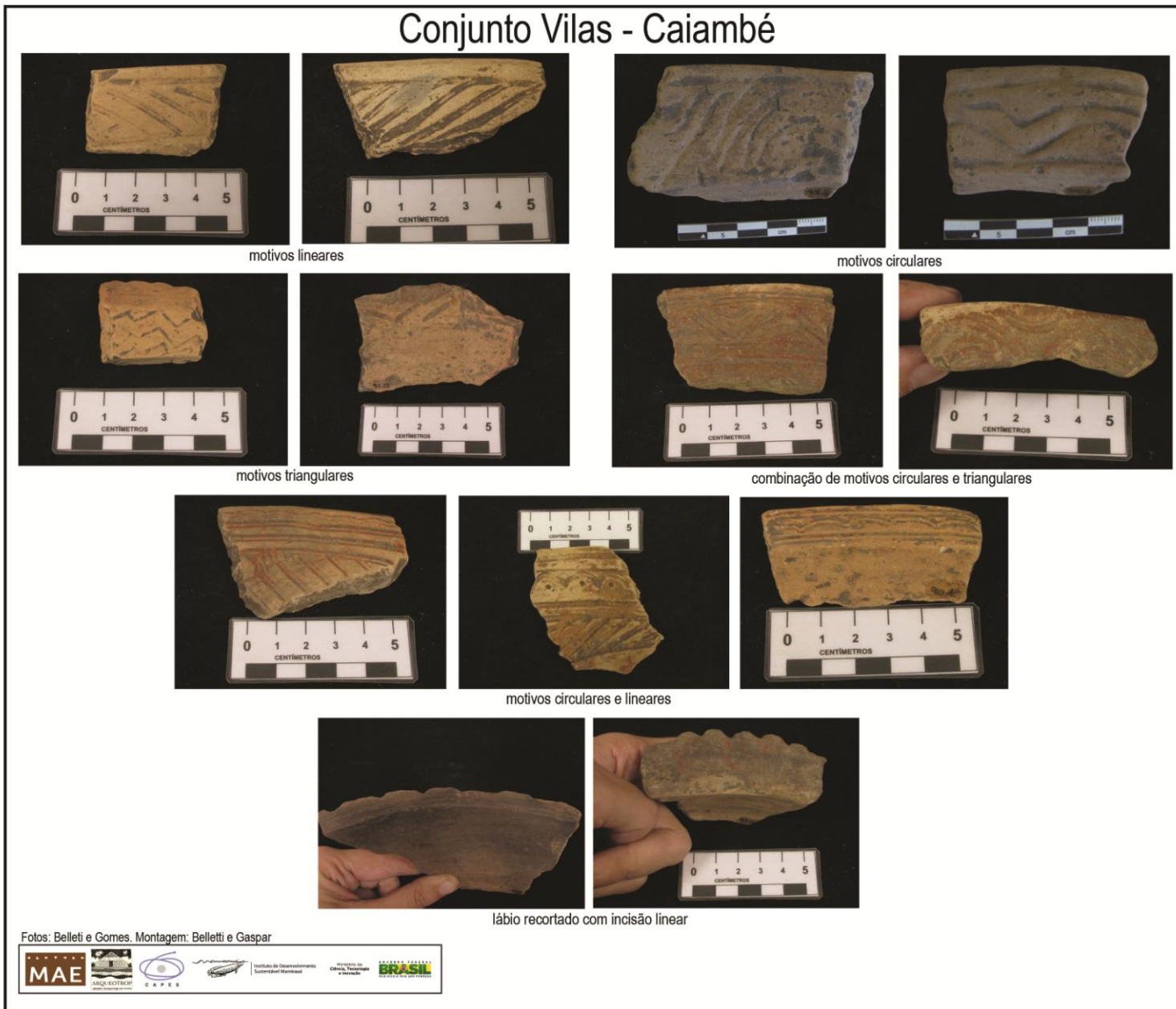
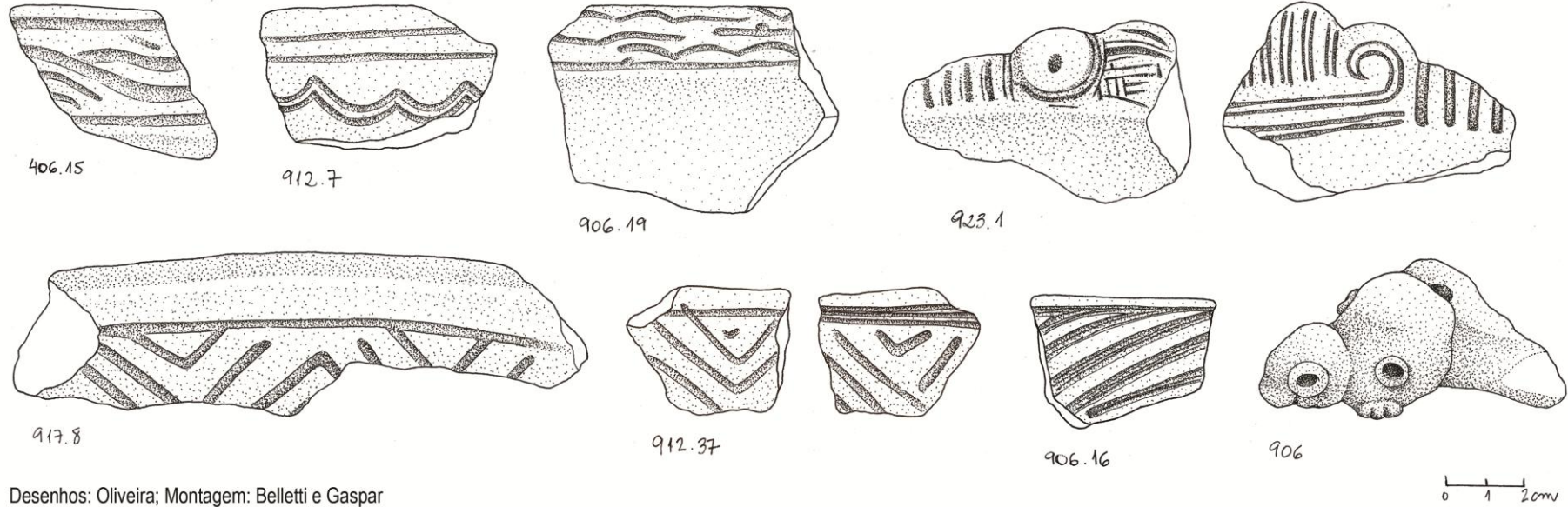


Figura 1.68 – Fotos materiais da Fase Caiambé (Tradição Borda Incisa).

Conjunto Vilas - Caiambé



Desenhos: Oliveira; Montagem: Belletti e Gaspar



Figura 1.69 – Desenhos materiais da Fase Caiambé (Tradição Borda Incisa).

Conjunto Vilas - Tefé



Fotos: Belletti e Gomes. Montagem: Belletti e Gaspar



Figura 1.70 – Fotos materiais da Fase Tefé (Tradição Polícroma da Amazônia).

Conjunto Vilas - Tefé

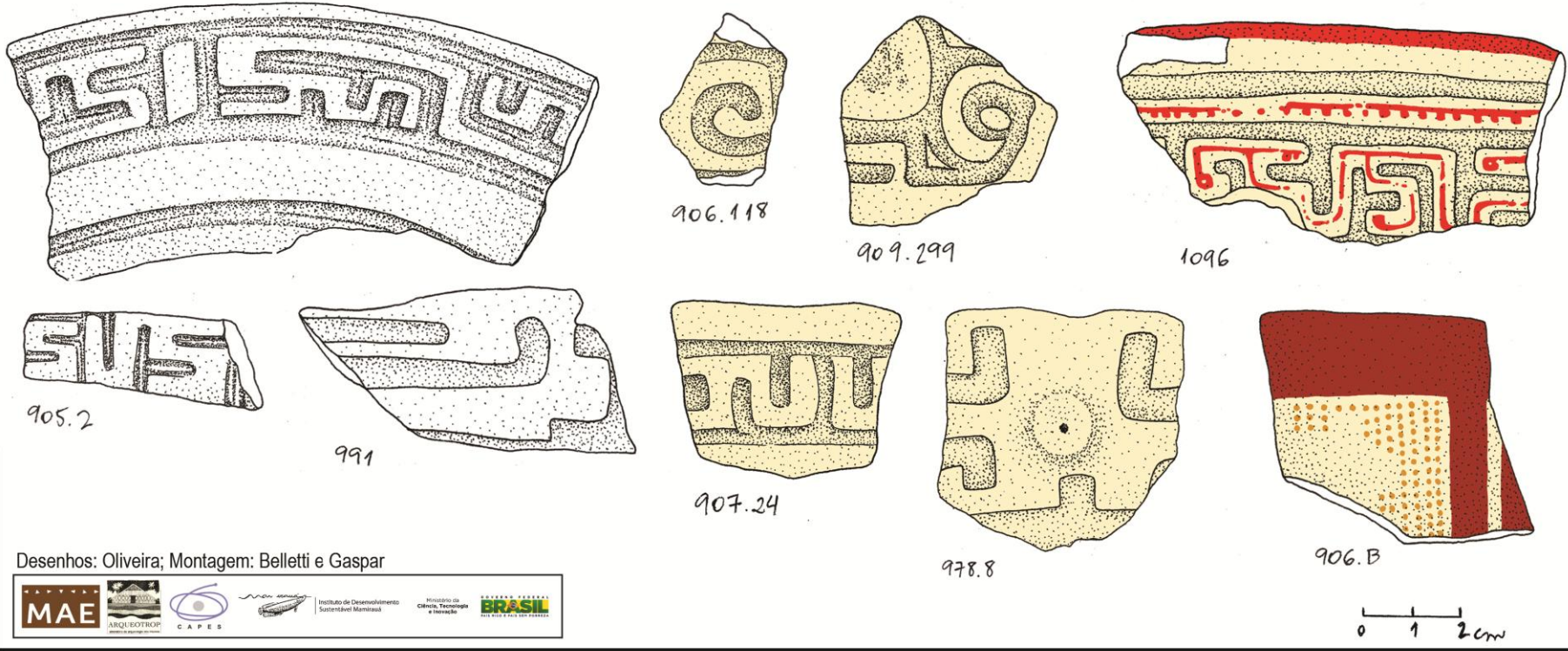


Figura 1.71– Fotos materiais da Fase Tefé (Tradição Polícroma da Amazônia).

Iniciaremos a descrição do material do sítio Conjunto Vilas pelas peças nas quais podemos projetar forma da vasilha. Conseguimos projetar as formas para 288 fragmentos (27% da amostra analisada). As 21 morfologias distintas foram encontradas de forma diferenciada dentro do sítio.

Quadro 1.5 – Distribuição de formas por quadra

Formas	S1600E1548	S1600E1549	S1450E1651	S1450E1652	S1318E1450	S1068E1430	Total por forma
Forma 1	0	4	29	54	6	25	118
Forma 2	2	1	6	11	2	3	25
Forma 3	0	1	15	14	5	4	39
Forma 4	0	0	5	2	0	5	12
Forma 5	0	0	1	1	0	0	2
Forma 6	0	0	2	1	1	2	6
Forma 7	0	0	4	3	0	5	12
Forma 8	0	0	3	1	0	5	9
Forma 9	0	0	0	1	0	0	1
Forma 10	0	0	0	1	0	0	1
Forma 11	0	0	1	4	0	1	6
Forma 12	0	0	1	0	0	0	1
Forma 13	1	0	9	5	1	2	18
Forma 14	1	0	3	2	0	1	7
Forma 15	0	0	2	4	0	3	9
Forma 16	0	0	1	1	0	0	2
Forma 17	0	1	1	3	1	2	8
Forma 18	0	0	1	4	0	0	5
Forma 19	0	0	0	0	0	0	0
Forma 20	0	0	2	0	0	0	2
Forma 21	0	0	0	3	1	1	5
Total por unidade	4	7	86	115	17	59	288

As morfologias com maior ocorrência foram as formas irrestritivas simples⁴ (1,2,3 e 4), com predominância da forma 1. As áreas com terra preta por terem maior número de peças permitiram a reconstituição de um número maior de formas, entretanto, é interessante notar que a unidade IV

⁴ É preciso salientar que o método de projeção de formas, tem suas limitações conforme a amostra. No caso do Conjunto Vilas como lidamos principalmente com fragmentos pequenos e médios, poucos fragmentos permitiram a inferência de formas compostas ou complexas. As poucas formas compostas que conseguimos inferir se relacionavam a vasos com flange labial.

(S1068E1430) apesar de um número maior de fragmentos apresentou menor quantidade de reconstituições. Isso porque, como colocado antes, o índice de fragmentação das peças nessa unidade é maior que o da unidade II. Contudo, dentro da própria unidade II notamos diferenças: a quadra S1450E1652 apresentou um número de reconstituições bem maior que o da S1450E1651. Essa diferença está pautada em uma maior presença da morfologia 1 nesse unidade, visto que em relação às outras morfologias essa ocorrem de forma relativamente semelhante entre às duas unidades.

As quadras da unidade I (fora da TPI) apresentaram apenas 4 morfologias, na quadra S1600E1548 encontramos as formas 2, 13 e 14, enquanto na unidade S1600E1549 achamos as formas 4,1,3,17. A unidade V (S1318E1450) apresentou uma quantidade e variedade de morfologias um pouco maior que unidade I, tendo as formas 1,2,3,6,13, 17 e 21

Passemos então a olhar mais atentamente as características de pasta e decoração associadas as morfologias.

- Morfologia 1

Por ser a de maior ocorrência, a morfologia 1 é a que apresenta a maior variedade e associação com pastas e elementos decorativos. Essa morfologia é encontrada associada a pasta 1, 3, e 4; as pastas de 8 a 20 e ainda as pastas 22,24,25,28,33,35,39, 42 e 44.

As pastas 1,3, 4 e 28 são variações das pastas com caraipé, cada um desses tipos de pastas foi encontrado associado a apenas 1 fragmento da morfologia 1, todos concentrados na unidade II. As pasta 1 e 28 estavam na quadra S1450E1652, respectivamente, níveis 30-40cm e 40-50cm; já as pastas 3 e 4 também em apenas uma peça sem decoração cada uma, ambas na quadra S1450E1651, nível 40-50cm. Nenhuma dessas peças apresentou decoração. Predominam entre essas peças o volume médio, ocorrendo apenas uma peça de volume grande.

As pastas 24 e 25 são variações da pasta com caco moído, ambas as peças ocorrem na unidade S1450E1652 nível 20-30cm, apresentam volume médio e não encontramos decoração nelas.

As demais pastas são variedades de pastas de cauíxí. A distribuição da morfologia com pastas com cauíxí segue o padrão geral de distribuição da

morfologia 1 pelo sítio, predomínio na quadra S1450E1652, seguida por sua contígua S1450E1651. Há menor ocorrência na unidade IV e baixa ocorrência nas unidades V e I (nessa ocorrendo apenas na S1600E1549) respectivamente.

As pastas entre 8 e 22, são as que apresentam cauíxí em alta concentração. As pastas 33,35,39, 42 e 44 apresentam cauíxí em concentração média. Dentro de todas estas variedades de pastas associadas a cauíxí, predominaram na morfologia 1 as pastas 8 e 9, representado respectivamente 21% e 30% das pastas. Todas as pastas com concentração média representam apenas 7%.

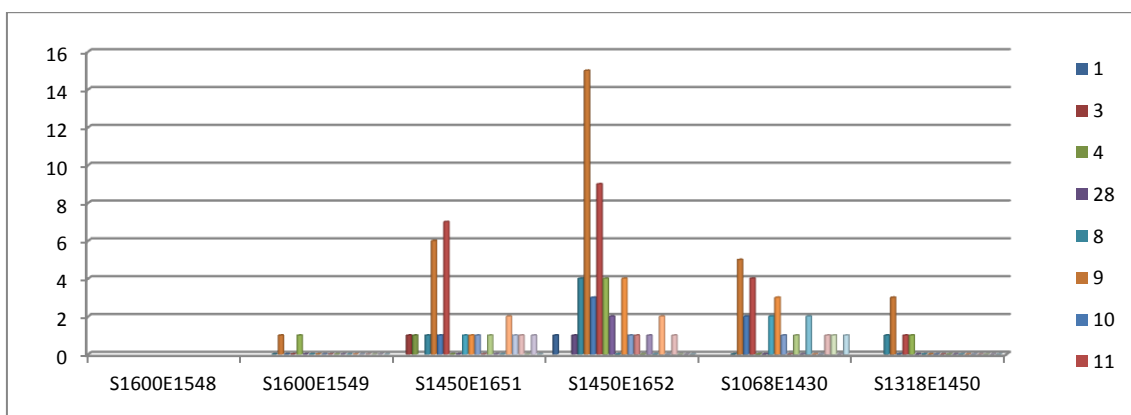


Gráfico 1.5 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 1.

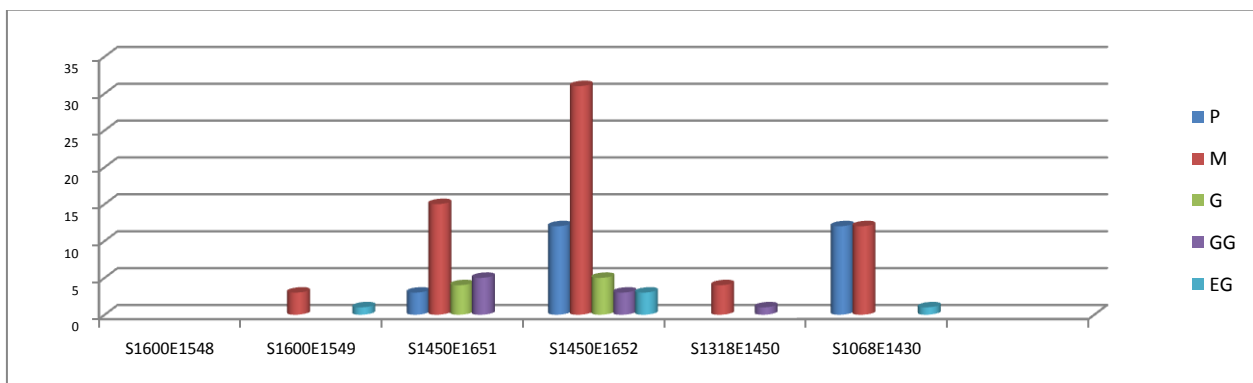


Gráfico 1.6 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 1 entre as unidades.

Apenas 5% das peças com pastas com cauíxí apresentaram volumes acima de 15 litros (EG), não estando associadas a uma pasta específica, podendo ser encontradas com as pastas 9,10 e 11. As peças com volume 5 e 10 litros e aquelas com volume entre 10 e 15 litros, apresentam características

bastante similares. Ambas representam 10% das pastas com cauíxí e estão concentradas na unidade II, ocorrendo apenas uma peça do volume maior na unidade V e uma do menor na unidade I.

Entre essas peças ocorrem diferentes pastas incluindo as com grande e baixa concentração de caraipé. As peças entre 1 e 5 litros, ocorrem em todas as unidades, seguindo o padrão geral, e com todas as variedades de pastas com cauíxí já referidas. Por fim, peças com menos de 1l de volume também ocorrem com diferentes pastas de cauíxí. Entretanto, ocorrem apenas nas unidades II e IV em quantidades equivalentes.

Das 118 peças enquadradas nessa morfologia, apresentaram algum acabamento de superfície, decoração plástica ou pintada 73 peças. Entre essas peças 28 apresentaram apenas engobo, branco ou vermelho, não havendo combinação entre os dois em alguma das faces. Não evidenciamos correlação específica entre a presença dos engobo com nenhuma variedade de antiplástico ou volume. A única especificidade é que estavam todos nas unidades de Terra preta (II e V). As decorações plásticas foram encontradas nas diferentes faces do objeto (interno, externo e lábio), bem como sozinhas ou combinadas com engobo ou pintura. As técnicas de decoração plástica encontradas na morfologia 1 foram os incisos, incisos em pontas múltiplas, acanalados, acanalados em pontas múltiplas, apliques, e recorte dos lábios. A área mais utilizada para decoração foi a superfície externa, ocorrendo em menor frequência nos lábios e raramente na superfície interna. Os motivos foram predominantemente os lineares, ocorrendo pontualmente triangulares e raramente curvilíneos.

A combinação dos elementos decorativos permitiu que 13 peças fossem identificadas como Caiambé e 3 como Tefé. As peças Caiambé associadas a morfologia 1 apresentaram predominantemente decoração plástica por técnica incisa com motivos triangulares, curvilíneos e lineares sem engobo, em menor proporção essa combinação de técnica e motivos aparece associadas a engobo vermelho. Apenas em uma peça considerada diagnóstica Caiambé foi identificada engobo branco.

As poucas peças da morfologia 1 que puderam ser identificadas como Tefé apresentaram acanalado e acanalados em pontas múltiplas associadas com motivos lineares e curvilíneos, uma das peças apresentou associada as

decorações plásticas vestígio de pintura vermelha sobre engobo branco. Interessante notar que essas peças apresentaram volumes bastante pequenos, entre 0,1l e 1,2l.

Em síntese, podemos dizer que a morfologia 1 está principalmente correlacionada com pastas com alta concentração de caixí e as poucas peças (4) com caraipé estão concentradas na unidade II. Por ser uma forma bastante simples diferentes volumetrias foram aglutinadas, desde peças com menos de 1l a peças com mais e 30 litros. É necessário frisar que certamente as diferentes volumetrias atendiam a demandas diferentes, contudo, a única associação específica entre volume, pasta e decoração que foi encontrada é que as peças com maior volumetria, acima de 5l, estão quase todas associadas a pastas com caixí (apenas 1 peça com caraipé apresentou volume de 6,6l). Do mesmo modo quanto as decorações as peças associadas a motivos da fase Tefé apresentaram menores volumes que os das peças com motivos Caiambé.

Os principais elementos decorativos são as técnicas plásticas, seguida pela ocorrência de engobo. Apenas duas peças apresentaram pintura. Apesar da grande quantidade de peças, poucas puderam ser correlacionadas com alguma fase.

- Morfologia 2

A morfologia 2 foi identificada em 25 fragmentos e, entre esses, encontramos as pastas 4, 9,11,12,13,14,15,17,e 40. A pasta 4, associada a caraipé, ocorreu em apenas 1 fragmento, assim como, a pasta 40, associada a caixí em média concentração. As demais pastas estão associadas à caixí em alta concentração.

A maioria das peças dessa morfologia está na quadra S1450E1652, ocorrendo em menor quantidade nas demais unidades. A grande maioria das morfologias apresentou volume entre 1l a 5l, ocorrendo poucas menores de 1l e poucas maiores de 5l ou que 10l. As pastas de caraipé tinham volume entre 0,7l e 5,5l. Não encontramos correlações específicas entre os demais tipos de pastas e determinados volumes.

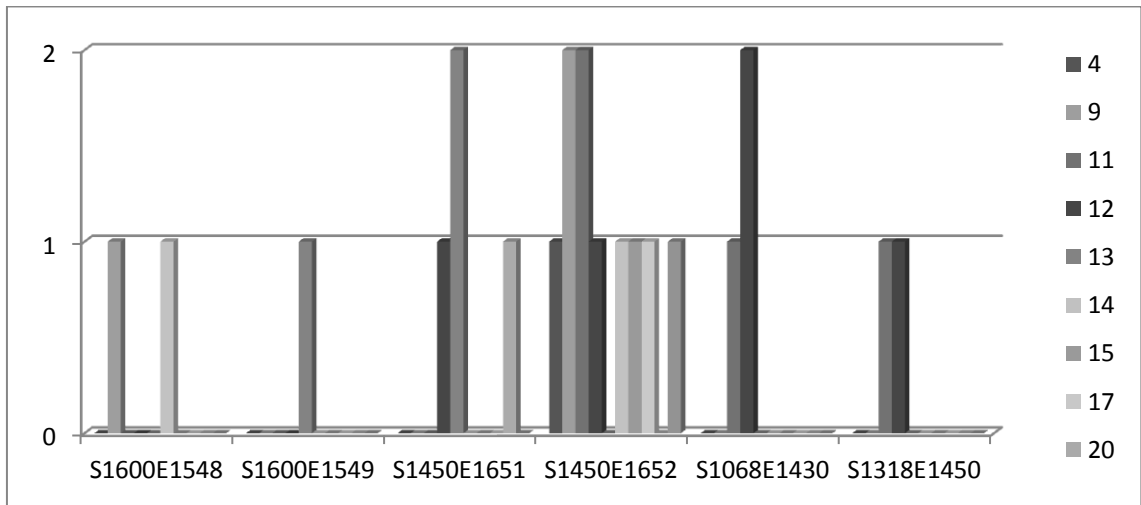


Gráfico 1.7 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 2.

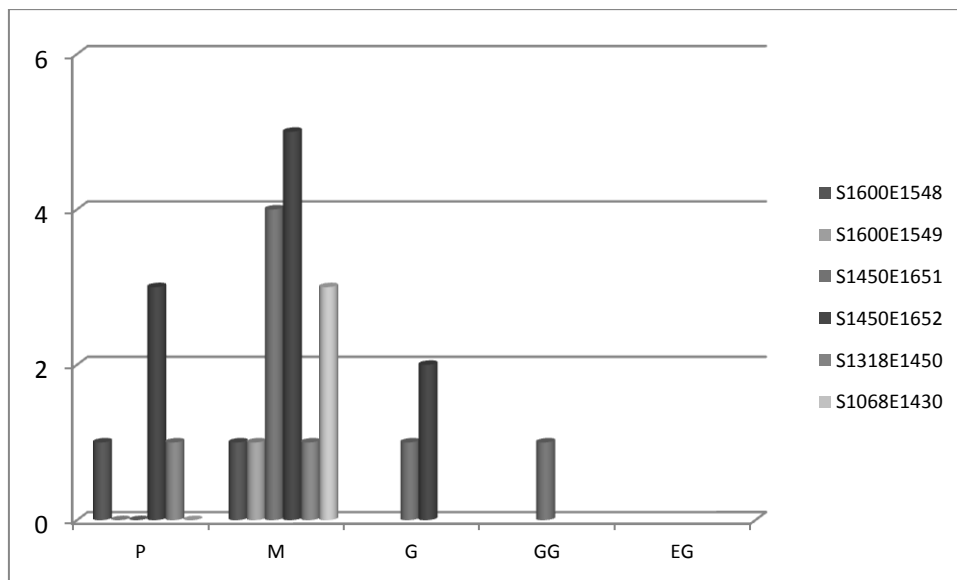


Gráfico 1.8 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 2 entre as unidades.

Quase todas as peças dessa morfologia apresentaram algum tipo de decoração (19 de 25). Cerca de um terço destas peças apresentou apenas engobo vermelho ou branco, uma peça apresentou engobo vermelho interno e, no lábio e na face externa, engobo branco. As peças que apresentaram decoração plástica compõem também cerca de um terço desse grupo. A

técnica predominante foi o inciso, ocorrendo pontualmente inciso em pontas múltiplas, acanalados e um aplique. Os motivos mais recorrentes foram lineares e curvilíneos, ocorrendo pontualmente triangulares. Algumas peças apresentaram combinação de engobo vermelho com técnicas de incisões, incisões em pontas múltiplas e acanalados e motivos lineares e curvilíneos. Uma peça apresentou enegrecimento combinado com acanalados

A combinação dos elementos decorativos permitiu que seis peças fossem classificadas como Caiambé, duas peças fossem classificadas como Tefé e uma foi classificada como composta por combinação de elementos Caiambé e Tefé. As peças Tefé apresentaram acanalados, incisões e motivos lineares, uma associada a engobo branco e vermelho, outra apenas a engobo vermelho. A peça que apresentou elementos de ambas as fases é uma flange labial cujo campo decorativo é delimitado por inciso em pontas múltiplas, tendo motivo composto polícromo feitos por incisão na face interna e motivos lineares incisos no lábio. o volume dessa peça foi de 14,2l.

- Morfologia 3

A morfologia 3 foi identificada em 39 fragmentos e entre esses encontramos as pastas 1,5,8,9,10,11,12,14,19,22,34, e 39. As pastas com caraipé foram encontradas em apenas 4 fragmentos. A pasta 1 foi encontrada em três fragmentos (quadras S1450E1652, S1318E1450) e a pasta 5 em apenas um (S1600E1549). As pastas 34 e 39 estão associadas a cauí em média concentração, as demais pastas estão relacionadas a cauí em alta concentração.

A maioria das peças dessa morfologia está na unidade II (S1450E1652-S1450E1651), ocorrendo em menor quantidade nas demais unidades. Quantitativamente predominam peças de volumes médios, contudo a maioria das peças com esse volume está concentrada na quadra S1450E1651.

Encontramos uma correlação entre pasta e volume, as 3 peças com volume acima de 15 litros apresentaram a pasta 9.

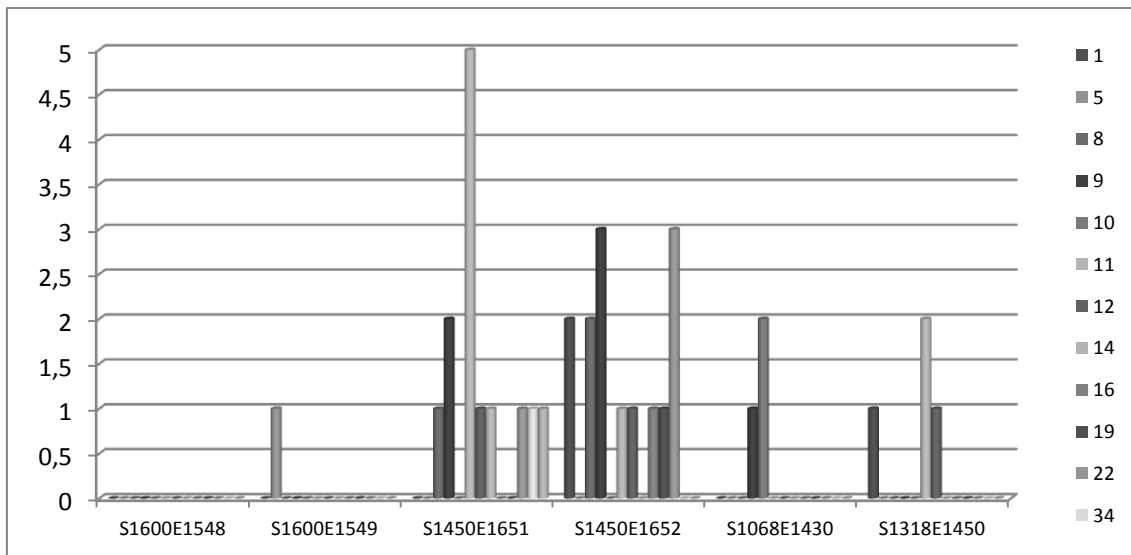


Gráfico 1.9 – Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 3.

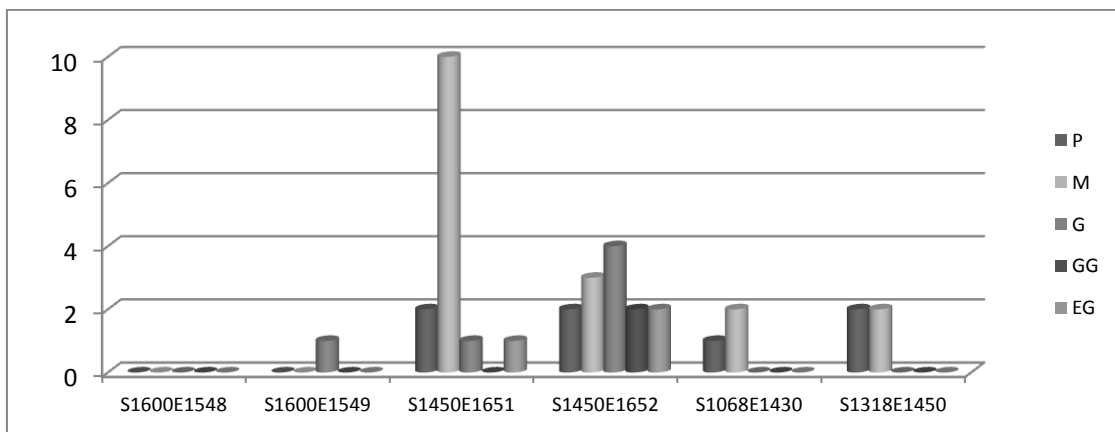


Gráfico 1.10 – Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 3 entre as unidades.

Menos de metade das peças dessa morfologia (16) apresentou decoração. Nove peças apresentaram apenas engobo vermelho, branco ou ambos. Apenas 2 peças apresentaram somente decoração plástica, com técnicas incisa ou acanalado e motivos curvilíneos, triangulares e lineares. Nas peças que apresentaram engobo e decorações plásticas houve apenas inciso com motivos triangulares ou lineares. Algumas peças apresentaram apenas pintura vermelha vestigial sobre engobo branco, seja apenas na face interna ou interna-externa. Não foi encontrada combinação de técnicas plásticas e pintadas nem delimitadores de campos decorativos.

Duas peças foram classificadas como Caiambé e duas como Tefé. As peças classificadas como Caiambé apresentaram incisão interna ou externa

em motivos lineares ou curvilíneos, já as peças Tefé apresentaram apenas pintura vermelha sobre branco. Uma peça Tefé com caraipé apresentou volume de 0,6l e a com cauxí 3,5l, as peças Caiambé apresentaram volume entre 2,2l e 3,5l.

- Morfologia 4

A morfologia 4 foi identificada em 12 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 8,9,11,13 e 14. Não foram encontradas pastas com caraipé e todas as pastas apresentam cauxí em alta concentração. Todas as peças desse grupo estão nas unidades II e IV, localizadas na TPI. Não há peças de volume inferior a 1l nem superior a 15l, estando todas as peças entre os volumes, M, G e GG. Não encontramos correlações específicas entre pastas e volumes.

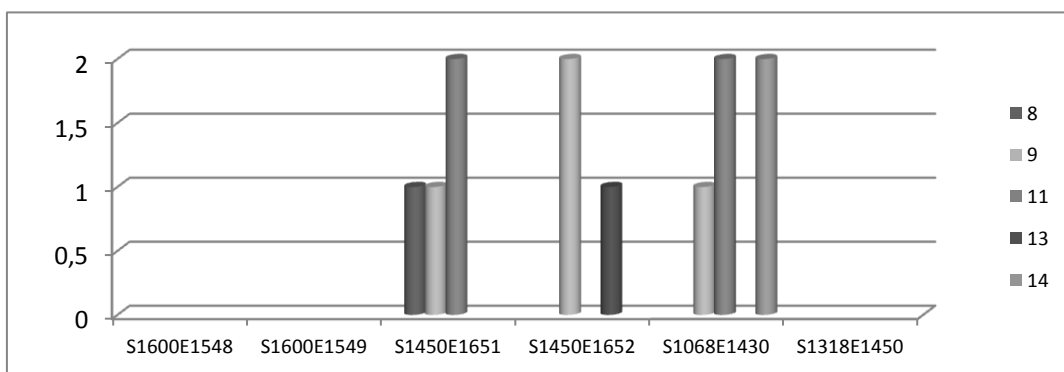


Gráfico 1.11– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 4.

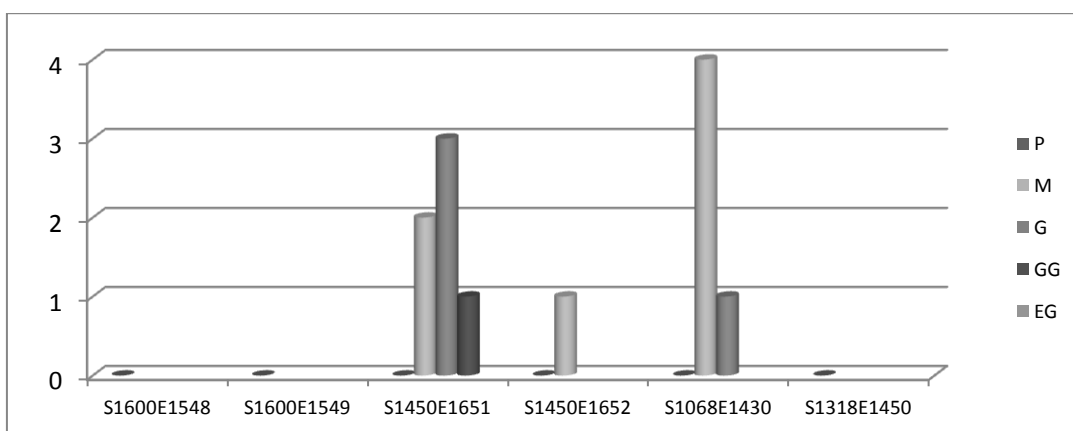


Gráfico 1.12– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 4 entre as unidades.

Apenas 4 peças apresentaram decoração, 3 delas combinavam engobo branco ou vermelho com decoração plásticas incisa com motivos lineares, curvilíneos triangulares e um aplique, a outra peça apresentou apenas pintura vermelha sobre engobo branco na face externa.

Apenas uma peça foi classificada como Caiambé e apresentava volume de 1,8l.

- Morfologia 5

A morfologia 5 foi identificada em apenas 2 fragmentos que possuem antiplásticos 40 e 11. Ambas as peças estavam na unidade II e IV. As peças possuem volume semelhante entre 15,5 e 16,5l (EG). Ambas apresentaram decoração, uma contendo apenas engobo vermelho nas faces interna, externa e lábio enquanto a outra apresentou engobo branco e incisos lineares no lábio. Nenhuma delas foi classificada.

- Morfologia 6

A morfologia 6 foi identificada em 6 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 1, 9,11 e 13. A pasta 1 apresenta caraipé e as demais cauxí em alta concentração. As peças estão distribuídas entre as quadras S1450E1651,S1450E1652,S1068E1430 S1318E1450. Apenas a peça com pasta 1 apresentou volume abaixo de 1l, essa foi classificada como Tefé, possuindo pintura externa preta sobre branco com motivos pontilhados.

As demais apresentaram volumes entre 1 e 5l. Entre essas peças foram encontradas decorações incisadas com motivos lineares na face externa, outros com engobo branco e incisos com motivos lineares no lábio.

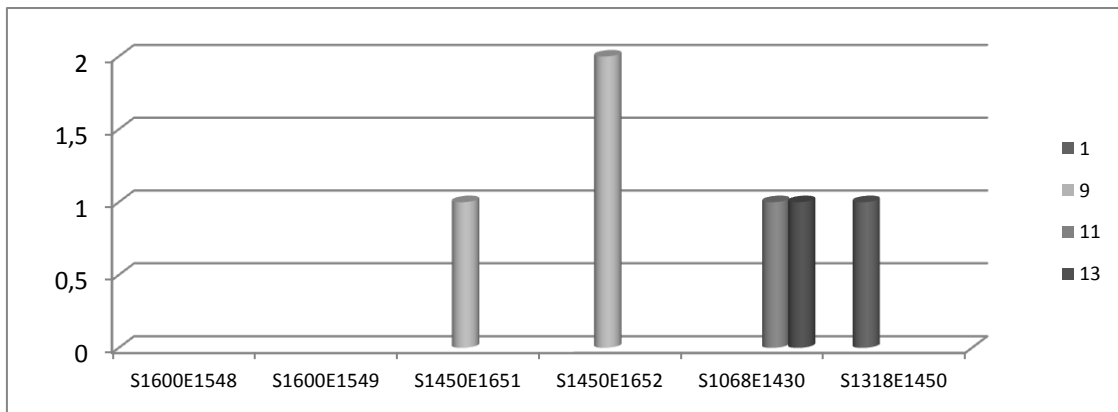


Gráfico 1.13– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 6.

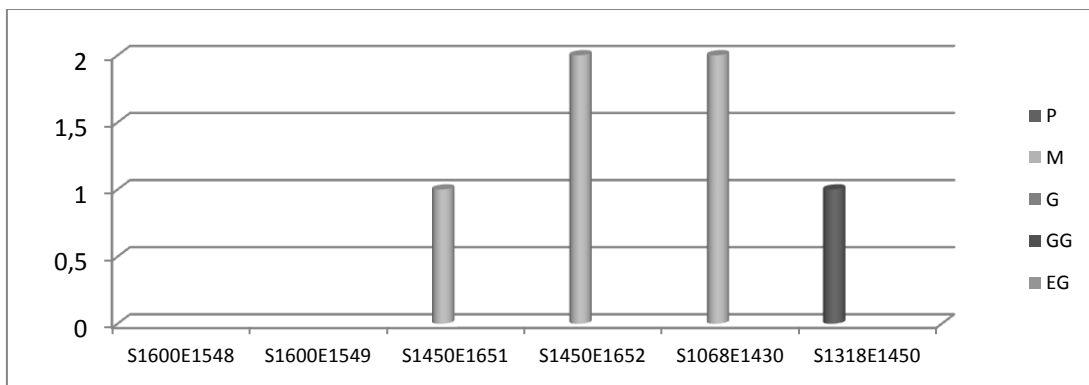


Gráfico 1.14– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 6 entre as unidades.

- **Morfologia 7**

A morfologia 7 foi identificada em 12 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 4, 9 a 15. A pasta 4 apresenta caraipé e ocorreu em apenas uma peça com volume de 4,3l, as demais pasta têm cauxí em alta concentração. Os fragmentos estão distribuídos entre as unidades II e IV (ambas com TPI). O volume predominante foi entre 1 e 5l, mas ocorreram volumes abaixo de 1 l e uma peça com volume acima de 5l.

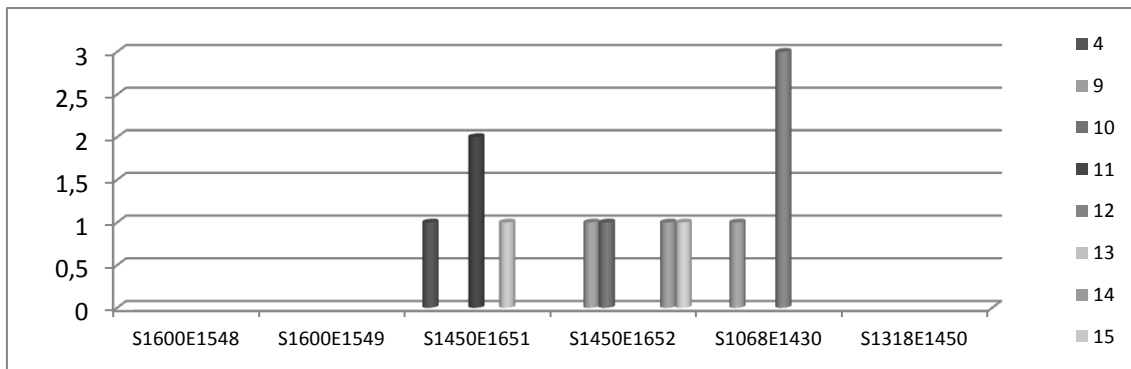


Gráfico 1.15– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 7.

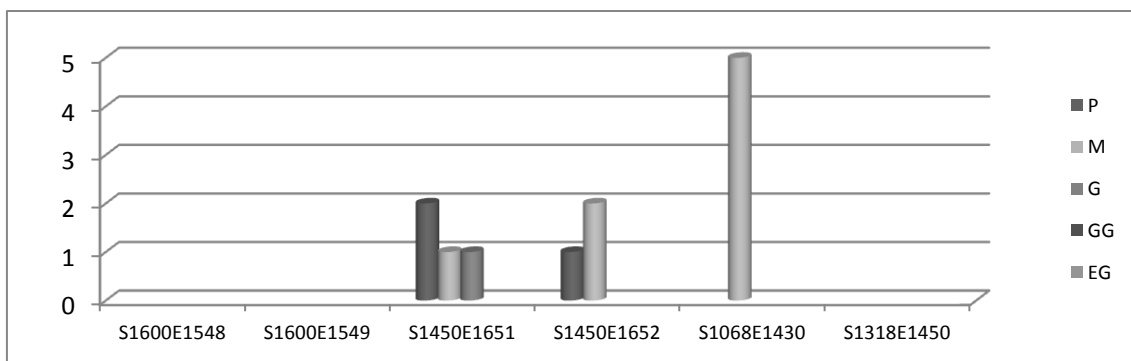


Gráfico 1.16– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 7 entre as unidades.

Entre essas peças, 5 apresentaram decoração, sendo em duas registrada apenas a presença de engobo vermelho ou uma combinação de vermelho e branco. Uma peça apresentou apenas pintura vermelha sobre branca com motivo linear. As decorações plásticas foram encontradas sem vestígio de engobo apresentando técnica incisa e motivos lineares e curvilíneos.

Essas duas peças apenas com decoração plástica foram classificadas como Caiambé, ambas apresentaram pasta 9 e volume por volta de 2,5l.

- **Morfologia 8**

A morfologia 8 foi identificada em 9 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 4, 9, 13 e 20. A pasta 4 apresenta caraipé e as demais cauxí em alta concentração. Os fragmentos estão distribuídos entre as

unidades II e IV (ambas com TPI). O volume predominante foi entre 1 e 5l, mas ocorreram volumes P, G e GG.

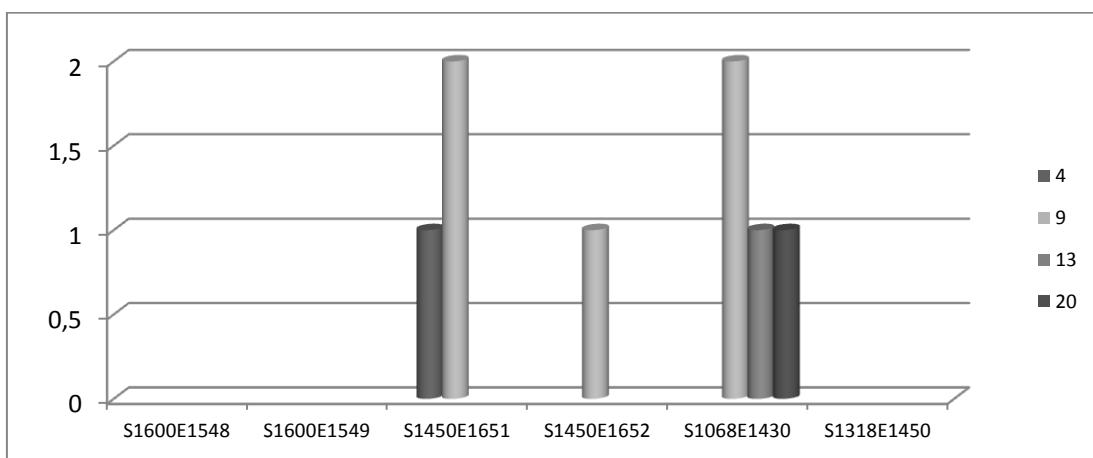


Gráfico 1.17– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 8.

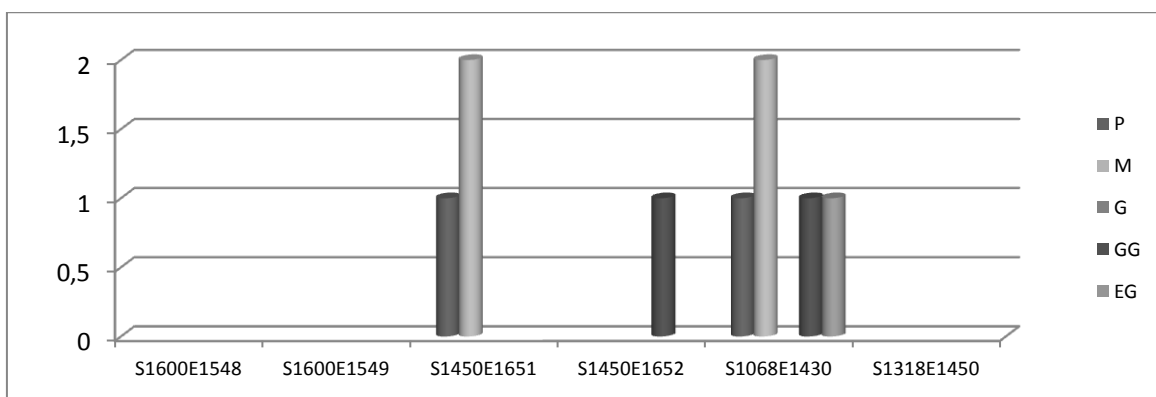


Gráfico 1.18– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 8 entre as unidades.

Em duas peças foi encontrado apenas engobo vermelho. Técnica de incisão combinada com motivos lineares foi encontrada tanto sozinha na face interna como combinada com engobo vermelho na face externa. Duas peças apresentaram engobo branco nas três faces (interno, externo e lábio) combinado com acanalados e motivos lineares juntamente com pintura vermelha externa em linhas finas e grossas. Esses dois fragmentos foram classificados como Tefé e possuem volume de 3,3l e 6,9l.

- Morfologia 9

A morfologia 9 foi identificada em somente 1 fragmento, possui pasta 8 e volume grande (11l). Está na quadra S1450E1652. Possui engobo branco na face externa e incisos lineares no lado externo.

- **Morfologia 10**

A morfologia 10 foi identificada em somente 1 fragmento, possui pasta 8 e volume grande (13l). Está na quadra S1450E1652. Possui engobo branco na face externa.

- **Morfologia 11**

A morfologia 11 foi identificada em 6 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 1, 6, 10,11 e 14. As pastas 1 e 6 apresentam caraipé, sendo a primeira associada a motivos Tefé e com volume de 3,5l, já a segunda teve volume de 0,5l. As demais pastas têm cauíxí em alta concentração, . Os fragmentos estão distribuídos entre as unidades II e IV (ambas com TPI). O volume predominante foi entre 1 e 5l.

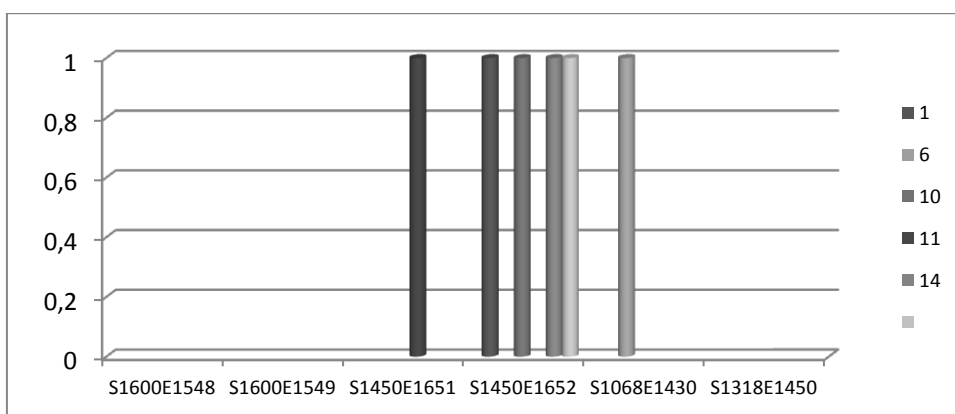


Gráfico 1.19– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 11.

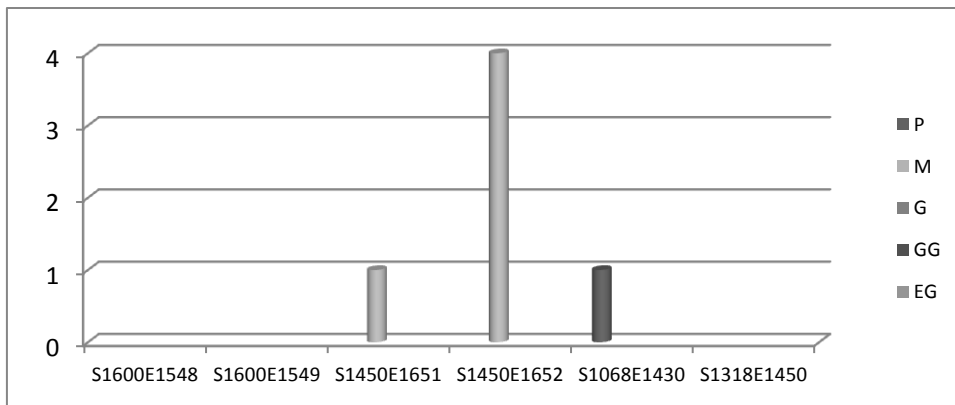


Gráfico 1.20– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 11 entre as unidades.

Uma peça apresentou apenas engobo vermelho, outra engobo vermelho combinado com incisões lineares externas. Duas peças apresentaram engobo branco externo e pintura vermelha.

Nenhuma peça foi classificada como Caiambé.

- Morfologia 12

A morfologia 12 foi identificada em somente 1 fragmento, possui pasta 53, carvão em alta concentração, e volume grande (5,5l). Está na quadra S1450E1651. Não Possui decoração. Pode ser, em certa medida, uma variante de 11 contudo apresenta paredes mais espessas.

- Morfologia 13

A morfologia 13 foi identificada em 18 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 1,8,9,11,12,13,19,21,22. A pasta 1 apresenta caraipé, foi encontrada em apenas um fragmento com volume de 1,8l. As demais têm cauxí em alta concentração. Os fragmentos estão distribuídos entre as unidades I, II, IV e V, mas estando quase totalmente concentrada na unidade II. O volume predominante foi entre 1 e 5l, mas ocorrem volumes P, G, GG e EG. O percentual de volumes G, GG e EG nessa forma é significativo cerca de 45% do total (8 peças).

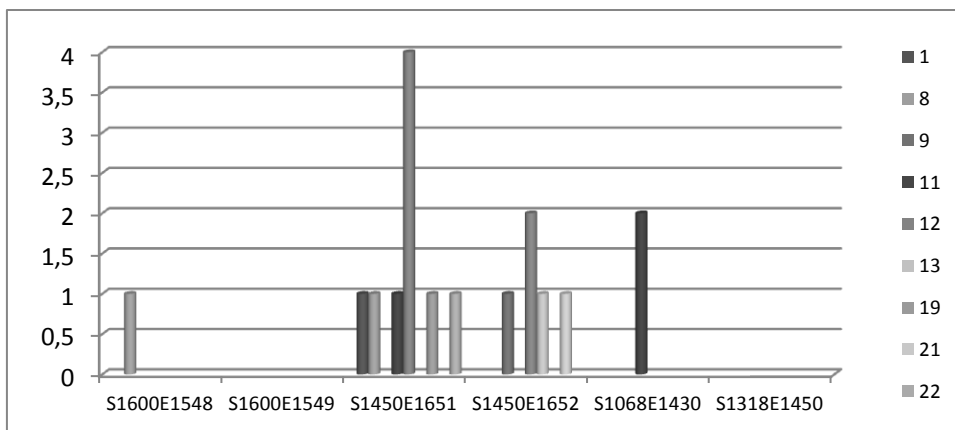


Gráfico 1.21– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 13.

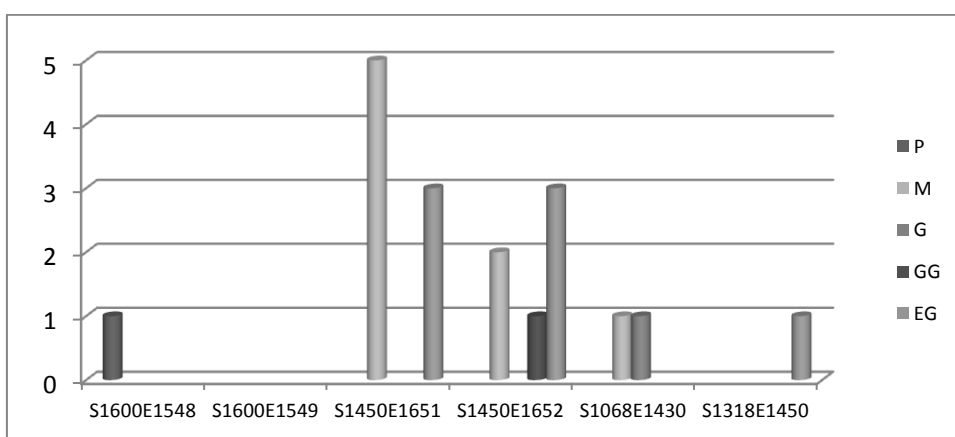


Gráfico 1.22– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 13 entre as unidades.

A maioria das peças apresentou apenas engobo branco em uma das faces. Uma peça apresentou engobo vermelho combinado com incisões vestigiais na face externa e lábio, outra apresentou pintura branca sobre vermelho.

Uma das peças foi classificada como Tefé e apresentou pasta 12 e volume 3,4l.

- **Morfologia 14**

A morfologia 14 foi identificada em 7 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 4,11 e 14. A pasta 4 apresenta caraipé em alta concentração e queima 3 (“sanduiche”) e ocorre em apenas 1 fragmento com volume de 0,4l, a pasta 14 também ocorre em apenas 1 fragmento tem cauíxí em alta concentração e queima tipo 2 (não uniforme) e volume de 0,7l. A pasta

11 apresenta cauíxí em alta concentração. Os fragmentos estão distribuídos entre as quadras S1600E1548, S1450E1651, S1450E1652 e S1068E1430, mas estando principalmente concentrada na unidade II. O volume predominante é inferior a 1I, ocorrendo apenas uma peça média.

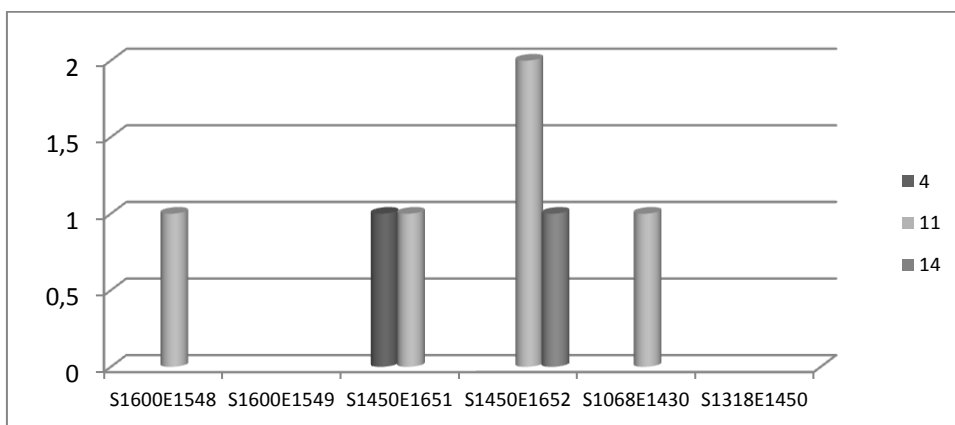


Gráfico 1.23– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 14.

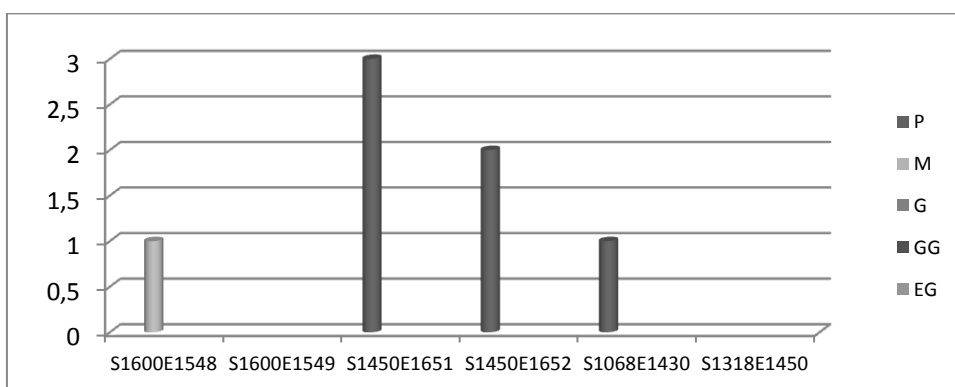


Gráfico 1.24– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 14 entre as unidades.

Essa morfologia foi especialmente característica da Fase Caiambé, apresentando na flange labial os motivos triangulares e engobo vermelho. Uma peça foi considerada de fluxo de elementos entre o material Caiambé e Tefé. Enquanto na maioria das morfologias predominam pastas 8 e 9, cauíxí em alta concentração com queima uniforme, nesta forma ocorre apenas pastas com queima incompleta, prevalecendo a queima 3, mesmo na pasta com caraipé. Ou seja, a uma clara correlação entre forma e tipo de queima.

- Morfologia 15

A morfologia 15 foi identificada em 9 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 8,9,11 e 12, todas com caixí em alta concentração variando entre queimas completas e incompletas, mas predominando as primeiras. Os fragmentos estão distribuídos entre unidades II e IV. O volume predominante é o inferior a 1l, mas ocorrendo também volume médio.

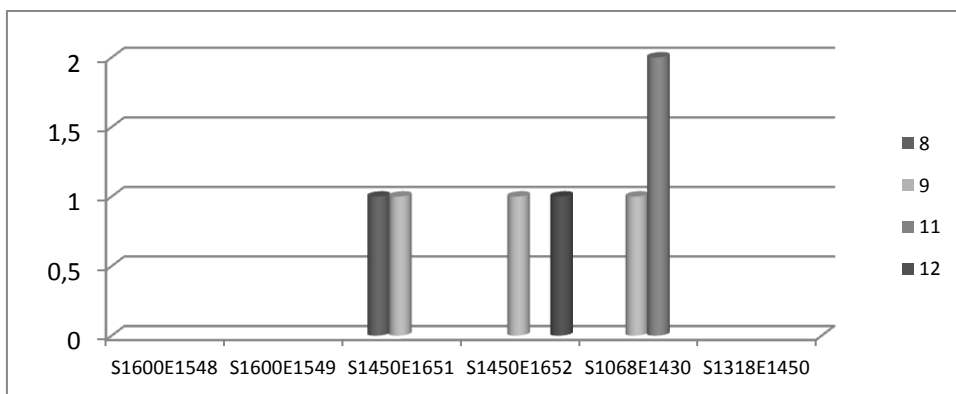


Gráfico 1.25– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 15.

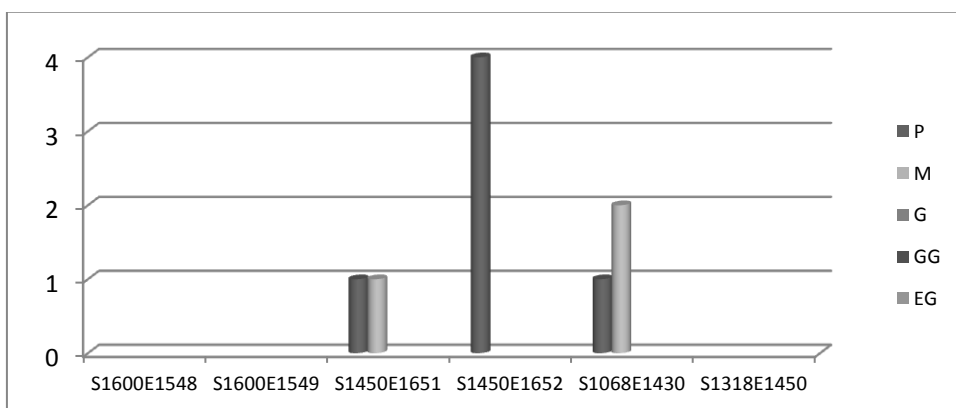


Gráfico 1.26– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 15 entre as unidades.

Nessa morfologia encontramos apenas engobo vermelho. As técnicas plásticas variam entre o inciso, o inciso em ponta dupla e o estocado, os motivos são lineares e triangulares. Linhas delimitadoras do campo decorativo são frequentes. Duas peças foram claramente definidas com Caiambé. Entretanto, observando a morfologia com presença da flange labial e decorações encontradas, bem como, a presença de campo delimitador na colocação das decorações essa morfologia pode ser entendida como característica da Fase Caimabé.

- Morfologia 16

A morfologia 16 foi identificada em 2 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 14 e 20 e volumes médio e grande. Ambas as peças foram encontradas na unidade II. As peças apresentam decorações plásticas por incisão e motivos lineares, encontramos também um lábio recortado e um aplique. Foi encontrado engobo vermelho.

- Morfologia 17

A morfologia 17 foi identificada em 9 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 4,9,11,18 e 49. A pasta 4 está relacionada ao caraipé, foi encontrada em apenas 2 fragmento que têm volume aproximado de 1,5l. As demais com cauxí em alta concentração, a exceção da 49, com cauxí em baixa concentração. Os fragmentos estão distribuídos entre unidades II e IV. O volume predominante é o inferior a 1l, mas ocorrendo também volume médio.

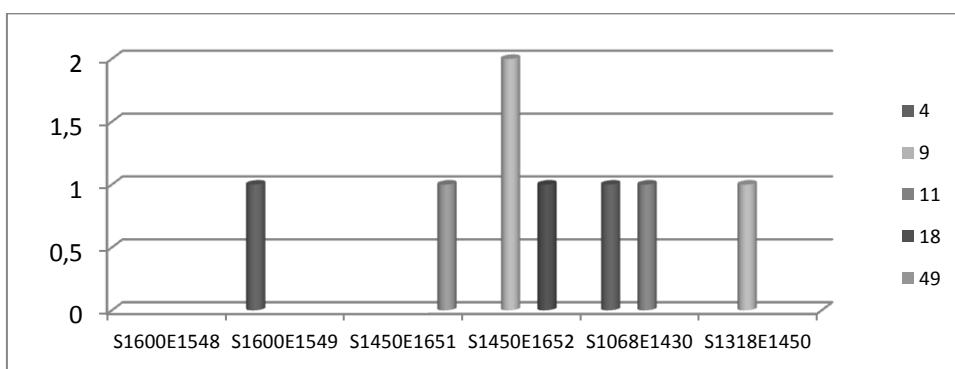


Gráfico 1.27– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 17.

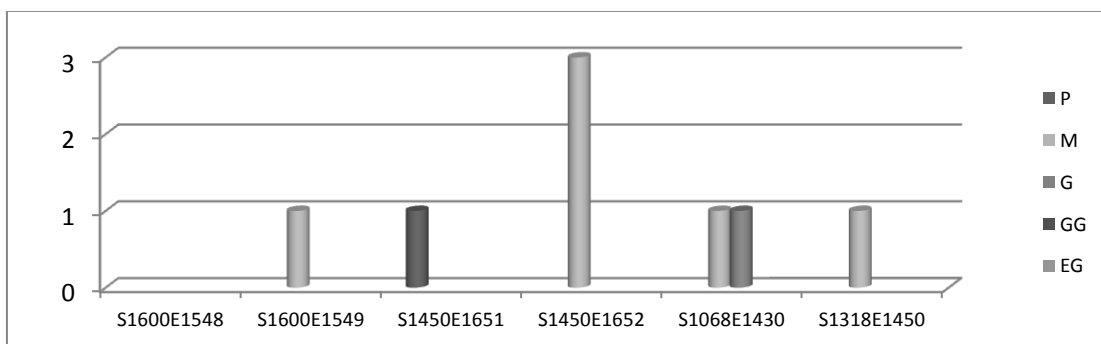


Gráfico 1.28– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 17 entre as unidades.

Apenas uma peça apresentou engobo (branco), ocorre, mais frequentemente as decorações incisas e pontualmente o acanalado e estocado, os motivos são curvilíneos, triangulares e lineares. Ocorre também lábios recortados. Não foi identificada pintura nesse conjunto.

Quatro peças foram identificadas como Caiambé e uma como Tefé, essa última foi a única a apresentar pasta 11 e volume maior que 5l.

- Morfologia 18

A morfologia 18 foi identificada em 5 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 9,11 e 15, todas com cauxí em alta concentração. Os fragmentos estão somente na unidade II, e, principalmente, na quadra S1450E1652. O volume ocorre de médio até e maiores de 15l, grandes, nesse caso 31l. Uma peça apresentou inciso em pontas duplas em motivos lineares e outra pintura vermelha.

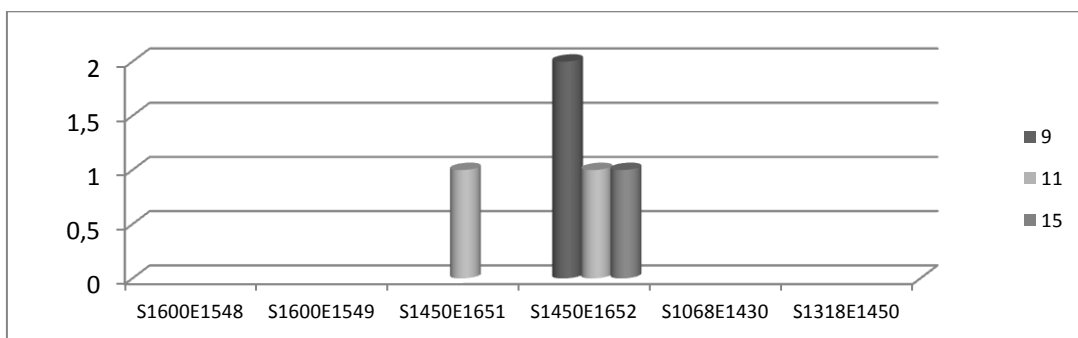


Gráfico 1.29– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 18.

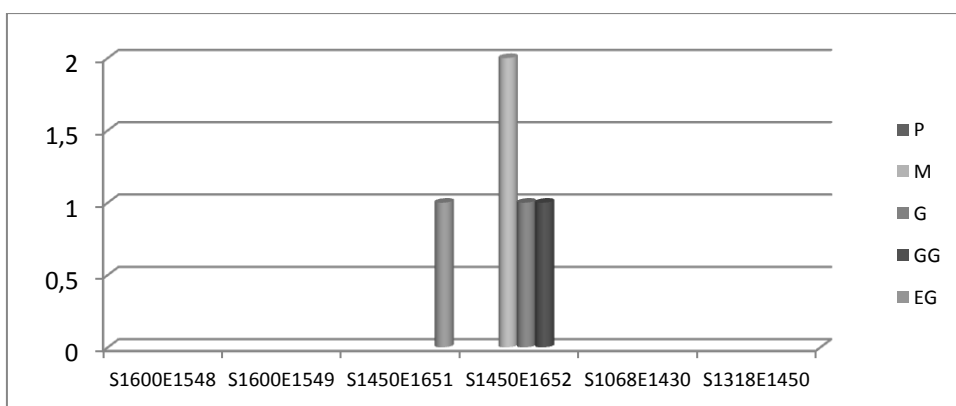


Gráfico 1.30– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 18 entre as unidades.

Apenas uma peça apresentou engobo (branco), ocorre mais frequentemente as decorações incisas e pontualmente o acanalado e estocado, os motivos são curvilíneos, triangulares e lineares. Ocorre também lábios recortados. Não foi identificada pintura nesse conjunto.

Essa morfologia não teve peças associadas e nenhuma fase.

- Morfologia 20

A morfologia 20 foi identificada em 2 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 9 e 35, com cauxí em alta concentração e em média concentração, respectivamente. Os fragmentos estão somente na quadra S1450E1651, no mesmo nível. Os volumes são médios e grandes. Ocorrem decorações incisas em pontas duplas e motivos triangulares e delimitadores.

Ambas são consideradas da Fase Caiambé.

- Morfologia 21

A morfologia 21 foi identificada em 5 fragmentos, entre esses encontramos as pastas 1,8,9, e 15, a pasta número 1 apresenta caraipé e as demais cauxí em alta concentração. Os fragmentos estavam nas quadras S1450E1652, S1068E1430 e S1318E1450. Os volumes ocorrentes, são M, GG e GG.

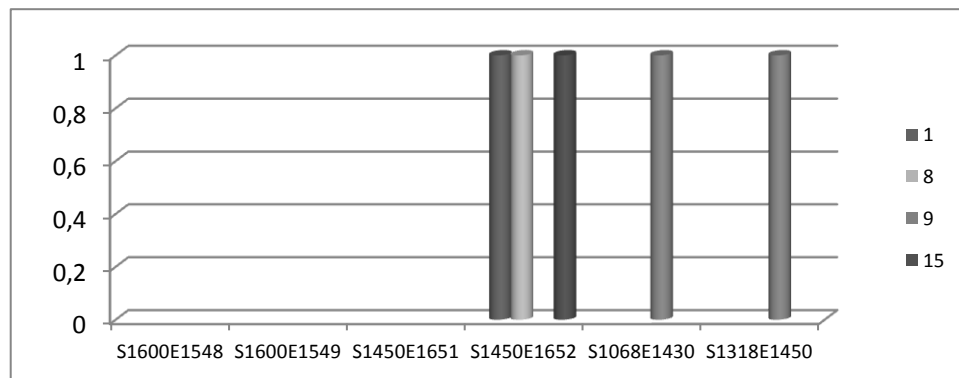


Gráfico 1.31– Distribuição da ocorrência de pastas na morfologia 18.

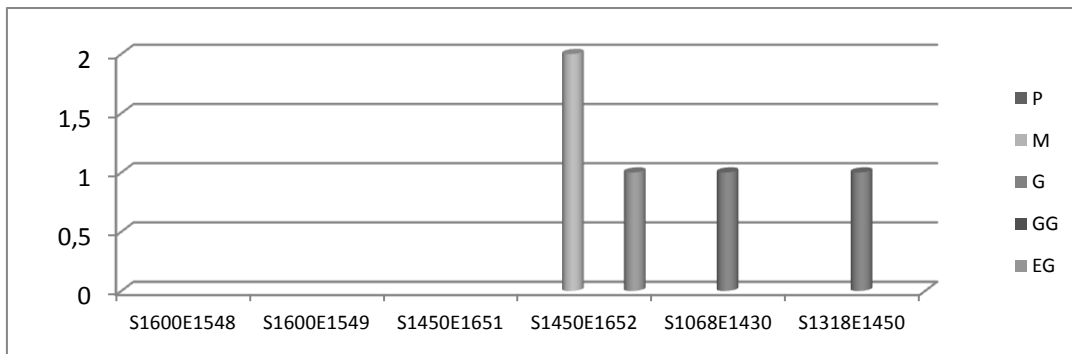


Gráfico 1.32– Distribuição dos diferentes tamanhos de fragmentos da morfologia 18 entre as unidades.

Uma peça apresentou incisões e motivos lineares e outras duas apresentaram técnica acanalada e exciso com motivos complexos da TPA, uma delas apresentando ainda engobo branco e pintura, sendo essas duas consideradas peças com fluxos de tecnologias.

Morfo	N.Peças	Unidades	Pasta	Volumes	Engobos	Tec. Plast.	Mot. Plast.	Cor. Pinta.	Mot. Pinta.	Pocó	Caiambé	Tefé	Fluxo
1	118	Todas	1, 3, e 4, 8 a 20, 22,24,25,28,33,35,39, 42 e 44.	Todos	Branco, vermelho,	incisos, incisos em pontas múltiplas, acanalados, acanalados em pontas múltiplas, apliques, e recorte dos lábios	lineares e circulares, triangulares;	Vermelho (sobre branco)	Vestigial	-	13	3	-
2	25	Todas	4, 9,11,12,13,14,15,17 e 40	P,M,G,GG	Branco, vermelho, Combinações	inciso inciso em pontas múltiplas acanalado e um aplique	lineares e circulares, triangulares; Complexo Policromo	Vermelho (sobre branco)	Vestigial	-	6	2	1
3	39	S1600E1549 S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430 S1318E1450	1,5,8,9,10,11,12,14,19,22,34, e 39	Todos	Branco, vermelho, Combinações	inciso inciso em pontas múltiplas acanalado	lineares e circulares, triangulares;	Vermelho (sobre branco)	Vestigial	-	2	2	-
4	12	S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430	8,9,11,13,14	M,G,GG	Branco, vermelho,	Inciso	lineares, circulares triangulares e um aplique	Vermelho (sobre branco)	Vestigial	-	1	-	-
5	2	S1450E1651 S1450E1652	11 e 40	EG	Branco, vermelho,	Incisos	Lineares			-	-	-	-
6	6	S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430 S1318E1450	1,9,11,13	P e M	Branco, vermelho,	Incisos	Lineares	Preto (sobre branco)	Pontilhado	-	-	1	-
7	12	S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430	4, 9,10,11,12,13,14, 15	P, M e G	Branco, vermelho,	Incisos	Lineares e circulares	Vermelho (sobre branco)	Linear	-	2	-	

8	9	S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430	9,4,13,20	P, M, GG e EG	Branco, vermelho,	Incisos	Lineares	Vermelho (sobre branco)	Linear	-	-	2	
9	1	S1450E1652	8	G	Branco	Incisos	Lineares	-	-				
10	1	S1450E1653	9	G	Branco	-	-	-	-	-	-		
11	6	S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430	1,6,10,11,14	P e M	Branco, vermelho,	Incisos	Lineares	Vermelho (sobre branco)	Linear	-	-	1	
12	1	S1450E1651	53	G	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	18	S1600E1548 S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430 S1318E1450	1,8,9,11,12,13,19,21,22	Todos	Branco, vermelho,	Incisos	Vestigial	Vermelho (sobre branco)	Vestigial			1	
14	7	S1600E1548 S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430	4,11,14	P e M	Vermelho	Incisos	Triangulares	Vermelho (sobre branco)	Triangular		3		1
15	9	S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430	8,9,11,12	P e M	Vermelho	inciso, o inciso em ponta dupla e o estocado	lineares e triangulares				2		
16	2	S1450E1651 S1450E1652	14,2		Vermelho	Incisos	Lineares, Apliques				1		
17	8	S1600E1549 S1450E1651 S1450E1652 S1068E1430	4,9,11,18 e 49	P,M e G	Engobo Branco	incisas e pontualmente o acanalado e estocado,	circulares, triangulares e lineares.				4	1	
18	5	S1450E1651 S1450E1652	9,11 e 15		Engobo Branco	incisas, acanalado e estocado	circulares, triangulares e lineares						
20	2	S1450E1651	9 e 35	M e G	-	inciso em ponta dupla	triangulares	-	-	-			
21	5	S1450E1652 S1068E1430 S1318E1450	1,8,9,15	M,G,EG	Engobo Branco	inciso , acanalado e exciso	Lineares e omplexos TPA	-	-	-			2

Quadro 1.6 – Síntese das informações sobre as morfologias

- Bordas sem projeção

Para a maior parte das bordas dos níveis (702) não foi possível realizar projeções de morfologia. Mas pudemos analisar pasta e decoração, procuramos, então, estabelecer alguma correlação entre essas. Nessas bordas predominaram as variáveis de pasta com cauxí em alta concentração, havendo uma pequena presença de caraipé em alta concentração e cauxí em média concentração, ocorreram ainda pastas com caraipé em média concentração e outros antiplásticos mas de forma rara. Dentro das pastas com cauxí em alta concentração predominaram aquelas com queima 1 (8,9,10) e 3 (11,12,13). As peças com concentração média de cauxí e alta concentração de caraipé apresentaram também maior recorrência das queimas 1 e 3, com predomínio da primeira.

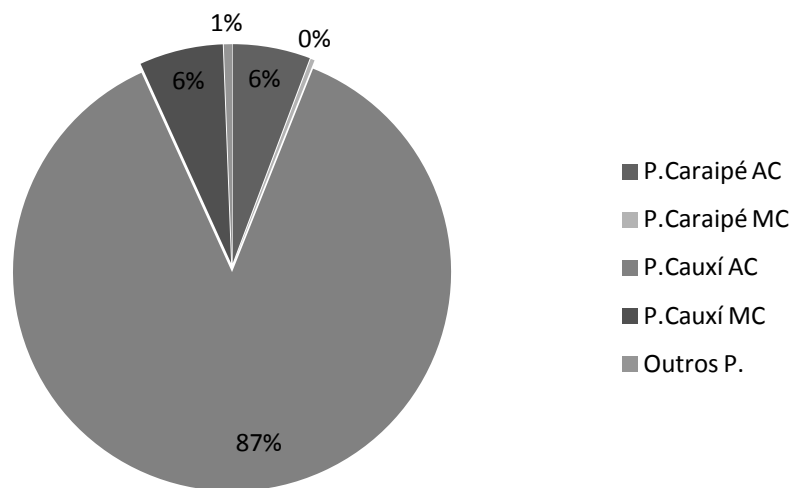


Gráfico 1.33– Ocorrência de pastas nas bordas sem projeção.

E exceção das pastas com alta concentração de cauxí as demais apresentam amostragem muito pequena (menos de 40 fragmentos) para que possamos estabelecer correlações mais extensivas entre pastas e decorações. Os três conjuntos mais frequentes estão associados a uma diversidade de decorações.

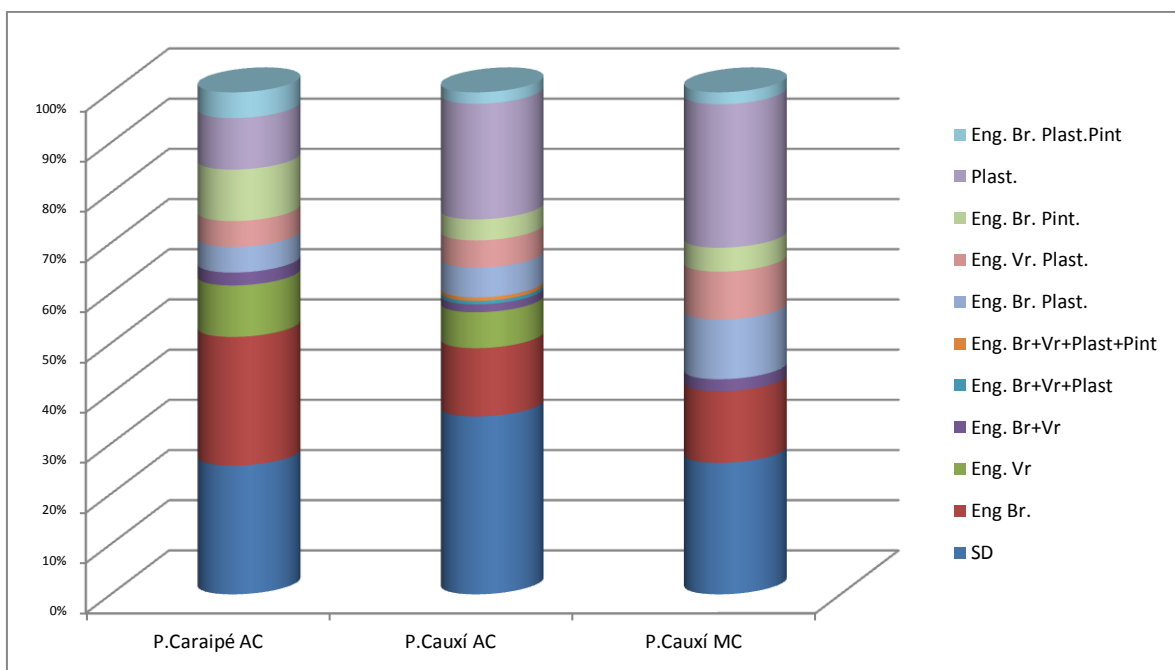


Gráfico 1.34– Relação entre pastas e decoração.

As pastas com alta concentração de caraipé e cauxí se distinguem quanto a presença de engobo branco, mais frequente na primeira pasta, e decorações plásticas mais presentes na segunda.

Em algumas pastas com caraipé e engobo branco foi possível observar com a colocação de diferentes incidências de luz sobre a superfície o negativo de pinturas perdidas. Apesar de representarmos em tons claros na reprodução abaixo, acreditamos que a cor das pinturas que deixaram negativo sobre o engobo era vermelha, pois, encontramos pintura vermelha e motivos pontilhados em outras peças do sítio.



Figura 1.72 – Acima à direita peça com negativo pontilhado, acima a esquerda projeção do motivo. Abaixo peça com pontilhados em vermelho encontradas no sítio.

Nas pastas com caixí em alta concentração, a presença de engobo branco em alguma das faces foi maior do que a presença de engobo vermelho. Na associação entre engobo branco e decorações plásticas ocorrem, principalmente, as técnicas de acanalado e incisão, predominando amplamente os motivos lineares e, com muito pouca frequência, os curvilíneos e triangulares. Nas peças com engobo vermelho e decoração plástica, a incisão é a técnica mais recorrente e os motivos variam entre lineares, curvilíneos e triangulares, acanalados ocorrem em menor frequência sempre associados a motivos lineares.

Nas pastas com caraipé em alta concentração encontramos também, em quantidade bastante baixa peças com pintura laranja e vinho (4 fragmentos) com faixas e linhas espessas e uma peça com pintura branca sobre vermelho, com motivos triangulares similares aos triângulos incisos da fase Caiambé. Todas foram

encontradas na unidade V, as primeiras estão associadas aos materiais da Tradição Pocó-Açutuba ali encontrados.

Ao todo dentre as 702 peças sem projeção de morfologias dos níveis 112 fragmentos foram caracterizadas como pertencentes a uma Fase. Somando a esses as peças com projeção classificadas, das 990 bordas analisada, 148 foram classificadas em alguma fase.

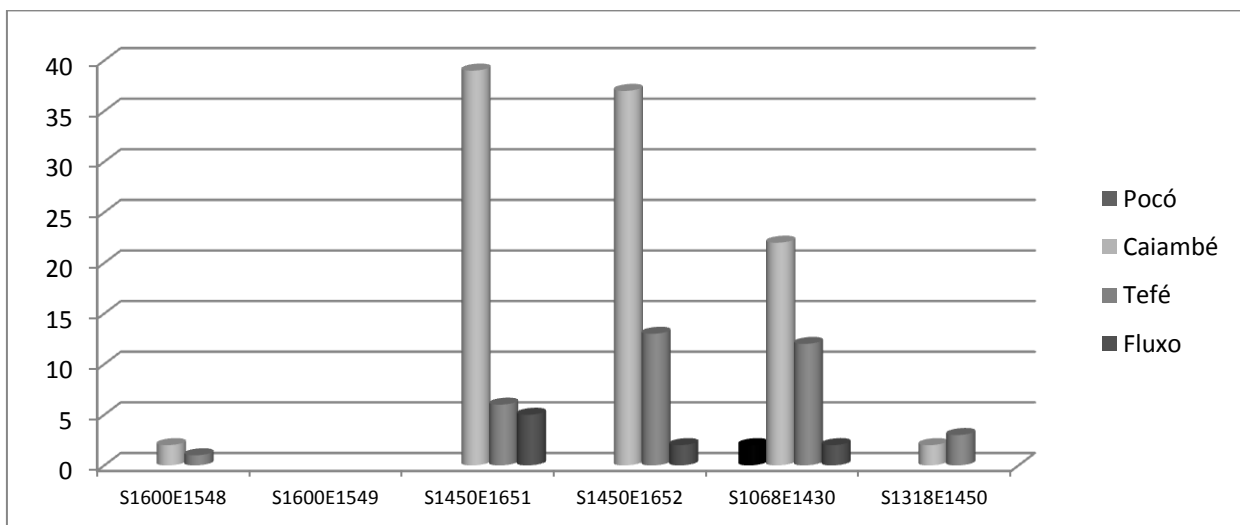


Gráfico 1.35– Distribuição de peças classificadas entre as unidades.

A distribuição dessas peças características pelo sítio foi, de certa forma, regular. Elas estão mais concentradas nas unidades da TPI onde o total geral de artefatos é maior, mas ocorrem também, em menor escala, nas unidades fora de TPI. Um fator importante observado é que, fora da TPI, a conservação de elementos como pintura e engobo foi bem menor. O quadro geral de distribuição apresenta um predomínio significativo de material Caiambé, seguido de material Tefé em menor escala. Materiais que combinam elementos dessas duas fases foram encontrados nas áreas das unidades na TPI em pequena escala. O materiais relacionados a Tradição Pocó-Açutuba estão restritos as Unidade V (S1068E1430). A quadra que mais se diferenciou em termos gerais foi a S1450E1651, onde a quantidade de material Tefé foi menor que nas outras e a de Caiambé maior, aumentando a diferença de ocorrência entre ambas.

O material da Fase Caiambé tem quase unicamente pastas com cauxi apenas uma peça considerada dessa fase apresentou pasta com caraipé. Já os

materiais considerados Tefé ocorrem em duas peças em pastas com caraipé e outros 25 em pastas com caiuxí.

Passemos aos resultados das análises das bordas encontradas nas feições, e depois as bases e paredes fazendo ao fim do item uma revisão geral sobre o material do sítio.

Resultados das análises das bordas das Feições

Colocamos na primeira parte desse capítulo a hipótese de que as feições do sítio Conjunto Vilas foram produzidas de uma mesma forma e que a exceção da unidade V (S1318E1450), onde não foram encontradas feições, o pacote arqueológico do sítio Conjunto Vilas foi formado por contínuos processos de produção dessas feições. Por conta dessa hipótese, optamos por observar os resultados das análises das cerâmicas das feições separadamente, procurando evidenciar se haveria diferença entre essas o material contido nessas e nos níveis.

Foram analisadas 76 bordas provenientes das feições das unidades II e IV, o grau de fragmentação das peças nessa última limitou nossa amostragem de análise. Vamos proceder a descrição dos resultados das análises das feições em conjuntos por unidade e não cada feição individualmente, pois, os dados são muito poucos ficando mais fácil realizar as inferências pelo conjunto das feições da unidade.

Tabela 1.2 – Quantidade de fragmento analisados por feição

S1450 E1651	70-80	F5	10
S1450 E 1651/52	80-90	F5	9
S1450 E1651/52	90-100	F5	11
S1450 E1651/2	70-80	F6	3
S1450 E1651	80-90	F6	0
S1450 E1651	90-100	F6	0
S1450 E1651	70-80	F5/F6	4
S1450 E1651	80-90	F5/F6	2
S1450 E1651	90-100	F5/F6	5
S1450 E1651/52	70-80	F6/F7	0
S1450 E1651/52	70-80	F6/F7	0
S1450 E1652	70-80	F7A/F7B	1
S1450 E1652	80-90	F7A	3
S1068 E1430	80-85	F11	4

S1068 E1430	80-87	F12	1
S1068 E1430	80-90	F13	3
S1068 E1430	90-100	F13	0
S1068 E1430	100-110	F13	0
S1068 E1430	80-90	F14	8
S1068 E1430	90-98	F14	1
S1068 E1430	80-90	F13/F14	0
S1068 E1430	90-100	F13/F14	0

Nas feições da unidade II apenas 5 peças permitiram a projeção das formas , sendo essas forma 1 (2 peças, ambas com volume médio), forma 3 (2 peças, e volume médio e grande), e forma 18 (1 peça de volume grande). A amostra assim é muito pequena para maiores discussões, de todo modo não encontramos nenhuma associação específica entre morfologias e pastas, ou morfologia e decoração. As pastas encontradas dentre essas peças são todas com cauíxí em média ou alta concentração (9,11,21,37,41). As decorações encontradas foram combinação de engobo branco e vermelho, engobo vermelho associado a incisos e uma peça com lábio recortado.

Nas peças sem projeção de morfologia das feições da unidade II (42 peças), como nas demais bordas predominam pastas com cauíxí em alta concentração (9,11,12,15,20,22), ocorrendo em menos quantidade pastas com cauíxí em média concentração (33,36,37,39,40,42), ocorrem ainda 1 fragmento com baixa concentração de cauíxí (46), um com argila vermelha em baixa concentração (pastas 50) e outro com caraipé em alta concentração (pasta 1).

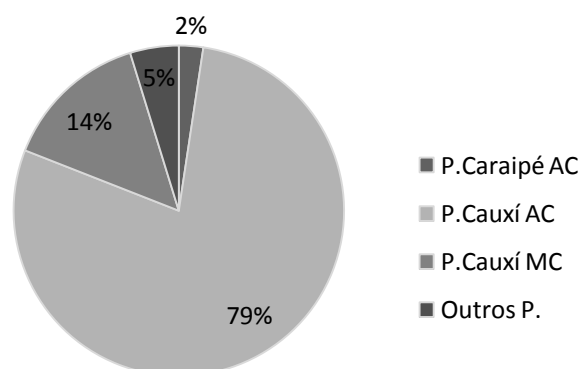


Gráfico 1.36– Ocorrência de pastas nas bordas das feições.

As peças que apresentaram decoração apresentaram quase que unicamente pastas com cauxí em alta concentração, apenas uma peça possuía cauxí em média concentração. As decorações encontradas foram engobo branco ou vermelho, engobo vermelho associado principalmente a incisão, ocorrendo pontualmente inciso em pontas múltiplas e acanalado, e motivos lineares.

Das 50 peças analisadas das feições da unidade II, 12 foram identificadas como Caiambé e uma como de fluxo, não foram identificadas peças Tefé ou Pocó.

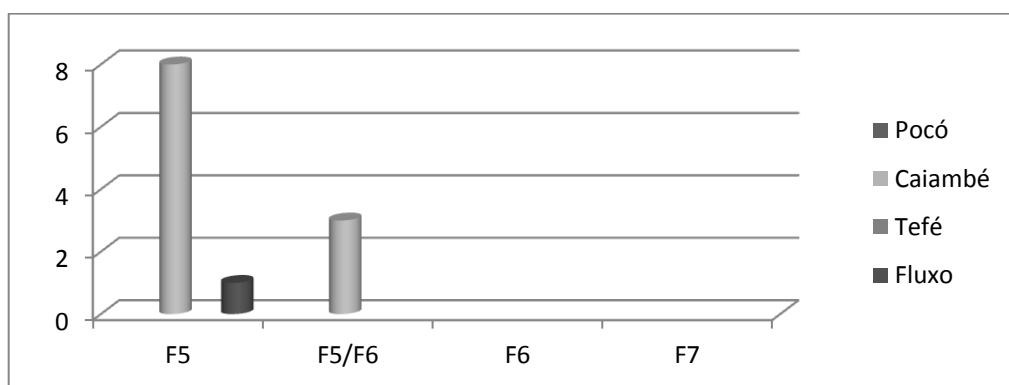


Gráfico 1.37– Distribuição de peças classificadas entre as feições.

Na unidade IV também conseguimos apenas a projeção e 5 formas, forma 1 (2 peças, uma peça com volume pequeno e outra com volume médio), forma 3 (2 peças, volume pequeno), e forma 7 (1 peça de volume pequeno).

As pastas encontradas dentre essas peças são todas com cauxí em média ou alta concentração (9,11,12 e 19). As decorações encontradas foram engobo vermelho, engobo vermelho associado a inciso com motivo linear e outra peça apenas com inciso. Apenas uma peça foi identificada como Caiambé.

Nas peças sem projeção de morfologia das feições da unidade IV (20 peças) como nas demais bordas predominam pastas com cauxí em alta concentração (9,11,12,14,19 e 22), ocorrendo pontualmente pastas com cauxí em média concentração (33 e 39).

As peças que apresentaram decoração apresentaram quase que unicamente pastas com cauxí em alta concentração, apenas uma peça possuía cauxí em média concentração. As decorações encontradas foram engobo branco ou vermelho,

engobo vermelho associado principalmente a incisão, ocorrendo pontualmente inciso em pontas múltiplas e acanalado, e motivos lineares.

Nenhuma borda sem projeção de morfologia foi classificada na unidade IV.

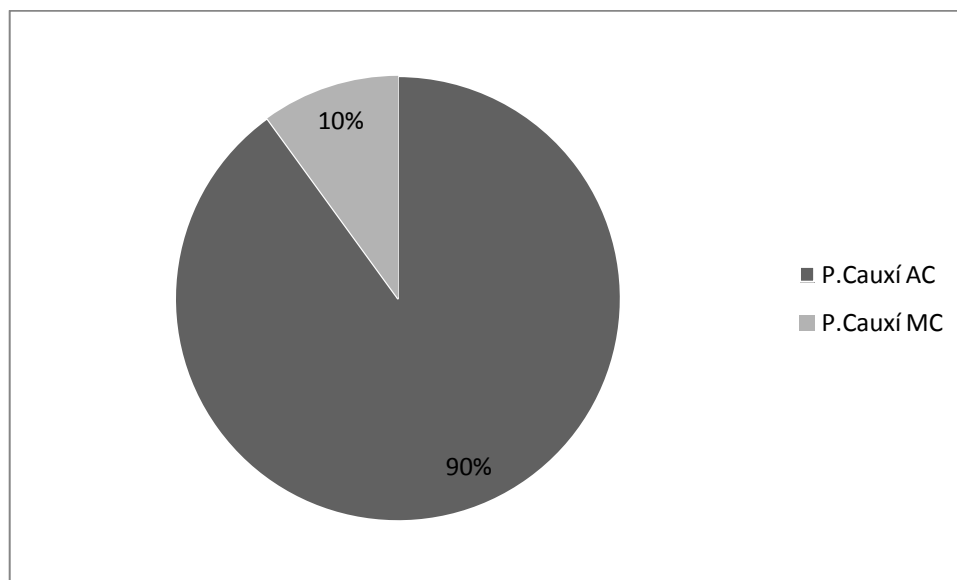


Gráfico 1.38– Ocorrência de pastas nas bordas sem projeção das feições.

Resultados das análises das Bases das unidades

Foram analisadas 292 bases dos níveis, entre elas foram identificadas três morfologias planas, convexas e em pedestal, as primeiras são predominantes na amostragem.

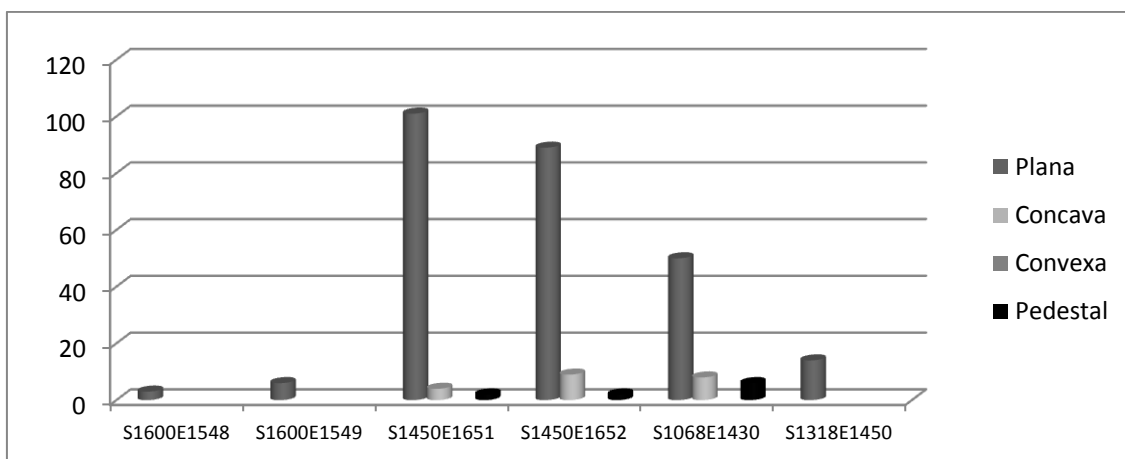


Gráfico 1.39– Ocorrência das morfologias de bases entre as unidades.

As bases em pedestal são pequenas e apresentam diâmetros entre 8 e 14cm. Nessas encontramos pastas com cauxí em alta concentração (9,15,16,20 e 21), apenas uma peça apresentou caraipé em alta concentração (pasta 1). As decorações dessas peças são predominantemente engobo vermelho, ocorrendo o também branco e vermelho sobre branco, uma peça apresentou pintura sobre engobo branco.

As bases côncavas (figura 1.75) também são pequenas apresentado diâmetro de 5 a 12 cm. Suas pastas também são de cauxí em alta concentração (8,9,10,11,12,13, 16,18 e 20). Nas decorações prevalece o engobo branco, ocorrendo em menor incidência o engobo vermelho e pontualmente a associação de engobo vermelho e branco. Há também relativa frequência de pintura vermelha sobre engobo branco.

Nas bases planas não podemos verificar o diâmetro das peças. Nas pastas predominam as com cauxí em alta concentração (todas as pastas entre 8 e 22), mas ocorrendo também caraipé em alta concentração (1,5 e 7), seguido de cauxí em média (34, 36, 37, 40, e 41) e baixa concentração(47 e 50). Houve ainda um caco com mineral e outro com argila branca.

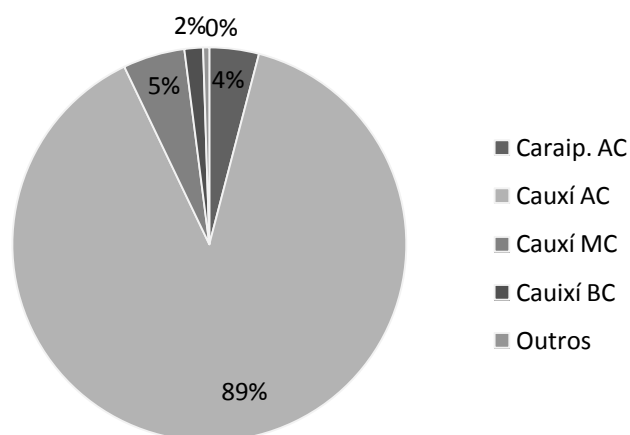


Gráfico 1.40– Ocorrência de pastas nas bases.

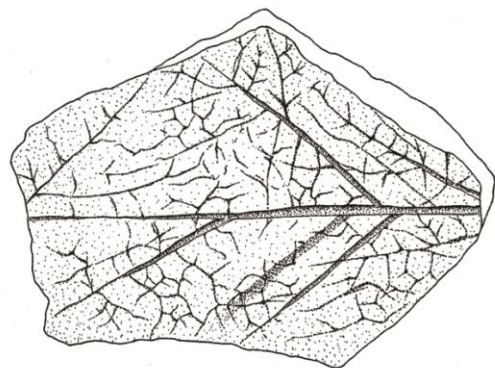
As bases planas quase não apresentaram as decorações vistas nas outras peças. As decorações mais recorrentes foram o engobo vermelho, seguido de engobo branco, pontualmente houve combinação dos dois. Duas peças apresentaram incisões com motivos lineares, 2 possuíam pintura vermelha sobre engobo branco.

Nas bases planas foi registrada recorrente presença de base com marcas de folhas (figuras 1.73 e 1.74) cerca de 25% das peças.

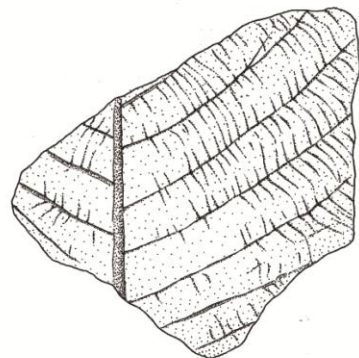
Resultados das análises das bases das feições

Todas as bases encontradas nas feições apresentaram forma plana, quase todas possuíam pasta com cauxí em alta concentração (8,9,10,11,13,15,19 e 22). houve um caco com mineral e outro com argila branca. Apenas duas peças apresentaram engobo branco. Outras seis peças apresentaram marcas de folhas.

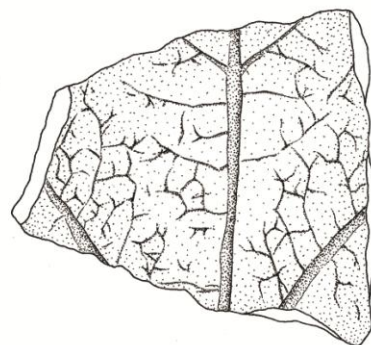
Conjunto Vilas - Bases com marcas de folhas



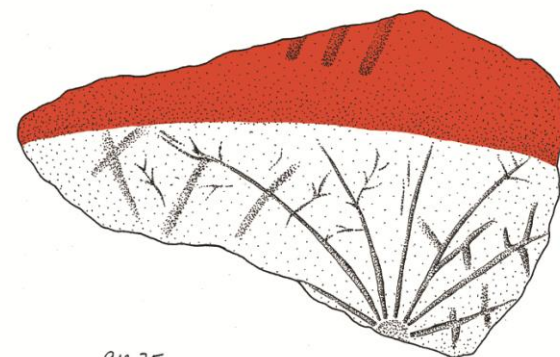
909.102



911.81



911.89



912.75

0 1 2cm

Desenhos: Oliveira; Montagem: Belletti e Gaspar



Figura 1.73 – Desenhos de bases com marcas de folhas.

Conjunto Vilas - Bases com marcas de folhas

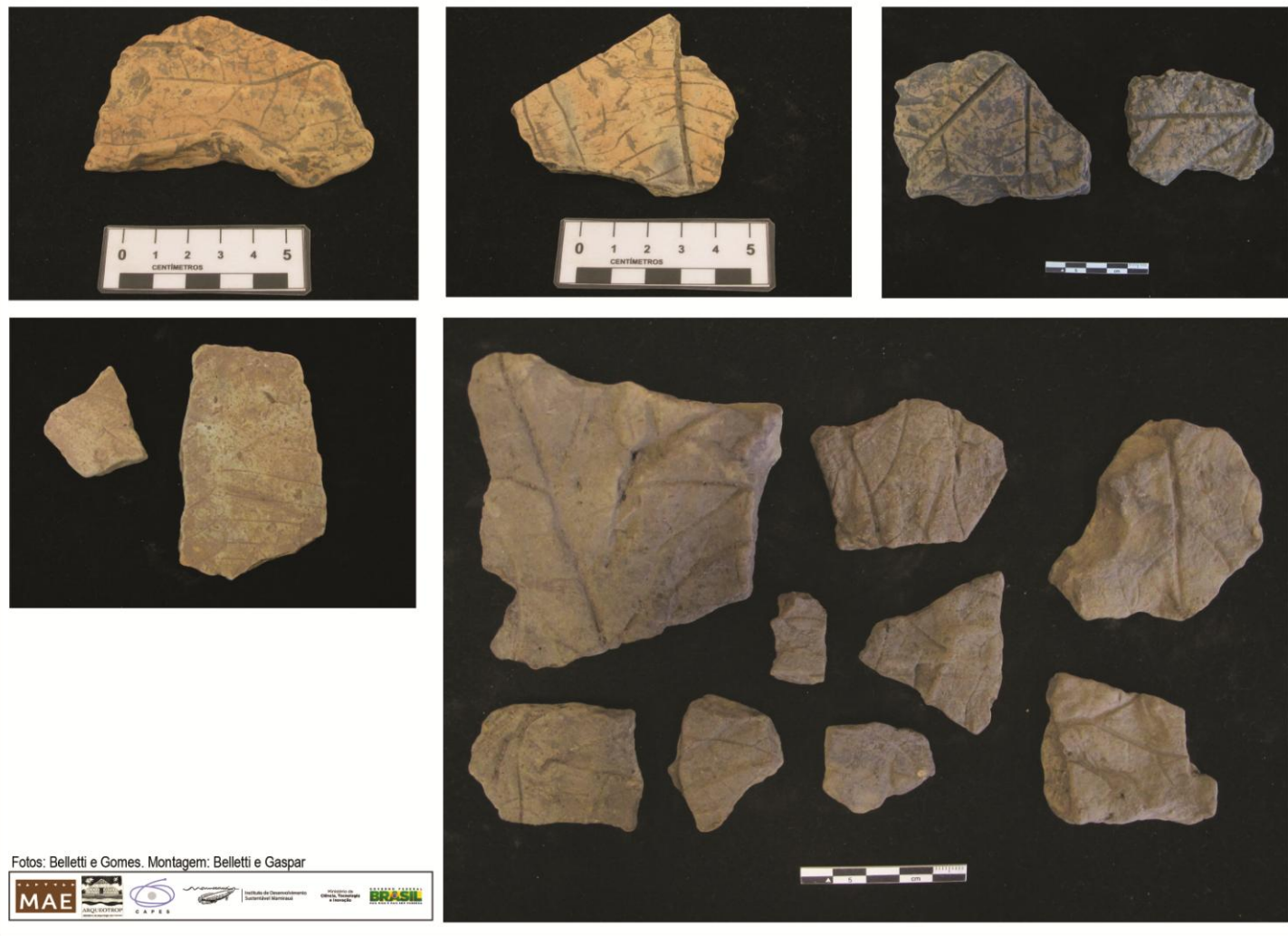
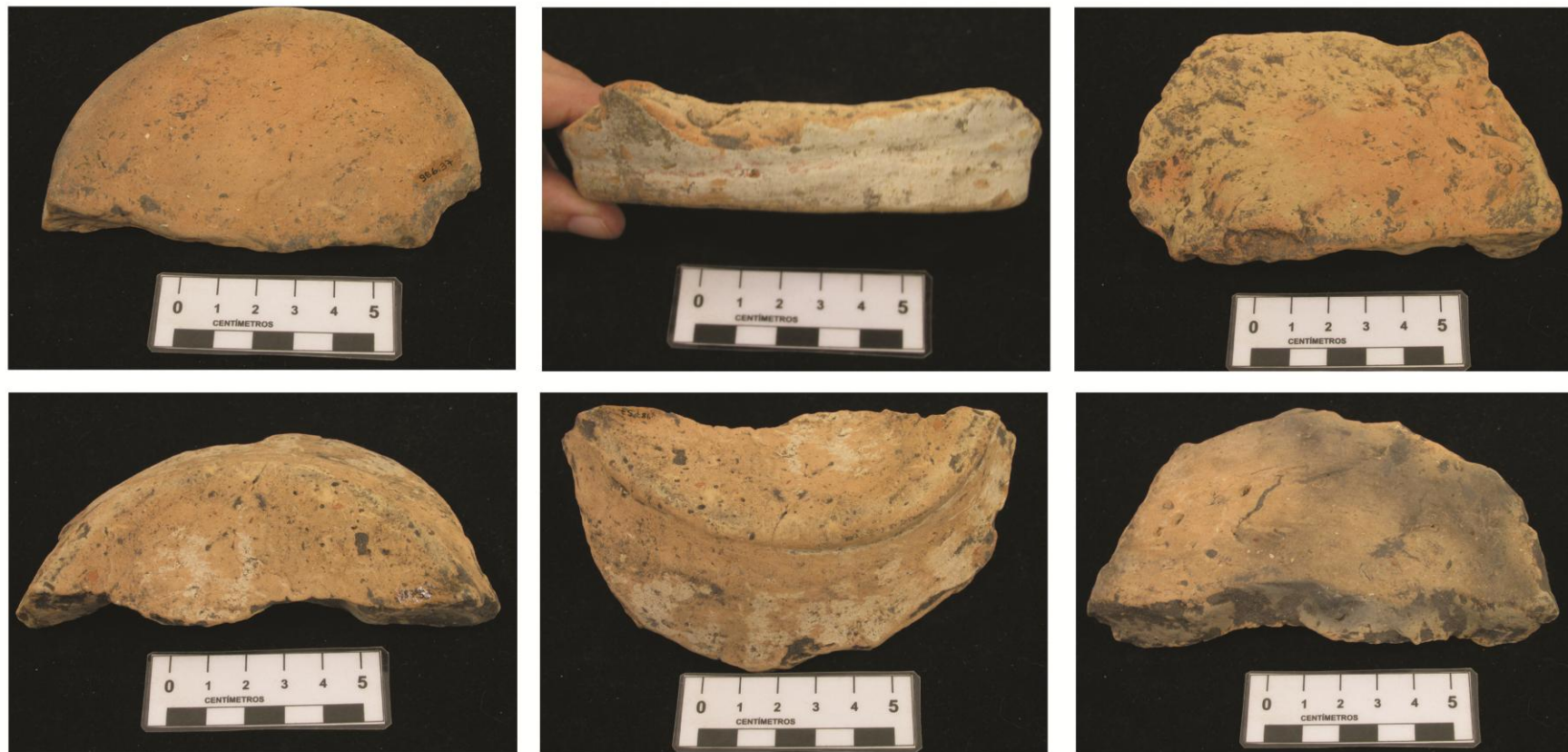


Figura 1.74 – Fotos de bases com marcas de folhas.

Conjunto Vilas - Outras bases



Fotos: Belletti. Montagem: Belletti e Gaspar

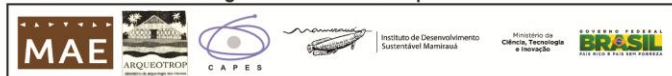


Figura 1.75 – Fotos bases convexas.

Conjuntos artefatuais, escolhas tecnológicas e características de performance no Conjunto Vilas

Os dados expostos acima nos permitem fazer uma caracterização preliminar dos diferentes conjuntos tecnológicos encontrados no sítio conjunto Vilas e através desses também realizar algumas inferências a respeito das escolhas tecnológicas realizadas pelos produtores de cada conjunto e as características de performance que estão sendo selecionadas. Essas inferências são comparadas com os dados das peças cuja reconstituição de morfologias não puderam ser feitas.

Na análise das pastas procuramos evidenciar se diferentes elementos da composição dessas (tipo e concentração de antiplásticos, tipo de queima, espessura e colorações de superfície) apresentavam correlações significativas para pensarmos as escolhas tecnológicas. As colorações de superfície não se mostraram tão significativas para evidenciar escolhas tecnológicas (como, por exemplo, nas cerâmicas da fase Paredão, estudadas por Machado (2005) e Moraes (2006)), pelo menos nas pastas com cauxí. As correlações mais fortes parecem estar entre tipo, concentração de antiplástico e queima. De forma geral, predominaram no sítio Conjunto Vilas dois conjuntos de pastas, cauxí com grande concentração de antiplásticos e caraipé com grande concentração de antiplásticos. Nas peças com grande concentração de cauxí predominam as queimas completas (pastas 8 e 9, principalmente) mas com ocorrência frequente de queimas incompletas (com destaque para pasta 11, cuja queima é do tipo 3, “sanduíche”). Nas pastas com caraipé em grande concentração predominam queima completa e coloração acinzentada (pasta 1), mas ocorre também em frequência significativa pastas com queima incompleta (queima tipo 3) e coloração em tons de vermelho e marrom (pasta 4). Em ambas as pastas o caraipé apresenta diferentes graus de queima expressos desde uma coloração acinzentada até o preto, mas sempre bastante moídos.

As pasta 1 lembra bastante a pasta descrita por Machado (2005, pp. 195-215) como produzida com argila branca, só que no caso do material do Conjunto Vilas não há muitas inclusões minerais nas pasta como no sítio Hatahara. Entretanto, não realizamos análises arqueométricas que comprovassem a existência de dois tipos de argilas diferenciadas no conjunto artefactual geral.

A técnica de manufatura para as vasilhas parece ser predominantemente o roletado e o modelado aparece apenas nos apliques.

Os alisamentos são predominantemente médios, raramente ocorrem em grau fino ou grosseiro. Os engobos podem ocorrer sozinhos ou são aplicados como base para pinturas, mas também aparecem combinados com técnicas plásticas, recobrando toda superfície, ou seja, sendo aplicado após a realização da decoração plástica (ver anteriormente figura 1.62).

Diferentes técnicas decorativas plásticas ocorrem no material cerâmico, mas em geral com associação específica como determinados motivos. Os incisos e incisos em pontas múltiplas ocorrem combinados majoritariamente com motivos triangulares, curvilíneos, lineares simples e compostos que podem ocorrer tanto sozinhos como combinados. Os acanalados e acanalados em pontas múltiplas estão predominantemente associados a motivos lineares simples e composto ou com motivos policromos complexos. Entretanto, por vezes ocorrem motivos triangulares também em acanalados.

Apesar da diversidade acima descrita os conjuntos podem ser formados. As pastas com caraipé parecem ser realmente características exclusivamente do material policromo (fase Tefé) do sítio. As pastas com cauxí parecem estar predominantemente associadas ao material Caiambé, contudo, aparecem associadas também a técnicas e motivos decorativos associado a Fase Tefé.

Nesse ponto concordamos com Hilbert (1962a), motivos curvilíneos, triangulares e lineares (principalmente os simples em diagonal) tanto em inciso como inciso em pontas múltiplas são característicos da fase Caiambé, os estocados também parecem ser referentes a essa fase. Engobos vermelhos de cor fosca também são definidores da fase, eles raramente aparecem associados à pintura, quando ocorre essa é feita com um pigmento branco bastante espesso e com motivos triangulares preenchidos (figura 162). O engobo branco parece ser característico da fase Tefé recobrando motivos acanalados ou servindo de suporte para pintura preta e vermelha.

Os acanalados são como em outras regiões característicos da Tradição Polícroma (fase Tefé), os acanalados em pontas múltiplas também parecem estar associados a essa (mas como veremos no capítulo II, as pontas múltiplas ocorrem de forma mais consistente na cerâmica policroma do médio alto Solimões). Aqui a

associação com motivos é mais difícil, pois, a cerâmica polícroma é caracterizada pela ocorrência de complexos e figurativos motivos, que não podemos verificar com clareza, dada a fragmentação das peças. O que foi possível perceber é que esses acanalados estão predominantemente associados a motivos lineares que podem estar formando motivos mais complexos e figurativos.

Assim como as pastas com cauxí às vezes apresentam motivos da Fase Tefé, algumas peças com acanalados apresentam triângulos da Fase Caiambé como motivos, as vezes associados a engobo branco. Essa combinação de motivos e pastas Caiambé associado com técnica Tefé nos remete a ideia de fluxos de tecnologias.

Observando essas características gerais associadas as formas podemos ver algumas escolhas tecnológicas e performances a serem selecionadas.

A grande quantidade de antiplástico parece ser uma escolha selecionada tanto nas pastas com cauxí como com caraipé. A grande quantidade de antiplástico aumenta a resistência mecânica das peças, contudo não privilegia tanto a capacidade térmica, tendo o cauxí uma capacidade térmica baixa e o caraipé mediana (MACHADO, 2005, p.212).

Algumas formas que trazem características mais particulares nos ajudam a pensar melhor o conjunto artefactual geral. Por exemplo, as diferentes morfologias com presença de flange labial (14, 15, 17, 18, 20 e 21) parecem ser típicas da Fase Caiambé e explicitar escolhas tecnológicas e características de performances particulares. Formas com pontos de angulação diminuem a resistência mecânica da peça (SCHIFFER e SKIBO, 1992), e isso é claramente visível no material do Conjunto Vilas onde há centenas de flanges labiais, porém, pouquíssimas puderam ter a forma projetada, pois, ao quebrarem bem no ponto de angulação não nos permitem ver a direção do bojo a ser projetado.

O acréscimo dessa superfície oferece um campo decorativo, esse campo aparece nas flanges labiais sempre delimitado por duas linhas. Entre essas são colocados os motivos triangulares, curvilíneos e lineares de forma repetida (por vezes, combinados entre si, mas com a combinação sempre repetida), essa combinação parece dar uma ideia de movimento ao motivo. A localização desse campo decorativo, na parte superior do vaso, exige que a visualização seja feita de cima, de perto e em relação ao conteúdo da vasilha.

As flanges labiais aparecem então como uma escolha tecnológica cuja performance está relacionada a criação de um campo de decoração. A combinação de circunscrição do campo, a continuidade dos motivos e a relação de visualização entre campo e conteúdo gera uma performance visual de movimento para este campo.

O volume das morfologias dos vasos com flange labiais varia de 0,2l a 3,5l. A morfologia 14 de forma irrestritiva apresenta volume entre 0,2l e 0,9l (apenas uma peça apresentou volume de 1,8l) e sua funcionalidade parece estar relacionada ao consumo individual. A morfologia 15, também irrestritiva apresenta volumes entre 0,5 e 2,5 l, provavelmente também pode estar relacionada a consumo. Ambas as morfologias, 14 e 15, pelas reduzias dimensões tem como outra característica de performance a portabilidade. As morfologias 17, 20 e 21 são restritivas e apresentam a volumes entre 1,5 e 7,5l (com apenas dois desvios, uma peça de morfologia 17 com 0,9l e outra de morfologia 21 com 19l), essas vasilhas podem estar relacionadas a consumo coletivo ou serviço. A morfologia de 18 apresenta pequena amostragem (5 peças) com grande amplitude volumétrica entre 1,5l e 31l, o que não nos permite maiores inferências e exige uma maior atenção a presença dessa morfologia em trabalhos futuros. As flanges labiais podem ainda facilitar a portabilidade do objeto (BECK, 2009, p.310-311).

Outra relação mais ampla pode ser estabelecida entre peças com pastas com caraipé em alta concentração e volume. Entre as 18 peças com estas pastas que tiveram projeção de morfologia e encontramos as formas 1,2,3,6,7,8, 11,13,14, 17 e 21, mas independente da forma predominam volumes entre 0,5l e 2,5l (13 peças, as outras 5 peças têm volume entre 3,5l a 8l). Ou seja, parece que há uma escolha tecnológica por tamanhos menores que implicam em uma performance de portabilidade.

Fato similar se deu também com as peças com projeção de morfologias relacionadas a Fase Tefé pelas características decorativas, aquelas que apresentaram pasta com caraipé (3 peças, morfologias 3, 6 e 11) tiveram volumes entre 0,6 e 3l, já aquelas com pastas com cauxí também apresentaram volumes reduzidos, mas com algumas variações marcadas quanto a morfologia. Peças com morfologia 1 relacionadas a fase Tefé e com pastas com cauxí apresentaram volume entre 0,1l a 1,2l, pela forma irrestritiva e pequeno volume podem estar

relacionadas a consumo individual. Enquanto as morfologias 2,3,8 e 17 tiveram volume entre 3,5 e 6,5l. As morfologias 2 e 3, irrestritivas podem estar relacionadas a consumo e serviço, já as da morfologia 8 restritiva pode estar relacionada ao serviço e armazenamento. Aqui também a portabilidade parece ser uma performance importante.

Apenas 2 peças da morfologia 5 puderam ter sua morfologia projetada, suas grande dimensões e suas paredes grossas não privilegiam a portabilidade como características de performance, contudo as paredes baixas e a base plana favorecem a capacidade térmica (CHILTON, 1998) como característica de performance valorizada. Essa morfologia é muitas vezes chamada de “assador”, a baixa portabilidade, a grande capacidade volumétrica (por volta de 15l) e a valorização da capacidade térmica parecem ser coerentes com alguma função similar a essa.

Por fim, pensando as características das vasilhas das fases Caiambé e Tefé, das escolhas tecnológicas e performances é preciso falar das peças com fluxos de tecnologias (figura 1.76). Como observado ao longo da análise algumas peças apresentaram características tanto da fase Caiambé como Tefé, entre essas estão morfologias restritivas com flanges labiais, características da fase Caiambé, onde no campo decorativo da flange foram encontrados motivos ofídeomorfos e acanalados típicos da fase Tefé. Outras vezes encontramos flanges labiais com motivos feitos em acanalados (técnica característica da Tradição Polícroma e pouco comum na Borda Incisa), contudo, diferente das flanges mesiais polícromas e outras peças dessa tradição com decoração acanalada, os desenhos não formavam um conjunto delimitado com determinado motivo produzido com técnicas de espelhamento. Havia apenas series de acanalados preenchendo o campo decorativo da flange labial. Podemos inferir possíveis tentativas de emulação dos complexos motivos polícromos.

Algumas paredes e faces externas das bordas apresentaram motivos triangulares (Caiambé) sobrepostos feitos em técnica acanalada e cobertas por engobo branco (técnicas Tefé).

Encontramos ainda, entre as coleções dos moradores⁵ duas peças bastante significativas no que se refere aos fluxos de tecnologias. Um elemento característico e recorrente da Fase Caiambé são as pequenas estatuetas (cerca de 10cm de

⁵ Agradecimentos a dona Graça e dona Lídia que nos mostraram essas peças.

altura). Registramos entre as diversas estatuetas Caiambé uma que, ao invés de ter em seu topo um zoomorfo produzido com apliques em bolinhas com um ponto no centro, possuíam a forma de um antropomorfo policromo, isto é, a cabeça com uma tiara delimitando o rosto (figura 1.77). Outra peça registrada parecia muito com uma tampa de urna antropomorfa (material típico da TPA), contudo, o rosto ao invés de ser formado por pintura, suaves alterações na argila ou apliques mais comuns na TPA, era formado por apliques típicos da Fase Caiambé. (figura 1.77). Isso é significativo, pois, demonstra que esse fluxo ocorreu não apenas nas vasilhas mas também em objetos de conteúdo símbolo muito significativo.

No caso das flanges labiais com motivos ofídeomorfos e da estatueta as escolhas tecnológicas privilegiaram manutenção de pastas e morfologias Caiambé mas motivos Tefé. Nas paredes foram escolhidas pastas e motivos Caiambé realizados com técnicas Tefé. Já na tampa de urna as escolhas tecnológicas mantêm a morfologia Tefé, mas com motivos Caiambé. Em ambos os casos a performance exigida dos objetos parece ser visual, no que se refere as flanges labiais, paredes e estatuetas a ideia parece ser dar uma aparência Tefé a uma estrutura Caiambé. E na tampa de urna o contrário, dar uma aparência Caiambé a uma estrutura Tefé.

Os significados das diferentes escolhas tecnológicas encontradas no sítio serão discutidos mais abaixo.

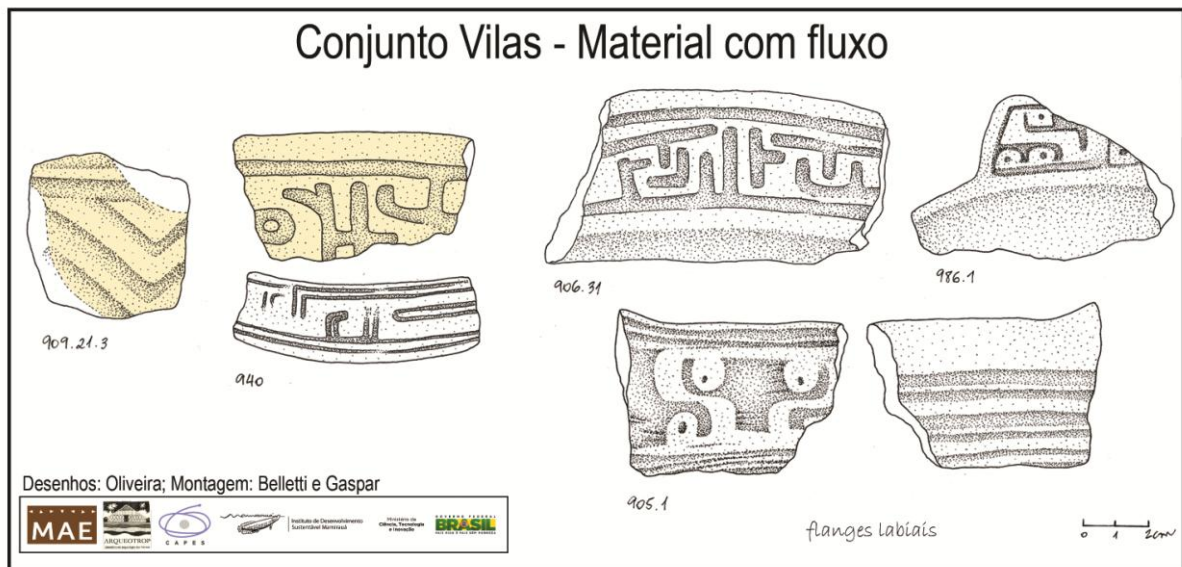


Figura 1.76 – Desenho de materiais com fluxo de tecnologias.



Figura 1.77 – Acima à esquerda estatueta Caiambé a direita estatueta com fluxo (fotos Erêndira Oliveira). Abaixo peça com formato de tampa de urna antropomorfa policroma, mas com antropomorfismo feito por apliques Caiambé (fotos Jaqueline Gomes).

Distribuição cerâmica

Por fim, procuramos analisar a distribuição geral horizontal e verticalmente das peças procurando encontrar alguma especificidade dentro do sítio.

Analisamos a distribuição horizontal e vertical desses nas unidades e percebemos um predomínio geral de material Caiambé, todavia, constantemente relacionado ao material Tefé em menor quantidade. O material Pocó-Açutuba ocorre apenas na unidade IV e os materiais com fluxo estão nas unidades com TPI (II e IV).

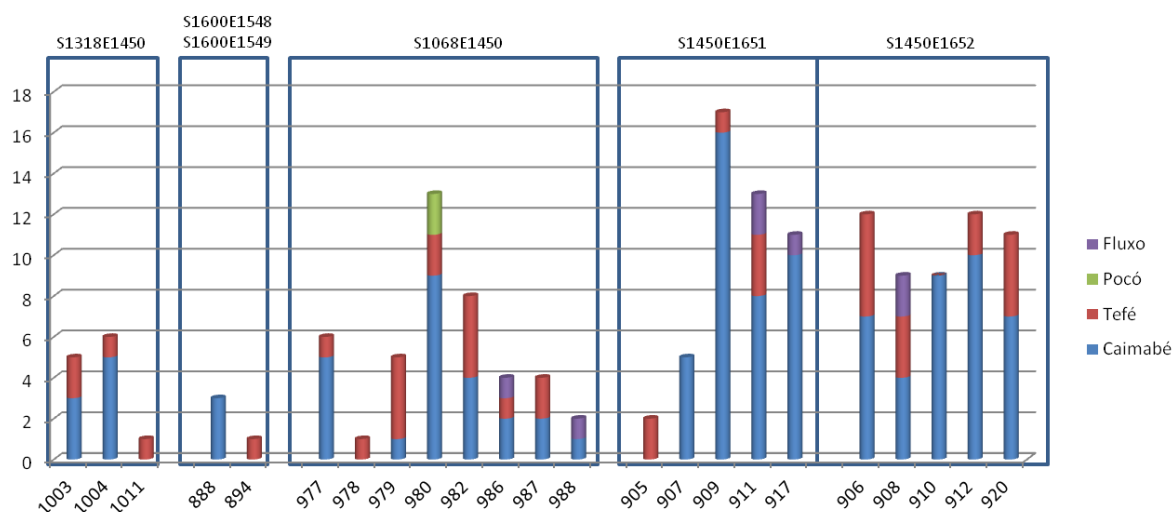


Gráfico 1.78– Distribuição geral de peças classificadas entre os níveis das unidades.

Através das análises podemos perceber a ocorrência de peças com características Tefé produzidas em pastas com cauxí (tanto em alta como média concentração), todavia, não encontramos peças com características Caiambé em pastas com caraipé. Deste modo, como em outras áreas da Amazônia as pastas com caraipé parecem ser um indicador da tecnologia cerâmica policroma.

Realizamos, então, também a observação da distribuição das pastas com alta concentração e cauxí e caraipé. Observamos a constante presença de peças com alta concentração de caraipé em quase todos os níveis as unidades (a exceção da S1600E1548), entretanto, sempre em quantidade muito pequena em relação as peças com cauxí em alta concentração.

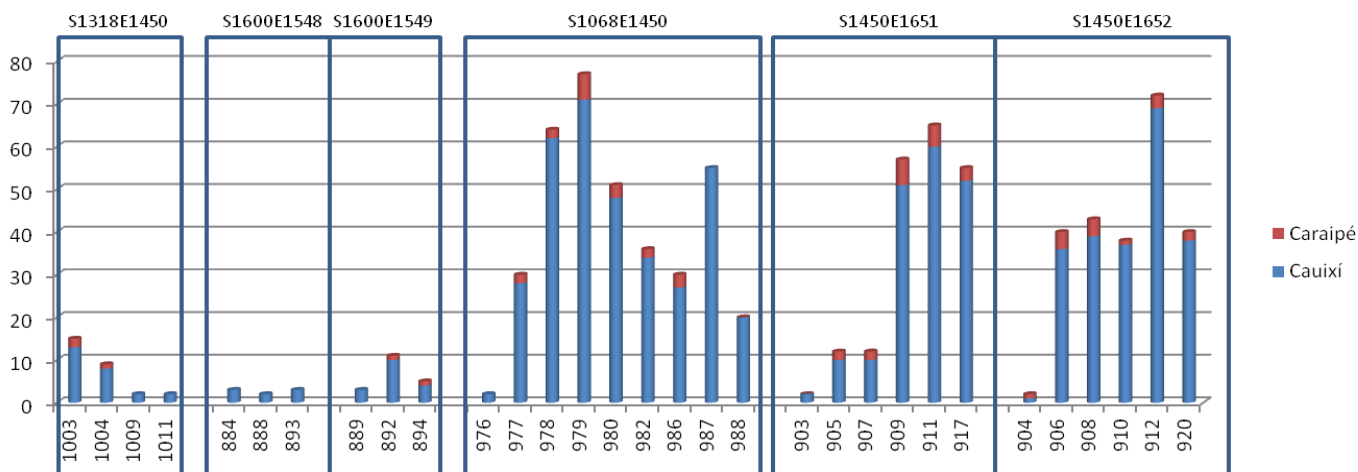


Gráfico 1.42– Distribuição geral de peças classificadas com pastas com cauíx e caraipé em alta concentração entre as unidades e níveis.

Concluimos que, como já descrito por Hilbert (1962a) as cerâmicas Caiambé e Tefé coexistem em quase toda a estratigrafia, desde os níveis mais profundos. Isto significa que não podemos observar momentos de ocupação distintos como são observados em sítios multicomponenciais com material Polícromo da Amazônia Central (MACHADO, 2005; TAMANAHA, 2012).

1.2.2. Materiais Líticos

Não foi possível realizar ainda a análise do material lítico encontrado no sítio Conjunto Vilas, mas, para fins de registro, vamos fazer uma breve descrição do que foi encontrado.

Foram encontrados 4 tipos de materiais líticos neste sítio: calibradores, contas de colar, um machado. Além deles, foram encontrados também pequenos seixos com potenciais marcas de lascamento e micro-lascas relacionadas a eles, contudo, pelo tamanho das peças seria necessário uma análise específica dessas para confirmar que esses pequenos seixos estavam sendo usados como matéria prima.

Três contas de colar foram encontradas no sítio Conjunto Vilas (figura, 1.79). Duas com forma circular plana e outra com uma forma circular cilíndrica. Todas produzidas sobre uma rocha de cor avermelhada (não identificada). A cor e textura das rochas utilizadas para fazer as contas é similar a cor e textura de alguns dos

pequenos seixos. Uma hipótese então para ser testada é se esses pequenos seixos seriam matéria-prima dessas contas.

O material lítico mais encontrado foram os calibradores (figura 1.78), ao menos uma dezena deles foi encontrado entre as diferentes áreas do sítio. Os calibradores foram produzidos sobre uma rocha bastante grosseira (possivelmente laterita), algumas rochas apresentam diversos sulcos nos diferentes lados.

Na unidade III na base de uma das feições (F8) foi encontrado um machado (figura 1.80), com marcas de desgaste acentuado no gume.

Conjunto Vilas - Calibradores

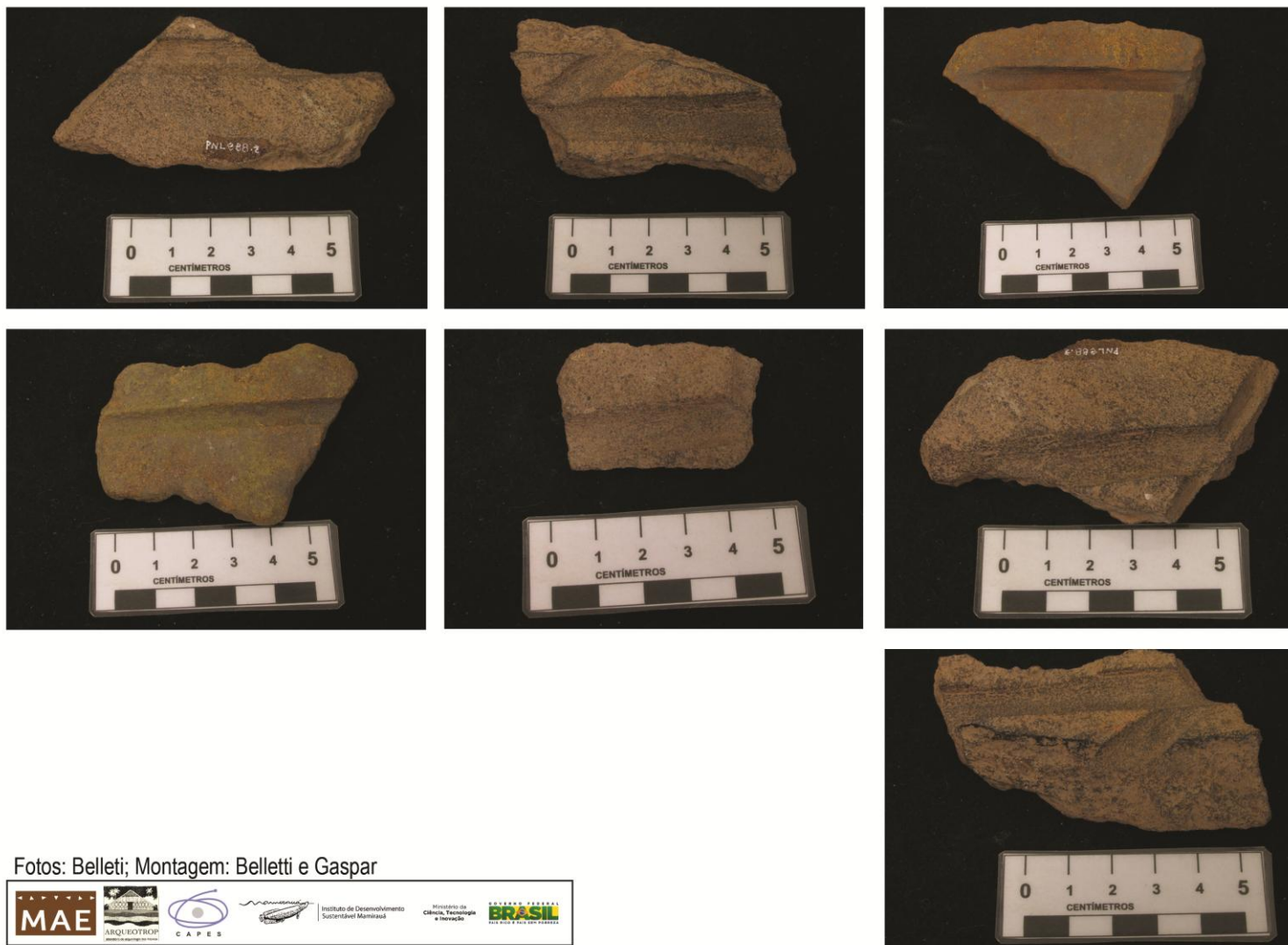
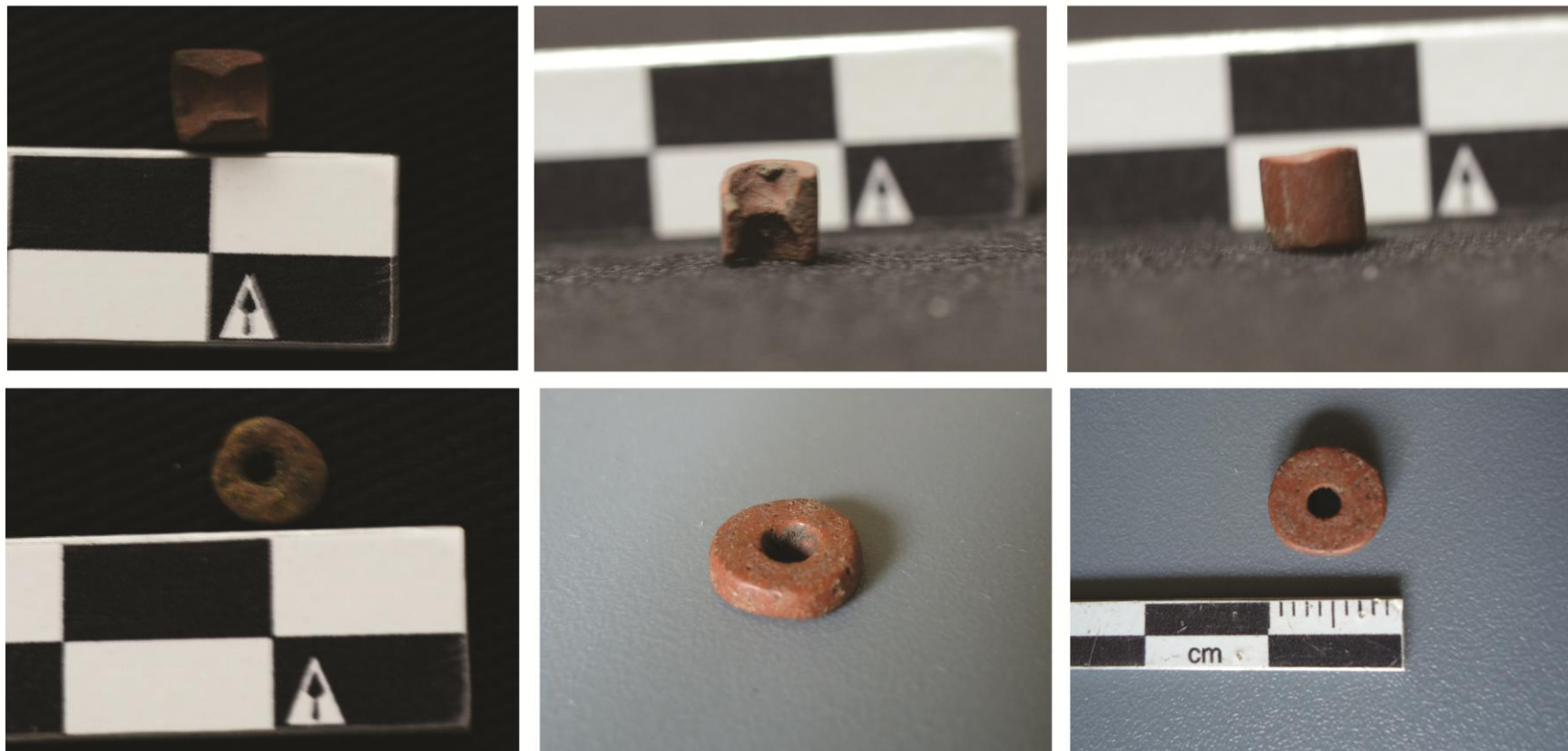


Figura 1.78 – Calibradores

Conjunto Vilas - Contas



Fotos: Belletti e Cunha Lima. Montagem: Belletti e Gaspar



Figura 1.79 – Pigmentos em rocha

Conjunto Vilas - Machado



Fotos: Belletti; Montagem: Belletti e Gaspar

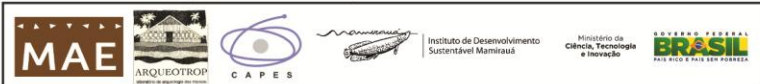


Figura 1.80 – Machado

1.2.3. Outras Análises

Contamos com o apoio de outros colegas para a realização de análises físico-químicas de solo, micromorfologia, macrovestígios botânicos e análise do sepultamento. As análises de físico-química de solos estão sendo conduzidas pelo Dr. Wenceslau Teixeira e as análises de micromorfologia pela mestrandia do UFRJ, Claudia Sá. Essas análises ainda não foram concluídas, então não nos aprofundaremos em discuti-las, mas os dados preliminares indicam que essas trarão resultados significativos para algumas das hipóteses levantadas sobre o Conjunto Vilas.

Macrovestígios botânicos

As análises de macrovestígio botânicos conduzidas pela Dra. Myrtle Shock e colaboradores trouxeram resultados bastante interessantes. Primeiramente elas evidenciaram a significativa diferença não apenas entre as unidades com e sem terra preta, mas também entre as unidades com terra preta, e mesmo entre as feições de uma mesma unidade. Essas diferenças se referem a quantidade e características dos materiais ocorrentes nas feições.

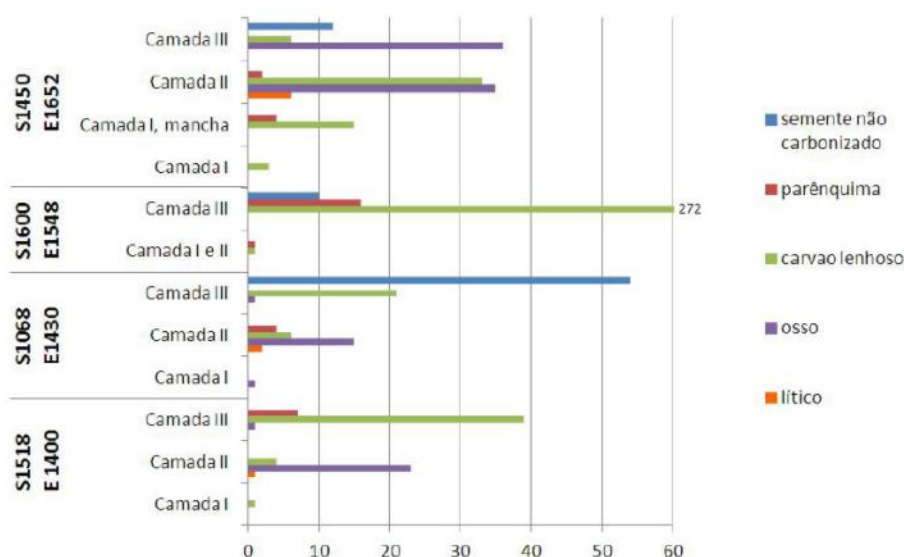


Gráfico 1.43– Distribuição de macro vestígios entre as camadas das unidades (elaborado por Shock).

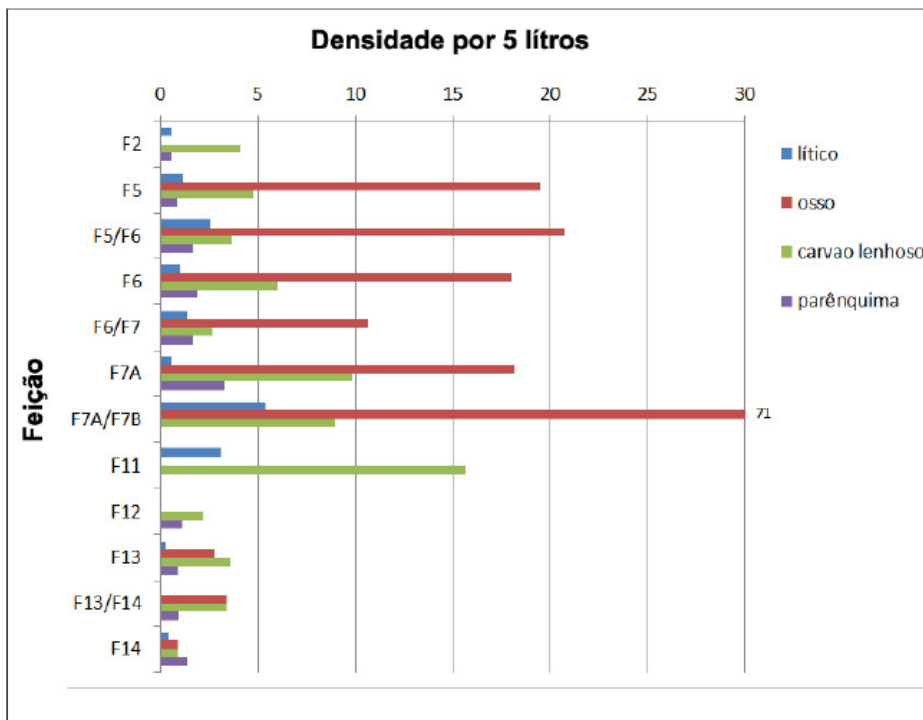


Gráfico 1.44– Distribuição de macro vestígios entre as feições(elaborado por Shock).

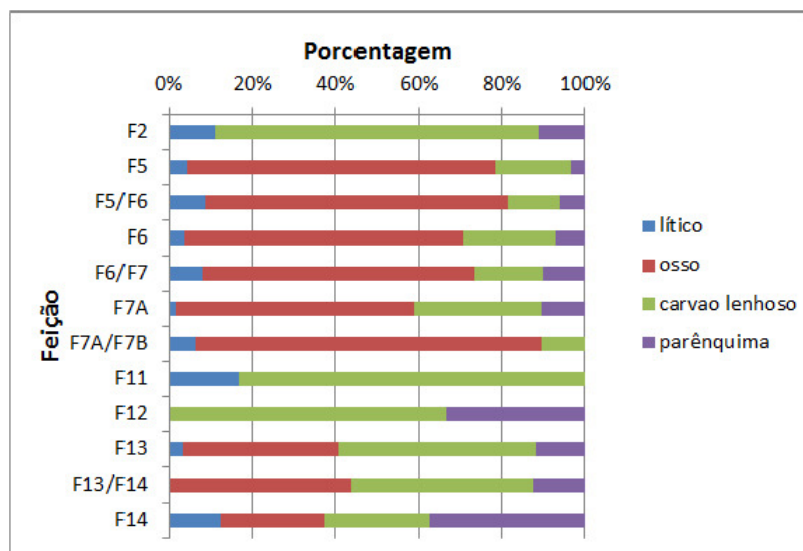


Gráfico 1.45– Composição das feições (elaborado por Shock).

Os gráficos acima nos mostram uma significativa diferença entre as camadas arqueológicas (camada II) das unidades de terra preta, mostrando que a quadra S1068E1548 apresenta muito menor quantidade de material que a da quadra S1450E1652. Olhando para os gráficos das feições percebemos que esse quadro se

repete, ou seja, para as feições S1068E1548 (F11, F12, F13, F13/14, F14) e S1450E1652 (F5, F5/F6, F6, F7/F6, F7, F7A/F7B).

Outro dado interessante é que, se olharmos a composição de cada feição, percebemos um quadro similar entre as feições da S1450E1652, elas possuem um predomínio de materiais ósseos (não carbonizados), com uma quantidade menor de carvões lenhosos e pequenas porções de parênquimas e líticos. Já na unidade S1068E1548 cada feição possui uma composição diferente. As feições F11 e F12 apresentam predomínio de carvão lenhoso, entretanto, na primeira, este está associado a materiais líticos e, na segunda, esta associada a parênquimas. AS feições F13 e F14, possuem composição similar as da unidade S1450E1652, com presença de ossos, carvão lenhoso, parênquimas e líticos. Contudo, as proporções diferem na F13 e F14, os ossos não chegam a ser predominantes, ocorrendo em proporção similar aos carvões lenhosos e os parênquimas tem percentual mais significativo.

Desenvolveremos algumas hipóteses para essas diferenças quando falarmos da cronologia do sítio.

Apesar da significativa quantidade de parênquimas identificados no sítio para poucos deles foi possível a identificação botânica dada sua fragmentação. Segundo a Dr. Myrtle Shock fragmentos de endocarpo de de Arecaceae (coquinhos) são recorrentes mais não puderam ser mais especificamente identificados.

Na feição 5 um fragmento de milho (*Zea Mays*) foi identificado, apesar de pertencer a um contexto multicomponencial com material das Fases Caiambé e Tefé, um carvão lenhoso pertencente a essa feição foi datado, oferecendo uma data de 970 A.D \pm 30.

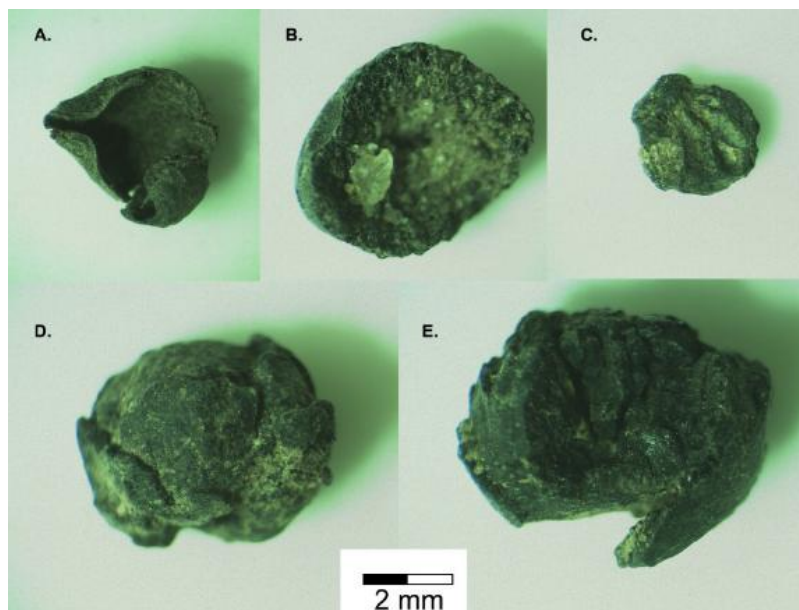


Figura 1.81– Fragmentos de sementes carbonizados e identificáveis da feição 5 níveis 90-100 cm (A) 80-90 cm (B) e 70-80 cm (C) e da feição 6 nível 70-80 (D e E). Foto: Myrtle Shock



Figura 1.82– Fragmento de Zea mays encontrado no sítio Conjunto Vilas, Feição 5, 90-100cm, visto de 3 lados. Foto: Myrtle Shock

Sepultamento I Conjunto Vilas

O sepultamento I encontrado no sítio Conjunto Vilas foi retrado em bloco, sua escavação foi posteriormente realizada com a orientação e análise da Dra. Anne Rapp Py-Daniel.

Assim como nas demais camadas do sítio, o sepultamento I está envolvido em um contexto de sobreposição de feições. Ele foi parcialmente depositado sobre latossolo, contudo cortou parte de uma feição mais antiga. Os ossos do crânio e pernas estavam colocados de forma esperada para a colocação de um

sepultamento primário, contudo, a área central entre vértebras e costelas não apresentava os ossos na posição esperada. Apenas uma vértebra e uma costela foram encontradas, mas também de forma desconexa. A parte das pernas também foi perturbada pela construção de uma feição.

O sepultamento foi descrito pela Dra. Anne Rapp Py-Daniel como sepultamento individual primário de um adulto, depositado com pernas fletidas (provavelmente bastante espaço vazio, pois as pernas estão relativamente separadas). O braço possivelmente também estaria fletido.

Ainda não foram realizadas datas para o sepultamento especificamente, mas um caco da Fase Tefé localizado no nível 50-60cm dessa unidade foi datado em 1070 A.D \pm 30. Análises mais específicas do material e contexto da unidade III precisam ser realizadas para compreendermos a relação entre o caco datado e o sepultamento, mas acreditamos que é provável que o caco seja mais antigo.

1.2.4 Considerações sobre o sítio Conjunto Vilas

Ao se deparar com a contínua presença de materiais Caiambé e Tefé no registro arqueológico do sítio Conjunto Vilas, Peter Hilbert (1962a, 1968) inferiu uma continuidade entre essas cerâmicas acreditando que aos poucos as cerâmicas Caiambé se tornariam Tefé. Essa explanação de Hilbert é perfeitamente coerente com seus pressupostos teóricos e com as discussões arqueológicas vigentes na época de suas pesquisas. Entretanto, hoje quase 50 anos depois embasados em outros pressupostos teóricos, nos propomos a dar uma outra hipótese de explanação.

Como colocamos a presença Tefé é constante em toda estratigrafia, mas sempre pouco significativa quantitativamente. Observamos também a ocorrência de materiais que possuem um fluxo entre elementos das tecnologias Caiambé e Tefé.

A contínua presença de material Tefé não nos permite interpretar a presença de materiais desse tipo no sítio como consequência de uma ocupação posterior, como vemos na Amazônia Central onde os materiais Borda incisa são estratigraficamente sucedidos por materiais Polícromos. Do mesmo modo, os fluxos encontrados entre as diferentes tecnologias nos permitem inferir o contato direto

entre as populações que estavam produzindo essas diferentes tecnologias cerâmicas.

Diante dessas características da ocorrência de material policromo no sítio Conjunto Vilas pensamos que esse tipo de material esteja ali presente não pela ocorrência de uma ocupação policroma, mas sim por redes de troca e comércio de bens, bem como possivelmente da troca de mulheres e da realização de festejos ou rituais conjuntos entre os produtores das cerâmicas Tefé e Caiambé. Observando o expressivo predomínio de material Caiambé definimos que o sítio Conjunto Vilas é um sítio Caiambé.

Lembramos aqui que um dia Seu Lucas Batalha nos contou uma interpretação muito interessante sobre porque havia tantos cacos na boca do Lago Tefé. Antes é preciso dizer que Seu Lucas é morador da comunidade Vila Valente e hoje tem 83 anos, ele ainda fala a língua geral, ou gíria nas palavras dele, que aprendeu com os avós indígenas. Seu Lucas conta diferentes histórias sobre os tempos dos índios em Tefé, ele sabe também o significado de muitos topônimos indígenas da região. Seu Lucas nos contou, então, que ali na Boca do Lago Tefé havia muitos cacos, pois, no tempo dos antigos aconteciam ali muitos festejos e quando outros indígenas vinham ali participar desses festejos eles traziam seus potes e ao final das festas esses eram quebrados e varridos. Seu Lucas disse que este festejo se chamava Festa da Varreção, pois, muitos cacos tinham de ser varridos.

Nesse sentido, no sítio Conjunto Vilas a multicomponentalidade do sítio Conjunto Vilas não é dada por diferentes ocupações em um mesmo local, mas pelo fluxo de tecnologias resultante de variadas formas de contato e interação entre distintos grupos.

Essas relações de fluxo não parecem ser um fenômeno isolado do sítio Conjunto Vilas. Uma série de sítios vem sendo estudadas no Lago Amanã (cerca de 130Km de Tefé) por Costa (2012), Gomes (2014) e Furquim (2014). Em alguns desses sítios podemos ver também o fluxo de tecnologias entre as Fases Caiambé e Tefé. Gomes (2014) destaca a presença de acentuado número de flanges mesiais (características da TPA) nos sítios do Lago Amanã, muitas com decorações associadas a fase Caiambé.



Figura 1.81 – Peças com fluxo do lago Amanã, a esquerda flange labial com acanalados e engobo branco, a direita motivos triangulares Caiambé feitos em acanalado e com engobo branco.

Tendo por base que as classificações na cerâmica arqueológica no Brasil tiveram por pressuposto a identificação de atributos diagnósticos que permitissem delimitar diferentes componentes culturais, qualquer variável que extrapolasse as classificações existentes era geralmente denominada como material intrusivo, quando não ignoradas. Contudo a presença de fluxos têm sido estudada em outros contextos, como vimos nos exemplos de Chilton (1998 e 1999b) e Beck (2009), e demonstram as implicações desses fluxos nas interpretações arqueológicas. É nesse sentido que discutiremos a TPA e a interpretação dos sítios do Lago Tefé em um quadro regional de dimensões continentais. Faremos isso nos capítulos II e III, mas antes passaremos ainda à discussão do sítio Tauary.

1.3. Análise Sítio Tauary

O material do sítio Tauary se refere as 6 urnas encontradas pelo moradores da comunidade homônimo, como descrito anteriormente. Por conta das especificidades da amostra vamos nos ater mais a uma atividade de registro do que de algum viés de análise propriamente.

Urna 1¹



Figura 1.82 – Urna 1 após a restauração (Foto Erêndira Oliveira).

¹ Imagem da peça após ter passado pela primeira etapa de curadoria e conservação, sob responsabilidade da Dra. Sílvia Cunha Lima. A lacuna na parte frontal da peça indica o local de onde foi selecionado o fragmento para datação. Posteriormente percebemos que há um erro na foto acima, a relação entre a tampa e o corpo é oposta, ou seja, o lado do rosto da tampa e do corpo estão opostos.

Esta urna chegou ao laboratório de arqueologia fragmentada em 23 peças com o sedimento interno quase totalmente removido. Apenas uma camada de cerca de 13 cm com 2-3cm de espessura permanecia aderida a parte interna da parede junto ao bojo do corpo. Este sedimento restante foi escavado em laboratório.



Figura 1.83 – Estado de conservação da peça quando chegou ao laboratório (Foto Silvia Cunha Lima).

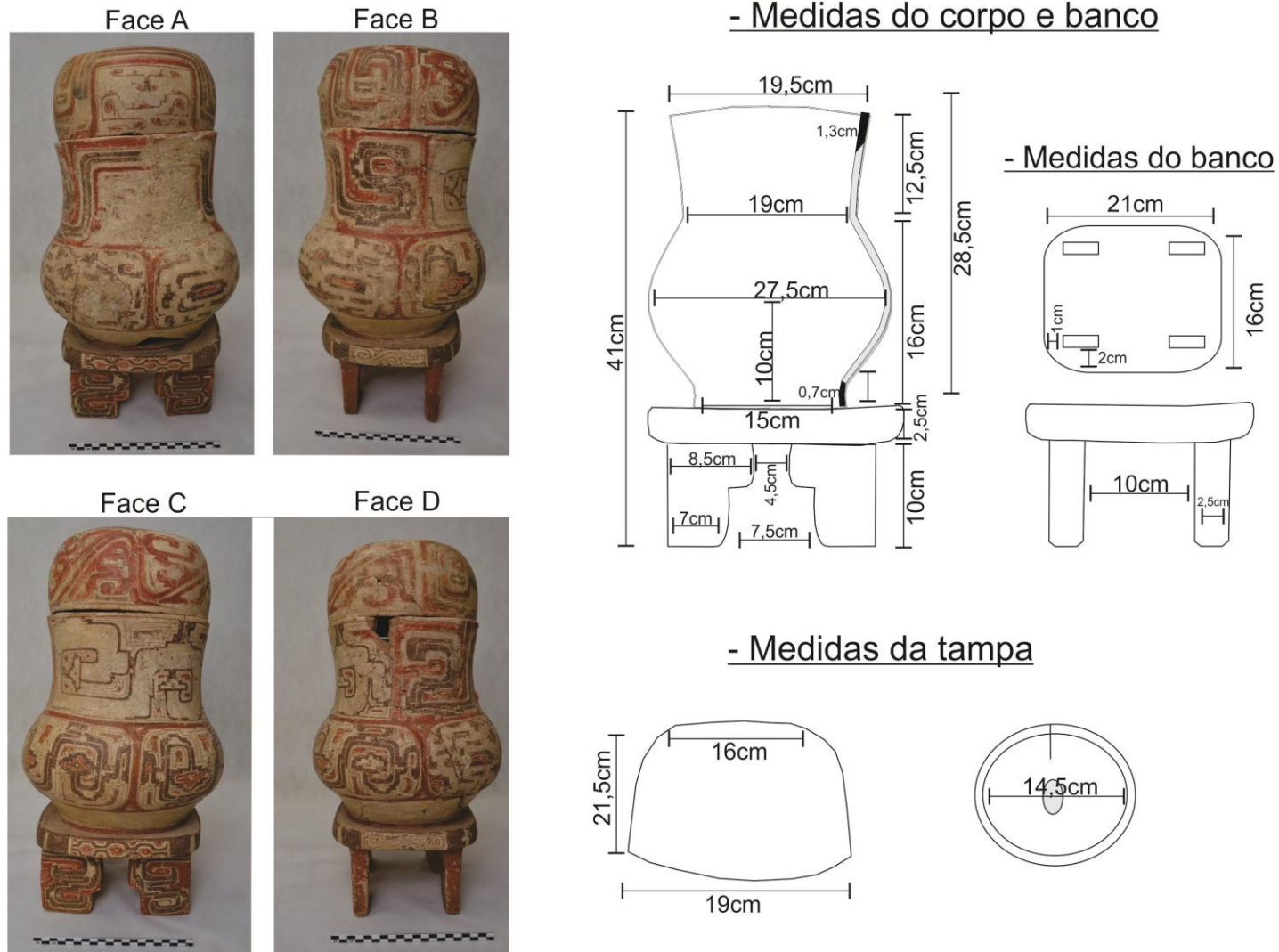
Entre 0 e 9 cm o sedimento era arenoso bastante fino de coloração 10YR 5/3, já um pouco solto, e apresentava raízes e bioturbações. Entre 7-8cm ocorreram algumas manchas escuras com presença de carvão. Entre 9-13cm as características do sedimento se mantiveram, entretanto, a compactação aumentou. Continuaram ocorrendo pequenas manchas mais escuras e micro carvões. Não foram encontrados vestígios ósseos.



Figura 1.84 – Sedimento restante no interior da urna (Foto: Silvia Cunha Lima).

Depois de escavada, a urna 1 foi submetida ao processo de curadoria e restauro onde foi limpa (sem lavagem) e remontada. A remontagem permitiu uma análise mais acurada da morfologia da peça, a pasta e os aspectos técnicos de produção da urna também foram analisados concomitantemente ao processo de conservação.

Sítio Tauary - Croqui **Urna 1**



Elaborado por Belletti e Oliveira



Figura 1.85 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 1

A urna 1 é composta de 3 partes: banco, corpo e tampa. O banco apresenta um assento quadrangular com cantos arredondados apoiado sobre quatro pés descontínuos dispostos de forma simétrica. Os quatro pés apresentam um mesmo motivo decorativo enquanto o assento apresenta motivos iguais na frente e verso e outro motivo nas laterais. O corpo é composto de três campos delimitados: o primeiro vai da base até um ponto de angulação que é destacado por uma faixa vermelha; a partir dessa faixa começa o segundo campo que é a área do bojo; o terceiro campo é formado pela parte mais cônica e superior do corpo. Por fim, a tampa é composta de duas partes, a tampa propriamente dita e o aplique.

O assento e o corpo foram produzidos de forma contínua, de maneira que a base do corpo é o próprio banco. Os pés foram individualmente aplicados sob o assento. A tampa apresenta certa irregularidade com a borda do corpo, de modo a restar pequenos espaços que permitiriam a lenta e gradual penetração de solo e pequenos carvões. O lábio da borda do corpo é biselado enquanto o da borda da tampa é plano, mas com sutil declive. Os lábios da borda da tampa são cobertos por engobo vermelho.

Essa peça, assim como as demais, possuía um aplique sobre a tampa, entretanto, esse, aparentemente, já havia se desprendido da mesma e foi encontrado próximo a esta. O aplique ornitomorfo desapareceu antes das urnas chegarem ao laboratório, mas restaram fotos do mesmo que possibilitam que vejamos que se tratava de um pássaro diferente dos outros (Urubu, urna 2, e Coruja, urna 4).



Figura 1.86 – Aplique ornitomorfo da urna 1

A pasta apresenta como antiplástico grande concentração de pedaços medianos de caraipé em diferentes estados de queima. A espessura do corpo é maior na borda, 1,3cm, e menor próximo a base, 0,7. A coloração da pasta não é contínua, mas a compactação e sonoridade indicam queima em alta temperatura.

A pintura foi realizada em marrom e vermelho sobre engobo branco, predominando o marrom nos campo menores e traços mais finos e o vermelho nos campo maiores e traço mais grosso. A representação de um rosto antropomorfo é bastante clara no campo 3 do corpo e na tampa, ambos são delimitados pelo diadema diagnóstico das urnas policromas. No rosto representado no corpo da urna 1 o diadema passa por adornos de orelha (brincos ou alargadores). Ambos os rostos apresentam uma série de desenhos feitos com traços muito finos. A serpente bicéfala, elemento recorrente na iconografia policroma (MORAES, 2013; OLIVEIRA, 2014 e 2015; VASSOLER, 2014) aparece representada no campo 2, assim como, uma outra forma de expressão antropomorfa.



Figura 1.87 – A esquerda rosto antropomorfo localizado no campo 3 do corpo, a direita rosto antropomorfo localizado na tampa.



Figura 1.88 - À esquerda rosto localizado no campo II do corpo, à direita representação da serpente bicéfala no mesmo campo. (Fotos Erêndira Oliveira)

O registro gráfico dos desenhos da urna foram realizados por Oliveira.

Um fragmento dessa urna foi datado em 1550 A.D

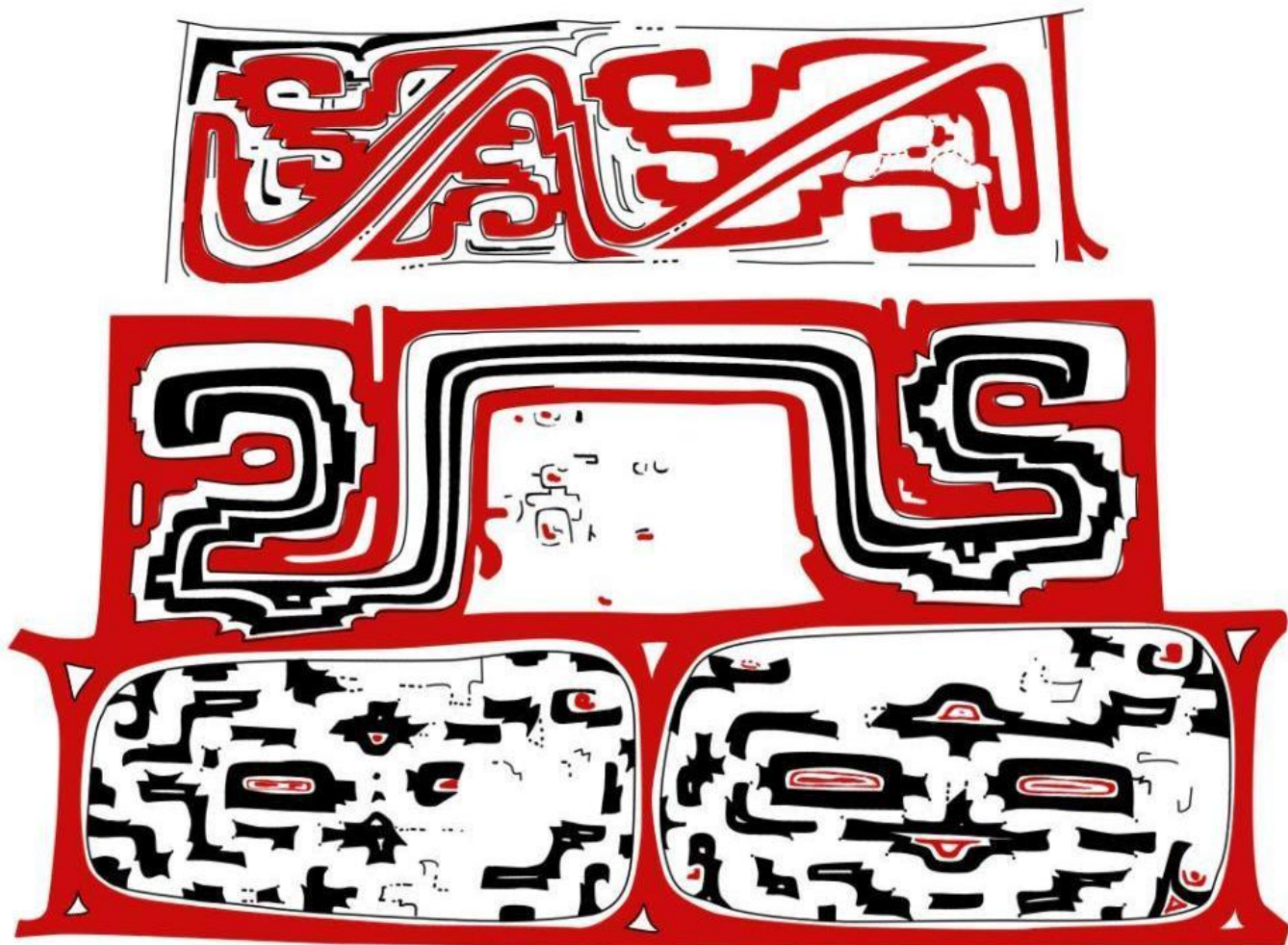


Figura 1.89 – Desenho da urna 1 Lado A (desenho Erêndira Oliveira).

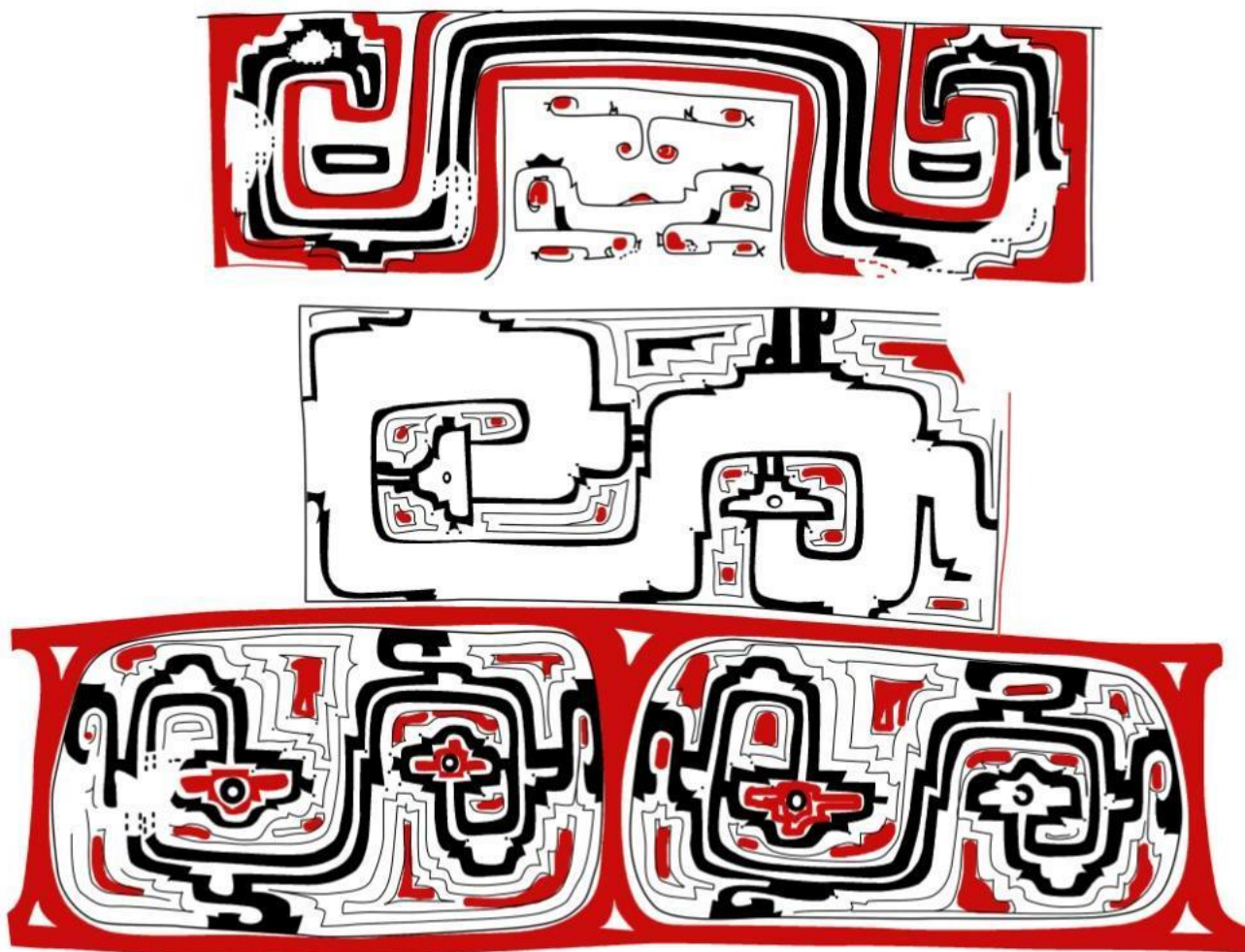


Figura 1.90 – Desenho da urna 1 Lado B (desenho Erêndira Oliveira)..

Sítio Tauary - Faces por segmento **Urna 1**

Tampa Face A



Tampa Face B



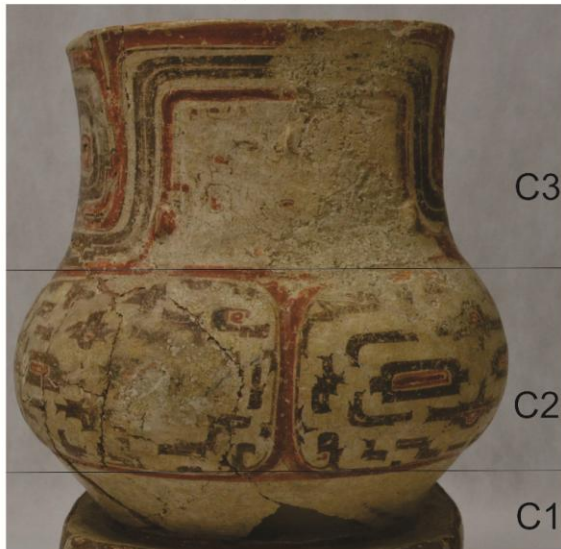
Tampa Face C



Tampa Face D



Corpo Face A



Corpo Face B



Corpo Face C



Corpo Face D



Banco Face A



Banco Face B



Pasta



Fotos: Oliveira; Montagem: Belletti



Figura 1.91 – Faces por segmento Urna 1

Urna 2



Figura 1.92 – Urna 2(Foto Erêndira Oliveira).

Apesar de ter chegado menos fragmentada ao laboratório que a urna 1, a urna 2 teve perda de parte dos fragmentos do bojo.



Figura 1.93 - Da esquerda para direita, urna com o restante do sedimento, urna depois de escavada e detalhe dos ossos encontrados (Foto: Erêndira Oliveira).

O conteúdo da urna 2 foi parcialmente retirado quando da escavação pelo moradores, entretanto, o sedimento restante apresentava pedaços de osso queimados.

A escavação foi feita primeiramente da borda em direção ao bojo, onde havia pouco sedimento restante junto as paredes em pequenos “blocos” com no máximo 1cm de espessura. Pequenos vestígios ósseos foram encontrados, principalmente no lado da parte externa onde são encontrados desenhos muito finos em linhas marrons.

A segunda etapa foi realizada com a retirada do sedimento da área entre bojo e base. Nessa área, o sedimento chegava a alcançar 6cm centímetros de espessura. Procedendo a escavação foi percebido que havia uma concentração óssea (denominado SEP. I) remanescente junto ao lado onde na parte externa vemos desenhos muito finos em linhas marrons. Foi percebida uma diferença entre o sedimento próximo aos ossos, mais escuro (10YR 5/4) e menos compacto, e o mais afastado desses, mais claro (10YR 5/3) e mais compacto; ambos com textura arenosa. Desde o começo foi possível perceber a presença de pequenas bioturbações.

Após constatar que a concentração se dava apenas em um local, procuramos evidenciar os vestígios ósseos. A ocorrência de bioturbações foi maior na área onde estavam esses vestígios, sendo alguns transpassados por elas.

Os vestígios ósseos estavam em péssimo estado de conservação, e havia muito pouco espaço entre os mesmos, formando uma espécie de “bloco” de vestígios ósseos. Eles estavam completa ou parcialmente carbonizados. Não conseguimos identificar nenhum elemento anatômico, apenas um possível dente não humano (peixe?).

Como na urna 1, concomitantemente ao processo de conservação das urnas foi sendo realizada a análise da mesma e finalizada sua remontagem foram tomadas suas medidas. Por questões de tempo, o trabalho de curadoria realizado na peça 2 foi limitado à limpeza das fraturas e remontagem estrutural, não foi realizada a limpeza das superfícies interna e externa.

Sítio Tauary - Croqui Urna 2

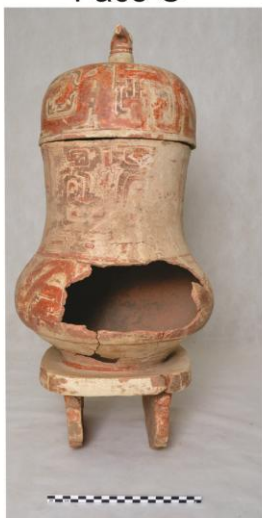
Face A



Face B



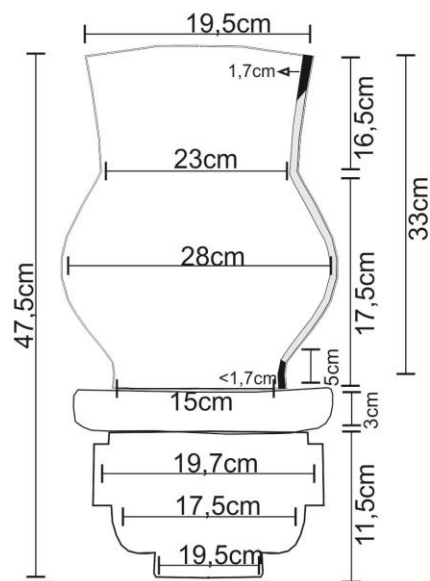
Face C



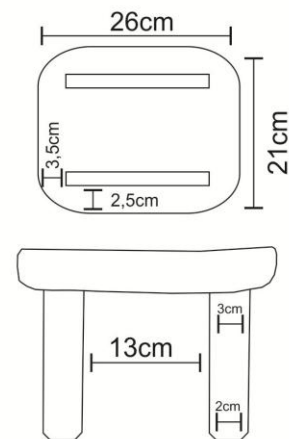
Face D



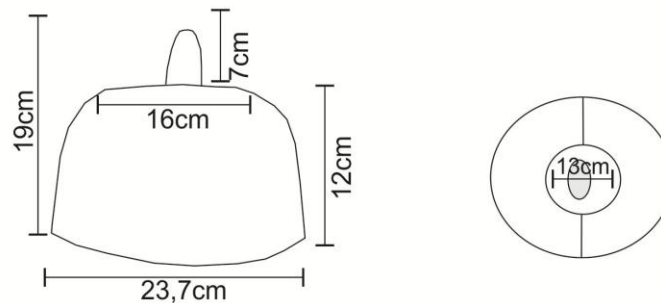
- Medidas do corpo e banco



- Medidas do banco



- Medidas da tampa



Elaborado por Belletti e Oliveira

Figura 1.94 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 2 (Foto: Erêndira Oliveira).

Assim como na urna 1, a urna 2 é composta de 3 partes: banco, corpo e tampa. O banco apresenta um assento quadrangular com cantos arredondados apoiado sobre dois pés contínuos dispostos de forma simétrica. Os dois pés apresentam um mesmo motivo decorativo, enquanto o assento apresenta motivos iguais na frente e verso e outro motivo nas laterais. O corpo é composto de três campos delimitados: o primeiro vai da base até um ponto de inflexão onde uma faixa vermelha o destaca; a partir dessa faixa começa o segundo campo que é a área do bojo; o terceiro campo é formado pela parte mas cônica e superior do corpo, nele encontramos a representação de um rosto delimitado por um diadema. Por fim, a tampa é composta de duas partes, a tampa propriamente dita e o aplique, neste caso, um ornitomorfo – aparentemente um urubu. Diferente do aplique da urna 1 e de outros apliques conhecidos para urnas antropomorfas policromas (MORAES, 2013, HILBERT, 1968) não foi representado toda a forma do pássaro, mas apenas a cabeça.

O assento e o corpo foram produzidos de forma contínua, de forma que a base do vaso é o próprio banco. Os pés foram individualmente aplicados sob o assento. A tampa apresenta certa irregularidade com a borda do corpo, de modo a restar pequenos espaços que permitiriam a lenta e gradual penetração de solo e pequenos carvões. O lábio da borda do corpo é biselado enquanto o da borda da tampa é plano, mas com sutil declive. Os lábios da borda da tampa são cobertos por engobo vermelho.

A pasta apresenta como antiplástico grande concentração de pedaços medianos de caraipé em diferentes estados de queima. O corpo é mais espesso próximo a borda, 1,7cm, e mais fina quando se aproxima da base, 0,8cm. A coloração no núcleo não é uniforme, mas a compactação e sonoridade indicam queima em alta temperatura.

A pintura foi realizada em marrom e vermelho sobre engobo branco. A representação de um rosto antropomorfo é bastante clara no campo 3 do corpo e na tampa, ambos são delimitados pelo diadema diagnóstico das urnas policromas. Como no rosto representado no corpo da urna 1 o diadema passa por adornos de orelha (brincos ou alargadores). Ambos os rostos apresentam uma série de desenhos feitos com traços muito finos. O desenho do rosto na tampa da urna 2 apresenta também, ao fim do diadema, desenhos que

parecem representar brincos ou alargadores, e abaixo do desenho da boca está colocado um objeto retangular, que parece um de adorno labial.

Sítio Tauary - Faces por segmento **Urna 2**

Tampa Face A



Tampa Face B



Tampa Face C



Tampa Face D



Corpo Face A



Corpo Face B



Corpo Face C



Corpo Face D



Banco Face A



Banco Face B



Pasta



Fotos: Oliveira; Montagem: Belletti



Figura 1.95 - Faces por segmento Urna 2 (Foto Erêndira Oliveira).

Urna 3



Fig. 1.96 – Urna 3 (Foto: Erêndira Oliveira)

A urna chegou inteira ao laboratório de arqueologia do IDSM. O conteúdo da urna três foi quase totalmente retirado quando encontrado pelos moradores, restando apenas um pouco de sedimento solto no fundo do vaso a 23cm abaixo da borda. Retirado o sedimento solto, sobraram apenas alguns blocos grudados junto as paredes laterais, este sedimento estava bastante concrecionado e seco, sua textura era arenosa e sua coloração 10YR 5/4. Nenhum vestígio foi encontrado nesse sedimento. Após a retirada do solo foi encontrada, na lateral do vaso, uma mancha avermelhada, ela estava localizada na superfície oposta a que estava colocada sobre o solo e tinha 20cm de largura por 10cm de altura.

Na parte interna da urna foi visualizada marca de raiz e alguns respingos de engobo branco.

Assim como as urnas anteriormente descritas é composta de 3 partes: banco, corpo e tampa. O banco apresenta um assento apoiado sobre quatro pés descontínuos dispostos de forma assimétrica. Os quatro pés apresentam motivos decorativo similares. Diferente das urnas 1 e 2, a urna 3 não apresenta espalhamento dos motivos que contornam o assento, diversos motivos fazem o contorno continuo das laterais. O corpo é composto de três campos delimitados: o primeiro vai da base até um ponto de inflexão bastante acentuado que é destacado por uma faixa vermelha; a partir dessa faixa começa o segundo campo que é a área do bojo; o terceiro campo é formado pela parte mais cônica e superior do corpo. Por fim, a tampa é composta de duas partes, a tampa propriamente dita e o applique. Nesses dois elementos, a urna 3 se diferencia das demais, pois, é a única que apresenta o diadema do rosto delimitado plasticamente e não por pintura, como nas demais; a urna 3 também é a única que não possui um antropomorfo representado no terceiro campo do corpo, entretanto, diferente das demais que possuem como applique um zoomorfo ela apresenta um applique antropomorfo que também possui o diadema delimitado de forma plástica.

Como não há fratura entre o corpo e o assento não é possível perceber se essa foi produzida como as urnas 1 e 2, de forma continua, ou como na urna 5 que na qual assento e corpo foram produzias separadamente, que apresentaremos depois. Os pés foram individualmente aplicados sob o

assento. A tampa apresenta certa irregularidade com a borda do corpo, de modo a restar pequenos espaços que permitiriam a lenta e gradual penetração de solo e pequenos carvões. O lábio da borda do corpo é biselado enquanto o da borda da tampa é plano, mas com sutil declive. Os lábios da borda e da tampa são cobertos por engobo vermelho.

A pasta apresenta como antiplástico, grande concentração pedaços medianos de caraipé em diferentes estados de queima. O corpo é mais espesso próximo à borda, 1,3cm, e mais fina quando se aproxima da base, mas não foi possível medir. A coloração da pasta não é contínua, mas a compactação e sonoridade indicam queima em alta temperatura.

A pintura foi realizada em marrom e vermelho sobre engobo branco, mas a apresentação e distribuição dos motivos ocorre de maneira bastante diferenciada das demais urnas.

Sítio Tauary - Croqui Urna 3

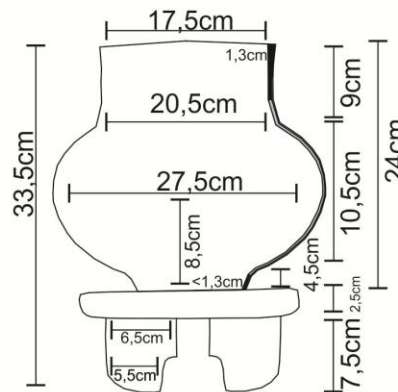
Face A



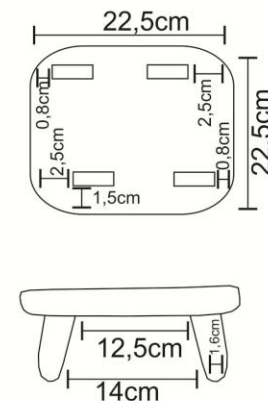
Face B



- Medidas do corpo e banco



- Medidas do banco



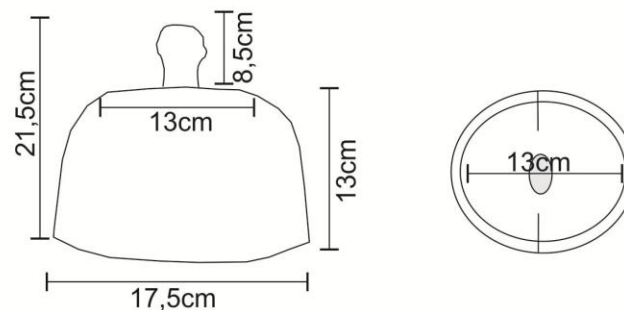
Face C



Face D



- Medidas da tampa



Elaborado por Belletti e Oliveira

Figura 1.97 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 3. (Foto Erêndira Oliveira).



Figura 1.98 - Faces por segmento Urna 3 (Foto Erêndira Oliveira).

Urna 4



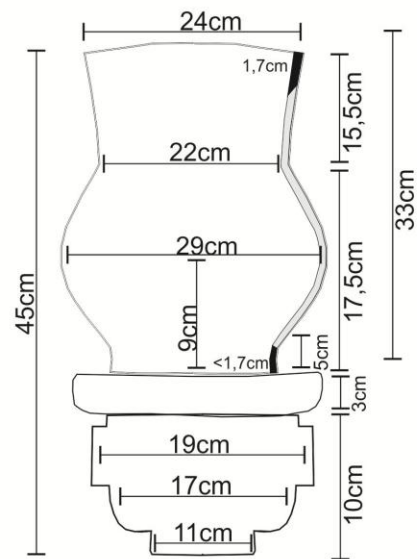
Figura 1.99- Urna 4 (Foto:Erendira Oliveira)

Assim como na urna 3, a urna 4 também chegou inteira ao laboratório de arqueologia, todavia, o conteúdo da urna quatro foi quase totalmente retirado quando encontrado pelos moradores, restando apenas cerca de 15cm de solo solto no fundo do vaso. Retirado o sedimento solto encontramos uma camada de solo de cerca de 5cm ainda compactado preso ao fundo da urna (24cm de largura aproximadamente). O sedimento no interior da urna era arenoso e apresentava coloração 10 YR 5/3.

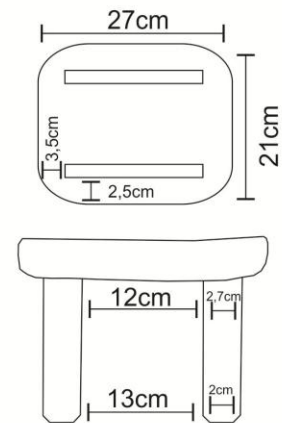
Nenhum vestígio foi encontrado nesse sedimento. Também foi encontrada uma mancha vermelha na face interna do vaso, na parede depositada oposta. A mancha localizada na parte superior do bojo 14 cm de altura e 22cm de extensão. Manchas de engobo branco escorrida pela face interna foram registradas.

Sítio Tauary - Croqui Urna 4

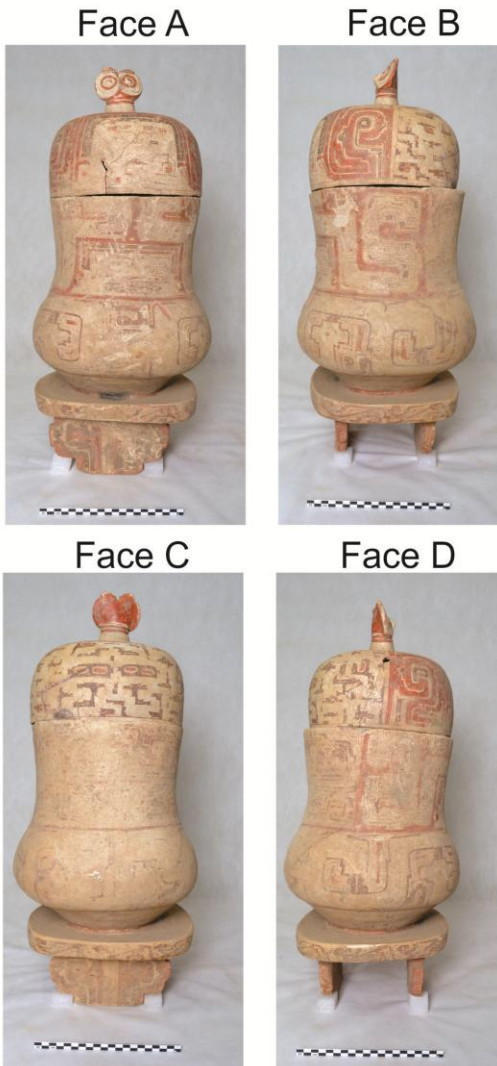
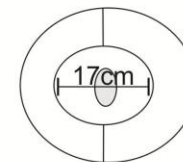
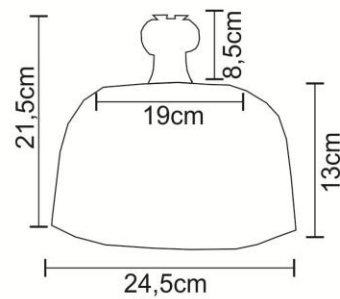
- Medidas do corpo e banco



- Medidas do banco



- Medidas da tampa



Elaborado por Belletti e Oliveira

Figura 1.100 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 4. (Foto Erêndira Oliveira).

Seguindo as demais urnas, a urna 4 é composta de 3 partes: banco, corpo e tampa. Ela apresenta estrutura muito similar a urna 2. O banco apresenta um assento apoiado sobre dois pés contínuos dispostos de forma simétrica e ambos pés apresentam um mesmo motivo decorativo enquanto o assento apresenta motivos iguais na frente e verso e outro motivo nas laterais. A forma escalonada dos pés da urna 4 é idêntica a forma dos pés da urna 2 e o motivo representado nos pés é o mesmo, entretanto, o lado decorado dos pés da urna 2 está perpendicular ao lado no qual encontramos a representação do rosto, enquanto, na urna 4, eles estão em paralelo ao lado com o rosto.

O corpo é composto de três campos delimitados: o primeiro vai da base até que é ressaltado por uma faixa vermelha; a partir dessa faixa começa o segundo campo que é a área do bojo; o terceiro campo é formado pela parte mas cônica e superior do corpo.

Por fim a tampa é composta de duas partes: a tampa propriamente dita e o applique, neste caso, um ornitomorfo – aparentemente uma coruja. Do mesmo modo que na urna 2, o applique não representa todo o pássaro apenas a cabeça.

Não podemos evidenciar como o assento e o corpo se unem, mas tudo indica que se repita o modo como foi colocado nas urnas 1 e 2, isso é de forma contínua. A tampa apresenta certa irregularidade com a borda do corpo, de modo a restar pequenos espaços que permitiriam a lenta e gradual penetração de solo e pequenos carvões. O lábio da borda do corpo é biselado enquanto o da borda da tampa é plano, mas com sutil declive. Os lábios da borda e do banco são cobertos por engobo vermelho.

A pasta apresenta, como antiplástico, grande concentração pedaços medianos de caraipé em diferentes estados de queima. O corpo é mais espesso próximo a borda, 1,7cm, e mais fino quando de aproxima da base (não foi possível dimensionar). A coloração da pasta não é contínua, mas a compactação e sonoridade indicam queima em alta temperatura.

A pintura foi realizada em marrom e vermelho sobre engobo branco. A representação de um rosto antropomorfo é bastante clara no campo 3 do corpo e na tampa, ambos são delimitados pelo diadema diagnóstico das urnas policromas. O modo como o rosto foi composto no corpo da urna 4 é também muito similar ao da urna 2. Do mesmo modo, o desenho do rosto na tampa da

urna 4 apresenta, como ao fim do diadema na urna 2, desenhos que também parecem representar brincos ou alargadores. No rosto da tampa da urna 4, o desenho abaixo da boca está apagado e não é possível verificar se há também a presença de um objeto retangular como na urna 2.

Sítio Tauary - Faces por segmento Urna 4

Tampa face A



Tampa face B



Tampa face C



Tampa face D



Corpo Face A



Corpo Face B



Corpo Face C



Corpo Face D



C3



C2

Banco Face A



Banco Face B



C1

Fotos: Oliveira - Montagem: Belletti



Figura 1.101 - Faces por segmento Urna 3(Foto Erêndira Oliveira).

Urna 5



Figura 1.102 – Urna 5 (Foto Erêndira Oliveira).

A urna 5 apresentava grandes fraturas estruturais, mesmo assim mantinha grande parte do sedimento interno preservado, mas com a fratura da peça, esse foi parcialmente desagregado. O solo interno na urna era arenoso (muito fino), solto, bastante úmido, cor 10YR 4/2 com algumas pequenas manchas 10YR 5/6. Todo o sedimento restante na urna foi escavado e nenhum vestígio ósseo foi encontrado.

Apesar de bastante diferente das demais urnas em termos tecnológicos e decorativos, a urna 5 mantém a mesma estrutura das demais urnas: banco, corpo e tampa com aplique.

Diferente das outras urnas que apresentam banco quadrangular com os cantos arredondado, a urna 5 apresenta o banco redondo. Outra diferença é que o banco e o corpo da urna foram produzidos separadamente e depois unidos.



Figura 1.103 – A esquerda vemos o banco descolado da base do corpo, é possível visualizar estrias realizadas para melhorar a aderência entre o banco e a base do corpo. À direita é possível visualizar o corpo com base.

O banco apresenta um assento apoiado sobre quatro pés descontínuos dispostos de forma assimétrica. Diferente das outras urnas, essa não apresenta decoração nos pés do banco. Assim como nas urnas 2 e 3, a urna 5

não apresenta motivos espelhados entre os diferentes lados do assento, todavia, apesar de não apresentar motivos espelhados, as urnas 2 e 3 apresentam diferentes motivos compondo o contorno do assento enquanto a urna 5 apresenta um único motivo representado em toda lateral do assento. O motivo é similar ao motivo encontrado nas laterais das urnas 1 e 4.

Assim como nas demais urnas, o corpo é composto de três campos delimitados, contudo, há uma diferença significativa entre o primeiro campo da urna 5 e o das demais urnas. Enquanto nas outras urnas o fim do primeiro campo é marcado por um leve ponto de inflexão destacado por uma faixa vermelha na urna 5, o campo 1 e 2 compõe um único segmento morfológico (sem ponto de inflexão). Entretanto, a parte inferior do bojo é toda coberta com engobo vermelho dando uma certa “ilusão ótica” de que exista uma divisão entre os campos do bojo. Este dado é importante, pois mostra que apesar deste campo não apresentar nenhum motivo decorativo em nenhuma das 6 urnas, a divisão do corpo em três campos onde o primeiro é sempre deixado livre de motivos decorativos é um padrão fundamental na estruturação dos corpos das urnas do sítio Tauary.

Como as demais partes do vaso, a tampa da urna 5 se diferencia das urnas 1 a 4, pois não há claramente representado um rosto (é necessário fazer o decalque detalhado dos motivos para termos certeza que não há sinal de referência a um rosto antropomorfo). Assim como a urna 1, a urna 5 possuía um aplique de cabeça que já estava solto quando a mesma foi encontrada, porém, este não foi achado durante a retirada da urna.

A tampa apresenta certa irregularidade com a borda do corpo, de modo a restar pequenos espaços que permitiriam a lenta e gradual penetração de solo e pequenos carvões. O lábio da borda do corpo é sutilmente biselado assim como os lábios da borda da tampa e ambos são cobertos por engobo vermelho.

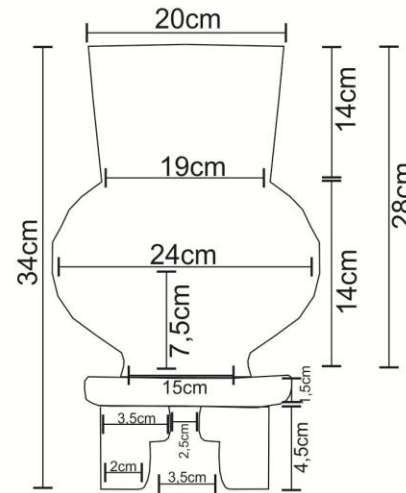
A pasta apresenta, como antiplástico, grande concentração de pedaços medianos de caraipé em diferentes estados de queima. O corpo é mais espesso próximo a borda, tendo 1,4cm, e mais fino quando se aproxima da base (não foi possível dimensionar). A coloração da pasta não é contínua, mas de forma mais acentuada que nas outras urnas vemos a presença de uma “queima sanduiche” apresentando um núcleo negro em alguns pontos bem

esessos, o que não foi visualizado nas outras pastas. Isso pode indicar que a queima da urna 5 tenha ocorrido em menor temperatura que as demais.

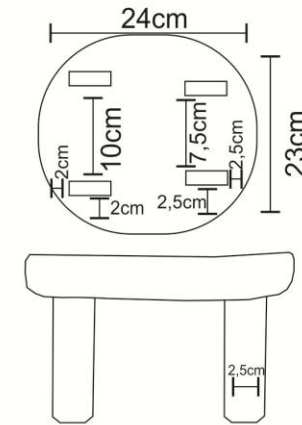
Sítio Tauary - Croqui Urna 5



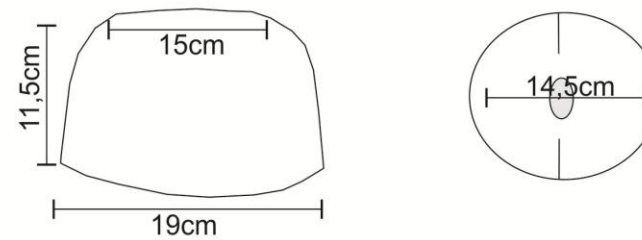
- Medidas do corpo e banco



- Medidas do banco



- Medidas da tampa



Elaborado por Belletti e Oliveira

Figura 1.104 – Croqui com as dimensões dos diferentes componentes da urna 5 (Foto Erêndira Oliveira).

Diferentemente das outras urnas a pintura da urna 5 parece ter sido feita diretamente sobre a pasta, sem engobo. Em um primeiro olhar podemos pensar que essa peça apresenta apenas pintura vermelha, contudo, leves traços vestigiais indicam a presença do marrom. Outra impressão que se tem é uma presença de dois tons de vermelho, um bastante vivo e outro bastante opaco, quase como um negativo. É possível que esse tom mais claro seja na verdade o negativo da pintura em marrom. Para responder essas e outras perguntas a respeito da produção das pinturas nas urnas Tauary, análises arqueométricas estão sendo realizadas pela Dra. Silvia Cunha Lima.

No centro do corpo podem ser vistos motivos associados a representação da serpente.



Figura 1.105 – Motivo relacionado a representação de um ofídeomorfo.

Um fragmento dessa urna foi datado em 1410 A.D.

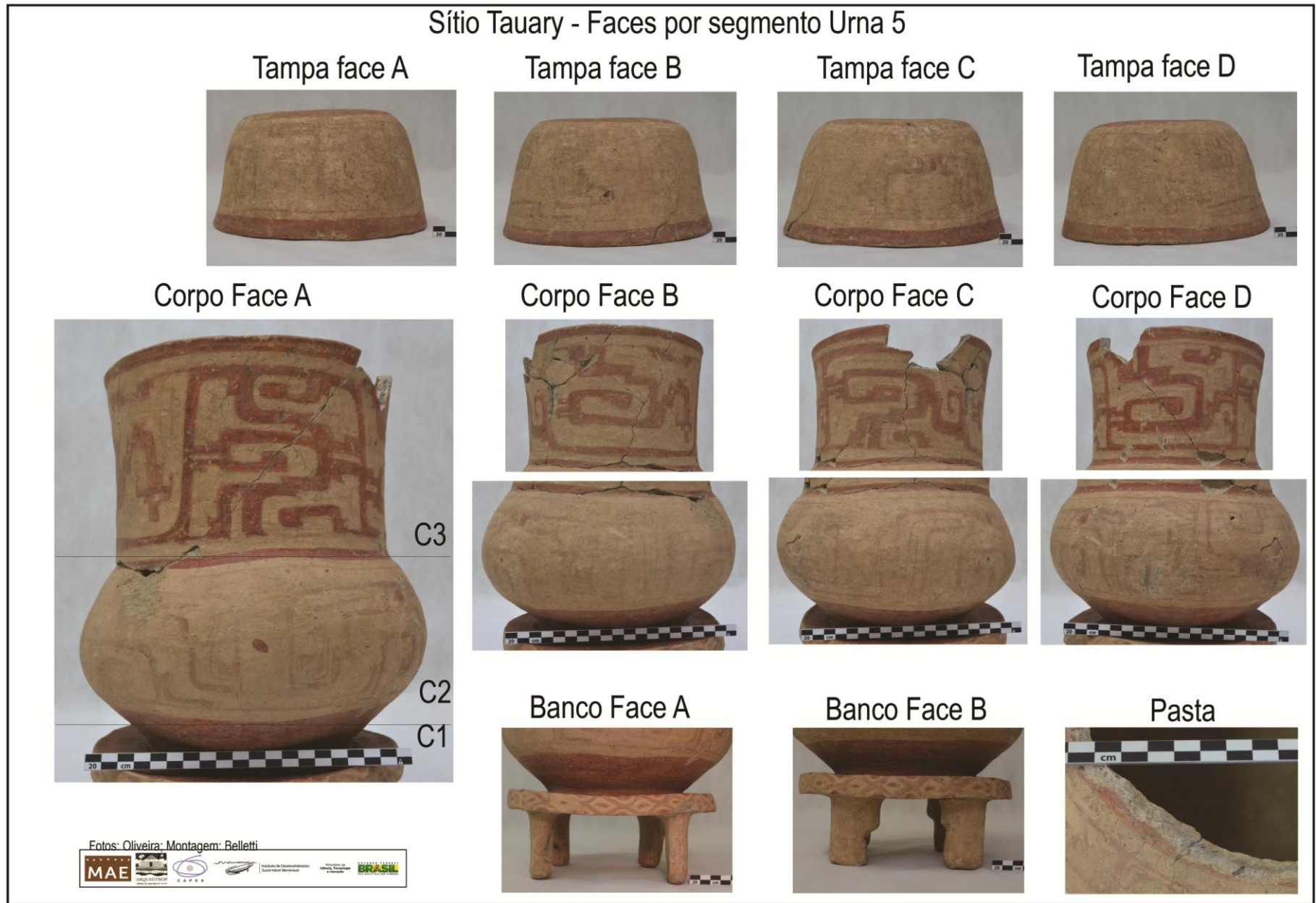


Figura 1.106 – Faces por segmento Urna 4(Foto Erêndira Oliveira).

Urna 6

Apesar de ter chegado ao laboratório com um dos lados bastante fragementado, boa parte do conteúdo interno foi preservado.

Cerca de 16cm abaixo da borda do corpo e 1cm abaixo da fratura central, vestígios ósseos começaram a aparecer. Com o prosseguimento da escavação foi possível perceber que se tratava de uma concentração óssea. A urna 6 ainda continha um sepultamento (denominado SEP. II).

Evidenciamos que se tratava de um conjunto de ossos agrupados (feixe de ossos longos).

Para fins de definição chamaremos de lado A aquele cujo ossos estão mais próximos da parede e B aquele que estão mais distantes.

Os ossos estavam todos com algum grau de inclinação, mas os mais espessos apresentam uma inclinação mais acentuada que os mais finos. Todos os osso estão muito próximos, não há grande distancia entre eles, e quase não havia sedimento entre os ossos sobrepostos.

O conjunto de ossos apresenta cerca de 10cm de largura e 17 cm de comprimento, estando distante 4cm da parede A e 9cm da parede B.

É possível notar uma diferença de coloração e compactação entre o sedimento dentro da urna. Acima e no entorno dos ossos o sedimento esta mais solto e mais escuro 6/4, mais afastado desses os sedimento está mais compacto e mais claro 5/4. Na parte externa, o sedimento apresenta a mesma textura, mas a coloração é 10 YR 5/3; no lado externo assim como no interno são encontrados pequenos carvões.

O trabalho de restauro desta urna será realizado neste ano (2015) pela Dra. Silvia Cunha Lima.



Figura 1.107 - Concentração de ossos sepultamento II.

Considerações gerais sobre as urnas Tauary

As urnas Tauary apresentam alguns aspectos morfológicos que permitem que as comparemos com outros contextos de urnas Polícromas de outras áreas, mais especificamente falaremos sobre os bancos e as tampas.

Dentre as 5 urnas já restauradas encontramos 2 formas de construção dos bancos. Nas urnas de 1 a 4, o corpo da vasilha é estruturado a partir do banco que compõe então sua base. Já na urna 5, o banco e corpo da vasilha foram construídos separadamente, e o corpo foi anexado a base do banco. As formas dos pés dos bancos também pode ser dividida em duas categorias: os com dois suportes e os com quadro suportes. As urnas 2 e 4 se enquadram na primeira categoria, sendo o suporte do banco (pés) feito por duas placas de forma escalonada que representam um rosto. Já nas urnas 1,3 e 5 os quatro suportes têm a forma de um L invertido.

Quanto aos motivos, todos os bancos apresentam desenhos diferentes entre si. Contudo, nas urnas 1,2,3 e 4 o modo de colocação do campo na faixa lateral é similar sendo compostos de 2 campos, 1 que se repete na frente e no verso e outro que se repete nos outros dois lados. Já na urna 5, há apenas um único campo que

cobre a circunferência do banco. Essa também é uma diferença entre o banco da urna 5 e das demais, ele é circular enquanto os outros são quadrangulares.

A presença clara de banco talvez seja um dos principais diferenciadores das urnas Tauary em relação as demais urnas policromas, onde o suporte do corpo é feito por um pedestal ou uma base longa.



Figura 1.108 - Urna policroma com pedestal (Foto Cristiana Barreto).



Figura 1.109 - Pedestais de urnas policromas (Fotos: Anne Rapp Py-Daniel).



Figura 1.110 - Bancos das urnas do Conjunto Vilas (Fotos: Erêndira Oliveira)

O outro elemento diferenciador importante das urnas Tauary são os apliques colocados sobre as tampas. A presença de pássaros sobre a tampa de urnas policromas já era registrada no baixo Amazonas e baixo Madeira, entretanto, nessas duas regiões apenas um tipo de pássaro (provavelmente o urubu) é representado.

No sítio Tauary encontramos três diferentes tipos de pássaros e um antropomorfo. No sítio Tauary encontramos a representação de 4 tipos de apliques diferentes. Apenas o pequeno aplique de pássaro apresenta a forma completa do corpo da ave. Os outros dois ornitomorfos apresentam apenas a cabeça das aves (possivelmente urubu e coruja), bem como no aplique antropomorfo. Esse último se destaca por ser a primeira vez que encontramos um aplique não ornitomorfo nas urnas da TPA.



Figura 1.111 - Apliques das tampas das urnas Tauary. (a direita foto cedida por Rafael Rossato, demais peças fotos Erêndira Oliveira)



Figura 1.112 - Aplique de sobre tampa de urna policroma do baixo Madeira (Foto Anne Rapp Py-Daniel).

Um elemento que não podemos deixar ainda de destacar nas urnas Tauary são os desenhos presentes nos rostos tanto das tampas como dos corpos. Eles estão presentes de forma muito similar em outras urnas polícromas. E nos remetem a ideia de possíveis pinturas faciais utilizadas pelos grupos produtores dessas urnas.



Figura 1.113 - Urna Napo com detalhes pintados ao redor da boca. (Meggers e Evans, 1968)

Pinturas faciais são elementos extremamente difundidos em diferentes culturas Amazônicas.



Figura 1.114 - A esquerda Indígena Shipibo-Conibo utilizando pintura facial, a direita indígena Kadiweu utilizando pintura facial.

Outro elemento muito importante das urnas Tauary é o contexto no qual foram encontradas.

O modo de deposição do conjunto com quatro urnas, todas orientadas para o mesmo lado, e o com duas urnas, orientadas de forma oposta, bem como, suas características tecnológicas diferenciadas, principalmente as da urna 5 em relação as urnas 1,2,3, e 4 indicavam a sensível diferença entre os conjuntos. As duas datações obtidas para as urnas 1 e 5 indicam uma diferença cronológica entre os conjuntos. O conjunto com duas urnas é anterior ao período pré-colonial (1410 A.D) na Amazônia, já o segundo conjunto de quatro urnas é posterior (1550 A.D). Como, até o momento. Só foram datadas uma amostra de cada conjunto, não nos é possível afirmar que todas as urnas em um mesmo grupo sejam da mesma cronologia. Para isso, é preciso então ainda datar outras amostras, contudo, pela deposição das peças acreditamos que cada grupo se refira há um evento de deposição.

Apesar de ainda não terem sido feitas análises mais precisas sobre a urna 6, é nítida a diferença tecnológica entre ela e a urna 5, do mesmo modo quanto aos conteúdos – na urna 6 os vestígios ósseos estavam preservados, na urna 5 nenhum vestígio foi encontrado.

O grupo de quatro urnas também apresenta diferenças internas. Dada a retirada do sedimento antes que elas chegassem ao laboratório de arqueologia, não é possível precisar se todas as urnas possuíam conteúdo ósseo e que tipo de conteúdo – Moraes (2013), encontrou vestígios ósseos não humanos em urnas policromas na calha do rio Madeira. As urnas 2 e 4 apresentam grande semelhança estrutural. Não apenas as morfologias são similares, mas também a composição dos campos decorativos; a urna 1 apresenta certa semelhanças as referidas urnas, entretanto, a presença de 4 pés separados a diferencia das primeiras, bem como o modo de estruturar os desenhos no campo 2 do corpo. Mas, deste conjunto, a urna que mais se diferencia é a urna 3, que é a menor urna desse grupo. Ela apresenta quatro pés, expressão antropomorfa na tampa feita por acabamento plásticos e não por pintura e pelo aplique de cabeça não ornitomorfo e sim antropomorfo. Outro detalhe é que o corpo dessa urna, diferente de todas as outras, está assentado de maneira oblíqua e assimétrica em relação ao banco.

Uma observação importante referente ao grupo de quatro urnas é que estas foram depositadas em ordem decrescente de leste para oeste, ou seja, a maior urna desse conjunto, urna 4, está depositada no limite leste enquanto a menor, urna 3, no limite oeste, sendo as urnas 1 e 2 são gradualmente menores entre as duas. Não estivemos presentes no processo de escavação das urnas, mas pelo modo como essas aparecem depositadas sobre o solo nas fotos, podemos levantar a possibilidade de que as urnas tenham sido colocadas em um espaço (buraco?) restrito onde as urnas 4 e 2 tenham sido depositadas primeiro em posição reta, enquanto as urnas 1 e 3 foram depositadas posteriormente, sendo colocadas de modo “desalinhado” às duas primeiras para caberem em um espaço limitado.



Figura 1.115 – Reprodução em laboratório da face das urnas depositadas para o solo (Foto: Jaqueline Belletti).



Figura 1.116 – Reprodução em laboratório da face das urnas depositadas para cima. Jaqueline Belletti.

Dentro do quadro de pesquisas arqueológicas amazônicas apenas 3 conjuntos funerários foram datados: um material funerário da comunidade de Borba no baixo rio Madeira (MORAES, 2013), um contexto funerário de 10 urnas encontrado no sítio Moanense no alto Madeira (MILLER, 1979) e o contexto do sítio Tauary. Todos eles apresentam cronologia posterior a 1300 A.D.

O contexto de deposição das urnas antropomorfas só foi arqueologicamente registrado nos sítios Tauary, Moanense, aldeia do Jamil (alto Madeira) e BR364 (baixo Madeira). Em todos esses contextos as urnas apareceram sempre depositadas em conjunto. Entretanto, o sítio Tauary é o primeiro onde os dados deposicionais e cronológicos revelam diferentes eventos de deposição das urnas.

Nas comunidades Abial (boca do Lago Tefé) e Perseverança (rio Solimões, adjacente ao lago Tefé) urnas isoladas foram encontradas por moradores (ver figura 2.46, no próximo capítulo). Mas não possuímos maiores dados sobre os achados. Outro contexto de urna funerária policroma isolada foi registrada no sítio Lago do Limão, mas se tratava de um vaso com morfologia bastante diferenciada das formas policromas conhecidas para as urnas, nenhum vestígio de expressão antropomorfa

foi evidenciada em elementos plásticos e a pintura estava muito desgastada não permitindo que, caso esses tenham ocorrido, fossem identificados.

Outro fato particular às urnas Tauary é o indivíduo encontrado na urna 6. Nos outros contextos de urnas policromas, os ossos dos indivíduos aparecem sempre carbonizados, sendo esse o primeiro registro de indivíduo não carbonizado e com ossos depositados em um feixe de ossos longos.

Os dados para as urnas Tauary aqui expostos são ainda dados preliminares, visto que ainda é preciso aprofundar as análises sobre o indivíduo da urna 6, concluir a conservação e restauro das urnas e realizar a análise tecnológica e morfológica da urna 6. Além disso, é necessário realizar a análise icnográfica das urnas, realizar mais datações e delimitar e entender o processo de formação do sítio Tauary. É preciso completar essas lacunas para adentrarmos em discussões mais concretas.

1.4. Cronologia do Lago Tefé

Antes de iniciarmos este trabalho não havia cronologias absolutas para a Fase Tefé. Hilbert (1968) propôs, com base nas datas feitas por ele para Fase Caiambé (no lago homônimo) e para Fase Guarita, que o início da presença Polícroma no Lago Tefé estaria ao redor de 600 A.D.

Dentro desse projeto foram realizadas 6 datações de Carbono 14, 5 para a Fase Tefé e uma para o contexto onde foi encontrado milho. Essa última data atende mais as perguntas referentes ao manejo dessa planta (discutidas nas pesquisa de Myrtle Shock, já apresentada) do que propriamente aos problemas deste trabalho.

Por se tratar de um sítio multicomponencial cujo pacote arqueológico foi formado, predominantemente, através da continua produção de feições não encontramos nenhum contexto unicomponencial seguro que nos permitisse datar um carvão associado apenas a Fase Caiambé ou Pocó. Como discutimos, e tão bem já havia exposto Peter Hilbert, os materiais Caiambé e Tefé aparecem juntos de modo continuo em toda a estratigrafia do sítio Conjunto Vilas.

As datas para a Fase Tefé foram realizadas através do antiplástico orgânico (caraipé) presente nos fragmentos cerâmicos, o que não foi possível realizar com as peças da fase Caiambé e Tradição Pocó-Açutuba, cujo antiplástico é cauxi. As datas obtidas foram:

Tabela 1.3 – Datas para os sítios do Lago Tefé

Sítio	Material	Contexto	Data Conveciona I BP	Cal. 2 Sigmas	Cal. A.D	Cod. Beta
Conj. Vilas	Frag. Cer. PN 991.105	Quadra S1068E1450, feição 14, entre 80-90cm.	1620 ± 30	Cal AD 410 to 550 (Cal BP 1540 to 1400) and Cal AD 560 to 570 (Cal BP 1390 to 1380)	440+50	406074
Conj. Vilas	Frag. Cer. PN 978.8	Quadra S1068E1450, nível 20-30cm.	1610 ± 30	Cal AD 415 to 575 (Cal BP 1535 to 1375)	450+50	406075

Conj. Vilas	Carvão PN1133	Quadra S450E1651, 92cm.	1050 ± 30	Cal AD 990 to 1045 (Cal BP 960 to 905) and Cal AD 1085 to 1135 (Cal BP 865 to 815)	970+30	406076
Conj. Vilas	Frag. Cer. PN1081.1	Quadra S1410E16512, nível 50-60cm.	970± 30	Cal AD 1030 to 1185 (Cal BP 920 to 765)	1070+50	386835
Tauary	Frag. Cer. PN Urna 5	50cm	490± 30	Cal AD 1420 to 1460 (Cal BP 530 to 490)	1410±20	3868378
Tauary	Frag. Cer. PN Urna 1	50cm	320 ± 30	Cal AD 1505 to 1590 (Cal BP 445 to 360) and Cal AD 1615 to 1660 (Cal BP 335 to 290)	1550±50	386837

As fotos dos fragmentos enviados para datação puderam (ser vistas nas páginas anteriores no caso das urnas do sítio Tauary, as fotos das outras peças podem ser vistas no próximo capítulo. As fichas Beta com as informações apresentadas nas tabelas acima estão contidas ao fim dos anexos.

As implicações destas datas no quadro geral de cronologias da TPA serão discutidas de forma mais extensiva nos próximos capítulos. Nos esforçaremos aqui apenas em comentar o contexto das datas de 450 A.D.

As datas para a Tradição Polícroma ocorrem de forma numericamente mais expressiva a partir de 1000 A.D., entretanto, uma série de datas entre 700 e 800 A.D ocorrem o contexto do médio Solimões (discussão que apresentaremos no próximo capítulo) e uma no rio Madeira. Desta forma, as datas do Conjunto Vilas são, no momento, as mais antigas existentes para a Tradição Polícroma, a exceção das datas da Ilha de Marajó (se considerada como parte da TPA, ver capítulo II). Como apresentaremos no capítulo III, essas datas trazem contraposições aos modelos de expansão vigentes para TPA.

Passemos, então, a olhar o contexto interno do sítio Conjunto Vilas e as suas datas, procurando verificar em primeiro lugar a validade dessas datas antigas.

As datas realizadas para o sítio Conjunto Vilas verificaram duas faixas cronológicas, uma de 450 A.D e outra de 1000 A.D. As primeiras foram realizadas a partir de dois cacos localizados na mesma unidade, no extremo oeste do sítio (S1068E1430), mas que tem entre si estão em uma distância estratigráfica de 60cm. O segundo conjunto de datas vem de unidades na área mais central do sítio.

Esses dois contextos apresentam diferenças em outros aspectos que não apenas a cronologia. Quando no início do capítulo apresentamos os dados de triagem das peças cerâmicas, notamos uma diferença significativa entre a quadra S1068E1430 e as quadras S1450E1651- S1450E1652: a fragmentação do material era muito maior na primeira que nas outras duas.

Olhando para as análises de macrovestígios realizadas pela Dra. Myrtle Shock, vemos uma diferença quantitativa significativa entre a ocorrência de vestígios orgânicos entre as camadas II (camada arqueológica) das unidades S1068E1430 e S1450E1652, tendo a última maior quantidade desses que a primeira. Quando olhamos para os resultados das análises das feições destas observamos uma diversidade ainda maior entre as unidades. As feições da quadra S1068E1430 (F11, F12, F13 e F14) apresentam uma quantidade de material muito menor que as da S1450E1652 (F5, F6 e F7).

As diferenças entre a presença de macrovestígios orgânicos e fragmentação dos artefatos, podem estar relacionadas a diferenças entre os processos de formação das feições. Contudo, é necessário notar que todas as feições localizadas nos diferentes contextos do sítio apresentam uma estrutura comum com um grande pedaço de pote ou fragmentos grandes na base e fragmentos cobrindo as laterais, de modo a estruturar seu contorno.

Mas, tendo em vista as diferenças cronológicas entre as duas áreas (unidades II e V), podemos associar a maior fragmentação das peças na S1068E1430 a sua maior antiguidade, bem como a menor presença de macrovestígios botânicos pode estar relacionada a um processo mais longo de decomposição destes dada sua antiguidade. Essa última afirmação pode ser reforçada com análises físico-químicas do solo. Essas estão sendo realizadas na EMBRAPA Solos do Rio de Janeiro pelo Dr. Wenceslau Teixeira, contudo, ainda não foram concluídas. Os dados preliminares dessas análises indicam, mais uma vez, uma diferença entre as áreas com cronologias distintas, mas

ainda é preciso estender a análise de alguns elementos e suas correlações com outros fatores para relacionar, ou não, essas diferenças a possibilidades cronológicas.

A unidade S1068E1430 foi a única unidade a apresentar material da Tradição Pocó. Alguns fragmentos desse material foram encontrados no nível 30-40cm desta unidade. No fundo da F14 um conjunto de fragmentos maiores (provavelmente de duas vasilhas diferentes) bastante característicos da Tradição Pocó¹ foram encontrados. Junto com o material Pocó, no mesmo nível da feição, também foram encontrados materiais Caiambé e Tefé. Foi o caco Tefé do nível 80-90cm da feição que ofereceu a data de 440 A.D. Ou seja, os materiais antigos da TPA estão também associados a outros materiais antigos.

Acreditamos que o outro fragmento Tefé antigo encontrado na camada mais acima, possa ser pertencente a esses níveis mais inferiores e que em consequência da produção de feições tenha sido trazido para mais acima.

Concluindo nossa discussão sobre as datas antigas do Lago Tefé, vemos que as áreas com cronologia diferenciada no sítio Conjunto Vilas apresentam também o registro arqueológico diferente no que diz respeito a fragmentação de material, concentração de macrovestígios orgânicos e conjuntos artefatuais. A presença de peças Tefé com outras cerâmicas antigas enfatiza para nós que as datas de 450 A.D (ver peças datadas imagem 2.12 no próximo capítulo) estejam de fato corretas. Outra questão é que tratam-se de duas datas e não apenas de uma data isolada.

¹¹ Atualmente a cronologia da conhecida para a Tradição Pocó se estende desde 3.280 BP até 1.230 BP, no Lago Amanã os dados até o momento indicam datas entre 2.790 BP e 2.480, todavia esses dados se referem apenas um sítio (Boa Esperança) (NEVES et al, 2014).

2. Construindo um cenário:

Um panorama sobre a Tradição Polícroma da Amazônia

O objetivo deste capítulo é apresentar o quadro geral de dados disponíveis para a Tradição Polícroma da Amazônia (TPA), de modo a construirmos um cenário para as questões que envolvem a ocorrência dessa tradição no Lago Tefé. Lidaremos, então, com uma extensão geográfica e cronológica muito ampla, na qual a quantidade e consistência dos dados variam muito regionalmente. O que nos propomos aqui é compilar, descrever e comparar, mais do que a concluir.

A Tradição Polícroma foi primeiramente definida por Howard (1947) em contraposição ao material Santarém (LATHRAP e BROCHADO, 1982), posteriormente sua definição foi refinada Meggers e Evans (1958, 1961, 1968) que a incluíram como peça chave nos grandes modelos de ocupação humana da Amazônia. A definição da Tradição Polícroma para os autores era seguinte:

The diagnostic trait is a white slip and polychrome (red-and-black-on-white) painting. Other relatively complex decorative techniques typically associated include excision, incision retouched with red or white before firing, and grooving. Incision or excision on a red slipped or white slipped surface is also characteristic, whereas in all the other horizon styles the surface is typically unslipped. Vessel and rim forms are variable, but cambered rim and an exteriorly thickened form with a squarish or rhomboidal cross section may be diagnostic. (MEGGERS e EVANS, 1961)

Desde então, diferentes trabalhos vêm identificando a presença de materiais com características tecnológicas similares as expostas acima em diferentes partes da calha Amazônica.

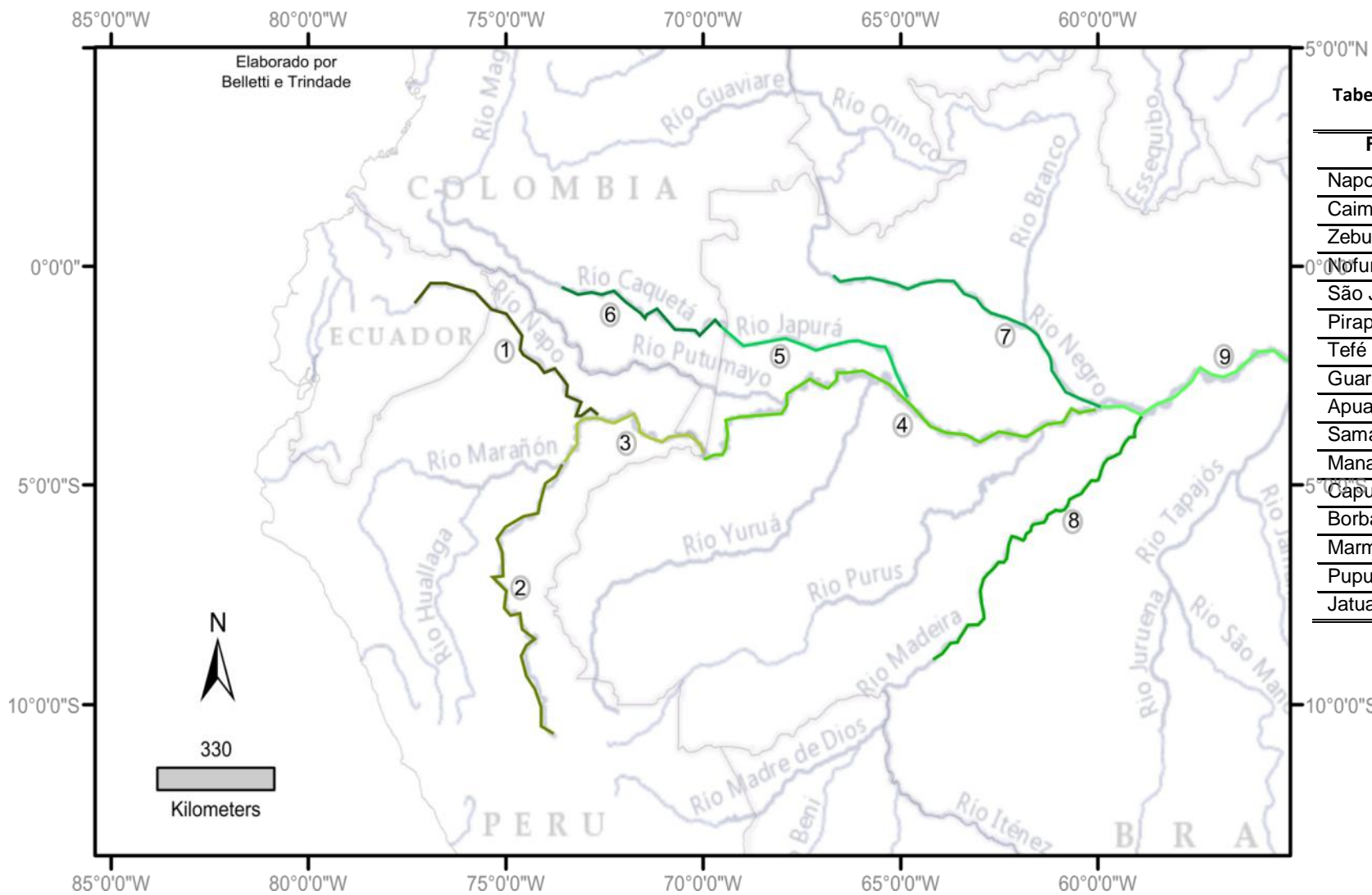


Tabela 1.1 - Síntese dos dados de distribuição das Fases da TPA

Fase	Calha
Napo	Rio Napo
Caimito	Rio Ucayali
Zebu	Rio Amazonas
Nofurei	Médio rio Caquetá
São Joaquim	Alto rio Solimões
Pirapitinga	Alto rio Solimões
Tefé	Médio alto rio Solimões
Guarita	Médio baixo rio Solimões
Apuaú	Baixo Rio Negro
Samambaia	Médio Rio Negro
Manauacá	Médio Rio Negro
Capuru	Baixo rio Amazonas
Borba	Baixo rio Madeira
Marmelos	Médio rio Madeira
Pupunha	Médio e alto rio Madeira
Jatuarana	Alto rio Madeira

Figura 2.1 – Principais rios referidos no trabalho: 1 – Napo; 2 – Ucayali; 3 – Alto Amazonas, 4 – Solimões; 5 – Japura; 6 – Caqueta; 7 – Negro; 8 – Madeira; 9 – Baixo Amazonas (elaborado por Belletti e Trindade).

Dada sua grande dispersão regional foram criadas diversas fases para a TPA, e, hoje, pelo menos 17 Fases estão inclusas nessa classificação: Napo (MEGGERS EVANS, 1968), Caimito (LATHRAP, 1970; WEBER, 1975), Zebu (BOLIAN, 1975), Nofurei (HERRERA, BRAY e McEWAN, 1982), Pirapitinga, São Joaquim, Tefé, Guarita (HILBERT, 1968), Apuaú, Samambaia, Manauacá (SIMÕES e LOPES, 1987), Borba (SIMÕES e KALKMANN, 1987), Marmelos, Pupunha, Jatuarana (MILLER, 1978; 1979, 1992), Capuru (MILLER et al 1992) e Miracanguera (PINTO LIMA, 2013). Trabalhos recentes (NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013¹) têm proposto a retirada do espectro da TPA fases do estuário do Amazonas que inicialmente foram definidoras da Tradição (Marajoara, Aristé, Koriabo) bem como de outras Fases do sudeste amazônico (Fases Tauá, Independência e Cacarapi)

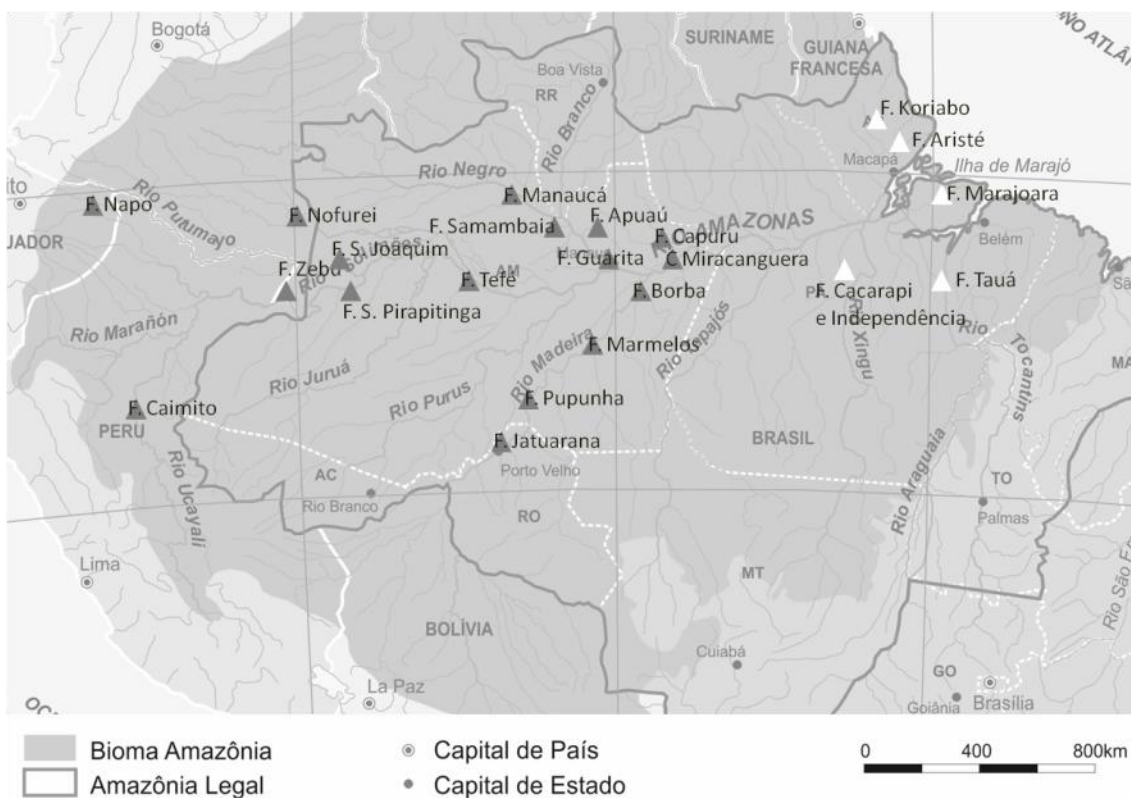


Fig. 2.2 – Mapa de distribuição das Fases da TPA. Em cor escura as fases que serão, de alguma forma, tangenciadas nesse trabalho, e em branco as fases cujo enquadramento ou não na TPA estão em debate. (elaborado por Jaqueline Belletti, base cartográfica Marcos Brito).

¹ Schaan (2007) já havia problematizado a relação entre a fase Marajoara e grupos Tupi, Igualmente Barreto (2008) j havia perpassado as problemáticas classificatórias da TPA. A fase Koriabo do estuário Amazônico chegou a ser classificada como TPA, mas como bem apresenta Cabral (2013) essa vinculação parece não se sustentar.

Por ora, não entraremos nesse debate profundo e extenso, mas obrigatoriamente perpassaremos por ele no último capítulo. Nesse momento aceitaremos a proposta de não incluir as fases do estuário na revisão que passaremos a fazer neste capítulo, não tanto por questões de discordância ou concordância, mas principalmente porque esta proposta reduz significativamente nosso recorte geográfico e cronológico, já demasiadamente extenso.

Diante da extensão geográfica e cronológica da TPA cumprir o objetivo de apresentar um quadro geral dessa Tradição de forma clara ao leitor é um desafio. Para tornar mais inteligível a apresentação de um volume muito grande de dados, nos propomos a construir esse cenário sobre a TPA discutindo quatro perguntas essenciais: Onde? Quando? Como? E Por que?

Reunir essas informações nos levou à criação de um grande banco de dados. O primeiro passo da montagem do banco de dados foi localizar a distribuição de sítios da TPA. Mesmo não havendo uma localização georeferenciada exata nas publicações mais antigas, a precisão dos mapas presentes nessas e o registro dos nomes das comunidades (que em muitos casos ainda são os mesmos) nos auxiliou a encontrar uma localização, se não precisa, aproximada o suficiente para que possamos discutir questões como os limites geográficos da TPA e sua presença nos cursos principais e secundários. Deste modo tentamos responder “onde está a Tradição Polícroma?” localizando georeferenciadamente todos os sítios associados a essa que encontramos em nossa revisão bibliográfica.

Estabelecida essa primeira base, procuramos refinar e qualificar os dados para os sítios. Dessa forma, sempre que as publicações nos permitiam acrescentamos informações referentes a composição do sítio (se unicomponenciais ou multicomponenciais), presença de terra preta, profundidade de ocupações e cronologia.

Composto o banco de dados, o segundo passo foi selecionar os dados de cronologia encontrados e pensar os “quandos” da TPA. Para essa segunda pergunta temos por objetivo não apenas entender os limites cronológicos da Tradição Polícroma, mas também as temporalidades regionais e suas implicações na dispersão da TPA.

Tendo maior clareza das dimensões geográficas e cronológicas da TPA nosso terceiro passo foi explorar melhor os demais dados computados na revisão bibliográfica, entendendo assim os “comos” da TPA. Exploramos na medida do possível dados de presença ou ausência de terra preta e estratigrafia. Aqui também procuramos pensar a ocorrência e distribuição dos atributos tecnológicos da TPA.

Por fim, nos detivemos em tentar correlacionar as informações obtidas nas três primeiras perguntas com as discussões presentes nos modelos gerais sobre a Tradição Polícroma, tentando entender os “porquês” dessa ampla dispersão geográfica e cronológica.

Feitas estas colocações preliminares, passemos a discussão dos dados.

2.1. Onde?

Sítios associados à TPA são encontrados nas grandes calhas da Bacia Amazônica sendo encontrada no Rio Napo (Equador e Peru), Marañón-Ucayali (Peru), por toda a calha do Amazonas (Colombia e Brasil), Caquetá (Colombia), Rio Negro e Madeira (Brasil), bem como em cursos secundários como Aguarico, Tefé, Caiambé, Purus, Aripuanã, Cuieras, entre outros.

No mapa abaixo estão localizados os pontos extremos de dispersão da Tradição Polícroma, somadas as distancias entre os pontos extremos entre as principais calhas sua dispersão ocorre por uma área de cerca de 6.600 km, sem considerar sua distribuição em cursos secundários.

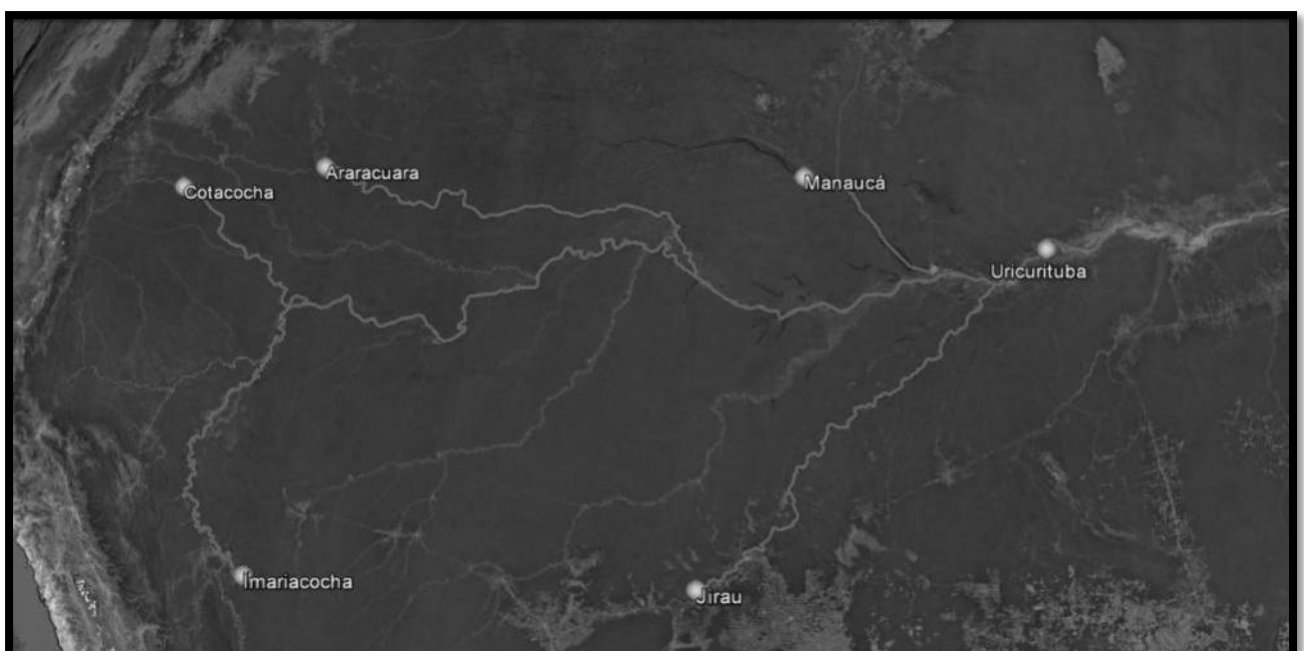


Fig. 2.3 – Croqui de distribuição do material policromo pelos principais cursos da Bacia Amazônica (elaborado por Belletti).

Podemos encontrar assim o limite Noroeste da TPA na calha do Alto Rio Napo, Sudoeste no Médio Ucayali, o Norte no Medio Caquetá, o Sul no Alto Madeira, Oeste no Baixo Amazonas e uma grande área Central que podemos dividir em Centro-Oeste formado pelo Alto Amazonas e Alto Solimões e um Centro-Leste composto pelo médio-baixo curso dos rios Solimões e Negro. Ao longo desse percurso hoje são conhecidos mais de 364 sítios arqueológicos associados a TPA e suas diferentes Fases.

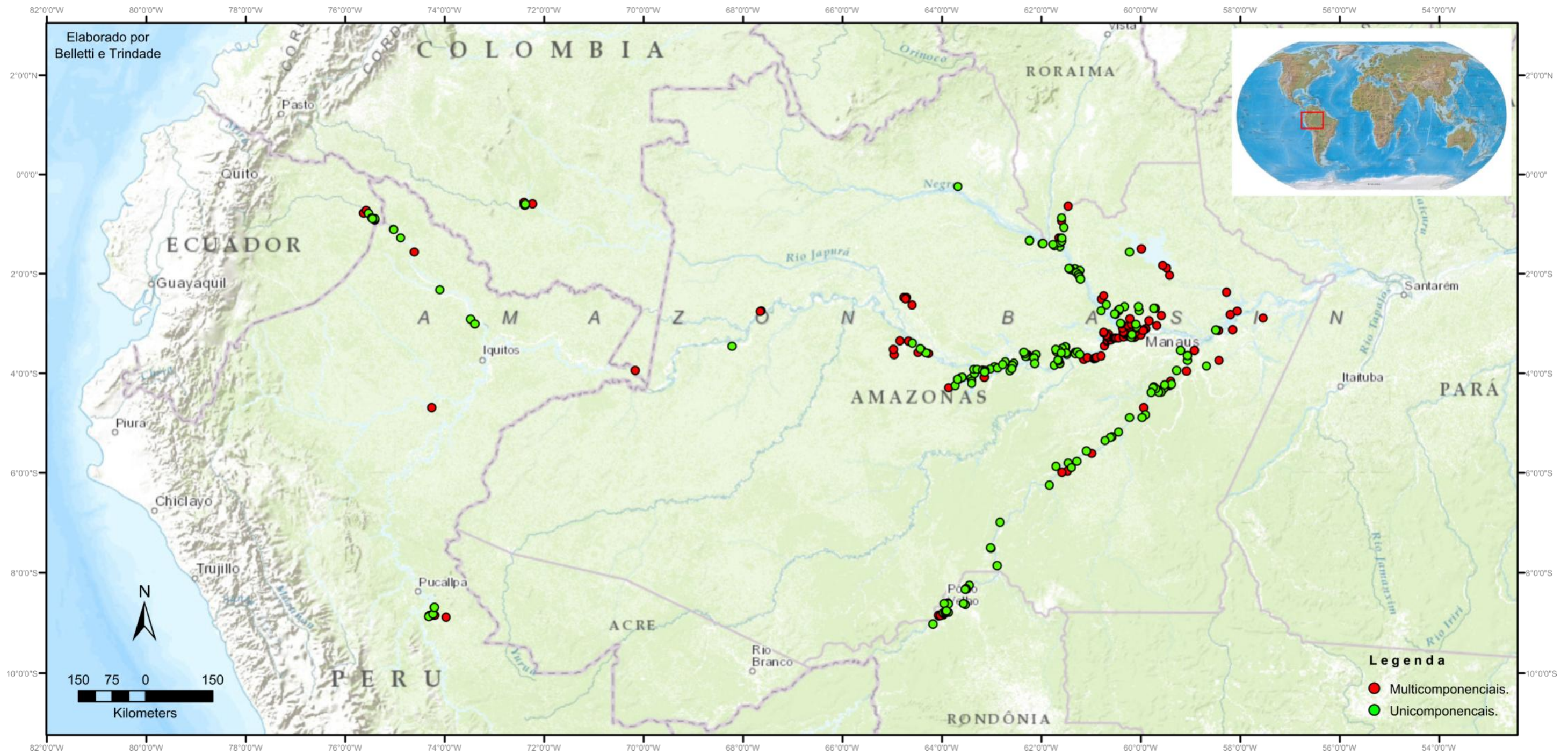


Fig. 2.4 – Mapa geral de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia (elaborado por Belletti e Trindade).

Como pode ser visto no mapa acima, analisar os dados de distribuição de sítios com cerâmicas da TPA torna-se uma tarefa difícil dado as lacunas de pesquisa que limitam as inferências possíveis.

Mesmo assim, abaixo realizamos um esforço de análise da distribuição dos sítios levantados durante a revisão bibliográfica. Nossa principal atenção está voltada para a localização, curso principal ou secundário, e composição, unicomponenciais ou multicomponenciais. O objetivo desse esforço é compreender a contextualização regional de diferentes tipos de registro associados à TPA.

A síntese dos dados gerais para a localização dos sítios policromos, incluindo coordenadas UTM, está no anexo III.

Distribuição de sítios na calha do Rio Napo

Hoje são conhecidos na calha do Rio Napo 17 sítios associados com material policromo. Destes, 13 estão no curso principal e quatro em cursos secundários. Dos oito sítios no alto curso (no atual território Equatoriano²) predominam sítios unicomponenciais (cinco unicomponenciais, dois multicomponenciais e um de componencialidade não definida³) (MEGGERS e EVANS, 1968) já no médio baixo curso (lado Peruano) dos nove sítios conhecidos seis são unicomponenciais e três são multicomponenciais.

Entretanto, até este momento apenas dois sítios foram escavados havendo, então, a possibilidade de que as observações sobre a componencialidade dos mesmos se altere. Por ora, com os dados disponíveis sobre a distribuição dos sítios são ainda poucos para nos possibilitar maiores inferências.

² Novos dados sobre a ocorrência de sítios associados a TPA no Equador estão sendo levantados e sistematizados por Manuel Arroyo Kallin, mas as pesquisas são ainda iniciais e os resultados ainda não foram publicados.

³ Os sítios de componencialidade não definida são aqueles nos quais os autores receberam doações de coleções, mas não chegaram a visitar o local, não conseguindo saber se tratava de um sítio uni ou multicomponencial.

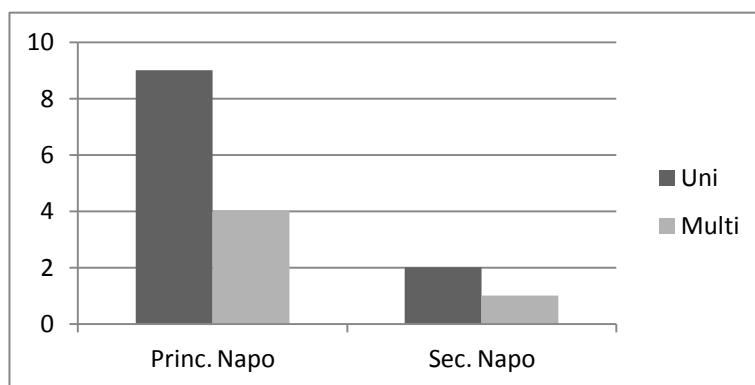


Gráfico 2.1 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do rio Napo.

Quando já acreditávamos concluído este capítulo e encerradas as compilações de seus dados encontramos, as vésperas da entrega dessa dissertação, o trabalho de Cabrero (2014). O autor realizou um levantamento dos relatórios de arqueologia de contrato no Equador, segundo ele haveriam além dos sítios levantados por Meggers e Evans outros 203 sítios associados a TPA. Arroyo-Kallyn⁴ salienta, entretanto, que os dados desses relatórios devem ser avaliados com cuidado por haver algumas vezes classificações precipitadas dos sítios.

Não teremos condições aqui de analisar os dados apresentados por Cabrero, contudo, para conhecimento do leitor segue o mapa de síntese desses dados. Dos 364 sítios inicialmente propostos somam-se estes outros.

⁴ Comunicação pessoal, Novembro de 2014.

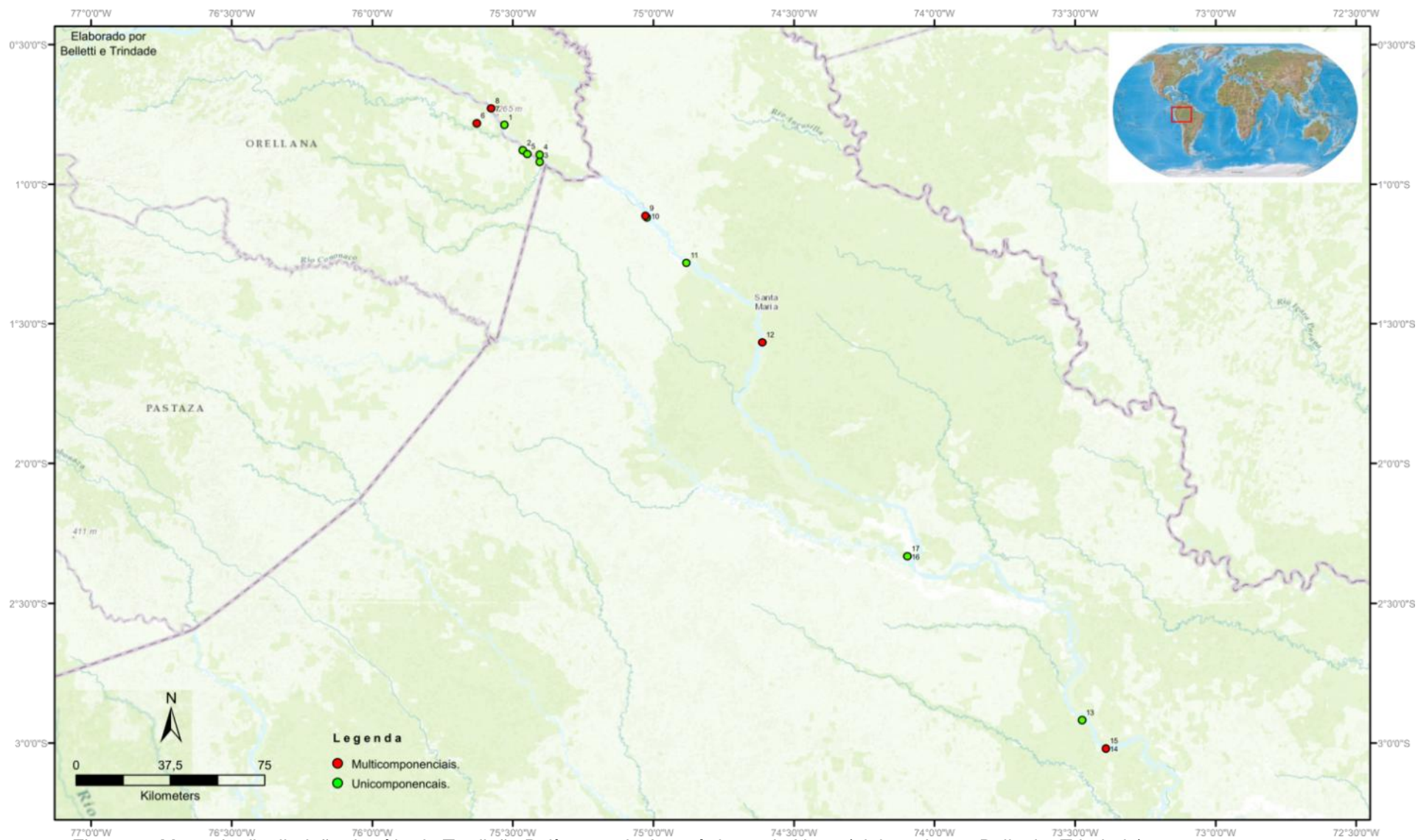


Fig. 2.5 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no rio Napo (elaborado por Belletti e Trindade).

© Cabrero (2013) en base a datos primarios del INPC, fuentes secundarias de Yápez (2000), de la Fundación Labaka, y del estudio de Evans y Meggers (1968); con la elaboración informática de ADAMA Assessment.

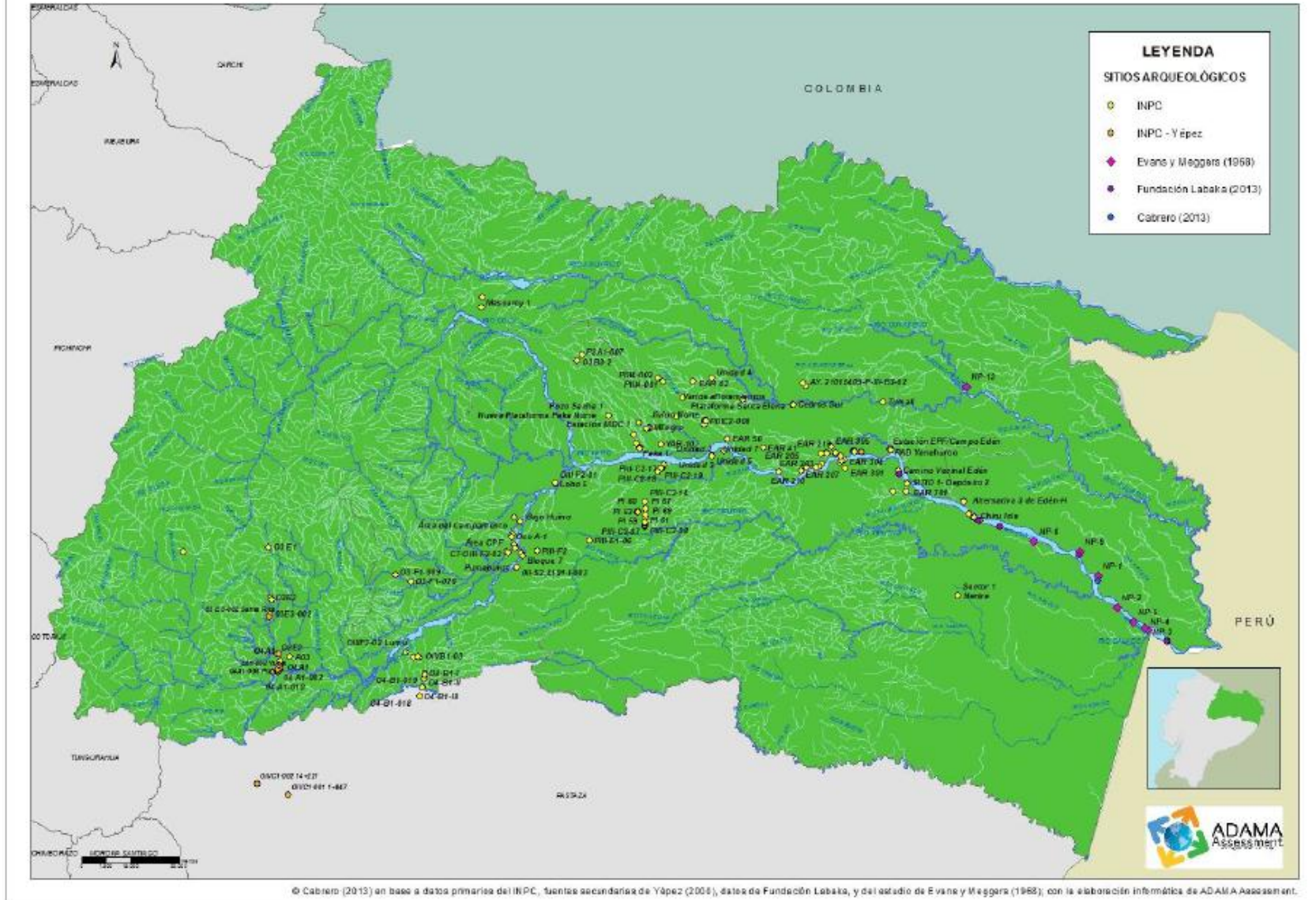


Ilustración 33. Hallazgos arqueológicos de la Fase Napo en Ecuador

Fig. 2.6 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma no Equador (CABRERO, 2014).

Distribuição de sítios na calha do Rio Ucayali

Os 14 sítios associados a TPA conhecidos na bacia do alto Ucayali até o momento estão todos localizados em cursos secundários (Rio Tamaya e Lago de Imariacocha), mas este quadro se deve a amostragem das pesquisas realizadas. Os levantamentos de Lathrap (1962) e Weber (1975) foram bastante pontuais e não exploraram o curso principal do médio e baixo Ucayali, levantamentos mais recentes têm sido conduzidos por Chocano Morales (2002, 2010) na calha principal do Marañón e baixo Ucayali, entretanto, os resultados publicados ainda são poucos.

Dos 14 sítios conhecidos para o Ucayali foram encontrados seis sítios unicomponenciais, seis multicomponenciais e dois cuja componencialidade não foi identificada.

Outro sítio polícromo foi evidenciado por Chocano Morales (2002) pouco acima do rio Ucayali na confluência do Marañón com o Samaria e trata-se de um sítio multicomponencial.

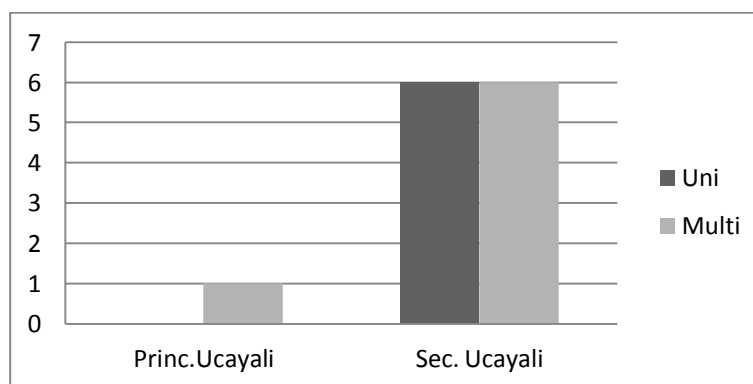


Gráfico 2.2 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do rio Ucayali.

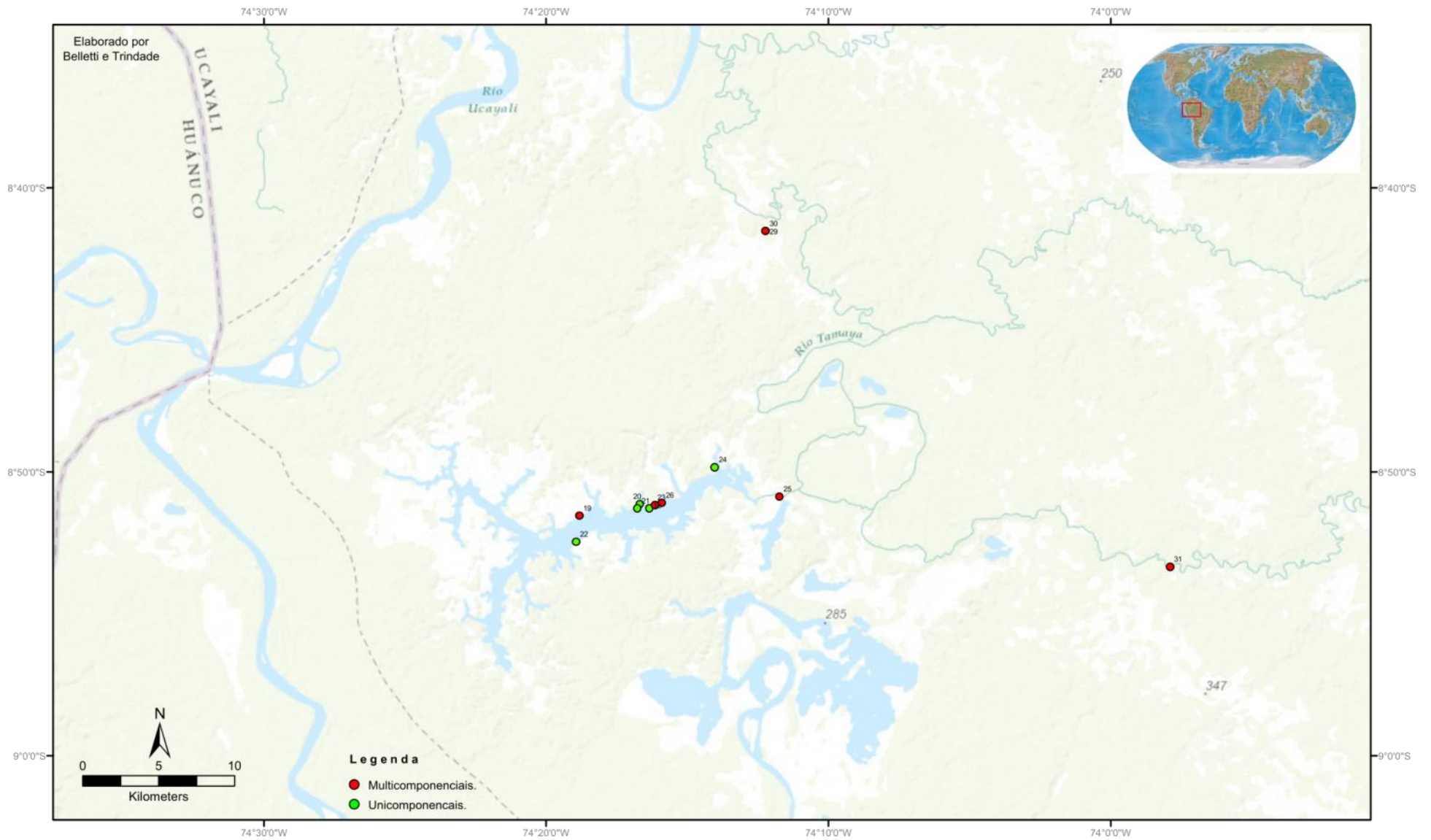


Fig. 2.7 – Mapa distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no rio Ucayali (elaborado por Belletti e Trindade).

Distribuição de sítios na calha do Alto Amazonas

No Alto Amazonas, apesar das diferentes etapas de campo realizadas por Bolian (1975) apenas um sítio polícromo foi localizado em sua área de pesquisa. Este era um sítio unicomponencial.

Distribuição de sítios na calha do Rio Solimões

Hoje são conhecidos 139 sítios com material polícromo na calha do rio Solimões. Dividimos o curso desse rio para facilitar nossas análises entre Médio Alto Solimões (do Lago Tefé subindo até a tríplice fronteira) e Médio Baixo Solimões (abaixo do Rio Tefé até a área de confluência).

No médio alto curso as pesquisas são ainda pontuais, são conhecidos apenas 17 sítios polícromos. Muito próximo a área de Bolian, no lado Brasileiro, apenas três sítios foram encontrados em pesquisas pontuais de Peter Hilbert no Alto Solimões, os dois sítios localizados no curso principal foram definidos como multicomponenciais enquanto o sítio localizado no curso secundário foi classificado como unicomponencial. Entre o sítio São Joaquim, o primeiro rio acima no alto Solimões, e os lagos Tefé e Amanã, onde pesquisas mais recentes vem sendo realizadas (além da aqui apresentada ver Costa, 2012; Gomes, 2014; Lopes, 2015) há um vazio de investigações de cerca de 300Km. Entre esses dois lagos são conhecidos outros 14 sítios polícromos.

Os sítios registrados no médio alto curso estão predominantemente localizados em cursos secundários, 14, pois as áreas de lagos têm sido os principais objetos de pesquisa. Dos 17 sítios polícromos conhecidos até o momento na região, 10 são multicomponenciais e apenas três são unicomponenciais (dois destes localizados no curso principal), outros quatro sítios não tiveram sua componencialidade definida.

No médio baixo curso do Solimões após os trabalhos pioneiros de Hilbert (1968) uma série de pesquisas acadêmicas e de contrato vem sendo realizadas nos últimos 20 anos (CALDARELLI, s/d; TRINDADE, 2009; NEVES, 2010; COSTA, 2012; TAMANAHA, 2012 e 2014), fazendo com que um grande número de sítios, 122 ao total, tenham sido identificados. Destes 41 estão localizados no curso principal (22 unicomponenciais e 19 multicomponenciais) e 81 estão localizados em cursos secundários (46 unicomponenciais, 32 multicomponenciais e três sem componencialidade definida).

Observando os dados de forma qualitativa (figura 2.7 e 2.8) há significativa presença de sítios multicomponenciais polícromos próximo à área de confluência dos Rios Negro e Solimões e um predomínio de unicomponenciais acima do rio Purus. A diferente distribuição de sítios unicomponenciais e multicomponenciais da calha do Solimões vem sendo discutida por Tamanaha (2012) através da ideia de ocupação por grupos produtores da cerâmica polícroma de áreas de um antigo buffer zone de ocupações borda incisa. Olhando para a dispersão geral pensamos que ao invés de um buffer zone o que ocorre na calha do Solimões é que grupos anteriores a TPA deram preferência a ocupação de cursos secundários e lagos ao invés do curso principal, a exceção da área de confluência – mas a abundância de recursos encontrados nesse local parece desde muito cedo ter atraído populações para essa região.

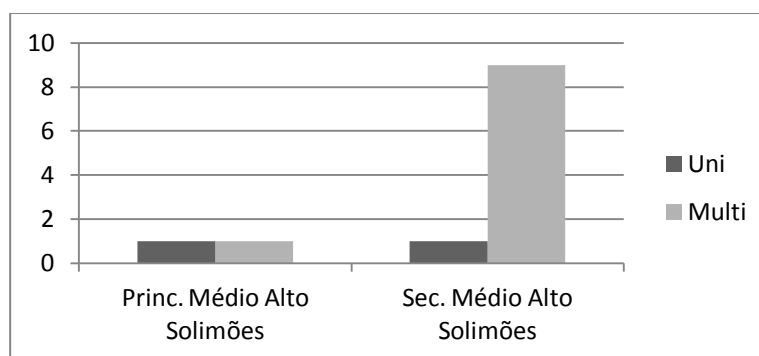


Gráfico 2.3 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do médio alto Solimões.

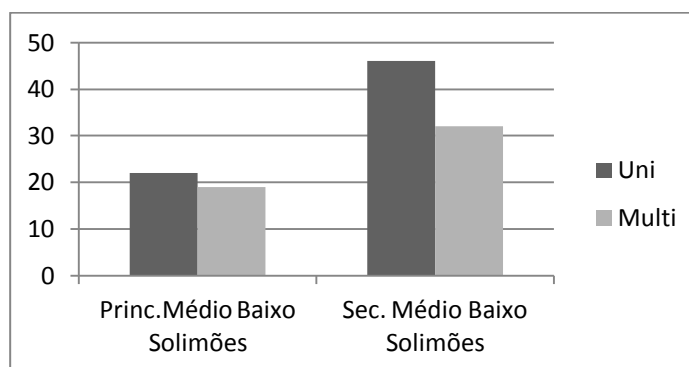


Gráfico 2.4 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do médio baixo Solimões.

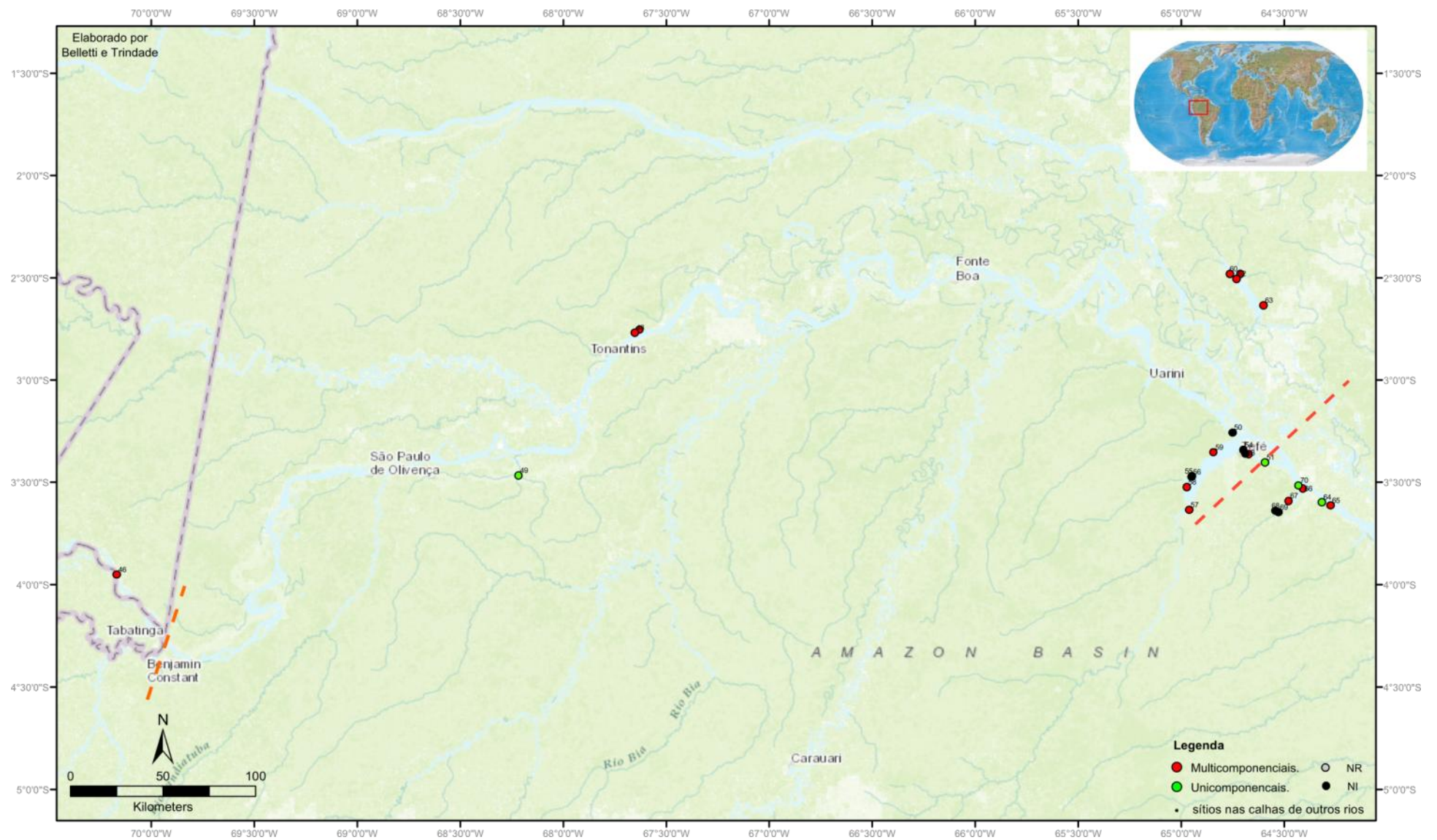


Fig. 2.9 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia. A linha vermelha marca o fim do médio baixo Solimões e a linha laranja marca o fim do médio alto Solimões e início do Alto Amazonas (elaborado por Belletti e Trindade)..

Distribuição de sítios na calha do Rio Caquetá

Os dados que conseguimos levantar sobre sítios polícromos no Caquetá se restringem aqueles coletados por Herrera, Bray e McEwan (1992) e estão restritos aos arredores da região de Araracuara. Estes pesquisadores levantaram 13 sítios cujos vestígios são associados a TPA, desses, 12 estão no curso principal e um nos cursos secundários, mas isto parece estar, acima de tudo, relacionado a amostragem do levantamento. Predominam os sítios unicomponenciais, 10, sobre os multicomponenciais, cinco. Apenas três sítios desse conjunto foram escavados, seis unicomponenciais (ARA-7 e ARA-20) e um multicomponencial (ARA-15).

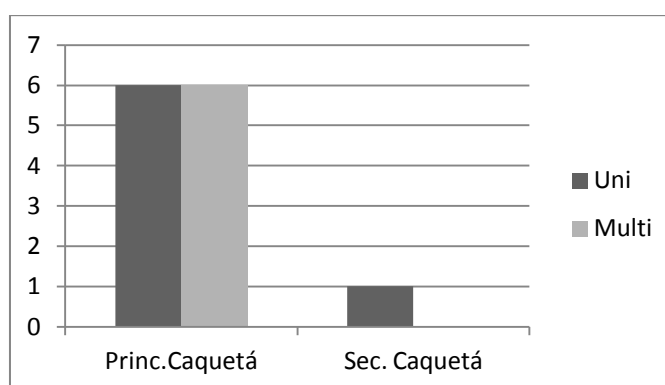


Gráfico 2.5 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do rio Caquetá.

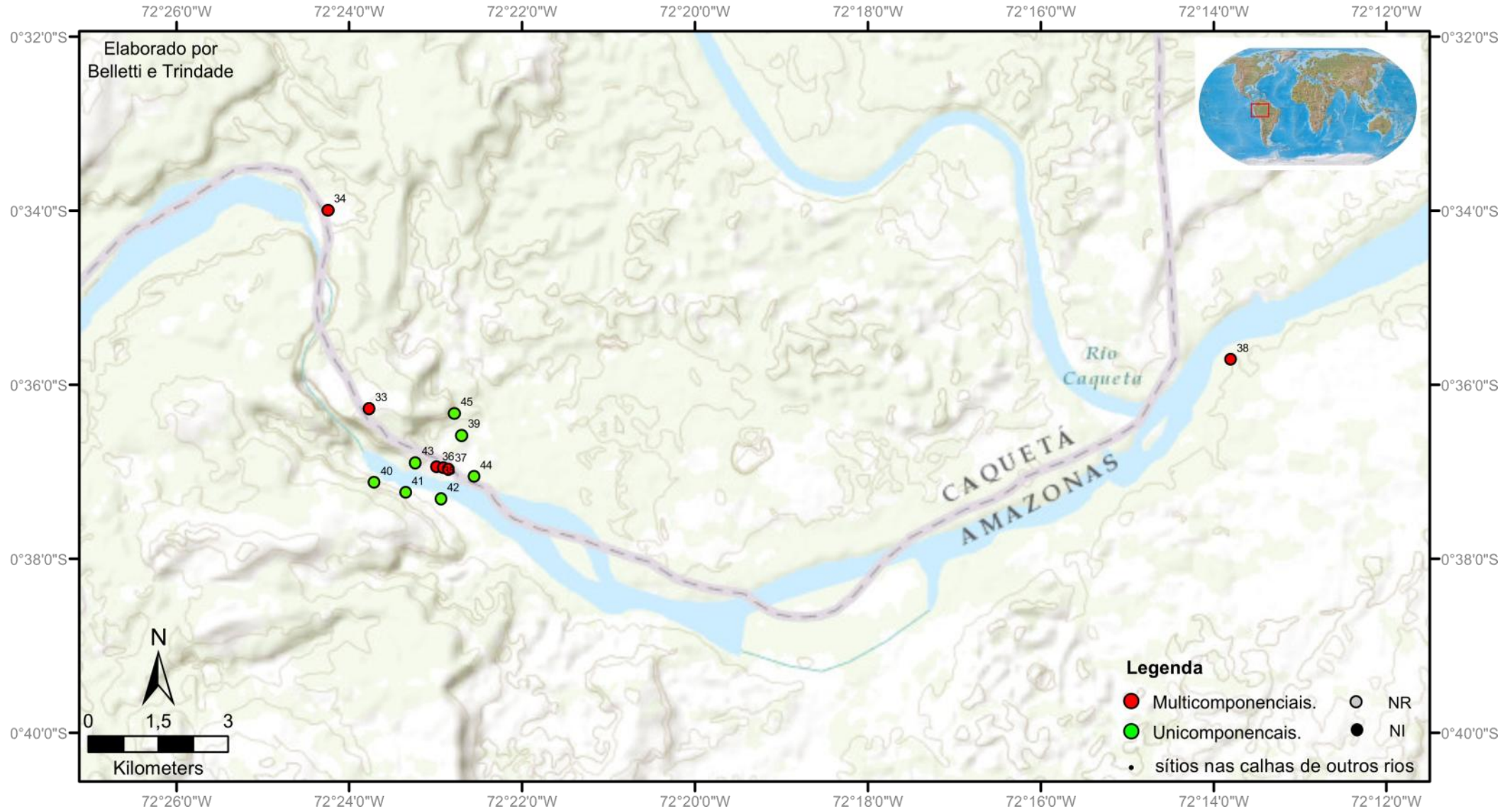


Fig. 2.10 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no rio Caquetá (elaborado por Belletti e Trindade).

Distribuição de sítios na calha do Rio Negro

As pesquisas realizadas nos anos de 1950 por Hilbert (1958) e 1970-1980 por Mario Simões (1974, 1987) e os trabalhos mais recentes permitiram a localização de 72 sítios entre o médio e baixo curso do rio Negro (ERIG LIMA, 2003; MORAES, 2006; VALLE, 2009; ORIGUELA, 2009).

No baixo curso são conhecidos 52 sítios, dos quais 25 estão no curso principal (13 unicomponenciais e 12 multicomponenciais) e 27 no curso secundário (13 unicomponenciais, 13 multicomponenciais e um sem componencialidade definida). No médio curso do rio Negro encontramos um número menor de sítios registrados, apenas 24, dos quais 4 estão no curso principal (todos unicomponenciais) e 20 estão em cursos secundários (14 unicomponenciais, 5 multicomponenciais e um não definido).

Certamente, as diferenças nas quantidades de sítios entre o médio e baixo rio Negro, bem como de distribuição (curso principal ou secundário) estão atreladas a questões amostrais das pesquisas realizadas. A distribuição de sítio unicomponenciais e multicomponenciais também deve ser olhada com atenção dadas questões classificatórias, que discutiremos ao fim do capítulo.

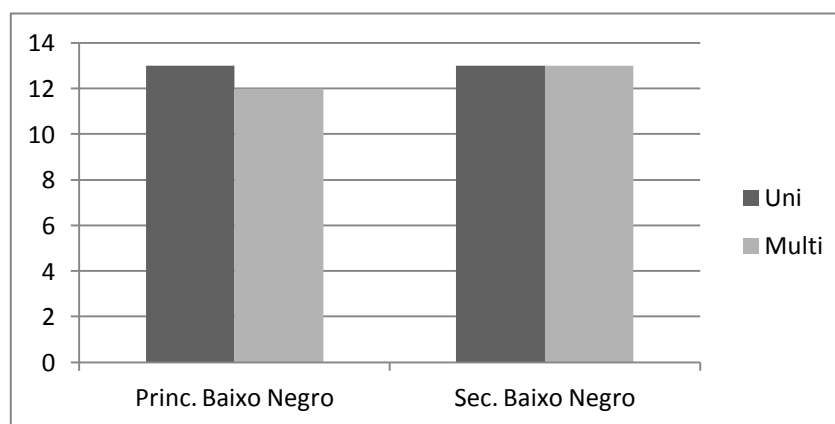


Gráfico 2.6 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do baixo Negro.

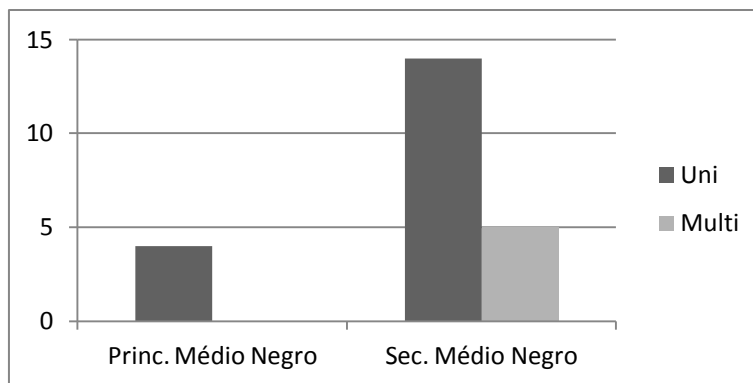


Gráfico 2.7 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do médio Negro.

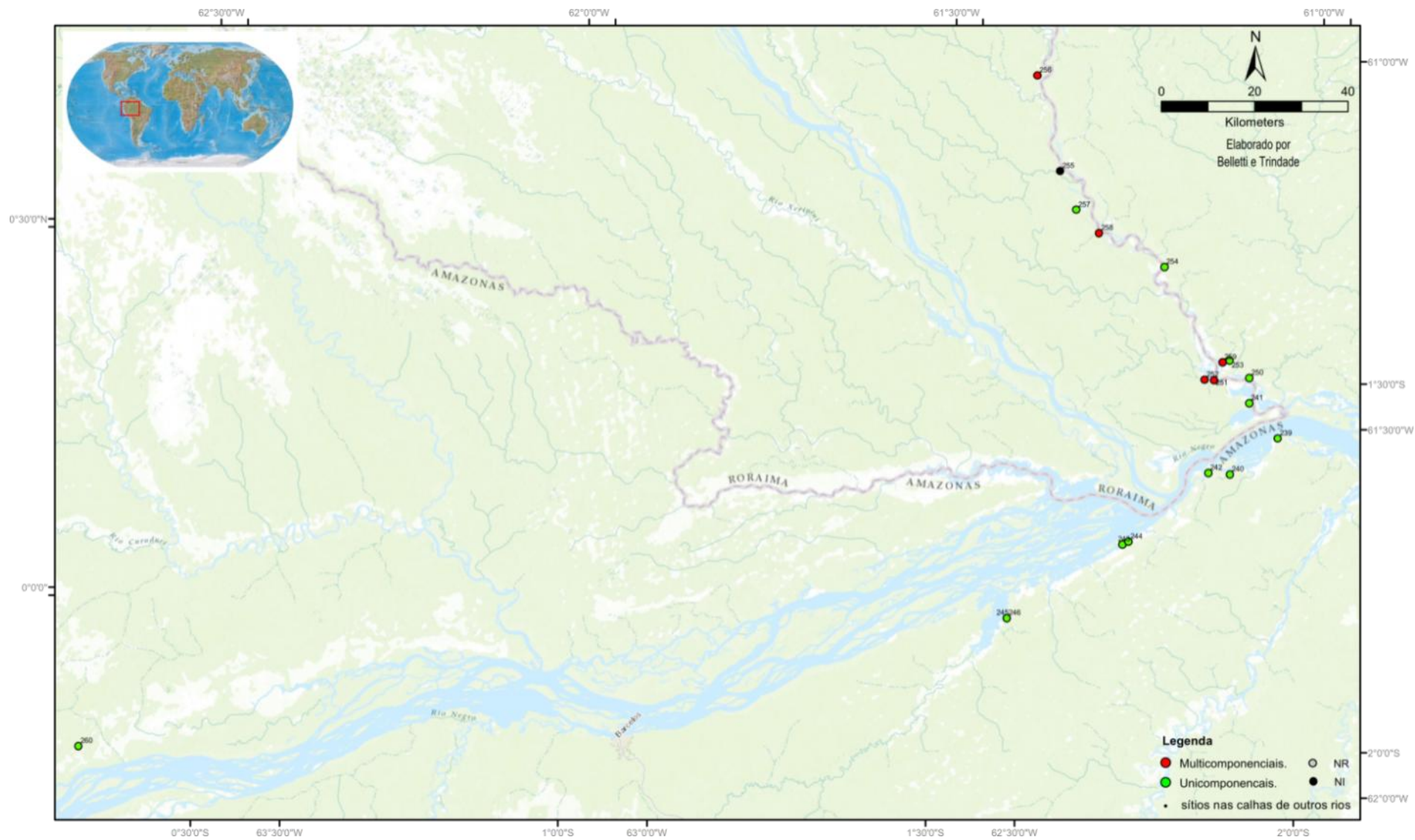


Fig. 2.12 – Mapa geral de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no médio Rio Negro (elaborado por Belletti e Trindade).

Distribuição de sítios na calha do Rio Madeira

A calha principal do Madeira talvez seja, atualmente, umas das mais conhecidas arqueologicamente da bacia amazônica. Inicialmente sítios no baixo curso foram levantados por Nimuendajú (2004), posteriormente o médio e baixo curso foi pesquisado por Simões e colaboradores (1978,1983; SIMÕES e LOPES, 1987) e o alto curso por Miller (1979, 1992, MILLER et all, 1992). Sendo na atualidade um dos centros do projeto desenvolvimentista hidrelétrico da Amazônia, a região do Madeira vem recebendo novos projetos no âmbito da arqueologia de contrato, (ZUSE, 2014; DOCUMENTO, 2012a, 2012b) ao passo que pesquisas acadêmicas concomitantemente seguem sendo produzidas (ALMEIDA, 2013; MORAES, 2013; ZUSE, 2014; VASSOLER, 2014).

Todas essas pesquisas proporcionam que hoje sejam conhecidos 86 sítios com material da TPA na calha do Madeira. No baixo médio curso estão registrados 50 sítios, 35 no curso principal (30 unicomponenciais e cinco multicomponenciais) e 15 nos cursos secundários (oito unicomponenciais, quatro multicomponenciais e um não identificado). No alto curso, onde maior número de pesquisas foi realizado, são conhecidos 36 sítios associados a TPA sendo desses 26 no curso principal (13 unicomponenciais e 9 multicomponenciais e 4 não definidos) e 10 nos cursos secundários (os 10 sendo unicomponenciais).

É interessante destacar que apesar do maior e mais intensivo volume de trabalhos realizados no alto Madeira a presença de sítios polícromos é menor comparativamente. Tanto para o alto quanto para o baixo médio Madeira os dados sobre componencialidade dos sítios devem ser olhados com muito cuidado, novos trabalhos devem levar a reclassificação de muitos sítios (MORAES, 2013).

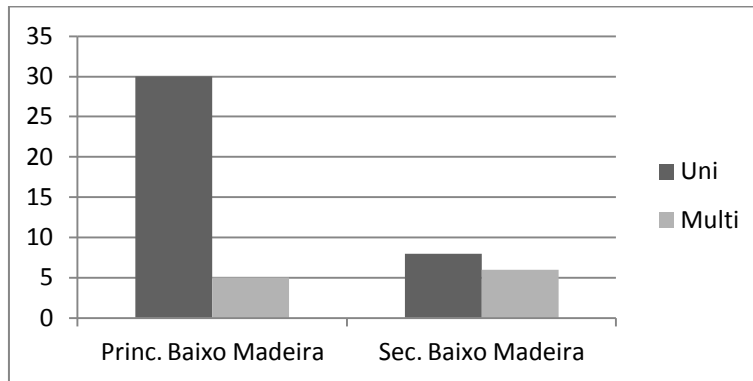


Gráfico 2.8 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do baixo Madeira.

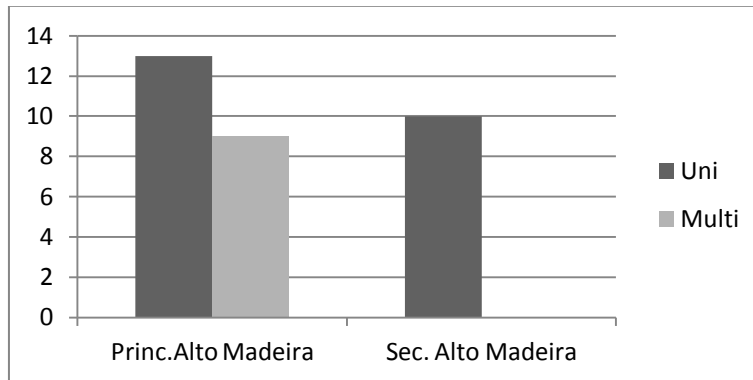


Gráfico 2.9 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do alto Madeira.

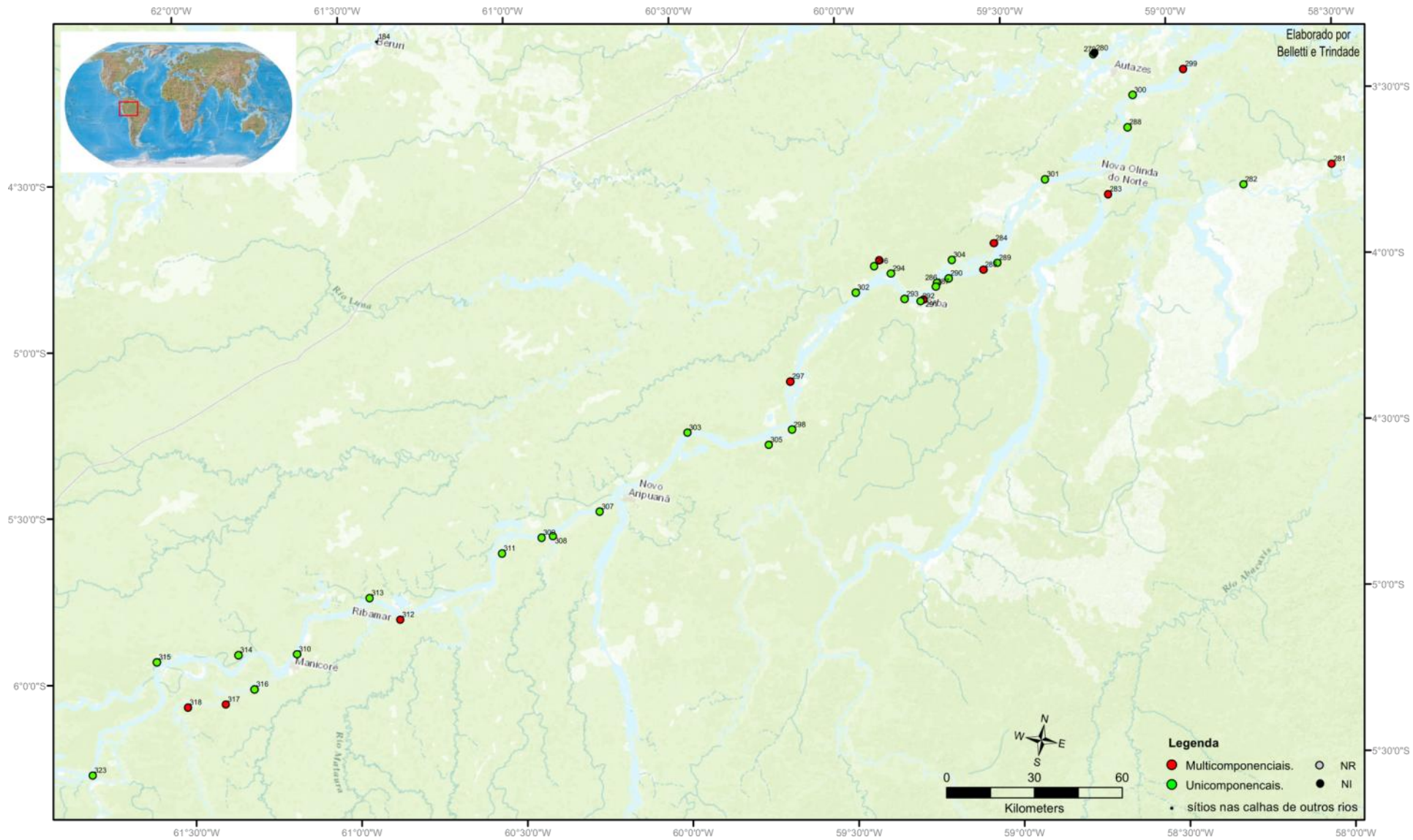


Fig. 2.13 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no baixo Madeira (elaborado por Belletti e Trindade).

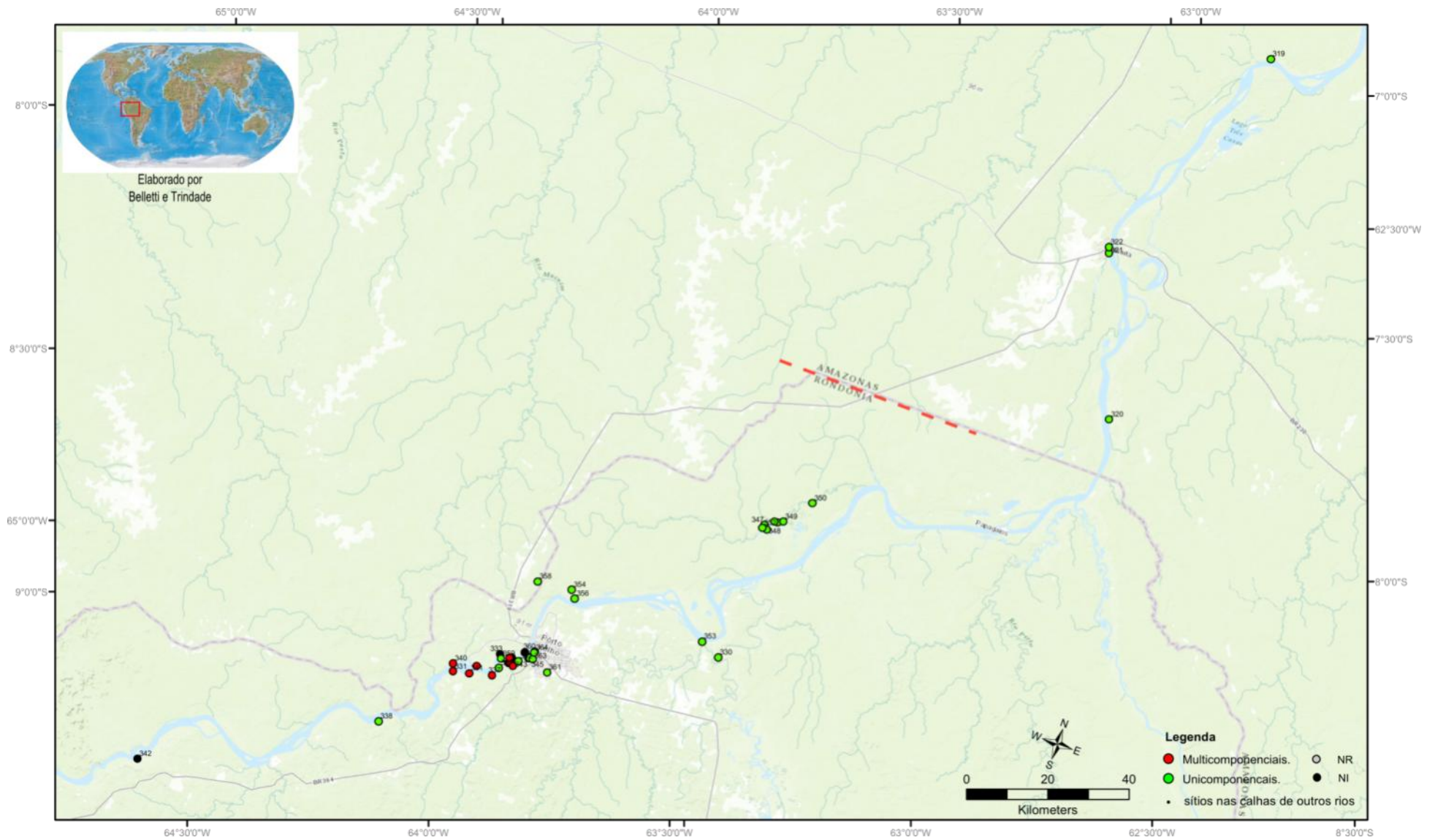


Fig. 2.14 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no baixo Madeira, acima linha vermelha e alto Madeira, abaixo da linha vermelha (elaborado por Belletti e Trindade).

Distribuição de sítios na calha do Baixo Amazonas

No Baixo Amazonas apenas 17 sítios com material claramente polícromos foram registrados até o momento. Os trabalhos de Simões (1974) na região evidenciaram dois sítios no alto curso do Rio Preto da Erva. Na calha do rio Uatumã outros 6 sítios são conhecidos (SIMÕES e CÔRREA, 1987). Outros foram identificados por Pinto Lima (2013; PINTO LIMA e COSTA, 2004 e 2007) desde o Lago de Silves até acima da cidade de Uricurituba. Outros sítios foram localizados no âmbito da arqueologia de contrato (MILLER et all, 1992; FERNANDES, 2012).

Desses 17 sítios, seis estão no curso principal (todos multicomponenciais) e 10 nos cursos secundários (um unicomponencial e 10 multicomponenciais).

Apesar dos intensivos trabalhos na região realizados por Simões, Miller e Pinto Lima, o número de sítios definidos como polícromos é relativamente pequeno nesse contexto regional. Durante os trabalhos na represa de Balbina, Miller localizou 155 sítios (cerâmicos, líticos e rupestres) dos quais classificou apenas quatro como contendo material polícromo (MILLER et all, 1992). Este quadro é similar nas outras pesquisas realizadas na região, grande número de sítios, mas poucos considerados polícromos.

Pinto Lima (2013) tem interpretado essa baixa frequência de sítios polícromos no baixo Amazonas como evidência de uma fronteira polícroma. Essa hipótese será apresentada e discutida no capítulo 3. Os dados coletados por Simões para a Tradição Regional Saracá (SIMÕES e MACHADO, 1987) nos ajudarão também a aprofundar essa discussão.

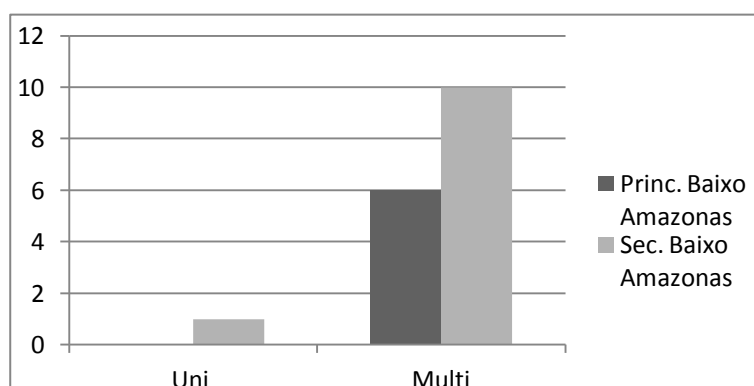


Gráfico 2.10 – Distribuição de sítios uni e multicomponenciais entre os cursos principal e secundário do baixo Amazonas.

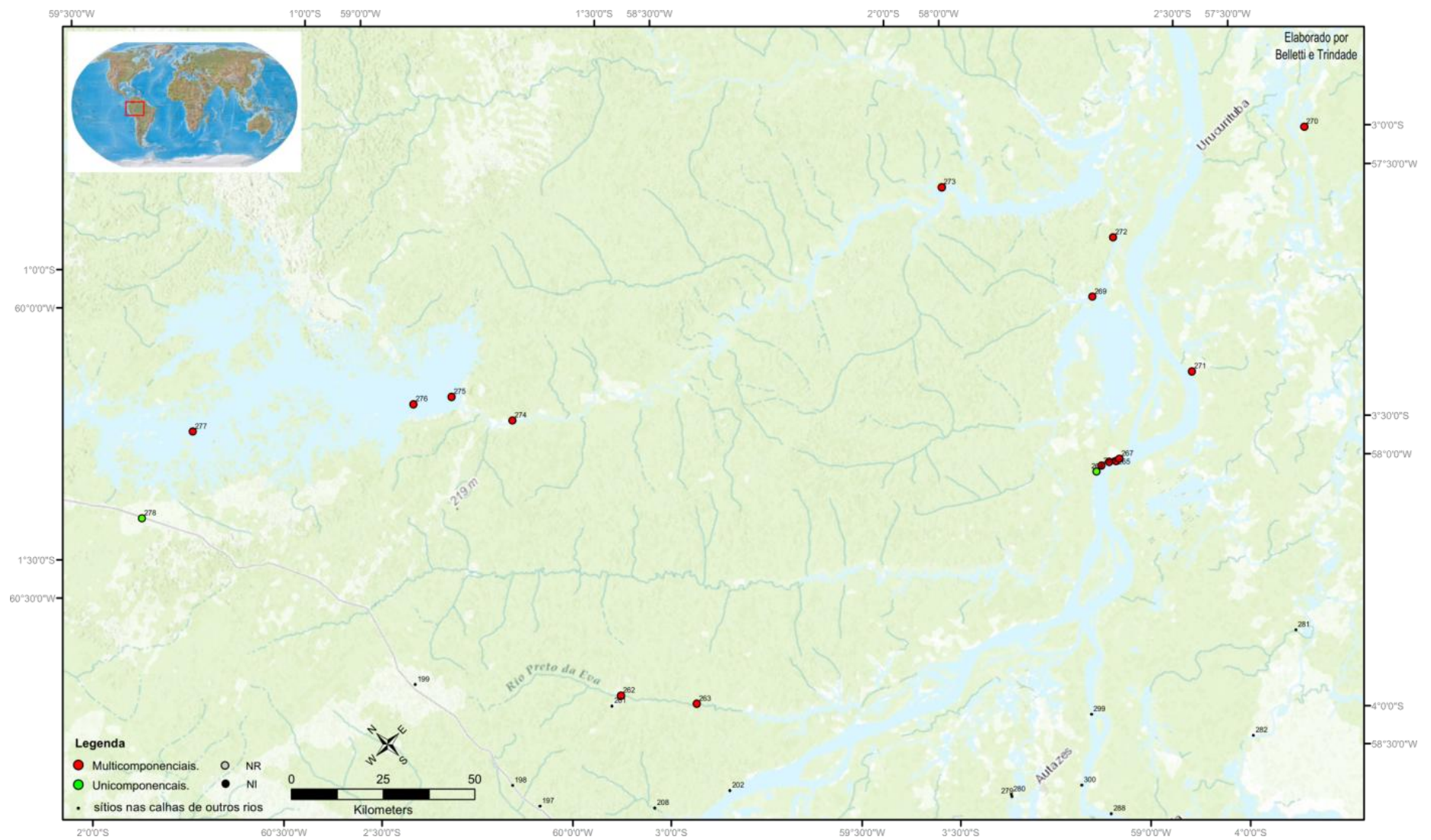


Fig. 2.15 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia no baixo Madeira (elaborado por Belletti e Trindade).

Síntese dos dados de distribuição e discussão

Como podemos ver no gráfico abaixo, sintetizando os dados acima expostos, há uma subamostragem da parte Oeste de distribuição da TPA (rio Napo, Ucayali, Marañon, Amazonas e mesmo o médio alto Solimões). Em contraposição, o médio baixo Solimões tem sido intensivamente pesquisado proporcionando que está seja a área com mais sítios conhecidos. O rio Negro passa também por uma amostragem discrepantes onde a área de confluência foi melhor documentada enquanto o resto da calha possui apenas pesquisas pontuais. O Madeira apresenta questões quantitativas e amostrais inversas, o baixo médio curso foi objeto apenas de levantamento extensivos e mesmo assim esses permitiram o registro de uma quantidade bastante significativa de sítios. Já o alto curso que foi alvo de um significativo número de pesquisas, algumas de cunho intensivo, e o número de sítios conhecidos atualmente é menor. Por fim, o baixo Amazonas apesar de estudado por diferentes pesquisadores ao longo do tempo apresenta pouquíssimos sítios polícromos.

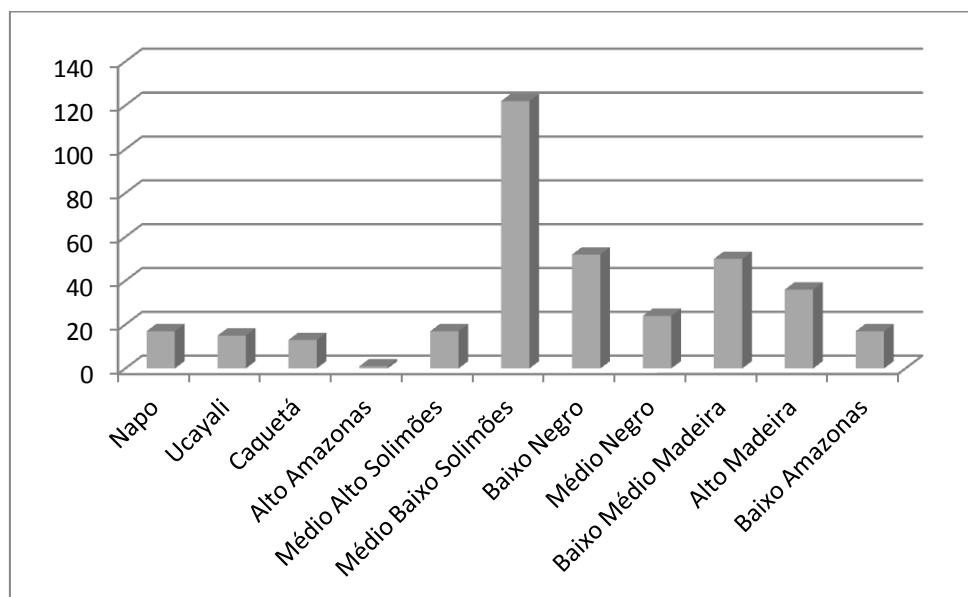


Gráfico 2.11 – Distribuição geral de sítios da TPA.

Podemos, como tentamos ao longo do item, tentar qualificar os dados quantitativos apresentados.

Tabela 2.1 - Síntese dos dados de Distribuição

	Principal			Secundário			Total
	Uni	Multi	NI	Uni	Multi	NI	
Napo	9	4	0	2	1	1	17
Ucayali	0	1	0	6	6	3	14
Caquetá	6	6	0	1	0	0	13
Alto Amazonas	1	0	0	0	0	0	1
Médio Alto Solimões	1	1	1	1	9	4	17
Médio Baixo Solimões	22	19	0	46	2	2	122
Baixo Negro	13	12	0	13	13	1	52
Médio Negro	4	0	0	14	5	1	24
Baixo Madeira	30	5	0	8	6	1	50
Alto Madeira	13	9	4	10	0	0	36
Baixo Amazonas	0	6	0	1	10	0	17
							364

Olhando para os dados e mapas vemos uma predominante concentração de sítios multicomponenciais na área de confluência do rio Negro e Solimões e em cursos secundários (como os Lagos Amanã, Tefé, Urariá ou mesmo os rios Uatumã, Cuieiras e outros) em contraposição aos cursos principais, onde parece haver uma maior concentração de sítios unicomponenciais.

Entretanto, é necessário estar atento não só aos problemas amostrais como à questões classificatórias. Uma prática comum nos trabalhos dos anos 70 e 80 do século XX era definir os sítios como unicomponenciais conforme seu componente principal. Por exemplo, se o sítio possuía predomínio de material polícromo e uma pequena quantidade de material Borda Incisa era classificado como polícromo, e se possuía uma grande quantidade de material Borda Incisa e alguns cacos polí Cromos era classificado como pertencente a Tradição Borda Incisa. Os sítios classificados por Miller e colegas (1992) como unicomponenciais na área da represa de Balbina foram reclassificados por nós, visto que as fotos dos materiais indicam a multicomponencialidade dos mesmos. Outra questão é a presença de fluxos de tecnologias, sítios com intensos fluxo de tecnologias (ver capítulo 1), onde características de diferentes

Tradições diferentes convergem em um mesmo objeto, foram classificadas como Tradições ou Fases regionais, um ótimo exemplo para isso é a Tradição Regional Saracá do baixo Amazonas onde há intenso fluxo entre estilos tecnológicos locais e elementos da Tradição Polícroma. Há de se observar ainda que a maioria das classificações de sítios foi realizada apenas com base nas observações dos materiais em superfície e de coleções locais.

Atentos aos problemas de classificação, voltamos às observações de distribuição de sítios.

A oeste onde os dados são ainda poucos, os levantamentos no Rio Napo (MEGGERS e EVANS, 1968; ARROYO-KALIN e PANDURO, 2013) estão principalmente focados no curso principal e indicam o predomínio de sítios unicomponenciais. No lago de Ímariacocha, no médio Ucayali, os levantamentos de Lathrap (1970) e Weber (1975) mostram uma presença equivalente de sítios uni e multicomponenciais.

No Caquetá uma área muito restrita foi levantada, e nela foi encontrada uma equivalência de sítios classificados como uni e multicomponenciais, os dois únicos sítios levantados em cursos secundários foram classificados como multicomponenciais.

No alto médio Solimões as pesquisas se limitavam a registros esparsos como os de Metraux e Hanke entre outros (FERIZ, 1963; MARCATO 1977) e trabalhos pontuais de Hilbert (1962^a, 1968). Em 2006, levantamentos voltaram a ser feitos por Costa no Lago Amanã (2006) e no médio curso do Rio Tefé (MORAES e COSTA, 2006). Os levantamentos no Lago Tefé foram retomados pelo presente trabalho, cujos resultados específicos foram apresentados no capítulo anterior. Apesar da presença policroma parecer ter sido mais intensa no lago Tefé que no Lago Amanã (questão que discutiremos mais adiante), em ambos os contextos encontramos um quadro similar, no qual não foram identificados sítios unicomponenciais policromos. O único sítio unicomponencial policromo identificado está a cerca de 3km da boca do Lago Tefé já na calha do Solimões. Todavia, ainda há um grande vazio de pesquisas no alto Solimões.

A área entre o lago de Coarí e o baixo Solimões que havia passado também apenas por descrições espaçadas (METRAUX, 1930; HANKE, 1959) e pelos trabalhos de Hilbert (1958, 1962a, 1968) foi alvo de intensivos trabalhos

realizados no âmbito do Gasoduto Coarí-Manaus (CALDARELLI, s/d; NASCIMENTO LIMA e TAMANAHA, 2007, 2008; TRINDADE, 2009; NEVES, 2010; TAMANAHA, 2010). Esses trabalhos resultaram na identificação de uma grande quantidade de sítios polícromos, onde percebe-se o predomínio de sítios polícromos unicomponenciais entre o lago e Coarí e o rio Purus, a partir daí quanto mais próximo da área de confluência maior a ocorrência de sítios multicomponenciais e menor a de unicomponenciais. Recentemente Tamanaha (2014) realizou levantamentos no Lago Caiambé (também descrito por Hilbert) e não encontrou sítios unicomponenciais na área do lago, dois sítios unicomponenciais foram encontrados na calha principal do Solimões adjacente a ele. Um sítio unicomponencial foi encontrado pelo autor na entrada do igarapé do Jutica.

A área de confluência dos rios Negro e Solimões além de ter sido inicialmente pesquisada por Hilbert (1958, 1968) e Simões (1974; SIMÕES e KALKMANN, 1987) foi intensivamente trabalhada pelo Projeto Amazônia Central (PAC) (ERIG LIMA, 2003; MACHADO, 2005; MORAES, 2006, 2013; PINTO LIMA, 2008; CASTRO, 2009; TRINDADE, 2009, TAMANAHA, 2012; NEVES, 2012). Entre seus resultados identificaram-se grande quantidade de sítios multicomponenciais e raros sítios polícromos unicomponenciais.

No Rio Negro a maioria dos sítios conhecidos foram levantados por Simões (1974, SIMÕES e KALKMANN, 1987). Esses registros, que devem ser olhados com cuidado pelas questões já colocadas, indicam um quadro similar ao evidenciado no Solimões com predomínio de sítios unicomponenciais no curso principal até a aproximação da área de confluência quando a presença de sítios multicomponenciais aumenta. Trabalhos mais recentes (ORIGUELA, 2009; VALLE, 2009) deram enfoque também a cursos secundários do médio rio Negro e encontraram uma quantidade equivalente de sítios uni e multicomponenciais.

No médio e baixo Madeira as pesquisas se concentraram no curso principal com poucas incursões em cursos secundários. No curso principal predominam os unicomponenciais com algumas ocorrências de multicomponenciais. Dentre os poucos sítios encontrados em cursos secundários uni e multicomponenciais aparecem de modo equivalente. Já no Alto curso as pesquisas mais antigas indicavam uma grande ocorrência de sítio

unicomponenciais, mas os dados mais recentes, inclusive revisitando alguns dos sítios das pesquisas anteriores, indicam um predomínio de sítios multicomponenciais no curso principal. As pesquisas em cursos secundários da região são poucas, as mais intensivas foram realizadas nos cursos dos rios Candeias e Jamari, onde uma série de sítios foram localizados mas apenas 1 foi associado a TPA (MILLER et al, 1992; ALMEIDA, 2013). Mais abaixo no Madeira, pesquisas no Igarapé do Cuniã registraram uma série de sítios polícromos, mas acreditamos que a classificação dos mesmos como unicomponenciais precisa ser revista.

Depois das longas e exaustivas descrições podemos concluir que regionalidades no padrão de distribuição de sítios associados a TPA se esboçam de maneira muito tênue, mas podem ser um fio condutor interessante para pesquisas futuras. Essas regionalidades poderão ficar mais claras quando observamos os dados relativos a formação do registro.

A seguir analisaremos a distribuição das cronologias, características de sítios e variabilidade artefactual, o cruzamento dessas informações com os dados ora apresentados sobre a distribuição de sítios, como dito, devem ajudar a compreender melhor algumas das discussões aqui esboçadas.

2.2. Quando?

Dos 364 sítios com material associado a Tradição Polícroma que listamos, apenas 37 possuem datações, que juntos somam 62⁵⁶ referências sobre a cronologia polícroma. Exporemos os “quandos” da TPA primeiro por suas regionalidades e depois passaremos a uma síntese geral da cronologia dessa Tradição. No anexo III colocamos um síntese desses dados (lista).

⁵ **Destas 62 datas conseguimos dados para realizar a calibração de 43 delas.** Foram calibradas as datas para os sítios Monense, Crato, Banheiro, Mondego, Itapiranema, Teotônio, Associação Calderita, Novo Engenho Velho, São Domingos, Campelo, Borba, Traipu, Boa Esperança, Cacoal, Conj. Vilas, Tauary, Açutuba, Hatahara, Antonio Galo, Lago do Limão, Lagunho, Monte Sinai, Nova Esperança, Santa Fé, ARA 7, ARA 15, Coarí I, N-P-2 e N-P-3. Utilizamos o programa de calibração CalPal e a curva de calibração Hulu2007. Desta forma o leitor fica ciente de que possíveis diferenças entre as datas aqui apresentadas e colocadas em outras publicações devem estar relacionadas a calibração dos dados.

⁶ Os trabalhos de Miller na represa de Balbina produziram cinco datações, mas apenas duas são descritas (MILLER, ET ALL, 1992). Para o Rio Caquetá também há cinco datas, mas apenas 3 delas (HERRERA, BRAY E MCEWAN, 1982).

2.2.1. Cronologias regionais para TPA

Cronologia nas calhas dos Rio Napo, Ucayali e Alto Amazonas

Para calha do Rio Napo hoje são conhecidas apenas 3 datas, duas para o sítio Nova Armenia (N-P-2) e uma para o sitio Nuevo Roca Fuerte (N-P-3), ambos localizados no alto curso do rio. As datas para o sítio Nova Armenia são bastante próximas (1220⁷ A.D; 1230 A.D) e remetem a uma cronologia entorno dos anos 1100-1200 A.D, já a data para o sítio Nuevo Roca Fuerte (1480 A.D) é interessante por se aproximar do período de contato, indicando uma ocupação recente. Entretanto, por ter uma possibilidade grande de variação a data precisa ser analisada com cautela (MEGGERS e EVANS, 1968).

Por ora devido às poucas datas pouco podemos dizer sobre a cronologia do material polícromo no Rio Napo, os poucos dados existentes mostram uma cronologia no período de maior presença de datas da TPA na maioria das regiões (1100 a 1500) e um, provável, protelamento até o período de contato.

Um cenário bastante parecido é encontrado no Rio Ucayali, onde apenas 2 sítios, TAM 1 e TAM 2 (LATHRAP, 1970; WEBER, 1975), possuem datas, ambas entorno de 1300 A.D (respectivamente 1375 A.D, 1320 A.D). Essas datas nos mostram a presença de material da TPA em áreas bastante distantes dos cursos principais, em um período coerente com uma grande dispersão geral de da cerâmica polícroma.

No alto Amazonas apenas um sítio foi registrado até agora, sítio 14, este possui três datas: 1030 A.D, 1265 A.D, 1515 A.D (BOLIAN, 1975). Essas datas são interessantes por mostrar a longa presença da TPA em um mesmo sítio (um período em torno de 400 a 600 anos), seja por presença contínua ou reocupação. Estas datas são as mais antigas encontradas a oeste, até agora.

Como colocado no item 2.1 os dados para o Caquetá são ainda muito pontuais e para a região de Aracuara foram realizadas cinco datações, contudo, apenas três são conhecidas entre 620 A.D e 1540 A.D (HERRERA,

⁷ Trabalharemos com esse padrão de referência as datas, A.D, visto que é aquele utilizado em publicações mais antigas e é um padrão bastante recorrente para a apresentação de datas da TPA.

BRAY E MCEWAN, 1982). Apesar de escassos os dados indicam uma cronologia antiga, continua e longa, que chega até o período colonial.

Tabela 2.2

Datas para TPA no Rio Napo, Ucayali e Alto Amazonas e Caquetá

Calha	Sítio	Data	Referência
Napo	N-P-2	1220 A.D \pm 40	Megggers e Evans,1968
	N-P-2	1230 A.D \pm 40	Megggers e Evans,1968
	N-P-3	1480 A.D \pm 160	Megggers e Evans,1968
Ucayali	TAM-2	1320 A.D \pm 60	Lathrap, 1970
	TAM-1	1375 A.D \pm 105	Lathrap, 1970
Alto Amazonas	14	1030 A.D \pm 90	Bolian, 1975
	14	1265 A.D \pm 90	Bolian, 1975
	14	1515 A.D \pm 90	Bolian, 1975
Médio Caquetá	ARA 15	1290 A.D \pm 60	Herrera, Bray e McEwan, 1982
	ARA7	1540 A.D \pm 70	Herrera, Bray e McEwan, 1982
	N1	620 A.D \pm 70	Herrera, Bray e McEwan, 1982

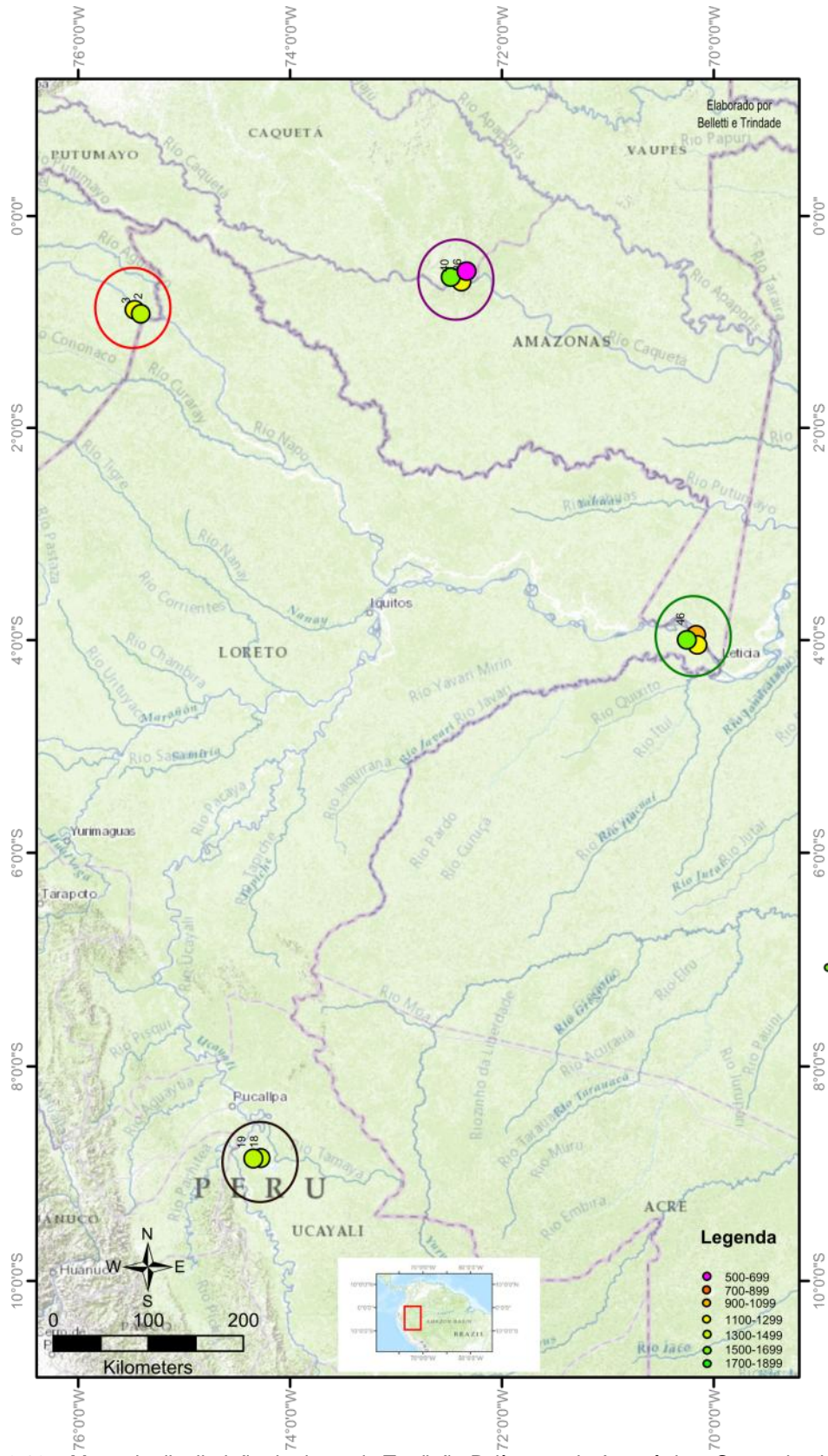


Fig. 2.16 – Mapa de distribuição de datas da Tradição Polícroma da Amazônia a Oeste circuladas em preto datas do Ucayali, em vermelho datas do Napo, em roxo datas do Caquetá e em Verde datas do Alto Amazonas. (elaborado por Belletti e Trindade).

Cronologia na calha do Solimões

A calha do Solimões, por ter sido objeto de uma série de pesquisas recentes (TRINDADE, 2009; CASTRO, 2009; NEVES, 2010; TAMANAHA, 2012; COSTA, 2014; OLIVEIRA, 2014; SANTOS, 2014 além da presente pesquisa), apresenta o maior número de datações realizadas, sendo hoje existentes 23 datas (cinco para o médio alto curso e 18 para o médio baixo) para sítios unicomponenciais e multicomponenciais na região.

No médio alto curso do rio Solimões as datas antigas são encontradas. As datas se iniciam na região em 450 A.D (sítio Conjunto Vilas), passam por 780 A.D (sítio Boa esperança, Lago Amanã, afluente do Japurá) e se estendem até 1550 A.D (sítio Tauary, Rio Tefé, afluente da margem direita do Solimões), ou seja, um período mais de 1000 anos de presença de polícroma na região. No médio baixo curso encontramos um cenário semelhante: duas datas antigas são conhecidas para os sítios Santa Fé e São Paulo II (respectivamente 880 A.D e 895 A.D) localizados no começo do baixo curso e uma data de 1530 é registrada para o sítio Hatarara, já próximo a área de confluência.

Os poucos sítios com mais de uma data indicam senão uma presença contínua por vários séculos ou retorno permanente as antigas aldeias (sítios São Paulo II, Tauary e Nova Esperança).

Tabela 2.3

Datas para TPA no Rio Solimões			
Calha	Sítio	Data	Referência
Lago Amanã (Médio Alto Solimões)	Boa Esperança	780 A.D ± 60	Costa, 2012
	Cacoal	1240 A.D ± 30	Gomes, 2014
Lago Tefé (Médio Alto Solimões)	Conj. Vilas	1070 A.D+50	Belletti, 2014
	Conj. Vilas	440 A.D ± 50	Belletti, 2015
	Conj. Vilas	450 A.D ± 50	Belletti, 2015
	Tauary	1410 A.D±20	Belletti, 2014
	Tauary	1550 A.D±60	Belletti, 2014
Rio Uurucu (Médio Baixo Solimões)	Santa Fé	880 A.D ± 60	Neves, 2010
	N. Esperança	1670A.D	Neves, 2010
	N. Esperança	1160 A.D ± 60	Neves, 2010
	M Sinai	1320 A.D ± 50	Tamanaha, 2012
	M Sinai	1320 A.D ± 50	Tamanaha, 2012

Lago de Coarí (Médio Baixo Solimões)	Coarí I	1120 A.D ± 70	Hilbert, 1968
	SP II	895 A.D ± 92	Ribeiro, 2013
	SP II	927 A.D ± 141	Ribeiro, 2013
	SP II	1027 A.D ± 78	Ribeiro, 2013
	SP II	1142 A.D ± 100	Ribeiro, 2013
	SP II	1041 A.D ± 132	Ribeiro, 2013
	SP II	1037 A.D ± 103	Ribeiro, 2013
	SP II	1017 A.D ± 106	Ribeiro, 2013
Médio Baixo Solimões	Hatahara	1530 A.D ± 70	Machado, 2005
	Laguinho	1330 A.D ± 40	Castro, 2009

Cronologia na calha do Rio Negro

As cronologias no baixo curso do rio Negro estão relacionadas a pesquisas mais recentes do Projeto Amazônia Central (MORAES, 2006, 2013; LIMA, 2008) e as mais antigas realizadas por Simões e colaboradores (1974, SIMÕES e KALKMANN, 1987).

No baixo rio Negro existem 8⁸ datas que vão de 825 A.D (sítio AM-MA-09) a 1780 A.D (sítio Antonio Galo), indicando a presença de cerâmica policroma na região por quase 1000 anos. Não há grandes hiatos e as datas parecem distribuídas por quase todos os séculos. O único sítio que apresenta mais de uma data (AM-MA-10), apresentou cronologia bastante próxima (ambas as datas entorno de 1500 A.D). A ausência de mais datas para um mesmo sítio não nos permite discutir processos de permanência ou reocupação de sítios.

No médio rio Negro há apenas três datas, que se estendem entre 880 (sítio AM-BL-07) a 1365 A.D. (sítio AM-BL-01). Apesar do menor número de datas e de não apresentar uma cronologia tão extensa, as datações no médio rio Negro são interessantes por apresentarem também datas antigas, mostrando que a data do século IX para o baixo curso não está isolada.

Assim como no Rio Solimões as diversas datas existentes no Rio Negro apontam a presença policroma antiga e de longa duração.

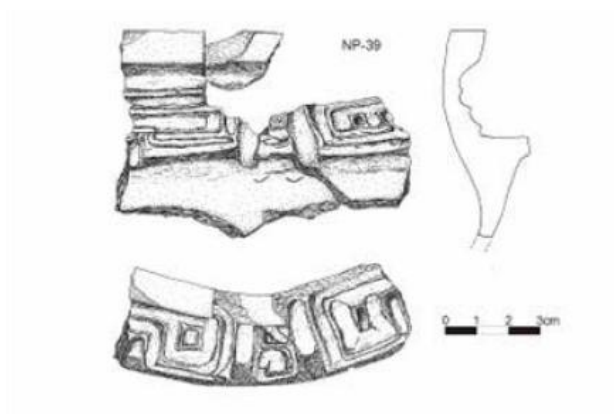
Tabela 2.4
Datas para TPA no Rio Negro

Calha	Sítio	Data	Referência
Baixo Negro	Lago do Limão	1330 A.D \pm 40 ⁹	Moraes, 2006
	Ant. Galo	1780 A.D \pm 110	Moraes, 2013
	Açutuba	1060 A.D \pm 70	Lima, 2008-Tamanaha, 2012
	Açutuba	1220 A.D \pm 30	Lima, 2008-Tamanaha, 2012
	AM-MA-09	825 A.D \pm 90	Simões e Kalkmann,1987
	AM-MA-10	1545 A.D \pm 60	Simões e Kalkmann,1987

⁸ Há uma datação realizada pelo Projeto Amazônia Central no médio Rio Negro, sítio Vila Nova II, que é de 80 A.D (TAMANAHA, 2012), entretanto como ela é muito anterior ao esperado para o período policromo não a consideraremos aqui. O material desse sítio de sendo analisado no projeto de iniciação científica de Lopes (2014) e será novamente datado para verificação.

⁹ Moraes (2006) possui uma data bastante próxima a essa para o mesmo sítio 1104 \pm 24, contudo segundo o autor esta data está associada a material da Fase Paredão.

	AM-MA-10	1560 A.D \pm 90	Simões e Kalkmann, 1987
Médio	AM-BL-07	880 A.D \pm 70	Simões e Kalkmann, 1987
Negro	AM-BL-04	1220 A.D \pm 65	Simões e Kalkmann, 1987
	AM-BL-01	1365 A.D \pm 60	Simões e Kalkmann, 1987
	Vila Nova II	1260 A.D \pm 30	Lopes, 2015
	Vila Nova II	1330 A.D \pm 30	Lopes, 2015



2.17 – Fragmento Polícromo datado no sítio Lago do Limão

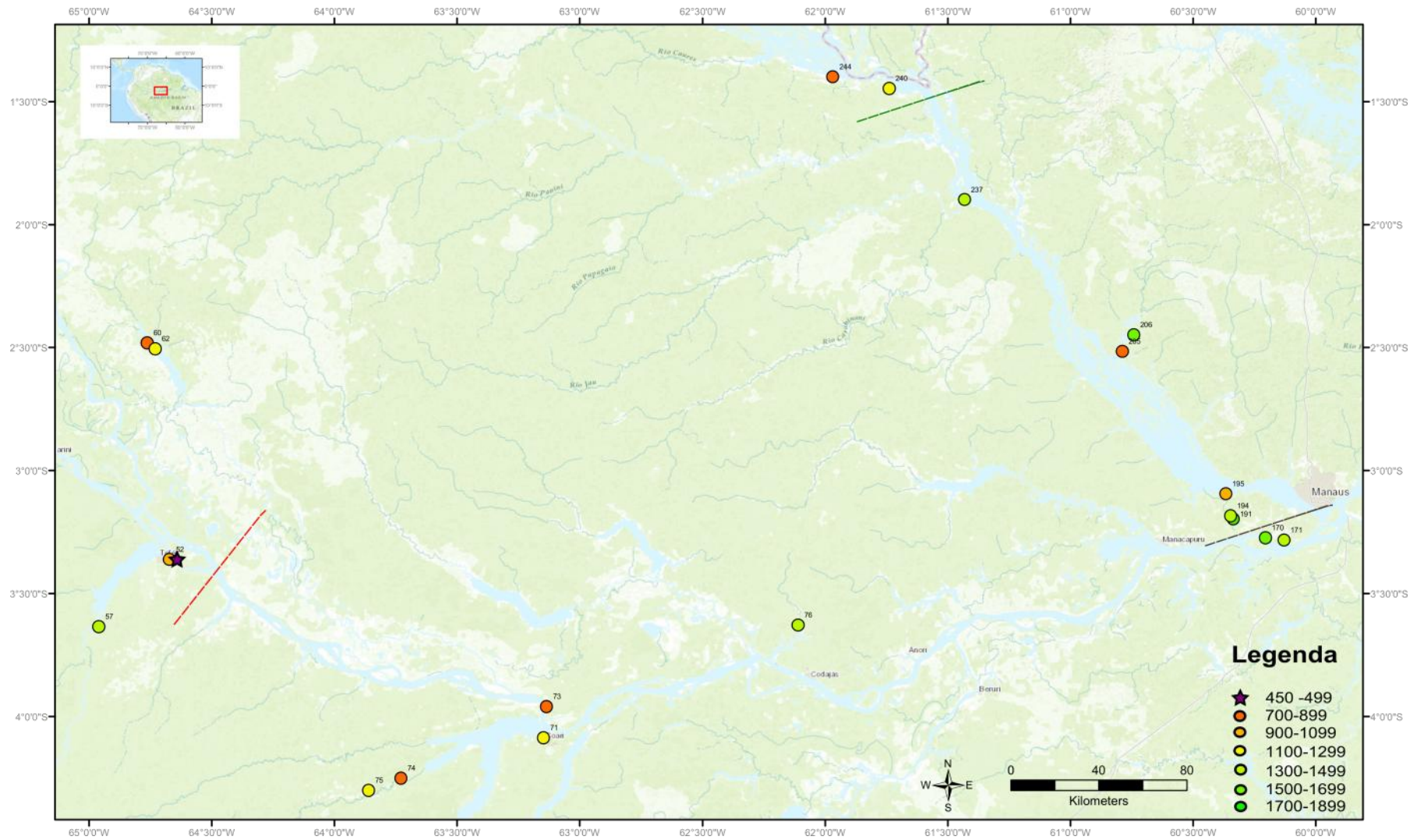


Fig. 2.18 – Mapa de distribuição de datas da Tradição Polícroma do médio alto Solimões (acima da linha vermelha), médio baixo Solimões (entre a linha vermelha e a linha preta), baixo Negro (entre as linhas preta e verde) e médio Negro (acima da linha verde). (Elaborado por Belletti e Trindade).

Cronologia na calha do baixo Amazonas

Apenas duas, das cinco, datas existentes para a TPA no baixo Amazonas estão publicadas, a mais antiga é 950 A.D de e a mais recente de 1500 A.D.

Tabela 2.5

Datas para TPA no baixo Amazonas			
Calha	Sítio	Data	Referência
Baixo Amazonas	D1	950 A.D \pm 60	Miller, et all 1992,
	D2	1500 A.D \pm 70	Miller, et all 1992,

Os dados são poucos permitindo poucas inferências, mas vale destacar a presença pós-colonial da TPA também nessa região.

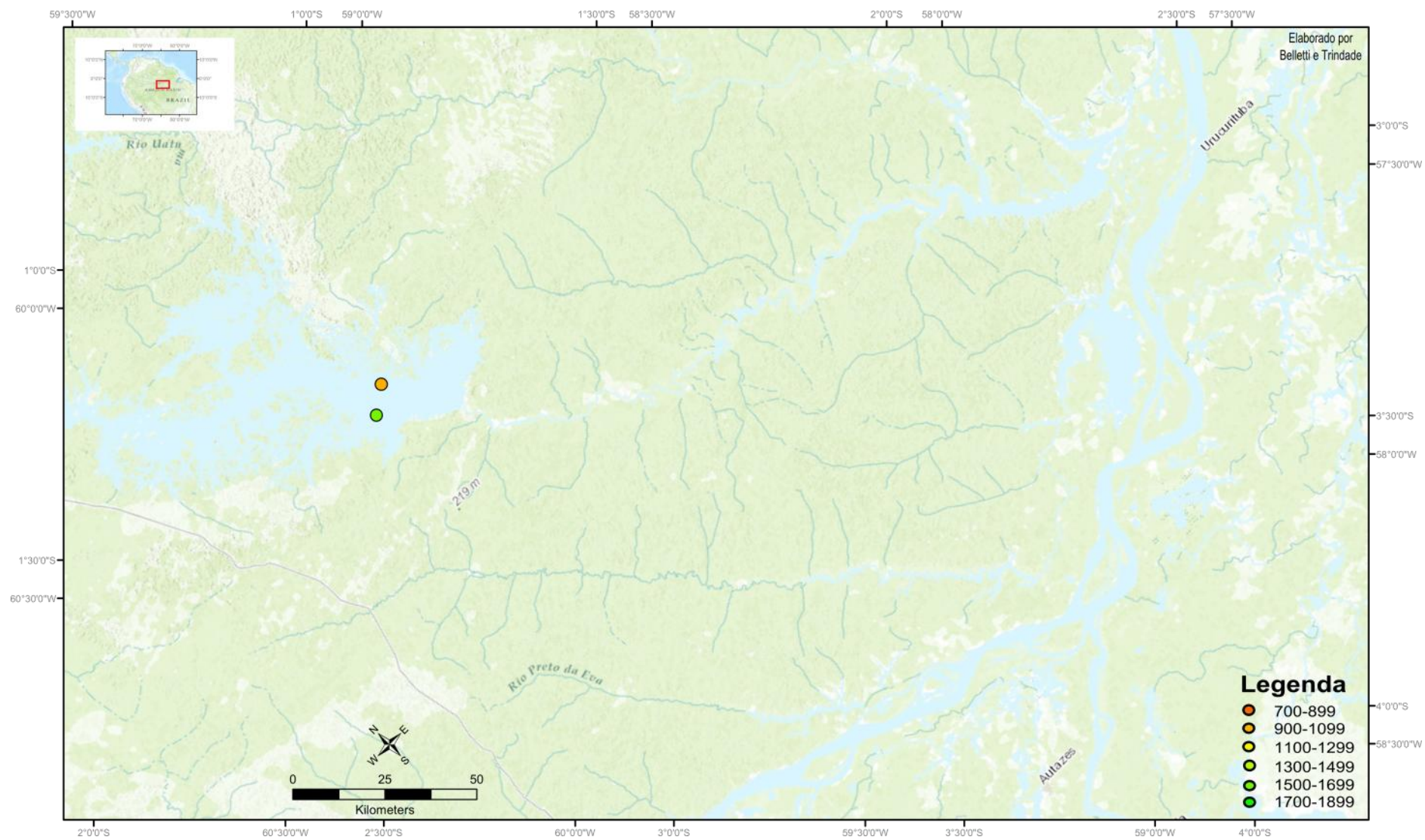


Fig. 2.19 – Mapa de distribuição de datas da Tradição Polícroma no baixo Amazonas (elaborado por Belletti e Trindade).

Cronologia na calha do Madeira

No baixo médio curso do rio Madeira há seis datas, duas são para sítios próximos a boca, uma de 1310 A.D (sítio Borba) e outra de 1710 A.D (sítio Traipu), e outras quatro para sítios próximos a divisa entre Amazonas e Rondônia que vão de 1105 A.D a 1405 A.D. Vale destacar que as datas dos sítios Traipu, Borba e Monense se referem a contextos funerários.



Fig. 2.20- Contextos funerários datados no médio e baixo rio Madeira.

Já no alto curso do rio Madeira encontramos seis sítios com onze datações associadas a contextos policromos, que vão de 740 A.D¹⁰ (sítio Teotônio) a 1530 (sítio São Domingos). É interessante notar que oito dessas datas estão concentradas em uma faixa de cerca de 200 anos (1330 -1530 A.D), período recente dentro da cronologia policroma.

Nos sítios com mais de uma data foram observadas tanto ocupação contínua, sítios Itapiranema e São Domingos, como dois eventos distintos de ocupação no sítio Associação Calderita – um por volta de 1000 e outro por volta de 1300 A.D (ALMEIDA, 2013).

¹⁰ Miller (1992) defendia a existência de duas datas de 700 A.C para a Tradição Polícroma no Madeira, mas Almeida (2013) demonstrou que essas datas estão relacionadas contextos mais antigos de sítios multicomponenciais.

Tabela 2.6
 Datas para TPA no Rio Madeira

Calha	Sítio	Data	Referência
Baixo Médio Madeira	Borba	1310 A.D ± 50	Moraes, 2013
	Traipu	1710 A.D ± 80	Moraes, 2013
	Monense	1360 A.D. ± 50	Miller, 1979; Moraes, 2013
	Crato	1330 A.D. ± 60	Miller, 1979; Moraes, 2013
	Banheiro	1160 A.D. ± 60	Miller, 1979; Moraes, 2013
	Mondego	1240 A.D ± 40	Miller, 1979; Moraes, 2013
Alto Madeira	Itapirema	1330 A.D ± 50	Almeida, 2013
	Itapirema	1340 A.D ± 40	Almeida, 2013
	Itapirema	1360 A.D ± 40	Almeida, 2013
	Teotônio	740 A.D ± 50	Almeida, 2013
	Ass. Calderita	1060 A.D ± 60	Almeida, 2013
	Ass. Calderita	1080 A.D ± 50	Almeida, 2013
	Ass. Calderita	1330 A.D ± 40	Almeida, 2013
	N. Eng. Velho	1400 A.D ± 40	Zuse, 2014
	S. Domingos	1410 A.D ± 20	Zuse, 2014
	S. Domingos	1530 A.D ± 70	Zuse, 2014
Campelo	1530 A.D ± 70	Zuse, 2014	

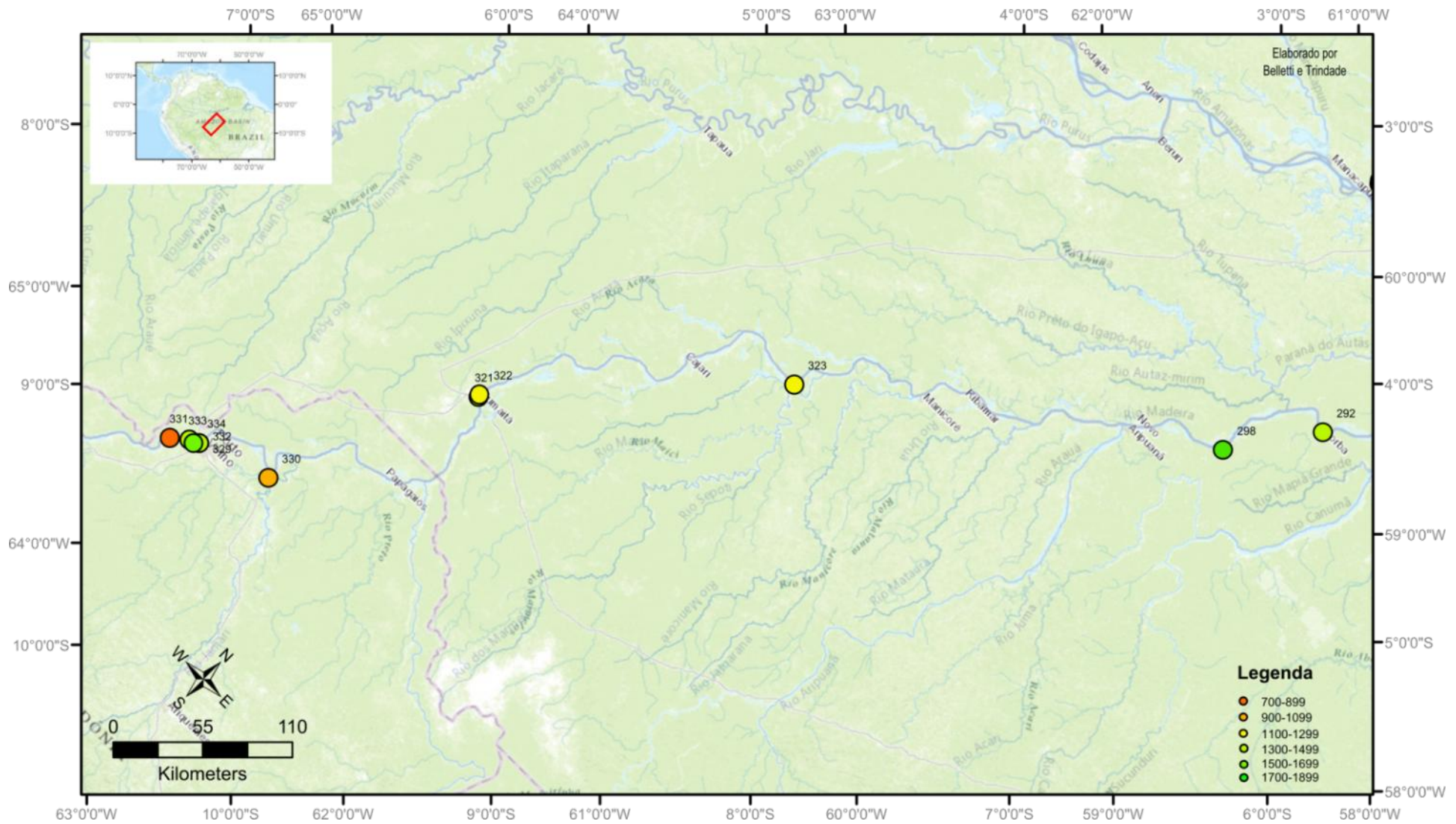


Fig. 2.21 – Mapa de distribuição de sítio da Tradição Polícroma da Amazônia No Madeira, a linha divisória entre os Estado marca a separação entre o baixo Madeira a norte e o alto Madeira a sul (elaborado por Belletti e Trindade).

Síntese das cronologias regionais

Mesmo com a desigualdade de dados existentes para as diferentes regiões podemos chegar a algumas inferências.

Nas áreas com maior número de datas, Rios Solimões, Negro e Madeira, a presença de material polícromo se dá por longos períodos, que em alguns pontos superam 1000 anos. Olhando as cronologias dessas diferentes regiões de forma geral percebemos uma similaridade na distribuição de datas entre o Solimões e Negro, as datas ocorrem continuamente desde 700-800 A.D até o período pós contato, já no Madeira observamos uma grande concentração de datas a partir de 1300.

Outro fato identificado com a compilação de datas é que em diferentes pontos da calha amazônica encontramos datas pós-coloniais para a TPA.

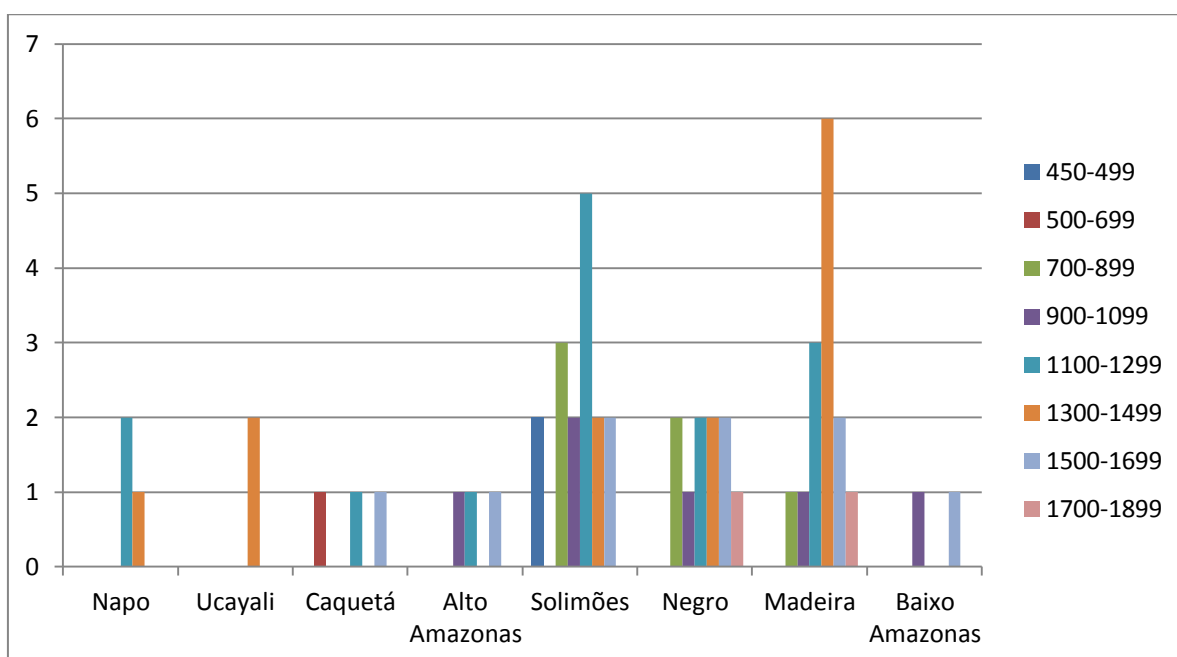


Gráfico 2.12 – Distribuição datas pelas diferentes regiões.

2.2.2. Faixas Cronológicas

Como visto acima em diferentes áreas a distribuição do material se dá por uma longa duração cronológica (entre 800 e 900 anos). Após ter observado

as cronologias regionalmente nas calhas dos grandes cursos, vamos procurar a partir de agora observar a distribuição das datações para TPA de forma geral, para isso analisaremos faixas cronológicas de 200¹¹ anos buscando encontrar momentos diferenciados na longa duração.

Distribuição de datas entre 450 a 499 A.D.

Superando as expectativas para a cronologia regional duas datas do século V (440 \pm 30 A.D e 450 \pm 30 A.D) foram encontradas no sítio Conjunto Vilas, no Lago Tefé afluente do Solimões. Próximo regionalmente a esse sítio, está o sítio Boa Esperança que possui uma data de 780 A.D.

Ambas as peças apresentam caraipé em grande quantidade e espessura finas (entre 0,7cm aproximadamente), como mostrado anteriormente a presença de caraipé no Conjunto Vilas está associada apenas a TPA. As peças também apresentam acanalado e vestígios de pintura vermelha sobre engobo branco, a peça 978.8 encontrada entre 80-90cm em uma feição, apresenta motivo similar ao que Vassoler (2014) chamou de “estribo”. Esse motivo é amplamente encontrado nas cerâmicas da TPA como veremos adiante.

¹¹ A seleção da quantidade de corte cronológico para observação foi arbitrária, nos preocupamos em não fazer um recorte tão curto que causasse muitas observações pontuais nem muito extenso eu não nos permitisse ver as variações cronológicas.



Fig. 2.22 – Cacos com datas de 450 AD e 440 A.D. respectivamente, acima peça 911.105 encontrado entre 20-30cm, abaixo a esquerda peça 978.8 encontrado a 80-90cm, no centro projeção do motivo, a direita o motivo similar encontrado em pintura de urna funerária policroma (urna 1 sítio Tauary, Tefé) (Fotos: Erêndira Oliveira).

Distribuição de datas entre 500 a 699 A.D.

Há apenas uma data dessa faixa (620 A.D + 70, sítio ARA 7), localizada no rio Caquetá. Apesar de inserida em um contexto regional onde datas próximas são encontradas ela deve ser olhada com cuidado, pois, a data foi retirada da camada de transição entre a Fase Nofurei e sua precedente e os autores (Herrera, McEwan e Bray, 1982), não apontam o que foi datado, caco ou carvão.

Distribuição de datas entre 700 a 899 A.D.

Na faixa entre 700 e 899 A.D. existem hoje 6 datações, encontradas entre as calhas do médio Solimões, médio e baixo Negro e alto Madeira, ou seja, os sítios relacionados a TPA com as datações mais antigas estão localizados no que chamamos de área Central da TPA e em seu limite Sul. Isso não exclui que pesquisas futuras encontrem datas antigas nos extremos Oeste e Leste.

Das duas datas que remontam ao século VIII, uma está localizada na calha do Alto Madeira, sítio Teônio (Almeida, 2013), e a outra no Médio Solimões, sítio Boa Esperança (Costa, 2012). Ambas as datas precisam ser olhadas com cuidado.



Fig. 2.23 – Acima flange mesial (PN 203.31) do sítio Boa Esperança datada de 780 A.D. Foto: Jaqueline Gomes

A data do sítio Boa Esperança não está tão isolada em termos regionais, visto que se encontra quase equidistante (cerca de 400km) dos sítios Santa Fé (rio Solimões) e AM-BL-09 (rio Negro) que possuem datas de 880 e 825 A.D respectivamente. Já a data do século VIII do sítio Teônio está isolada regionalmente, não existem outras datas para a presença policroma no sítio nem datas próximas cronologicamente a estas no Alto Madeira, a próxima data policroma para a região é de cerca de 300 anos depois, 1060 A.D para o sítio Associação Calderita. Como descrevemos anteriormente existem outras 9 datas para materiais policromos para região do Alto Madeira uma delas é de 1080 A.D e as outras oito são posteriores a 1300 A.D (ALEMEIDA, 2013; ZUSE, 2014).

Já no século IX encontramos um conjunto de datas entre o médio Solimões e médio Negro, os quatro sítios com datas entre 810 e 895 A.D foram classificados como unicomponenciais. Estes sítios são: Santa Fé (810 A.D) e São Paulo (895 A.D) no médio baixo Solimões, AM-MA-09 (825 A.D) no baixo Negro e AM-BL-07 (880 A.D) no médio Negro. Desse modo, evidenciamos que a maioria das datas antigas (oito de nove) estão na área que chamamos de Centro-Leste da dispersão de material policromo. Entretanto, a distancia entre

os sítios dentro dessa área ainda é grande, os dois mais próximos são os sítios São Paulo II e Santa Fé, com cerca 80Km de distância entre ambos.

Tabela 2.7
Datas entre 700 A.D. e 899 A.D

Calha	Sítio	Data	Referência
Médio Solimões	Boa esperança	780 A.D ± 30	Costa, 2012
	Santa Fé	880 A.D ± 40	Neves, 2010
	São Paulo	895 A.D ± 92	Ribeiro, 2013
Baixo Negro	AM-MA-09	825 A.D± 90	Simões e Kalkmann, 1987
Médio Negro	AM-BL-07	880 A.D± 70	Simões e Kalkmann, 1987
Alto Madeira	Teotônio	740 A.D ± 30	Almeida, 2013

Cinco sítios apresentam datas para esse período, é interessante visualizar que as datas aparecem mais dispersas nesse período ocorrendo também no alto Amazonas e alto Madeira, sem deixar de ocorrer no baixo Negro e médio Solimões.

Tabela 2.8
Datas entre 900 A.D. e 1099 A.D

Calha	Sítio	Data	Referência
Alto Amazonas	14	1030 A.D \pm 90	Bolian, 1975
Médio Solimões	Conj. Vilas	1070 A.D \pm 50	Belletti, 2014
	São Paulo II	927 A.D \pm 141	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1027 A.D \pm 78	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1017 A.D \pm 106	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1037 A.D \pm 103	Ribeiro, 2013
	São Paulo II	1041 A.D \pm 132	Ribeiro, 2013
Baixo Negro	Açutuba	1060 A.D \pm 70	Lima, 2008- Tamanaha, 2012
Alto Madeira	Ass. Calderita	1060 A.D \pm 60	Almeida, 2013
		1080 A.D \pm 50	Almeida, 2013

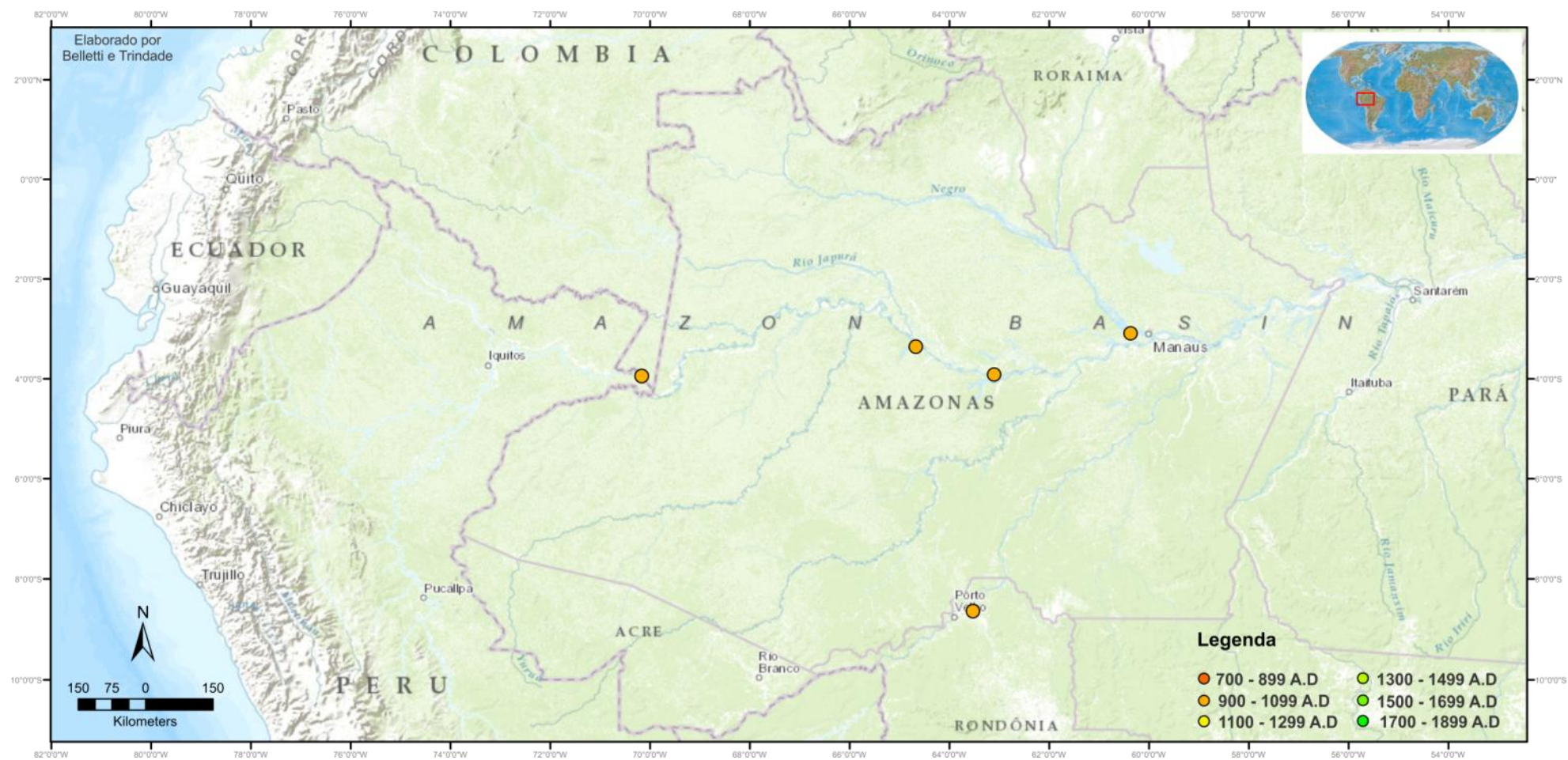


Fig. 2.25 – Mapa de distribuição de datas antigas em faixas de 900-1099 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)

1100 a 1299

A partir desse período as datas começam a ocorrer de modo mais significativo quantitativamente (há 12 sítios com datas nesse período) e seguem a tendência do período anterior de aumento da dispersão geográfica, ocorrem as primeiras datas TPA no rio Napo e Caquetá.

Tabela 2.9
Datas entre 1100 A.D. e 1299 A.D

Calha	Sítio	Data	Referência
Napo	N-P-2	1220 A.D \pm 40	Meggers e Evans, 1968
	N-P-2	1230 A.D \pm 40	Meggers e Evans, 1968
Alto Amazonas	14	1265 A.D \pm 90	Bolian, 1975
Caquetá	ARA 15	1290 A.D \pm 60	Herrera, Bray e McEvan, 1982
Médio Alto Solimões	Cacoal	1240 A.D \pm 30	Costa, 2012
Médio Baixo Solimões	Coarí I	1120 A.D \pm 70	Hilbert, 1968
	N. Esperança	1160 A.D \pm 60	Neves, 2010
	São Paulo II	1142 A.D \pm 100	Ribeiro, 2013
Baixo Negro	Lago do Limão	1225 A.D \pm 40	Moraes, 2006
Médio Negro	AM-BL-04	1220 A.D \pm 65	Simões e Kalkmann, 1987
Baixo Médio Madeira	Borba	1260 A.D \pm 50	Moraes, 2013
Alto Madeira	Banheiro	1160 A.D \pm 50	Miller, 1979
	Mondego	1240 A.D \pm 40	

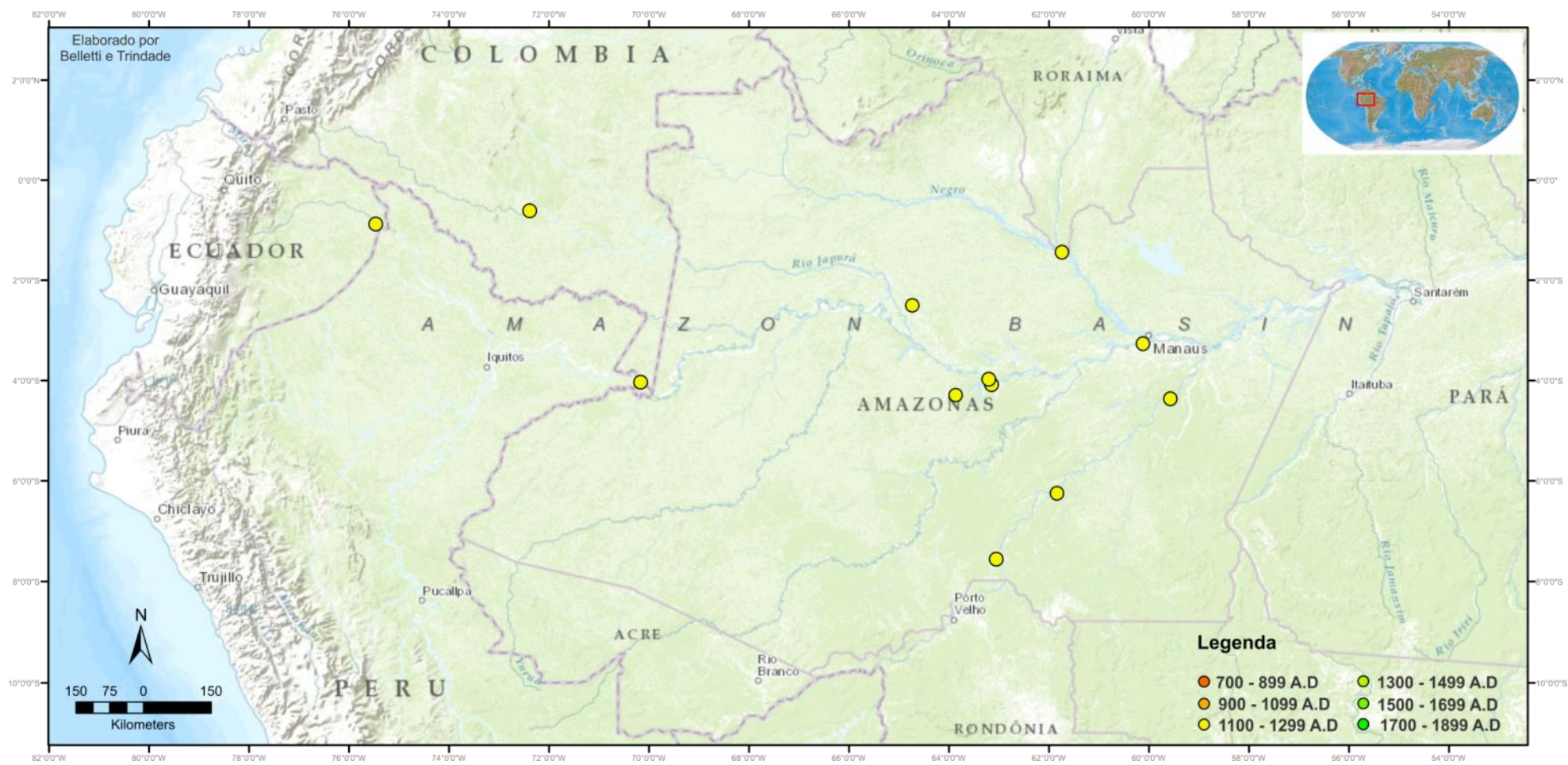


Fig. 2.26 – Mapa de distribuição de datas antigas em faixas de 1100-1299 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)

Nesse recorte cronológico encontramos um cenário semelhante ao anterior com o aumento do número de sítios para o período e o registro de ocorrência policroma em novas áreas. Nesse recorte encontramos, então, a TPA no médio e baixo Solimões, no médio Negro, no Napo, no alto Madeira e no Ucayali. Nessa última área há apenas dois sítios datados, ambos desse período.

Um fator interessante nessa faixa cronológica é o aumento de datas no rio Madeira, seis sítios possuem datas para esse período.

Tabela 2.10

Datas entre 1300 A.D. e 1499 A.D			
Calha	Sítio	Data	Referência
Napo	N-P-3	1480 A.D \pm 160	Megggers e Evans, 1968
	TAM-2	1320 A.D \pm 60	Lathrap, 1970
Ucayali	TAM-1	1375 A.D \pm 105	Lathrap, 1970
	Tauary	1410 A.D \pm 30	Belletti, 2014
Baixo Solimões	Laguinho	1330 A.D \pm 40	Castro, 2009
	Monte Sinai	1320 A.D \pm 50	Neves, 2010
		1320 A.D \pm 50	Neves, 2010
Médio Negro	AM-BL-01	1365 A.D \pm 60	Simões e Kalkmann, 1987
Alto Madeira	Monense	1360 A.D \pm 50	Miller, 1979; Moraes, 2013
	Crato	1330 A.D \pm 50	Miller, 1979; Moraes, 2013
	Itapiranema	1330 A.D \pm 60	Almeida, 2013
	Itapiranema	1340 A.D \pm 40	Almeida, 2013
	Itapiranema	1360 A.D \pm 50	Almeida, 2013
	Ass. Calderita	1330 A.D \pm 40	Almeida, 2013
	Novo Eng. Velho	1400 A.D \pm 40	Zuse, 2014
	S. Domingos	1410 A.D \pm 20	Zuse, 2014

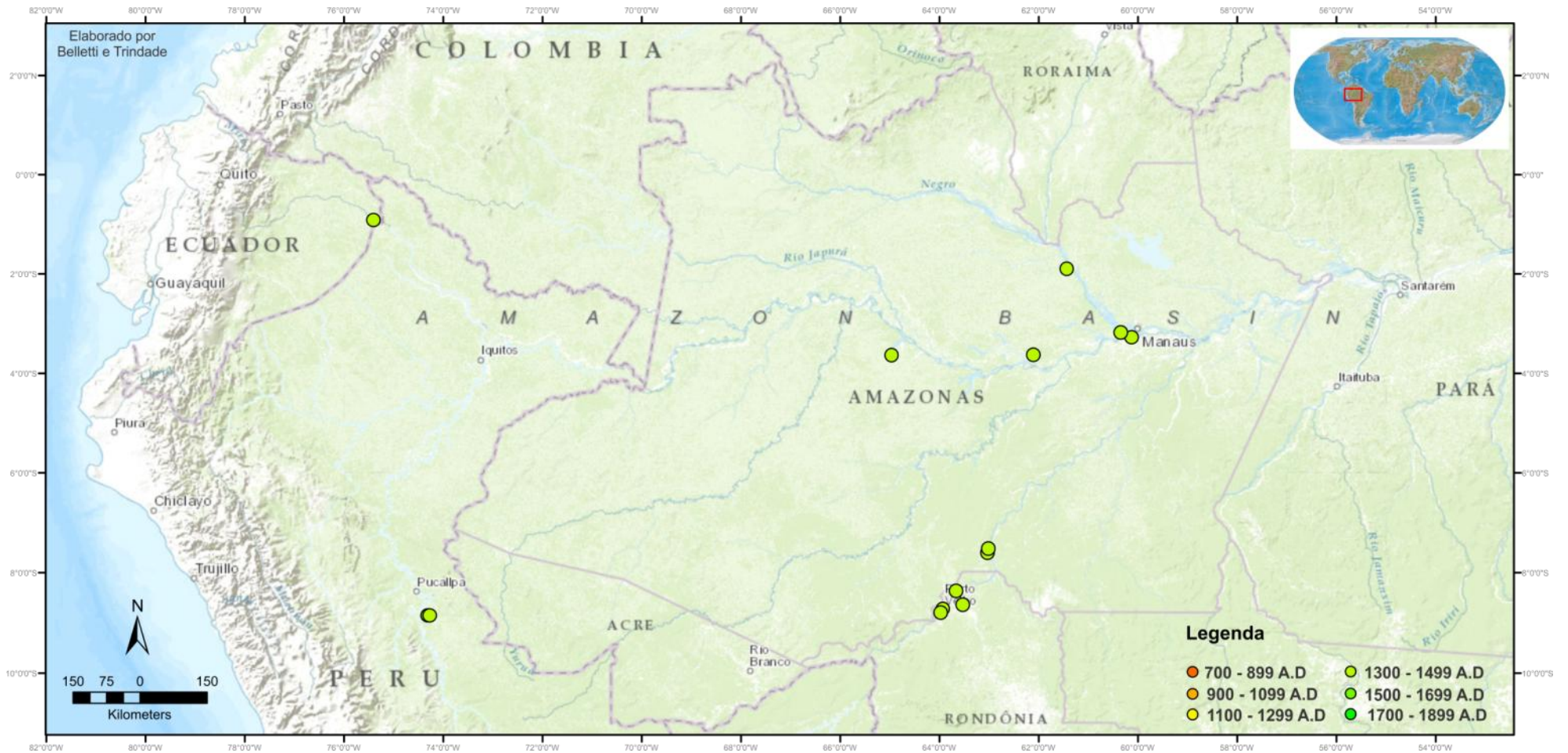


Fig. 2.27 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 1300-1499 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)

1500 a 1699

Apesar desse recorte já abarcar o período pós-colonial encontramos oito sítios da TPA datados dentro dessa faixa cronológica. Esses sítios estão distribuídos entre as calhas do Caquetá, médio Solimões, médio e baixo Negro, e baixo e alto Madeira.

Tabela 2.11

Datas entre 1500 A.D. e 1699 A.D			
Calha	Sítio	Data	Referência
Caquetá	ARA 7	1540 A.D \pm 70	Herrera, Bray e McEvan, 1982
Médio Alto Solimões	Tauary	1550 A.D \pm 60	Belletti, 2014
Médio Baixo Solimões	N. Esperança	1670 <u>A.D</u>	Neves, 2010
Baixo Negro	Hatahara	1530 A.D \pm 70	Machado, 2005
Médio Negro	AM-MA-10	1545 A.D \pm 60	Simões e Kalkmann, 1987
	AM-MA-10	1560 A.D \pm 90	Simões e Kalkmann, 1987
Alto Madeira	Campelo	1530 A.D \pm 70	Zuse, 2014
	S. Domingos	1530 A.D \pm 70	Zuse, 2014

1700-1899

Mesmo depois de longo período de presença colonial sítios com material polícromos ainda são encontrados, havendo uma data para o baixo Rio Negro e outra para o baixo Madeira.

Tabela 2.12

Datas entre 1700 A.D. e 1899 A.D			
Calha	Sítio	Data	Referência
Baixo Negro	Ant. Galo	1780 A.D \pm 110	Moraes, 2013
Baixo Madeira	Traipu	1710 A.D \pm 80	Moraes, 2013

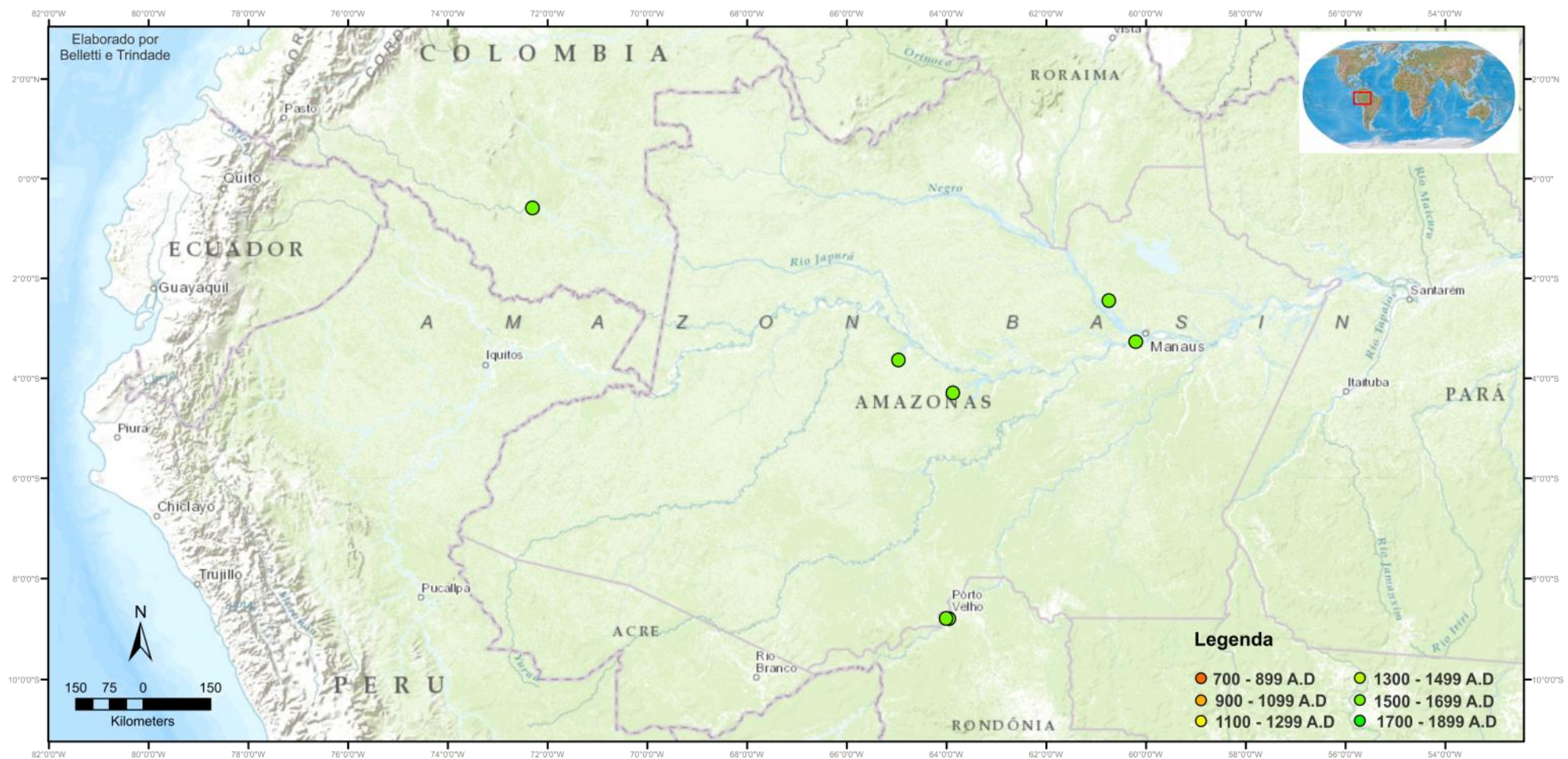


Fig. 2.28 – Mapa de distribuição de datas antigas faixas de 1500-1699 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)



Fig. 2.29 – Mapa de distribuição datas antigas faixas de 1700-1899 A.D. (Elaborado por Belletti e Trindade)

Síntese das cronologias geral

Olhando as datas de TPA como um todo, o que podemos observar é a principal concentração de datas antigas na área central da dispersão polícroma (entre os médio-baixo cursos do Negro e Solimões); posteriormente a partir de 1100 A.D percebe-se um aumento não apenas na quantidade de datas como na dispersão geográfica das datas.

Dois dados que haviam sido observados nas cronologias regionais devem ser reforçados. Primeiro a existência de 10 datas pós-coloniais para a TPA algumas alcançando o século XVIII, ou seja, a colonização europeia não marca o imediato extermínio das pessoas e redes de relações que produziam e permitiam a dispersão de cerâmicas polícromas. Segundo vemos não só a concentração de datas no Madeira a partir de 1300, como sendo essa região a que mais concentra datas na faixa de 1300-1499.

Os significados dessas observações serão discutidos adiante.

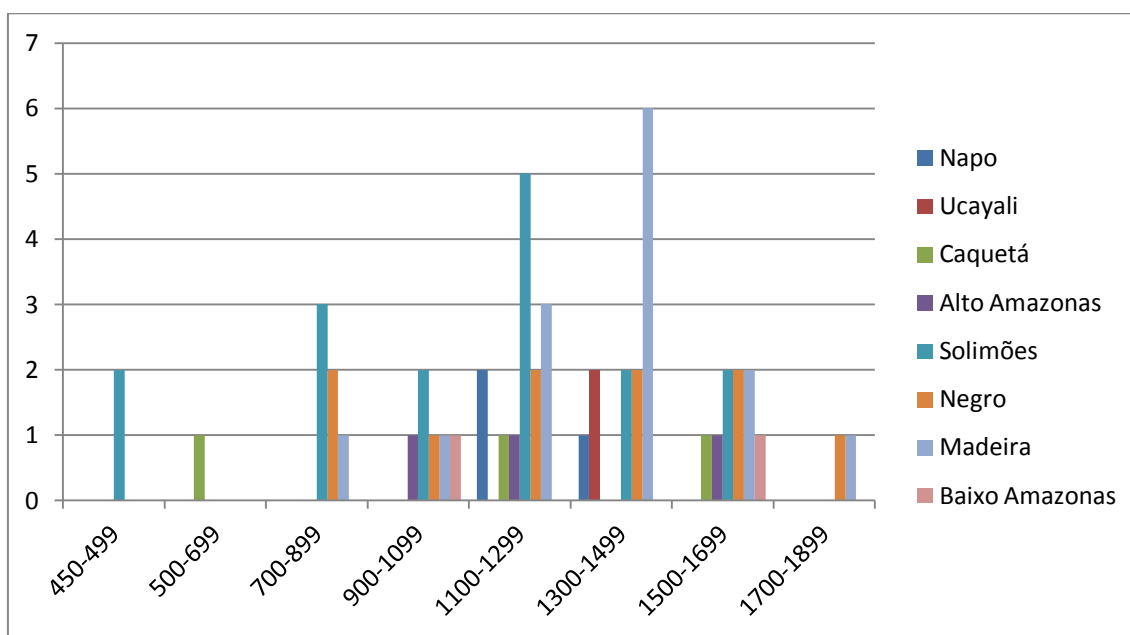


Gráfico 2.13 – Ocorrências das datas de diferentes regiões através das faixas de cronológicas.

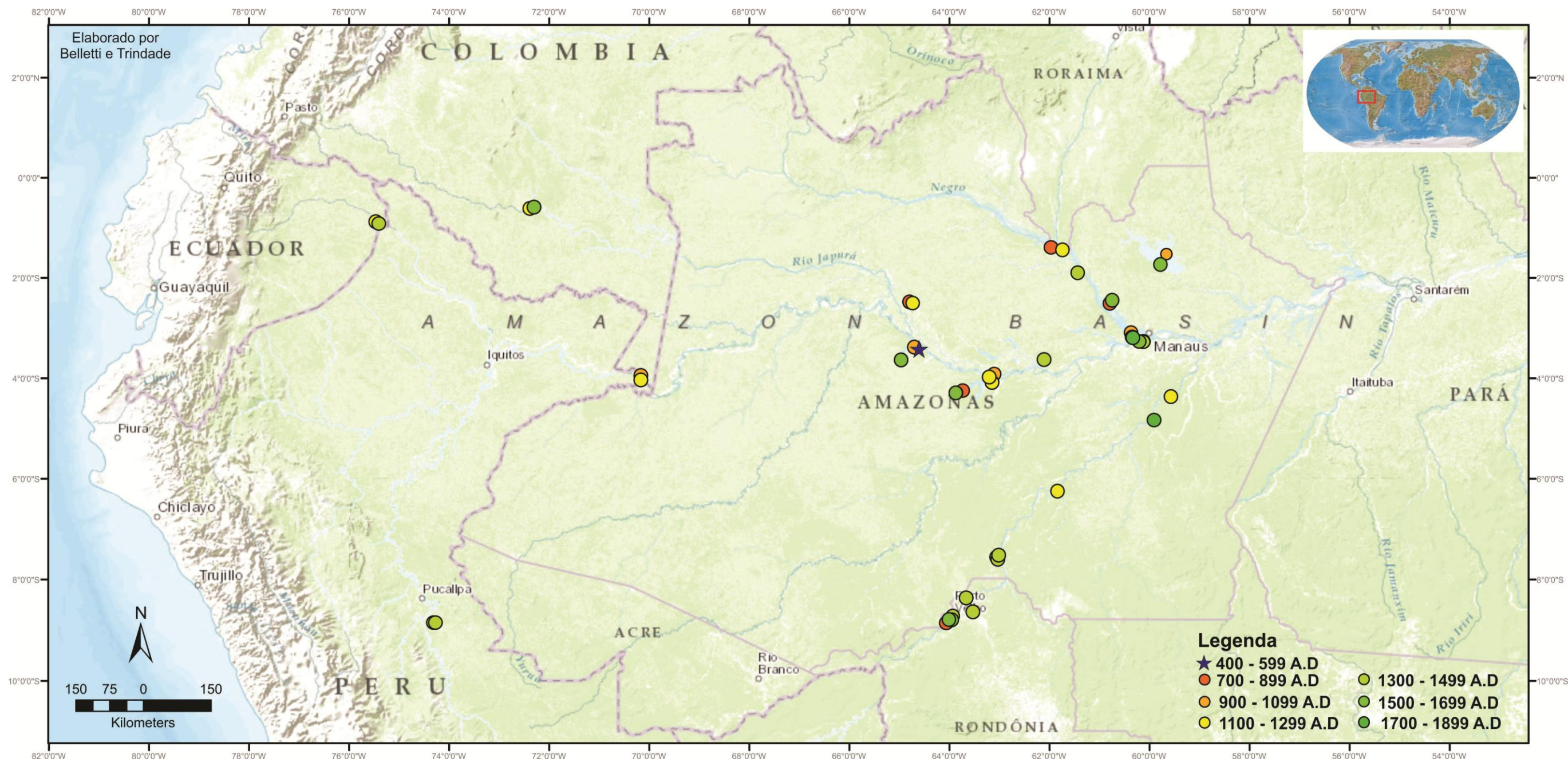


Fig. 2.30 – Mapa de distribuição geral de datas da Tradição Polícroma da Amazônia. (Elaborado por Belletti e Trindade)

2.3. Como?

A Tradição Polícroma enquanto categoria analítica (tradição arqueológica) refere-se a um conjunto de elementos tecnológicos que, como evidenciamos nos dois itens acima, está disperso por mais de 6.400Km de distância e por uma cronologia que se estende por mais de 1000 anos. Ao longo dessas distâncias geográficas e temporais também existem diferenciações. Mas como podemos definir parâmetros comparativos mais claros e consistentes, superando impressões visuais causadas pelos principais elementos diagnósticos?

Resolvemos pensar **como** a TPA ocorreu em suas diferentes regionalidades e temporalidades através de dois elementos principais: as descrições do registro arqueológico (presença de TPI, profundidade do pacote, presença de feições, tamanho de sítio, densidade e características do material) e sua variabilidade artefactual.

2.3.1. Registro Arqueológico e a TPA

Dentre todos os elementos que nos propusemos a compilar e comparar sobre a TPA neste capítulo acreditamos que esse (as características do registro arqueológico) seja o mais difícil, pois as observações variam muito conforme o pesquisador, seu enfoque de pesquisa e métodos de campo. As discrepâncias amostrais entre as regiões dificultam ainda mais as inferências comparativas. Essas dificuldades não tornam o esforço aqui realizado inválido, se não alcançarmos discussões comparativas mais consistentes tentaremos, ao menos, levantar problemas de pesquisa referentes a variabilidade do registro dentre as diferentes regiões de ocorrência da TPI.

Sítios arqueológicos no Rio Napo

Os relatos de Meggers e Evans (1968) apontam a presença de sítios com e sem terra preta. Os autores encontraram apenas dois sítios com terra preta (N-P-2 e N-P-3), ambos unicomponenciais localizados no curso principal. Esses foram os mais amplamente trabalhados pelos autores e demonstraram uma maior complexidade estratigráfica com profundidade entorno dos 30cm e

com feições com pacote até 1m de profundidade. Os demais sítios não têm indicativos de terra preta e a estratigrafia tende a ser mais rasa, entre 5cm e 10cm (N-P-1, N-P-4, N-P-5, N-P-9, sítios unicomponenciais no curso principal; N-P-6 multicomponencial em curso secundário e N-P9- multicomponencial em curso principal). Arroyo-Kallin e Panduro (2013) realizaram, até o momento, apenas levantamentos na área peruana do Napo, mas seus dados indicam a existência de uma série de sítios policromos sem Terra Preta.

Um dado importante que aparece nos relatos de Meggers e Evans é o significativo número de sítios com urnas funerárias antropomorfas. Arroyo-Kallyn (2014) tem retomado as pesquisas na área do Napo Equatoriano e também tem encontrado extensa presença de urnas funerárias.

Sítios arqueológicos nos rios Ucayali e Marañon

Pelas intervenções pontuais realizadas no Ucayali pouco podemos dizer sobre o registro arqueológico dos sítios com material policromo. O sítio TAM-11 (WEBER,1975) apresenta terra preta e feições, o material encontra-se principalmente nas camadas superiores.

Sítios arqueológicos no Alto Amazonas

Apenas um sítio arqueológico foi registrado e trabalhado no Alto Amazonas (BOLIAN, 1975), sendo esse multicomponencial. Esse apresenta terra preta com pacote médio de 30cm, mas alcançando 70cm nas feições.

Sítios arqueológicos no rio Solimões

Como discutimos no item 2.1 no médio baixo Solimões podemos ver uma distinção entre sítios uni e multicomponenciais, sendo os últimos predominantemente ocorrentes na área de confluência enquanto acima do rio Purus predominam os unicomponenciais.

Os sítios multicomponenciais próximos a área de confluência apresentam características bastante similares. Os sítios têm profundas

camadas de terra preta formadas por ocupações anteriores e não é possível precisar qual seria a contribuição dos portadores da cerâmica policroma, se houve alguma, na produção desses solos antrópicos. A cerâmica policroma ocorre na superfície até 20-30cm de profundidade; a dispersão do material policromo tende a ser mais restrita que a das ocupações anteriores também horizontalmente. A densidade de material também é baixa, seja em relação às ocupações anteriores, seja em relação às concentrações de materiais policromos em sítios unicomponenciais. Sítios já bastante estudados que se enquadram nesse conjunto seriam os sítios Hatahara e Laguiño (TRINDADE, 2009; CASTRO, 2009; TAMANAHA, 2012)

Já os sítios unicomponenciais acima do rio Purus podem ser divididos em dois conjuntos: aqueles com e sem terra preta. Os sítios sem terra preta apresentam similaridades com os sítios multicomponenciais da área de confluência, ou seja, não possuem grande profundidade ficando entre a superfície e 20-30cm. Além disso, possuem uma dispersão horizontal menor que a dos sítios unicomponenciais. As quantidades de materiais também são baixas. Nesse conjunto podem ser enquadrados sítios como Santa Fé, Monte Sinais e Badajós (NEVES, 2010; TAMANAHA, 2012)

Os sítios unicomponenciais com terra preta da região possuem camadas mais profundas, com mais de 50cm, com ocorrência de feições. A dispersão horizontal tende a ser maior (sítios maiores) e o material ocorre em maior densidade. São exemplos desse conjunto os sítios São Paulo II, Santa Cruz e Lauro Sodré (NEVES, 2010; TAMANAHA, 2012).

No médio alto Solimões apenas sítios multicomponenciais foram, até o momento, trabalhados. Eles apresentam perfil similar aos sítios da área de confluência: camada policroma rasa, baixa quantidade de peças policromas e área de dispersão restrita. Nesse conjunto podem ser colocados sítios como Boa Esperança, Cacoal e São Miguel do Cacao (COSTA, 2012; GOMES, 2014; FURQUIM, 2014). Outro exemplo de sítio da região que se enquadra nesse perfil é o sítio Conjunto Vilas, que foi apresentado no capítulo anterior.

Sítios arqueológicos no rio Caquetá

Como relatado anteriormente os trabalhos no médio curso do Caquetá são muito pontuais. Apenas oito sítios sofreram intervenções subsuperfície, para os quais temos relatos mais detalhados de apenas dois, ARA-15 (multicomponencial) e ARA7 (unicomponencial). Ambos os sítios apresentam terra preta, feições e um pacote arqueológico de cerca de 50cm de espessura.

Entretanto não há descrições comparativas para incidência de material por sítio (HERRERA, McEVAN e BRAY, 1982).

Sítios arqueológicos no rio Negro

A maioria dos sítios polícromos identificados por Simões (1974, 1983) no baixo rio Negro não foram descritos individualmente, mas de forma comparativa ou genérica. Essas descrições postulam que estes teriam pacote médio de 60cm de espessura nas áreas das Fases Apuaú e Manuacá e 90cm na área da Fase Samambaia. Todavia, ao analisar os materiais, Simões destaca a baixa frequência do material polícromo nos sítios multicomponenciais e infere, por conta disso, que tais materiais poderiam estar presentes nos sítios multicomponenciais por comércio e não necessariamente por reocupações das áreas por produtores da cerâmica polícroma (SIMÕES, 1974 p.183).

Outros trabalhos indicam que os sítios multicomponenciais do Rio Negro próximos da área de confluência são similares aos da área de confluência do lado do Solimões, ou seja, os sítios possuem terras pretas profundas formadas por ocupações anteriores. A cerâmica polícroma ocorre na superfície até 20-30cm de profundidade, com dispersão restrita. A densidade de material polícromo é baixa, seja em relação às ocupações anteriores seja em relação às concentrações de materiais polícromos em sítios unicomponenciais. Sítios que se enquadram nesse conjunto seriam os sítios Açutuba, Paricatuba (PINTO LIMA, 2008) Antonio Galo (MORAES, 2013) Ponta Negra e Refinaria (HILBERT, 1968).

Para o médio rio Negro as descrições de Simões (1983 e SIMÕES e KALKMANN, 1987) indicam sítios com terra preta com pacotes entre 30cm a 90cm de profundidade. Enquanto nos sítios onde a presença de terra preta não é explicitada (subentendemos que não foi identificada) os pacotes são descritos como “escassos”. Os levantamentos de Valle (2009) e Origuela

(2009) não realizaram intervenções subsuperfície não permitindo a avaliação da espessura dos pacotes.

Resta para os sítios escavados do Rio Negro apenas a descrição do sítio Vila Nova II (ORIGUELA, 2009). Este sítio unicomponencial polícromo apresenta características similares aos unicomponenciais do Solimões, estratigrafia profunda, grande quantidade de material e grande dispersão espacial. O sítio Vila Nova II parece ser o sítio unicomponencial polícromo com maior pacote até o momento identificado, 150cm, estando a maior concentração de peças até 90cm.

Sítios arqueológicos no rio Madeira

No baixo Rio Madeira, os dados de sítios polícromos escavados reduzem-se aos trabalhos de Simões (1983, Simões e Lopes, 1987), as descrições são bastante breves e não temos clareza de quais sítios foram realmente escavados e quanto foram escavados. A maioria dos sítios descritos pelo autor apresenta terra preta e a espessura dos pacotes varia de 30 a 60cm. Diferenças e especificidades na distribuição dos materiais não são detalhadas. Alguns sítios próximos a divisa com Rondônia foram escavados por Miller (1979), mas não tivemos acesso a informações mais detalhadas sobre os mesmos.

No alto Madeira, além dos trabalhos de Miller (1978, 1979, 1987), há trabalhos mais recentes em sítios polícromos que trazem informações individualizadas por sítios nos ajudando a entender melhor os diferentes contextos. Dois sítios unicomponenciais polícromos foram escavados na região, sítios Itapirema e Associação Calderita (ALMEIDA, 2013). O sítio Associação Calderita possui terra preta e uma camada média de 20 a 30cm, alcançando 60cm em uma área com montículo, a densidade de material no sítio não é alta. Já o sítio Itapirema apresenta camadas que se aproximam de 1m, de profundidade em áreas de montículo também com terra preta. De todos os sítios já estudados da TPA, esse é o único a apresentar esse tipo de estrutura como construída pelos portadores da tradição polícroma. No sítio Itapiranema não apenas há maior quantidade de material cerâmico como os atributos polícromos são mais consistentes.

Entre os sítios documentados por Zuse (2014) o material policromo aparece de maneira mais restrita que em outras ocupações, por vezes, se restringindo apenas a alguns vasos. Em alguns casos, a deposição de vasos policromos aconteceu em áreas sem terra preta.

Não conseguimos desenhar um padrão de recorrência para os sítios do Madeira, principalmente no alto Madeira, como conseguimos delinear para outras áreas. Entretanto, é interessante destacar que os três sítios unicomponenciais policromos escavados na região apresentam um ou mais montículos (ALMEIDA, 2013 e SILVA, C. 2015), essas estruturas ainda não foram descritas para outros sítios de outras fases da TPA.

Sítios arqueológicos no Baixo Amazonas

Não conseguimos dados mais detalhados sobre o registro arqueológico de sítios policromos no baixo Amazonas.

Síntese de dados sobre os sítios arqueológicos com material policromo

A primeira constatação é que sabemos ainda muito pouco sobre o registro arqueológico dos sítios com material policromo. Poucos sítios foram efetivamente delimitados com intervenções subsuperfície extensas, muitos foram delimitados apenas pela dispersão visual de material diagnóstico em superfície. Dos sítios escavados muitos passaram apenas por intervenções pontuais. Em contraposição, os que foram escavados de forma mais ampla mostram a diversidade do registro dentro de um mesmo sítio, mesmo nos unicomponenciais (como os sítios 14, no alto Amazonas, e São Paulo II, no médio Solimões, por exemplo).

Diante das dificuldades amostrais chegamos ao fim desse item com mais comparações positivas do que negativas, ou seja, com os poucos dados existentes sobre o registro arqueológico na maioria das áreas com sítios com cerâmica da TPA conseguimos estabelecer com mais facilidade o que esses sítios têm em comum, mais do que tem de diferente.

Falar do tamanho dos sítios ou da extensão da presença de material policromo é bastante difícil, poucos sítios onde foram realizadas intervenções

foram descritos individualmente. A presença de Terra Preta, a espessura e densidade do pacote parecem ser elementos mais interessantes para discutirmos o processo de formação do registro e a ocorrência de material polícromo.

Observamos, em princípio três conjuntos de sítios polícromos: unicomponenciais com terra preta, unicomponenciais sem terra preta, e multicomponenciais com terra preta. Os sítios polícromos maiores (vertical e horizontalmente) e com mais material tendem a ser **unicomponenciais com terra preta**. Os sítios **unicomponenciais sem terra preta** tendem a ser menores (vertical e horizontalmente) com baixa frequência de material cerâmico, esse tipo de sítio está bastante documentado na calha do Solimões e Napo e com indicativos no rio Negro. A identificação deste tipo de sítio não é clara no Ucayali, Caquetá e Madeira.

Os **sítios multicomponenciais** polícromos parecem muito similares entre os rios Negro e Solimões, onde a ocorrência polícroma é menor e menos densa do que a dos conjuntos anteriores. De forma diferente, no rio Madeira alguns sítios multicomponenciais apresentam a ocorrência polícroma restrita apenas a algumas vasilhas inteiras ou quase inteiras.

Um ponto particular que precisamos discutir ao falar do registro arqueológico da TPA se refere à presença de estruturas defensivas. Na atual formulação dos modelos sobre a Tradição Polícroma tem sido destacada a presença de estruturas defensivas como indicadores de relações conflituosas entre portadores da TPA e de outras tecnologias cerâmicas, tais relações conflituosas seriam índices de um ethos belicoso por parte dos portadores da TPA (MORAES e NEVES, 2012).

Atualmente quatro sítios multicomponenciais com material polícromo apresentam estruturas defensivas (3 valas e 1 paliçada); 1 sítio Borda Incisa apresenta uma vala relacionada por Moraes (2013) a defesa quanto a sítios polícromos próximos. Essas estruturas estão localizadas dentro de um espaço bem restrito em relação ao todo da dispersão polícroma, foram registradas apenas na área de confluência entre o rio Solimões e o Negro e no baixo Madeira. Mas o principal a ser destacado é que essas estruturas aparecem apenas em sítios onde os portadores da TPA estão em contato com portadores das cerâmicas Paredão-Axinim. Essas estruturas não são evidenciadas em

outros locais como médio Solimões, Ucayali ou baixo Amazonas onde se evidencia clara relação entre os portadores das cerâmicas polícromas e portadores de outros conjuntos tecnológicos. Como apontamos anteriormente podemos encontrar entre a TPA e outras tradições fluxos de tecnologias, como evidenciados no médio alto Solimões e baixo Amazonas, onde não há estruturas defensivas registradas.

Sintetizando, as evidências de estruturas defensivas são muito poucas diante do contexto geral de sítios polícromos: apenas 5 sítios em um conjunto que ultrapassa 364 e estas estão bastante circunscritas geográfica e contextualmente (área de confluência e baixo Madeira e contatos entre portadores da TPA e portadores das cerâmicas Paredão e Axinim) para que possamos falar de um ethos belicoso relacionado aos portadores da Tradição Polícroma, que por sua vez teria sido motor de sua expansão.

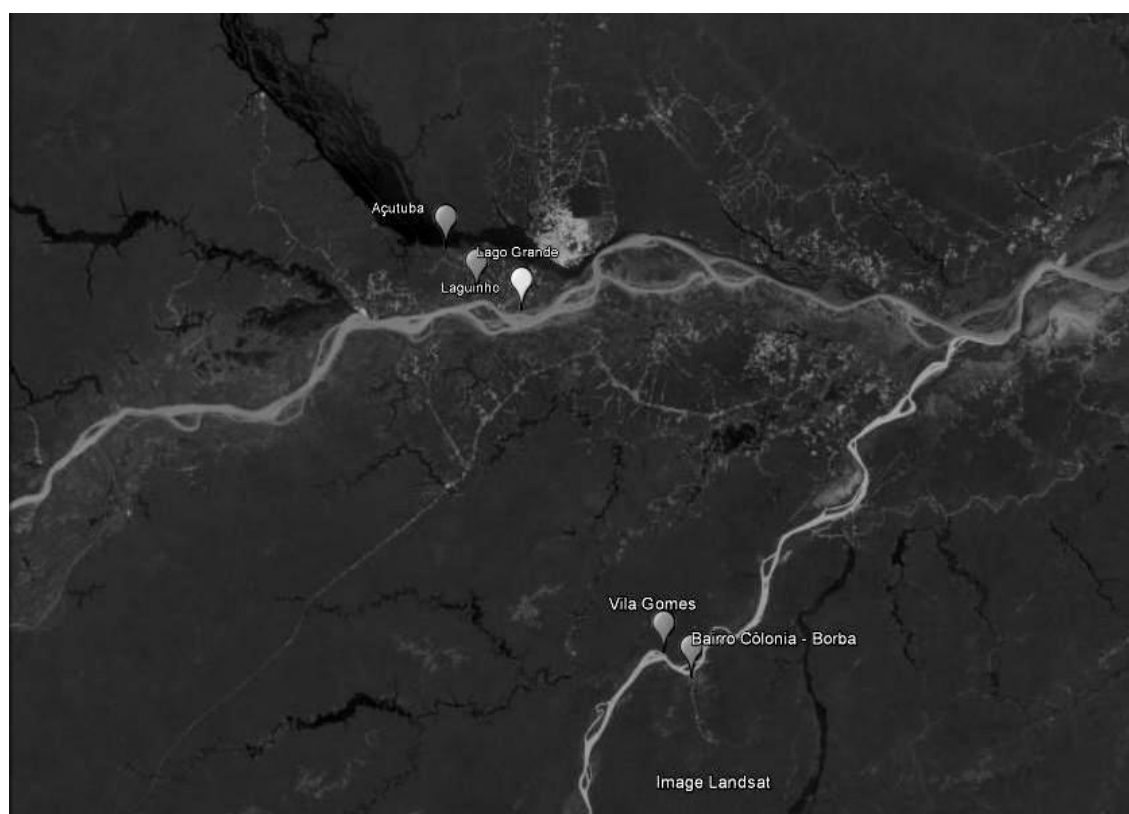


Fig. 2.31 – Localização dos sítios com estruturas defensivas, em cor escura sítios com valas e cor clara sítio com paliçada. Imagem de Satélite Google Earth.

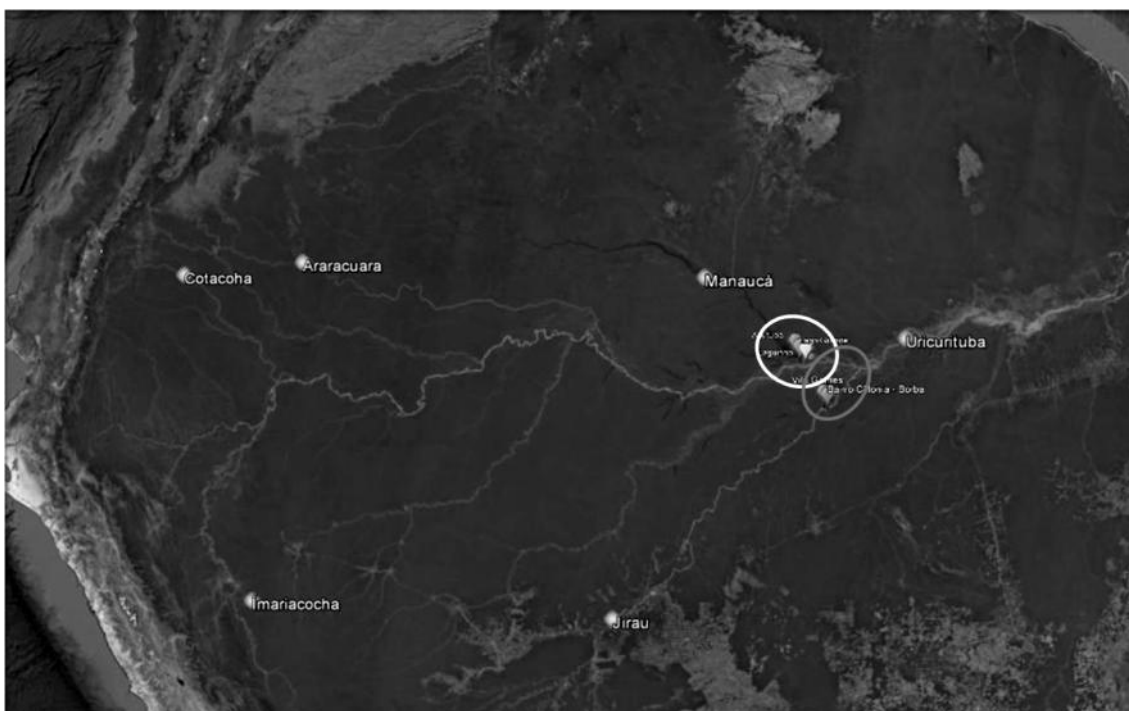


Fig. 2.32 – Distribuição dos sítios com estruturas defensivas no contexto geral da TPA. As bolinhas indicam os pontos limites da TPA. O círculo claro indica a área da Fase Paredão e o círculo em cor escura a área da Fase Axinim. Imagem de Satélite Google Earth.

Acreditamos que uma dinâmica belicosa de mais acentuadas proporções esteja restrita às interações políticas particulares entre os portadores das cerâmicas Paredão e Axinim e os portadores da cerâmica polícroma. Sendo necessário destacar ainda que tais evidências de conflito estão localizadas em pontos estratégicos: áreas de grande concentração de recursos e de controle da acessibilidade a diferentes pontos da bacia Amazônica.

2.3.2. A variabilidade artefactual cerâmica na TPA

A variabilidade artefactual da cerâmica polícroma tem sido identificada e explicada através da criação de diferentes Fases¹². Deixamos claro que

¹² Na arqueologia Brasileira o uso dos conceitos de Tradição e Fase, extraídos originalmente Willey e Phillips (1958) e adaptados de e formalizados por Chmyz (1966), foram alvo de amplo debate que pode ser visto em Dias (1995, 2007), Schaan (2007), Silva (2007) e Belletti (2010), bem como questões específicas colocadas por Neves (2010) sobre o uso dos conceitos na arqueologia da Amazônia

entendemos as Fases da Tradição Polícroma como a identificação por autores anteriores da variabilidade artefactual regional da cerâmica policroma, ou seja, variabilidades significativas dentro do conjunto geral e entre os conjuntos locais. Por hora, seguiremos nos referindo às fases como elas foram definidas geograficamente, mas entendo-as como conjuntos tecnológicos que apresentam variedades e continuidades entre si e dentro de um conjunto tecnológico mais amplo, a Tradição Polícroma. Tais categorias não encerram em si uma explicação do por que das continuidades e variedades, explicá-las cabe a uma etapa posterior de reflexão teórica densa que pode levar a explicações múltiplas.

Sendo assim, observaremos os elementos descritos dentro das fases a fim de identificar alguns elementos distintos do estilo tecnológico (SCHIFFER e SKIBO, 1997) da Tradição Polícroma – preparo da pasta, estruturação da peça, morfologia, decoração entre outros. Trataremos de forma mais aprofundada o registro e a comparação entre as morfologias, apresentando ao fim das descrições regionais um quadro comparativo da ocorrência e distribuição dessas.

Variabilidade artefactual cerâmica no rio Napo

Meggers e Evans destacam para a fase Napo a ocorrência de três tipos de antiplástico cariapé, carvão, areia. A decoração caracteriza-se por presença de pintura preta vermelha sobre engobo branco (em faixas finas e largas), pintura resistiva em preto, incisões finas e largas (acanalados), incisões feitas com instrumento de pontas múltiplas, ocorre também aplicação apenas de engobo branco ou vermelho, essas técnicas podem ser encontradas articuladas de diferentes maneiras.



Fig. 2.33 – Cerâmica da Fase Napo com acanalado, in Meggers e Evans, 1968.

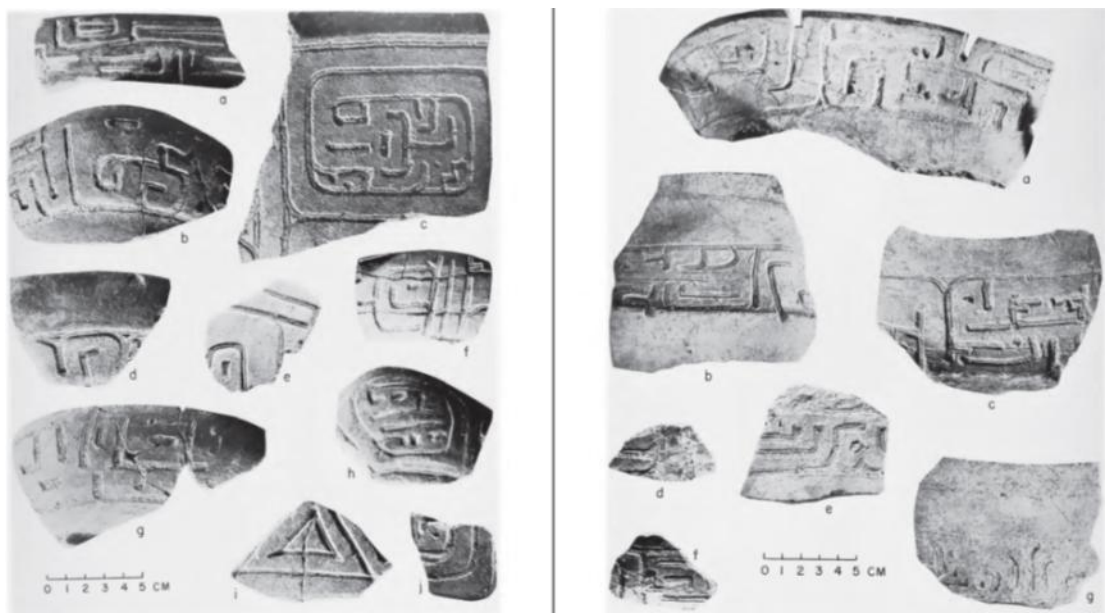


Fig. 2.34 – Cerâmica da Fase Napo com acanalado, in Meggers e Evans, 1968.

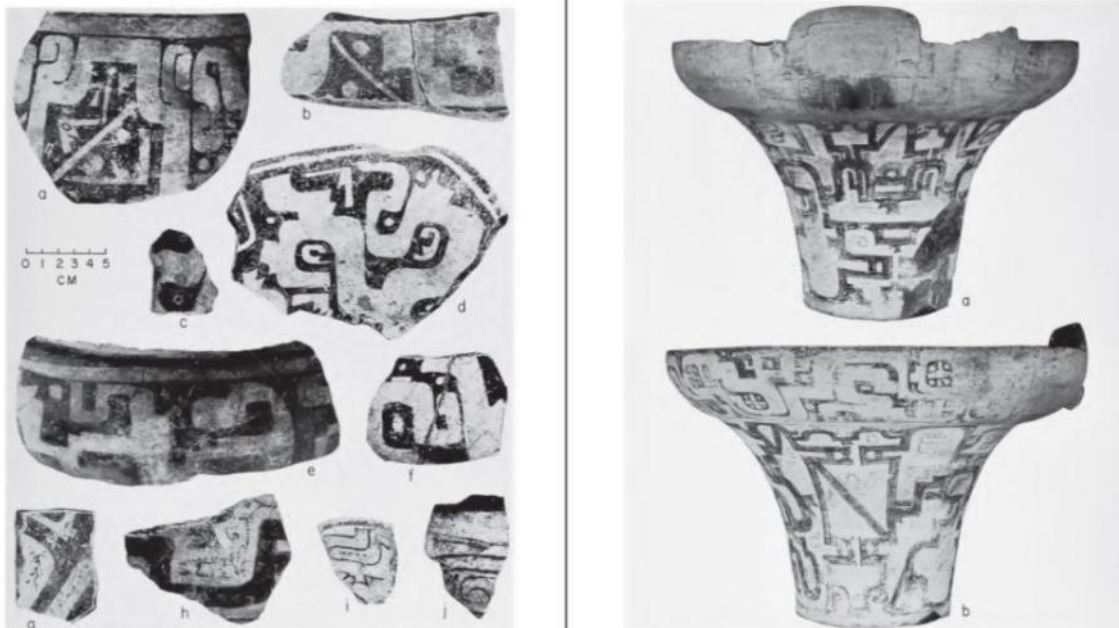


Fig. 2.35 – Cerâmicas da Fase Napo com pintura, in Meggers e Evans, 1968.

Quanto às formas foram registradas mais de 16 morfologias na Fase Napo, estando presente dentre essas as formas dez (1,2,3,7,10,12,14,17,18 e 19¹³) que são encontradas em outras Fases da TPA. Como os dados base são oriundos de escavações em apenas 2 sítios e em coletas de superfície, é possível que essa diversidade seja ainda maior.

Dessa forma podemos observar a diversidade interna de morfologias da Fase Napo, bem como a correlação entre as morfologias de outras Fases. Não conseguimos produzir um levantamento sistemático e extensivo de morfologias funerárias da TPA, mas podemos observar a grande diversidade de morfologias funerárias na Fase Napo e seu contraste com as morfologias de outras regiões (ver quadro geral de morfologias).

¹³ Ver ao fim do item o “Quadro geral de morfologias da TPA” e suas respectivas descrições.

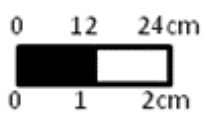
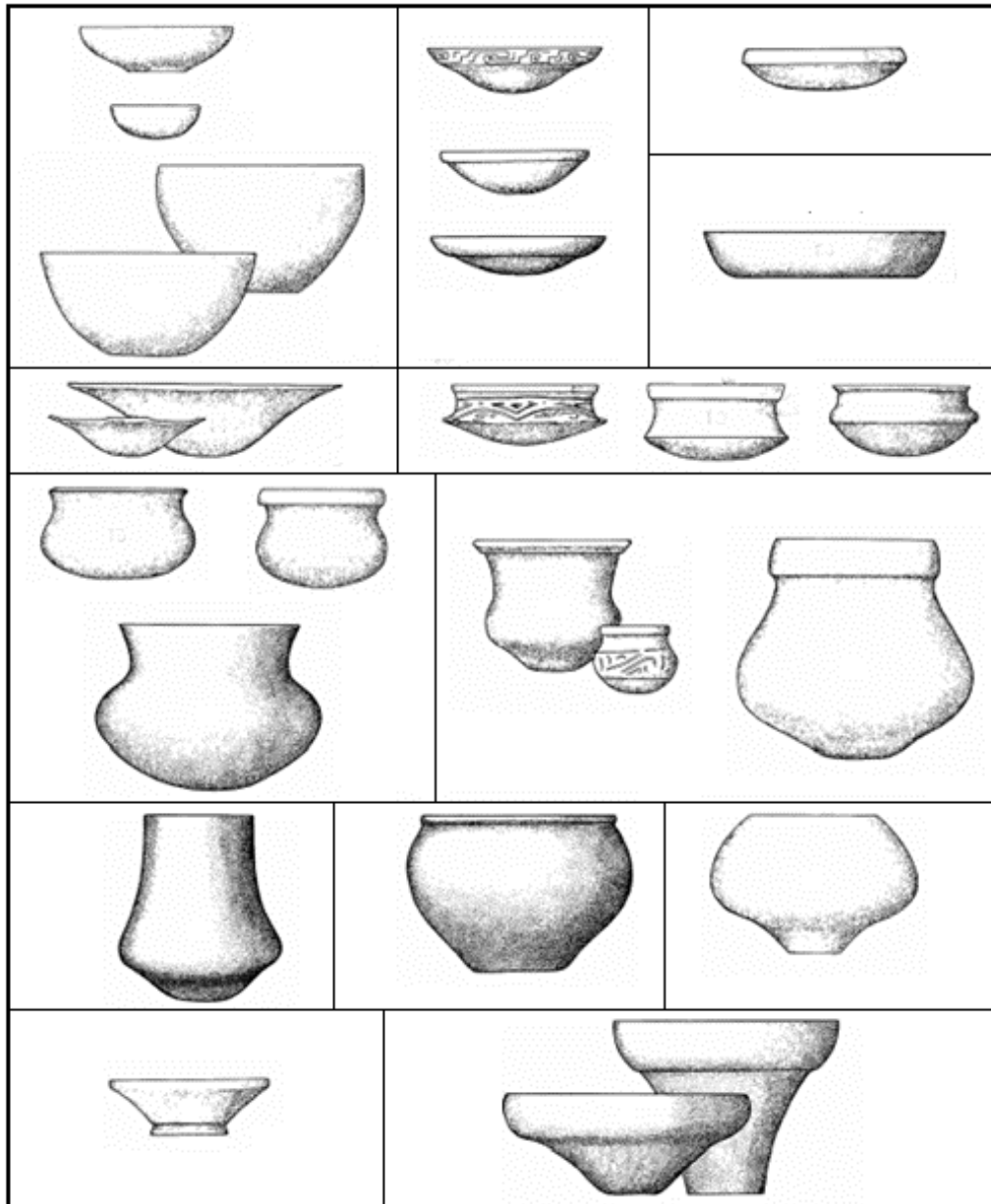


Fig. 2.36 – Urnas funerárias da Fase Napo com pintura, in Meggers e Evans, 1968.



Fig. 2.37 – Urnas funerárias da Fase Napo com pintura, in Meggers e Evans, 1968.

Morfologias da Fase Napo¹⁴



¹⁴ Imagens extraídas de Meggers e Evans, 1968.

Variabilidade artefactual no rio Ucayali

No Ucayali, a Fase Caimito tem como antiplástico predominante o caco moído e em menos significativa ocorrência areia. As decorações são elaboradas tanto em linhas incisadas finas e grossas (acanalados), tais incisões podem aparecer combinadas com pintura vermelha e preta sobre engobo branco, ocasionalmente com apliques em bolinhas e linhas. Os motivos incisados se diferenciam bastante daqueles encontrados nos clássicos motivos acanalados geométricos, como em outras Fases da TPA.

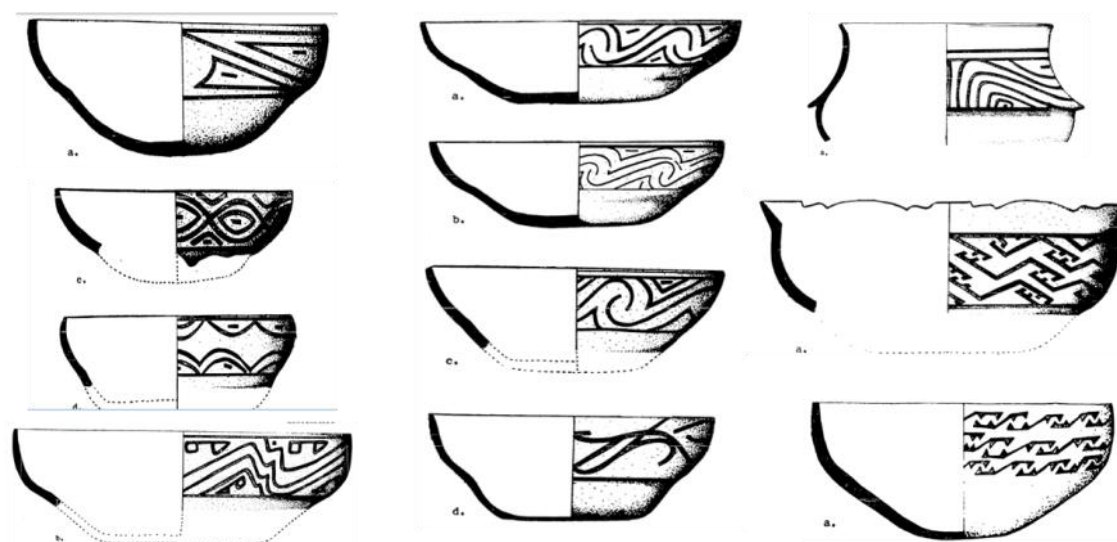


Fig. 2.38– Cerâmicas da fase Caimito com incisão, in Weber, 1975.



Fig. 2.39 – Urna funerária da fase Caimito com incisão, in Weber, 1975.

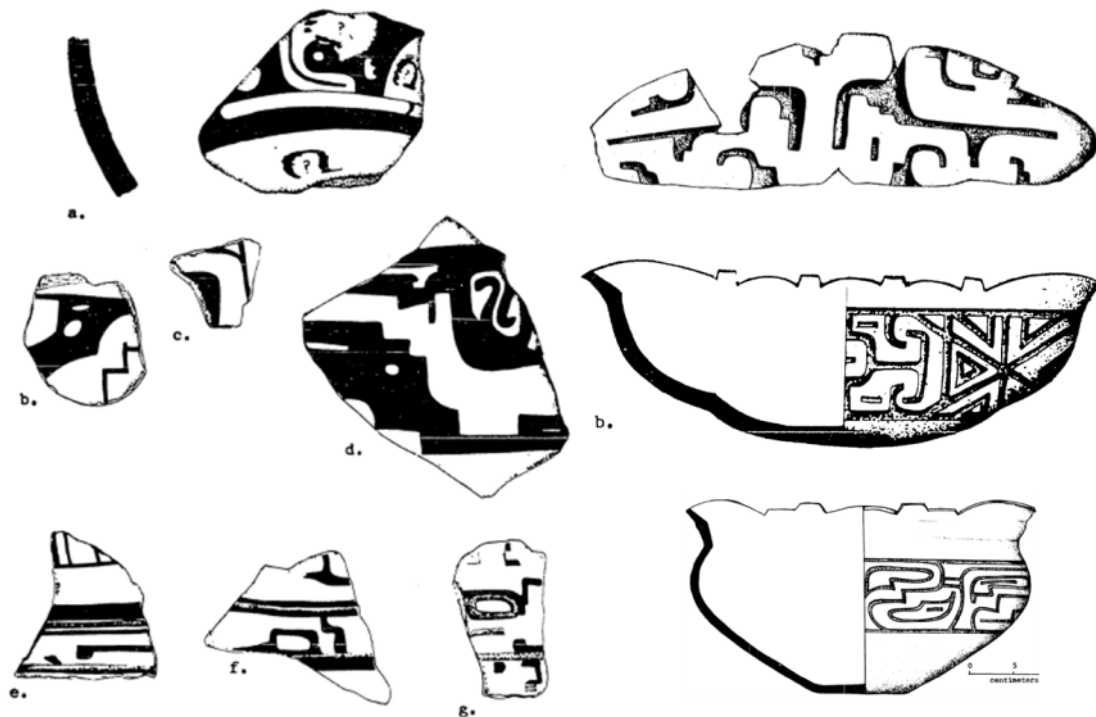
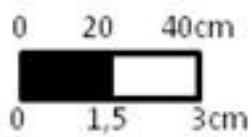
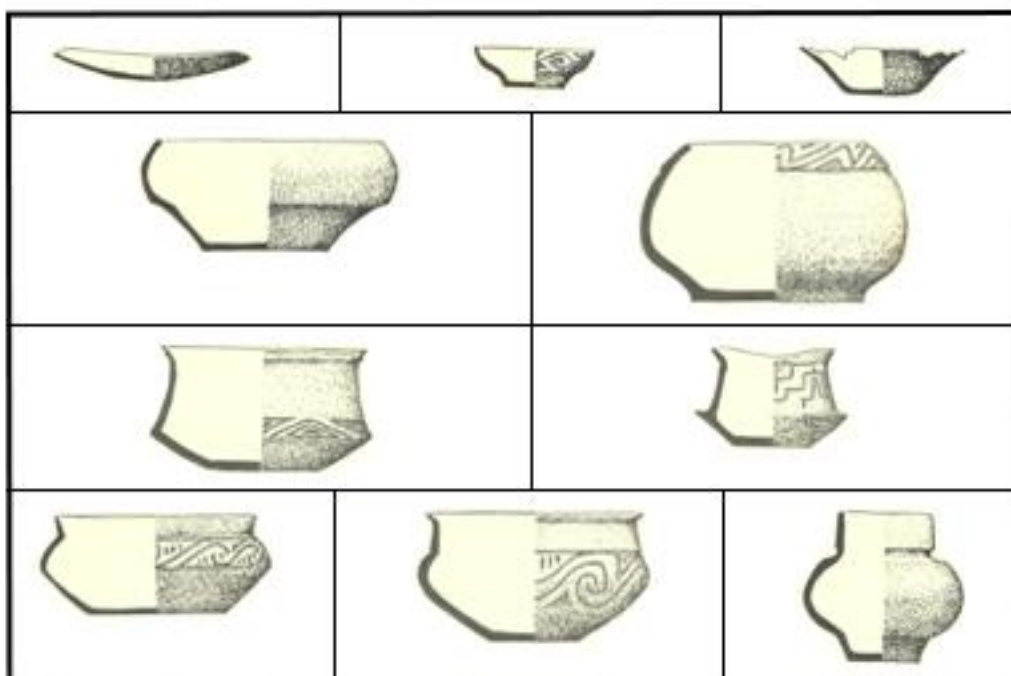


Fig. 2.40– Cerâmicas da fase Caimito, a esquerda peças com pintura, a direita peças com excisão, acanalados e incisos, in Weber, 1975.

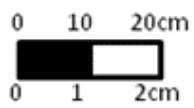
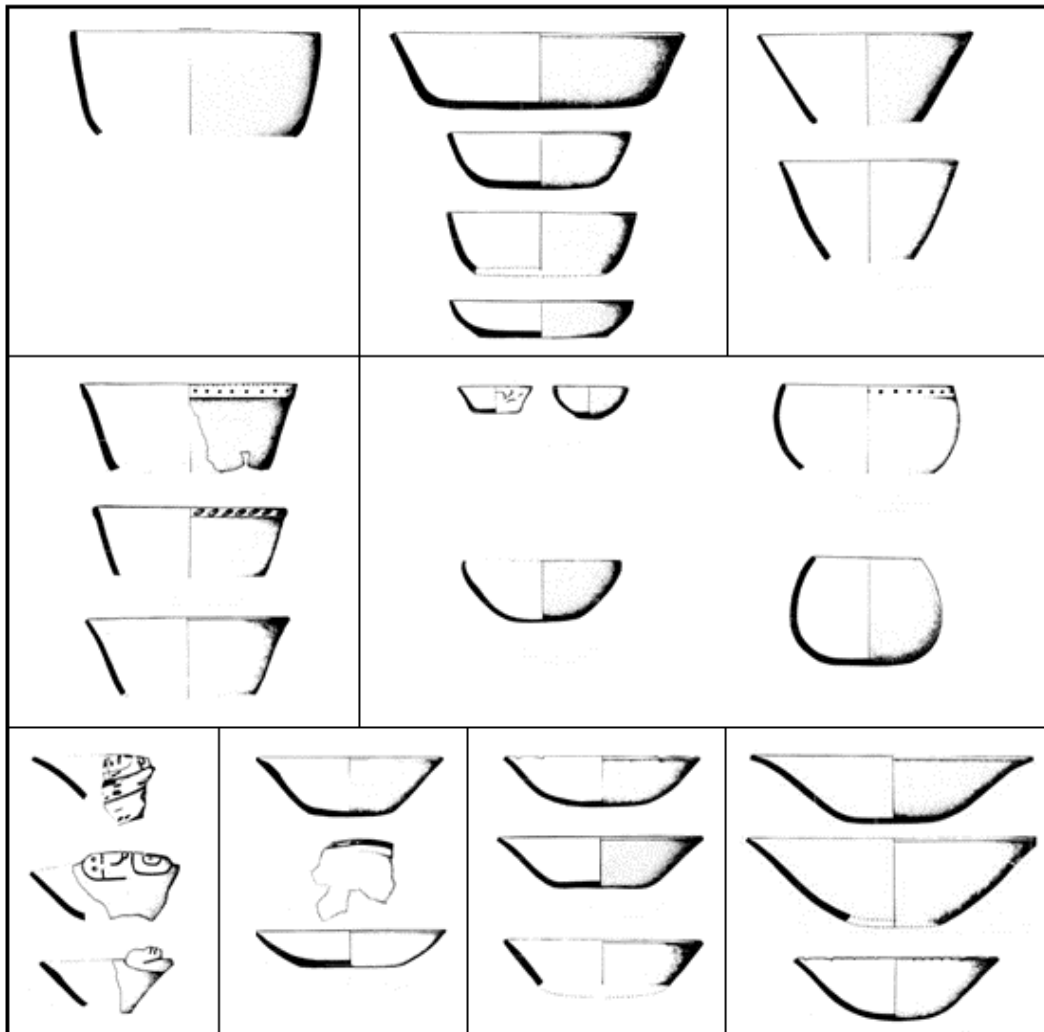
Em sua apresentação das morfologias da fase Caimito, Lathrap (1970) traz um pequeno conjunto de morfologias, oriundas dos sítios TAM 1 e TAM 2. Já no conjunto apresentado por Weber (1975), para o sítio TAM 11, encontramos grande diversidade de morfologias. Podemos estimar a presença de aproximadamente 25 tipos de formas na Fase Caimito, das quais 13 se repetem em outras Fases da TPA (1, 3, 4, 5, 9,10,12,14,15, 17, 18, 19 e 20). Embora as formas 11 e 12 estejam presentes em outras Fases de forma pouco representativas, na Fase Caimito elas parecem ser as formas mais recorrentes. A forma 12 (ver figura 2.80) aparece inclusive como morfologia de urna funerária.

Morfologias da Fase Caimito¹⁵



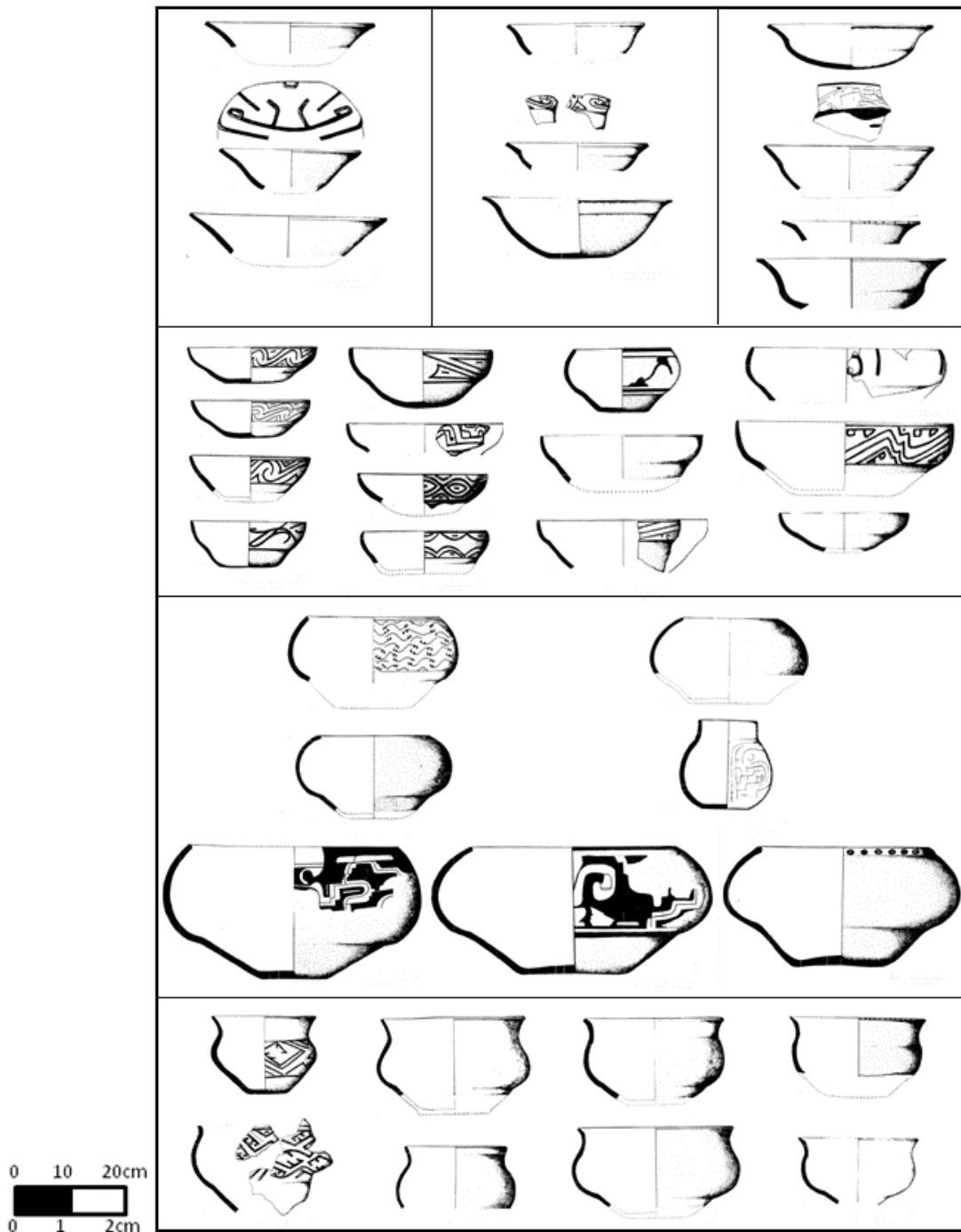
¹⁵ Imagens extraídas de Lathrap, 1970.

Morfologias da Fase Caimito¹⁶



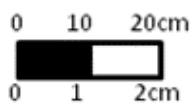
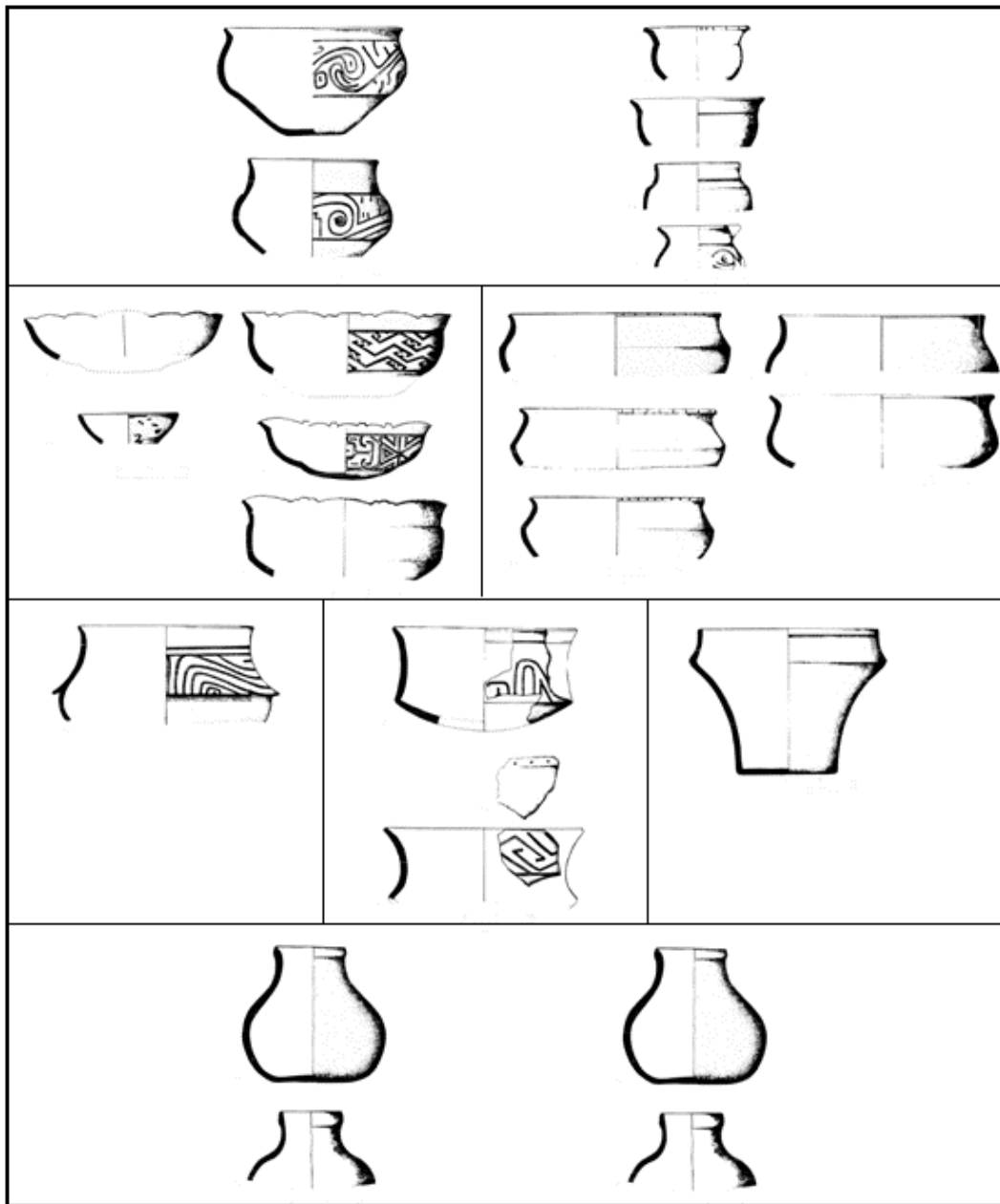
¹⁶ Imagens extraídas de Weber, 1975.

Morfologias da Fase Caimito¹⁷



¹⁷ Imagens extraídas de Weber, 1975.

Morfologias da Fase Caimito¹⁸



¹⁸ Imagens extraídas de Weber, 1975.

Variabilidade artefactual no Rio Alto Amazonas

O material do sítio 14, único da TPA registrado por Bolian (1975), tem como características cariapé, carvão e caco moído como antiplástico. O engobo aparece nas cores vermelho, branco e preto. As pinturas ocorrem, mas o grau de preservação é baixo, são encontradas combinações de engobo vermelho com pintura preta e engobo branco com pintura vermelha e preta. Incisões são bastante frequentes combinadas com excisões e pintura.

Bolian concentrou-se em desenhos de bordas e não produziu projeções de formas. Pode se perceber na Fase Zebu pelos desenhos de borda o predomínio de formas abertas, mas com significativa presença de formas fechadas. Flanges mesiais ocorrem no conjunto. Ao fim do capítulo fazemos um esforço em correlacionar os diferentes conjuntos morfológicos, e tentamos correlacionar alguns perfis da Fase Zebu com morfologias ocorrentes em outras fases.



Fig. 2.41– Cerâmicas da fase Caimito, a esquerda peças com pintura, a direita peças com excisão, acanalados e incisos, in Weber, 1975.

Variabilidade artefactual no Rio no rio Solimões

Na calha do Solimões foram definidas quatro fases por Hilbert (1958, 1962b, 1968) para a Tradição Polícroma: Pirapitinga, São Joaquim e Tefé no médio e alto curso e Guarita no baixo curso. As duas primeiras fases permanecem definidas apenas pelo trabalho de Hilbert em três sítios.

A Fase Pirapitinga teve destacada dentre suas principais características o uso de cariapé como antiplástico predominante e a produção por roletes. Sobre os aspectos decorativos foi destacada a presença de policromia, engobo vermelho, engobo branco, inciso complexo com modelados ou ponteados. Não há ilustrações dos motivos dessa Fase.

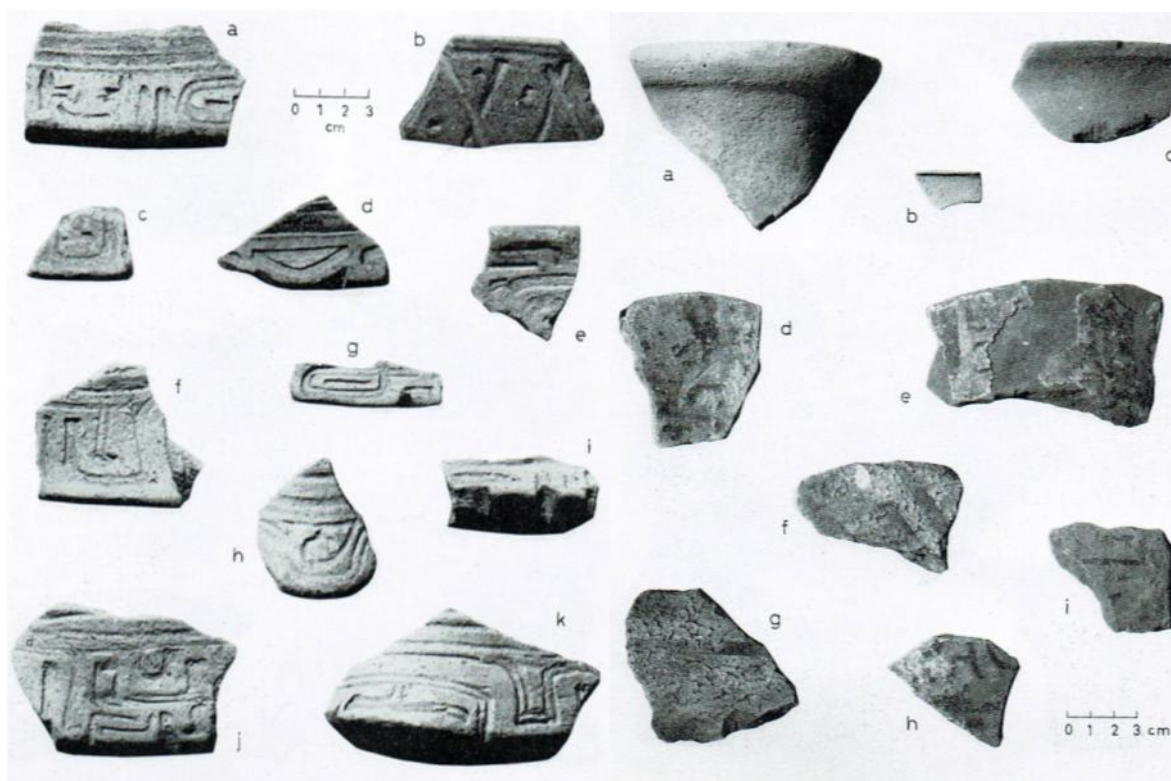


Fig. 2.42– Cerâmicas da Fase Pirapitinga, a esquerda peças com acanalados, incisões simples e incisões em pontas múltiplas; a direita vestígios de pintura, in Hilbert 1968.

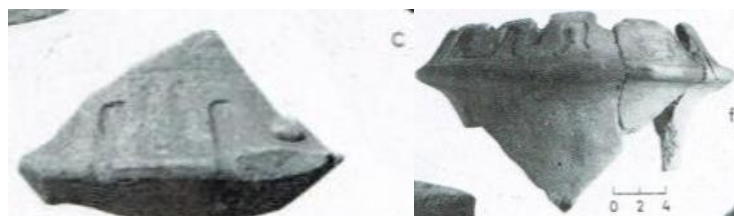


Fig. 2.43– Cerâmicas da Fase Pirapitinga com acanalados, , in Hilbert 1968.

Quanto as morfologias são encontradas cerca de dez formas, dentre as quais seis (5, 9,12,13, 16, 17) são recorrentes entre as demais fases da TPA. Hilbert (1968) destaca a presença de vasos com boca quadrada.

A fase São Joaquim apresenta como antiplástico o cariapé, a produção por roletes. Os tipos decorados são o acanalado, policromia e modelado.

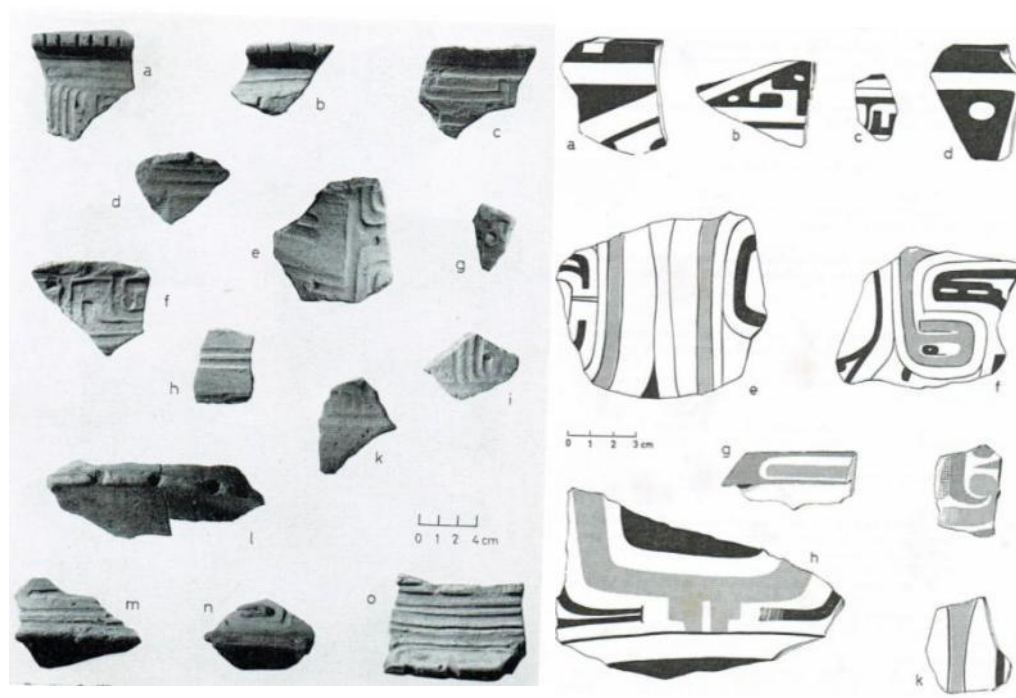


Fig. 2.44– Cerâmicas da Fase São Joaquim, a esquerda peças com acanalados e incisos, a direita peças com pintura, in Hilbert 1968.

Entre as morfologias da fase São Joaquim há cerca de 14 formas, das quais dez (1,2,3,5,6, 9, 12, 13, 16 e 18) se repetem em outras fases.

Os dados da fase Tefé vêm sendo ampliados pelo presente trabalho bem como pelos trabalhos de Costa (2012), Gomes (2014) e Furquim (2014) no lago Amanã. Para Hilbert (1962b, 1968), a fase Tefé tem como características produção por roletes, cariapé ou cauxí-cariapé como antiplástico

e os tipos decorados são o acanalado, policromia, incisos, pontas múltiplas e modelados. Inicialmente, assim como para as fases Pirapitinga e São Joaquim, Hilbert não identificou urnas funerárias relacionadas a TPA na fase Tefé. Entretanto, no âmbito desse projeto diferentes conjuntos de urnas funerárias foram registradas ao redor do lago Tefé.

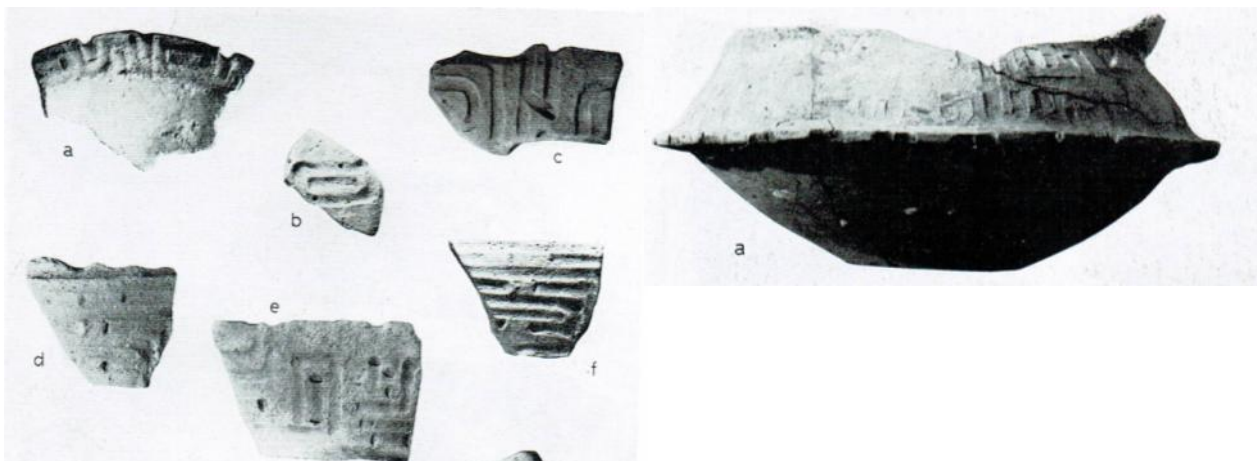


Fig. 2.45– Cerâmicas da Fase Tefé, peças com acanalados, in Hilbert 1968.



Fig. 2.46– Urnas funerárias da fase Tefé. Fotos Jaqueline Gomes, Bernardo Costa e Erêndira Oliveira.

Hilbert mostra cerca de nove morfologias para fase Tefé, das quais 8 (1,2,8,16,17,18,19, e 21) se repetem em outras fases da TPA. Os novos dados sobre a fase Tefé, que foram apresentados no capítulo I, mostram que a classificação de morfologias com flange labial na fase Tefé precisa ser revista, pois, parece estar relacionada na verdade a materiais com fluxos de tecnologias.

Os dados da fase Guarita vêm sendo ampliado por diversos trabalhos, em destaque os de Machado (2005), Trindade (2009), Tamanaha (2012) e Oliveira (2014).

Para a Fase Guarita, Hilbert (1958, 1968) identifica a produção de roletes e o uso de cariapé e cariapé-cauíxí como antiplástico. Os trabalhos mais recentes têm identificado sítios onde essa combinação se mantém, mas também outros onde material policromo apresenta predominantemente cauíxí. Entre as técnicas decorativas destacam-se nessa fase o acanalado e pintado (preto e vermelho sobre engobo branco), incisões e engobo vermelhos também podem ocorrer em menor frequências.

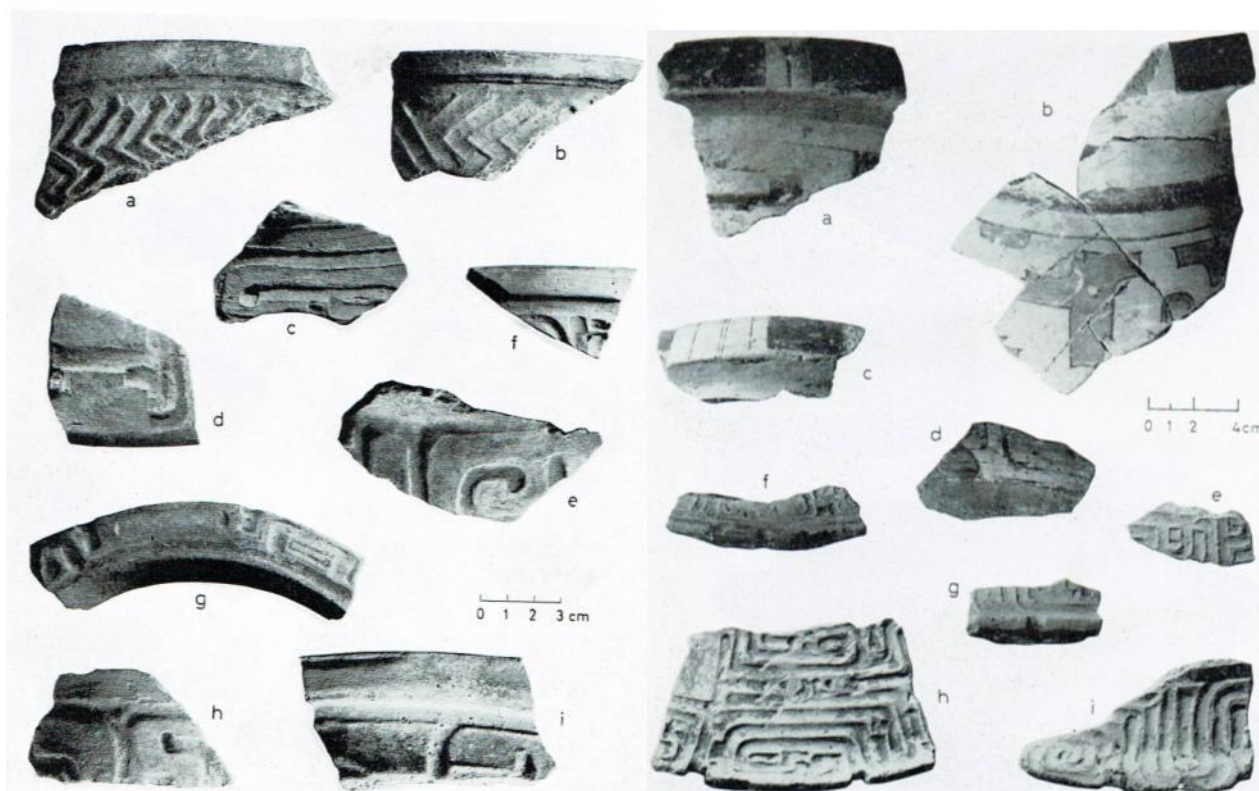


Fig. 2.47– Cerâmicas da Guarita, a esquerda peças com acanalados e incisões, a direita acima peças com pintura e abaixo peças com acanalados, in Hilbert 1968.

Oliveira (2014) tem se dedicado ao estudo da iconografia dos vasos com flange mesial da Fase Guarita, trazendo resultados interessantes.

Motivos encontrados por Oliveira (2014) em peças do sítio Lauro Sodré:

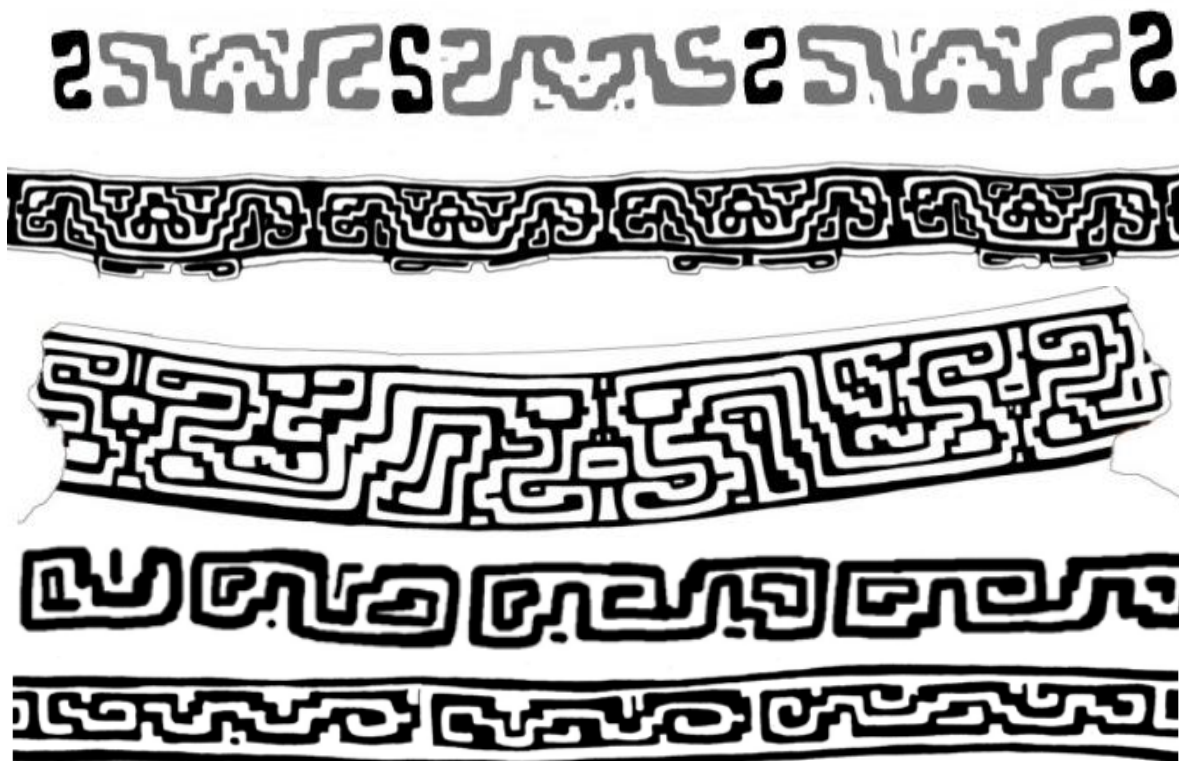


Fig. 2.48 Diferentes motivos encontrados nos vasos com flange mesial da Fase Guarita, desenhos in Oliveira, 2014.

Moraes (2013) desenhou os motivos de uma peça do sítio São Paulo II:



Fig. 2.49 – Motivos encontrados nas paredes de um vaso da Fase Guarita, desenhos in Moaes, 2013.

Motivos encontrados por Oliveira (2014) em peças do município de Manacapuru:

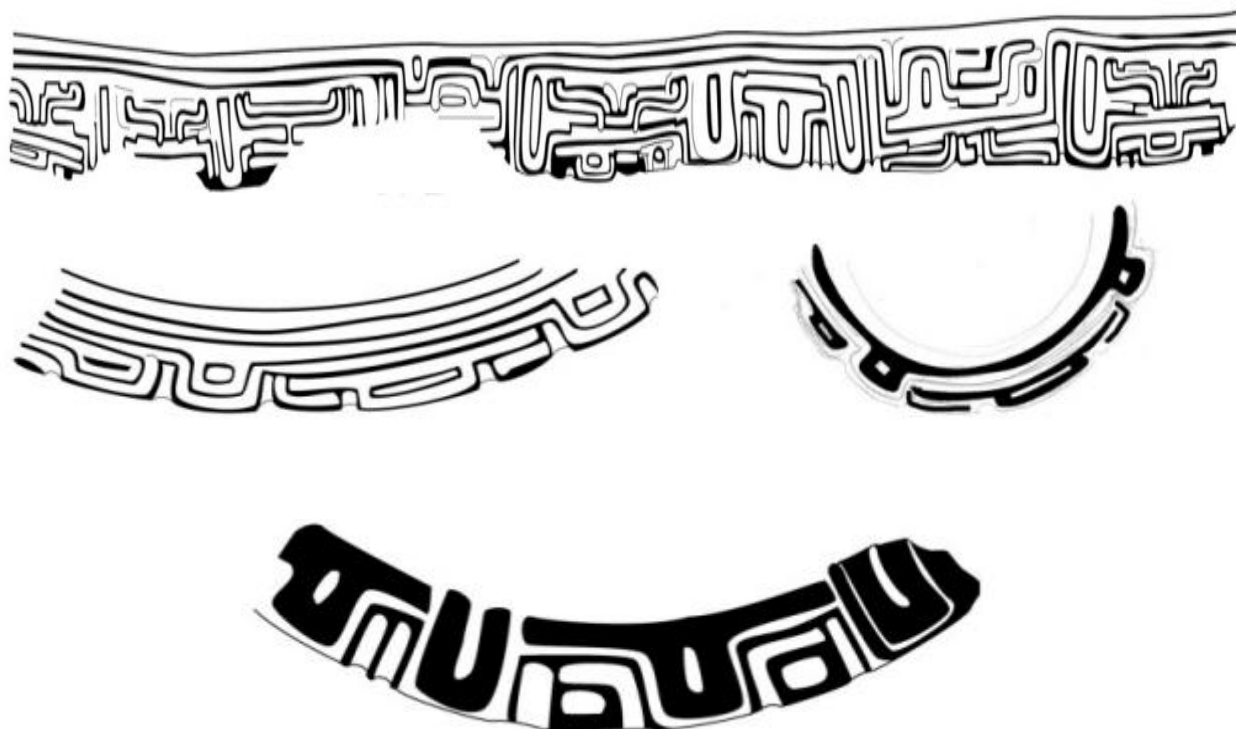
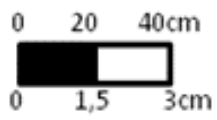
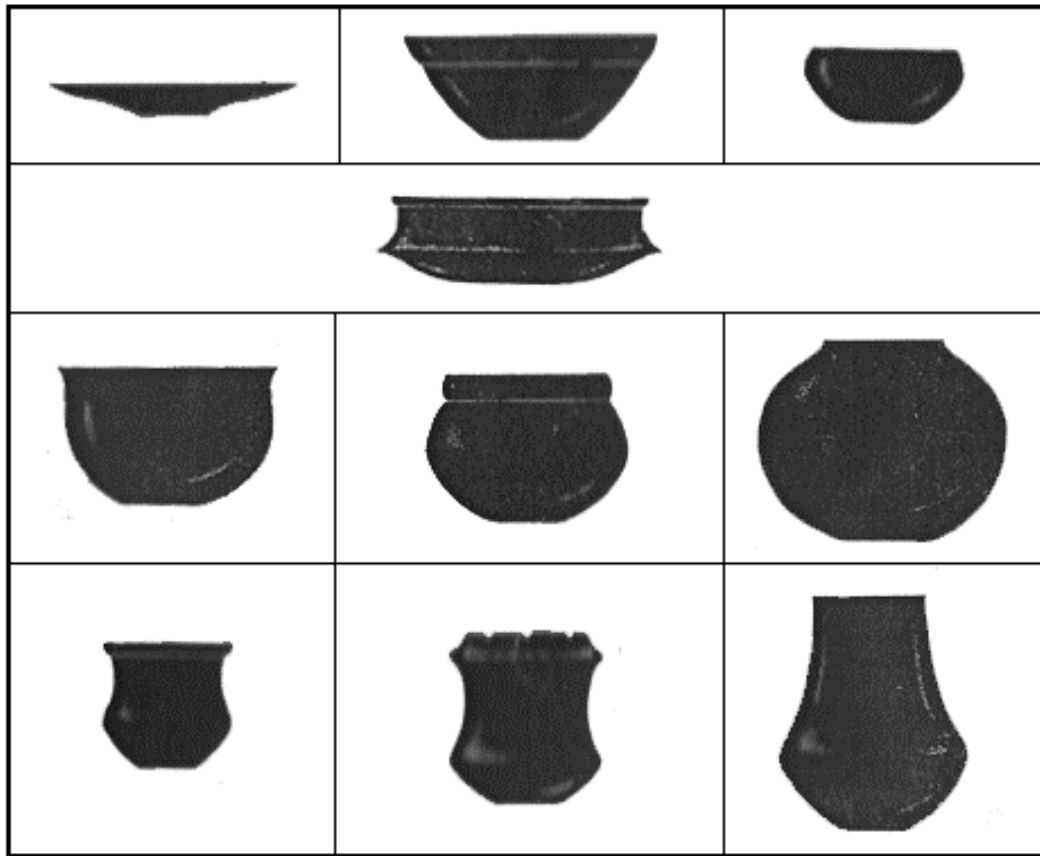


Fig. 2.50– Diferentes motivos encontrados nos vasos com flange mesial da Fase Guarita, desenhos in Oliveira, 2014.

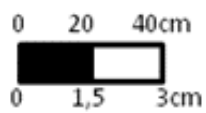
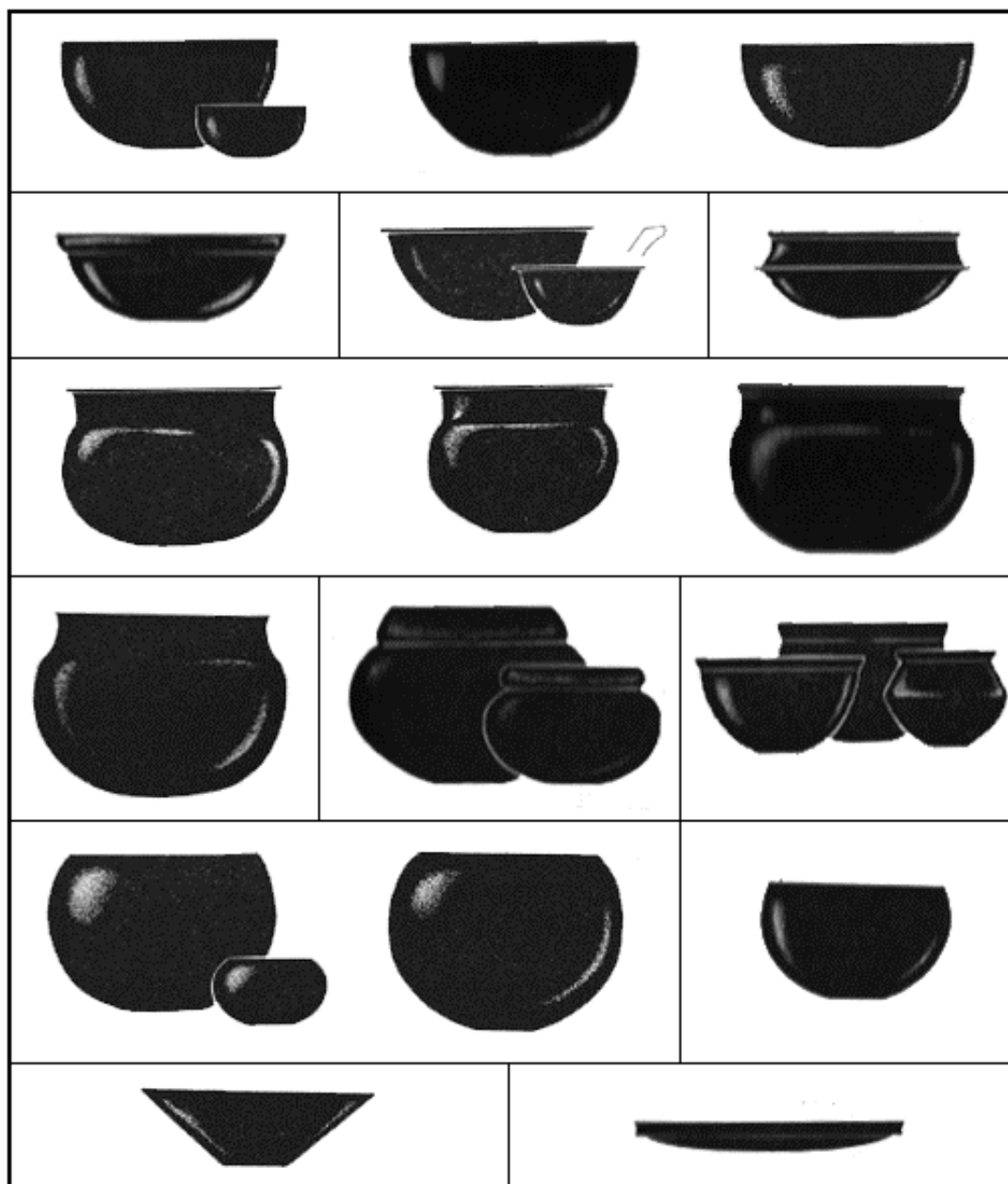
Quanto as morfologias, Hilbert (1968) identificou inicialmente cerca de 7 morfologias para a fase Guarita, Tamanaha (2012) identificou em seus trabalhos outras 13 formas. Hoje a fase Guarita conta com mais de 18 morfologias registradas, dentre essas 13 (1,3,5,6,7,8,12,13, 15,16,17,18 e 20) se repetem em outras Fases da TPA.

Morfologias Fase Pirapitinga¹⁹



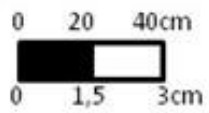
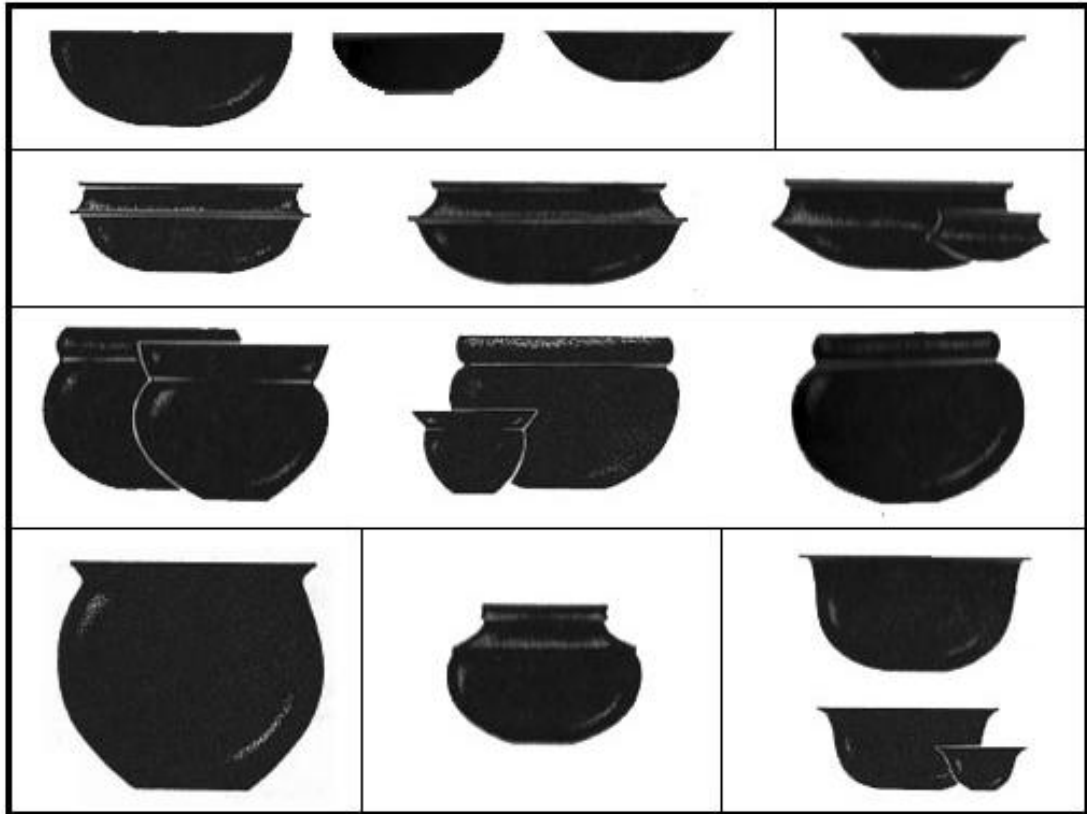
¹⁹ Imagens extraídas de Hilbert, 1968.

Morfologias Fase São Joaquim²⁰



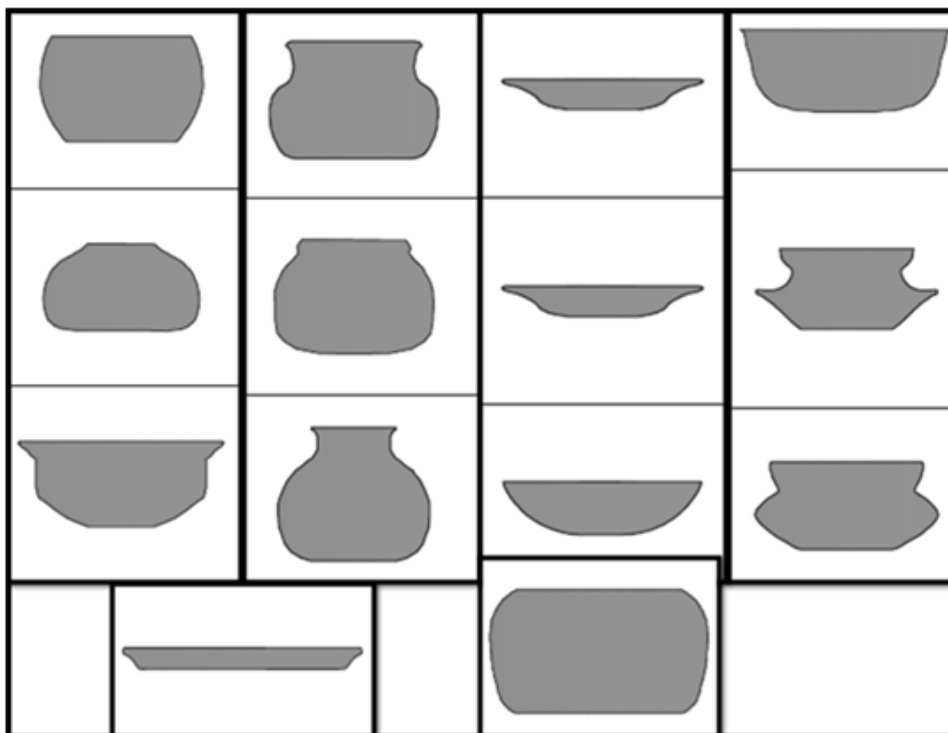
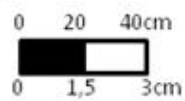
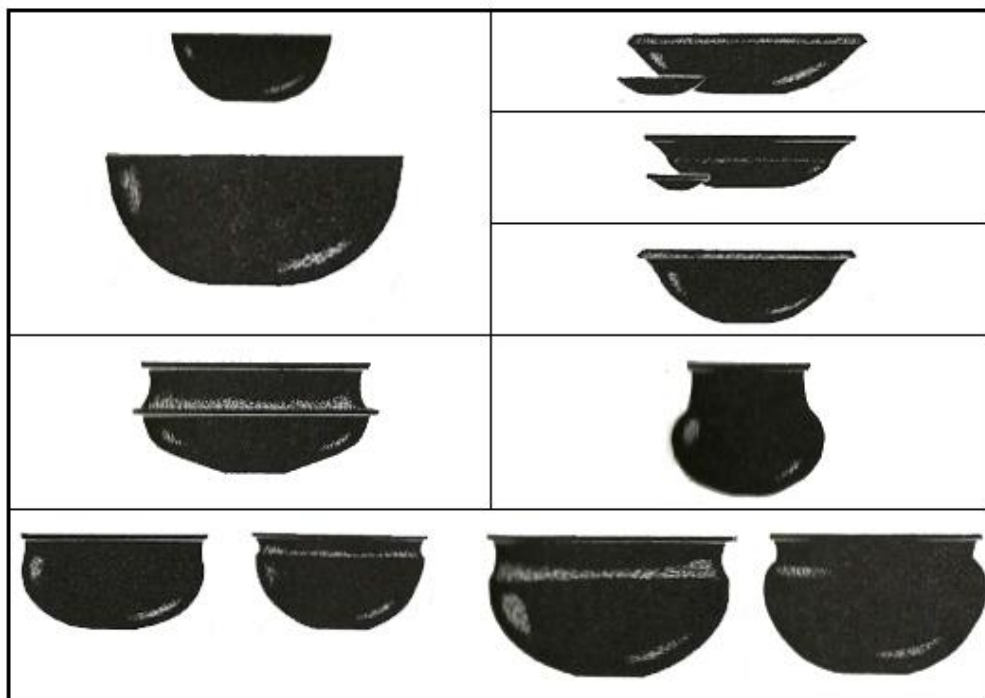
²⁰ Imagens extraídas de Hilbert, 1968.

Morfologias Fase Tefé²¹



²¹ Imagens extraídas de Hilbert, 1968.

Morfologias Fase Guarita²²



²² Quadro superior imagens extraídas de Hilbert, 1968, quadro inferior imagens extraídas Tamanaha, 2012.

Variabilidade artefactual no Rio Caquetá

As cerâmicas da Fase Nofurei têm como propriedade pouca variação no uso dos antiplásticos, sendo estes cariapé e carvão. Quanto as formas, destacam-se os lábios reforçados e expandidos e a significativa variedade de morfologias. A maioria dos fragmentos analisados possui apenas alisamento. Entre os tipos decorados ocorre a presença de engobo vermelho, ponteados e incisos. Segundo os autores o tipo *restrepo roja en zonas* é o mais semelhante a TPA, apresentando acanalados e engobo vermelho.

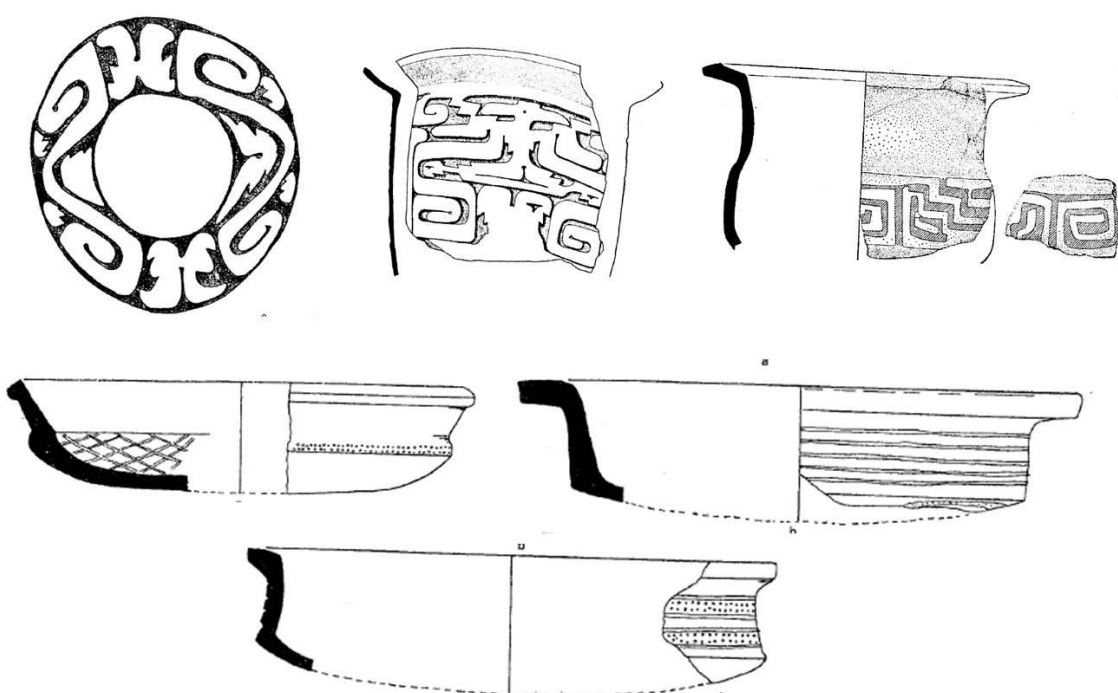
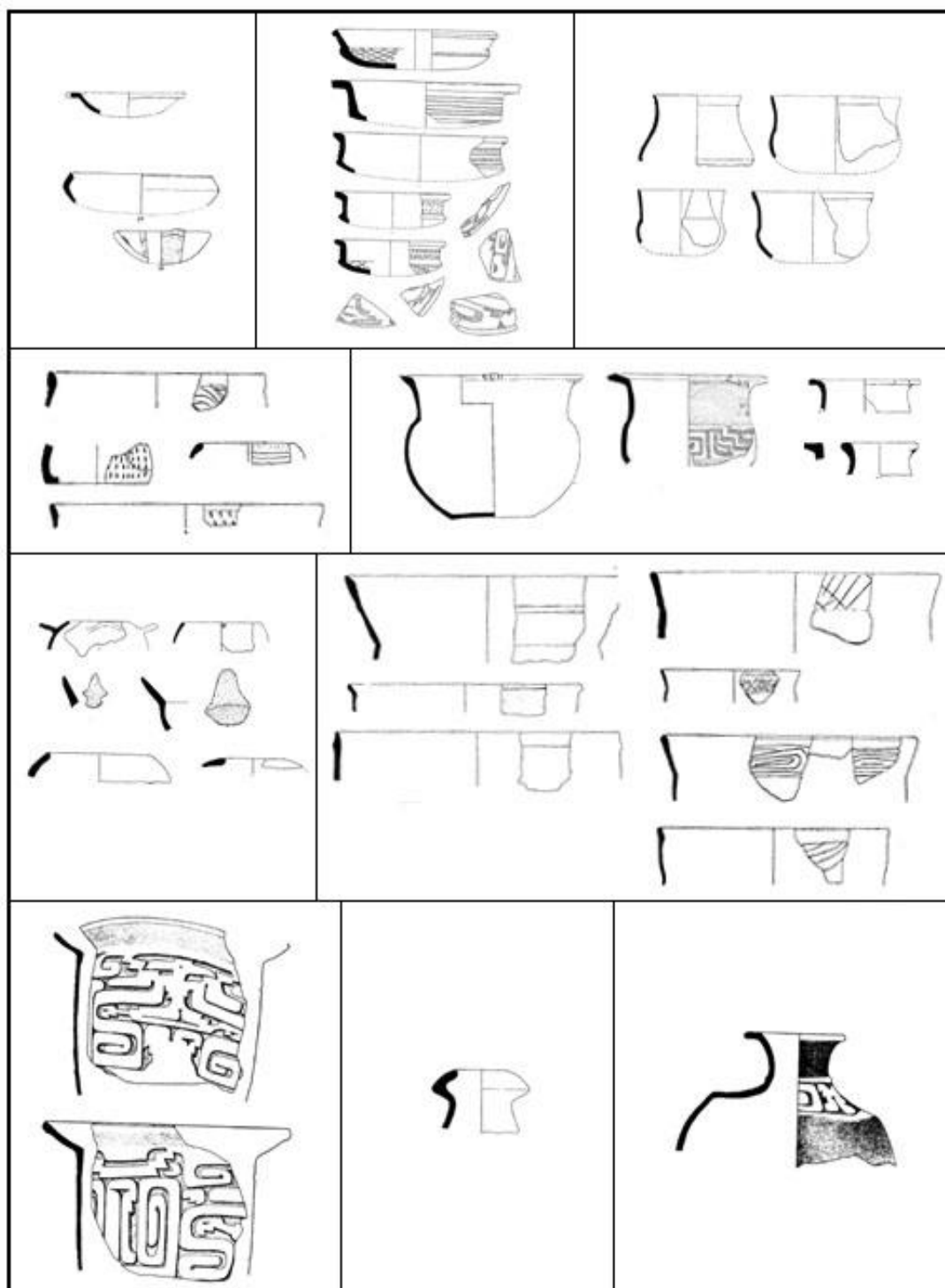


Fig. 2.51 – Cerâmicas da Fase Nofurei, desenhos in Herrera McEwan e Bray, 1982.

No que se refere às morfologias foram identificadas cerca de 13 formas para Fase Nofurei das quais oito (1,5,7,10,13,16,17) se repetem em outras fases da TPA. Não foram ainda registradas urnas funerárias na área do Caquetá, mas é preciso ter em consideração a pouca amostragem até o momento pesquisada.

Morfologias Fase Nofurei²³



0 10 20cm



0 1 2cm

²³ Herrera, McEvan e Bray, 1982.

Para o Rio Negro, Simões (SIMÕES, 1974, 1983; SIMÕES E KALKMANN) criou 3 fases para a TPA: Apuaú, Samambaia e Manauacá.

A Fase Apuaú teve destacado entre suas principais características o uso predominante de cariapé como antiplástico, ocorrendo também o uso de cauíxí, e a produção por roletes. Entre os tipos decorativos destacam-se o engobo vermelho, pintura polícroma, acanalado, exciso e inciso (incluindo com pontas múltiplas) e modelado.



Fig. 2.52 – Cerâmicas da Fase Apuaú, in Simões e Kalkmann, 1987.

Moraes (2013) desenhou os motivos em um vaso com flange do baixo Rio Negro:



Fig. 2.53– Diferentes motivos encontrados nos vasos com flange mesial da Fase Guarita, desenhos in Moraes, 2013.

Quanto as morfologias foram encontradas por volta de 13 morfologias para Fase Apuaú das quais 12 (1,4,,5,6,7,8,9,11,12,18,19) se repetem em outras fases da TPA. Algumas urnas polícromas antropomorfas estão registradas nos arredores de Manaus, mas nenhuma, dos dados que conseguimos coletar, possui registro seguro de proveniência. A única urna antropomorfa coletada em contexto na calha do Rio Negro vem do sítio Antônio Galo, localizado no Lago do Limão. Essa urna apresenta duas peculiaridades. Primeiramente a morfologia, bastante diferente das outras urnas polícromas conhecidas - se houve algum antropomorfismo na pintura este foi perdido - e, segundo Moraes (2006), ela apresenta algumas características de pasta similares a da Fase Paredão. Segundo, dos dados que possuímos essa é a única urna polícroma em sítio multicomponencial. Dos outros poucos contextos conhecidos de urnas polícromas, todas foram encontradas estão em sítios unicomponenciais, em áreas específicas de cemitério (RAPP PY-DANIEL, 2015).

O sítio Antônio Galo apresenta uma datação bastante tardia, 1780 A.D. Essa resistência tardia dos produtores da cerâmica polícroma ao adentrar do século XVIII poderia explicar modificações em sua cultura material em seu modo de sepultar. Contudo, a presença de alguns elementos da Fase paredão indicam que a urna em si deve ser mais antiga, mais tardar do século XIV.



Fig. 2.54 – Urna funerária encontrada por Moraes (2013) no sítio Lago do Limão, in Moraes (2013) e Rapp Py-Daniel (2015).

Curiosamente apenas no baixo rio Negro, mais próximo a área de confluência são registradas urnas polícromas. Simões (1987, p. 84, 85 e 86) deixa claro não ter registrado contextos funerários no Rio Negro. Esses contextos também não foram encontrados por Valle (2009) e Lira (2009) em pesquisas mais recentes.

Na Fase Samambaia, a produção das peças é por roletes e os antiplásticos predominantes são cariapé, carvão e cauxí. Quanto as decorações, ocorrem engobo vermelho, pintura polícroma, acanalado, incisões (incluindo pontas duplas), escovado, modelado e ponteadado.



Fig. 2.55 – Cerâmicas da Fase Samambaia, in Simões e Kalkmann, 1987.

Quanto as morfologias, foram registradas até o momento na Fase Samabaia por volta de sete morfologias, todas essas (1,4,5,6,7,8,9,11,12,18,19) são encontradas em outras Fases da TPA. A Fase Manuacá teve como características distintivas registradas a fabricação por roletes e o cariapé e carvão como antiplástico predominante, sendo o cauxí

muito raro na Fase. Quanto aos acabamentos de superfície destaca-se banho vermelho, pintura polícroma, acanalado, inciso modelado e escovado.

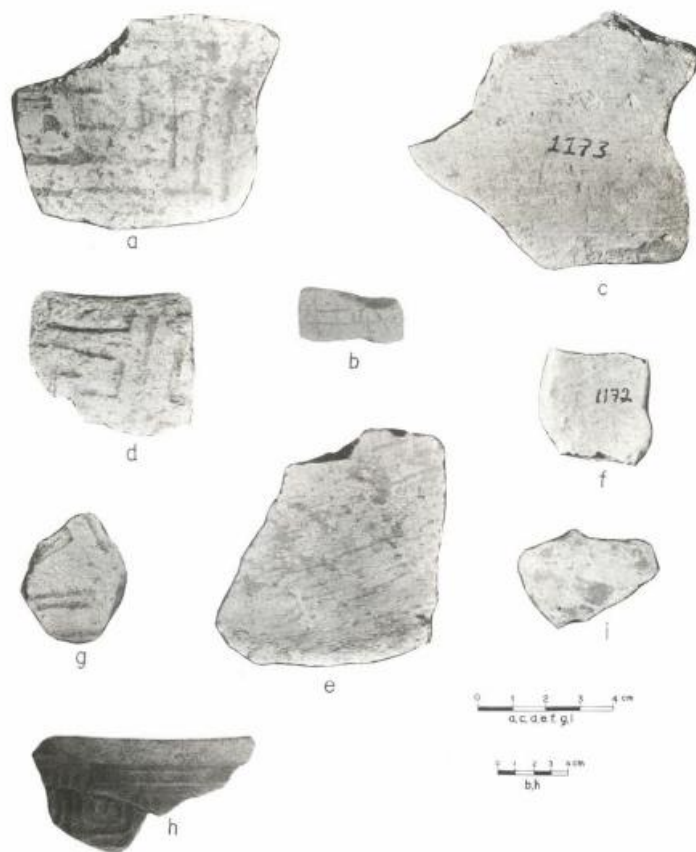
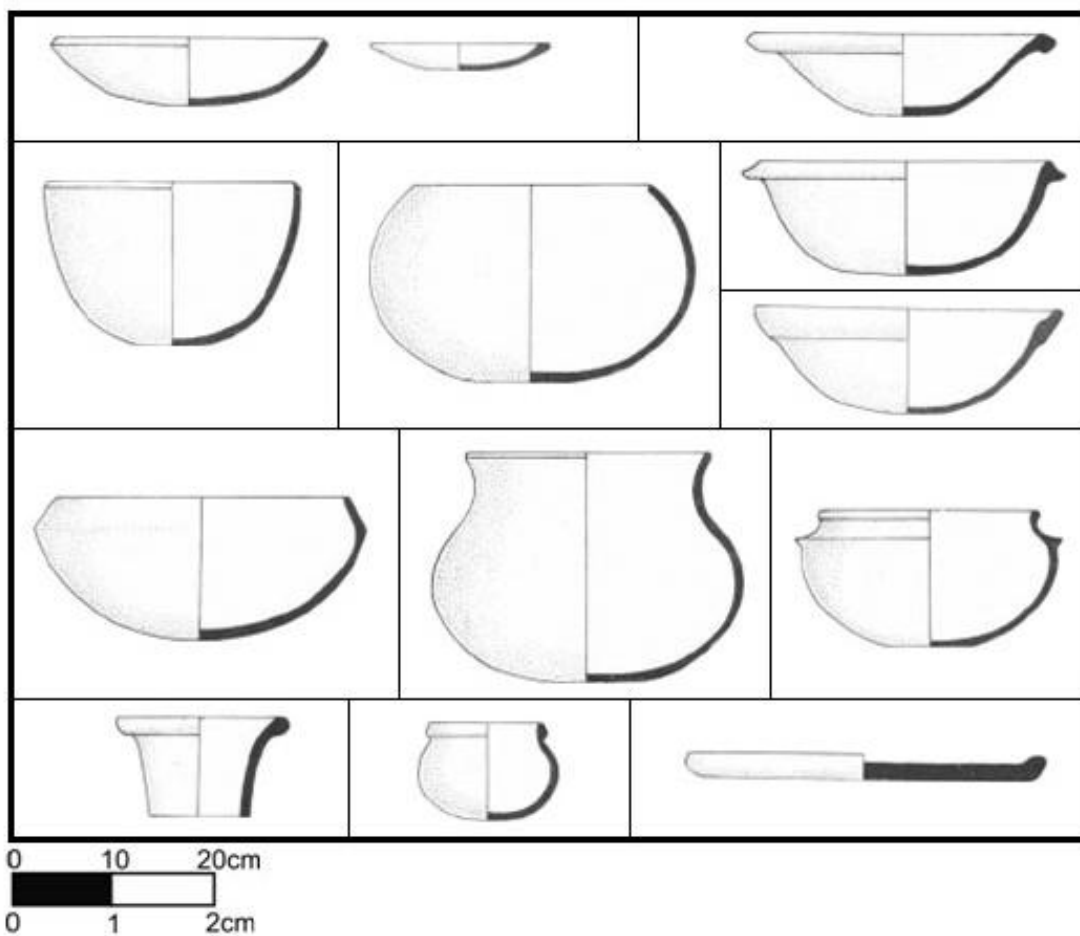


Fig. 2.56 – Cerâmicas da Fase Manauacá, in Simões e Kalkmann, 1987.

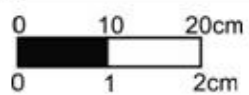
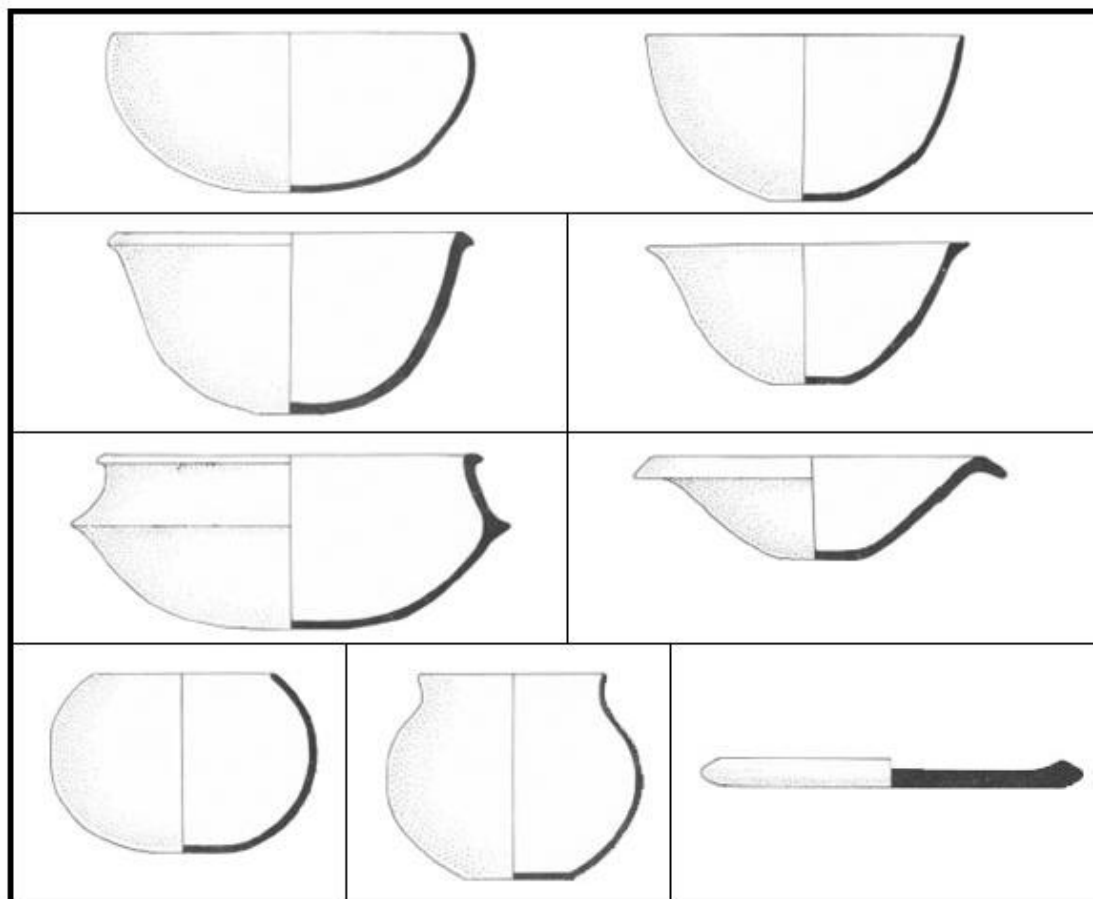
No que se refere às morfologias foram registradas até o momento na Fase Manauacá por volta de sete morfologias, sendo todas essas (1,4,5,6,7,8,9,11,12,18,19) encontradas em outras Fases da TPA.

Morfologias da Fase Apuaú²⁴



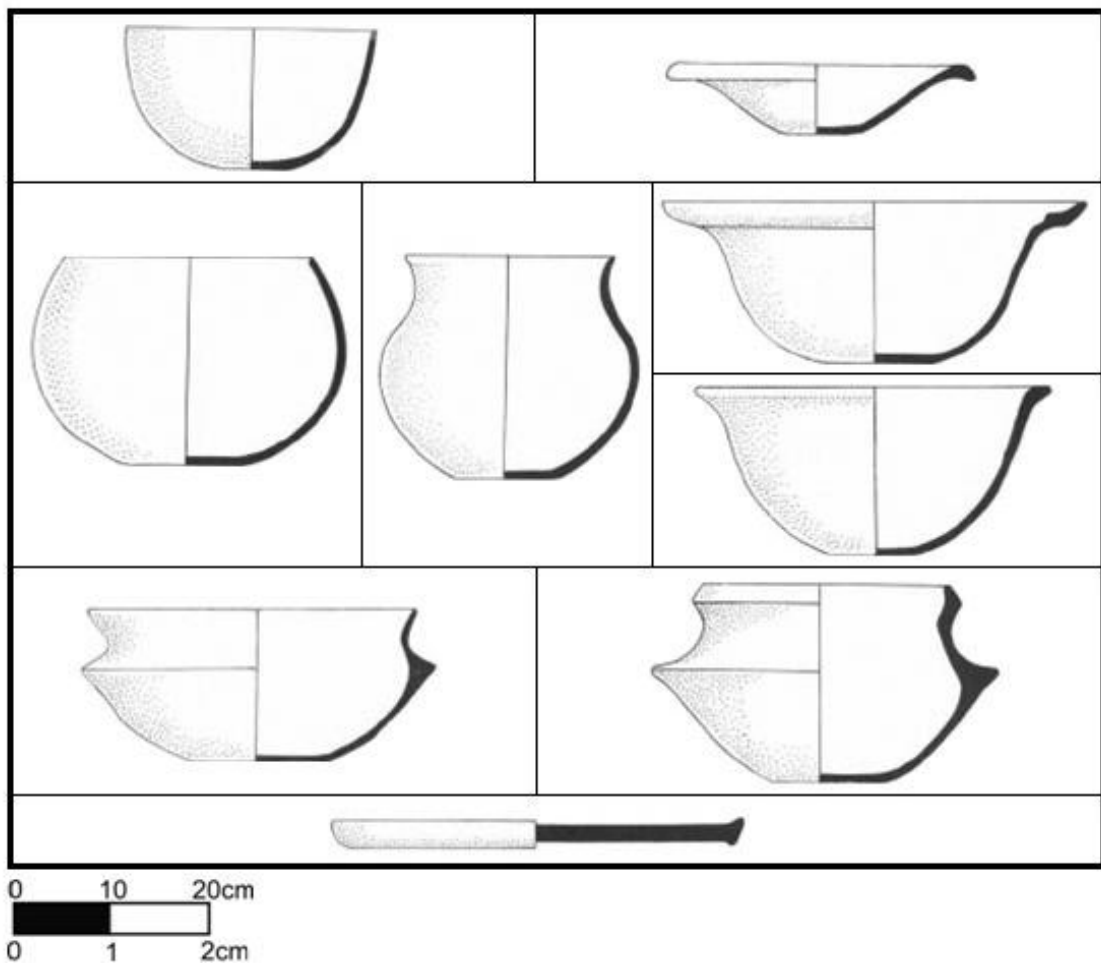
²⁴ Imagens extraídas de Simões e Kalkmann, 1987.

Morfologias da Fase Samambaia²⁵



²⁵ Imagens extraídas de Simões e Kalkmann, 1987.

Morfologias da Fase Manauacá²⁶



²⁶ Imagens extraídas de Simões e Kalkmann, 1987.

Variabilidade artefactual cerâmica rio Madeira

Quatro diferentes fases polícromas são registradas para o Rio Madeira: fase Borba (SIMÕES e LOPES, 1987), fase Marmelos, fase Pupunha e Jatuarana (Miller, 1979 e 1992). A fase Borba foi novamente trabalhada por Moraes (2013) e a fase Jatuarana por Almeida (2013) e Zuse (2014). Infelizmente não tivemos acesso a maiores dados sobre as fases Pupunha e Marmelos. Os dados sobre a fase Jatuarana foram extraídos de Miller (1992) mas principalmente de Almeida (2013).

A fase Borba possui como antiplásticos o cariapé, o cauíxí e o caco moído, tendo por técnica de estruturação das vasilhas o roletado. As decorações incluem engobo vermelho, pintura polícroma, inciso, inciso em ponta dupla, acanalado em ponta dupla, ponteados e modelados.

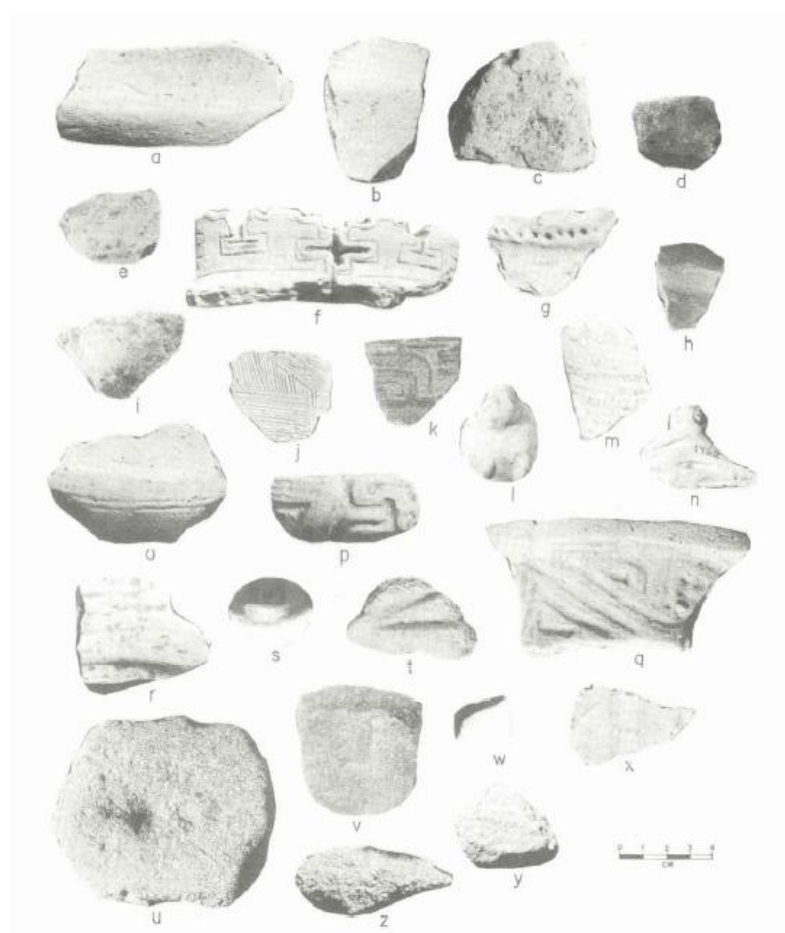


Fig. 2.57 – Cerâmicas da Fase Borba, in Simões e Lopes, 1987.

Um grande número de urnas antropomorfas é conhecido para a calha de Madeira, entretanto, poucos dados existem a respeito dessas, sendo que

muitas carecem de localização mais precisa. Exceção a esse quadro são as urnas analisadas por Moraes (2013) encontradas na comunidade de Borba e Traipu (figura 1.19). Apesar de ter sido achada e retirada por moradores locais, os vestígios remanescentes foram analisados e datados (como apresentado na Tabela 2.6, o material de Borba apresentou uma data de 1310 A.D \pm 30 e o do sítio Traipu outra de 1710 A.D \pm 30). Outro contexto de urnas encontrado no Baixo Madeira foi encontrado no município de Autazes, no sítio Ramal 254. Nesse sítio, durante a construção de uma estrada, um conjunto de 7 urnas foi encontrado, depositadas deitadas em forma circular (MORAES, 2013). As urnas estão sob a guarda de indígenas Mura, que foram responsáveis pelo resgate do material.

Quanto às morfologias, foram classificadas cerca de 8 formas (1,5,6,7,8,11,12 e 18) para a fase Borba, todas elas se repetem em outras fases da TPA.

Para a fase Marmelos não conseguimos obter nenhuma informação sobre sua caracterização. Para a Fase Pupunhas o único dado que possuímos da Fase Pupunha é que no sítio Monense está relacionado a essa fase e nele foi encontrado um conjunto 10 urnas antropomorfas. Segundo comunicação pessoal de Miller a Moraes (2013, p. 34), as urnas eram diferentes entre si e estavam colocadas em paralelo ao barranco por uma área de 14m. Como exposto anteriormente, uma destas urnas foi datada de 1360 A.D \pm 60. A data advém dos vestígios ósseos carbonizados de um indivíduo infantil contido na urna.



Fig. 2.58 – Betty Meggers e uma das urnas do sítio Monense, in Miller, 1979.

A Fase Jatuarana tem como elementos definidores o Cariapé como antiplástico predominante e a presença de cauxí, carvão e areia em menor grau. Entre seus acabamentos estão polimento, brunidura, envernizado, exciso raspado, inciso, ponteados, ungulado, pinçado, serrungulado, acanalado fino, estampado, carimbado, apliques zoo e antropomorfos, engobo vermelho e branco, monocromias (em positivo ou negativo), cores preta, marrom, magenta, vermelho, laranja, amarelo e creme (Miller, 1992a e b; Almeida, 2013).

Vassoler (2014) dedicou-se a análise dos motivos presentes em algumas das peças inteiras ou mais integras com pintura da Fase Jatuarana.

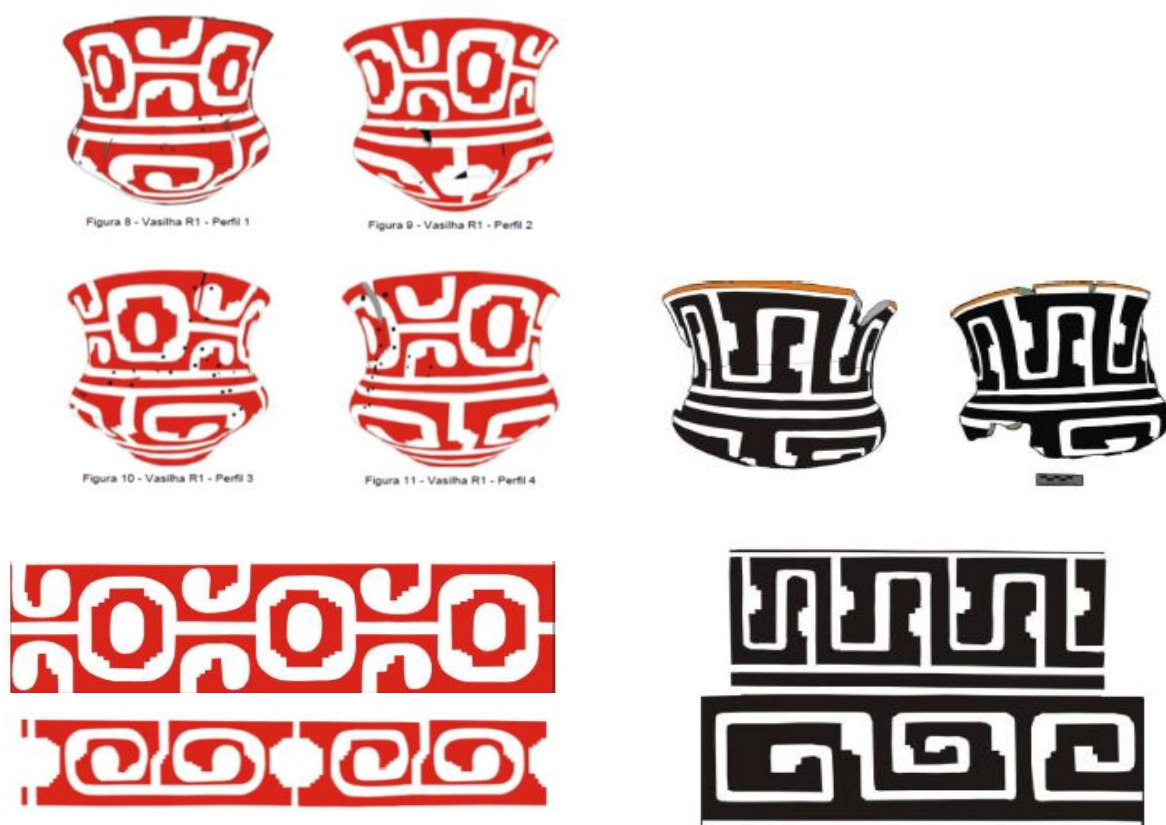


Fig. 2.59 – Motivos encontrados na Fase Jatuarana, in Vassoler, 2014.

Apesar dos extensivos trabalhos de Miller no Alto Madeira até recentemente, apenas uma urna era relatada para essa região. Não identificamos quem teria localizado a urna, mas ela aparece registrada em Meggers e Evans (1968) e Hilbert (1968). Há, entretanto, uma discordância entre os autores sobre qual seria a urna vinda do Igarapé Ipixuna.

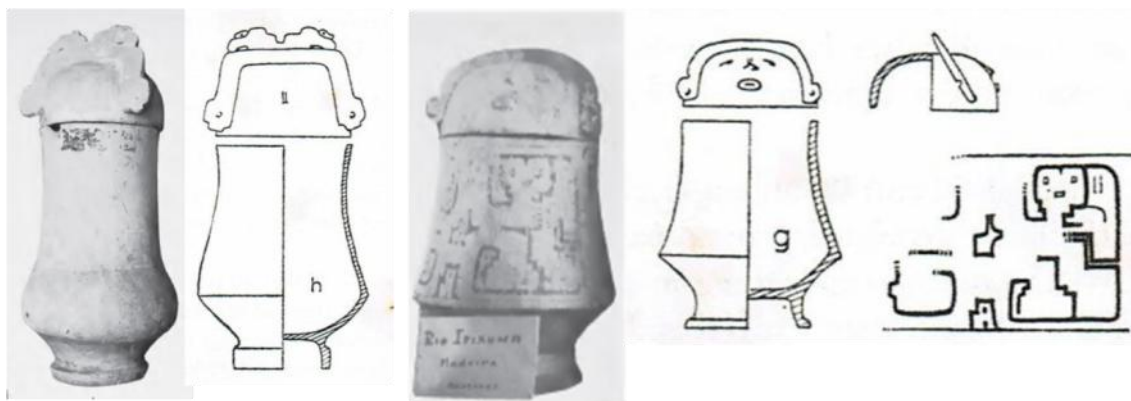


Fig. 2.60 – Hilbert (1968), aponta que a urna do igarapé Ipixuna seja a a esquerda, Meggers e Evans (1968) apontam a da direita.

Recentemente, durante as pesquisas de impacto da UHE Jirau, (MOUTINHO E ROBRAHN-GONZALEZ, 2010) foi encontrado um conjunto de urnas, mas até o momento não existe nenhum trabalho publicado que traga dados consistentes com dados sobre essas (como, por exemplo, conteúdo encontrado, análise morfológica, iconográfica, cronologia ou interpretação). O que sabemos é que pelo menos dois conjuntos foram encontrados: um no sítio Aldeia Jamil e outro em um dos sítios da Ilha do Padre. Outros conjuntos de urnas e vasos de grande porte foram encontrados nessa área, mas não eram relacionados a TPA (DOCUMENTO, 2012a e 2012b). Em um dos sítios, as urnas foram encontradas a 1,5m de profundidade (MOUTINHO E ROBRAHN-GONZALEZ, 2010, p.61). Pelas imagens recuperadas em reportagens de divulgação do acervo da UHE Jirau podemos estimar que as urnas tenham por volta de 50cm de altura. Entretanto, vasilhas pintadas pequenas, cerca de 10cm de altura, também foram encontradas nos trabalhos da UHE Jirau, mas não possuímos informações sobre a relação destas com os conjuntos de urnas.

Ao contrário de outros contextos funerários polícromos onde as urnas aparecem depositadas cuidadosamente – sejam depositadas deitadas (como no sítio Tauary em Tefé ou no sítio Ramal 254 em Autazes) ou de pé como no sítio Jauary em Itacoatiara – as urnas de Jirau parecem ter tombado, mas pouco se pode refletir sobre o contexto deposicional dessas urnas diante da ausência de dados.



Fig. 2.61 – Urnas das Fases Jatuarana encontradas no alto Madeira (Jirau), in Moutinho e Robrahn-Gonzalez.



Fig. 2.62 – Urnas da Fases Jatuarana encontradas no alto Madeira (Jirau) junto com outras urnas e vasos de grande porte em exposição no museu de Mutum-Paraná²⁷.



Fig. 2.63 – Peças de pequeno porte da região de Jirau em exposição no museu de Mutum-Paraná²⁸.

²⁷ http://www.portovelho.ro.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19895%3A2014-11-18-14-53-11&catid=1197%3Anoticias – Acessado em 16.2.2015

²⁸ <http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.newsrondonia.com.br/imagensNoticias/image/jirau%252520internacional%252520007.jpg&imgrefurl=http://www.newsrondonia.com.br/noticias/jirau%2Batrai%2Brepresentantes%2Bde%2Bempresas%2Be%2Borganismos%2Bde%2Bsustentabilidade%2B>

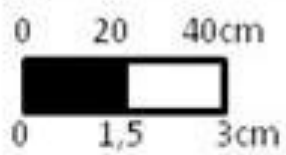
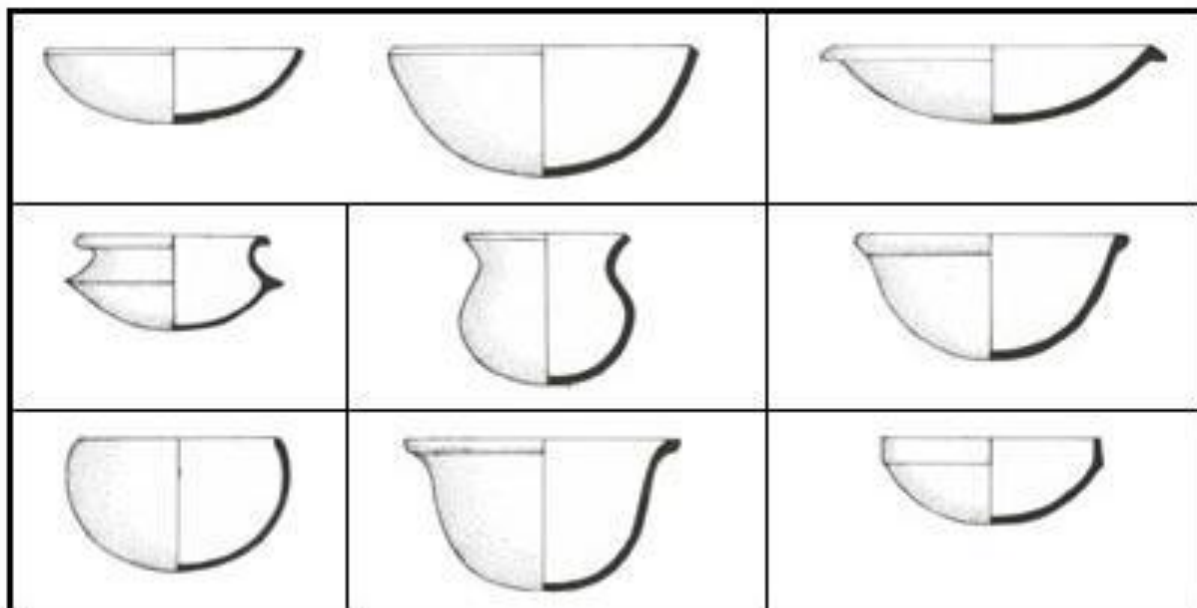
Quanto as morfologias, encontramos na Fase Jatuarana²⁹ cerca de 20 morfologias, das quais sete (1,2,5,6,7,20,21) acontecem também em outras Fases da TPA.

internacionais/37266&h=1063&w=1600&tbnid=A63bi3gUHYu8uM:&zoom=1&docid=9ymaJZbyVBOu7M
&ei=ZFziVKnNJeW1sQSW6YG4Ag&tbm=isch&ved=0CCYQMygJMAk

– Acessado em 16.2.2015

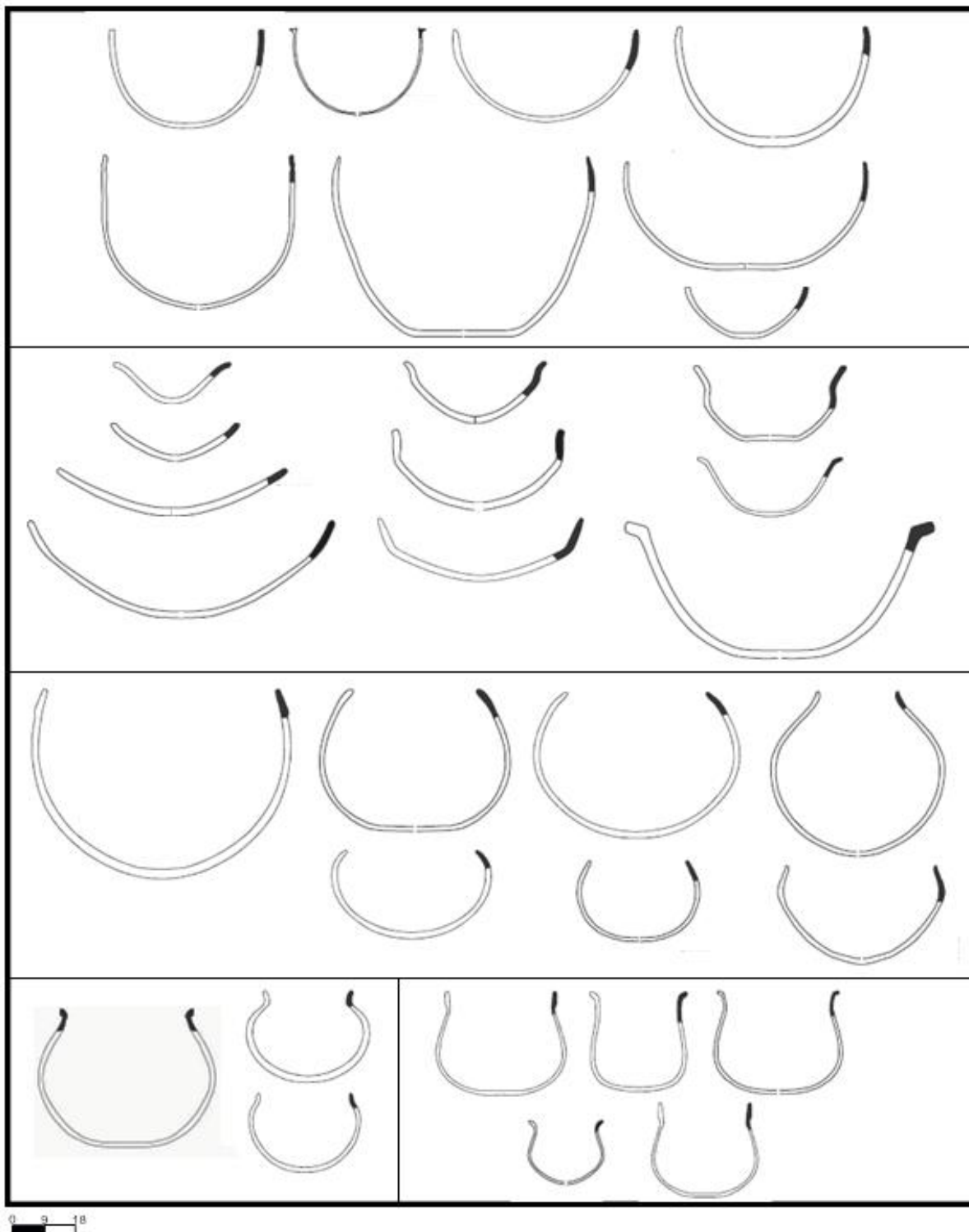
²⁹ A compilação de morfologias da Fase Jatuarana se baseia exclusivamente no trabalho de Almeida (2013), pois não tivemos acesso a esses dados para os sítios trabalhados por Miller. Zuse (2014) relata dificuldades em reconstituir formas em seus contextos, e as vasilhas inteiras registradas pela autora têm suas morfologias abarcadas na síntese de Almeida.

Morfologias da Fase Borba³⁰



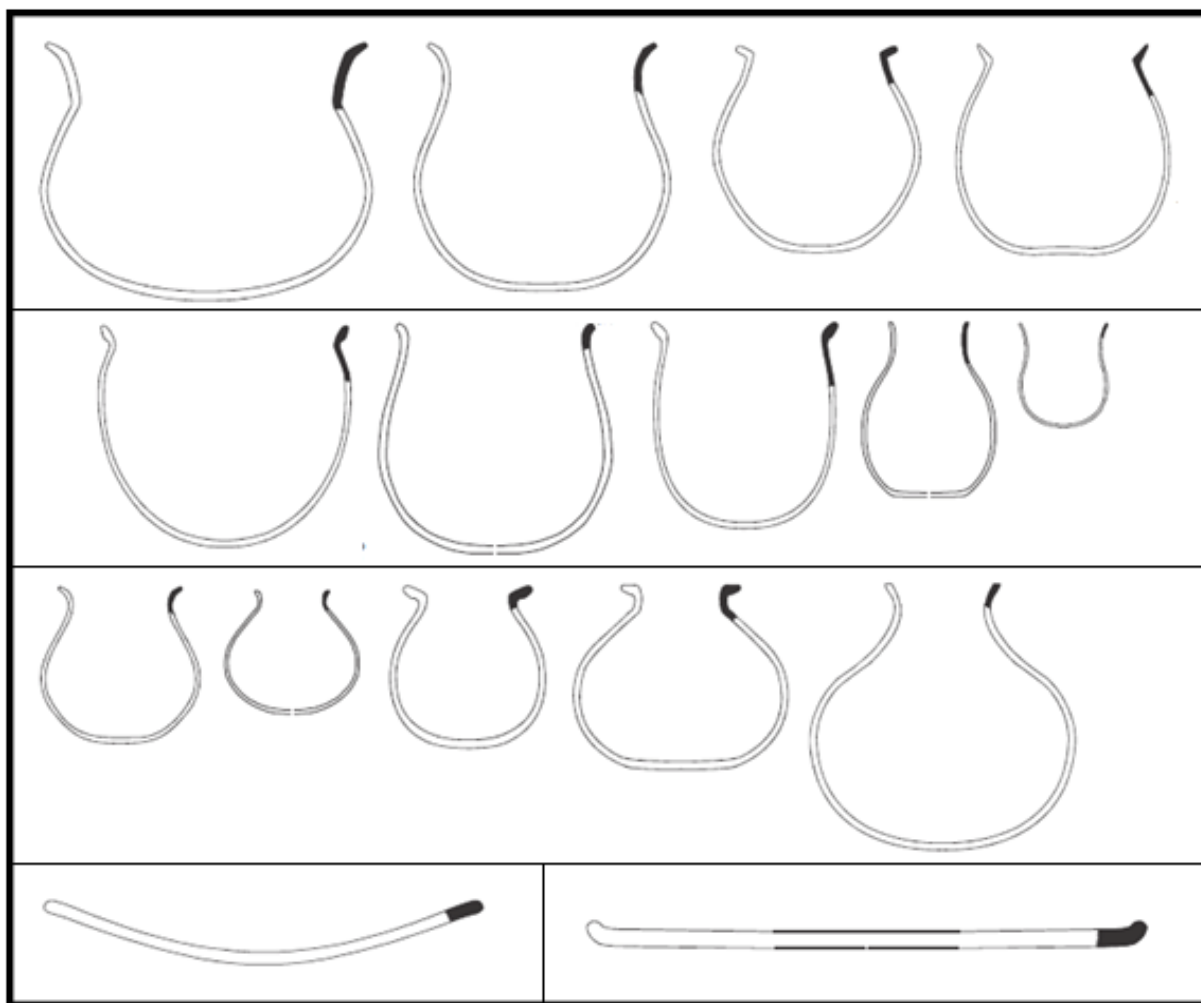
³⁰ Imagens extraídas de Simões e Lopes, 1987.

Morfologias da Fase Jatuarana³¹



³¹ Imagens extraídas Almeida, 2013.

Morfologias da Fase Jatuarana³²



³² Imagens extraídas de Simões e Kalkmann, 1987.

Variabilidade artefactual cerâmica no Baixo Amazonas

No Baixo Amazonas Miller et all. (1992) definiram a Fase Capuru associada a Tradição Polícroma. Pinto Lima vem desde os anos 2000 estudando a região, a autora têm chamado o material associado à TPA cerâmicas Guarita/Miracanguera (Pinto Lima, 2013a, 2013b). Mas em linhas gerais, os conjuntos parecem ser similares apesar das nomenclaturas diferenciadas.

A fase Capuru (Miller et al, 1992) tem a produção das vasilhas por roletes e antiplástico Cariapé, areia e raramente cauxí. As técnicas decorativas encontradas são acanalados, pintura vermelha e preta sobre engobo branco. Não encontramos maiores dados sobre as morfologias do material, entretanto, podemos observar a presença de vasos com flange mesial. É importante observar também pelas fotos a fluência entre formas não típicas da TPA (“vasos em forma de canoa³³”) com os acanalados característicos da mesma.



Fig. 2.64 – Cerâmicas da Fase Capuru a esquerda caso com flange mesial e a direita vaso com boca triangular, ambos com acanalados, in Miller et all 1992.



Fig. 2.65 – Cerâmicas da Fase Capuru a esquerda peças com pintura e a direita vaso com acanalados, in Miller et all 1992.

³³ Expressão cunhada por Moraes, 2013.



Fig. 2.66 – Cerâmicas da Fase Capuru a esquerda peças com acanalado e a direita peças zoomorfas com acanalados e pinturas, in Miller et all 1992. Nessa prancha algumas peças lembram a Tradição Regional Saracá

Outros sítios no baixo Amazonas têm sido estudados por Pinto Lima (2013a, 2013b, PINTO LIMA e COSTA 2004). Nenhuma Fase específica foi criada para TPA pelo trabalhos realizados na região nos anos 1980 (SIMÕES e MACHADO, 1987), Pinto Lima tem chamado o material relacionado a TPA na área de cerâmica Guarita/Miracanguera. Entretanto, esses materiais não são o principal foco do projeto, sendo ainda poucos os dados publicados sobre eles.



Fig. 2.67 – Cerâmicas da TPA no baixo Amazonas, acima e a direita duas urnas antropomorfas, in Pinto Lima, 2013.

Um dos elementos que dá destaque à arqueologia polícroma na região é o fato que poucos sítios claramente polícromos foram identificados. Na verdade, todos os sítios marcados como polícromos parecem ser relativos a áreas de cemitérios com urnas antropomorfas. Isso parece ocorrer pelo intenso fluxo estilístico entre elementos da TPA e elementos locais.

Esse intenso fluxo estilístico dificultou a classificação dos conjuntos artefatuais na região, Simões e Machado (1987) não conseguindo enquadrar essas cerâmicas na TPA nem em outros conjuntos criou a Tradição Regional Saracá.

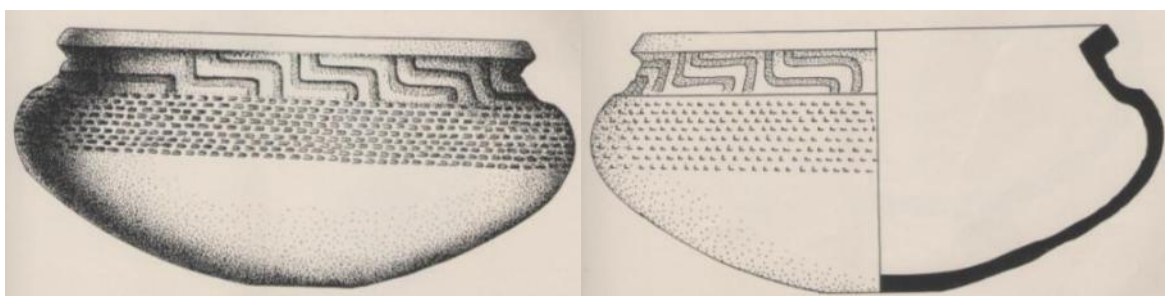


Fig. 2.68 – Cerâmicas Saracá do Baixo Amazonas, in Machado, 1987.

Concordamos com Simões e Machado que a variedade do conjunto não permita enquadrá-lo de maneira singela na TPA. Pinto Lima tem discutido essa e outras questões da TPA na região através da ideia de fronteira. Mais adiante discutiremos essa possibilidade bem como a presença de fluxos de tecnologias entre as fases da TPA e conjuntos locais de outras regiões.

Variabilidade artefactual das urnas funerárias Polícromas

A presença de urnas funerárias antropomorfas é um dos elementos definidores da TPA (Meggers e Evans, 1961, p.9), elas são encontradas em grande quantidade e diversidade nos diferentes pontos de dispersão da TPA. Entretanto, grande parte desses achados são fortuitos realizados por moradores locais ou por pesquisas antigas cuja informação do local de encontro das urnas é pouco precisa. Um estudo detalhado das urnas antropomorfas é ainda uma grande lacuna no entendimento da Tradição Polícroma.

Como já colocado, a falta de dados não nos permite uma análise detalhada das urnas da TPA, mas ao fazermos o exercício de compilação de morfologias nos deparamos com algumas possíveis regionalidades na distribuição dessas urnas. Como esse capítulo tem um caráter ensaístico nos propomos, então, a esboçar essa relação entre morfologias funerárias e regionalidades.

Tipo 1: Urnas que carregam instrumentos nas mãos

Nessas urnas o antropomorfismo torna-se bastante destacado pela produção modelada dos membros superiores e inferiores, mas o elemento que realmente as distingue é portar um instrumento (diferentes tipos de instrumentos foram encontrados, mas as funcionalidades desses ainda não foram estudadas) entre as mãos, sempre alinhado com o rosto. Outro diferencial é a ausência do diadema que marca a delimitação do rosto antropomorfo em grande parte as urnas policromas. Esses diademas tendem a terminar em volutas que representam serpentes ou alargadores. Essas urnas são, até o momento, exclusivamente encontradas no Napo Equatoriano. Ver figura 2.69.

Tipo 2: Urnas em Forma de vaso restritivo

Grande parte das urnas policromas possui estrutura central tubular a partir da qual o antropomorfismo é expresso por diferentes mecanismos (modelagem de braços e pernas, modelagem do rosto, pintura do rosto entre outras). Contudo, nesse conjunto de urnas a forma é de uma vasilha fechada (forma 10 do quadro comparativo de morfologias) onde em um dos lados é expresso um rosto marcado pelo diadema típico das urnas da TPA. Até agora essas urnas são conhecidas apenas para o Napo Equatoriano e para o médio Ucayali. Ver figura 2.70.

Tipo 3: Urnas com corpos sobre bancos e apliques diversos sobre a cabeça

Recente na área do rio Tefé (sítio Tauary) um conjunto com morfologias ainda não conhecidas para TPA foi encontrado. A principal distinção entre essas urnas e as demais urnas da TPA é a presença de bancos e apliques de cabeça. Ambos elementos eram conhecidos em outras urnas da TPA mas nunca haviam sido encontrados articulados em uma mesma urna, A forma como bancos e urnas se apresentam também é diferenciada nesse conjunto.

Algumas urnas da Fase Napo, como mostrado anteriormente (fig. 2.35 e 2.36), apresentam corpos assentados sobre bancos. Em outras morfologias da TPA, como nas urnas do sítio Ramal 254, os corpos estão assentados sobre pedestais que parecem representar bancos. Em outros vasos funerários relatadas para o Baixo Amazonas e Baixo Madeira (fig. 2.20 e 2.67) são encontradas urnas com alicate sobre a tampa em forma do corpo de uma ave (interpretada como o urubu rei).

Nas urnas do sítio Tauary, detalhadamente descritas no capítulo anterior, todas as peças apresentam bancos e apliques sobre cabeça. Interessante destacar que encontramos 3 tipos de morfologias de banco nessas peças, todas diferentes daquelas encontradas no Napo. Além disso, os apliques sobre a tampa não representam o corpo inteiro da ave, apenas sua cabeça, e são encontrados diferentes tipos de aves (urubu, coruja, outra ave não identificada) e um antropomorfo. Ver figura 2.71.

Tipo 4: Urnas com face sobre o cilindro central

Um tipo de urna amplamente conhecida para o baixo Amazonas apresenta antropomorfismo marcado pela presença de um rosto na parte superior do vaso. Até pouco tempo, essas urnas eram conhecidas exclusivamente para o baixo Amazonas. Contudo, um exemplar similar foi encontrado no sítio Cemitério Curupira, no médio baixo Solimões, outra no alto Madeira, na área da atual hidroétrica de Jirau. Ver figura 2.72.

Urnas de ampla dispersão

Algumas morfologias de urna por outro lado são encontradas com recorrência em diferentes regiões, como o tipo cilíndrico de antropomorfismo

destacado pelo modelado dos membros e do rosto, este último colocado na tampa. Urnas desse tipo (ver figura 2.73) foram registradas em Uricurituba, baixo Amazonas, e Nova Olinda, no baixo Madeira. Outra urna com formato similar foi encontrada por Moraes (2013) em Borba (Fig. 2.20), mais acima na calha do Madeira. Entre Borba e Uricurituba há uma distancia de cerca de 280 quilômetros.

Entretanto, é preciso frisar que apesar das ocorrências regionais aqui destacadas em todas as áreas onde ocorrem urnas polícromas é registrada uma grande diversidade morfológica dessas. Nesse quadro é importante retomar a constatação de que acima da área de confluência até agora não foram encontradas urnas antropomorfas polícromas na calha do Rio Negro.

Apesar de não conseguirmos avançar mais detalhadamente na análise das urnas polícromas (que precisam ser analisadas não apenas pela sua morfologia, mas também por sua iconografia e pelos comportamentos funerários que encerram), pois carecemos ainda de muitos dados, é necessário destacar quanto esse elemento é importante para pensarmos a dispersão, permanências e variações dentro da TPA através do espaço e do tempo. Essa afirmação baseia-se entre outras coisas na ideia de que é no momento da morte que o indivíduo consolida seu status, muitas vezes fluído entre diferentes categorias cotidianas (RAPP PY-DANIEL, 2015; McCALLUM, 1996).

Os dados contextuais sobre as urnas antropomorfas polícromas são poucos, mas indicam um predomínio de deposição de urnas na horizontal, apenas um contexto no baixo Amazonas apresentou uma urna depositada em pé. Os dados de cronologia também são escassos, contudo, os quatro contextos até o momento datados apresentam uma cronologia bastante recente no quadro geral da TPA.

Tabela 2.13 – Cronologia de contextos de urnas antropomorfas polícromas

Sítio	Calha	Data
Tauary	Médio-Alto Solimões	1410 e 1550 A.D ± 30
Borba	Médio-Baixo Madeira	1310 A.D ± 50
Traipu	Médio-Baixo Madeira	1710 A.D ± 30
Monense	Médio-Baixo Madeira	1360 A.D ± 60



Fig. 2.69 – Urnas tipo 1, ambas da Fase Napo, in Meggers e Evans, 1968 e Rostain,

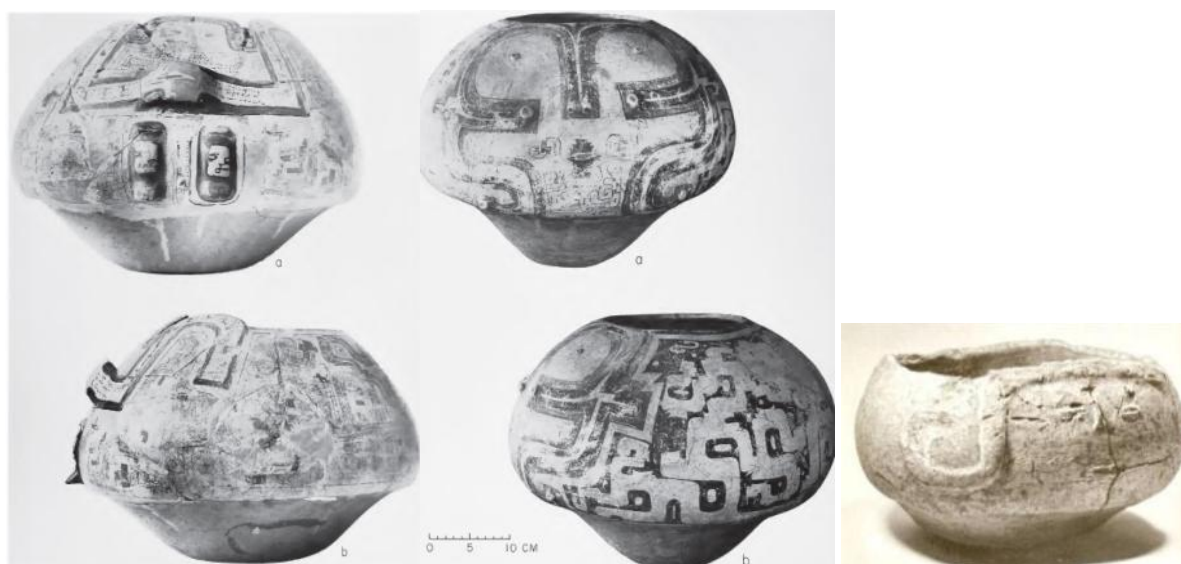


Fig. 2.70 – Urnas tipo 2, as duas primeiras figuras são da Fase Napo e a outra é a Fase Caimito, in Meggers e Evans, 1968 e Lathrap, 1970.



Fig. 2.71 – Urnas do tipo 3, peças da Fase Tefé. Fotos Erândira Oliveira



Fig. 2.72 – Urnas do tipo 4, peças da *a, b, c* e *d* são provenientes do baixo Amazonas, peça *e* médio baixo Solimões e peça *f* alto Madeira. Imagem *a* in Pinto Lima, 2013; imagens *b* e *c*, in Pinto Lima e Costa, 2004; imagem *d* foto Cristiana Barreto; imagem *f* foto Danilo Curado.



Fig. 2.73 – Urnas de ampla dispersão, peças *a* esquerda são do baixo Amazonas, in Pinto Lima e Costa, 2004 a direita peça do baixo Madeira, fotos: Cristiana Barreto.

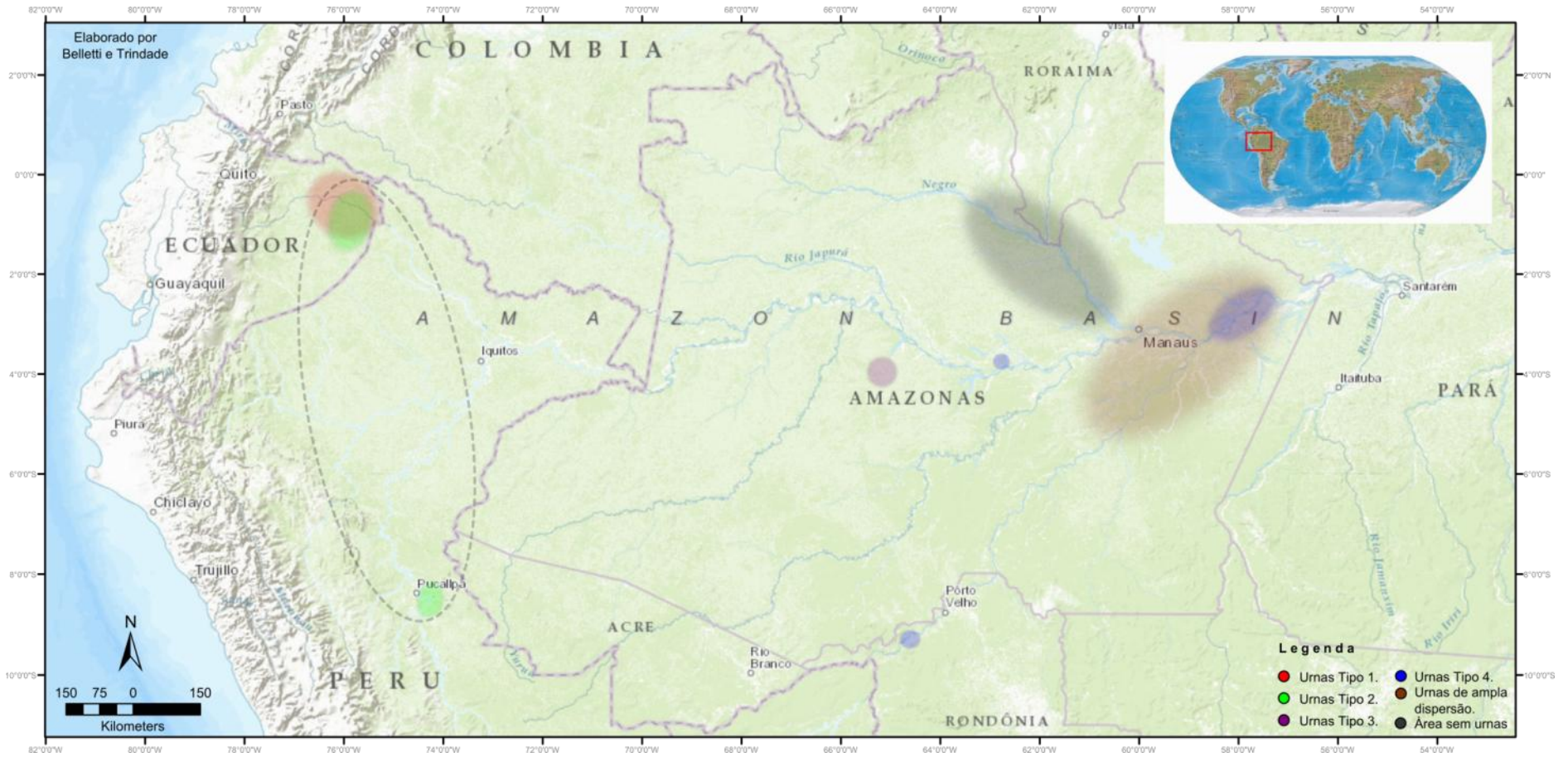


Fig. 2.74 – Mapa de distribuição dos tipos de urnas referidas. O círculo tracejado indica a lacuna de pesquisas entre as duas áreas o que não nos permite saber ainda se as urnas do tipo 2 estão pontualmente dispersas ou se estão consistentemente distribuídas.

Síntese sobre a variabilidade artefactual da cerâmica na TPA

Quanto às técnicas de estruturação da vasilha, não são descritas grandes diferenças entre as diferentes Fases da TPA. O roletado predomina, ocorrendo modelado apenas em elementos pontuais.

Todavia, na produção das pastas apesar de encontrarmos em quase todas as Fases o uso de cariapé ou cauxí podemos observar diversidades regionais, tanto na frequência dos usos desses dois antiplásticos como na ocorrência de outros.

Tabela 2.14 - Síntese dos dados sobre usos de antiplástico

Fase	Antiplásticos
Napo	cariapé, carvão, areia
Caimito	caco moído, ocasionalmente areia e raro uso do cauxí
Zebu	cariapé carvão e caco moído
Nofurei	cariapé e carvão
São Joaquim	cariapé
Pirapitinga	cariapé
Tefé	cariapé, cauxí
Guarita	cariapé, cauxí
Apuaú	cariapé, cauxí
Samambaia	cariapé, cauxí, carvão
Manauacá	cariapé, cauxí, carvão
Capuru	cariapé, cauxí, areia
Borba	cariapé, cauxí, carvão
Marmelos	sem Informação
Pupunha	sem Informação sem Informação
Jatuarana	cariapé, cauxí, carvão

A Oeste, em fases como Napo, Caimito e Zebu, vemos um destaque nos usos do antiplástico como caco moído e uma baixa popularidade do cauxí, muito popular nas pastas polícromas do Solimões e Negro. O carvão aparece citado em muitas fases, contudo, apesar de ocorrente não é um dos antiplástico significativos no Solimões, na área de confluência e baixo Amazonas.

Tamanaha (2012) em sua análise da Fase Guarita em uma extensa área do médio baixo Solimões, cerca de 400km, evidenciou variabilidade no uso de antiplásticos entre os sete sítios por ele analisados.

Tendo em comparação as tecnologias das Fases Manacapuru e principalmente Paredão, ocorrentes na área de confluência dos rios Negro e Solimões, nas quais haveria uma maior padronização e uma menor variabilidade nas pastas, Tamanaha acredita que os antiplásticos não são um bom índice de continuidade dentro da Fase Guarita, cujos principais elementos comuns seriam, então, a estética dos vasos e a manutenção de morfologias (TAMANAHA, 2012, p. 125).

Entretanto, pensamos que não podemos olhar a presença/ausência de antiplástico de forma isolada, tendo em mente que esses representam pastas que, por sua vez, relacionadas a outros elementos produzem performances. As performances das pastas são dadas não apenas pelos antiplásticos a ela acrescentados, mas também pelas características físico-químicas da argila e pelas condições de queima a qual foi submetida (e quando da elaboração da vasilha, a espessura da parede, a técnica de estruturação da peça e mesmo a forma influenciam na performance da pasta) (SCHIFFER E SKIBO, 1992, 1997; CHILTON, 1999b; MACHADO, 2005 e 2005-2006). É claro que dentro da extensão na qual evidenciamos a TPA inúmeras fontes de argila com diferentes propriedades físico-químicas foram utilizadas, bem como diferentes aspectos da queima podem ter se diferenciado (disponibilidade de combustíveis com maior ou menor capacidade térmica, estruturas de combustão etc). Ou seja, performance da pasta é determinada por um conjunto de fatores, sendo assim pastas com antiplásticos diferentes podem gerar uma performance similar.

E é preciso ter em mente que ao longo de tão ampla dispersão geográfica e permanência cronológica, as performances selecionadas para as vasilhas da TPA podem ter variado, levando a diferentes pastas, acabamentos e morfologias regionais.

Assim como Tamanaha (2012), evidenciamos variabilidade no uso de antiplásticos nas diferentes Fases da Tradição Polícroma. Contudo, sem análises que procurem entender as performances das pastas e dos vasos dentro das regionalidades e cronologias ainda pouco compreendidas da TPA

não podemos utilizar a presença/ausência de antiplásticos como índice para as continuidades da Tradição Polícroma.

A variabilidade nos usos de antiplásticos dentro da TPA nos leva a refletir quanto à lacuna de compreensão sobre as performances dos materiais cerâmicos dessa tradição. Sabemos quais materiais estão sendo utilizados, mas não sabemos por que portadores da TPA selecionaram tais materiais e quais os significados dessa seleção.

Quanto aos elementos decorativos da TPA, ainda conhecemos melhor as técnicas que os motivos. A presença da pintura preta e vermelha sobre o engobo branco e o acanalado são as técnicas mais destacadas como índices de reconhecibilidade da cerâmica policroma. Mas ambas as técnicas variam regionalmente.

O acanalado tão marcante na área de confluência aparece em outras regiões, entretanto, na calha do médio alto Solimões até o Napo é significativa a presença de acanalados feitos com instrumento de pontas múltiplas, que também são relatados para o rio Negro. Pontilhados e escovados, não comumente apontados para a TPA, aparecem de forma mais significativa no rio Negro e em Araracuara (Caquetá). Contudo, ainda temos dúvidas se essas técnicas não estão restritas a materiais não policromos em sítios que em um primeiro momento foram identificados como unicomponenciais.

A profusão de técnicas decorativas combinadas e a complexidade da combinação de motivos na composição das cerâmicas Napo, juntamente com o alto grau de preservação da pintura encontrado em muitas peças faz com que essa fase tenha grande destaque quando se fala sobre a diversidade de técnicas de decoração policromas. Contudo, as fases Caimito, Nofurei Jatuarana são aquelas que apresentam as maiores diferenças em relação às demais. A fase Nofurei apresenta campos com pontilhados e escovados, além da presença de material claramente policromo na fase ser quantitativamente pequena. A Fase Caimito foi definida a partir da escavação de 3 sítios, ela apresenta um grande número de morfologias diferentes da TPA e uma série de motivos não ocorrentes na TPA, como ondulados. Em ambas as fases parece haver fluxos tecnológicos entre de material policromo e outros materiais, o que nos coloca a questão desse os sítios usados para definir essas fases não seriam como o Conjunto Vilas? Onde materiais da TPA chegam por formas

diversas mais que pela existência de uma ocupação policroma de fato. É preciso lembrar que ambas as fases estão localizadas em pontos extremos geograficamente de dispersão da TPA.

No material Jatuarana os acanalados quase não ocorrem e encontra-se com mais frequência incisos largos, a pintura branca sobre vermelha registrada nas outras fases de forma discreta aparece de forma destacada. As combinações de preto e vermelho sobre engobo branco acontecem de forma discreta enquanto predomina a bicromia (branco sobre vermelho, vermelho sobre branco ou branco sobre preto). É interessante notar que a diversidade da fase Jatuarana em relação a outras fases da TPA não é encontrada apenas na variabilidade cerâmica, mas também quanto ao registro. Nos três sítios unicomponenciais dessa no Alto Madeira até o momento escavados foram encontrados montículos, o que não ocorre em outras fases da TPA.

Como podemos observar as descrições de variabilidade acima expostas nos falam sobre as técnicas decorativas presentes nas diferentes fases da TPA, mas pouco nos falam sobre os temas expostos na TPA. Felizmente esse quadro vem recentemente mudando, após as discussões iniciais de Weber (1992), trabalhos recentes de Moraes (2013), Oliveira (2014) e Vassoler (2014) vem se preocupando em explorar os elementos e temas presentes na iconografia da TPA.

Quanto à composição dos campos decorativos, nos campos compostos por técnica acanalada motivos diferentes aparecem representados e técnicas de espelhamento diversas são utilizadas (OLIVEIRA, 2014). Como demonstra Oliveira (2014), a pintura pode ser usada para destacar motivos presentes dentro de um campo feito em acanalado. Na maioria das fases da TPA a pintura aparece elaborada por elementos diferenciados cuja composição é complexificada por uma alternância no tamanho dos motivos representados e assimetria.

Oliveira (2014) tem apontado a diversidade nas representações entre as áreas próximas ao lago de Coari e do lago de Manacapuru. A partir dos desenhos de Moraes (2013), a autora também salienta o contraste entre as representações entre os rios Solimões e Negro.

As análises de Oliveira baseiam-se nos motivos elaborados pela técnica acanalada em vasos com flange mesial. Na região do alto Madeira ainda não

foi registrada a presença de vasos com flange e a técnica acanalada é rara. Vassoler aproveitou-se de um conjunto de vasos inteiros com decoração pintada conservada para registrar os motivos presentes na iconografia da Fase Jatuarana. Os dados de Vassoler (2014) demonstram a presença de elementos comuns entre a iconografia do alto Madeira e de outras áreas da TPA. Entre esses destaca-se os motivos ofídeomorfos (que Vassoler chama de serpente bicéfala, volutas duplas e voluta simples) e um que chamaremos de motivo 2 (que Vassoler chama de motivo estribo).

Motivo 1:



Fig. 2.75 – Variações de motivos ofídeomorfos em diferentes regiões.

Motivo 2:



Fig. 2.76 – Motivo 2 em peças do baixo Amazonas, médio alto Amazonas e alto Madeira.

Contudo, no alto Madeira os campos parecem compostos de forma diferente. Um ponto de destaque é o tamanho dos motivos, Vassoler mostra esses motivos sempre colocados de forma grande (como já apontado por Almeida, 2013). Em outras áreas da TPA (como vimos nas imagens das urnas do sítio Tauary, no material Napo ou nos decalques de Oliveira e Moraes) alguns motivos podem aparecer do modo destacado na composição do campo, entretanto, são permeados de outros motivos.

Outro motivo se repete em várias regiões e fases, seu elemento básico é uma espécie de triângulo escalonado com um ponto no centro (figura, 2.77). Na imagens *a* e *b* abaixo vemos esse motivo compondo a cabeça de um antropomorfo, nas imagens *c* e *d* ele representa cabeça de um motivo similar a serpente bicéfala. Os antropomorfos foram feitos articulando técnicas de acanalado e pintura, já nos motivos similares a serpente bicéfala eles são apenas pintados. Nas flanges mesiais dos vasos do médio baixo Solimões Oliveira (2014, 2015) tem encontrado grande recorrência desse motivo (imagens *e* e *f*). Em alguns casos o triângulo escalonado pode apresentar dois olhos (*g* e *h*).

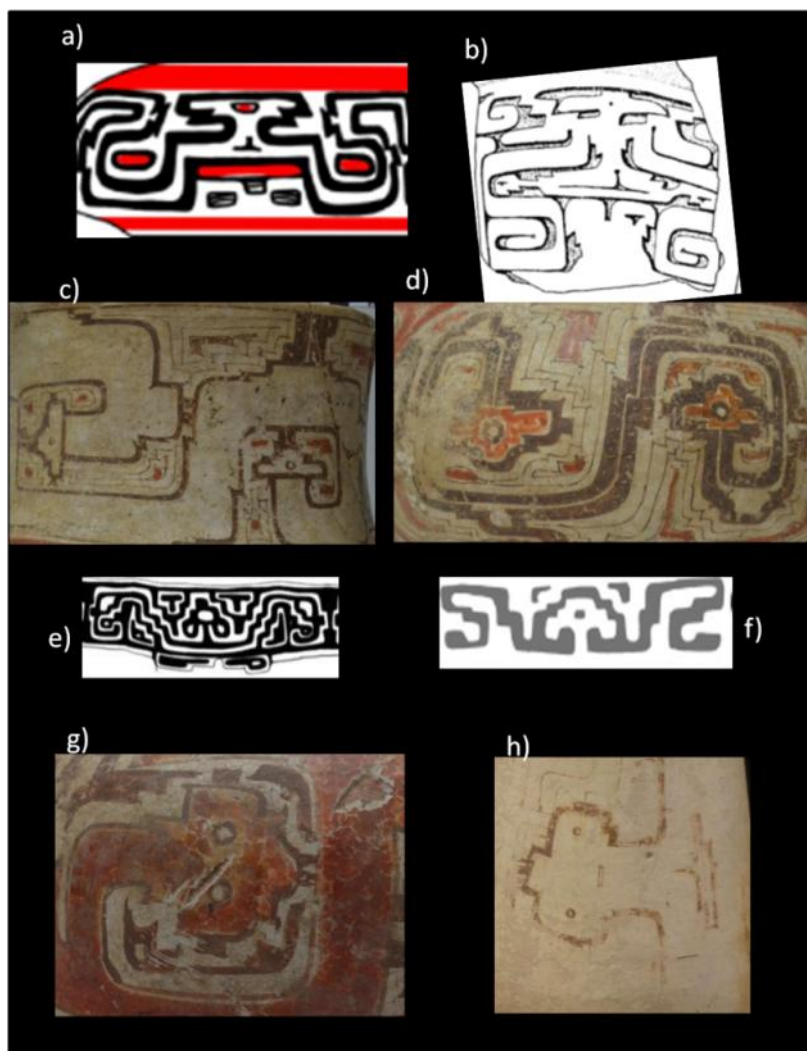


Fig. 2.77 – Motivo 3, imagem a está em uma urna sem localização exata, mas provavelmente dos arredores de Manaus, in Moraes, 2013; a segunda imagem é de um vaso da fase Nofurei (Caquetá), in Herrera, McEwan e Bray, 1982; as imagens *c*, *d* e *g*, são de urnas funerárias da Fase Tefé, médio alto Amazonas, fotos Erêndira Oliveira; as imagens *e* e *f* são de vasos com flange mesial do médio baixo Solimões, desenhos Erêndira Oliveira; imagem *h* urna funerária dos arredores de Manaus, foto Cristiana Barreto.

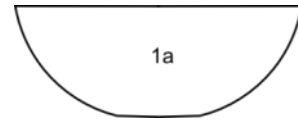
Quanto as morfologias podemos identificar que a maioria das fases da TPA apresenta entre 7 e 9 morfologias, mas como bem podemos evidenciar na Fase Guarita quanto mais são aprofundados os estudos em uma região mais amplo se torna o espectro de formas conhecidas. Identificamos 21 morfologias que se repetem entre as diferentes fases da TPA, adiante colocamos um quadro geral com essas formas que se repetem e abaixo descrevemos essas morfologias. As formas por fase foram colocadas ao longo do texto.

Tabela 2.16 – Ocorrência de morfologias por Fases da TPA

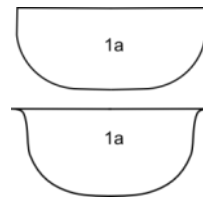
Morfologia/ Fase	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
Napo	x	x	x				x			x		x		x			x	x	x		
Caimito	x		x	x	x				x	x		x		x	x		x	x	x	x	
Zebu	x	x		X					x	x		x			x		x	x			
Nofurei	x				x		x			x			x				x		x	x	
Pirapitinga					x				x			x	x			x	x				
São Joaquim	x	x	x		x	x			x			x	x			x		x			
Tefé	x	x						x								x	x	x	x		x
Guarita	x		x		x	x	x	x				x	x		x	x	x	x		x	
Apuaú	x			x	x	x	x	x	x		x	x	x					x	x		
Samambaia	x				x	x	x	x				x						x			
Manauacá	x				x	x	x	x				x						x			
Borba	x				x	x	x	x			x	x						x			
Jatuarana	x	x			x	x	x													x	x

- **Descrição das morfologias do quadro comparativo das morfologias ocorrentes na TPA**

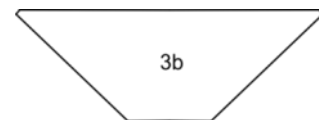
1. Forma irrestritiva de contorno simples de sessão única circular (1a) e com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia entre reta e expandida e a forma da base pode ser plana ou côncava, o lábio pode ser plano, arredondado, afiliado ou biselado. Não costuma apresentar intervenções plásticas. As relações métricas variam bastante dentro dessa forma o diâmetro da boca pode ser igual a altura ou mesmo o dobro, o triplo ou até mais.



2. Forma direta de contorno simples de sessão única circular (1a) e com sessão horizontal também circular. A forma da borda varia entre reta e expandida, mas pode ainda apresentar flanges labiais. A forma da base pode ser plana ou côncava, o lábio pode ser plano, arredondado, afiliado ou biselado. Não costuma apresentar intervenções plásticas. As relações métricas variam bastante dentro dessa forma o diâmetro da boca pode ser igual a altura ou mesmo o dobro ou o triplo.

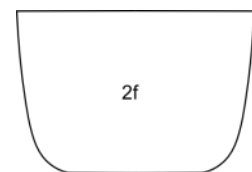


3. Forma irrestritiva de contorno simples de sessão única triangular (3b) e com sessão horizontal quadrangular. A forma da borda pode ser reta,



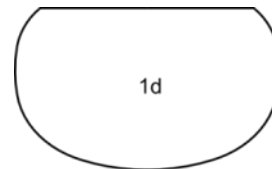
expandida ou recortada, mas pode ocorrer também afilada ou arredondada e a forma da base é predominantemente plana, o lábio pode ser plano, arredondado afiliado ou biselado. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas o diâmetro da boca tende a ser três a uma vez e maior que a altura.

4. Forma irrestritiva de contorno simples de sessão única trapezoidal (2f) e com sessão horizontal circular. A forma da borda pode ser reta ou expandida, a forma da base é predominantemente plana, o lábio pode ser plano, biselado, arredondado ou afiliado. Não costuma apresentar intervenções plásticas.



Quanto às relações métricas predomina o diâmetro da boca 50% maior que a altura, mas a relação varia para mais e para menos ocorrendo também diâmetro da boca 2 vezes a altura ou diâmetro de boca muito próximo a altura.

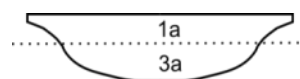
5. Forma restritiva de contorno simples de sessão única circular (1d) e com sessão horizontal circular. A forma da borda pode ser reta ou expandida, a forma da base é predominantemente plana, o lábio pode ser plano, biselado, arredondado ou afilado. Não costuma apresentar intervenções plásticas.



Quanto às relações métricas, a altura tende a ser de 5% a 25% maior que o diâmetro de boca.

6. Forma irrestritiva de contorno simples com sessão única trapezoidal (2b ou 2c) e com sessão horizontal circular. A forma da borda pode ser reta ou expandida e ocasionalmente reforçada externa; a forma da base é predominantemente plana, o lábio é predominantemente plano, podendo ocorrer também biselados e arredondado, raramente arredondados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas, essa forma é a que possui maior diferença entre altura e diâmetro, sendo o diâmetro da boca entorno de 10 a 15 vezes maior que a altura.

7. Forma irrestritiva de contorno composto infletido ou angular (predominando o último) com sessão inferior

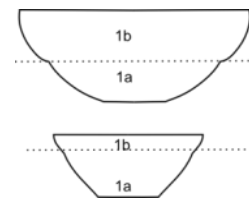


circular (1a) e superior triangular (3a), sessão horizontal circular tanto superior como no ponto angular. A forma da borda é predominantemente uma flange labial, mas pode ocorrer também lábios expandidos e mais raramente reforçados. A base é predominantemente plana, mas pode ocorrer bases côncavas, o lábio é predominantemente arredondado ou afilado, podendo ocorrer também biselados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas, o diâmetro da boca tende a ser de 15 a 25% maior que o diâmetro do ponto de inflexão. O diâmetro de boca tende a ser 4 a 5 vezes o valor da altura. OBS: A morfologia aqui descrita se refere ao que tem sido popularmente chamado de “prato polícromo” na arqueologia amazônica.

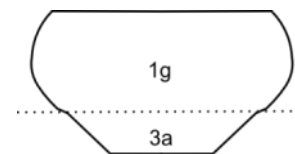
Em pelo menos dois sítios, Lauro Sodré (médio Solimões) e Paricatuba (baixo Rio Negro)³⁴, foram registradas formas chamadas de “pratos quadrados”, ou seja, com as mesmas características de estrutura da forma descrita acima contudo com sessão horizontal quadrangular tanto superior como no ponto angular. Pela rara ocorrência, a documentação sobre essas peças é bastante escassa, não nos permitindo inferências sobre suas relações métricas. OBS2: é possível que em suas descrições de morfologia Simões³⁵ tenha agrupado outras formas cujas proporções métricas são diferentes.

8. Forma irrestritiva de simples com sessão única circular (2b) e com sessão horizontal circular. A forma da borda é reforçada externa e a base é predominantemente plana, o lábio pode ser arredondado ou afiliado. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas predomina altura com 50 a 70% do valor do diâmetro da boca, mas a relação varia para mais e para menos.

9. Forma com abertura irrestritiva de contorno composto angular com sessão inferior circular(1a) e superior também circular (1b) sessão horizontal superior e no ponto angular circular. A forma da borda é predominantemente reta, podendo ocasionalmente ocorrer bordas expandidas e reforçadas externas. A base é plana, o lábio principalmente plano, mas ocorrem arredondados e biselados .Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas o diâmetro da boca tende a ser de 15 a 25% maior que o diâmetro do ponto de inflexão. O diâmetro de boca tende a ser 2 a 3 vezes o valor da altura.



10. Forma restritiva de contorno composto angular com sessão inferior triangular (3a) e superior circular (1f), sessão horizontal superior e no ponto angular, circular. A forma da borda é predominantemente reta. A base é plana, o lábio é plano ou

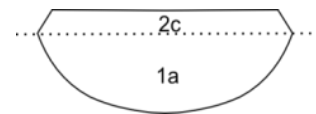


³⁴ Respetivamente Tamanaha (2012), Arroyo-Kallin (2014, comunicação pessoal).

³⁵ Simões e Kalkman (1987), Simões e Lopes (1987).

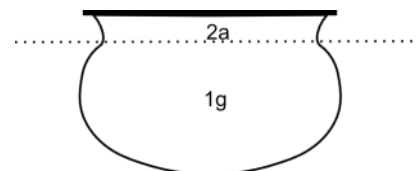
arredondado. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas encontramos nessa morfologia três diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de inflexão e o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão superior). O diâmetro do ponto angular tende a ser entre 5 e 15% menor que o diâmetro da boca, enquanto o diâmetro maior tende a ter valor 30 a 40% maior que o diâmetro de boca. A altura tende a ser 30 a 40% menor que a medida do diâmetro da boca.

11. Forma restritiva de contorno composto angular com sessão inferior circular(1a) e superior trapezoidal (2c invertida), sessão horizontal superior e no ponto angular circular.



A forma da borda é predominantemente reta, podendo ocorrer bordas sutilmente expandidas. A base é plana, o lábio principalmente arredondado, mas ocorrem afilados e biselados. Quanto às relações métricas o diâmetro da boca tende a ser de 5 a 15% menor que o diâmetro do ponto angular. O diâmetro de boca tende a ser 2 ou 3 vezes o valor da altura.

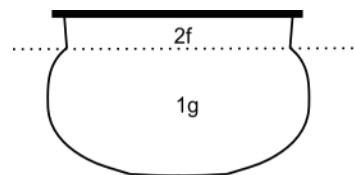
12. Forma restritiva de contorno composto infletido com sessão inferior circular (1g) e superior trapezoidal (2a), sessão horizontal superior e no ponto de inflexão circular.



A forma da borda é predominantemente reforçada externa, podendo ocasionalmente ocorrer flanges labiais. A base é plana, o lábio principalmente plano, mas ocorrem arredondados e biselados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas encontramos nessa morfologia três diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de inflexão e o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão inferior). O diâmetro do ponto de inflexão tende a ser entre 5 e 15% menor que o diâmetro da boca enquanto o diâmetro maior tende a ter valor 15 a 25% maior que o diâmetro de boca. O valor da altura é 25 a 35% menor que o diâmetro de boca.

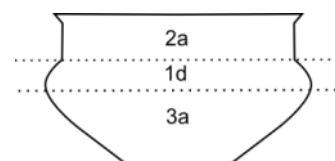
13. Forma restritiva de contorno composto angular com sessão inferior circular(1g) e superior trapezoidal (2f), sessão horizontal superior e no ponto de

inflexão circular. A forma da borda é predominantemente reforçada externa e apresenta raramente flanges labiais. A base é plana, o lábio é principalmente plano, mas pode ocorrer biselados e arredondados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas essa forma apresenta 3 diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de angular o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão inferior). O diâmetro do ponto de angular tende a ser de 5 a 15% menor que o diâmetro da boca, enquanto o diâmetro maior varia entre 10 a 15% maior que o diâmetro da boca, mas, em alguns casos, esses diâmetros podem ter medidas equivalentes. A altura varia de forma mais ampla sendo entre 10 a 30% menor que o diâmetro da boca.



Observação: essa morfologia equivale ao que Moraes (2013) chamou de vasos com colo. Apesar de bastante parecidos com a forma 13 a grande diferença é que o ponto angular, e não infletido, juntamente com uma sessão superior

14. Forma com abertura restritiva de contorno composto angular com sessão inferior circular (3a), sessão central circular (1d), superior trapezoidal (2a).

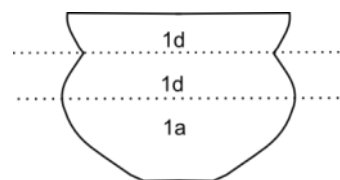


Em todas essas sessões apresenta sessão horizontal

circular. A forma da borda é predominantemente reta. A base é plana, o lábio principalmente arredondado, mas pode ocorrer biselados, afilados e planos. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas essa forma apresenta 3 diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de angular e o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão inferior). O diâmetro do ponto de angular tende a ser de 5 a 15% menor que o diâmetro da boca, enquanto o diâmetro maior varia entre 5 a 15% maior que o diâmetro da boca. A altura varia entre 35 a 50% menor que o diâmetro da boca.

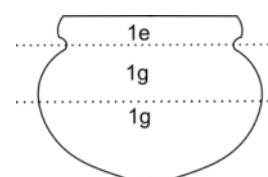
15. Forma com abertura restritiva de contorno composto angular com sessão inferior circular (1a), sessão central circular (1d invertida), superior circular (1d). Em todas essas sessões apresenta sessão horizontal circular. A

forma da borda é predominantemente reta. A base é plana, o lábio pode ocorrer arredondado, plano, biselados e afilados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas



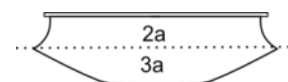
essa forma apresenta 3 diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de angular e o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão inferior). O diâmetro do ponto de angular tende a ser de 5 a 15% menor que o diâmetro da boca, enquanto o diâmetro maior varia entre 10 a 30% maior que o diâmetro da boca. A altura varia entre 35 a 60% menor que o diâmetro da boca.

16. Forma restritiva de contorno composto infletido com sessão inferior circular(1g), sessão central circular (1g invertida), superior circular (1e). Em todas essas sessões apresenta sessão horizontal circular. A forma da



borda é predominantemente expandida. A base é plana, o lábio pode ocorrer arredondado, plano, biselados e afilados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas essa forma apresenta 3 diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de inflexão e o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão inferior). O diâmetro do ponto de inflexão pode ter uma medida igual ou até 25% menor que o diâmetro da boca, enquanto o diâmetro maior varia entre 30 a 55% maior que o diâmetro da boca. A altura varia entre uma medida igual ou até 15% maior que o diâmetro da boca.

17. Forma restritiva de contorno composto angular com sessão inferior triangular 3a (1g) e superior trapezoidal



(2a). Essa morfologia pode apresentar variações nas seções horizontais, apresentado, por vezes, ambas as sessões horizontais (central e da boca) circulares ou ambas quadrangulares, mas também pode apresentar sessão horizontal central quadrada e sessão horizontal de boca circular ou ainda sessão horizontal central circular e sessão horizontal de boca quadrangular. A forma da borda é predominantemente reforçada. A base é plana, o lábio pode ocorrer predominantemente plano. Não costuma apresentar intervenções plásticas. O diâmetro do ponto de angular varia entre 5 ou até 15% maior que o

diâmetro da boca. A altura varia entre uma 40 a 60% menor que o diâmetro da boca.

18. Um dos conjuntos morfológicos mais reconhecidos como elemento diagnóstico da TPA são os chamados “vasos com flange mesial”, entretanto, sobre este rótulo é abarcada uma grande variedade morfologias cujo ponto comum é a estrutura da forma e o modo como elementos gráficos são impresos na forma. essas peças possuem uma apesar as diversidade de formas enquadradas sobre este rótulo. Os vasos com flange são formas restritivas, que podem ter contorno composto angular, raramente composto infletido, ou contorno complexo. A separação entre a parte inferior e superior do vaso é marcada pela colocação de intervenção uma intervenção plástica, a flange mesial (um ou mais roletes colocados no ponto angular ou de inflexão). Não apenas a extensão (quantos roletes são colocados para fazer a flange), mas também a inclinação (algumas flanges são retas outras tem diferentes graus de inclinação para cima) e a altura onde ela é colocada (predomina uma divisão simétrica entre campo e inferior, mas em alguns casos essa divisão pode ser desigual sendo o campo superior levemente maior que o inferior ou até mesmo muito menor). O lábio da flange também apresenta uma variedade de acabamentos, podendo ser reto, expandido e muitas vezes recortado. O lábio desses vasos costuma ser reforçado externo, entretanto, ocorrem lábios expandidos e mesmo retos.

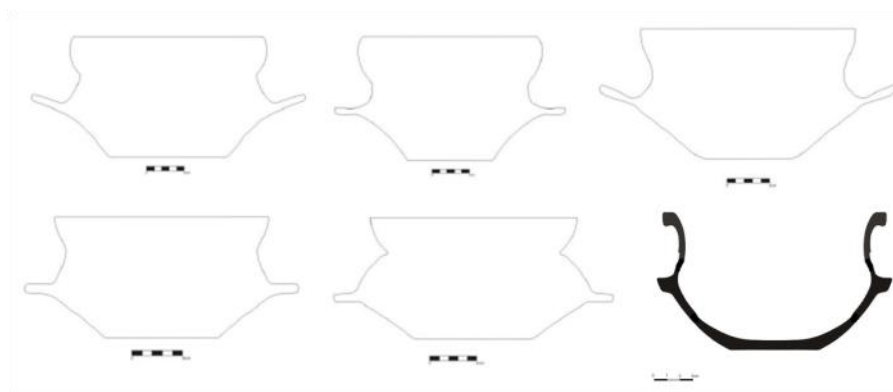
Outro fator marcante na variedade interna dos vaso com flange é a composição das sessões horizontais , por vezes, ambas as sessões horizontais (central e da boca) podem ser ambas circulares ou ambas quadrangulares, mas também podem apresentar sessão horizontal central quadrada e sessão horizontal de boca circular ou ainda sessão horizontal central circular e sessão horizontal de boca quadrangular. As dimensões também variam muito, há vasos co flange com 10cm de diâmetro até vasos com 40cm de diâmetro.

Poucos autores tem descrito com detalhe a ampla variedade de vasos com flanges encontrados nos sítios estudados registrando somente a presença destes. Tamanaha (2012) apresenta brevemente algumas variações de vasos com flange do sítio Lauro Sodré. Oliveira (2014) tem apontado correlações

entre os tamanhos de vasos e a inclinação flange, o que poderia representar diferenças de uso entre as peças.

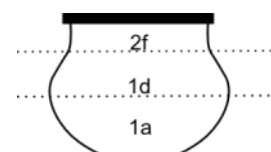
Figura apresenta um pouco da variedade de formas encontradas entre os vasos com flange no Rio Solimões, as peças desenhadas com traço fino foram encontradas no sítio Lauro Sodré (TAMANAHA, 2012) a peça com contorno espesso foi achada no sítio São Paulo II (TRINDADE, 2009).

Por todas as questões apresentadas não nos detalharemos em apresentar pormenorizadamente as diferentes composições estruturais de vasos com flange (diferentes seções de forma e variações de sessões horizontais) e diferentes relações métricas encontradas. Apesar de extremamente necessário a análise das variações morfológicas dos vasos com flange exige um estudo próprio.



Exemplos das variações nas morfologias dos vasos com flange, adaptado de Tamanaha 2012, Trindade, 2013.

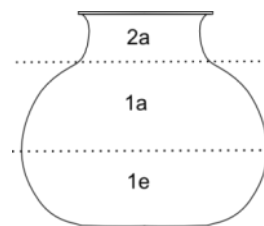
19. Forma restritiva de contorno composto infletido com sessão inferior circular (1a), sessão central circular (1d



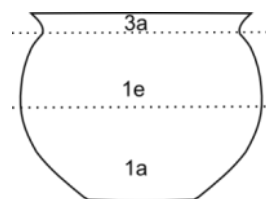
invertida), superior trapezoidal (2f). Em todas essas sessões apresenta sessão horizontal circular. A forma da borda é predominantemente reforçada. A base é plana, o lábio pode ocorrer arredondado, plano, biselados e afilados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas essa forma apresenta 3 diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de inflexão e o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão inferior). O diâmetro do ponto de inflexão tende a ser igual boca, enquanto o diâmetro maior varia entre 15 a 30% maior

que o diâmetro da boca. A altura varia entre igual ou 10% menor que o diâmetro da boca.

20. Forma restritiva de contorno composto infletido com sessão inferior circular(1e), sessão central circular (1e invertida), superior trapezoidal (2a). Em todas essas sessões apresenta sessão horizontal circular. A forma da borda pode ser reta ou reforçada externa. A base é plana, o lábio pode ocorrer arredondado, plano, biselados e afilados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Essa morfologia é comumente chamada na arqueologia Amazônica de “vasos com gargalos”, contudo entre as poucas fases que possuem essa forma notamos acentuada diferença entre as relações métricas encontradas apesar da estrutura similar. É possível que haja?



21. Forma restritiva de contorno composto angular com sessão inferior circular(1a), sessão central circular (1e invertida), superior triangular (3a). Em todas essas sessões apresenta sessão horizontal circular. A forma da



borda é reta. A base é plana, o lábio pode ocorrer arredondado, plano, biselados e afilados. Não costuma apresentar intervenções plásticas. Quanto às relações métricas essa forma apresenta 3 diâmetros diferentes: o diâmetro da boca, o diâmetro do ponto de inflexão e o diâmetro maior (nesse caso o centro da sessão inferior). O diâmetro do ponto de angular tende a ser de 5 a 20% menor que o diâmetro da boca, enquanto o diâmetro maior varia entre 5 e 25% maior que o diâmetro da boca. A altura pode ter medida igual ou 20% menor que o diâmetro da boca.

Algumas morfologias se repetem de forma consistente em diferentes fases³⁶: essas são as morfologias 1 (ocorre em 12 das 13 fases analisadas), 5, 12 e 18 (essas ocorrem em 10 Fases).

As formas 1,2,4,5, e 6 possuem contornos simples e são formas bastante difundidas entre diferentes tradições. Já as morfologias 12 e 18 parecem bastante particulares da TPA. Apesar de recorrente não encontramos discussões ou descrições mas específicas para a forma 12. A forma 18 se refere aos vasos com flange mesial. Na verdade os vasos com flange possuem uma ampla variedade de formas, que não teríamos aqui como descrever todas, sendo assim a forma, a morfologia 18 é na verdade mais um modo de estruturação de vasilhas com grande variedade de composição dos segmentos (ver descrição de formas). Vasos com flange mesial são amplamente destacados como peças “diagnósticas da TPA”, pois, seus campos decorativos são formados por complexos motivos em acanalados, por vezes, ainda com vestígios de pintura. Apesar de não termos muitas informações sobre as morfologias polícromas no baixo Amazonas, vemos registro fotográficos dessas peças tanto nos trabalhos de Pinto Lima (2013) como de Miller (1992).

A morfologia 7, os chamados “pratos” polícromos, se destacam na TPA por sua elaborada decoração pintada. Sendo considerada uma das “morfologias diagnósticas” da fase Guarita, essa forma é bastante recorrente em outras Fases, ocorrendo na fase Napo, nas fases do rio Negro, na fase Nofurei, Borba e Capuru. Entretanto, não está registrada em outras fases a Oeste como Tefé, Pirapitinga, São Joaquim e Caimito. Essas fases onde a morfologia 7 não foi ainda identificada são fases muito pouco amostradas e pesquisas futuras podem vir a identificar essa morfologia em outros sítios.

A morfologia 14, que Moraes (2013) tem chamado de vasos com colo, é bastante recorrente nas fases do Solimões e da área de confluência, sendo encontrada também no Caquetá (fases Pirapitinga, São Joaquim, Guarita, Apuaú e Nofurei) mas não tendo destaque em outras áreas. A morfologia 16, com forma restritiva de contorno composto, ocorre apenas na calha do Solimões e na área de confluência (Fases Pirapitinga, São Joaquim, Tefé e

³⁶ Obtivemos dados para analisar as morfologias das Fases Napo, Caimito, Pirapitinga, São Joaquim, Tefé, Guarita, Nofurei, Apuaú, Samambaia, Manauacá, Borba e Jatuarana. Os dados da Fase Zebu foram aproveitados com alguma limitação. Não obtivemos dados para as Fases Capuru, Pupunhas e Marmelos.

Guarita). A forma 9 aparece restrita a oeste ocorrendo nas fases Caimito, Zebu, Pirapitinga e São Joaquim. A morfologia 3 apesar de ser uma forma bastante simples toma contornos bem delineados na TPA ocorrendo sempre com rica policromia interna (mesmo que vestigial), sua ocorrência parece restrita às fases do Oeste (Napó, Caimito, São Joaquim e Guarita).

A forma 10 é recorrente apenas nas fases a Oeste e aparece também sendo utilizada como urna funerária. Essa forma é muito semelhante ao vaso Shipibo-Conibo de consumo de fermentados.

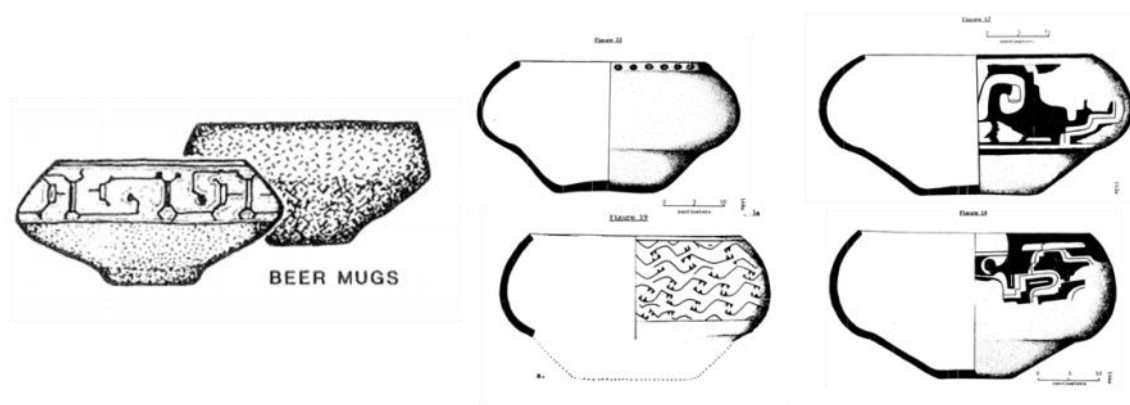


Fig. 2.78 – A esquerda vaso Shipibo-Conibo relacionado ao consumo de fermentados, in DeBoer, 1986; a direita vaso Caimito, in Weber 1975.

Se olharmos os conjuntos de morfologias dentro das Fases, as Fases Caimito e Guarita se destacam pela maior diversidade de morfologias, seguidas pelas fases Apuaú, Napó e São Joaquim também com grande quantidade de morfologias diferenciadas, mas recorrentes em outras fases. Nesse sentido vemos a diversidade de formas da fase Jatuarana em relação às demais fases. Essa fase é uma das poucas a não apresentar a forma 18. Nas outras fases (Nofurei e Pirapitinga) que não apresentam essa forma encontramos a forma 17 (muito similar a 18, contudo na 17 a flange está ausente tendo apenas um ponto angular bastante acentuado).

A presença ou ausência de determinadas morfologias são para nós um elemento importante na compreensão da TPA, pois, concordamos com Lathrap

Al discutir **las relaciones distantes entre los complejos cerámicos**, seguiré partiendo de la suposición de que las indicaciones más fidedignas de **relaciones históricas** se encuentran en la existencia común de un **conjunto similar de vasijas**. Como sugerimos

anteriormente, el conjunto total de vasijas hechas por un grupo puede proporcionarnos gran número de esclarecimientos relativos a **su economía básica**. El **conjunto de formas** esta también íntimamente relacionado con el **ceremonial y la etiqueta involucrados en El servir e consumir alimentos**. Las maneras de preparar e servir la comida, junto con las formas de las vasijas que esas actividades exigen, probablemente han perdurado por períodos más largos que los de tratamiento de superficie y los motivos decorativos. (LATHRAP, 1970, p.144)

Outro fator importante de ser considerado em relação às morfologias é que, como apontam estudos etnoarqueológicos, dentro do processo de ensino-aprendizagem o domínio técnico sobre produção das formas é uma das etapas mais difíceis e requer longo período de experiência, assim como o treino e a reprodução gradual da complexidade de tamanhos (SILVA, 2000; GOSSELAIN, 1998).

Podemos evidenciar nesse capítulo que, a exceção das análises modais conduzidas por Bolian (1975) e Weber (1975), muito pouco se sabe da correlação entre pastas, determinadas morfologias, determinadas técnicas decorativas e motivos decorativos.

A variabilidade artefactual assim como a distribuição de sítios, cronologias e processo de formação do registro parece também expressar regionalidades. A partir de Tefé ocorrem os acanalados em pontas múltiplas e os “pratos” policromos ainda não foram encontrados. No Rio Negro não há urnas funerárias registradas. Diferente das demais fases não há vasos com flange mesial na fase Jatuarana e as pinturas bicromas (vermelho sobre branco, preto sobre branco) são mais significativas.

	Calha	Rio Napo	Rio Ucayali	Alto Amazonas	Rio Solimões			Rio Negro			Rio Caquetá	Rio Madeira	
		Fase Napo	Fase Caimito	Fase Zebu	Fase Pirapitinga	Fase São Joaquim	Fase Tefé	Fase Guarita	Fase Apuaú	Fase Manauacá	Fase Samambaia	Fase Nofurei	Fase Borba
1													
2													
3													
4													
5													
6													
7													
8													
9													
10													
11													
12													
13													
14													
15													

Figura 2.79 – Quadro geral comparativo das morfologias da Tradição Polícroma parte 1. As bolinhas pretas representam locais onde há essa morfologia, mas não encontramos desenho p agregar ao quadro.






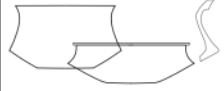

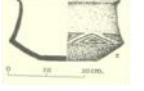



















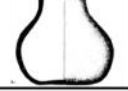






	Calha	Rio Napo Fase Napo	Rio Ucayali Fase Caimito	Alto Amazonas Fase Zebu	Rio Solimões			Rio Negro			Rio Caquetá Fase Nofurei	Rio Madeira	
				Fase Pirapitinga	Fase São Joaquim	Fase Tefé	Fase Guarita	Fase Apuaú	Fase Manauacá	Fase Samambaia		Fase Borba	Fase Jatuarana
16													
17													
18													
19													
20													
21													

Figura 2.80- Quadro geral comparativo das morfologias da Tradição Polícroma, paste 2. As bolinhas pretas representam locais onde há essa morfologia, mas não encontramos desenho p agregar ao quadro.

2.4. Porque ou o quê?

A grande dispersão geográfica e a presença recorrente de determinados atributos, que oferecem alto grau de reconhecibilidade a diferentes conjuntos associados a TPA, tem tido seu “porque” explicado através da correlação direta entre língua e cultura material. Desde o trabalho de Lathrap (1970), cuja proposta foi esmiuçada em Brochado (1984), o “porque” tem sido explicado pela expansão de grupos falantes de línguas do tronco Tupi. Baseada em pressupostos da linguística histórica, Lathrap (1970) formulou também que a origem do tronco Tupi estaria em algum lugar nos arredores da Amazônia Central. Dessa forma, a origem e as datas mais antigas para o material polícromo seriam nesta área.

Heckenberger, Neves e Pettersen (1998) constataram que na Amazônia Central não havia datas tão mais antigas para TPA quanto seriam necessárias para que ali fosse o centro de origem da cerâmica polícroma nem dos povos de línguas Tupi.

Entretanto, acreditando na correlação entre língua e cultura material, e mais especificamente na correlação entre cerâmica polícromas e línguas Tupi, e na chamada expansão polícroma, Neves e colaboradores (NEVES, 2012, ALMEIDA, 2013) incorporam os novos dados da linguística histórica e passaram a postular que o centro de origem das cerâmicas polícromas estaria no Sudeste Amazônico, provavelmente em algum ponto do atual Estado de Rondônia, pois, segundo os dados linguísticos essa seria a área de origem das línguas Tupi.

Tendo por referência o modelo de rápida expansão belicosa Tupinambá (VIVEIROS DE CASTRO, 1986) Neves (2011, 2012) vê na registro arqueológico da Amazônia Central, na presença de estruturas defensivas em alguns sítios (ver item 1.4) e no acréscimo de datas da TPA a partir do ano 1000, a possibilidade que a TPA também tenha se dispersado em um modelo de rápida expansão belicosa.

Desta forma, hoje, os porquês da TPA vêm sendo explicados por um modelo de rápida e belicosa expansão de grupos Tupi.

Contudo, a gama de dados compilados e analisados nesse capítulo põe em discussão alguns dos pressupostos dos modelos vigentes.

- a) Origem no Madeira: As datas mais antigas até o momento conhecidas no médio Solimões (Lago Tefé). Mesmo se desconsideradas tais datas (bastante antigas) a maioria das datas entre 700 e 800 A.D estão entre o médio curso dos rios Solimões e Negr, há apenas uma data desse período para o Madeira e ela está regionalmente isolada. Na calha do Madeira a maioria das datas é bastante recente para o quadro geral da TPA (centradas a partir 1300 A.D). Esses dados nos levam a repensar a hipótese da origem da cerâmica Polícroma no Sudoeste Amazônico.
- b) Rápida expansão: As datas aqui compiladas mostram que o material polícromo ocorre desde 450 A.D, tendo os dados mais consistentes a partir de meados de 700 A.D. até 1700 A.D, isto é, a temporalidade da TPA acontece através de uma longa duração ocorrendo e se transformando no registro arqueológico por mais de 1000 anos. Pelo menos entre 450 A.D e 1100 A.D a dispersão do material polícromo parece ter se dado de modo bastante gradual, até que após aproximadamente 1100 A.D essa dispersão passa a ocorrer de forma mais intensa, mas não necessariamente mais rápida.
- c) “Ethos belicoso”: As evidências de conflito no registro arqueológico relacionadas aos portadores da TPA são pontuais e restritas às relações estabelecidas com portadores das cerâmicas Paredão e Axinim, em contraposição são registradas relações mais fluídas em outras regiões (como Médio Solimões e Baixo Amazonas).
- d) Ocupações mais rápidas e menos densas: Como brevemente discutido, no médio baixo Solimões os sítios menores e menos densos da TPA parecem estar relacionados à áreas de acampamento. Em outros locais (como no sítio Conjunto Vilas) a presença de material polícromo parece não estar relacionada à uma ocupação polícroma, mas a redes de trocas e a emulação de elementos da tecnologia polícroma.

Como discutimos anteriormente a partir de Beck (2009) a frequência de material arqueológico, pode estar relacionada a uma série de estratégias de uso do espaço. A menor presença de material polícromo em determinados sítios pode ser explicada, então, não apenas como reflexo do tamanho das populações e aldeias ou mesmo

da duração das ocupações, outros fatores podem determinar a quantidade de material arqueológico em um sítio (DeBOER e LATHRAP, 1979; GRAVES, 1998; CHILTON, 1998; SILVA, 2000), como parece ser o caso em alguns sítios associados TPA.

- e) Padronização formal e decorativa: Os dados levantados sobre a variabilidade artefactual polícroma nos levaram a discutir a especialização de usos do espaço (acampamentos, cemitérios, aldeias) e a existência de variabilidades regionais onde determinados atributos chaves oferecem a reconhecibilidade (ROE, 1995 e BARRETO, 2010) do que podemos chamar de um estilo tecnológico polícromo, entretanto, não podemos falar de uma padronização formal e decorativa.

Por todos esses fatores acreditamos que algumas das propostas elaboradas para a TPA precisam ser colocadas em discussão. As cronologias indicam um processo que se inicia em algum lugar no centro-oeste do coração amazônico e cuja dispersão vai se dando paulatinamente até 1100 A.D, quando, então, a Tradição Polícroma passa a estar presente em grande parte da bacia amazônica de forma consistente até a chegada europeia, e resistindo a mesma por mais de 100 anos.

As continuidades e variabilidades regionais encontradas apontam para outros mecanismos de dispersão que não apenas a expansão de um grupo linguístico e sua cultura material. As evidências diretas de guerra entre a zona de confluência e baixo Madeira atestam a existência de conflitos de significativas dimensões na região. Todavia, assim como a ausência de estruturas defensivas em outras áreas de ocorrência da TPA não pode ser entendida como ausência de guerra, a presença dessas estruturas não pode ser entendida como suficiente para caracterizar um ethos belicoso. Muitos grupos indígenas se envolvem em conflitos com grupos vizinhos mas isso não imputa aos mesmo um ethos belicoso.

Desta forma, acreditamos que a dispersão da tecnologia polícroma pela calha amazônica se deu através de diferentes mecanismos que não apenas a expansão de um grupo linguístico. Ou seja, podemos pensar os “porquês” da Tradição Polícroma além da correlação entre cultura material e língua.

No capítulo 3 apresentaremos melhor os modelos aqui superficialmente citados e aprofundaremos o debate sobre os diferentes mecanismos que podem ter levado a dispersão da TPA.

3. Onde as coisas se encontram: Arqueologia do Lago Tefé entre os modelos de expansão

A corroboração ou refutação dos modelos gerados para explicar as formas de organização social em tempos pré-coloniais está pautada não apenas no acúmulo de dados empíricos, mas também em pressupostos teóricos e implicações metodológicas implícita ou explicitamente adotados. (MACHADO, 2006, p.63)

Ao analisarmos os dados do Conjunto Vila (Cap. 1), percebemos que o que estávamos encontrando não se encaixava nos modelos vigentes para a TPA (MEGGERS e EVANS, 1961 e 1968; LATHRAP, 1970; MORAES e NEVES, 2012; NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013). Nossa primeira ideia foi analisar os dados para as demais áreas de ocorrência da TPA procurando outras ocupações ou contextos similares ao nosso que nos ajudassem a entender o que víamos (Cap. 2). Esse exercício nos ajudou a perceber que outros contextos também se apresentavam de forma diversa, remetendo a ideia de regionalidades dentro da TPA.

Nesse capítulo os modelos formulados sobre a TPA são analisados procurando entender suas bases teóricas e sua interpretação sobre a variabilidade artefactual dentro da Tradição Polícroma. Essa revisão tem o objetivo, novamente, de tentar melhor entender os dados do Lago Tefé.

3.1. Um histórico dos modelos para TPA

Três grandes modelos podem ser definidos para a TPA; o modelo de Meggers, Evans e colaboradores (entre esses, os trabalhos citados de Hilbert, Simões e Miller); o modelo de Lathrap e colaboradores (BOLIAN, 1975; WEBER, 1975; e BROCHADO, 1984) e por fim o modelo de Neves e colaboradores (ALMEIDA, 2013; e MORAES, 2013).

Embasados em pressupostos da Ecologia Cultural de Steward (1948) Meggers e Evans (Meggers e Evans, 1954, 1977) acreditavam que possíveis

limitações ambientais das terras baixas, em contraposição a diversidade ambiental das terras altas, não permitiriam o desenvolvimento ou manutenção de sociedades com maior complexidade cultural. Os autores entendiam a elaborada cerâmica polícroma como correlato de complexidade cultural, então, a partir das premissas colocadas acima os autores (Meggers e Evans, 1957, 1961, 1968) formulam um modelo onde a Tradição Polícroma teria tido origem nas terras altas da América do Sul em sociedades complexas que, por pressão demográfica, teriam migrado em direção as terras baixas, onde as limitações ambientais teriam levado a degeneração cultural. Dessa maneira, a dispersão da cerâmica polícroma se daria como consequência das constantes movimentações em busca de recursos. O modelo não propunha nenhuma vinculação linguística para TPA. Em termos de registro arqueológico isso se refletiria em ocupações pouco profundas e cronologicamente curtas.

Os dados artefatuais levantados por Meggers e Evans foram tratados através de uma adaptação da seriação Fordiana (Meggers e Evans, 1970) e enfatizava as descontinuidades entre os conjuntos cerâmicos, pois os autores não acreditavam na longa duração e continuidade entre as tecnologias cerâmicas amazônicas. A noção de estilo está dentro de uma leitura Tradicional (DIAS e SILVA, 2001) ou Histórico Culturalista (CONKEY, 1990; CONKEY e HASTORF, 1990), onde estilo é entendido como o conjunto dos elementos decorativos e serve aos arqueólogos, através das classificações, como uma ferramenta para entender cronologias e descontinuidades culturais.

O modelo de Lathrap (1970), apesar de também embasado nas discussões de Steward, se propõe a uma premissa ambiental oposta para as terras baixas, a da abundância. Além da Ecologia Cultural Lathrap embasa suas discussões em pressupostos da Linguística Histórica. Juntando a essas dados etnográficos e etnohistóricos, o autor pressupõe que pudéssemos encontrar uma relação direta entre língua e cultura material. Esses pressupostos conduzem Lathrap a procurar as continuidades e a longa duração entre os conjuntos artefatuais.

Sendo assim, o modelo Lathrapiano baseia-se na premissa de que a abundância de recursos atraiu desde muito cedo populações humanas para a Amazônia Central e permitiu o desenvolvimento de uma série de inovações, como o surgimento das cerâmicas polícromas que seriam, por sua vez, o correlato do

surgimento dos povos do tronco linguístico Tupi. A abundância de recursos geraria pressão demográfica que levaria à expansão desses grupos falantes de línguas Tupi, o que promoveria a grande dispersão de cerâmicas Polícroma.

Arqueologicamente para Lathrap e Brochado a correlação entre cerâmica policroma e línguas Tupi estaria baseada na presença da policromia, distribuição geográfica e histórica de falantes Tupi; a relação genética entre línguas Tupi, a distribuição geográfica e cronológica das cerâmicas da TPA na presença de urnas funerárias (LATHRAP 1970, 1972; BROCHADO, 1984; NOELLI, 2008, ALMEIDA 2013, p. 68). Lathrap observando as diferenças entre os conjuntos arqueológicos pertencentes à Tradição Polícroma o autor propôs a divisão da mesma em duas subtradições, Subtradição Guarita e Subtradição Miracanguera. A primeira seria caracterizada por uma menor variabilidade artefactual, formas menos complexas, antiplástico, caraipé e ausência de urnas funerárias; a segunda apresentaria maior variabilidade artefactual, incluindo formas mais complexas como vasos quadrangulares e urnas antropomorfas, o antiplástico seria tanto o caraipé como o cauxí. Para Lathrap (1970, pp. 189-190) essas variações se dariam por origens diferenciadas, sendo a cerâmica Guarita uma evolução das cerâmicas Barrancóides da área de confluência dos rios Negro e Solimões. Posteriormente, os alunos de Lathrap procuraram confirmar essa proposta (BOLIAN, 1975; WEBER, 1975) e refina-la. Seguindo os pressupostos linguísticos de Lathrap, Brochado (1984,1989) relaciona a subtradição Guarita à origem da Subtradição Guarani e a Subtradição Miracanguera à origem da Subtradição Tupinambá, e assim inicia a formulação de seu modelo de rotas e expansão de falantes de línguas Tupi.

Para encontrar as continuidades entre os conjuntos artefatuais, Lathrap adaptou a análise modal (ROUSE, 1953 e 1960; LATHRAP, 1964). Baseado em premissas da linguística, o método de análise do autor enfatiza a relação entre morfologias e continuidades culturais, tendo em vista que as morfologias estariam relacionadas à padrões de consumo e economia (LATHRAP, 1970; BROCHADO e LATHRAP, 1980). Apesar de acreditar que os elementos decorativos possam variar de forma mais intensa que as morfologias, Lathrap pontua que os estilos informariam sobre variações locais, de modo que estilo e morfologias seriam complementares. Para Lathrap, estilo corresponde a decoração cerâmica, entretanto, como podemos ver ele entende a necessidade de trata-la além de sua

figuração estética, procurando compreender os significados de como ela é produzida e colocada.

Nesse sentido quando Lathrap (1958, 1964, 1970, 1972) aborda estilo como etnicidade, quando propõe que estilo e morfologia sejam complementares e possuiriam papéis diferenciados na interpretação arqueológica, suas ideias sobre estilo se aproximam muito das de Sackett (1977, 1990).

Na percepção de estilo como etnicidade, um diálogo implícito entre as ideias dos autores torna-se bastante perceptível. Na formulação de estilo isocréstico, Sackett (1990) destaca a relação que essa variação pode ter com etnicidade. Pontuando que as escolhas isocrésticas são determinadas pelo contexto cultural, o autor afirma que a possibilidade de dois grupos sem contato realizarem escolhas semelhantes é muito difícil. Em Lathrap (1970) podemos ver raciocínio semelhante quando o autor pensa a Subtradição Guarita como uma transformação da Tradição Borda Incisa a partir da influência da Tradição Polícroma,

Diferente de Meggers e Evans e de Lathrap, Neves (2012) procura desenvolver suas hipóteses sobre o desenvolvimento das populações amazônicas distante dos discursos deterministas. Para tanto, o autor se apoia nas premissas da Ecologia Histórica (BALÉE, 1998a e 1998b; BALÉE e ERICKSON, 2006, WHITEHEAD, 1998) colocando como base para suas discussões uma relação dialética entre paisagens e pessoas, onde os indivíduos possuem agência em relação ao ambiente e não dependem unicamente das capacidades naturais destes visto que são capazes de manejar o meio (NEVES e PETERSEN, 2006; HECKENBERGER e NEVES, 2009, NEVES, 2013).

O modelo de Neves se inicia com a tentativa de testar empiricamente, escavando sítios na Amazônia Central, o modelo de Lathrap e Brochado (como centro origem da cerâmica policroma e das línguas Tupi). Contudo, o autor (HECKENBERGER, NEVES e PETERSEN, 1998) não encontrou as datas antigas preconizadas por Brochado (1984 p. 320, 342; 1989, 73-74), do mesmo modo, não conseguiu evidenciar a divisão da Tradição Polícroma proposta por Lathrap (1970). As pesquisas de Neves e colaboradores (ERIG LIMA, 2003, MACHADO, 2005, MORAES, 2006; TRINDADE, 2009; CASTRO, 2009; NEVES, 2010; TAMANAHA, 2012, entre outros) se estenderam na Amazônia Central por 15 anos (1995-2010).

Os dados gerados nesses anos de pesquisa permitiram a Neves falsear a hipótese da Amazônia Central como centro de origem da cerâmica Polícroma.

Apesar de falsear o hipotético centro de origem, Neves continuou apostando na hipótese Lathrapiana da correlação desse material com os povos de língua Tupi. Após os longos anos de trabalho na Amazônia Central, as pesquisas de Neves e colaboradores (NEVES, 2012; MORAES e NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013; MORAES, 2013) se voltaram para a calha do rio Madeira, onde segundo hipóteses da linguística, já adaptada por Meggers (1977), poderia ser o centro de origem das línguas do tronco Tupi. A hipótese do Madeira tornava-se interessante também porque Miller (1992) afirmava ter achado cerâmicas da TPA datadas de 700 A.C (cerca e 2600 anos A.P.) no alto Madeira, o que aumentava o potencial da região como centro de origem comuns das línguas Tupi e da cerâmica policroma.

Os trabalhos na Amazônia Central somados aos do Madeira permitiram a Neves refinar hipóteses sobre os mecanismos de “expansão da TPA”. Os dados coletados nesses anos de pesquisa são sintetizados em um modelo proposto em sua livre docência (NEVES, 2012). Nesse trabalho, o autor propõe que as ocupações policromas seriam menores que as da Tradição Borda Incisa o que indicaria ocupações menos densas e menos duradouras, reflexo de um rápido processo de expansão. Evidências de conflito (valas e paliçadas) em sítios na área de confluência dos Rios Negro e Solimões seriam indicadores de conflitos entre os portadores das cerâmicas da TPA e os portadores das cerâmicas Paredão.

Esses elementos apontam para o autor similaridades entre a expansão Tupinambá (VIVEIROS de CASTRO, 1986) e a policroma, e desse modo Neves propõe que a dispersão dessas cerâmicas pela Amazônia teria como mecanismo motor a guerra.

As pesquisas de Almeida (2013) no sítio Teotônio (onde Miller havia encontrado a data de 700 A.C) mostraram que a data proposta por Miller deveria se referir a uma ocupação mais antiga. Contudo, datas ainda antigas para a TPA (740 A.D) foram encontradas, Para Neves esses dados corroborariam a hipótese de que a cerâmica Polícroma teria surgido na mesma região proposta como centro de origem das línguas Tupi.

Tabela 3.1 – Síntese comparativa dos modelos explicativos da TPA

	Meggers e Evans	Lathrap	Neves
Modelo Ecológico	Ecologia Cultural	Ecologia Cultural	Ecologia Histórica
Condições do Amb.	Inferno Verde	Paraíso Verde	Manejo
Centro de Origem	Terras Altas	Amazônia Central	Alto Madeira
Vinculação Linguística	Ausente	Tupi	Tupi
Mecanismo	Migração Const.	Pressão pop.	Exp. Tupi
Divisões	Sem Divisões	Subt. Guarita Subt. Miracanguera	Exclusão da Fase Marajoara

Passamos aqui por uma revisão bastante rápida e simples de modelos extensos e complexos, somos conscientes de que o modelo de Brochado apresenta distinções do modelo de Lathrap, bem como o modelo de Almeida apresenta distinções do de Neves. Mas nossa proposta foi apresentar um quadro geral para o leitor poder entender a discussões que se seguem.

3.2. A arqueologia do Lago Tefé diante dos modelos para a Tradição Polícroma

O que vamos fazer abaixo é um exercício reflexivo onde tentamos demonstrar ao leitor porque os sítios de Tefé complexificam hipóteses colocadas pelos modelos vigentes.

O sítio Conjunto Vilas caracteriza-se como um sítio multicomponencial onde os artefatos com características polícromas representam uma parcela pequena do total geral de peças do sítio. Sobre o sítio Tauary sabemos pouco ainda, mas podemos caracterizá-lo, até momento, como um sítio sem terra preta com baixa densidade cerâmica e presença de urnas funerárias (Cap. 1).

No modelo de Meggers e Evans (1957, 1961 e 1968) a relativamente baixa presença de materiais polícromos se enquadraria na proposta de curta duração das ocupações, as variações na cerâmica polícroma seriam explicadas pela degeneração cultural. Ambos aspectos indicariam a incapacidade do meio de dar suporte ao desenvolvimento e manutenção dos grupos humanos. Contudo, os sítios do Lago Tefé trazem dois importantes pontos de contraposição a esse modelo: as terras pretas profundas, e a cronologia de longa duração para TPA.

Mesmo que não formado por ocupações de produtores da cerâmica policroma, e sim resultado das ocupações de produtores da cerâmica Caiambé, a área de 38ha (380.000m²) com pacotes de terra preta que alcançam 1m de profundidade indicam a contínua modificação dos substratos, que aumentaram (intencionalmente ou não) a fertilidade dos solos e sua capacidade de produção. Desta forma, o sítio Conjunto Vila mostra que independente da capacidade natural do ambiente um fator importante não foi colocado nos modelos deterministas (tanto Meggers como Lathrap) a agência dos indivíduos com o meio.

Ao elaborar a cronologia do Rio Napo Meggers e Evans descartam em um primeiro momento a data de 1480 A.D, pois, não acreditavam que as ocupações policromas pudessem ter perdurado por cerca de 300 anos. No Lago Tefé encontramos uma cronologia que vai de 450 A.D a 1540 A.D, sendo que no sítio Conjunto Vilas as datas ocorrem entre 450 A.D a 1050 A.D e no sítio Tauary elas vão de 1430 A.D a 1540 A.D, ou seja, registramos uma cronologia de mais de 1000 anos para presença das cerâmicas policromas no Lago Tefé.

Dentro do modelo Lathrapiano, Weber (1975) e Bolian (1975) procuram, a partir dos dados do Médio Ucayali e do Alto Amazonas, comprovar a divisão proposta por Lathrap para a Tradição Policroma, ambos afirmam que seus contextos estariam associados a Subtradição Miracanguera. Eles também propõem a classificação das fases propostas por Hilbert (1968) para o Solimões dentro desse modelo, enquadrando a Fase Pirapitinga na Subtradição Miracanguera e as fases São Joaquim e Tefé na Subtradição Guarita.

Os sítios do Lago Tefé trariam um importante problema a esse modelo de divisão da TPA, pois, o sítio Conjunto Vilas (com pouca quantidade material policromo e peças não tão elaboradas) se enquadraria dentro do que foi considerado Subtradição Guarita, enquanto o sítio Tauary (com urnas funerárias altamente elaboradas) estaria dentro do que seria a subtradição Miracanguera. Assim teríamos as duas Subtradições a menos de 40km de distância entre si dentro da divisão de Brochado, ou seja, o Lago Tefé comportaria tanto ocupações Tupinambá como Tupi-Guarani. As cronologias do Lago Tefé seriam novamente um problema, primeiramente porque, seguem sendo bem mais recentes que estimado por Brochado, que esperava datas de 400 a 500 A.C, mas também sendo mais antigas do que as da Amazônia Central.

Dentro do modelo de Neves, o sítio Conjunto Vilas com sua baixa quantidade de material policromo e grande quantidade de material Caiambé seria semelhante aos sítios multicomponenciais da área de confluência dos rios Negro e Solimões e, entendido como esses, como mais um correlato das rápidas e menores ocupações policromas consequentes da rápida e belicosa expansão Tupi iniciada no Alto Madeira. Nossos dados de campo não mostraram, como na Área de Confluência, que o material policromo estivesse concentrado na parte superficial, como já havia percebido Hilbert (1962b) eles ocorrem em profundidade e coexistência com o material Caiambé.

Uma análise visando entender as escolhas tecnológicas presentes no conjunto dos artefatos nos levaram a perceber que o material com elementos “diagnósticos” da TPA, apresentava características particulares. Então, propomos a hipótese de que este sítio não era necessariamente uma ocupação (aldeia, acampamento ou cemitério dos produtores da TPA), e sim que este materiais chegariam por diferentes meios a essa ocupação Caiambé. Sendo assim, o sítio Conjunto Vilas traz a possibilidade de que nem todo sítio com menos quantidade de material seja uma ocupação mais rápida ou com menor população, pois, a quantidade de material pode estar relacionada a fatores outros que não apenas demografia ou permanência (DeBOER e LATHRAP, 1979; GRAVES, 1991; CHILTON, 1998; SILVA, 2000, BECK, 2009).

Não encontramos nos sítios do Lago Tefé, e também nos do Amanã (estudados por Costa, 2012, Furquim, 2014 e Gomes, 2014) nenhuma evidência de guerra similar as da Área de Confluência e Madeira (valas e paliçadas). Em ambos os locais encontramos essa cerâmica com fluxos de tecnologias elementos Tefé e Caiambé. As dinâmicas regionais no médio Solimões, ainda que a partir de dados arqueológicos ainda quantitativamente iniciais, parecem ser diferentes da área de confluência do Negro e Solimões.

As datas do Conjunto Vilas também colocam em discussão a origem e expansão a partir do Madeira.

Aqui pulamos alguns tópicos importantes nesses modelos como centro de origem, vinculação linguística ou passamos rapidamente por outros, pois, acreditamos que o debate desses pontos precisa ser observado não apenas a partir

da perspectiva do Lago Tefé, mas também como da revisão geral dos dados para TPA.

Abaixo adentramos nessa delicada empreitada.

3.3. Novos dados, novas abordagens

O que podemos ver da revisão dos modelos feita acima é que os sítios do Lago Tefé trazem novos elementos aos modelos existentes para dispersão da TPA, colocando em discussão as diferentes hipóteses formuladas nestes modelos. Se os novos dados que têm surgido na arqueologia Amazônica, mais intensamente nos últimos dez anos, nos levam a problematizar suas hipóteses, acreditamos que nesse texto é necessário discutir as premissas nas quais esses modelos foram baseados, mais que reformular ou formular novos modelos. Neste sentido, Corrêa (2014) ao revisar os modelos de expansão das línguas Tupi e seus correlatos materiais traz uma importante reflexão sobre a formulação de tais modelos:

[...] ainda carecemos de inovação visto que os problemas que buscamos resolver subjazem ao século XIX: centro de origem, rotas de expansão, filiação linguística etc. Será que podemos ir além das questões apresentadas no século XIX? (CORRÊA, 2014, p. 86)

O próprio autor aponta caminhos para que novas perguntas sejam feitas:

[...] como se dá o surgimento de um estilo tecnológico específico? Como este estilo se mantém ao longo do tempo? Como ocorre a mudança ao longo do tempo e do espaço? Conseqüentemente, como cada um desses eventos podem ser interpretados como resultantes e integrados dos grupos sociais que produziram tal cultura material? Fica claro que a busca de entender os como/porque ocorrem fenômenos de continuidade e mudança nas sociedades e seu reflexo na cultura material é de fundamental importância para os arqueólogos, tanto em termos de mecanismos como de processos. (CORRÊA, 2014, p. 98)

Sendo assim, nesse item nos empenharemos em procurar formular essas novas perguntas, demonstrando em outros estudos de casos e autores possibilidades interpretativas diferentes das que vêm sendo propostas ou, ao menos, problematizando alguns pontos que têm sido “naturalizados” dentro das discussões sobre a TPA. Mas primeiramente tentaremos entender mais densamente como se dá até o presente a relação entre TPA e Tupi, muitas das questões aqui levantadas já foram de alguma forma pontuadas por Urban (1996).

Antes de prosseguirmos é preciso destacar que concordamos com Corrêa (2014) no ponto de que independentemente dos modelos formulados a grande contribuição da proposta que se inicia com Lathrap, perpassa os trabalhos de seus alunos e chega até Neves, é o entendimento da arqueologia pré-colonial como história indígena de longa duração (LATHRAP, 1970; BROCHADO, 1984; HECKENBERGER, 2001; NOELLI, 1993; NEVES, 1998b; SILVA, 2000).

Os modelos sobre a dispersão da Tradição Polícroma trazem em comum três grandes questões: a relação com o meio, vinculação linguística e centro de origem. O primeiro tem avançado significativamente pela introdução de conceitos da Ecologia Histórica e da dialética entre homem e ambiente (NEVES e PETERSEN, 2006; HECKENBERGER e NEVES, 2009, NEVES, 2013). Já os outros dois, ainda carecem de amplo debate.

Por em discussão pontos chaves dos modelos como centro de origem e vinculação linguística, é algo demasiado ambicioso para um trabalho de mestrado, e não era nosso objetivo até pouco antes da conclusão deste trabalho realizar tal empreita, mesmo que de forma rápida. Entretanto, os dados de cronologia do sítio Conjunto Vilas e a cronologia geral do médio Solimões nos obrigam a minimamente nos posicionarmos sobre seus significados dentro dos modelos discutidos.

Vinculação linguística e centro de origem são temas intrínsecos nos modelos sobre a TPA. Como vimos Lathrap (1970, 1972) e Brochado (1984, 1989) propuseram que as cerâmicas da TPA seriam as mais antigas cerâmicas Tupi, dessa forma onde estivesse o centro e origem Tupi, estaria o centro de origem da TPA. Essa vinculação se deu pela presença de elementos semelhantes na cultura material, da interpretação de dados etnohistóricos e etnográficos.

Passaremos a discussão desses pontos fundamentais que baseiam os modelos formulados para TPA.

- Breve histórico: Centro de origem, vinculação linguística e cultura material

Landislau Netto em um dos primeiros trabalhos arqueológicos do Brasil propôs a possível origem Amazônica comum em relação entre os diferentes conjuntos com cerâmica pintada. Quando Howard (1947) fez sua revisão dos estilos cerâmicos das terras baixas indicou uma possível origem dos grupos Guaranis no que chamou de estilo Polícromo da Amazônia, dada a presença de pinturas (BROCHADO, 1989, p.68).

Lathrap (1970), ao realizar sua grande síntese relacionando dados arqueológicos, linguísticos, etnohistóricos e etnográficos, propõe que as cerâmicas policromas das Fases Napo e Caimito estariam em correspondência respectivamente aos Omagua e os Cocama-Cocamilla. Esta hipótese tinha como principais alicerces a distribuição dos Tupi no Alto Amazonas, evidenciada tanto nas descrições dos primeiro cronistas como na atualidade, e na utilização de pintura. Almeida (2013, p.43) destaca que a presença de urnas funerárias também foi um elemento importante na correlação TPA-TUPI de Lathrap e Brochado. Brochado refinou amplamente a proposta Lathrapiana adicionando a ela amplos dados sobre as dispersões linguísticas Tupi e das cerâmicas.

Então, até este ponto, no modelo Lathrapiano, os elementos fundamentais para a correlação entre cerâmica policroma e populações de língua Tupi foram: pintura policroma, presenças de urnas funerárias, correlação entre distribuição de sítios da TPA e de falantes de línguas Tupi, relatos etnohistóricos sobre falantes de línguas Tupi na área de dispersão da TPA. Começaremos discutindo os dados sobre cultura material e depois passaremos aos demais

- Urnas

Quando da formulação dos modelos de Meggers e Evans (1961) ou mesmo de Lathrap e Brochado havia poucos dados sobre a presença de urnas funerárias em outros conjuntos artefatuais amazônicos. Hoje sabemos que além das urnas policromas, a presença de urnas é comum nas Fases Paredão e Caiambé (da Tradição Borda Incisa). Quatro diferenças fundamentais são marcantes entre as

urnas da TPA e da TBI: formas, dimensões, usos primários e deposição dos indivíduos.

As urnas da TPA, apesar de sua ampla variedade (como demonstrado no Cap. II), expressam sempre um antropomorfismo. As dimensões dessas urnas são relativamente pequenas variando de 20cm de altura a 60cm, com diâmetros proporcionais. Até onde conseguimos observar as urnas polícromas parecem ter como finalidade o uso ritual em eventos funerários. Já as urnas Paredão e Caiambé possuem formas esféricas e chegam a medidas de 1m de altura por 1m de diâmetro, e parecem ter sido reutilizadas como vasilhas funerárias (COSTA et al, 2012 ; RAPP PY-DANIEL, 2015).

As urnas Tupi são grandes vasos esféricos com ombros carenados, ou não, cujo uso primário era a preparação de bebidas fermentadas, posteriormente sendo reutilizadas como vasilhas funerárias. Elas podem ter decoração plástica cobrindo toda a vasilha (geralmente corrugado) ou apresentar pintura preta e vermelha sobre engobo branco e/ou bandas de engobo vermelho que também podem ser pintadas. Essas pinturas e bandas geralmente predominam na parte superior do vaso. (PROUS, 1992; MORAES, C.A, 2007; NEUMANN, 2008). Por se tratar de um conjunto muito amplo cronológica e geograficamente, apesar da estrutura comum, há uma maior diversidade de urnas Tupi.

A forma de depositar os indivíduos é, talvez, o fator mais importante para pensarmos as urnas. Em urnas Caiambé parece ter havido a deposição primária, mas a amostragem que pode ser analisada é ainda pequena para confirmação do padrão; urnas Paredão, infelizmente, nunca tiveram seus conteúdos escavados por arqueólogos; em urnas Tupi arqueológicas vemos sepultamentos predominantemente primários, mas podem ter ocorrido sepultamentos secundários (RAPP PY-DANIEL, 2015). Já nas urnas polícromas, os sepultamentos são sempre secundários. Em todas as urnas polícromas encontradas por arqueólogos, ou mesmo em relatos de achados de moradores, o que se encontram são indivíduos cremados. Há poucas exceções (três) até o momento, contudo todas elas envolvem sepultamentos secundários, entre elas a urna 6 do sítio Tauary (Cap. I), onde foi encontrado um feixe de ossos longos, e duas peças em acervos de museus.

Quanto à forma, tamanho e uso as urnas Tupi arqueológicas possuem mais elementos em comum com as urnas Borda Incisa que propriamente com as urnas

Polícromas. Dentre os conjuntos apresentados o único que apresenta a cremação dos indivíduos, ou outras formas claras de sepultamento secundário é o da TPA, o que distancia seus padrões funerários dos demais. O único elemento de correlação possível entre as urnas da TPA e Tupi arqueológicas e ausente nas urnas da TBI parece ser a presença de tampas nas urnas, urnas Caiambé aparentemente não possuíam tampas (RAPP PY-DANIEL, 2015). A presença de pintura não se presta a tal comparação, pois, as urnas Caiambé apresentam esse atributo (GOMES, 2014) e também porque podemos ter urnas Tupi sem pintura (MORAES, C.A, 2007; NEUMANN, 2008).

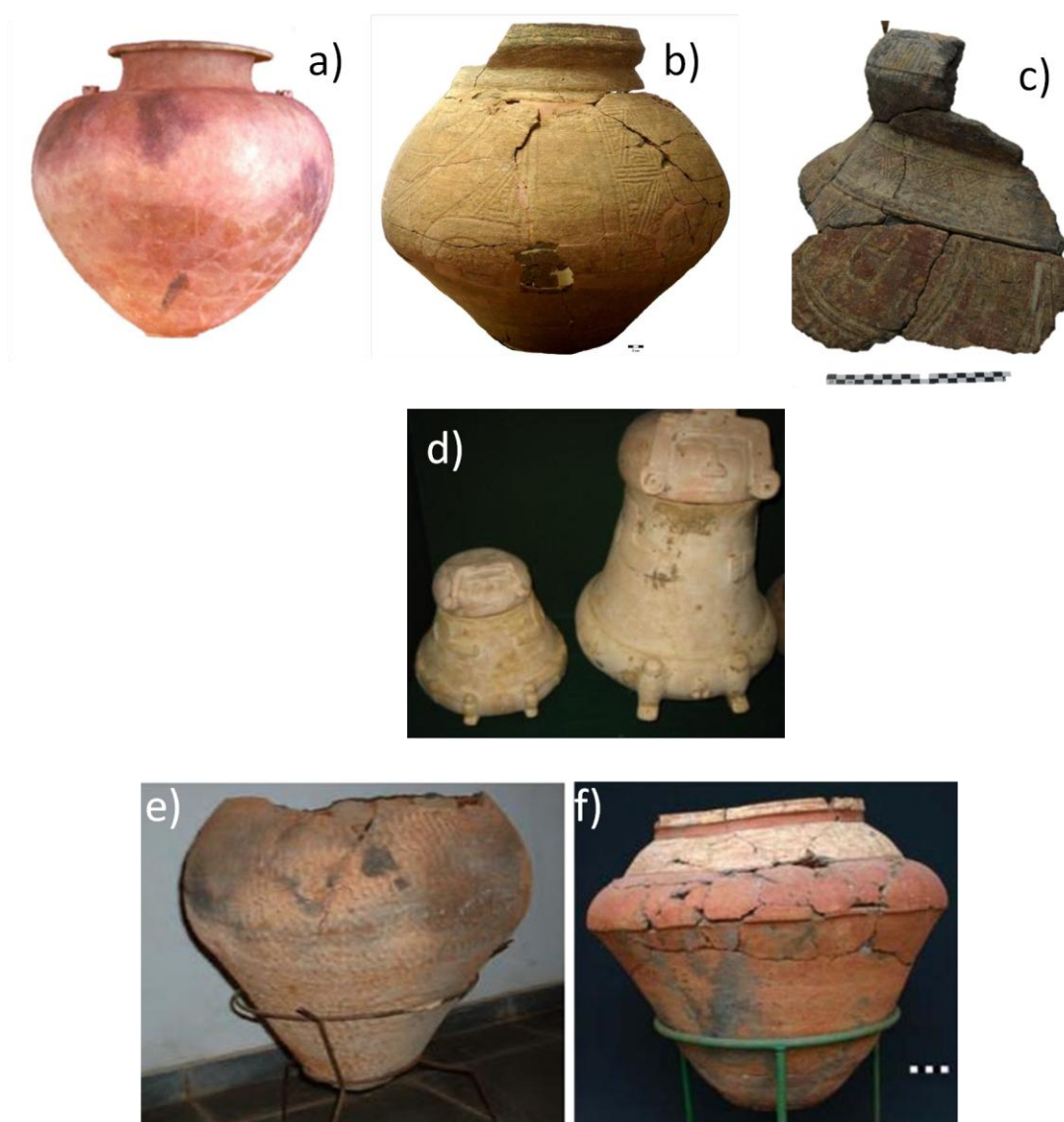


Figura 3.1 – *a* - Urna da Fase Paredão, in Barreto, 2008; *b* e *c*- urnas Caiambé, a última peça apresenta pintura, fotos Jaqueline Gomes; *d* - Urnas da Tradição Polícroma, foto Cristia Barreto; *e* - urna Tupi de São Paulo, in Moraes, C. 2009; *f* – urna Tupi Rio Grande do Sul, in Neumann, 2008.

Barreto (2008, p. 117) associa o antropomorfismo nas urnas a ontologias de conflito e predação, mas como bem destaca a própria autora essas ontologias presentes em grupos Tupi também ocorrem em grupos Pano e Jívaro.

Nessa dissertação nos esquivamos intencionalmente de um tema fundamental nas discussões recentes sobre a TPA: a exclusão das Fases do estuário, ou não, da TPA (NEVES, 2012; ALMEIDA, 2013). Não teríamos fôlego para adentrar esse debate, mas se estamos falando de pinturas e urnas funerárias é impossível não tecer um comentário. Mais do que a pintura é a presença do antropomorfismo figurativo que relaciona a TPA encontrada do Napo até o começo do baixo Amazonas àquelas Fases encontradas na foz desse rio. E nesse sentido, concordamos com a proposição de Barreto (2008, p. 96) de que essa persistência do antropomorfismo alude ao compartilhamento de elementos cosmológicos comuns, ao menos quanto a morte. Não encontramos esse antropomorfismo nas urnas Tupi arqueológicas, se ele estiver representado é de uma forma muito abstrata.

- Pintura

Outro elemento utilizado para correlacionar as cerâmicas Tupi a TPA foi a presença de pintura polícroma. Recentemente Almeida (2013) propôs que a origem da pintura nas cerâmicas da TPA estaria nas cerâmicas da Tradição Pocó (sobre a essa última tradição ver Neves, 2012). Para o autor, grupos arawak produtores dessa antiga cerâmica multicromática teriam subido a calha do Madeira e encontrando grupos Tupi-Guarani teriam estabelecido uma serie de relações entre as quais ensinaram a técnica de pintura a esses dando origem a TPA.

Brochado já apontava as variações entre a formação dos motivos da TPA e das cerâmicas das Subtradições Guarani e Tupinambá.

Amazonian techniques of polychrome painting are many and varied, but in Tupinambá and Guarani ceramics usually only the germinal motif, constituted by the juxtaposition of fine lines and wide stripes in red/or black on a whitw slip, is employed in generating a complete design. [...] The large units of design, as well as the all-over design, all look like very simplified versions of the Amazonian stylized representations of supernatural creatures, which has its most explicit form in the Marajoara style. (BROCHADO, 1984, pp. 311-312)

Para nós parece ocorrer em ambas as comparações (Pocó-TPA, TPA-Tupi) há uma confusão entre atributos e tecnologias. Os três conjuntos apresentam o atributo pintura, entretanto, as tecnologias, tanto em termos de aplicação (técnica), como de representação, são muito diferenciadas.

As cerâmicas Pocó pintadas apresentam queimas em alta temperatura e pinturas em uma gama variada de cores em tons de vermelho, vinho e laranja colocadas em finíssima camada altamente aderida a um fundo de engobo branco, entre os motivos são combinadas faixas, linhas finas e motivos geométricos (GUAPINDAIA, 2008). Uma característica peculiar dessa cerâmica, mas muito subjetiva de ser expressada, é o brilho de sua pintura.

As cerâmicas da TPA apresentam predominantemente apenas vermelho e preto sobre o engobo branco. Dependendo da região os tons de vermelho pode ser mais ou menos vivo e o preto, na verdade, pode ser um marrom escuro. Os motivos da Tradição Polícroma parecem misturar elementos abstratos e figurativos (cobras, pássaros, figuras humanas entre outros). Na Fase Jatuarana encontramos também uma ampla presença de pintura branca sobre engobo vermelho.

Na cerâmica arqueológica Tupi vemos a presença da pintura vermelha e preta sobre engobo branco, apesar da ampla dispersão geográfica também abrir espaço á variedades regionais, o que encontramos são motivos abstratos (PROUS, 2010).

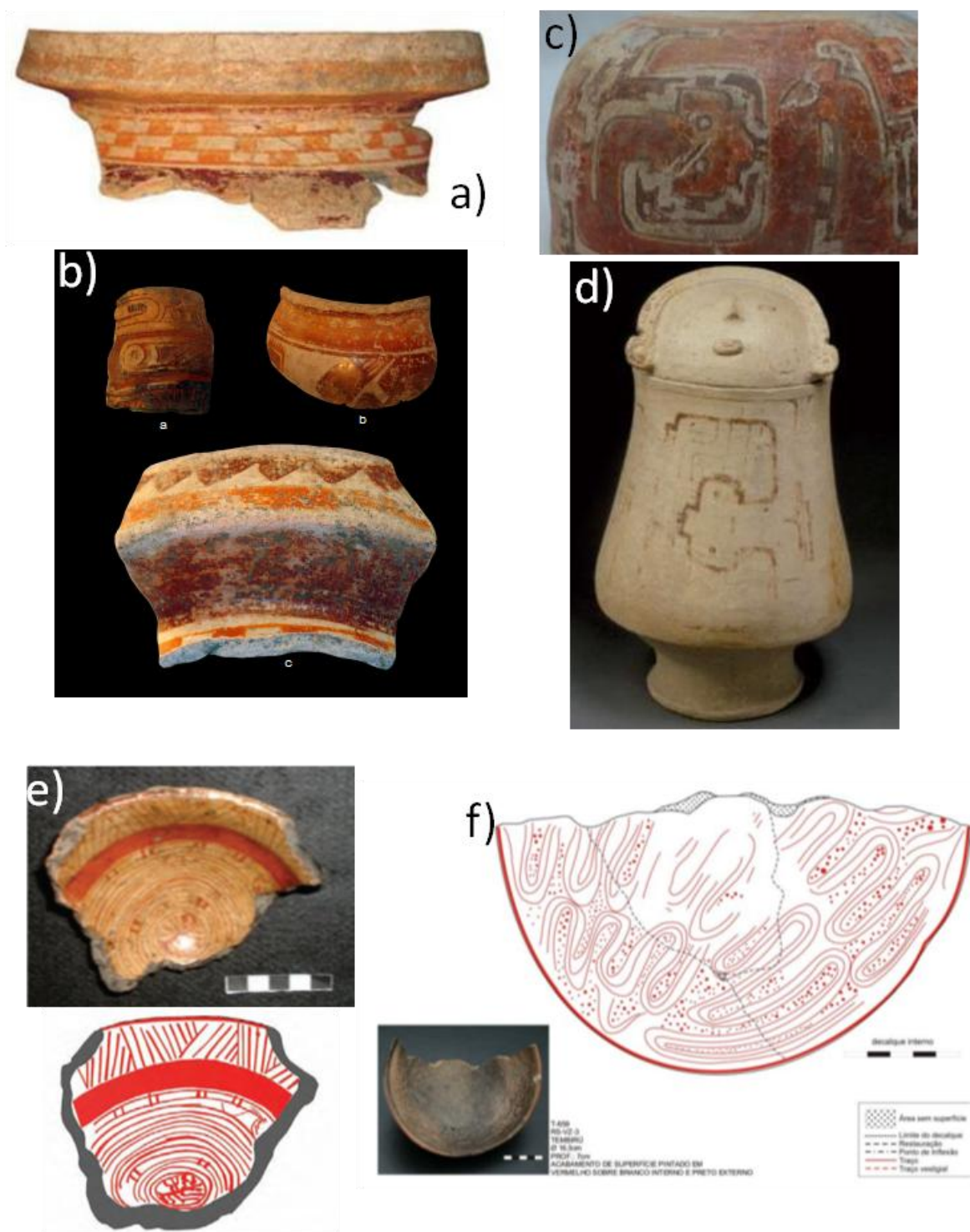


Figura 3.2 – a e b – peças pintadas da Fase Pocó, in Guapindaia, 2008; c e d – peças pintadas da Tradição Polícroma, c foto Erêndira Oliveira, d foto Cristiana Barreto; e - peças pintadas Tupi de São Paulo, in Moraes, C. 2009; f peças pintadas Tupi do Rio Grande do Sul in Neumann, 2008.

A coincidência na paleta de cores entre a TPA e a Tupi (vermelho, preto e branco) pode tentativamente ser explicado por dois caminhos. Essa combinação de cores já era usada desde muito antes em outros suportes, como o próprio corpo humano e posteriormente foi transferida para os vasos cerâmicos. Ou, simplesmente, porque vermelho, preto e branco são cores básicas nas terras baixas, encontrada, por exemplo, também nas cerâmicas Shipibo-Conibo.

Ao longo de sua tese Brochado (1984, p. 303-305) faz várias inferências a presença de pintura também entre grupos Pano, a destacar-se os, já citados, Shipibo-Conibo do Alto Amazonas. Para o autor esse fato seria consequência de uma enculturação recente desses grupos por Omaguas-Cocamas produtores de cerâmica policroma. Posteriormente houve um amplo debate entre Lathrap, DeBoer e Raymond (MAYERS, 1974; LATHRAP et all, 1985; DeBOER e RAYMOND, 1987; LATHRAP et all, 1987) sobre as origens dos grupos Pano e sua produção cerâmica. Para Lathrap e seus alunos, os grupos Panos de hoje estariam correlacionados as cerâmicas arqueológicas Cumancaya e Pacacocha. Entretanto, não há consenso sobre qual a relação entre diversos complexos cerâmicos (Sivia, Sonochenea) e os complexos Pacacocha e Cumancaya. Ambos os lados do debate concordam com a ideia de uma intensa relação tardia entre Conibos e Omáguas-Cocamas nas missões Franciscanas, mas ambos também se perguntam sobre as possibilidades de contato anteriores.



Figura 3.3 – Cerâmica Shipibo-Conibo Peru, fotos de Martin Corisapra.

Apesar de apresentar pintura e estar em alguma medida relacionada a cerâmica da TPA, a cerâmica Shipibo-Conibo é produzida por falantes de língua Pano, ou seja, o compartilhamento de um determinado atributo não está relacionado apenas a uma vinculação linguística, outros mecanismos podem explicá-lo (GOSSELAIN, 2000).

Essa procura pela origem comum de determinados atributos desemboca, em última instância, na premissa de um único centro de origem para a cerâmica na América, claramente assumida por Lathrap e Brochado (1980, p.10).

Nesse sentido apesar da presença do atributo pintura nos três conjuntos não conseguimos ver necessariamente uma relação de continuidade histórica tão direta entre essas pinturas como proposto por Brochado (1984) e Almeida (2013), visto que as tecnologias parecem diferentes. Para falsear ou comprovar a hipótese da continuidade das pinturas entre as cerâmicas polícromas e Tupi arqueológicas seria preciso estabelecer comparações bastante precisas entre os conjuntos tanto em termos gráficos¹ quanto técnicos (análises arqueométricas). Análises arqueométricas dos pigmentos das cerâmicas Polícromas e Pocó do Médio Solimões e Alto Madeira estão sendo realizadas pela Dra. Silvia Cunha Lima, e nos ajudarão a pensar a hipótese aqui levantada. Apesar de ainda serem poucos estudos como de Weber (1992), Moraes (2013), Oliveira (2014) e Vassoler (2014) nos oferecem ao menos uma base inicial de referência sobre a iconografia polícroma. Para cerâmica arqueológica Tupi existem diversos estudos sobre seu repertório gráfico como os trabalhos de Tochetto (1996) Prous (2010), Andrade Lima (2005 e 2010) e Dias et al (2008), bem como estudos etnográficos. Não nos aprofundaremos nessas questões visto que nosso objetivo é outro e as comparações foram colocadas de modo a expor uma discussão. Acreditamos, no entanto, que esse é um tema importante para futuras pesquisas sobre iconografia arqueológica.

- Centro de origem e vinculação linguística

Discutir os modelos linguísticos e suas bases empíricas é fundamental para que discutamos as hipóteses de centros de origem. Uma premissa fundamental dos

¹ Aprofundando as discussões inicialmente propostas por Andrade Lima 2005.

modelos de Lathrap (1970) e Brochado (1984) para a TPA é a correspondência entre centros de origem linguístico e centro de origem da produção cerâmica. Independente das rotas de movimentação, ambos os autores pressupõem que quando as línguas Tupi surgiram na Amazônia, seus falantes começaram também a produzir a cerâmica policroma. Ao se dispersarem levariam consigo o germen dessa tecnologia que iria, ao longo do tempo e espaço, se modificando. Quando Almeida (2013) e Neves (2012) propõem a origem da cerâmica policroma no Alto Madeira, onde para a linguística é o centro de origem das línguas Tupi, apesar da sofisticação de seus modelos, não deixam de seguir a mesma linha de raciocínio: centro de origem linguístico corresponderia ao centro de inovação tecnológica. Entretanto, Almeida (2013) friza a antiguidade da dispersão Tupi arqueológica em relação a TPA, propondo que o surgimento da TPA seria posterior as primeiras divisões linguísticas.

Essa lógica pode ser claramente notada na intensa procura da relação genésica entre os diferentes conjuntos cerâmicos. Conhecida a vinculação linguística dos conjuntos artefatuais mais recentes e definida sua correlação com conjuntos mais antigos (exemplo Pano=Cumancaya=Pacacocha, Lathrap, 1985) seria mais fácil compreendermos a história indígena de longa duração as terras baixas (NOELLI, 2008, p.28)

O número de dados conhecidos para arqueologia das terras baixas aumentou significativamente desde 1980, e diversos conjuntos cerâmicos antigos são conhecidos, como Taperinha (7000-5000 AP, com principal concentração de datas por volta de 6000 AP, in Roosevelt, 1991 et all); San Jacinto, 6.000 BP (OYUELA-CAYCEDO 1995); Alaka, 6.000 BP (ROOSEVELT 1995); Puerto Hormiga, 5.500 (REICHEL-DOLMATOFF; 1966) Valdivia, 5.500 BP (MEGGERS, EVANS E ESTRADA, 1969); Mina (5000-4000, maior recorrência de datas por volta de 4500 AP, in Simões, 1981; Roosevelt, 1995); Santa Ana/La Florida 4000 AP (VALDEZ E OUTROS, 2013); Bacabal, 3.800 (MILLER, 2009).

Desta forma hoje é difícil crer em um único centro de origem da cerâmica na América. Contudo, a ideia dessa construção da história de longa duração das populações indígenas, das continuidades destas populações, seus artefatos, sua economia e línguas não deixa de ter sido, ou ser, um maravilhoso programa de pesquisa, e todas as pesquisas ligadas a Donald Lathrap, parecem ter sido peças de

um objetivo maior que era compor essa história. Isso significa que a relação entre línguas Tupi e Tradição Polícroma compunham um quadro teórico-hipotético muito maior voltado a compreensão da história indígena de longa duração das populações indígenas na América.

As expectativas dos linguistas postulam que os primórdios das línguas Tupi devem estar por volta de 5.000 AP (CORRÊA, 2014, p.118e 191.). Porém, os dados obtidos hoje sobre a cronologia da Tradição Polícroma (ver Cap. 1) mostram que as datas mais antigas para essa cerâmica (duas datas encontradas no sítio Conjunto Vilas) são de 450 A.D (ou 1600 AP m). Essas são resultados do presente trabalho e para as quais fizemos um grande esforço interpretativo contextual (ver Cap. 2) para verificar sua validade, que consideramos positiva. Posteriormente na sequencia cronológica, a maioria das datas da TPA está por volta de 700-800 A.D (1300-1400 AP), concentradas entre os médios cursos dos rios Negros e Solimões, e com uma data isolada no Madeira. Mesmo se considerarmos o proposto por Almeida (2013) da cerâmica Polícroma estar relacionada a línguas Tupi não Tupi-Guarani, ainda estarão um pouco afastadas as expectativas da linguísticas e os dados materiais, entre 2500 e 1500 AP (CORRÊA, 2014, p.123).

Se de um lado temos um distanciamento entre as datas da TPA e as expectativas dos linguistas, isso não ocorre em relação a cerâmica Tupi arqueológica de outras regiões, onde datas bem antigas são encontradas.

Como aponta Corrêa (2014) datas antigas para a cerâmica Tupi são conhecidas em diferentes pontos do Brasil (27 datas para 17 sítios em 12 Estados, ver tabela 3.2). O autor aponta que na verdade podem existir ainda mais datas anteriores a 3000 A.P, pois, em trabalhos mais antigos datas dessa cronologia eram descartadas, muitas vezes nem sendo publicadas, por serem consideradas muito antigas. Entretanto, novas pesquisas vêm mostrando cada vez mais a presença de material arqueológico Tupi nessas faixas cronológicas.

Tabela 3.2 – Lista de sítios Tupi anteriores a 2000 A.P (dados extraídos de Corrêa, 2014)

Sítio	Data	Estado	Método	Referência
Cavalo Branco	3120 \pm 70 A.C	PA	C14	Almeida, 2008
Cavalo Branco	3500 \pm 40 A.C	PA	C14	Almeida, 2008
Abraham	2410 \pm 70 A.P	PA	C14	Silveira, 2008
Encontro	3970 \pm 70 A.P	RO	C14	Cruz, 2008
Encontro	3850 \pm 80 A.P	RO	C14	Cruz, 2008
Urupá	5070 \pm 60 A.P	RO	C14	Miller, 2009
Urupá	4230 \pm 100 A.P	RO	C14	Miller, 2009

Nova Vida	3990+70 A.P	RO	C14	Miller, 2009
Ipiranga	3760+70 A.P	RO	C14	Miller, 2009
Ipiranga	2340+70 A.P	RO	C14	Miller, 2009
Sauípe	3250 +90 A.P	BA		Robrahn-Gonzalez e Zanettini, 2001
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	2200±70 A.P	RJ	C14	Buarque, 2003
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	2600±70 A.P	RJ	C14	Buarque, 2003
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	2920±70 A.P	RJ	C14	Buarque, 2009
Panema	2030+200 A.P	SP	TL	Moraes, 2007
Loca da Panela	2390+60 A.P	MT	C14	CNSA MT00439
Abrigo da Garça	2970+60 A.P	MT	C14	González, 1996
Brasilnândia 11	2100+200 A.P	MS	TL	Kashimoto, 2007
PE-94CM	2130+400 A.P	PE	C14	Albuquerque, 2008
Ramusse Albuquerque Nóbrega 1	3875±90 A.P	TO	C14	González, 1996
Ramusse Albuquerque Nóbrega 1	3845±75 A.P	TO	C14	González, 1996
Ramusse Albuquerque Nóbrega 1	2360±70 A.P	TO	C14	González, 1996
Abrigo da Pedra Talhada	2860±90 A.P	GO	C14	Pontim, 2011
Abrigo da Pedra Talhada	2180±80 A.P	GO	C14	Pontim, 2011
São Miguel do Iguaçu	2010±75 A.P	PR	C14	Chmyz, 1979
Ropke	2200±200 A.P	RS	TL	Soares, 2004
Ropke	3500±200 A.P	RS	TL	Soares, 2004

Essa tabela nos mostra não só a existência de datas bastante antigas para os sítios Tupi, mas que algumas delas são compatíveis com as cronologias dos conjuntos cerâmicos mais antigos das terras baixas. Em preto estão destacadas as datas Tupi que são cronologicamente próximas às datas das cerâmicas Valdivia, Puerto Hormiga e Mina. As datas em cinza mais escuro são próximas as datas de Santa Ana/La Florida, e as datas em cinza claro próximas as datas das cerâmicas Bacabal.

Almeida (2013) propõe um modelo onde grupos produtores da cerâmicas da TPA, Tupinambá da Amazônia e Cumancaya adquiriram ou refinariam suas técnicas ceramistas participando de redes multiétnicas regionais impulsionadas por grupos Arawak, produtores da cerâmica Pocó-Açutba, a partir de lugares significativos e persistentes na paisagem. Dessa forma o autor procura explicar a relação elementos como as similaridades entre elementos da TPA e de cerâmicas Pano (como já visualizados por Brochado) bem como a ampla distribuição do atributo pintura em diferentes conjuntos artefatuais.

A proposta de Almeida de origem multiétnica relacionada em alguma medida a grupos arawak produtores da cerâmica Pocó Açutuba postula que muitas das características da TPA já existiriam nessas cerâmicas como policromia e flanges mesial, contudo é necessário frisar que essas características já existiam em outras cerâmicas tão ou mais antigas e com características mais próximas a TPA, como os complexos como Tutishcainyo Temprano e Shakimu também as possuem.

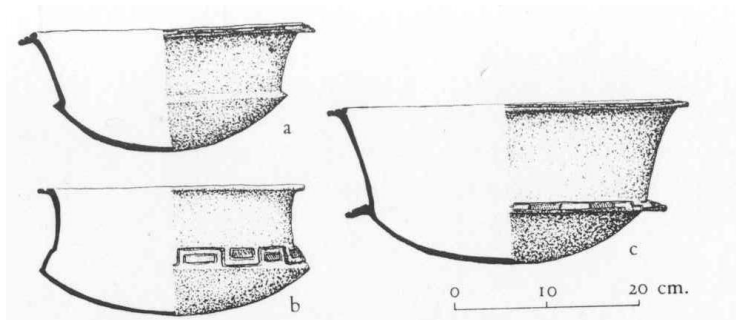


Figura 3.4 – Cerâmicas Tutishcainyo Temprano, in Lathrap, 1970.

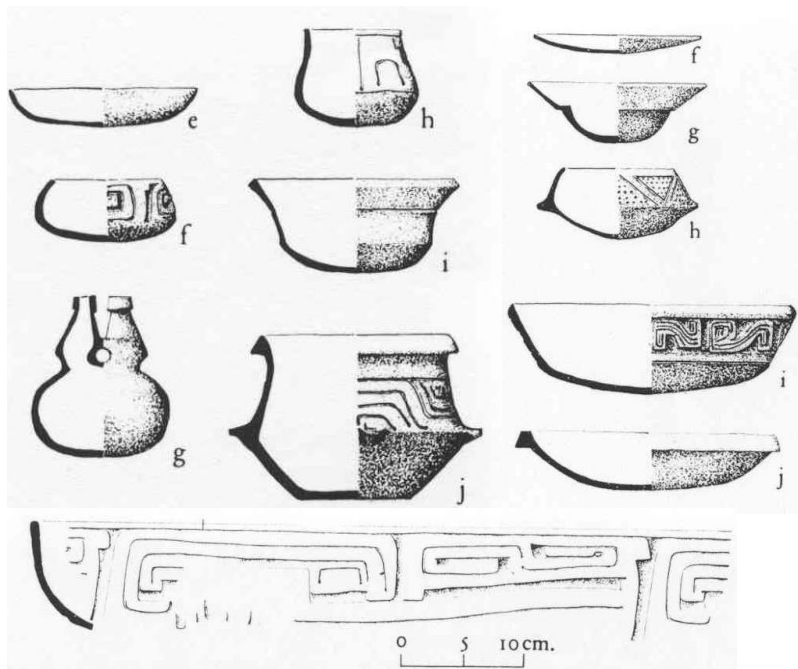


Figura 3.5 – Cerâmicas Shakimu, a esquerda peças Shakimu temprano e a direita Shakimu Tardio, in Lathrap, 1970..

Outra questão no modelo de Almeida é que as cerâmicas policromas mais antigas encontradas até o momento já apresentam as características de

reconhecibilidade da TPA. O autor não encontrou materiais que demonstrassem esse início de troca de conhecimento, onde seria esperada uma cerâmica um pouco diferenciada, provavelmente mais similar as cerâmicas Pocó, mas já com alguns elementos do que seriam depois os elementos de reconhecibilidade da TPA.

Por fim, apesar de elegante e sofisticado o modelo de Almeida parte da ideia de que apesar de uma origem tecnológica multiétnica a TPA se dispersou pela bacia Amazônica através de uma expansão belicosa Tupi (ALMEIDA, 2013, 352), ainda poderia ser questionada a correlação entre língua e cultura material.

Contudo nossa questão é que, sejam maiores ou menores, as possibilidades da TPA estar relacionada a falantes de língua Tupi ou a um possível local de origem não resolve todos os problemas relativos a essa Tradição. Assim, quanto a questão dos centros de origem, acreditamos que antes de pensarmos o *onde* talvez careçamos ainda de pensar o *como*. Voltamos a pergunta já colocada por Corrêa (2014, p.98) “como surge um estilo tecnológico?” ou “como surge um Tradição ceramista?” em outra terminologia.

Apesar de estarmos debatendo e por vezes propondo novos meios de interpretar os dados, nossas observações sobre a ideia de centro de origem são apenas duas. Os dados cronológicos, não apenas as datas de 450 A.D, mas todo o contexto de 700-800 A.D, apontam que o início da produção da cerâmica policroma não esteja no rio Madeira. Não acreditamos tampouco, dadas as imensas lacunas que existem a respeito de algumas áreas da TPA, que este local esteja em Tefé. As cerâmicas antigas encontradas em Tefé já possuem os principais elementos de reconhecibilidade policroma (acanalado, pintura, motivos e caraipé) e acreditamos que a cerâmica policroma mais antiga de fato vá ser um pouco diferente.

- Vinculações linguísticas

Precisamos pontuar uma outra questão importante antes de passarmos adiante. Os grupos que têm sido pensados como balizas da relação TPA-Tupi, Omáguas e Cocamas, têm tido seu entendimento como línguas Tupi discutido. Existe um amplo debate na linguística sobre o tema, onde temos de um lado linguistas (CABRAL, A. e RODRIGUES, 2003, CABRAL, 2011) que estudaram a língua Cocama do Brasil e de outro lado linguistas (O'HAGAN, MICHAEL, e

VALLEJOS, 2013; O'HAGAN, 2014) que estudaram as línguas Cocama e Ómaguas do Peru. Basicamente, o primeiro grupo propõe que não é possível determinar uma origem genética para a língua Cocama, as quais teriam similaridade lexical e não gramatical com outras línguas Tupi. A quantidade de empréstimos de outras línguas (de família Aruak, Pano e Quéchuá) indicaria que a língua Cocama seria uma “língua crioula” criada no âmbito das missões religiosas no alto Amazonas. O segundo grupo critica a hipótese do primeiro, pois, destacando o seu problema amostral, falantes de Cocama² no Brasil, propõe que o Cocama é uma língua derivada do Tupi-Guarani. Para os autores da segunda hipótese, em algum momento houve um Pré-Proto Cocama-Omágua que depois se tornaria o Proto Cocama-Omágua. É nessa transição que aconteceria a grande influência de outras línguas. Há ainda uma terceira hipótese levantada por Urban (1996) de que as línguas Cocama-Omagua serem uma primeira versão de uma língua geral amazônica surgida alguns séculos antes do contato.

Ambos os grupos convergem em um ponto, a língua Cocama não é uma língua “clássica” Tupi, ela resulta de intensos fluxos entre diferentes grupos linguísticos. O como e quando esses fluxos ocorreram é que é o ponto de divergência. O que conseguimos entender é que o Cocama, e provavelmente o Omágua também, são uma espécie de língua “multilinguística”.

Arqueologia, etnohistória e linguística têm discutido suas perspectivas sobre os Cocama e Omágua de forma particular. Todas estas disciplinas possuem divergências internas sobre seus modelos e procuram nas outras dados que possam validar seus argumentos. Entretanto, como pontuou Viveiros de Castro (1996), não temos estabelecido um diálogo real entre as disciplinas, temos apenas empréstimos de argumentos entre essas.

- Dados arqueológicos e vinculações Etnohistóricas

Não teremos espaço para uma reflexão profunda e rigorosa sobre a correlação entre áreas com sítios da TPA e referências etnohistóricas sobre falantes de línguas Tupi. Mas como esses são argumentos que fundamentam os modelos de

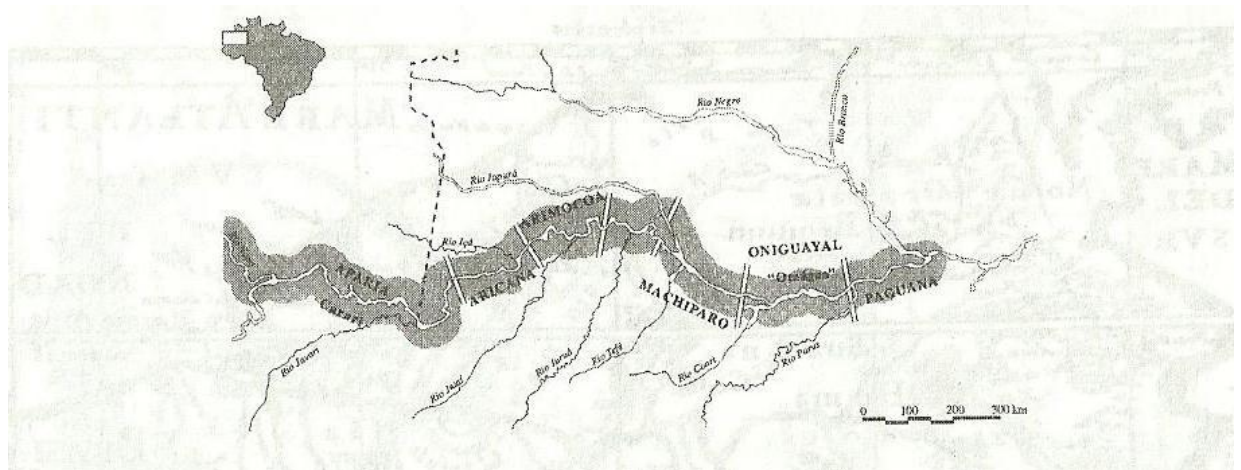
² Sobre os Cocamas que residem no médio alto Solimões atualmente ver Costa e Santos, 2013.

“expansão polícroma” como correlatos de expansão Tupi é inevitável que reflitamos sobre os usos desses dados.

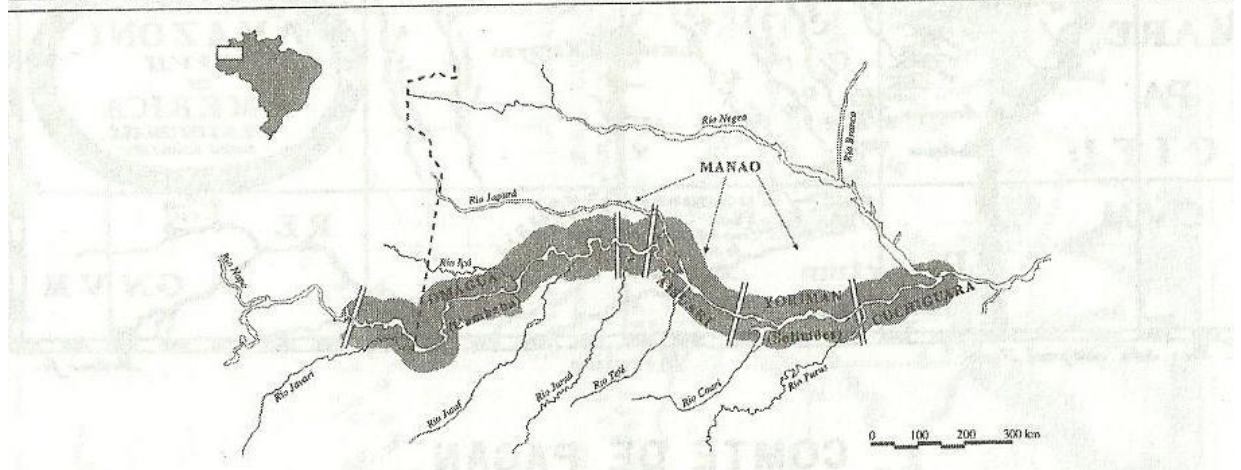
A presença contemporânea de grupos indígenas em determinadas áreas deve ter sempre em mente o impacto do contato, extermínio de populações e as movimentações de fugas e descimentos (PORRO, 1992, 175) e exige um entendimento consistente desse fluxo de pessoas. Por falta de tempo e espaço nos concentraremos principalmente em uma problematização pontual e amostral dos dados etnohistóricos. Faremos, então, uma breve discussão baseada nos dados apresentados por Antônio Porro (1992, 1995 e 2007). Essa escolha foi feita porque o autor traz uma refinada e extensa compilação dos dados para a área do Solimões, que é o foco central dessa pesquisa e, portanto, a que melhor conhecemos arqueologicamente. Deixamos claro aqui que nos basearemos, então, apenas em fontes secundárias, suficientes para o exercício reflexivo que queremos executar.

Através da leitura de diversos cronistas dos séculos XVI e XVII Porro (1995) consegue estabelecer algumas províncias, que seriam amplos territórios chefiados por uma grande liderança, para a calha do Alto Amazonas Solimões:

“As fontes quinhentistas falam do poderoso cacicado de Aparia, que se estenderia desde o baixo Napo, Equador, até a região de São Paulo de Olivença, eram ao que tudo indica os Omaguas que os portugueses chamariam de Cambeba. Abaixo deles, mais acima do Iça viviam as tribos de Aricana e Arimocoa. [...] entre o Tefé e o Coari em mais de 200km, as duas margens do Solimões eram ocupadas pela província de Machiparo. [...] mais a leste entre a foz do Purus e o Lago de Manacapuru vivia a tribo Paguana. [...] Um século mais tarde Acuña, Cruz e Hiriarte deram outros nomes a essas tribos do Solimões; abaixo dos Omáguas, entre o Juruá e o Coari, dominavam os Aysuari ou Curucirari, e do Coari ao Purus os Yoriman ou Yurimagua, que os portugueses chamariam de Solimões.” (PORRO, 1995, pp. 26-27)



Mapa 1 As principais províncias indígenas do Alto Amazonas em 1550



Mapa 2 As principais províncias indígenas do Alto Amazonas em 1650

Figura 3.6 – Mapas etnohistóricos da calha do Alto Amazonas e Solimões nos século XVI e XVII, in Porro, 1995.

Se olharmos o mapa de Fritz (ANEXOS IV) certamente veremos que em uma escala menor o quadro delineado por Porro na citação acima é bem mais complexo, havendo uma imensa diversidade de grupos nomeados para área. O próprio Porro

(1995) comenta essa questão. Mas como estamos discutindo premissas macro regionais da TPA seguiremos essa distribuição territorial esboçada por Porro.

Voltando-nos aos problemas específicos da TPA podemos ver na figura 3.6 que a área marcada como os territórios de Aparia e Omagua correspondem arqueologicamente as Fases Napo e Zebu. A área dos Aricana do século XVI corresponde a área onde foram delimitadas as Fases São Joaquim e Pirapitinga. As terras de Machiparo, depois chamadas de Aysuari, corresponde a área onde foi identificada a Fase Tefé. Na zona dos Onyaigual, depois chamados Yurimaguas, foi definida a Fase Guarita. Na zonas dos Paguanas depois chamados Cuchiguaras também foi identificada a Fase Guarita.

A partir dessas superposições geográficas iniciamos um breve e superficial exercício de reflexão sobre a correlação entre os dados arqueológicos disponíveis para TPA e etnohistóricos, seguindo de Leste para Oeste.

A área Paguana-Cuchichara é aquela que menos conseguimos encontrar informações em Porro (1995). O pouco relatado se refere aos costumes dos indígenas, que divergiam entre pacíficos e viciosos (p.54), que a região fazia intensos comércios com os Andes (p.55) e que a área seria habitada por diversas outras tribos, predominando para o lado do rio Negro um conjunto de tribos chamadas de Carabayuana (p.55).

Já para os Yurimáguas Porro (1995) destaca algumas características que consideramos importantes para nossa discussão: é nessa área que é descrita a famosa Aldeia da Louça (pp. 82, 121-122); que pelas descrições do material tem sido entendida como uma aldeia produtora de cerâmica Polícroma (NEVES, 2013, p.222; MORAES, 2013, p.320); os Yurimaguás seriam altamente belicosos (PORRO, 1995, pp.83, 118-119); eles andavam nus, a introdução dos tecidos seria pós missionária (PORRO, 1995, p.122); eles mantinham relações amistosas com os Aysuaris, e os limites entre sua terras não era marcado por um buffer zone (PORRO, 1995, p.115). Quanto a língua, Nimuendajú, os classificou como Tupi, mas Porro (1995, p.120; 53) afirma que isso seria um equívoco, pois, a expedição de Pedro Teixeira, que possuía falantes de língua geral, não conseguiu falar com eles, e Fritz postulou que os Yurimaguás falavam língua muito diferente dos Omáguas.

Para a área Machiparo- Aysuaris, as principais informações significativas são de que estes participariam de intensas redes de trocas com o Rio Negro (PORRO,

1995, p.52) onde ofereciam cerâmica de alta qualidade em troca de urucum, cestarias e outros produtos. Estariam em conflitos frequentes com os Omáguas existindo uma buffer Zone entre o Juruá e Jutai separando esses dois domínios (PORRO, 1995, p.52), mas como colocado com os “vizinhos” a montante (Yurimaguas), as relações seriam muito amistosas, incluindo saídas conjuntas para guerra contra grupos de terra a dentro (PORRO, 1995, p.33). Essa relação de proximidade é também descrita por Fritz “*La gente Yurimáguia y Aizuaré, aunque sean naciones diferentes y de diversas lenguas, son casi de unas costumbres. Andam totalmente desnudos*” (FRITZ, 1917, p.314, apud UGARTE, 2009, p.471).

Para os Omáguas, Porro (1995) enfatiza amplo domínio territorial (p.49), suas vestimentas com roupas com desenhos ao modo do Peru (p.48) e a presença de deformação craniana (p.50), registrada apenas a partir do século XVII. Eles seriam falantes de línguas Tupi (p.48), entretanto o canibalismo ritual de cativos não seria uma prática tão recorrente.

A área onde há uma possível maior correlação entre dados arqueológicos e etnohistóricos parece ser entre as províncias dos Yurimaguas e a **Fase Guarita**. Na área descrita como sendo dessa província encontramos uma grande quantidade de sítios unicomponenciais policromos e os relatos etnohistóricos apontam para a produção de elaborada cerâmica. A belicosidade dos Yurimaguas para com os grupos rio abaixo, estaria de acordo com a presença de valas defensivas na área de confluência. Já com os grupos de rio acima, com os Machiparo- Aysuaris, as relações seriam pacíficas e convergentes, nessa área ainda não evidenciamos estruturas defensivas bem como encontramos relações de fluxo de elementos da cerâmica policroma em materiais caiambé (ver cap. 2). Entretanto, como colocado, Porro coloca que esses Yurimáguas não seriam falantes de línguas Tupi.

A **Fase Napo** corresponde geograficamente a área Omagua descrita pelos cronistas, entretanto, o Tupi falado por esses grupos apresenta peculiaridades (NEVES, 2013; ALMEIDA, 2013); mais abaixo onde encontramos a **Fase Zebu** deveriam estar outras aldeias do domínio Omagua (PORRO, 1995, p. 99), entretanto, apesar das extensas prospecções Bolian (1975) encontrou apenas um sítio policromo (sítio 14) entre os 15 sítios encontrados por ele. Há de se levar em consideração que Bolian pesquisou apenas a margem esquerda do Marañon (lado colombiano).

Porro (1995) enfatiza em vários pontos do livro as diferenças entre os costumes de Omáguas e Yurimáguas, destacando a presença de vestuário entre os primeiros e a ausência entre os segundos. Outro ponto é a língua, segundo o autor, o Padre Samuel Fritz, que viveu mais de uma década entre os indígenas do alto Amazonas e Solimões, afirma que esses dois grupos falavam línguas diferentes. Outro ponto seria que Omáguas estabeleceriam relações belicosas com Machiparo, enquanto, os Yurimáguas manteriam relações amistosas.

Esse exercício reflexivo de correlacionar dois tipos de fontes nos conduziram a consideração de que se fomos realmente utilizar os dados etnohistóricos eles irão na contramão dos modelos vigentes para TPA, indicando que essa foi produzida e consumida por diferente grupos, potencialmente por falantes de diferentes línguas, como no caso descrito para Omáguas e Yurimáguas.

O que realizamos aqui foi um exercício reflexivo já que vários autores apontam para o potencial dos dados etnohistóricos na formulação dos modelos da TPA (LATHRAP, 1970; MOARAES E NEVES, 2012, TAMANAHA, 2012). Apesar desse nosso breve exercício ter apontado para divergências com os modelos vigentes para Tradição Polícroma, concordamos que os dados etnohistóricos devem ser explorados para o entendimento dessa tradição, já que possuímos uma série de datas (10 datações) que indicam que a TPA estava sendo produzida na época do contato e continuou sendo por mais de 1 século após. Contudo, acreditamos que carecemos de um estudo arqueológico específico dessas fontes que analisem de forma aprofundada e rigorosa as fontes primárias e consigam extrair delas o máximo de dados potenciais para as discussões arqueológicas, em uma linha similar ao elaborado por Robazzini (2014) para a calha do Tapajós.

Ou seja, vemos no registro arqueológico a Tradição Polícroma dispersa por toda a Bacia Amazônica, apresentando diferenças regionais, mas mantendo uma série de elementos comuns que permitem sua correlação. Todavia, se olharmos os relatos etnohistóricos eles apontam uma imensa diversidade de grupos locais. Mesmo olhando essas diferenças em uma escala maior, como elaborado por Porro, esses dados apontam significativas diferenças entre os grupos localizados sobre as áreas de sítios arqueológicos da TPA. Porro (1992, 1995) também apresenta dados interessantes para o baixo Amazonas e começo do Madeira. Dados etnohistóricos para este rio também são trazidos por Menedéz (1992) e Silva, C. e Costa (2014),

tais dados possivelmente permitirão uma discussão similar a que realizamos acima para o Solimões, pois os dados indicam ampla diversidade linguística.

Neves (2012, p. 263-266) procura explicar a dissonância entre dados etnohistóricos e arqueológicos quanto a vinculação linguística, através da proposta de Anthony (2007) sobre fronteiras persistentes. O autor propõe, então, a agregação de diferentes elementos para possibilidade de estabelecer correlações entre dados linguísticos e arqueológicos. Passaremos a essa discussão abaixo.

- Outros dados utilizados para pensar a relação TPA-Tupi

Apesar de contrapor o centro e origem e as rotas da chamada expansão polícroma de Lathrap e Brochado, Neves mantêm um elemento em comum e estruturante: a relação entre língua e cultura material. Neves (2011, p. 31-34) aponta as dificuldades para o estabelecimento de relações entre línguas e cultura material na Amazônia, visto, entre outros fatores, que o conhecimento etnohistórico e etnográfico apontam para diversos sistemas multilinguísticos onde grupos com diferentes línguas compartilham uma mesma cultura material. Contudo, o autor argumenta que o aumento do conhecimento de diferentes aspectos do registro arqueológico podem levar a correlações mais confiáveis entre língua e cultura material.

Neves (2011, 2012) expõe uma série de questões que diferenciariam a TPA de outros contextos regionais da TBI na Amazônia Central o que mostraria sua origem exógena. Do mesmo modo, esses elementos contextuais permitiriam sua correlação, mesmo que comparativa, a outros contextos Tupi, reafirmando assim a hipótese de sua vinculação linguística:

[...] se compararmos a expansão polícroma pelo alto Amazonas com a expansão Tupinambá pela costa Atlântica. Essa comparação, mesmo que breve, mostrará que os paralelismos entre esses dois processos são grandes o suficiente para que considere que tiveram uma mesma base cultural. Entre os pontos em comum, há que se mencionar: a presença explícita (Tupinambá do litoral) e inferida (Guarita) da guerra, a rapidez das expansões e de ocupações dessas áreas – o litoral e a calha do Solimões – por essas populações, as evidências - nos dois casos - de assentamentos

relativamente pequenos ocupados por algumas décadas, resultado de um padrão de mobilidade relativamente, ao menos no nível de décadas [...] (NEVES, 2012, pp. 257-258).

Como colocado no início do capítulo, para o autor, a grande dispersão das cerâmicas da TPA seria consequência de uma rápida expansão belicosa de falantes de línguas Tupi. No registro arqueológico, a belicosidade seria atestada pela presença de estruturas defensivas, a rápida expansão seria mostrada por ocupações rápidas e pouco densas inferidas pelos pacotes arqueológicos pouco espessos e restritos horizontalmente dentro de sítios multicomponenciais. Outra consequência dessa rápida expansão seria a baixa variabilidade e padronização decorativa das cerâmicas (MORAES e NEVES, 2012; NEVES, 2012). Uma predominante concentração de sítios da TPA a partir de 1000 A.D, também denotariam uma rápida expansão.

No capítulo 2 trabalhamos exaustivamente os dados a respeito da cronologia, e como vimos o número de datas anteriores da TPA têm aumentado em volume e em recuado em cronologia. As datas para TPA iniciam-se, atualmente, em 440 A.D e a partir de 700-800 A.D temos um conjunto de datas crescendo paulatinamente pelas calhas do Solimões e Negro. Após 1000-1100 A.D é visto um aumento da distribuição regional de sítios da TPA, ou seja, a área onde a TPA é encontrada torna-se maior. Então, vemos a partir desses dados, muitos recentes, que a dispersão da TPA não foi um processo rápido ou único, mas que passou por diferentes momentos e que foi de longa duração. Sobre esses momentos falaremos na conclusão do capítulo.

A rápida expansão seria possibilitada pela guerra, cujas evidências são encontradas no registro arqueológico. A partir da revisão bibliográfica, os dados indicam que tais evidências estão restritas a área de confluência e ao começo do baixo Madeira e que a cronologia polícroma desses sítios está entre 1000-1400 A.D aproximadamente, não foram encontradas evidências de guerra com cronologia antiga. Nas demais áreas de ocorrência polícroma tais estruturas não foram registradas. Um bom exemplo de contraponto é o alto curso do rio Madeira onde ocupações são contínuas no registro desde o período pré-cerâmico, diferente da Amazônia Central, e os dados indicam a presença de diversos conjuntos cerâmicos ao longo do tempo. Nessa área que parece ter sido de intensa e contínua

diversidade cultural, um significativo número de trabalhos arqueológicos têm sido realizados (MILLER, 1978, 1979; DOCUMENTO, 2012 a e b; ALMEIDA, 2013, ZUSE, 2014, entre outros) e não foram encontradas evidências diretas de conflito, como valas e paliçadas.

Está claro que entendemos que nem todos os conflitos devem ter deixado vestígios diretos no registro arqueológico, também está claro que o conflito é uma constante em muitos grupos das terras baixas (VIVEIROS DE CASTRO, 1986; FAUSTO, 2001, 2005) e assim deveria ser, em alguma medida, em tempos pré-coloniais. A questão colocada aqui não é a existência ou não da guerra, mas como ela é pensada na TPA. Ou seja, as evidências de guerra implicam a existência de conflito e não necessariamente de um ethos belicoso.

Nas áreas de ocorrência de datas mais antigas (médio alto Solimões e médio rio Negro) da Tradição polícroma não foram encontradas estruturas defensivas, e no caso do médio alto Solimões vemos em sítios da TBI indícios de troca e emulação de materiais polícromos, o que poderia nos indicar relações locais mais pacíficas.

Partindo da premissa de que as cerâmicas polícromas foram produzidas por grupos Tupi, tem-se projetado sobre a Tradição Polícroma um modelo da guerra de expansão e predação (NEVES, 2009; VIVEIROS DE CASTRO 1986). Todavia, esse modelo já foi criticado dentro da própria antropologia (McCALLUM, 1996), que indica que apesar de válido para diferentes grupos Tupi, esse modelo possui exceções. Como vimos nesse capítulo, as evidências de conflito na Área de Confluência podem ser bastante correspondentes à belicosidade Yurimágua e suas relações com os grupos à jusante.

Por fim, temos que discutir a relação entre registro arqueológico e inferências sobre formas de aldeias, densidade e duração de ocupação. Os dados presentes e os modelos mais recentes sobre esses aspectos foram formulados a partir de sítios multicomponenciais da Área de Confluência.

Na área de confluência, os sítios multicomponenciais com material da TPA apresentam, como demonstrado por Neves (2012) e Tamanaha (2012), pacotes com material polícromo pouco profundos (10-20cm de profundidade) e possuem uma distribuição espacial menor que as da TBI. Neste sentido, vem sendo proposto que as ocupações da TPA seriam menores, menos densas e mais rápidas que as da TBI. Dentro da hipótese a quantidade de material nos sítios está sendo interpretada

como índice de correlato populacional, e há uma a premissa de que todo o sítio com material policromo é pensado como uma aldeia de produtores da cerâmica policroma.

Contudo, quando olhamos para os aspectos quantitativos da variabilidade artefactual fatores que envolvem o tipo, frequência, modo e contexto de uso dos artefatos devem ser abrangidos (SILVA, 2000).

Graves (1991) estudando os Kalinga percebe que o incremento do número de potes entre as regiões por ele examinadas não esteve relacionado a aumento da população, mas a alterações na economia regional que permitiram a produção e consumo de um maior número de potes. O autor ainda pontua que a maior ocorrência de vasos e fragmentos em uma casa do que em outras se refere não ao número de moradores, mas sim a presença ou não de uma ceramista na residência, de modo que as diferenças nesse sentido se referem ao acesso a produção. Observações nessa mesma linha também foram feitas por DeBoer e Lathrap (1979), estudando as aldeias Shipibo-Conibo os autores perceberam que as casas com mais ceramistas ou com ceramistas mais habilidosas possuíam quantidades e refugos cerâmicos diferentes das outras.

Essas questões relativas a produção e consumo de bens é de grande relevância para arqueologia da TPA quando pensamos nos recorrentes relatos dos cronistas sobre rotas de comércio e produção específica de alguns bens, incluso de longa distancia, presentes nos relatos dos cronistas (PORRRO 1995, 2007)

Precisamos diferenciar, então, a produção apenas para consumo doméstico (*household production*) e da produção doméstica na qual parte dos produtos é destinada para consumo externo (*household industry*). Uma produção do tipo *household industry* acarreta em um aumento do volume e frequência de produção, bem como, um adicional investimento de trabalho (CHILTON, 1998, p. 157). Esse aumento no volume e frequência de produção pode ser confundido com acréscimo populacional. As diferenças entre a *household production* e *household industry* também influenciam sobre as dimensões formais, relacionais e espaciais, repercutindo ainda sobre as associações estabelecidas entre cerâmica e identidade, como apontam Dieltler e Herbich (1994).

Quanto as características dos sítios sabemos desde os trabalhos seminais de Binford (1980, 1991) que diferentes espaços compõem diferentes variabilidades

artefatuais e envolvem diferentes processos de formação do registro (ver também Schiffer, 1987; Schiffer e Skibo, 1997). Acreditamos que essas questões sobre variabilidade de sítios são fundamentais para refletirmos sobre a proposta de rápida expansão da TPA.

Podemos perceber dentro da TPA uma variedade de sítios, como grandes aldeias (como Itapirema, São Paulo II, Lauro Sodré e Vila Nova II), aldeias menores (Associação Calderita, Antônio Galo, Santa Cruz), sítios com áreas de cemitério reservadas (Aldeia Jamil, Monense, Tauary, Ramal 254) e sítios com fluxo³ (Conjunto Vilas, São Miguel do Cacau, Boa esperança). Esses diferentes tipos de sítio não podem ser utilizados da mesma maneira para inferir formas de aldeias, densidade e duração de ocupação.

Isto implica que não necessariamente os sítios multicomponenciais com pacotes pouco espessos sejam aldeias de curta duração com uma população menor que as das ocupações precedentes. Significa que o tipo de utilização daquele espaço foi mais rápido e menos denso, mas isso pode ser uma característica do tipo de atividade ali realizada. Belletti (no prelo) tem proposto que muitos dos sítios multicomponenciais da área de confluência possam ser na verdade áreas de acampamento. As ocupações nesse tipo de área são pontuais e envolvem grupos menores, desse modo geram pacotes mais rasos e circunscritos que nas aldeias, por exemplo, onde um número mais amplo de atividades é desenvolvida. É nas aldeias também que os potes são fabricados, sendo assim é esperado que se encontrem mais potes lá do que em locais para onde eles são transportados, como acampamentos. A autora formula essa hipótese analisando as morfologias apresentadas por Tamanaha (2012), a partir da perspectiva das esferas de variabilidade artefactual de Schiffer e Skibo (1997).

Ou seja, o modelo que se tem projetado de rápida, curta e linear ocupação Polícroma pode se remeter na verdade as características dos acampamentos polícromos e não as aldeias polícromas de fato. Essa hipótese é reforçada se olharmos outros contextos além da Amazônia Central. No médio baixo Solimões,

³ Escolhemos o termo fluxo por que ele abrange tanto as ideias de peças movimentadas diretamente como por comércio e troca, como aquelas emuladas que apresentam características da TPA que devem ter sido produzidas por ceramistas não originalmente produtoras da TPA (produtoras da cerâmica Caiambé fazendo motivos Tefé em suas vasilhas) ou por ventura ainda aqueles casos onde mulheres produtoras da TPA estejam em aldeias de outros grupos (nos casos de trocas e roubos de mulheres ou mesmo alianças por casamento entre outros) reproduzindo dentro da gramática cerâmica daquele grupo pequenos elementos de seu conhecimento original sobre o fazer cerâmico.

entre o Coari e o Purus, há uma significativa concentração de sítios unicomponenciais da TPA onde os pacotes ultrapassam os 50-70cm de profundidade. No Rio Negro em algumas áreas os sítios da TPA são descritos como tendo em média 90cm de profundidade, alguns passam de 1 metro.

Claro que pacotes de 50cm a 90cm ainda são muito inferiores aos pacotes de 2m de profundidade achados nos montículos da Área de Confluência.

Mas podemos pensar mais uma vez que as diferenças entre o processo de formação do registro nos espaços Polícromas e Borda Incisa (espessura de pacote e quantidade de cacos) não estejam ligadas somente a contingentes populacionais, mas na forma de manejo do espaço.

Estamos sugerindo aqui que ligados aos produtores da TPA possamos identificar pelo menos 3 espaços diferenciados, aldeias propriamente ditas, acampamentos (de roçado, caça etc) e cemitérios. Para a TBI esse tipo de ideia até o momento não tem sido proposta. Se o modos de manejar o espaço da TPA forem de fato mais fragmentados, com diferentes tipos de sítios, que os da TBI é esperado e que estes últimos sejam maiores.

Entretanto, não podemos incorrer em generalizações extensas, apenas o médio baixo Solimões e, talvez o alto Madeira, nos ofereçam grande quantidade de dados contextuais para os sítios da TPA. Como colocado no primeiro capítulo, os sítios escavados no Napo, Ucayaly, Marañon e Caquetá são pontuais e não temos acesso a dado detalhados das escavações realizadas no Rio Negro, Uatumã e baixo Madeira. Dessa forma a hipótese aqui colocada sobre os diferentes tipos de sítios relacionados a TPA deve ser aprofundada e testada com dados contextuais mais detalhados de outras áreas. Mantemos, entretanto, nossa hipótese de que olhando para o quadro geral de dados da TPA não podemos generalizar que suas ocupações sejam curtas e rápidas.

Um ponto importante é que os modelos sobre a TPA tem sido formulados com base nas tipologias cerâmicas, autoras como Chilton (1998 e 199b) e Beck propõe uma interpretação da variabilidade artefactual mais aprofundada pensada através das escolhas tecnológicas e seus significados. Foi nesse sentido que procuramos analisar as cerâmicas do lago Tefé.

- Como contar a história da TPA então?

A história da dispersão da TPA é ainda muito fragmentada, pois, temos amostragens muito disparees para as diferentes regiões. O Oeste é para nós ainda uma grande nebulosa. No Napo e afluentes, apesar do aumento no número de sítios conhecidos (ARROYO-KALLYN e PANDURO, 2013; CABRERO, 2014), não temos acesso a publicações sobre os dados de escavação e, aparentemente, nenhuma nova data foi realizada. Um cenário ainda bastante desconhecido é o dos grandes cursos secundários (Aripuanã, Purus, Juruá, Jutai etc.).

Como podemos ver, conforme as pesquisas foram avançando a Oeste, acima da área de confluência, as datações mais antigas começaram a se tornar mais frequentes, dados similares de Simões e Kalkmann (1987) sobre datas antigas no rio Negro se tornaram coerentes em um quadro regional.

As datas mais antigas estão nos afluentes do médio alto Solimões em 450 A.D. Em 600 A.D aparecem datas no médio Caquetá, em 700 ocorrem datas no baixo Japurá (Lago Amanã), em 800 no médio baixo Solimões e Negro, em 900 no baixo Negro e baixo Amazonas. A partir de 1000-1100 A.D no Napo e Madeira⁴ começam a aparecer datas para TPA. No Ucayali, e área de confluência aparecem apenas entre 1200-1300 A.D.

Nesse sentido é importante notar que datas mais antigas na área de confluência ocorrem primeiro na margem do Rio Negro (Açutuba), e mesmo as datas no baixo Amazonas (Capuru d1) são anteriores as da área de confluência para o lado do Solimões (Laguinho e Hatahara).

Traduzindo os dados cronológicos como dispersão de tecnologia o que nos parece nesse momento é que a TPA começa a ocorrer em algum lugar Oeste (qualquer lugar acima no médio alto Solimões, não temos hipótese de quando mas provavelmente anterior a 450 A.D⁵). Nesse momento as relações entre produtores da TPA e outros grupos locais não parecem envolver grande belicosidade, pois, existe intenso fluxo de elementos da TPA nessas cerâmicas locais da TBI⁶e não

⁴ A exceção da data isolada de 740 A.D, as datas só aparecem depois de 1000, ainda de maneira pontual, tornando-se frequentes só depois de 1200-1300 A.D.

⁵ Não tenho hipóteses para onde, com ou quando começou a a tecnologia da TPA.

⁶ Precisamos estudar sítios unicomponencias da TPA na região para saber se influências da TBI na TPA também correm.

encontramos vestígios diretos de conflito (como valas e paliçadas). Seguindo os cursos secundários⁷ TPA chega aos rios Japurá e Rio Negro. Paralelamente ela segue sendo dispersa em direção ao baixo Solimões se aproveitando das margens vazias⁸. Entretanto, a dispersão da TPA pelos baixos cursos dos rios Negro e Solimões esbarra na área de confluência densamente povoada há muito tempo. Relações belicosas entre os portadores da TPA e produtores da cerâmica Paredão passam a ocorrer na área de confluência. A TPA chega ao baixo Amazonas provavelmente por pelos pequenos igarapés que se conectam ao Rio Negro.

Esta área, no entanto, já estava também densamente povoada, e um tipo de relação ainda não registrada se estabelece. Se no médio alto Solimões vemos relações de troca e emulação de elementos da TPA dentro de conjuntos TBI, no baixo Amazonas surge a cerâmica Saracá que agrega de forma ampla elemento da tecnologia da TPA (bordas reforçadas, acanalados na decoração do campo superior da peça e flanges mesiais) dentro de tecnologias locais. Os sítios com material da TPA são escassos na região, e muitos deles são cemitérios.

Alguns autores (PINTO LIMA, 2013) têm proposto que essa baixa frequência de sítios da TPA evidencie uma fronteira polícroma. Contudo, pensamos numa proposta diferente. O primeiro passo dessa discussão seria conceituar em que tipos de fronteiras estamos pensando, étnica, tecnológicas, linguísticas etc. Não teremos aqui tempo para adentrar com profundidade conceitual necessária essas discussões. Então, mais do que pensar o baixo Amazonas enquanto fronteira, no sentido de ruptura ou limite, preferimos pensa-lo enquanto uma área fluída, onde a presença direta da TPA não parece ter se consolidado amplamente como em outras regiões, aqui parece ter havido uma incorporação de apenas alguns elementos da TPA. Ou seja, quaisquer que sejam os fatores que permitiram a intensa presença de sítios polícromos em outras áreas da Amazônia não ocorreram de forma similar aqui, onde as relações parecem ter sido muito mais negociadas e a presença da tecnologia polícroma parece não ter se consolidado.

Voltando a dispersão da TPA. Logo após ou concomitantemente ao seu aparecimento no baixo Amazonas a Tradição Polícroma começa a ocorrer também no Madeira, esse que também já tinha sua calha principal bastante ocupada pelos grupos produtores das cerâmicas Axinim. Como na Área de Confluência, relações

⁷ Porro 1995, 2007, Rota do Japura-Negro por exemplo

⁸ Visto que a maioria dos sítios da TBI no Solimões está nos cursos secundários.

belicosas se estabelecem fazendo com que a presença da TPA se consolide na região apenas tardiamente, dois ou três séculos antes da chegada europeia.

É preciso salientar que a dispersão da tecnologia da TPA descrita acima não significa a descrição de um movimento de expansão. Nós queremos falar de diferentes movimentos de pessoas e mecanismos de dispersão de tecnologias. Contudo, hoje não temos dados para inferir como esse processo ocorreu a Oeste.

As Fases Caimito, Nofurei e Zebu possuem alguns elementos de reconhecibilidade da TPA em algumas peças (como pintura, vasos com flange e, na Fase Caimito, urnas antropomorfas) dentro de uma profusão de outros elementos diversos. Os sítios utilizados para a classificação das Fases Caimito e Nofurei nos remetem particularmente a ideia de sítios com fluxo. Enquanto, no ponto mais distante, a Fase Napo apresenta uma exuberância de urnas e vasos altamente decorados.

No rio Negro, os dados existem de forma muito pouco detalhada para permitirmos aprofundar as comparações. No baixo Amazonas, as ocorrências da TPA são pontuais e não existem estudos específicos sobre a Tradição Polícroma, não nos permitindo aprofundar o entendimento de sua tecnologia.

É provável que quando de seu aparecimento no Oeste Amazônico e durante o começo de sua dispersão, a Tradição Polícroma pudesse estar relacionada expansão de um grupo a linguístico, entretanto, desde muito cedo (sítio Conjunto Vilas, sítio Boa Esperança) vemos os materiais da TPA sendo trocados e elementos de sua tecnologia emulados.

Percebemos que apesar de seu alto grau de reconhecibilidade, permitido pela constância de alguns elementos de sua tecnologia, que a TPA apresenta grandes diversidades regionais quanto as morfologias (incluindo aqui as funerárias), quanto as técnicas e motivos decorativos. Podemos associar a variabilidade das morfologias a proposta Lathrapiana (1970, 1972) de que as formas mudam conforme as mudanças nos padrões de consumo, desse modo é esperado que dietas um tanto diversificadas tenham ocorrido entre áreas como Napo, Solimões, Negro e outras, requerendo diferentes performances das vasilhas. Entretanto, é preciso lembrar que o aprendizado das técnicas de construção de morfologias é um dos elementos mais trabalhosos dentro das cadeias de ensino-aprendizagem (GOSSELAINE, 1998; SILVA, 2000), de modo que, acentuadas diferenças regionais

na produção de morfologias inferem também diferenças nas cadeias de ensino-aprendizagem. Queremos dizer que um produtor da cerâmica polícroma no Alto Madeira não conseguiria produzir com facilidade, a primeira vista, vasos com flange mesial (morfologia ausente na Fase Jatuarana), do mesmo modo um produtor da cerâmica polícroma no médio baixo Solimões não conseguiria produzir com facilidade os grandes vasos (ausentes na Fase Guarita); isto porque, essas morfologias não compunham suas cadeias de ensino aprendizagem.

Apesar da variabilidade interna, os vasos com flange parecem uma categoria persistente nos diferentes conjuntos (a exceção da Fase Jatuarana, onde está ausente), uma explicação possível para essa permanência é, como tem proposto Oliveira (2014), que estes vasos fossem associados a atividades rituais. Carecemos grandemente de estudos iconográficos da cerâmica polícroma, entretanto, as poucas análises realizadas nessa área bem como a constante presença de urnas funerárias antropomorfas nos levam a acreditar, em alguma escala, em um compartilhamento de um universo simbólico e cosmológico (BARRETO, 2008).

Uma coisa que não discutíamos antes e que olhando para os materiais do Lago Tefé e baixo Amazonas temos que refletir são os fluxos entre a TPA e os conjuntos locais. Sejam quais forem os diferentes mecanismo que envolveram a dispersão da TPA eles envolveram não apenas a presença direta dessa tecnologia cerâmica, mas também a emulação e incorporação de alguns elementos dessa. Para nós isso reforça a hipótese de Oliveira (2014, 2015) de que um dos mecanismos de dispersão da TPA é que essa tornou-se uma tecnologia de prestígio.

4. Considerações Finais

O que é a Tradição Polícroma? Entendemos nesse momento que a Tradição Polícroma seja, um estilo tecnológico (CHILTON, 1999a), cuja ampla dispersão na bacia Amazônica reflete intensos e complexos processo políticos e sociais. Quando discutimos a presença e dispersão dessa Tradição pensamos nos diferentes mecanismos pelos quais determinadas tecnologias são transmitidas, emuladas ou

mesmo trocadas através da negociação de bens, mais do que unicamente o correlato da expansão de um grupo linguístico.

As correlações entre língua e cultura material avistadas por Lathrap permitiam uma relação mais direta entre as populações ainda vivas e o passado pré-colonial, tendo por objetivo produzir assim uma história indígena de longa duração. Todavia, como expomos aqui as dinâmicas entre populações no passado Amazônico não nos permitem limitar a produção e uso de um determinado conjunto de características tecnológicas a apenas um grupo linguístico. A colonização europeia rompeu extensos sistemas políticos e redes de troca, dentre esses aqueles que permitiam a TPA estar dispersa por grande parte da bacia Amazônica.

Nesse trabalho discutimos mais de 1000 anos de produção cerâmica e mais de 6000 km de diferentes registros arqueológicos, discutimos a circulação de bens e usos do espaço, os modos de sepultar os mortos e tentamos demonstrar que quanto mais sabemos sobre a TPA mais complexo se torna seu entendimento. Não acreditamos que por não termos identificado uma vinculação linguística para as cerâmicas da TPA tenhamos deixado de fazer história indígena de longa duração.

Nesse sentido cremos que se esperamos continuar aprofundando nosso conhecimento sobre a Tradição Polícroma e quisermos nos aproximar das importantes questões sociais e políticas que podem permitir o entendimento dos diferentes mecanismos de sua ampla dispersão precisamos renovar nossas perguntas, nossos métodos de análise e classificação do material cerâmico.

[...] to understand how and why people come to do things in a particular way or consume particular commodities, and how and why such behaviors may relate to the production and reproduction of social boundaries.(GOSSELAIN, 2000, p. 209)

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, F. **O Complexo Tupi da Amazônia Oriental**. Dissertação de Mestrado, MAE-USP. 2008

_____. **A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira**. Tese de Doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2013

ANDRADE LIMA, T. Cerâmica Tupiguarani e Marajoara: elementos estruturais comuns. **Ciência Hoje**, v. 213, n. 36: 30-33. 2005

BALÉE, W. Introduction. In: **Advances in Historical Ecology**. BALÉE, W. (Ed.). New York: Columbia University Press. 1998. pp. 1-10

_____. Historical Ecology: Premises and Postulates. In: **Advances in Historical Ecology**. BALÉE, W. (Ed.) New York: Columbia University Press. 1998b. pp.13-29

BALÉE, W. e ERICKSON, C. Time, Complexity and Historical Ecology. In: Balée W, Erickson C, (editors). **Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in Neotropical Lowlands**. New York: Columbia University Press. 2006. pp. 1-17.

BARRETO, C. **Meios místicos de reprodução social: Arte e Estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga**. Tese de Doutorado. MAE-USP.2008

BELLETTI, J. **Uns caquinhos num montão de terra: o que fazer com eles? – Discussões sobre a cerâmica em Cerritos no sudoeste da Laguna dos Patos (Rio Grande do Sul – Brasil)**. Monografia de conclusão de curso. UFPel. Pelotas. 2010.

BECK, M. Residential mobility and ceramic exchange: ethnography and archaeological implications. **Journal of Archaeological Method and theory**, v.16(4):320-356. 2009.

BINFORD, L. Willow Smoke and Dog's Tails: Hunter-Gatherer Settlement Systems and Archaeological Site Formation. **American Antiquity** 45. 1981. pp4-20.

_____. Em busca do Passado. Europa-América, 1991 [1983].

BOLIAN, C. **Archaeological excavations in the trapezio of amazonas the polychrome tradition**. PhD Dissertation: University of Illinois at Urbana Champaign. 1975

BOWSER, B. **The Perceptive Potter : an Ethnographical Study of Pottery, Ethnicity, and Political Action in Amazonia**. PhD Dissertation. University of California, Santa Barbara. 2002

BROCHADO, J. e LATHRAP, D. **Chronologies in the New World**. No Prelo. 1982

BROCHADO, J. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America**. PhD Dissertation: University of Illinois at Urbana Champaign. 1984

_____. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica da Amazônia. **Dédalo** 9. pp. 65-82. 1989.

CABRAL, M. Juntando cacos: uma reflexão sobre a classificação da fase Koriabo no Amapá. **Amazônica** 3 (1). Belém. pp. 88-106. 2011

CABRAL, A. e RODRIGUES, A. . 2003. Evidências de crioulização abrupta em Kokáma? *Papia*, Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 13:180-186.

CABRAL, A. Histories, Different Results: The Origin and Development of Two Amazonian Languages. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioules e Similares** 21 (1). 2011. pp.9-22.

CABRERO, F. Omágua, cataclismo amazónico. Tese de Doutorado. Departamento de Pré-História Universidade Autônoma de Barcelona. Barcelona. 2014

CALDARELLI, S. et all. **Projeto de Levantamento e Resgate Arqueológico da Área de Influência Direta do Poliduto Urucu-Coarí, AM**. Relatório Final. Scientia Consultoria, São Paulo – SP.

CASTRO, M.. **A cronologia dos sítios Lago de Iranduba e Laginho à luz das hipóteses de ocupação humana para a Amazônia Central**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

CHILTON, E. The cultural origins of technical choice: unraveling algonquian and iroquian ceramic traditions in the northeast. In: M. Stark (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Smithsonian Institution Press. Washington/London. 1998. pp.132-160.

_____. Material meanings and meaningful materials: A introduction. In CHILTON, E. (Edit.). **Material Meanings: critical approaches to the interpretation of the material cultures**. University of Utah Press. 1999a. pp 1-6.

_____. Material meanings and meaningful materials: A introduction. In CHILTON, E. (Edit.). **Material Meanings: critical approaches to the interpretation of the material cultures**. University of Utah Press. 1999b. pp 44-60.

CHOCANO MORALES, D. **Contactos entre Cocamas e Shipibos: um acercamiento arqueológico em la Amazônia Peruana.** Investigaciones Sociales. Año VI. N 10. 2002. Pp. 47-70

_____. Reconstruyendo algunos aspectos socio culturales de aspectos sócio culturais de artefactos excavados en Pacay Samiria, Amazonía Peruana. In: PERERA, E. e GUAPINDAIA, V. (Eds.). **Arqueologia Amazônica 1.** Belém. Museu Paraense Emilio Goeldi. 2010. pp 365-402.

_____. **La arqueología y ele mito de origen de los Shipibo-Conibo de la cuenca del Ucayali, Perú. Antes de Orellana: Actas del Tercero Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica,** Actes & Mémoires de l'Institut Français d'Études Andines. N 37. Quito: Instituto Francés de Estudios Andinos. 2014.

CONKEY, M. Experiment with style in archeology: some historical and theoretical perspectives issues. Introduction. In CONKEY, M. e HASTORF, C. (Edit.) **The uses of Style in Archeology.** Cambridge. Cambridge University Pres. 1990. pp. 5-17

CONKEY, M. e HASTORF, C. Introduction. In CONKEY, M. e HASTORF, C. (Edit.) **The uses of Style in Archeology.** Cambridge. Cambridge University Pres. 1990. pp. 1-4

CORRÊA, A. **Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microrregião de Juiz de Fora – MG.** Dissertação de mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009

_____. **Pindorama de Mboîa e Îakaré continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi.** Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015

COSTA, B. **Boa Esperança e Bom Jesus: o “Universo Borda Incisa” na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã – Estado do Amazonas.**

Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012

COSTA, B., PY-DANIEL, A., GOMES, J, NEVES, E. Urnas funerárias no lago Amanã, médio Solimões, Amazonas: contextos, gestos e processos de conservação. **Amazônica**. 4 (1): 60-91, 2012

COSTA e SANTOS, R. "**Passar para Índio**": **Etnografia das emergências indígenas no Médio Solimões**. Relatório Anual de Pesquisa. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Tefé.2013

CUNHA LIMA, S. **Tecnologia cerâmica Chimú: Estudo arqueométrico da coleção MAE/USP**. Tese de Doutorado apresentada ao MAE-USP. 2010

DeBOER, W. Ceramic Longevity and Archaeological Interpretation: An Example from the Upper Ucayali, Peru. **American Antiquity**, Vol. 39 n. 2 1974. pp. 335-343

_____. Pillage and Production in the Amazon: A View through the Conibo of the Ucayali Basin, Eastern Peru". **World Archaeology** 18(2). 1986. pp. 231-246

_____ Interaction, Imitation and Communication as Expressed in Style: The Ucayali Experience. In CONKEY, M. e HASTORF, C. (Edit.) **The uses of Style in Archeology**. Cambridge. Cambridge University Pres. 1990. pp. 151

DeBOER, W e LATHRAP, D. The making and braking of Shipibo-Conibo Ceramics. In KRAMER, C. (Edit.) **Etnoarheology: Implications of Ethnography for Archeology**. 1979. pp. 102-138

DEBOER, W. e RAYMOND, S. "Roots Revisited: The Origins o f the Shipibo Art Style". **Journal of Latin American Lore**, XIII (1). 1987. 115 - 132

DeBOER, W., KINTIGH, K. e ROSTOKER, A. **Latin American Antiquity**, Vol. 7, n. 3, 1996, pp. 263-278

DEGOY, L. Technical traditions and cultural identity: an ethnoarchaeological study of Andhra Pradesh potters. In: M.Stark, B. Bowser e L.Horne (Eds.). **Cultural transmission and material culture. Breaking down boundaries.** Tucson, The University of Arizona press. 2008. pp. 199-222.

DIAS, A. “Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA”. Revista do CEPA. Santa Cruz do Sul, 19 (22), 1995. p. 25-39

DIAS, A. e SILVA, F. Sistema tecnológico e estilo: As implicações desta inter-relação no Estudo das Indústrias Líticas do Sul do Brasil. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo.** n. 11. 2001. pp. 95-108

DIAS, A., NEUMANN, M., MONTERO, R., PASSOS, M., MEIRELLES., MARQUES, R. O DISCURSO DOS FRAGMENTOS: SÓCIO-COSMOLOGIA E ALTERIDADE NA CERÂMICA GUARANI PRÉ-COLONIAL. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2008. pp. 5-3.

DIELTLER, M. e HERBICH. Ceramics and Ethnic Identity; Ethnoarchaeological observations on distribution of pottery styles and relationships between the social contexts of the production and consumption. In: **Tere Cuit et Société: la céramique, document technique, économique e culturel** (Actes des rencontres – XIV Rencontres Internationales d’Archéologie et d’Histoire d’Antibes. APDCA. Juan-les-Pins. 1994. pp 460-472

DOCUMENTO ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA. **Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural AHE Jirau – Anexo 1: Resgate Arqueológico. Vol. 12.** 2012a

DOCUMENTO ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. **Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural AHE Jirau – Anexo 1: Resgate Arqueológico – Vol. 13.** 2012b

ERIG LIMA, L.. **Levantamento arqueológico das áreas de interflúvio na área de confluência dos rios Negro e Solimões**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003

FAUSTO, C. _____. **Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. "Entre o Passado e o Presente: Mil anos de história indígena no Alto Xingu". **Revista de Estudos e Pesquisas**. 2(2). 2005. Pp. 9-52.

FERIZ, H. The ceramics of Tefé-Amaná: A Contribution to the Archeology of the Amazon. **Revista Ethnos**. v. 28. 1963. P. 147-176

FERNANDES, T. **Relatório final diagnóstico arqueológico linha de transmissão 500 kv Manaus – Boa Vista, subestação lechuga (MA), subestação equador (RR) e subestação boa vista (RR), estados do Amazonas e Roraima**. Curitiba. 2012

FRITZ, S. (1686-1723). **O diário do Padre Samuel Fritz**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro. 81. 1917

FURQUIM, L. Análise Laboratorial do Material Cerâmico do Sítio São Miguel do Cacau e Monitoramento dos Sítios em Área de Comunidade no Lago Amanã – RDSA – AM. **Relatório técnico final das atividades de bolsa/CNPq**. Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Tefé. 2014

GARCIA, L. **Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins: a ocupação Tupi no Cateté**. Dissertação de mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012

GASPAR, M. **A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi (mt/pa)**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

GUAPINDAIA, V. **Além da margem do rio - a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. Tese de Doutorado, MAE-USP. 2008

GRAVES, M. Pottery production and distribution among the Kalinga: a study of household and regional organization and differentiation. In: W.A.Longacre (Ed.). **Ceramic Ethnoarchaeology**. Tucson, The Arizona University Press. 1991.pp. 112-143.

GOSSELAIN, O. Social and Technical Identity in a Clay Crystal Ball. In: M. Stark (Ed.). **The Archaeology of Social Boundaries**. Smithsonian Institution Press. Washington/London. 1998. pp. 78-106

_____. Materializing Identities: An African Perspective. **Journal of Archaeological Method and Theory**, Vol. 7, No. 3, 2000. pp. 187-217.

HANKE, W. Archäologische Funde im oberen Amazonasgebiet. **Archiv für Völkerkunde**, Viena, v. 14, p. 31-66, 1959.

HAYDEN, B. Practical and Prestige Technologies: The Evolution of Material Systems. **Journal of Archaeological Method and Theory**, 5(1):1-55. 1998.

HECKENBERGER, M. Estrutura, história e transformações na cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 d.C. FRANCHETTO, B. e HECKENBERGUER, M. In: **Os povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 2001. pp. 21-52

HECKENBERGER, M., NEVES, E. e PETERSEN, J. De onde vem os modelos? A arqueologia da origem Tupi e Guarani, **Revista Antropologia**, 41 (1), Universidade de São Paulo. 1998

HECKENBERGER, M., NEVES, E. Amazonian Archaeology, **Annual Review of Anthropology** 38: 251-266.

HEMMING, J. **Ouro Vermelho**: A conquista dos indios brasileiros. São Paulo: EDUSO, 2007.

HERRERA, L.; BRAY, W.; MCEWAN, C. Datos sobre la arqueologia de Araracuara (Comisaría del Amazonas Colombia). **Revista Colombiana de Antropologia**, v. 23, p. 183-251, 1982.

HILBERT, P. Preliminary results of archeological investigations in the vicinity of the Mouth of the Rio Negro, Amazonas. **Actas del 33º Congresso Internacional de Americanistas**, v. 2, p. 370-377, 1958.

HILBERT, P. Preliminary Results of Archeological Research on the Japura River, Middle Amazon. **Akten des 34º Internationalen Amerikanisten kongresses**, 1962a p. 465-470.

_____. New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões). **Akten des 34º Internationalen Amerikanisten kongresses**, 1962b p. 471-476.

_____. **Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazon**. Berlin. (Marburger Studien zur Volkerkund, 1). 1968

HOWARD, G.D. **Prehistoric Ceramic Styles of Lowland South America, their distribution and history**. New Haven: Yale University Press. 1947

INGOLD, T. Beyond Art and Technology: The Anthropology of Skill. In SCHIFFER (Edit.). **Anthropological Perspectives on Technology**. Albuquerque, University of New México Press. 2001. pp 17-32

JUNQUEIRA, A. **Uso e manejo da vegetação secundária sobre terra preta por comunidades tradicionais na região do médio rio Madeira, Amazonas, Brasil.** Dissertação de Mestrado, INPA, Manaus. 2008.

LA SALVIA, F.; BROCHADO J. P. **Cerâmica Guarani.** Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura. 1989

LATHRAP, D. The Cultural Sequence at Yarinacocha, Eastern Peru. In: **American Antiquity.** v.23. n. 4. 1958. pp. 379-388.

_____. An alternative seriation of the Mabaruma Phase, Northwestern British Guiana. In: **American Antiquity.** v.29. n.34. 1964. pp. 353-359.

_____. *El Alto Amazonas.* Lima: Chätäro Editores. 2010 (1970)

LATHRAP, D. Alternative models of population movements in the tropical lowlands of South America. Actas y Memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas Lima.1972 . pp. 13-23

LATHRAP, D. GEBHART, A., MESTER, A. The roots of the Shipibo Art Style: Tree Waves on Imariacocha or There were "Incas" before the Incas. **Journal of Latin American Lore,** XI(2). 1985. pp. 225-272

LATHRAP, D. et alii. Further Discussion of the Roots of the Shipibo Art Style: A Rejoinder to DeBoer and Raymond. **Journal of Latin American Lore,** XIII(2). 1987. pp. 225-272

LEMONIER, P. **Journal of Anthropological Archeology.** 5. 1986. pp. 147-186

_____. **Elements for an anthropology of technology.** Ann Arbor, Mich.: Museum of Anthropology, University of Michigan. 1992

_____. (ed) **Technological Choices: Transformation in Material Cultures since the Neolithic.** London: Routledge. 1993

LONGRACE, W. Advantages and disadvantages of vertical-half molding technology. In SKIBO, J. (Edit.) **Pottery and people**. Salt Lake City : University of Utah Pres.1999. pp. 44-58.

LOPES, R. **Presença e dispersão da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA): um estudo arqueológico comparativo entre o médio rio Solimões e o médio-baixo rio Negro (AM)**. Relatório parcial de iniciação científica FAPESP. 2014

MACHADO, J. **Montículos artificiais na Amazônia Central: Um estudo de caso do sítio Hatahara**. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005

_____. **O Potencial Interpretativo das Análises Tecnológicas: um exemplo amazônico**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 15/16: 87-111. 2005- 2006

_____. Os significados dos sistemas tecnológicos: classificando e interpretando o vestígio cerâmico. **Arqueología Suramericana**. 2007. Pp. 62-83

MARCATO, S. A Cerâmica dos Índios da Área de Tefé. **Cadernos Brasileiros de Arqueologia e Indigenismo**. v.1, n.3/4, p.51-70, 1977

MAYERS, T. Sarayacu: Archaeological Investigations at a 19th Century Franciscan Mission in the Peruvian Montaña. **Actas y Memorias del XXXIX Congreso Internacional de Americanistas Lima**.1972 . pp. 25-37.

MATOS, C. Análise de depósitos arqueológicos do sítio Conjunto Vilas (Tefé-AM): uma abordagem a partir da micromorfologia. Monografia de especialização em Geologia do Quaternário. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2013

MEGGERS, B. **Amazônia: a Ilusão de um Paraíso**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1977

_____. Reconstrução do Comportamento Locacional Pré-Histórico na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, NS, Antropologia, vol.6 (2). 1990. 183-203.

MEGGERS, B e EVANS, C. **Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon**. Washington, DC:Smithson. Inst. Press. 1957

_____. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: **Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology**, Samuel Lothrop, ed. Cambridge, Mass: Harvard University Press. 1961. pp.372-388.

_____ **Archaeological investigations on the rio Napo, eastern Ecuador**. Washington: Smithsonian Institution Press.1968

_____. **Como interpretar a linguagem da cerâmica: Manual para arqueólogos**. Washington: Smithsonian Institucion.1970

_____.Vegetational fluctuation and prehistoric cultural adaptations in Amazônia: some tentative correlations. **World Archaeology** 8(3): 287-303.1977

METRAUX, A. Contribution a l'etude de l'archeologie du cours superieur et moyen de l'Amazone. **Rev. Museo de la Plata**, vol. 32 . 1930. pp. 145-185.

MILLER, E. et al. **Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte**. Brasília, Eletronorte, 1992.

MILLER, E. **Relatório das Pesquisas Arqueológicas no Território Federal de Rondônia (Alto Rio Madeira, do Yata ao Cuniã)**. Resultados Preliminares.

Programa Nacional Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica-PRONAPABA. 1978

_____. **Relatório do Programa de Estudos de Viabilidade Arqueológica nas Áreas de Inundação e de Influência da UHE Ji-Paraná.** CNEC. 1986/1987

_____. **Inventário Arqueológico da Bacia e Sub-Bacias do Rio Madeira, 1974-1987.** CNE. 1987

_____. **Banco de dados com informações sobre os sítios do PRONAPABA.** Não Publicado, 1979.

_____. Adaptação agrícola pré-histórica no Alto Rio Madeira In: V. **Perspectivas Arqueológicas: Las Tierras Bajas.** In: Betty Jane Meggers - Editor. (Org.). Prehistoria Sudamericana. Nuevas Perspectivas. 1 ed. Washington, D.C.,: TARAXACUM, 1992, v. , p. 219-229.

_____ Pesquisas Arqueológicas no Pantanal do Guaporé: A Sequência Seriada da Cerâmica da Fase Bacabal, In: Arqueologia Interpretativa: o método quantitativo para estabelecimento de sequências cerâmicas, Betty J. Meggers, org. Porto Nacional: UNITINS, pp. 103-117.

MORAES, C.A. **Arqueologia Tupi do Nordeste de São Paulo.** Dissertação de Mestrado, MAE-USP, São Paulo. 2007

MORAES, C.P. **Levantamento arqueológico das áreas do entorno do Lago do Limão, Iranduba, Amazonas.** Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

_____. **Amazônia ano 1000: Territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais.** Tese de Doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

MORAES, C. e NEVES, E. O ano 1000: Adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. **Amazônica**. V. 4 (1). 2012. pp 122-148.

MOUTINHO, M.; ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. **Memórias de Rondônia**. São Paulo: Arte Ensaio. 2010

NASCIMENTO LIMA, M.; TAMANAHA, E. K. **Relatório final de atividades entregue ao Piatam**. PIATAM. Manaus. 2007.

NASCIMENTO LIMA, M.; TAMANAHA, E. K. **Relatório parcial de atividades entregue ao PIATAM**. PIATAM. Manaus. 2008.

NEVES, E. e PETERSEN, J. 2006 The Political Economy of Pre- Columbian Amerindians: Landscape Transformations in Central Amazonia. In: W. Balée & C. Erickson (eds.), **Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands**. New York: Columbia University Press 2006.

NEVES, E. GUAPINDAIA, V., PINTO LIMA, H. COSTA, B., GOMES, J. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: Stéphen Rostain. (Org.). **Amazonía: Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**. 1ed. Quito. 2014. p p. 137-156.

NEVES, E. Twenty years of Amazonian archaeology in Brazil (1977-1997). In: **Antiquity** v. 72 no. 277, 1998. p. 625-32

_____. O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica. **Revista USP: Antes de Cabral – Arqueologia Brasileira** I. n. 44. 1999a. pp. 86-111

_____. **A Arqueologia na Antropologia Brasileira: História Indígena sem Paleoetnografias Passado**. Trabalho apresentado no XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais Caxambu. 1998

_____. Warfare in precolonial Amazonia: when Carneiro meets Clastres. In: NIELSEN, A.; WALKER, W. **Warfare in Cultural Context: Practice Theory and the Archaeology of War**. Tucson: University of Arizona Press, 2009.

_____ a. **Arqueologia do Gasoduto Urucu-Manaus**. Relatório Final. V. 1. E 2. 2010a.

_____. A arqueologia da Amazônia Central e as classificações na arqueologia amazônica. In: PERERA, E. e GUAPINDAIA, V. (Eds.). **Arqueologia Amazônica 1**. Belém. Museu Paraense Emilio Goeldi. 2010b. pp 53-72.

_____. Archaeological Cultures and Past Identities in Precolonial Central Amazon. In: Alf Hornborg & Jonathan Hill. (Org.). **Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory**. Boulder: University of Colorado Press. 2011. pp. 31-56.

_____. **Sob os Tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)**. Tese de Livre Docência. MAE, USP. 2013

NEUMANN, M. **Ñande Rekó: diferentes jeitos de ser Guarani**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre – UFRGS. 2008

NIMUENDAJÛ, C. **In pursuit of a past Amazon – Archeological research in the brazilian Guyana and in the Amazon region**. Translated by S. Rydén and P Stenborg. Göteborg. 2004

NOBRE, E. **Objetos e poder no Marajó antigo: iconografia e desempenho social das tangas cerâmicas**. Projeto de Mestrado. MAE-USP. 2014.

NOELLI, F. **Sem Tekohá não há Teko. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e subsistência Guarani e suas aplicações a uma área de domínio do delta do rio Jacuí, Rio Grande do Sul**. Dissertação

de mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____. As Hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi.. **Revista de Antropologia**, **39**; São Paulo: Universidade de São Paulo; 1996a. pp. 7-53.

_____. Resposta a Eduardo Viveiros de Castro e Greg Urban. **Revista de Antropologia**, **39**; São Paulo: Universidade de São Paulo; 1996b. pp. 105-118.

PIKIRAYI, I. Ceramics and group identities. Towards a social archaeology in southern African Iron Age ceramic studies. **Journal of Social Archaeology**, v.7(3):286-301.2007.

PINTO, R. **O diário do padre Samuel Fritz**. Manaus: EDUA/FSDB, 2006.

PINTO LIMA, H. **História das caretas: A Tradição Borda Incisa na Amazônia Central**. Tese de Doutorado. Museu de e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008

PINTO LIMA, H. (Org.). **Fronteiras do passado: Aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo Rio Urubu**. EDUA. Manaus. 2013

PINTO LIMA, H e COSTA, F. Levantamento Arqueológico do Médio Amazonas. **Relatório encaminhado para o IPHAN**. Manaus. 2004

_____. Levantamento Arqueológico no Município de Manaus/AM. **Relatório encaminhado para o IPHAN**. Manaus. 2007

PORRO, A. História indígena do alto e médio Amazonas. In: CUNHA, M. C. D. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/SMC/FAPESP, 1992.

PORRO, A. **O Povo das Águas**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial**. São Paulo: IEB/USP, 2007.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. UNB. 1992

PROUS, A. A Pintura em Cerâmica Tupiguarani. In **Os Ceramistas Tupiguarani**, // PROUS, A. P. & LIMA, T. A. (orgs.). Belo Horizonte: Sigma, pp. 113-216. 2010

PY-DANIEL, A. R. **Arqueologia funerária na Amazônia Central**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

O'HAGAN, Z., MICHAEL, L. AND VALLEJOS, R.. Hacia la reconstrucción morfológica del proto-omagua-kokama. **Conference on Indigenous Languages of Latin America VI**, October 25, Austin. 2013

O'HAGAN, Z. Grammaticalization of Proto-Omagua-Kokama Clause-linking Markers in Areal Perspective. **Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas**, 4, Minneapolis. 2014. pp. 1-18

OLIVEIRA, E. **A Variabilidade tecno-estilística da Tradição Polícroma da Amazônia: Um estudo exploratório da Iconografia Guarita**. Memorial de Qualificação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

_____. **A serpente de várias faces: Estilo e Iconografia da cerâmica Guarita**. No prelo (2015)

ORIGUELA, F. A Tradição Polícroma da Amazônia na bacia do médio rio Negro terras pretas, montículos, incisões e acanalados do Orinoco ao

Amazonas. **Memorial de Qualificação de Mestrado**. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009

ORTON, C.; TYERS, P. e VINCE, A. **Pottery in Archaeology**. New York: Cambridge University Press. 1997

OYUELA-CAYCEDO, A. Rock versus Clay: the evolution of pottery technology in the case of San Jacinto 1, Colombia. In: W. Barnett and J. Hoopes, (eds.). **The emergence of pottery: Technology and innovation in ancient societies**. Washington, Smithsonian Institution Press. 1995 133-144.

RICE, P. **Pottery analysis, a Sourcebook**. University of Chicago Press. 1987.

ROE, P. Archaism, form and decoration: An ethnographic and archeological case study from the peruvian montaña. **Ñawpa Pacha: Journal of Andean Archaeology**. v. 14. 1976.

_____. Art and Residence among the Shipibo Indians of Peru: A Study in Microacculturation. **American Anthropologist**. vol. 82. n. 1. 1980. pp. 42-71

ROOSEVELT, A. Early Pottery in the Amazon. Twenty Years of Scholarly Obscurity. In: **The Emergence of Pottery. Technology and Innovation in Ancient Societies**, William K. Barnett and John Hoopes, eds. Washington: Smithsonian Institution Press. 1995 pp. 115-131.

ROOSEVELT, A., HOUSLEY, R., IMAZIO, M., MARANCA, M. JOHNSON, R., Eighth Millennium Pottery from a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon. **Science** 254: 1621-1624. 1991

ROSTAIN, E. **Ecuador Terra Incognita: uma mirada diferente al Ecuador**. Quito: Imprenta Mariscal. 2013

ROUSE, I. On the Correlation of Phases of Culture, **American Anthropologist**, No. 57. 1955 . pp. 713-722.

_____. The Classification of artefacts in archeology. **American Antiquity**. v 25. N3. 1960. pp. 313-323.

SANTOS, J. **Análise Laboratorial do Material Cerâmico Proveniente dos Sítios Arqueológicos Boa Esperança e Cacoal – RDS Amanã – AM**. Relatório de atividades. 2010

SANTOS, J. **As cerâmicas da Tradição Borda incisa no Lago Amanã, Confluência dos rios Japurá e Solimões, AM**. Projeto de Mestrado submetido ao Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SCHAAN, D. A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUC-RS. 1996

SCHANN, D. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. In: **Ciências Humanas**. Belém: Museu Emílio Goeldi. v. 2, n. 1. 2007, pp. 77-89.

SCHIFFER, M. **Formation Processes of the Archeological Record. Albuquerque**. University of New Mexico Press. 1987

SCHIFFER, M. e SKIBO, J., Theory and Experiment in the Study of technical change. **Current Anthropology**, 28 (5): 695-622. 1987

SCHIFFER, M. e SKIBO, J., **Theory and Experiment in the Study of technical change**. In: Schiffer, M. (Ed.) Technological Perspectives on Behavioral Change. Tucson, University of Arizona Press. 1992. pp. 40-76,

SCHIFFER, M. e SKIBO, J. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, 62(1):27-50. 1997.

SHEPPARD, A. O. **Ceramics for the archaeologist**. 2. ed. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington, v. Publication 609, 1956.

SIEGEL, P. e ROE, P. Shipibo Archaeo-Ethnography: Site Formation Processes and Archaeological Interpretation. **World Archaeology**, Vol. 18, n. 1, Perspectives in World Archaeology. 1986,. pp. 96-115

SILVA, F. **As tecnologias e seus significados: Um estudo de caso a cerâmica do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica**. Tese de Doutorado. USP. São Paulo. 2000.

SILVA, F. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Catete. In: **Ciências Humanas**. Belém: Museu Emílio Goeldi. v. 2, n. 1. 2007, pp. 91-103

SILVA, F. A etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. **Ciências Humanas**, Belém, v. 4, n. 1. 2009. pp. 27-37

SILVA, C. e COSTA, A. Um quadro histórico das populações indígenas no alto rio Madeira durante o século XVIII. **Amazônica**, Rev. Antropol. (Online) 6 (1): 7-8, 2013

SILVA, C. Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no Alto Rio Madeira. Dissertação de mestrado. UFPA. 2015

SIMÕES, M., Contribuição a arqueologia dos arredores do baixo Rio Negro, Amazonas. **Publicações avulsas**. N 26. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1974

_____. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n. 78. 1981. pp. 1-26

_____. Pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos na Amazônia legal brasileira. **Publicações avulsas**. N 38. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1983

SIMÕES, M., ARAÚJO-COSTA, F. Áreas da Amazônia legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. **Publicações avulsas**. N 30. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1978

SIMÕES, M.; CORRÊA, C. Pesquisas Arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, v.4, n. 1, 1987. pp. 29-48.

SIMÕES, M.; MACHADO, A. Pesquisas Arqueológicas no Lago de Silves (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, v.4, n. 1, 1987. pp. 29-48

SIMÕES, M.; KALKMANN, A. Pesquisas Arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, v.4, n. 1, 1987. pp. 83-116.

SIMÕES, M. F. e LOPES, D. 1987. Pesquisas arqueológicas no baixo/médio Rio Madeira (Amazonas). **Revista de Arqueologia** 4(1):117-133.

SINOPLI, C. **Approaches to the archeological ceramics**. New York: Plenum Press. 1991

TAMANHA, E. **Ocupação Policroma no Baixo e Médio Rio Solimões**, Estado do Amazonas. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012

_____. Relatório Técnico II (Caiambé-Jutica). Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Tefé. 2014

TOCCHETTO, Fernanda. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 6, p. 33-45, 1996.

TRINDADE, T. **Os Sítios Hatahara e São Paulo II e a Expansão da Tradição Policroma no Rio Solimões**. Relatório de Iniciação Científica encaminhado à

FAPESP – Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2009

UGARTE, A. **Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI – XVII.** Manaus: Valer.2009

URBAN, On geographical origins and dispersion of Tupian Languages. **Revista de Antropologia**, n 39; São Paulo: Universidade de São Paulo; pp. 7-53. 1996.

van der LEEUW, S. Giving the Potter a Choice. In: P.Lemonnier (Ed.). **Technological Choices. Transformation in Material Cultures since the Neolithic.** London, Routledge. 1993. pp. 238-288.

VALLE, R., ORIGUELA, F., TEIXEIRA, P. Reconhecimento arqueológico preliminar no baixo rio Jauaperi e zona de confluência entre os rios Negro e Branco – AM/RR. Manaus, 2009

VASSOLER, O. J. P. **Análise da iconografia em vasilhas cerâmicas da Subtradição Jatuarana: Tradição Polícroma da Amazônia - no alto rio Madeira, Rondônia.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Rondônia, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Araweté: os deuses canibais**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1986

VIVEIROS DE CASTRO. E. Images of nature and society in Amazonian ethnology. **Annual Review of Anthropology**. n 25. 1996. pp. 179-200

_____, F. Comentário ao artigo de Francisco Noelli, **Revista de Antropologia**. n 39; São Paulo: Universidade de São Paulo; 1996b. pp. 7-53.

ZUSE, S. **Ocupações pré-coloniais e variabilidade cerâmica nos sítios arqueológicos do Alto rio Madeira, Rondônia.** Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

WEBER, R. **Caimito An Analysis of the Late Prehistoric Culture of the Central Ucayali, Eastern Peru.** PhD Dissertation: University of Illinois at Urbana Champaign. 1975

_____. Late Prehistoric Iconography in the Upper Amazon. **Journal of the Steward Anthropological Society**, v. 20, n. 1 e 2: 99-120. 1992

WHITEHEAD, N. Ecological History and Historical Ecology: Diacronic Modeling Versus Historical Explanation. In: **Advances in Historical Ecology.** BALÉE, W. New York: Columbia University Press. 1998. pp.30-41